REVISTA TRIMENSAL
DE
HISTORIA E GEOGRAPHIA
OU
JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

SOB OS AUSPICIOS

DA

SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II

TOMO QUINTO

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos,
Et possint serâ posteritate frui.

3.ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT & C.

71, Rua dos Invalidos, 71

1886

REVISTA TRIMENSAL
DE
HISTORIA E GEOGRAPHIA
OU
JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

SOB OS AUSPICIOS

DA

SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II

TOMO QUINTO

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos,
Et possint serâ posteritate frui.

3.ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT & C.
71, Rua dos Invalidos, 71
1885

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

N.º 17. ABRIL DE 1843

MEMORIA

DA

TOMADIA DOS SETE POVOS DE MISSÕES DA AMERICA DE HESPANHA

Que hoje se acham annexos ao Dominio do Principe Regente de Portugal, Nosso Senhor:

Escripta em Lisboa, no anno de 1806, por Gabriel Ribeiro de Almeida

Governava a Capitania do Rio Grande de S. Pedro o Tenente General Sebastião Xavier da Veiga Cabral, quando no anno de 1801 se declarou a guerra entre Portugal e Hespanha. Logo que lhe chegou esta noticia por Pernambuco, mandou pôr editaes, para que os povos conhecessem a Nação Hespanhola por inimiga. Não ha palavras com que se expresse o alvoroço de todos os habitantes d'aquella Capitania, na esperança de fazerem com as armas na mão uma divisão de limites mais vantajosa. Recebida emfim a certeza por officio do Vice-Rei do Rio de Janeiro, feita a declaração da guerra com a formalidade do costume, mandou o Governador aprompttar as tropas, tanto pagas como milicianas; mas reflectindo que o meio mais essencial de conservar a disciplina nos corpos militares, e individualmente a satisfação de cada soldado pelo bem do Real serviço, é tel-os bem pagos de seus soldos e vestidos de seus uniformes, e que desgraçadamente aquella tropa

estava reduzida á ultima miseria, não tendo por si mais que a sua coragem, pois que a Thesouraria do Rio de Janeiro, por quem naquelle tempo eram pagos, lhe devia distinctamente doze para quinze annos de soldo, e outro tanto ou mais de fardamento, por unico recurso contou com a disposição dos povos para vestir a tropa, pois os via tão desejosos de guerra; deu as ordens aos chefes dos regimentos, tanto ao Coronel Manoel Marques de Souza como ao Tenente Coronel Patricio José Corrêa da Camara, que convocassem as pessoas principaes do povo e lhes expozessem a necessidade que havia de soccorrer a tropa para marchar naquelle rigoroso inverno á campanha. O mesmo espirito de patriotismo, que havia feito que os povos gostassem entrar voluntariamente na guerra, fez com que em poucos dias se vestisse a tropa ; porque os que não podiam dar dinheiro davam pannos, bois, cavallos, carros e escravos, offerecendo aos trabalhos tudo em beneficio da tropa e do Estado, e isto continuaram a praticar em toda a guerra.

Dividido o exercito em dois corpos, o fez marchar para as fronteiras respectivas, uma do Rio Grande, e outra do Rio Pardo; a do Rio Grande, commandada pelo Coronel Manoel Marques de Souza, se compunha de oitocentas praças, a maior parte milicianos; e a do Rio Pardo, commandada pelo Tenente Coronel Patricio José Corrêa da Camara, se compunha de setecentas praças, tambem a maior parte milicianos.

Nesta mesma occasião chegavam os mais poderosos d'aquella Capitania a pedir licença ao Governador para levantar companhias de gente de cavallo, e armal-os á sua custa para sahirem contra o inimigo; e os mais pobres se juntavam em ranchos, e faziam o mesmo; e como todos levavam facil concessão, concorreu para o exercito gente innumeravel e resoluta, com faculdade de passar adiante dos exercitos, e fazer as hostilidades possiveis ao inimigo. D'esta sorte se apresentou naquella fronteira um exercito formidavel, não tanto pelo numero dos individuos, como pela disposição dos animos, e isto sem despeza do Estado, e a maior parte d'estas tropas milicianas, esta a mais atrevida, robusta e activa nas suas campanhas, em que os povos confiavam o seu triumpho.

Os Hespanhóes, vendo os movimentos dos dois exercitos Portuguezes, que marchavam para as raias, abandonaram as guardas, de maneira que já as nossas tropas não acharam nas ditas guardas senão as barracas, que logo demoliram, e começando pela Lagôa Merim para o Norte, eram as guardas as seguintes: 1.ª, a da Lagôa; 2.ª, Quilombo: 3.ª, S. José; 4.ª, Santa Roza; 5.ª, Santa Tecla; 6.ª, Taquarembó; 7.ª, Batovi; 8.ª, S. Sebastião; as duas ultimas para a parte de Missões, e as mais da parte de Montevidéo, confrontando com o Rio Pardo e Rio Grande; e da Lagôa Merim para o Sul, no estreito e terra que corre entre ella e o Oceano, haviam duas guardas, que foram avançadas pelo Capitão Simão Soares da Silva, e o Tenente José Antunes, que do Rio Grande sahiram para atacar aquellas guardas, quando marchava o exercito para a fronteira; pois não deixou de lembrar ao Governador que podia entrar o inimigo por aquelle estreito entre a Lagôa Merim e o Oceano, e vir sorprender a Villa de S. Pedro, na ausencia d'aquellas tropas, cujos Officiaes destruiram as ditas guardas, e se retiraram com o despojo que nellas acharam.

Retirando-se os Hespanhóes das guardas mencionadas, se recolheram e reuniram em um forte de campanha denominado Serro Largo, e alli se fortificaram.

Entre os voluntarios paizános que se offereceram para ir contra o inimigo, foi um d'elles Manoel dos Santos Pedrozo, homem fazendeiro e soldado miliciano; e obtida a licença, marchou com 40 homens, de que se fez chefe, atacou e pôz em fugida a guarda de S. Martinho, e na posse d'esta, passou a saquear algumas fazendas; nestas immediações se retirou com mais de 100 animaes vaccum e cavallar, deixando em abandono aquelle posto; e o Capitão Francisco Barreto, aproveitando-se da occasião, não se descuidou de pôr immediatamente guarda nossa, pois é principal entrada para Missões. José Borges do Canto, e eu, com 40 homens, fizemos a grande conquista dos sete Povos de Missões, que vou a referir.

O dito Canto tinha sido soldado de Dragões, e antes de ser disciplinado no seu regimento havia desertado, ha bastantes annos, e vivia entre os Portuguezes e Hespanhóes

naquella vasta campanha povoada de uma nação de gentios Charruas e Minuanos, couto e refugio dos criminosos de ambas as Nações. O dito José do Canto ora entrava na Capitania do Rio Grande de S. Pedro, d'onde era natural, ora nas terras dos Hespanhóes, a traficar contrabandos: em uma e outra parte passeiava occulto, pois se tinha feito celebre com a sua vida extravagante e odiosa a ambas as Nações; e sabendo que havia perdão geral aos desertores, se apresentou ao Tenente Coronel Patricio José Corrêa da Camara, e pediu licença para sahir a fazer alguma hostilidade ao inimigo; e obtida que foi esta, sahiu por entre as fazendas, convocando alguns seus conhecidos, e incorporou comsigo 14 homens.

Andava nessa mesma diligencia um Tenente da Capitania de S. Paulo, chamado Antonio de Almeida Lara, que por seu negocio vivia naquella Capitania; este tinha comsigo 12 homens, e se incorporou com o dito Canto, e sahindo ambos para a fronteira, chegaram á guarda denominada S. Martinho, onde eu estava destacado debaixo das ordens do Alferes André Ferreira, que alli commandava sujeito ao Capitão Francisco Barreto, que commandava aquelle districto, e se achava distante 2 leguas, e respondia por elle ao Tenente Coronel Camara.

Na dita guarda me offereci a acompanhal-os, levando em minha companhia 6 camaradas da mesma, e no primeiro dia de marcha encontrámos 8 homens, commandados por Antonio dos Santos, que andavam explorando a campanha, e unindo-se tambem a nós, com estes completaram 40 homens de armas, com os quaes se fez a conquista, que vou descrevendo.

Entrámos nesta campanha no mez de Agosto na força e rigor do inverno, que foi causa da nossa felicidade em todos os successos. No primeiro dia fizemos 10 leguas de caminho, e pela noite ser tenebrosa, tomámos a guarda denominada S. Pedro, sem sermos sentidos, e sem dar tempo a pegar em armas; achámos alli 30 Indios, commandados por um Hespanhol, que pozemos em prisão, e os Indios em liberdade, e os capacitámos que a guerra era com os Hespanhóes, e não com elles. Com isto se pozeram em socego, e nos fizeram bons officios; não lhes consentimos

saqueio algum por não desgostal-os, e unicamente nos refizemos de cavalgaduras, pois neste logar haviam mais de 1.000 animaes, entre vaccum e cavallar, e seguimos a nossa viagem com o designio de voltar quando podessemos dar noticias certas das fôrças que havia naquelles povos.

Neste logar me pediu o Canto que houvesse de tomar parte no commando e direcções d'aquella empreza, pois se confundia com o não entender a lingua d'aquelles Indios, e eu os entendia perfeitamente; consenti na proposição, e tratámos consultar mutuamente em tudo quanto nos fôsse preciso.

No terceiro dia de marcha avistámos algumas armas muito ao longe, e vimos que se encaminhavam para a nossa parte; fizemos-lhe emboscada em um desfiladeiro, e nos cahiram prisioneiros, sem haver a menor resistencia. Estes homens eram exploradores da Nação inimiga, que circulavam aquella campanha para fazer aviso de toda a novidade que encontrassem. O que os commandava, pela portaria que me apresentou, mostrava o grande conceito que d'elle fazia o Governo, e por fim era um insigne salteador, desertor das nossas tropas, chamado João Ignacio, que estava aggregado ao serviço de Hespanha; e logo que foi reconhecido, o conduzimos preso pela inconfidencia e traição. No seguinte dia tomámos o porto denominado Santo Ignacio; aqui havia uma pequena guarda em resguardo de 500 cavallos; neste logar fômos instruidos do estado em que estavam aquelles povos pela formação seguinte. Disse-nos o que commandava que d'alli distante quatro leguas havia uma guarda denominada S. João Merim, onde havia 10 Hespanhóes escolhidos e armados, e que tambem havia muita cavalhada, boiada mansa, e gado de munição dos povos, e 60 indios para o seu costeio; e do dito S. João Merim a seis leguas estava um acampamento, que se tinha principiado havia oito dias, e era para disciplinar as recrutas, e para acampar as tropas que alli se haviam reunir, vindas da cidade da Assumpção, de Paraguay, e dos mais povos além do Uruguay, para marcharem contra os dominios de Portugal, e que aquelle acampamento distava uma legua da capital.

Sabida esta noticia, resolvemos atacar o dito acampamento, para o que essa noite adiantei-me com 20 homens, deixando outros 20, para marcharem na manhã seguinte com o Canto, e mais gente d'armas. Essa noite puz em cerco a guarda referida, e ao aclarar do dia puz tudo em prisão, favorecendo-me o escuro da noite horrorosa tempestade, que felicitou minha resolução; e chegando meu companheiro Canto, que tinha ficado, como já disse, cuidámos em viajar, pondo muitas precauções essa noite, para que não fôsse algum aviso ao acampamento; marchámos as ditas seis leguas, e nos avisinhámos a elle.

Era este sitio em terreno alto, resguardado de um mato e dois caudalosos arroios, em cujas entradas não havia ainda guardas avançadas; pois parecia-lhes impossivel entrarem tropas portuguezas sem serem sentidas pelas guardas ou exploradores da campanha, pois d'este acampamento ás nossas raias dista trinta leguas; e por este descuido em que estavam foi a nossa entrada feliz.

Depois de ter explorado o acampamento, dispuzemonos para a acção, pois vinha rompendo o dia. Pozemos em linha de batalha a tropa que levámos, que se compunha de quarenta praças, como em outra parte já disse, commandando eu e José do Canto. Haveria, pouco mais ou menos, 500 passos de distancia entre nós e o dito acampamento, e já teriamos avançado a metade, quando, picando a marcha a toda a brida, rapidamente nos fizemos senhores d'aquelle acampamento, sem haver um grito de «armas» nas sentinellas; e como sahissem alguns tiros da barraca do Commandante, que era D. José Manoel de Lascano, foi preciso fazer fogo, e sempre houve 14 mortos e bastantes feridos; e da nossa parte houve sómente um camarada ferido. Havia neste acampamento 100 Hespanhóes de armas, e 300 Indios, os quaes ficaram livres da hostilidade d'este assalto, por estar o seu abarracamento algum tanto separado do dos Hespanhóes. Alcançada a victoria, ao aclarar do dia reflecti eu que os Indios estavam suspensos, e aproveitando-me da occasião, por vêr o susto em que estavam, lhes fiz uma falla no seu idioma, conforme as mais vezes tinha praticado; animei-os e lhes fiz vêr que a guerra não era com elles, e para mais os attrahir, o pouco despojo que

havia neste acampamento, consultando com o Canto, foi repartido por elles, isto lhes fez tomar o expediente de se unirem ás nossas armas; e vendo-nos munidos d'estes 300 homens, consultámos investir a capital, que estava á vista. Reparti então os novos soldados em pelotões, e avançámos ao dito povo de S. Miguel. Depois despachámos uma parte ao Capitão Barreto, dando-lhe conta de tudo circumstanciadamente, e avisinhámo-nos á capital; não a levámos de escala por ter artilharia, mas puzemol-a em sitio, cujas escoltas e patrulhas, que dirigiamos a elles, a inquietavam em diversos logares dos seus muros. Este sitio foi posto ás 11 horas do dia, e se divulgou tanto naquellas circumvisinhanças, que, quando foi a noite, achámo-nos com mais de mil Indios debaixo do nosso commando. No dia seguinte despachámos outra parte, em que davamos conta de estar a capital d'aquelles sete povos em sitio, e que nos viesse soccorro. Apertámos o sitio de tal fórma, que, dentro em tres dias, se rendeu por uma capitulação, feita e assignada por nós e o Tenente Coronel D. Francisco Rodrigo, que alli residia, e governava os sete povos. Entrámos neste povo, tomando d'elle posse, e se retirou o dito D. Francisco para o do rio Uruguay, levando comsigo duzentos homens, que era a guarnição que alli havia.

D'este acontecimento demos parte ao nosso chefe, que era o Capitão Barreto, e já era a terceira, que davamos, sem termos resposta, nem soccorro.

Pondo este povo em tranquillidade, dirigi officios aos mais povos pertencentes áquella conquista, cujos Commandantes não tiveram duvida em se render, pois viam a sua capital tomada.

Com isto entramos em detalhe de governo, tomando posse dos povos que estavam mais immediatos, que vem a ser S. Lourenço, S. João, S. Luiz e S. Angelo, para cujos povos marchei, deixando com o Canto vinte homens de guarda na capital, e levando commigo outros vinte.

Chegando aos ditos povos, cuidei logo em recolher os estandartes das Camaras, fasendo vêr que não deviam ser arvorados mais, porque o Dominio Hespanhol tinha cessado, cujos estandartes entreguei ao fallecido Governador.

Ainda que as circumstancias da guerra não me permittiam demora no recebimento d'aquelles povos, comtudo sempre falhava um dia em cada povo, e fazia por contentar ao publico, assistindo aos seus festejos, empenhando-me em contentar aos Reverendos Curas das igrejas, mostrando-lhes muita benignidade, e capacitando-os que seriam respeitados das nossas tropas; roguei-lhes juntamente que não desamparassem suas igrejas.

Esta politica que usei foi o motivo dos ditos Padres se conservarem no mesmo cuidado d'aquelle grande numero de almas que tinham a seu cargo, não obstante terem o passo livre para se retirarem, segundo as condições da capitulação, e ainda alli se conservaram até a minha retirada d'aquelles povos, que foi em 1805. Acabada a diligencia do recebimento d'aquelles povos, recolhi-me a S. Miguel.

Manoel dos Santos Pedrozo, quo tinha feito o saque na guarda de S. Martinho, entrava novamente com os 40 homens que o acompanhavam, e chegando ao povo de S. Miguel, como já o visse tomado, pôz-se em consulta com os seus camaradas, e reflectindo eu nisto, lhe fiz uma falla, que nos reunissemos, pois incorporados todos eram maiores as forças, e que eramos juntamente vassalos de um mesmo Soberano. Respondeu-me com palavras equivocas, e no mesmo dia seguiu para o povo de S. Nicolau, que ficava quasi nas margens do rio Uruguay, onde esperou o Tenente Coronel, que se retirava, fiado nas condições da capitulação e por consequencia sem susto, e antes de chegar ao rio Uruguay, o atacou uma noite, e a seu salvo o fez prisioneiro, e pôz em fugida a toda gente que o acompanhava, ficando senhor de toda a equipagem, fazendo voltar e conduzir para traz por uma guarda de homens sem pundonor algum, pois o insultaram nesta conducção para lhe tirarem quanto trazia de precioso.

Nesta occasião chegavamos, eu de tomar posse dos povos, o Sargento-Mór de Dragões José de Castro Moraes com tropas em soccorro, e o sobredito Tenente Coronel Hespanhol preso, e todos nos juntamos em S. Miguel. Examinada a causa d'aquella prisão, foi respondido que quem tinha feito aquella capitulação não eram os Officiaes e por consequencia o dito Santos mandava preso para o Rio Pardo

ao dito Tenente Coronel. Esta acção nos foi muito sensivel, mas como já estava Official superior presente, a elle competia prevenir e remediar tudo. O capitão Manoel Carneiro e o Tenente Francisco Carvalho foram os que se incumbiram e empenharam a fazer com que os soldados do dito Santos, que conduziam ao Tenente Coronel, entregassem o que lhe tinham tirado. O Sargento-Mór Moraes olhava tudo com refinada politica, estudando os meios de escurecer os nossos serviços, e lembrando-se ser o Canto soldado do seu regimento, quiz puxal-o ao esquadrão, e tiral-o do commando d'aquella conquista, não fazendo a preço dos nossos serviços.

O Canto, mal costumado na sua vida dissoluta a soffrer e ainda mais com a vaidade de conquistador, cuidou em previnir-se, e assentou defender-se com as mesmas armas com que tinha accommettido ao inimigo: eu, reflectindo que a minha prudencia não era bastante para remediar tantas controversias, tomei o expediente de passar ao Rio Grande, a dar conta ao Governador, não d'aquellas intrigas, mas sim da conquista.

O Tenente Coronel Hespanhol, sabendo que me dirigia a dar esta conta, rogou-me lhe conduzisse uma carta, ao que eu não tive duvida, e nella se queixou do dito Santos ao Governador, facto que fui saber no Quartel General. Tomou conta da nossa conquista o Sargento-Mór José de Castro de Moraes, não com a regularidade devida, mas como quem estava com a disposição que dissemos ; e eu marchei para a Villa do Rio Grande, aonde cheguei em occasião que já estava o Governador doente ; entreguei ao Ajudante das ordens José Ignacio da Silva os estandartes, a capitulação, e os mais documentos que levava, como tambem a carta do Tenente Coronel Hespanhol. O Governador, pesando o valor de nossos serviços, fez nesta occasião condecorar a José Borges do Canto com o posto de Capitão de Milicias, e eu em Tenente da mesma companhia ; e deu ordem para que fôsse nomeado para Alferes o que fôsse de mais merecimento dos 40 individuos a quem se devia aquella conquista ; e foi nomeado Francisco Gomes de Mattos. Tambem deu ordem o Governador para que fôsse preso Manoel dos Santos Pedrozo, pelo insulto feito ao dito D. Francisco, Governador que

tinha sido d'aquelles povos; o que não se effectuou com a morte do Governador, que foi d'alli a poucos dias; mas antes, depois de ter dado esta ordem, o mesmo Governador o condecorou com o posto de Tenente de Milicias, por condescender com a vontade e proposta do Tenente Coronel Camara, que mandou ao Furriel José Maria com uma promoção ao Rio Grande, para que a assignasse antes de morrer, em cuja occasião foi incluido o dito Manoel dos Santos. Eu e os meus camaradas bem conheciamos a José do Canto, que era homem intrepido e valoroso; porém ha muitos annos desertor, e por consequencia indisciplinado, não sabia do terreno, ignorava a lingua, embaraçado em manobra, e era d'estes homens determinados, mas sem deliberação em acção; comtudo, a fama que tinha adquirido nas suas extravagancias fez com que o preferissemos no commando, porque tambem não tinhamos assaz conhecimento das suas qualidades, pois nem lêr nem escrever sabia, e assim o Tenente e eu não duvidámos ceder-lhe, para evitar desordens, e ultimar o fim da nossa carreira. O Tenente Lara, apezar das suas virtudes, não tinha nascido para a guerra; a sua constituição, e talvez educação, o desviavam da campanha: essa a razão por que não apparece nos combates, e se occulta nesta Memoria.

No em quanto José Borges do Canto e eu conquistavamos os povos de Missões, não estava o exercito ocioso; estando o Coronel Manoel Marques em uma guarda abandonada pelos Hespanhóes, denominada da Lagôa, teve aviso que além do rio Jaguarão apparecia um grande corpo de inimigos; despediu o Capitão de Milicias Antonio Rodrigues Barboza, o Capitão Antonio Xavier de Azambuja, e o Alferes Hypolito de Couto, com duzentos e quarenta homens de armas, a encontrar-se com o inimigo, e em dous dias de campanha se toparam. Entrando os ditos officiaes em consulta para fazerem aquelle ataque, oppôz-se a isto o Capitão Azambuja, dizendo que ia primeiro observar em um alto se o inimigo trazia artilharia, e se retirou, levando comsigo a sua companhia. Conhecido pelos outros o medo, consultaram os dois Officiaes, e entraram na acção com tal valor e intrepidez que venceram e destruiram o inimigo, ficando com a victoria d'esta acção o Capitão Antonio

Rodrigues Barbosa e o Alferes Hypolito de Couto. Houve cincoenta mortos, setenta prisioneiros, entre estes dois Capitães e um Alferes; dos nossos só morreu um Cabo de esquadra.

Depois d'esta acção fez o Commandante Manoel Marques de Souza marchar aquelle exercito para a fortaleza do Serro Largo, onde dissemos tinham-se ido incorporar as guardas Hespanholas, quando abandonaram a sua fronteira, e chegando o dito Coronel á fortaleza, combateu-a e tomou-a por uma capitulação, retirando-se a tropa Hespanhola; entregaram-lhe aquelle forte com quatro peças, munição de guerra, e cinco mil pezos duros em prata. A tropa que guarnecia esta fortaleza era o seu numero setecentos e sessenta homens, pois tinham sahido outros tantos d'esta mesma praça, commandados pelo Coronel Quintana, com o designio de ir atacar a fronteira do Rio Pardo, que não teve effeito, como adiante se dirá.

No segundo dia d'esta conquista se pôz o nosso exercito em retirada para o rio denominado Jaguarão. Deixo aos politicos decidir sobre este modo de proceder. Os sete povos de Missões conquistados com um punhado de homens, e por meros soldados, acham-se debaixo dos dominios de S. A. R.; e aquella fortaleza do Serro Largo, conquistada por aquelle Coronel, munido de artilharia, e com 800 homens, está possuida dos Hespanhóes, que em poucos dias se senhorearam outra vez d'ella. Retirado o nosso exercito, tanto que passou o rio Jaguarão para a nossa banda, o sobredito Coronel licenciou a tropa, deixando só 200 homens de guarnição naquelle passo, commandados pelo Tenente Coronel Jeronimo Xavier de Azambuja, e se retirou para o Rio Grande, por saber estava o General á morte. Este modo de obrar, de licenciar a tropa, e entrar o inimigo nesta mesma occasião de posse da fortaleza, que tinha perdido, foi digno de reparo a todos os prudentes, e ainda ao povo; seja o que fôr, eu não me proponho senão a dizer a verdade do que aconteceu.

Apossado o inimigo da fortaleza, adiantaram-se mais, até chegar ao passo do Jaguarão; e como o achassem com os 200 homens que dissemos, parou o exercito inimigo, e mandou o seu Commandante, que era o Marquez de Sobre

Monte, dizer ao Commandante d'aquelle passo, que era o referido Azambuja, que logo e logo lhe désse o passo livre: respondeu este por uma carta (pois o Marquez tambem tinha escripto) que o seu Commandante e Governador estava na Villa do Rio Grande, que S. Exc. lhe concedesse tres dias para lhe dar resposta; e sendo-lhe concedidos, no mesmo instante deu parte ao Coronel, e este para Porto Alegre ao Brigadeiro Francisco João Rici, que commandava aquella repartição, e não se deu resposta ao Marquez, como se promettêra; mas entretanto se enterrou o Governador Sebastião Xavier, e tomou conta do governo o Brigadeiro Rici, e desceu immediatamente para a Villa do Rio Grande, onde achou os povos em grande confusão, dispondo-se para passarem a S. José do Norte, antes que entrasse o inimigo; pois sabiam da retirada do exercito, e não havia providencias para encontrar o inimigo na fronteira; mas, com a chegada do novo Governo interino a esta villa, se pôz tudo em socego com a providencia que se veio dar. Fez immediatamente marchar para Jaguarão o Coronel Marques, levando comsigo as tropas do seu commando; fez marchar tropas a engrossar as guardas do Itaim, como tambem a do Albardão, e no estreito da terra, entre a lagôa da terra e o mar Oceano, pelo receio que havia de entrar o inimigo a sorprender a villa; fez descer da fronteira do Rio Pardo o segundo corpo do exercito, que commandava o Tenente Coronel Patricio José Corrêa da Camara com ordens de accommetter o inimigo, ou a reunir-se ao exercito que commandava o Coronel Marques, a quem tambem deu a mesma ordem. Depois que deu estas providencias, dispunha-se o mesmo Brigadeiro a sahir para a campanha, quando nesta occasião chegou a paz; tinha dado todas as providencias que podia dar um bom e experiente General.

Marchava o exercito da fronteira do Rio Pardo para Jaguarão, e só lhe faltavam dois dias de marcha, para se vêr com o que commandava o Coronel Marques, quando receberam os dois Commandantes ordem do Brigadeiro e Governador que não executassem a ordem, que lhes tinha dado, de accommetter o inimigo; mas sendo avisado o Brigadeiro que o Marquez de Sobre Monte, General do exercito

Hespanhol, sem attenção ao beneficio da paz, perseverava no mesmo projecto, e em espirito armado, o dito Brigadeiro escreveu nos termos seguintes:—Que elle havia ordenado ao exercito Portuguez que passasse o rio Jaguarão para acompanhar o exercito de S. M. Catholica, que S. Exc. commandava até Montevidéo, mas que suspendêra a execução d'esta ordem por observar a que tinha de S. A. R. o Principe de Portugal, que havia celebrado com S. M. Catholica tratados de paz; mas que agora via S. Exc. perseverar na intenção de passar áquem do Jaguarão, sem attenção ás mesmas razões da paz; e que isto lhe não parecia bem: comtudo, se S. Exc. era servido pôr em execução o seu intento, podia vir; mas que advertisse que havia passar pelo dezar de não o concluir, emquanto as aguas do dito Jaguarão podessem levar os cadaveres dos seus soldados; e quando estes fizessem váo, por onde o exercito Hespanhol passasse com as armas na mão para entrar nas terras que ao presente são da Corôa de Portugal, e a pessoa de S. Exc. viesse na retaguarda, que tivesse a certeza que não havia voltar para o seu quartel, porque o acharia perpetuo, e todo o exercito do seu commando nas mesmas terras de Portugal.

Foi tal a aceitação d'esta carta que, com maduro e prudente conselho, cuidou o Marquez em se retirar. Via uma carta cheia de razão, via que as tropas Portuguezas anhelavam pela peleja, e via finalmente uma serie de continuados estragos, que haviam os Hespanhóes experimentado; a sua retirada foi a decisão, e nesta fórma finalizaram as suas campanhas as tropas d'esta fronteira, e ficou o rio Jaguarão por divisa, ou servindo de limite, ainda que podia ser pelo Serro Largo.

Em quanto fiz a viagem, que já disse, ao Rio Grande, esteve o Canto em S. Miguel até a minha volta; e os Hespanhóes a reunirem tropas, para retomar os povos perdidos, e o Sargento-Mór José de Castro Moraes, e a seu exemplo a mais tropa, cuidava mais em locupletar-se, que na conservação d'aquella conquista.

Chegando eu ao povo S. Miguel na volta do Rio Grande, tinha tomado conta do governo politico d'aquella nova conquista o Sargento-Mór José de Saldanha, e retirou-se

o Sargento-Mór Moraes, o Capitão Manoel Cancro, o Capitão José de Anxita, e Capitão Alexandre Guedes, e parte da tropa que guarnecia estes povos, e se recolheram para a fronteira do Rio Pardo, ao corpo de tropa que commandava o Tenente Coronel Camara, onde nesta occasião havia menos perigo; e pelos choques ou ataques que succederam se verá.

O Sargento-Mór Joaquim Felix fez sua residencia em S. Nicolau, tres leguas distante do rio, e o commandante da tropa foi residir em S. Francisco de Borja, vinte leguas ao sul do dito S. Nicolau, uma legua distante do rio; defronte de S. Francisco de Borja está o povo S. Thomé, além do rio um quarto de legua distante da Fronteira Hespanhola, e o rio por meio. Entre estes dous povos, no passo denominado S. Marcos, houve muitas hostilidades, e d'este povo a S. Borja para baixo a Sul tinhamos que defender mais de vinte leguas, que toda esta fronteira era invadida, do inimigo, que vinham a ser mais de quarenta leguas de fronteira que deviamos defender só com quatrocentos homens contra mais de dois mil, que já se tinham reunido para a reconquista dos povos. Fui com ordem de commandar a minha companhia com que tinha feito a conquista, por se achar doente o Capitão, e ter ficado no povo S. Miguel. Tomei quarteis em S. Nicolau e d'alli a poucos dias marchei em soccorro ao Tenente Manoel dos Santos Pedrozo, que se via atacado por um corpo numeroso de inimigos; e como achasse valor naquelle Official para defender aquella entrada, e acudissemos com tempo, não pôde fazer o seu desembarque.

Alguns dias ajudei a defender aquella entrada, no em quanto houve varios choques, que vou a referir.

No passo da Cruz, que dista para baixo de S. Borja mais de vinte leguas, foi atacado o Tenente Francisco Carvalho da Silva e o Alferes João Antonio da Silveira por um corpo de inimigos. Estes dois Officiaes se portaram com muito valor, defenderam esta entrada com quarenta homens, e perderam um camarada neste ataque; mas destruiram e venceram o inimigo, onde houve nove mortos e bastantes feridos da parte do inimigo.

Passados poucos dias, no passo de S. Marcos, entre S. Borja e S. Thomé, foram duas vezes as nossas guardas destruidas, mas sem perda de gente. Este logar foi o mais invadido e perigoso, como se verá pelos casos acontecidos. Foi atacado no passo de S. Lucas o Tenente Manoel dos Santos Pedrozo por um corpo numeroso de inimigos; este logar dista dezoito leguas acima de S. Francisco de Borja, em cujo ataque se distinguiu muito o Alferes Manoel Padilha. Defenderam este logar valorosamente com cento e sessenta homens, e não só destruiram o inimigo, onde morreram um Ajudante de artilharia e dois soldados, como tambem lhes tomaram duas peças de artilharia que traziam. No passo de Santa Maria no Uruguay foi atacado o Cabo de esquadra Bernardino da Silva; ainda que perdeu um camarada, defendeu esta entrada valorosamente.

Continuaram os choques no passo de S. Marcos; e foi atacado o Furriel de Milicias Victor Nogueira da Silva por um corpo de mais de cem homens, achando-se só com quatorze; cercaram-o entre umas larangeiras, onde se entrincheirou, e sustentou este fogo emquanto lhe durou a munição. Durou este combáte perto de uma hora, defendendo-se valoroso, na esperança de ser soccorrido da nossa tropa, que ouvia os tiros no povo de S. Borja ; mas, quando chegou o soccorro, já foi tarde; tinha-se-lhe acabado a munição e mortos dois camaradas, e entregou-se prisioneiro de guerra, tendo feito grande destroço no inimigo, e já tinham dado á vela as barcas que o conduziam para além do rio Uruguay preso.

Muito sensivel nos foi este successo, pois eram os primeiros que se viam vencidos e presos n'aquella fronteira de Missões. Custou a suster as nossas tropas para que não seguissem a resgatal-os, entrando pelas terras do inimigo, onde eram grandes as forças a respeito das nossas : apezar de não termos neste porto barcas, comtudo sempre houve seis homens que intentaram a passagem em uma peqnena barca que descobriram, e occultamente se embarcaram uma noite para executar o seu façanhoso projecto. E como fôsse o seu desembarque ao amanhecer, foram sentidos e atacados, onde elles sustentaram por algum tempo este fogo ; e conhecendo a temeridade, se retiraram debaixo do

mesmo fogo, depois de terem feito alguma hostilidade no inimigo, e sem perigar nenhum d'elles; mas, sendo seguidos por duas barcas, antes de vencerem o rio, iam sendo abordados, e certamente teriamos que sentir, pois estes homens eram de valor intrepido, e morreriam sem se entregar á prisão; mas valeu que já as nossas balas alcançavam, e sendo soccorridos foram salvos.

Os que entraram nesta acção foram um Furriel de Milicias Raymundo de S. Thiago, e cinco soldados milicianos. Com tantos choques nestas immediações de S. Marcos tive ordem para ir fornecer este logar, onde foi preso o nosso herôe Victor. Cheguei alli com a minha companhia, que se compunha de quarenta praças; observei que além do rio havia um forte com artilharia, e que a sua praça de armas estava immediata: o desembarque para a nossa parte era inevitavel, pois tinha mais de uma legua de praia, e toda era desembarque. Vi o grande destroço que tinham feito as balas nas larangeiras, onde estiveram intrincheirados os nossos camaradas, antes de serem presos, e d'onde faziam o seu fogo. Formei minhas idéas; mandei vir sessenta Indios, para correr com os avisos, armar barracas, abrir picadas, etc. Retirei-me alguma cousa para retaguarda, para me servir de forte um grande barranco do rio Camaquam, que faz barra no Uruguay, e alli me acampei; ordenei ás minhas guardas e sentinellas, as quaes eram visitadas por mim, pois passámos noites em vigia com cartuxeira, espada cingida, e arma na mão, fazendo executar á risca as ordens, com o exemplo que dava: lembrava-me dos descuidos em que tinha achado os inimigos, quando os tinha sorprendido, e assim toda a cautela me parecia pouca. Haviam passado 39 dias do meu destacamento, quando, estando para amanhecer o dia 23 de Novembro, recebi parte que estava passando o rio um grande corpo de inimigos. Tanto que recebi esta parte, mandei fazer signal; immediatamente se recolheu a cavallaria; puz toda a minha companhia a cavallo e depois de ter passado revista, animei-os de novo, segurando-lhes que eu seria o primeiro em receber os golpes dos inimigos. Fiz aviso ao povo de S. Borja, onde tinhamos alguma tropa, e como não apparecesse o inimigo, até aclarar o dia, cuidei em

buscal-o; e quando foi pelas cinco horas da manhã estive na sua frente com 112 homens, pois já me tinha vindo soccorro. Topei-me com o inimigo na barra de Camaquam sobre o barranco do rio Uruguay; com a minha chegada pôz-se em armas, e em linha de batalha com 100 homens na frente, e 50 nos flancos, e a sua retaguarda contra o rio, onde tinha o seu desembarque e munição de guerra.

No soccorro que me veio de S. Borja, vieram seis Officiaes, e como se achasse alli o Capitão José Borges do Canto, a elle competia o commando d'esta acção, por ser de maior patente, e ás suas ordens me entreguei. Pozemo-nos em cousulta, e como esta se demorava, e não se resolvia nada, pois tudo era fazer vêr o grande perigo, as grandes forças do inimigo, a desigualdade do terreno, etc., com esta demora me separei d'estas conferencias, e appliquei-me a observar os movimentos do inimigo. Das cinco horas que alli chegámos até as dez não se ordenava este ataque: e observei que embarcavam tropas em soccorro, e se não atacavamos nesta occasião, menos depois de terem passado maiores forças.

Nesta occasião offereci-me para entrar naquella acção, resoluto a dar a vida em defesa da patria e dos estados do nosso Soberano, e sendo aceita a minha proposta pelo Capitão e mais Officiaes, entrei n'ella pela fórma seguinte: — o Tenente João Machado e o Alferes André Ferreira, com trinta homens de cavallo na frente; o Tenente Filippe Carvalho, com o Alferes Manoel Carvalho e o Alferes João Antonio, com outros trinta no flanco direito; os da frente fazendo fogo no mesmo terreno, a divertir e entreter os inimigos; e os do flanco direito para entrar na acção com o meu signal, ou para a abordagem das barcas. O Capitão José Borges, com alguns camaradas de reserva, para acudir aonde visse mais perigo, e eu, com quarenta homens, ataquei ao flanco esquerdo, que logo se pôz em confusão e fugida. Avanço rapido á retaguarda, e tomo a munição de guerra; passo ao flanco direito, e faço-lhe o mesmo. O Tenente e Alferes nomeados neste posto, e o Capitão com o meu signal entram na acção, e fazemos fogo á frente, onde os nomeados Tenente e Alferes sustentam o seu posto. Tanto no fogo que faziam, como com algumas escaramuças entretinham o

inimigo. Todos incorporados fizemos fogo mais vivo, e ficam os inimigos vencidos e derrotados, e se declara a victoria d'esta acção por minha; publicada por aquelles honrados Officiaes, como consta dos documentos que tive a honra de apresentar a V. A. R.

Estava além do rio Uruguay o Governador d'aquella fronteira inimiga, que insistia em querer mandar soccorro; era o Tenente Coronel D. Francisco Belmudes, e por estar immediato aquelle povo a S. Thomé, estava aquella praia coberta de povo, que tinha baixado alli a presenciar o ataque, e se retirou bem descontente com o destroço dos seus patriotas. Acabada esta gloriosa acção, recolhemo-nos para S. Borja, com setenta e tres prisioneiros, ficando no campo da batalha sessenta mortos, e da nossa parte houve tres mortos e quatro feridos: o despojo consistiu em duzentas armas de fogo, algumas espadas, e bastante munição de guerra.

Este foi o ultimo ataque que tivemos naquella fronteira de Missões; logo depois nos chegou a paz, e na declaração d'ella vi grande desgosto e sentimento nas tropas. D'esta fórma ficaram aquelles sete povos e o seu grande territorio annexo ao dominio de S. A. R., ficando por divisa o rio Uruguay, tomados e defendidos sem despeza do Estado; mas sim á custa de seus vassallos, não obstante ter-se reunido naquella fronteira mais de dois mil homens, commandados pelo Coronel Espindola, vindos da cidade d'Assumpção de Paraguay.

Ficou o sentimento áquelles vassallos de Portugal de não ter tempo de levar ao inimigo até além do Rio da Prata, em que lhe não acham difficuldade alguma, senão a vontade do seu Soberano, e aceitação de seus serviços, para serem remunerados. Chegou tambem a ordem para as tropas se retirarem, dirigida pelo Governador; encontraram ao Tenente Camara com o corpo de tropas que commandava, distante do acampamento de Jaguarão dez leguas.

Foi indizivel a pena de toda aquella tropa com a certeza da paz, pois via a sua retirada sem fazer acção alguma, e com a lembrança de que tivera o inimigo á vista, e não tivera o gosto de medir as armas; foram aquelles setecentos homens, que dissemos que sahiram do Serro

Largo, para atacar a fronteira do Rio Pardo, commandados pelo Coronel Quintana.

Estava aquella columna que commandava o Tenente Coronel Camara na guarda denominada — S. Francisco — duas leguas de Batovi, quando teve parte, pelos nossos exploradores d'aquella companha, que aquelles setecentos homens, que fica dito, vinham com o designio de entrarem. Immediatamente pôz-se em marcha, e o foi encontrar, o qual encontro foi no passo denominado — Rosario — do rio de Santa Maria: estiveram quasi á falla, e chegou o exercito inimigo a atirar alguns tiros de peça; mas estava crescido este arroio, e era já tarde, e por esta razão não tentaram a passagem, deixando-a para o dia seguinte. Naquella noite perdeu o exercito inimigo o valor, e se pôz em retirada. O Tenente Coronel Camara, commandante da nossa tropa, não lhe picou a retaguarda, o que foi muito sensivel áquella; comtudo é de louvar que naquella campanha se conservasse com os incommodos das suas molestias, andando sempre entre os medicamentos. As tropas que guarneciam a fronteira dos povos de Missões tambem tiveram ordem para se retirar, depois da publicação da paz; e assim finalisou a guerra n'aquella Capitania. Eu sou testemunha ocular dos factos, ou da maior parte d'elles, que nesta Memoria relato; e deixo de expender circumstancias minimas por não ser diffuso, e cançar a paciencia do meu leitor das acções gloriosas que se manobraram nos povos de Missões, em que tive parte, ou fui principal agente. Fiz patente a S. A. R., em requerimento que offereci, e em todo o tempo provarei a verdade dos feitos até com os mesmos Hespanhóes.

Lisboa, 18 de Setembro de 1806. — *Gabriel Ribeiro de Almeida.*

NOTICIAS

DA

CAPITANIA DE S. PAULO, DA AMERICA MERIDIONAL

ESCRIPTAS NO ANNO DE 1792

POR

Francisco de Oliveira Barboza.

CAPITULO I

Dá-se principio, indicando o rio da primeira navegação, seu nome, e o porto onde se embarca para as Minas de Cuyabá e Mato-Grosso.

Distante 22 leguas para o Poente da cidade de S. Paulo se acha situada a denominada Freguezia de N. S. Mãi dos Homens de Araritagoaba, hoje villa de Porto Feliz, na qual se embarcam os negociantes e mais povo para qualquer das Minas de Cuyabá ou Mato-Grosso; fazendo a sua derrota pelo rio abaixo, aó qual deram os primeiros descobridores o nome de— Anhemby —, e hoje— Tieté— palavra derivada da corrupção— Yeté—, que quer dizer -- Rio de muitas aguas—; e tem o seu principio nas serras da costa do mar, entre as villas de S. Sebastião e Santos da mesma Capitania; e passa distante da dita cidade meia legua; e passando pela referida freguezia, vai fazer barra no Rio Grande ou Paranan.

CAPITULO II

Das cousas notaveis que se encontram na extensão do rio Tieté; como são animaes, aves, peixes, rios que fazem barra nelle e das cachoeiras e saltos que se encontram.

E' o rio Tieté bastantemente dilatado, pois dizem ter 180 ou 200 leguas de extensão; são compostas as suas beiradas de matos frondosos e espessos; de muitas cachoeiras e saltos, e juntamente de ilhas; é muito fertil de caças, pois tem com abundancia antas, veados, onças, macacos, porcos, capivaras, quatís, pacas, cutías, lontras, areranhas.

Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades, como são araras, papagaios, jacús, macucos, inhambús, patos, biguás, tayuyús, tabuyayás, gurapútepócas, guratayaseis, socós, carões, culhereiros, araraquans, mutuns, pombas, tucanos, gurapongas, anhumas, aves de muita estimação, pois têm um unicornio na cabeça de grande virtude contra o veneno, do tamanho de um gemeo de comprido; além d'este unicornio, têm mais dois nos encontros das azas: este passaros são quasi do tamanho de um perú, com a côr preta: a sua assistencia é nas lagôas, e por isso mui custoso de se apanhar.

Tambem tem com muita abundancia o dito rio umas cobras chamadas *sucurís*, cujos dentes não fazem mal, por não terem veneno; porém intimidam pela sua grandeza, pois é o seu comprimento de duas, tres e quatro braças, com grossura correspondente Vivem estas cobras engolindo animaes inteiros para a sua sustentação; e tem-se achado muitas vezes nos seus ventres veados inteiros engolidos naquelle dia.

Os peixes que ha no rio Tieté, além da abundancia, são especialissimos; cujos nomes são: doirados, saupês, piracanjuvas, pacús, suruvis, piracoaxiaras, piracambucús, e jaús; dos quaes se utilizam os moradores da villa do Embarque, e tambem os das villas de Itú e Sorocaba, indo ao sertão seis e sete dias de viagem para os pescar, salgar, e vender ao povo em arrobas: bem entendido, que a maior parte d'estes peixes são de tal grandeza, que depois de seccos ao sol pesam arroba e meia, e duas; além dos

referidos peixes ha outras qualidades de que não se faz menção por não darem a conveniencia d'aquelles; como são; bagres, peávas, pacupevas, goacarís, picarurús, ximburús, jurupocas, jurupencús, cuja profusão é com abundancia inexplicavel.

Produzem as margens d'este rio muitas frutas silvestres, de que se utilizam os navegantes, cujos nomes são os seguintes: marmeladas, jabuticavas, uvacuparís, nhandipapos, sipotás, jatabís: d'estes páus se servem os moradores para as fabricas dos engenhos de assucar e aguardentes, por ser madeira de muita duração; e da casca por ser muito grossa, fazem os gentios e sertanistas canôas para navegarem; e da resina, que com abundancia ha na raiz, se utilizam os mesmos gentios para as suas luzes e outros artificios que trazem nas orelhas e beiços, a que chamam — botoques —, cuja resina, depois de curtida, fica propriamente como o alambre e sem differença alguma: figos silvestres, jaracatiás, ingás, uavaonas.

Tambem tem muitos palmitos, com que se sustentam os sertanistas; e são de varias qualidades, cujos nomes são: nhasaruamembeca, guarerovas e jarivás, cujos côcos se comem, e o gosto é propriamente similhante ao côco da Bahia.

Os rios que fazem barra no Tieté são os seguintes:

O 1.º que se encontra sahindo do porto do embarque é o rio Capivary; dia e meio de viagem rio abaixo, cuja largura será de 5 ou 6 braças; e tem as suas cabeceiras a rumo de Norte, e se acha ao lado direito do rio Tieté; e nelle se fizeram e se fazem ainda as canôas para o commercio de Cuyabá.

2.º Abaixo d'este, cousa de duas leguas mais ou menos ao lado esquerdo, está a barra do rio Sorocaba, cujas vertentes, dizem, manam das serras da costa do mar, na altura da villa da Conceição de Itanhaem, e passa pela de Sorocaba, da qual teve o dito nome: a sua largura será de oito braças, mais ou menos.

3.º Abaixo d'esta barra, tres dias de viagem, ao lado direito está a do rio Piracicaba com as vertentes para a estrada de Goyaz, e rumo de Norte; por cujo rio subindo-se por elle acima o espaço de seis e sete dias de viagem, se chega a uma povoação, que tem o nome de Piracicaba e ha de ter o dito rio dez ou doze braças de largura, e talvez mais.

4.° Abaixo d'esta barra meio dia de viagem, mais ou menos, está a do rio dos Lançóes, com as vertentes ao rumo de Leste, pois que procura a estrada que vai de S. Paulo para Viamão; e terá de largura quatro braças, mais ou menos, e ao mesmo lado do de Sorocaba.

5.° Abaixo d'esta barra cinco ou seis dias de viagem, ao mesmo lado da de Piracicaba, está a do rio Jacarépipira, que terá de largura quatro braças, mais ou menos; e logo abaixo d'este está outro, do mesmo nome, e outro tanto mais largo; e ambos mostram ter as suas vertentes ao mesmo rumo do Piracicaba.

As cachoeiras notaveis d'este rio Tieté são as seguintes: Acanguerusú, que está logo abaixo do porto do embarque: Acanguemirí, Juruminí, Avaremondoava, a cachoeira do Albano, Ixiririca, Sabauna, Itaguasava; esta e a de Avarémandoava se passam á meia carga, que é passando a maior parte d'ellas por terra, por serem perigosas: Pirapóra, e tambem se passa como as antecedentes: Boyuiquára, Pilões, Mathias Pires, Garcia, Itapêma, Pederneiras, Pau Cavallo, Cachoeira da Ilha, Baenharon, Potunduva, Baurú, Barerimiri, Bareriguasú; estas tres se passam á meia carga: Sapetúva, Congonhas, Guaimicanga, Tambaxeririca, Tambayaú, Escaramuça, Cambayuvoca, Avanhandámirí, Avanhandávusú; esta é um salto, que hade ter mais de cincoenta palmos de altura, que para se passar varam-se canôas e cargas por terra; Escaramuça, Utupanema, estas se passam a meia carga: Mato secco, Ondas grandes, Ondas pequenas, Funil grande, Funil pequeno, Guacuritivusú; estas se passam a meia carga; Araratuva, Aracanguamiri, Aracanguavusú, Utupeva; estas tres se passam á meia carga; Guacuritúmirí, Utupirú, que se passam á meia carga, e é uma das mais perigosas, pois tem consumido muito cabedal: Tres Irmãos, Itapuramirì, Itapura, este salto é como o Avanhandava, porém mais ingreme, de cujo salto ao Rio Grande ou Paranan é meio dia de viagem, onde faz termo ou barra o rio Tieté, que ha de ter de largura trinta braças, mais ou menos: advertindo-se que, além das cachoeiras referidas, ha outras, que por pequenas ficam em silencio.

CAPITULO III

Da navegação do Rio Grande ou Paranan, e suas particularidades.

Chegando os navegantes ao Rio Grande ou Paranan, onde faz barra o rio Tieté, proseguem a sua viagem por elle abaixo ao rumo do Sul até ao Rio Pardo, cujas particularidades do Rio Grande são as mesmas do Tieté, pelo que respeita á caça, frutas e peixes, com differença sómente de haverem nas suas margens muitos cervos, animaes bem conhecidos; e é mais suave a sua navegação, por não ter cachoeiras, senão uma chamada Jupiá: tem em si muitas ilhas, e a sua largura na estimativa é de meia legua e por isso arriscada a sua navegação em occasião de ventos; porque estes apanham os navegantes em marcha, mettem as canôas ao fundo com as ondas que faz o rio, que se assemelham ás do mar.

Os rios que fazem barra n'este Rio Grande ou Paranan são os seguintes: quasi defronte da barra do rio Tieté, ao lado direito, está o rio Guacury, e hade ter dez braças de largo, cujas vertentes julga-se que procuram as estradas de Goyaz ao rumo do Norte.

Abaixo do rio Tieté, ao lado esquerdo, quasi um dia de viagem, está a barra do Agoapehy, que ha de ter de largura quatro braças, com as vertentes a Leste, na altura da estrada que sahe de S. Paulo para Viamão.

Abaixo d'este rio, um dia de viagem, ao lado direito, está o Rio Verde, cuja largura ha de ser a mesma do rio Guacury, com as vertentes ao mesmo rumo.

Abaixo d'este rio está o rio Orelha d'Onça, com pouca largura, e com as vertentes ao mesmo rumo do Rio Verde.

Abaixo d'este rio, quasi meio dia de viagem, está o Rio Pardo, cuja largura ha de ser a mesma do Guacury, e por onde os navegantes seguem a sua derrota para Cuyabá.

. CAPITULO IV

Da navegação do Rio Pardo, e suas particularidades.

Deixando os navegantes o Rio Grande proseguem a sua derrota pelo Rio Pardo acima, contra as suas correntes, pelo rumo do Norte, até aos confins das duas vertentes, em cujo curso é commum gastar-se dous mezes, mais ou menos, assim pelas furiosas correntes do mesmo rio, como pelas innumeraveis cachoeiras que tem em toda a sua extenção, por entre as quaes se encaminham as crystallinas aguas d'este rio, na verdade saborosas e saudaveis pela virtude da salsa que criam as suas margens.

E' este rio, desde a barra que faz no Rio Grande até o primeiro salto do Cayurú, composto de matos com a mesma fartura dos dois antecedentes, menos na abundancia das frutas, que não tem tantas, remediando a falta d'ellas o mel de abelhas de que abunda.

Do referido salto para cima se compõe o rio de campos deleitosos, nos quaes pastam veados brancos, antas, cervos, porcos, lobos, tamanduás-guassús; e da mesma fórma perdizes, codornizes, quero-queros, emas, ceriemas, e tudo com profusão, que convida os navegantes a sahirem das canôas para a caçada: ao mesmo tempo que a impede o temor do gentio Cayapó, que tendo perto o seu alojamento, não cessa de andar pelos ditos campos a negacear ás pessoas divertidas na caçada para as matarem á traição, como tem acontecido; e por isso os que vão á dita caçada andam com todo o cuidado para escaparem das tyrannias d'estes barbaros, que entre os gentios são os mais crueis, indomitos e traidores. A navegação d'este rio conclue-se finalmente na paragem chamada Sanguixuga, até cujo logar se encontram todas as particularidades referidas, accrescendo ter na sua extensão duas qualidades de palmeiras, que nos rios antecedentes não se encontram; que são *guacuman* e *brutis*: da guacuman se fabrica a isca de tirar fogo, cuja palmeira terá doz palmos de altura, e delgada.

As brutís são altas e grossas, e a hastea das folhas tem mais de dez palmos de comprimento, e a grossura é a mesma que o pulso de um homem. Os sertanistas e a maior parte dos gentios fabricam vinho d'esta palmeira, o qual na côr, gosto e apparencia, é a do mesmo vinho de Portugal.

As cachoeiras notaveis d'este Rio Pardo são as seguintes: As Capoeiras, Cayurumirí (aqui se descarregam as canôas de meia carga), Cayuruguassú (esta é salto quasi do mesmo tamanho do Avanhandava, e se passam as canôas de carga por terra), Cirga do mato, Banquinho, Cirga comprida (estas duas são descarregadores de meia carga); Embirusú, Mangual (estas duas são descarregadores de meia carga); Tejuco (esta é salto em que se passam as canôas e cargas por terra), Jupiá, Nhanduhi, Taquaral (esta é salto similhante ao do Tejuco), Tres Irmãos, Tamanduá (esta é salto similhante ao do Taquaral), Cachoeira do Balo (esta é um salto muito maior que os do rio Tieté no comprimento e altura, e se passam as canôas e cargas por terra), Cirga do campo, duas mais sem nome, a cachoeira do Manoel Rodrigues, Sucury (todas estas se passam á meia carga, e as canôas á cirga de corrente), Lage pequena, Lage grande (estas duas são saltos que se passam da mesma sorte do Tamanduá), Embirusumirí, Embirusú, Paredão, Furado, Formigueiro, Pedras de amolar, Vermelho, Taquarapayá (todas estas se passam á meia carga, e as canôas á cirga de corrente), Banco grande, Banco pequeno (estas duas são saltos que se passam da mesma fórma do Tamanduá); e ficam em silencio outras muitas, que por pequenas não se referem.

Os rios que fazem barra n'este Rio Pardo são os seguintes: Nhanduhy-guassú, ao lado esquerdo, com as cachoeiras ao Poente, e hade ter de largura seis braças, mais ou menos; acima d'este e do salto do Tejuco está o Nhanduhy-mirí, com menos largura que o antecedente, tendo as cabeceiras ao mesmo rumo: acima d'este e do salto do Carão está o Sucury, ao mesmo lado esquerdo, e rumo dos antecedentes; cuja largura será de duas braças, mais ou menos.

Concluida a navegação do Rio Pardo no logar—Sanguixuga—, se dá principio a passar as canôas e cargas por terra para a fazenda de Camapoan, a qual se estabeleceu n'aquelle logar em beneficio dos viajantes, pois n'ella se reformam de viveres para proseguirem ávante; porque da dita fazenda ás Minas de Cuyabá se põe outro tanto tempo, quanto até alli se gasta.

A fórma com que se transportam as carregações do logar Sanguixuga — para a dita fazenda, é a seguinte: as canôas são conduzidas em carros muito grandes, de quatro rodas, puxados por seis e sete juntas de bois; as cargas pesadas vão em outros carros de duas rodas; e as mais medianas, ás costas dos negros e pessoas alugadas, sahindo d'aquelle logar— Sanguixuga—para a fazenda á meia noite, acompanhados de outras pessoas, que vão alugadas para o trabalho da viagem, com armas de fogo para guarda e defesa dos mesmos; pois não se indo com esta cautela, é infallivel serem assassinados pelo mesmo gentio Cayapó, que não cessa de fazer suas traições em similhantes logares.

A distancia do logar—Sanguixuga—á fazenda de Camapoan é de duas leguas e meia, por entre campos e matos serrados.

CAPITULO V

Da navegação do rio Camapoan, e suas particularidades

Depois de postas as cargas e canôas na fazenda, se lançam estas no rio Camapoan, bastantemente pequeno e falto de aguas, e por isso mui trabalhosa a sua navegação, pois obriga a repartir as cargas em partes iguaes para suavisar o trabalho: bem entendido, que se a canôa leva em si 80 cargas, deixam-se 40 na fazenda, e se levam as mais ao rio Cuxym, onde se fazem ranchos de folhas de palmito, e alli se deixam com algumas pessoas de guarda; e tornam as canôas para a fazenda a conduzir o resto das cargas, gastando-se nesta diligencia vinte e mais dias. Este rio Camapoan tem as suas vertentes ao rumo de Leste; e por ser muito pequeno e falto de aguas, e entre matos, é despido da fartura de caças e peixes.

CAPITULO VI

Da navegação do rio Cuxym, e suas particularidades

Depois de se passar com a segunda caminhada o rio Camapoan, chegam os viajantes ao rio Cuxym, e dão principio á sua derrota por debaixo; o qual é bastantemente perigoso, por ter muitos páos pelo meio de suas correntes, e cachoeiras temerosas em toda a sua extensão, nas quaes se tem perdido muito cabedal.

A navegação d'este rio não excede a mais tempo que o de oito ou dez dias, não havendo algum mau successo; findos os quaes se chega ao rio Taquary, onde faz o seu termo ou barra.

As particularidades que tem em si o rio Cuxym são as de serem as suas aguas cristallinas e salutiferas, com abundancia de peixes e caças, menos de frutas, que as não tem. Toda a sua extensão é calcada do gentio Cayapó; e nas suas margens se encontram com abundancia duas qualidades de palmeiras, cujos nomes são guacurís e bocayuvas.

Os rios que fazem barra neste rio Cuxym são poucos, e só dous se differençam pelos nomes, postos pelos primeiros descobridores, e são o Rio da Selada, em que está a força do alojamento do gentio Cayapó; e não tem maior grandeza do que o Camapoan, com as vertentes ao Norte: o outro tem o nome de Juarú, maior do que aquelle duas vezes, e com as vertentes ao mesmo rumo.

As cachoeiras principaes d'este rio são: Mangaval e Pedra Branca, que se passam com gente dobrada e meia carga: Tres Irmãos, Alvaro, Robálo, Anhumas, Guaimicanga, Canellas de André Alves (esta se passa á meia carga), Jaurú, Avanhandavuçú, Avanhandamirí (estas duas são descarregadores de toda a carga), a cachoeira do Padre Luiz Antonio, Jequitaia, Cachoeira da Ilha (esta é descarregador de carga, e a antecedente de meia carga): além d'estas ha outras mais pequenas, que ficam em silencio. Este rio ha de ter oito braças de largura com as vertentes ao Sudoeste.

CAPITULO VII

Da navegação do rio Taquary, e suas particularidades

Deixando os viajantes o rio Cuxym, proseguem a sua derrota pelo Taquary abaixo, seguindo as suas correntes o espaço de seis dias, até chegarem ao logar chamado—Pouso Alegre: em cujo sitio se incorporam todas as canôas para proseguirem ávante debaixo da ordem do cabo commandante, que entre os mesmos é eleito para governar e dirigir a disposição da jornada, e por este modo evitarem qualquer invazão que possa haver com o gentio Paiaguá; cujo gentio anda embarcado em canôas.

E' o rio Taquary muito fertil de caça e peixe, e com maior abundancia do que o Cuxym; porém não tem fruta de qualidade alguma: toda a sua extensão é composta de matos e campos, nos quaes se encontram animaes com a mesma profusão do Rio Pardo: tem muitas praias, por cuja razão se faz aprazivel e divertido.

Certificam os primeiros descobridores que nestes campos ha gentio Parecí, o qual é bastantemente manso; e bem se prova, porque a maior parte dos gentios que ha domesticos e baptisados em S. Paulo e Cuyabá, são d'esta nação.

O gentio cavalleiro denominado —Guaycurú—, que tem os seus alojamentos nas alturas do rio Yguatemí, tambem andam á montaria pelos campos d'este rio, o qual tem as vertentes ao Norte, e as suas correntes seguem o Poente: é bastantemente largo, porém as suas aguas não são bôas, por trazerem muitas arêas: é izempto de cachoeiras, pois só tem duas, que são, a cachoeira do Taquary, e a cachoeira do Biliago, e a sua largura ha de ser de sessenta braças ao menos.

Juntas as tropas no Pouso Alegre, na fórma já indicada, se armam em guerra tantas canôas, quantas são necessarias para defenderem as mais, nas quaes se embarcam as pessoas mais praticas, e de valor conhecido, com armas de fogo, polvora e bala, para algum encontro do dito gentio Paiaguá, e nesta ordem proseguem a derrota,

entrando nos pantanos, que são uns campos alagados pelas aguas do Taquary, e por elles vão procurando ao Poente do rio Paraguay, em cuja diligencia sempre se gastam 15 e mais dias.

Em toda a extensão d'este atravessadouro sempre se pousa em terra de capões de matos, que têm em si os mesmos pantanaes, nos quaes tambem se encontram todos os animaes que ha no rio Taquary, e se criam os passaros com a mesma profusão; accrescendo algum excesso, por haverem muitas araras denominadas *ararunas*, que são maiores que as outras, e de côr quasi pretas.

Tambem se criam nestes pantanaes umas aves chamadas *anhupocas*, do mesmo tamanho das anhumas, que ha no rio Tieté; com a differença porém de serem estas muito bonitas, e das mais formosas aves de todos os sertões: tambem tem unicornio na cabeça e azas; e o seu cantar, que é de meia noite em diante, serve de relogio para se renderem as sentinellas, que velam na força e maior risco do gentio Paiaguá, que ha do rio Paraguay em diante.

Tambem ha no rio Taquary, em certa paragem, uma qualidade de palmeiras, que é a de maior viso de todas as mais; porque apenas póde um homem abraçar a hastea, cuja altura e folhas são como as do palmito Nhaçaruamembeca: o cacho dos côcos d'esta palmeira é carga de um homem bem nutrido, e os côcos do tamanho de um ovo de ema ou abestruz, e serve de mantimento á maior parte dos gentios.

CAPITULO VIII

Da navegação do rio Paraguay, e suas particularidades

Passando os navegantes os pantanos, sahem ao rio Paraguay, e por elle acima, contra as suas correntes, seguem a derrota, marchando as canôas umas atraz das outras, debaixo do preceito do cabo commandante, e da vigilancia dos fragueiros, que vão nas canôas de guerra, as quaes tomam as barras dos sangradouros que sahem dos pantanaes do Paraguay para se impedirem as traições e

ciladas que em similhantes logares costuma fazer o gentio Paiaguá, onde é maior a frequencia; e nesta fórma se passa o dito rio, em que se gasta dois dias a tomar a barra do Rio dos Porrudos.

E' o rio Paraguay bastantemente largo, pois tem na estimativa mais de sessenta braças, com o defeito de serem pessimas as suas aguas, por quentes e cheias de arêas.

Tem a mesma fartura de caças e peixe que se encontra no rio Taquary; com a differença porém de haver nelle uma qualidade de peixes chamados—Tesouras—que impedem o poder-se lavar qualquer pessoa; porque tudo o que cahe dentro do rio, em breves instantes espedaçam; e faz admirar por ser peixe pequeno, que não tem maior grandeza que a cópa de um chapéo.

O nome d'este rio é derivado do gentio Paiaguá, o qual tem os seus alojamentos no mesmo, abaixo da navegação... dias de viagem, mais ou menos; e outros assentam que é derivado da cidade Paraguay, por perto da qual passa o mesmo rio á incorporar-se com o Rio Grande ou Paranan: as vertentes d'este Rio Paraguay estão para o Poente, e o seu curso é para o Sul, e serve de navegação para os que vão a Mato Grosso, subindo por elle acima até ao Jaurú.

Tambem ha neste rio os bugios pretos chamados—Guaribas—de cujos couros se fazem xaireis e capelladas para as sellas: e da mesma sorte tem muitos jacarés, que são uns bichos do feitio de lagarto, porém muito grandes, e assistem pelas praias: os seus dentes são contra o ar; e por isso os sertanistas os matam para os tirar: estes amphibios dão uns urros similhantes aos das onças.

CAPITULO IX

Da navegação do Rio dos Porrudos, e suas particularidades

Depois de chegarem os navegantes á barra do Rio dos Porrudos, deixam a navegação do Paraguay; e, subindo contra as correntes do dito Rio dos Porrudos o espaço

de cinco e seis dias, chegam á barra do rio Cuyabá; praticando nesta marcha a mesma praxe do Paraguay, pelo que respeita a conservação das canôas; pois neste rio tambem frequenta o gentio Paiaguá.

Teve este rio o nome de Porrudos, porque acima da barra do rio Cuyabá está um alojamento de gentio, que se denomina Porrudos.

Tambem ha nas margens d'este rio duas nações de gentios denominados Guayanás e Croyás, porém mansos: cujo rio tem as suas vertentes na estrada de Goyaz, e por elle passam os que vão d'estas minas para as do Cuyabá por terra; ficando as vertentes ao rumo de Norte.

CAPITULO X

Da navegação do rio Cuyabá e suas particularidades

Juntos os navegantes na barra do rio Cuyabá, seguem por elle acima a sua derrota até ao porto do desembarque; cuja jornada a concluem em 15 dias, estando o rio secco, encontrando-se em toda a sua extensão a mesma abundancia de caças e peixe, e tudo o mais dos antecedentes; e nelle se pratica tambem a vigilancia sobre o gentio Paiaguá, porque alli exercita as suas montarias.

Os rios que fazem barra no rio Cuyabá são: o Guaxú grande, e o Guaxú pequeno, ao lado direito, os quaes manam dos pantanaes dos campos que estão para a parte de Leste; cujos rios terão de largura na barra, o 1°,8 braças e o 2°, 6.

Acima d'estes, quatro ou cinco dias de viagem, está o rio Carandá ao dito lado e rumo dos outros, manando dos mesmos campos e a sua largura ha de ser a mesma do Guaxú pequeno.

Logo acima do Carandá está o rio dos Tutís, ao lado esquerdo, com as vertentes ao Poente, no caminho que vai por terra do Cuyabá ao Matto Grosso. Acima da barra do rio Cuyabá, dia e meio ou dois de viagem, ao lado direito está um bananal famoso, no qual se enchem as canôas da

monção; fazendo admirar não ter diminuição sensivel, sem embargo de se utilisarem d'elle os navegantes e os gentios existentes naquellas paragens.

Toda a extensão dos Campos referidos é cheia de arroz e muito melhor do que aquelle que se planta nos povoados, por graúdo; e é tal a abundancia, que não se póde acreditar.

No centro das margens d'este rio ha muitos gentios Bororós e Parecis; e são aquelles da mesma condição d'estes, dos quaes se serviam os primeiros descobridores para conquistarem os mais gentios de differentes nações, por serem valorosos e insignes trilhadores.

A villa de Cuyabá é grande e está situada distante do porto do desembarque um quarto de legua mais ou menos: o terreno não é muito bom, porém é aprazivel: é muito farto de mantimentos, de peixe e carne de vacca: tem muitas frutas, como são: bananas, laranjas, melões, melancias, cajús, mangavas, e pequiis: estas minas do Cuyabá são opulentas, porém hoje estão com o defeito de serem combatidas pelo gentio Cayapó, que incessantemente está matando gente pelos sitios e negros pelas lavras; e pcr isso atrazadas as conveniencias, sem embargo das precauções com que se conservam os respectivos moradores.

CAPITULO XI

Dos rios que desaguam no Rio Grande ou Paranan, desde a barra do Rio Pardo até a barra do Rio Yguatimi, onde houve um Presidio, que durou desde o anno de 1767 *até o de* 1777, *que foi tomado pelos Castelhanos.*

O tempo que se gasta do Rio Pardo para baixo até a barra do rio Yguatimi é o de cinco dias de viagem. A mesma fartura que tem o Rio Grande ou Paranan até ao Rio Pardo, continúa até a barra do rio Yguatimi.

Os rios que ha nesta navegação do Rio Pardo para baixo são os seguintes: o rio Paranapanema, dois dias de viagem, ao lado esquerdo, que ha de ter de largura mais

de 60 braças, o qual atravessa a estrada geral de Viamão, procurando as suas vertentes as serras da costa do mar na altura de Iguape.

Abaixo d'este, ao mesmo lado, está o rio Tibagy, que ha de ter a mesma largura do rio antecedente e tem as suas vertentes nas mesmas serras da costa do mar, na altura da villa de Cananéa, comarca de Paranaguá.

Abaixo d'este, um dia de viagem está o rio Pequiry, bastantemente largo, cujas vertentes dizem manar dos Campos de Guarapuava, e outros assentam que das partes de Viamão; em cuja barra já esteve situada uma povoação Castelhana que foi despovoada pela violencia dos antigos Paulistas, como pela peste que tambem experimentou a guarnição do Presidio de Yguatimi.

Abaixo do rio Paranapanema, ao lado direito, um dia de viagem, estão as tres barras, que são tres rios juntos, manados de uma lagôa, que se acha nos centros das margens do mesmo Rio Grande ao rumo de Norte.

Abaixo d'este está o rio Mambaya, que terá 10 braças de largura, e outro mais do mesmo lado e rumo, de tres braças.

Abaixo d'este está o rio Yguatimi, defronte do Pequiry; subindo-se pelo qual ao Poente 8 e 10 dias de viagem estava o porto do desembarque do Presidio.

Nas visinhanças d'este rio Yguatemi está o alojamento do gentio Cagoan; e mais adiante o do gentio Guaycurú; e de um e outro foi sempre combatido o dito Presidio.

RELATORIO

APRESENTADO AO VICE-REI

VASCO FERNANDES CEZAR

PELO MESTRE DE CAMPO DE ENGENHEIROS

MIGUEL PEREIRA DA COSTA

Quando voltou da commissão em que fora ao districto das minas do Rio das Contas

(Copiado de um MS. offerecido ao Instituto pelo Socio Correspondente o Sr. Coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva).

Exm. Sr.—Por carta de 13 de Abril do anno passado tive ordem do Governo Geral d'este Estado, que por ser importantissimo ao serviço de Sua Magestade, que Deus guarde, o passar eu d'esta cidade aos districtos do Rio das Contas a executar as ordens que me désse, pertencentes ao serviço do dito Senhor, me ordenava que logo logo me preparasse de tudo o que me fôsse preciso para a dita jornada, a que havia de dar principio com a maior brevidade que fôsse possivel.

E não obstante a estação do tempo ser contraria á dita jornada, pela grande secca que havia por aquelle sertão, e menos saude com que me achava depois da viagem de Angola, onde fui por ordem e em serviço de Sua Magestade, os empenhos n'ella contrahidos, e a impossibilidade de cabedaes para esta, de tanta despeza e trabalho; respondi que estava prompto, como sempre o estivera, assim nás campanhas, sitios e defensas, como n'este Estado, ás ordens dos meus Generaes para tudo o que era serviço do dito

Senhor; e assim recebidas as ultimas ordens e instrucções em 7 de Maio, a 12 do dito entrei a dal-as á execução, embarcando-me do porto d'esta cidade para o da villa da Cachoeira, e passando o rio Parauassú á outra parte, na freguezia de S. Pedro, distante d'elle pouco mais de meia legua, por ser paragem d'onde os Mineiros costumam dar principio ás suas jornadas do sertão, o dei tambem á minha na fórma seguinte:

De S. Pedro se faz a primeira marcha na volta do Genipapo; mas por ser jornada desmarcada em um só dia para os cavallos, que transportam os viveres, se pernoita na distancia de 4 até 5 leguas, ou no sitio chamado a Barra, que é uma pequena fazenda de vaccas e eguas, ou na Cerca, que é um pequeno sitio de tabaco.

No seguinte dia se vai ao Genipapo, que é uma grande fazenda de tabaco e gado do Capitão Pedro da Fonseca e Mello, n'ella morador; e d'esta a outro dia se vai ao Curralinho, fazenda de gado, em que precisamente ha a demora de alguns dias, por ser a paragem em que os Mineiros e mais gente que passa o sertão fazem provimentos de carnes, comprando cada um o numero de cabeças á proporção da sua comitiva ou comboi, e mandando-as matar e seccar ao sol ou ao fogo, assim por ter mais duração de passar a travessia, como por serem menos os cavallos, que além da mais equipagem se devem novamente comprar para o transporte da dita carne, e para os mais mantimentos que n'este sitio se fazem, que posto n'elle os não haja, ficam as roças quatro leguas distantes, onde cada um manda buscar os de que carece, sendo a carga ordinaria de cada cavallo quatro arrobas.

Passa-se d'este sitio ao Boqueirão, fazenda do Capitão Antonio Velloso, que sendo Paulista passou a estes sertões, de poucos annos, com mais companheiros á guerra do gentio barbaro, e depois se occupou nos assaltos dos mocambos de negros fugidos, para o que sempre teve valor e disposição, segundo o mostram as occasiões que teve no decurso de muitos annos.

Este sitio do Boqueirão é a unica passagem que ha para o sertão por esta parte, e é uma aberta por entre duas serras altas, cuja continuação pela terra dentro vai

passar o Parauassú, e corre adiante esses sertões, e para o mar vai pelas cabeceiras do Jiquiriçá, e mais além do Cayrú, tudo para um e outro lado, tão intrincado de serras e matos que parece impenetravel. Na mesma serra para o Sul, a 6 dias de viagem, termo com que se explicam os Paulistas e sertanejos practicos no mato, sem certeza de leguas, por serem as suas viagens differentes, segundo a commodidade do campo e mato lhes offerece o mel, caça e agua, do dito Boqueirão está uma aldêa do gentio barbaro, não só observada pelo dito Capitão-Mór, mas tambem vista por outros practicos, cujo gentio estimulado do dito Velloso, tem vindo por vezes hostilisar as roças do Boqueirão, como na occasião em que passei o havia feito poucos dias antes, vendo ainda vestigio da sua pista, ou desmarcado rasto, e algumas flechas que havia deixado. Esta aldêa é a que tambem desce a infestar as fazendas do Cayrú e lavouras d'aquelles moradores, cuja perda e morte de alguns padecem de annos a esta parte, como já a Camara d'aquella villa o representou a Sua Magestade. N'este Boqueirão principia a travessia, que acaba na villa de João Amaro, e chamam-lhe travessia pela falta d'agua e pastos para os cavallos, e por não haver n'ella morador algum, pela esterilidade do seu terreno, e assim ha umas taes partes certas, em que se pernoita, que chamam rancharias, por só n'ellas haver algum pequeno posto, sendo a distancia de uma a outra rancharia a medida de cada jornada.

Do Boqueirão se vai á Salgada, que é o primeiro rancho d'esta travessia: em rara vez acham os cavallos em que pôr dente, e nenhuma agua pois para beber e cozinhar a leva cada um dos combois do Boqueirão: n'esta travessia se encontram a cada passo caveiras de mortos á sede, assim brancos que se mettem ao caminho cegamente sem a provisão necessaria, como negros dos muitos combois que cada anno passam.

Da Salgada se passa á Bôa Vista, similhante rancharia; e da Bôa Vista á Cabeça do Touro, sitio identico aos mais, mas já vizinho ao Rio; da Cabeça do Touro ás Varginhas, e d'estas á villa de João Amaro, fim da travessia.

Esta villa foi povoada no tempo dos primeiros possuidores, como o mostra o conservar ainda vinte e tantas casas de telha, com uma ermida de Santo Antonio; mas pelo pouco fructo que colhiam os seus moradores para passar a vida, pela quantidade de morcegos, que matavam o gado, e ainda hoje matam os cavallos; pelas sezões continuas que alli se padecem, propriedade de todos os sitios vizinhos ao Parauassú; e pelos assaltos do gentio, que alli costuma dar; uns morreram, e outros desertaram, tendo hoje um só morador velho, que desde aquelles primeiros annos alli vive; este com 6 escravos que tem, manda buscar farinhas ao Boqueirão, e aguardente, e outros generos á Cachoeira, com que tem um modo de estalagem, em que vende por altos preços estas cousas aos que passam. Esta villa foi de João Amaro, Paulista, seu primeiro erector e possuidor; d'este passou por venda ao Coronel Manoel de Araujo e Aragão, por antomazia o Bangala; e hoje é de seu neto do mesmo nome, e todas as terras da travessia, Maracás, e da outra parte do rio como tambem das que se seguem n'esta derrota até os districtos do Rio das Contas.

Da villa de João Amaro se vai á Palma, que é a primeira fazenda de gado depois da travessia, e n'esta precisamente se tornam a fazer carnes para proseguir a viagem, de 10$000 rs. a cabeça, preço de todo este caminho: tambem se acha aqui ás vezes os mais mantimentos conduzidos do Maracás; e não os havendo, manda cada um lá buscar a quantidade que necessita.

Da Palma se vai ás Flores, e na primeira legua fica o sitio chamado Tambores, que é onde se aparta o caminho que vai para o Maracás do em que vamos pàra as Flores, que é uma fazenda de gado e eguas da outra parte do rio, por estar mais livres do gentio; servindo-se o seu morador de uma canôa para a rancharia, que fica d'esta parte. E a uma legua de distancia fica o Pau a pique, fazenda pequena, que por vezes tem assaltado o gentio, e o anno passado matou n'ella um branco e dois negros.

Das Flores se faz marcha mais larga á Capivara, passando pelo morro do Veado, que dista das Flores quatro leguas, onde ha rancharia para os que não podem avançar

á Capivara: é esta uma fazenda de gado e eguas, sem outro algum mantimento.

Da Capivara se passa ás Araras, grande rancharia, sem morador, mas com agua e pasto. Todas estas rancharias são vizinhas ao rio pela commodidade do porto, e ainda nas fazendas que têm morador sempre os combois e passageiros se afastam da casa a ir pernoitar á rancharia; e quando o rio Parauassú enche, inunda todas as varzeas vizinhas, e alaga a maior parte dos ranchos, ficando outros ilhados, ao que é necessario muita cautela, e muitas vezes impede o passo alguns dias; e os que vão em marcha topam tambem muitas com o passo cortado, e de necessidade ficam na tal paragem os dias que dura a cheia, ou abrem nova picada pelo mato, com rodeio de leguas, por respeito das serras, e com grande trabalho: não é pequeno o de todos os dias pela manhã, para se ajuntarem os cavallos, pois, ainda peados, se espalham de noite em fórma que amanhecem leguas uns dos outros, ou a buscar pasto, ou perseguido dos morcegos, mettendo-se pelas catingas; e por não apparecerem todos a tempo, se perdem ás vezes dias de jornada, e alguns ficam perdidos de todo, repartindo-se então as cargas pelos mais, até chegar onde se comprem outros, ou deixando-as no mato, em parte que cada um assignala, até as mandar conduzir.

Das Araras se vai á barra do Rio de Una, e d'esta á varzea do quaresma, rancharias como as mais; e da varzea do Quaresma se marcha á passagem do Rio de Una, rancharia em que achei um morador de poucos mezes, que com a sua familia se sustentava de aboboras e batatas: toda esta varzearia até á barra d'este rio, que entra no Paraussú, tem tambem o inconveniente de se alagar repetidas vezes com a enchente do rio: este não é muito largo, mas como fica na raiz da chapada em que nasce, enche amiudadas vezes, em termos que se não passa até baixamar.

Até aqui é grande o trabalho que se passa n'este caminho, cooperando maior parte dos elementos contra a saude e contra a vida; os perigos, que em muitas occasiões succedem, como o repentino assalto do gentio, de negros fugidos de muitos annos, que se juntam nos mocambos; e a quantidade de cobras venenosas, onças, e finalmente a

sevandijaria de carrapatos em tal numero, que é um martyrio continuado; havendo-se experimentado até este sitio alguma mortandade de cavallos, e muitos cançados pelo pouco pasto dos caminhos.

Passado o Rio de Una se entra a subir aquella estupenda pyramide da chapada, que é uma cordilheira de serras, que corre para o Norte, entrando por esses sertões, e para o Sul até parar na costa do mar: esta serrania precisamente se ha de atravessar n'aquella parte, por não terem até hoje tantos practicos sertanejos e Paulistas descoberto outra por onde se possa entrar com melhor commodidade. Contém a sua travessia sete leguas de horroroso caminho; porque parece que a natureza se empenhou a fazer o seu transito difficil, sendo não só a serrania continuada, mas montes de serras uns sobre outros, formando uma altissima e desproporcionada pyramide, por cujo vertice se ha de avançar, subindo de serra em serra. E' raro o dia em que esta chapada esteja clara e sem chuva, sendo mãi de varios rios, que para uma e outra parte correm, e tendo em si quantidade de aguas, que se passam com muitos atoleiros na pequena planicie que cada serra faz: de dia e noite está alli quasi sempre a chover, com que se fazem os seus ribeiros tão caudalosos, que alguns impedem o passo; e quando menos chove, chamam os sertanejos neblinar, sendo esta neblina uma continua chuva miuda, que n'aquellas serras maltrata homens e cavallos, pois não tendo aquelles lenha alguma para o fogo lhes moderar o agudo frio, nem estes genero algum de pasto, uns e outros padecem, e muitos perecem.

Não póde atravessar a chapada em um só dia senão quem fôr escoteiro; mas levando equipagem ou comboi, primeiramente ha de passar n'ella uma noite, para o seguinte dia a botar fóra; e todos os que marcham para o sertão, pernoitam n'ella, pelo impraticavel de se tomar de um jacto; e assim sobem a primeira ladeira, que tem mais de meia legua, e tão a pique, que é necessario ajudar os cavallos; porque com o forcejar, rebentam os peitoraes, e largam as cargas á cada passo; outras vezes voltam para traz sobre ellas, rodando pelo caminho: sobem-se mais algumas ladeiras asperissimas, e entra-se a descer para a Giboia um tal

despenhadeiro, que se vão os cavallos lançando por aquelles montões de pedras, rebentando rabichos, e largando as cargas, sendo preciso ir cada cavallo guiado por seu negro, para seguir aquella pequena vereda mal assignalada por entre tantos penedos soltos.

E' a Giboia o primeiro rio que na chapada se passa, e fica tres leguas de Una : aqui é a rancharia de todos os que cruzam estes caminhos, ficando uns d'áquem e outros d'álem do rio, conforme a occasião em que a elle chegam. Corre tão precipitadamente, que se passa quando leva pouca agua, e na passagem é tão cheio de grandes pedras soltas, que primeiro o vão alguns negros de maiores forças a tentear o fundo, e fazer baliza da outra parte, para assim passarem em direitura ; e para maior segurança fazem de uma e outra parte, fixas fortes cordas para lhes servirem de corremão e arrimo contra a violencia do rio : aqui se descarregam os cavallos, e passam os costaes á cabeça dos negros, porque os cavallos, ainda sem carga, dão seus tombos pelo mau fundo; e d'esta sorte passadas as cargas á outra parte, tornam os negros a pegar n'ellas para as tirarem d'aquella furna, e subirem serra acima, até as pôrem em alguma parte, senão plana, menos montuosa, e tornam a buscar os cavallos, juntando tudo na mesma paragem, e alli se passa a noite junto a qualquer penedo, por serem estes a rancharia de toda a chapada, com frio intoleravel e chuva continua.

Da Giboia se faz marcha no seguinte dia a botar fóra da chapada, e ao carregar-se acham alguns cavallos mortos e outros incapazes, por fracos, pesados, e cheios de fortes feridas ; mas como não ha outro remedio mais que forcejar com elles, vão indo alguns aos empuxões, outra vez por novas subidas tão asperas como as primeiras, cançando aqui um, e acolá outro, sem darem mais um passo, ainda que os alancêem ; e é tal a ossaria de cavallos mortos por esta chapada, que sobre aquellas serras de pedras se podiam formar novas serras de ossos, havendo tambem quantidade de caveiras de corpos humanos ; e á distancia d'uma legua da Giboia está outro rio similhante, chamado das Pedras, e corre tão violento, que com tres palmos d'agua já se não póde passar; este me fez levar na sua margem segunda noite de chapada, e ao mesmo tempo da outra parte uns

mineiros que vindo escoteiros para a Bahia se não resolveram a passal-o: mais adiante ainda ha terceiro rio, que posto não seja tão rapido, é mais fundo que aquelles, e d'aqui sóbe o caminho ao sitio chamado Tope, ou por ser o mais alto da chapada, e a pique d'aquella horrorosa pyramide, ou porque alli ha uma porção de tal caminho, que qualquer tope que dêem os cavallos cahem precipitadamente por aquelle rochedo perdendo-se com as cargas sem remedio.

D'esta parte se entra a descer com o mesmo trabalho e circumstancias referidas ao subir, e a ultima ladeira que se desce no fim da chapada chamam o Tombadouro, pelo difficil e empinado d'ella: e posto que foi larga a descripção d'esta serrania, nada tem de encarecida, e os que mais a facilitarem são navegantes, que no descanço do porto se não lembram do perigo que na tempestade tiveram,. e sem hyperbole podia assegurar que os Pyrenêos nos seculos passados, quando se oppunham ás forças d'aquelles grandes Principes da Europa, tinham menos resistencia que vencer.

Da passagem do Rio Paraussú, meia legua do Tombadouro, onde se arrancham os que sahem d'aquella trabalhosa marcha, principiam os Geraes, e d'aqui se vai ao fim d'elles. Chamam-lhe Geraes por ser tudo um campo plano, que tem de largo as 7 leguas que se passam, e de comprido muitas mais, correndo pelo sertão dentro; mas n'este campo não ha morador pela inutilidade do terreno, que é areento, e nem lenha, nem pasto dá: no fim d'estes Geraes ha outro despenhadeiro de meia legua que descer, tambem chamado o Tombadouro dos Geraes, e não sei distinguir qual dos dois seja o peior.

Do fim dos Geraes se vai á passagem do Rio das Contas grande, que é caudaloso, largo, com muita agua, e difficultoso de passar, pois á cada passo está enchendo, e sahindo de seu alveo se faz formidavel: este, o Parauassú, e os mais d'este sertão não são navegaveis, nem de canôas, pelas muitas cachoeiras que tem, de que se despenham quantidade de grandes penedos sobreaguados em todo o seu curso: aqui encontrei alguns Paulistas, que com outros homens brancos, e com seus escravos, faziam o numero de dezoito pessoas, e levavam cavallos com mantimentos e ferramentas:

e inquirindo d'ellas d'onde vinham, e que caminho levavam, achei virem das minas do Rio das Contas pequeno, onde lhe ficavam mais companheiros, e havendo lá feito suas entradas a novos descobrimentos, deram em um riacho, que pintava meia pataca, que são 160 réis péla moeda do paiz; e como esta pinta mostrava um grande rendimento, deixaram o riacho confrontado, e voltavam para a sua rancharia a refazerem-se de mantimentos; e que por aquelle caminho ser asperissimo, e mui cheio de morros, incapaz de cavallos para as conducções, vinham entrar por esta parte abrindo nova picada, por ser de menos morraria, e mais facil conducção, e iam plantar roças de milho em um capão de mato, que perto tinham visto; e emquanto este mantimento se punha capaz de lhes servir, para entrarem a minerar, se empregariam em outros descobrimentos, ou sahiriam para fóra.

Do Rio das Contas grande se passa ao Ribeirão, que é rio menor que aquelle, e n'elle se vai metter á pouca distancia; a tres leguas de marcha fica um monte alto, que chamam o Garrote, onde se minerou alguns dias, e tiveram os poucos companheiros que alli estavam onze libras de ouro; mas por lhe ficar a agua em distancia, largaram aquelle sitio por lhe não ter conta o irem com as batêas abaixo buscar um regato: logo adiante d'este sitio se aparta o caminho das Minas Geraes, e passando pelos Crioulos, vai seguindo pelo Rio de S. Francisco.

Do Ribeirão se vai ao Mato Grosso, ultima marcha d'esta jornada, por ser alli a rancharia maior dos mineiros d'aquelles districtos, onde todos têm sua casa de palha, e aqui aportam todos os vivandeiros com os seus combois, ou sejam os que vão da villa da Cachoeira, ou os que vem do Rio de S. Francisco, e de todas as mais partes. E' este sitio do Mato Grosso a primeira parte em que se ajuntou gente n'aquelles districtos, no principio de seus descobrimentos, e assim ficou sendo alli o maior concurso, ou uma como povoação d'aquelles homens, em que se estabeleceram: e d'este sitio destacavam alguns a fazer seus descobrimentos e experiencias, que tendo-lhe conta decampavam d'elle para a tal paragem descoberta, e n'ella formavam sua nova rancharia; ficando, porém, n'aquelle acantonamento

do Mato Grosso a maior parte d'elles, que ainda se conserva, e é uma feira continua dos viveres que cada comboi leva.

Ha por estes districtos alguns moradores a largas distancias uns dos outros, já de annos alli estabelecidos com suas familias, e fazendas de pouco gado e menos mantimentos, por não ser o paiz abundante d'elle, mas nenhum tem numero de escravos com que emprehender grande operação, pois por este se regula o poder por estes sertões, sendo axioma entre elles — Fulão é poderoso porque põe tantas armas: n'este numero entram negros, mulatos, Indios, Mamelucos, Carijós, e mais variedades de gente que ha por aquelle sertão.

A tres leguas do Mato Grosso, por aspero caminho de morros e penedias, está o riacho em que minerou o Coronel Paulista Sebastião Raposo, o qual vindo de S. Paulo com toda a comitiva, que lá tinha, de escravos, e Indios, e mocambas, de que tinha varios filhos, se metteu por aquellas serras, onde já alguns tinham andado sem descobrirem ouro de bôa pinta; mas este, como tivesse muita experiencia, e fizesse seus exames, lhe agradou o sitio, e assim plantou suas roças nos capões de mato, que achou vizinhos, e fez alli seu arraial. Capões chamam a algumas porções de mato que se acham por aquellas serras e campos, e derrubando a machado, lhe poem o fogo para depois plantarem milho, mantimento ordinario d'aquellas partes: este Paulista, diziam, se retirára de S. Paulo e das Minas Geraes, receioso das ordens do Tribunal do Santo Officio; e ao que parecia a todos, a vida era má, e o coração cruel, porque matava por cousas mui leves, e a sua gente o servia mui violenta, pois a cada hora esperava cada qual d'elles a da sua morte; tanto assim que no caminho, não o podendo já acompanhar duas das suas mocambas, de cançadas, no meio de uns serros matou uma, e despenhou outra, dizendo não queria deixal-as vivas, só por não servirem a outrem.

Assentado o seu arraial na dita paragem, entrou a minerar, pondo vigias nas partes mais altas, e sentinellas no caminho, para que não deixassem lá chegar alguem; e como era poderoso, com o temor conservava o seu respeito e despotico imperio. Teve tal fortuna, que achou o ouro

a quatro e cinco palmos de cava da sua formação, e trabalhava ao principio com oitenta batêas; mas dando com ouro graúdo, metteu toda a comitiva, Colomins e femeas a trabalhar, com que chegou a trazer no riacho cento e trinta batêas: já então desprezava o ouro miudo, por lhe gastar tempo nas lavagens, e assim mandava despejar as batêas, e só buscava pedaços, folhetas e grãos maiores, castigando fortemente alguns que lhe davam de jornal só uma libra de ouro: o que mais admiração faz, não tendo nada de paradoxo, é tirar um pedaço de arroba e meia, do feitio da aza de um taxo, e ainda mais, que em um dia, dando na maior mancha, trabalhou desde a madrugada até ás 10 horas da noite, valendo-se para isso de fachos, e apurou n'ella nove arrobas.

Havia trazido o dito Paulista comsigo em companhia um sobrinho chamado Antonio de Almeida, ao qual, e aos poucos da sua comitiva, não admittia a minerarem junto com a sua fabrica; mas separados vinham mais atraz, revolvendo a terra e cascalho já movido, em cujos fragmentos tiravam quantidade de ouro. Farto já o dito Raposo, ou tendo o ouro que bastava á sua ambição, ou porque já as grandezas não continuavam com igual rendimento, ou receioso de que com aquella fama se ajuntasse algum poder maior, que o destruisse, se auzentou com os seus pelo mato dentro para esses sertões, tendo minerado no dito riacho por uma colonia que o terreno faz á distancia de um oitavo de legua, e n'esta tirou todo o ouro, que levou, em que fallou sempre com variedade; e duvidando eu do numero de arrobas, que n'esta cidade, e por esse sertão tinha ouvido que elle tirára, entrei a averigual-o com maior exame, e assim vendo entre aquelles homens alguns de mais capacidade, e um d'elles confidente do dito Raposo, a quem comprava gados e mantimentos para a fabrica do seu trabalho, e por esta causa lhe permittia entrar nas suas lavras, e tirar d'ellas muita utilidade; e vendo tambem entre os Paulistas alguns mais capazes, e um Mameluco do dito Raposo, o que pôde escapar-lhe uma noite depois de se metter no sertão, por recear o matasse; de cada um d'estes colhi, separadamente, o que d'este Coronel Sebastião Raposo relato, que me persuado ser o mais verdadeiro,

por serem estes os que melhor podiam sabel-o, e indagal-o dos da sua companhia; e assim unanimemente concordaram em que o dito Paulista levára seguramente quarenta arrobas de ouro; assim pela grandeza com que o tinha achado, como pelas borrachas e surrões em que o levava, orçavam aquella quantia, e tambem pelas cargas que lhe observaram quando se retirou, distinguindo-as das outras de mantimentos, pois sabem estes homens as traças e subtilezas uns dos outros; e diziam que o dito Raposo nunca lhes confessára a quantia certa, e só dizia por diminuitivo, —eu tenho ahi umas arrobinhas.

Depois de se pôr a caminho na retirada para o sertão, deu busca aos seus, que lhe pareceu levariam algum ouro, e lhes achou variamente muitas libras; a uns tres e cinco, a outros a seis e a nove, e então é que lhe fugio aquelle Mameluco, por ser um dos mais culpados: logo que se auzentou, se não soube o rumo que tomára por se metter no mato, por picada nova, que abria; mas pouco depois, por alguns Indios que o toparam e sertanejos que por esse matto encontrou, se soube que reconcentrando-se por esses sertões, ia na volta do Maranhão; e quando cheguei áquelles districtos do Rio das Contas, havia mais de seis mezes que elle tinha partido, e corria lá a noticia d'elle ter chegado ao Piauhy, aonde depois o mataram.

O sobrinho Antonio de Almeida o não acompanhou n'esta viagem, mas d'este Rio das Contas tomou logo o caminho de S. Paulo: d'este me disseram as mesmas testemunhas do outro que levava a sua parte onze arrobas de ouro, e tres que o tio lhe dera para uns pagamentos ou desempenhos em S. Paulo, faz quatorze que levou; ainda que a alguns que o encontraram dizia menor numero.

Logo que os sobreditos sahiram d'aquelle riacho, entrou um grande concurso de povo a minerar n'elle, pois então andavam dispersos por varias partes bateando cada um onde lhe pintava, e no dito riacho se accommodaram divididos em seus ranchos, e tiraram bom rendimento; porque eram jornaes de quatro e seis oitavas, e tiravam suas folhetas ás vezes de quarenta e cincoenta oitavas, e alguns grãos de vinte e mais; quando estive no dito riacho, ainda n'elle se minerava, e me seguraram aquelles homens que se tinha

revolvido mais de trinta vezes; comtudo, inda davam variamente oitava e meia, duas e tres oitavas de jornal, e não se davam por contentes, pois queriam maiores porções do que aquelles granitos que eu via nas batêas, de que nas lavagens tiravam os ditos jornaes, que ainda eram maiores com o que os negros furtavam, ou escondendo-o com subtileza, ou engolindo-o sem se perceber.

Acharam a este tempo no dito riacho setecentos trabalhadores entre batêas e almocafres, além de outros que andavam em varios riachos, e alguns em novos descobrimentos, com que seguramente passavam de 2000 pessoas. Compunha-se este numero de toda a variedade de gente, que para aquella parte tinha concorrido, como Paulistas do Serro do Frio e Minas Geraes, homens brancos de pequena esphera, que d'este reconcavo e de muitas partes do sertão tinham ido, mulatos e negros, e entre todos havia varios criminosos; mas nem entre todos estes, nem entre os moradores antigos d'aquellas vizinhanças, havia algum poderoso, ou de grandes cabedaes; nem o Capitão-Mór d'aquelles districtos tinha poder coarctivo com que executar as ordens do Governo Geral d'este Estado, nem as que me era preciso encarregar-lhe, em virtude das que do mesmo Governo levava; e assim viviam alli todos voluntarios, sem receio, obediencia ou temor, uns roubando, e outros matando; e logo que em algum ribeiro acertavam alguns com melhor pinta, cahia aquella multidão na tal parte, que ordinariamente desapparecia o ouro, sendo para elles axioma infallivel, que o ouro não quer ambição nem soberba, pois tirando-se sem estas com bom rendimento, logo que estas chegam se esconde, como a experiencia lhes tinha mostrado por vezes.

Em qualquer parte d'aquella vizinhança que se fazia exame, se tirava ouro com mais ou menos rendimento, por pintar melhor em uma que em outra; mas nem aquelles homens se cansavam muito a buscal-o, profundando mais no terreno, nem tinham forças para isso, e assim só faiscavam pelos riachos, em termos que o minerar os não obrigasse a catas, como nas Minas Geraes, pois não tinham fabrica para esse trabalho, porque uns eram só com o seu braço, e outros tinham a dois moleques, a duas negras, e a tres negros, e poucos a seis, nove e dez escravos; só dos

Paulistas alguns tinham maior fabrica, mas não querem mesclar-se com os mais,e sempre andam ao mato no seu descobrir e minerar.

Alguns Mineiros, que das Minas Geraes vinham das minas para esta cidade, sem combois, pelos trazerem já reduzidos a ouro, tanto que chegavam ao sitio dos crioulos, ou levados da curiosidade, ou da fama, faziam sua entrada a vêr minerar nestas partes, e por ser um só dia de viagem, o que se desviavam do seu direito caminho, e se admiravam assim de vêr a formação do ouro em tão pouca altura,como de que aquella gente com uma oitava e meia e uma oitava de jornal se não désse por satisfeita, e diziam que se nas Minas Geraes tivessem meia oitava certa não queriam maior jornal; como tambem se alli houvesse homens practicos,com bôa experiencia no minerar e fabrica de escravos para fazerem bôas cartas, que tirariam muito ouro.

De que o ha n'aquellas partes, é sem duvida, não só pelo vêr tirar nas lavras, e mandar fazer a experiencia com as batêas n'este e n'aquelle sitio para vêr a pinta, mas pelo que me disseram alguns dos que faiscavam; porém em geral todos dizem que não tem conta, mas perguntava-lhe eu a este seu dizer para que subsistiam alli, e continuavam o trabalho, se lhe não tinha conta ? E esta voz commum era nascida, em uns por não mostrarem suas conveniencias e em outros por se livrarem de insultos, e em todos para que esta noticia fizesse passar aos que para lá iam e chegavam de novo, para que não crescesse tanto o numero: mas sei com individualidade que se tem tirado e tira muito ouro, mandando cada um d'elles duzentas, quinhentas e novecentas oitavas, conforme o seu minerar e fabrica que tem, fazendo estas remessas pelos homens que vêm para baixo a buscar o de que necessitam, ou a entregar as suas correspondencias: de uma mulata que estava á sua taverna de varias bagatelas, soube, quando lá estive, que só de uma vez mandou para baixo meia arroba de ouro a comprar fornecimento para a sua venda, e á esta proporção outras e outros que lá ha de similhante vida.

Não duvidam os practicos no minerar que ha muito ouro por aquelles districtos, e com os Paulistas assentam todos em que as disposições do terreno são as mais proprias

para o haver; porque aquella serrania e continuação de morros, a variedade de riachos, a terra escalvada, sem herva alguma nem lenha e todas as mais confrontações assim o asseguram: e accrescentam os Paulistas, como ouvi a alguns, que as grandezas que o Raposo achou se encerravam só no seu riacho: nem elle só havia de ter aquella fortuna, pois esperavam mais aqui ou alli ter igual successo.

Que venha muito ouro d'estas partes o sabe o Provedor da Casa da Moeda, de que já terá dado conta pelo que n'ella entra: e não vai a ella todo o que vem, porque, ou o temor dos que o trazem, ou a conveniencia dos que lhe compram, fez espalhar a voz de que na dita casa se tomava todo o ouro que entrava d'aquellas partes, pois entre o mais era conhecido.

Dos quilates que toca não poderei dizer com certeza: mas de ser bom ouro, é sem duvida, e os ourives diligenciam muito a compral-o, ou porque lhe tem muita conta para o dourar das obras, como elles dizem, ou porque lhes permitte mais liga nas que d'elle fazem: os Mineiros querem tenha só a differença de que não corresponde o peso á qualidade, dizendo que, postas iguaes porções de ouro d'este, e de todas as Minas Geraes, pesa este algumas oitavas mais que aquelle, mas o não corresponder quanto á quantidade não altera a qualidade: além de que, examinada esta differença, que elles dizem não se dá rigorosamente tal differença, porque elles regulam pelas borrachas ou canudos em que mettem o ouro para o conduzir, dizendo esta borracha ou canudo leva do ouro das Minas Geraes tantas quartas ou tantas libras, e d'este do Rio das Contas não chega a inteirar o tal peso, logo não é igualmente pesado: o que se nega; porque deve haver a distincção que o das Minas Geraes, ou vem em pó, ou em granitos miudos, que na borracha ou canudo se accommoda melhor, une mais e deixa menos vãos, e d'este Rio das Contas é pouco em pó, e os granitos mais graúdos, e suas folhetas, que na borracha e canudo não vêm tanto, ficando maiores vãos intermedios, por isso não corresponde igual quantidade a igual peso: o preço por que regulam o ouro n'estas minas, para as compras, vendas e pagamentos, é a quatro patacas, que faz 1$280.

Que esta gente haja de exterminar-se totalmente d'aquelles sertões é mui difficil, pelo que vi: pois a largueza do paiz lhes offerece a mesma commodidade em outra qualquer parte, e diziam elles: — se nos lançarem fóra d'aqui iremos para acolá, — apontando para a quantidade de morros e serranias que ha por aquellas partes: que necessitam de quem os governe, corrija e domine, não só é sem duvida mas precisissimo, pelas desordens, roubos e mortes que a cada passo estão succedendo, para pôr quanto antes em arrecadação os quintos reaes, pois é certo que por esta falta se perderam as arrobas que devia pagar o Raposo, e se tem perdido e estão perdendo as que deve pagar todo o mais ouro que sahe d'aquelles districtos, e esta é a verdade do caso, pela ter visto e examinado com aquelle cuidado e zelo que pede materia tão importante e conveniente ao Real serviço, e as noticias diminutas e differentes, que n'esta cidade divulgam algumas pessoas, são mui adulteradas, crendo de leve uns o que ouvem a outros sem fundamento. Tambem espalham esta voz pela dependencia e conveniencia que tem directa ou indirecta nas ditas minas, e porque lhe resultam maiores ganancias emquanto estas se conservam no estado presente, porque mandam o seu negro ou negros e cargas sem pagar os direitos que devem, e tiram de lá ouro sem ser quintado.

Exposta a jornada (ou viagem, como lhe chamam os sertanejos) da villa da Cachoeira até as minas do Rio das Contas; difficuldades que vencem com muito trabalho os que seguem este caminho; as fomes e sedes, doenças e mortes que padecem; o incrivel da Chapada, em que se poderiam consumir numerosos exercitos, se intentassem passar, com poucos defensores que houvesse n'aquelles desfiladeiros e despenhadeiros; e todas as mais circumstancias já expressadas; claramente se vê o impraticavel de poder fazer esta marcha qualquer nação da Europa.

Quanto á barra do Rio das Contas na costa do mar, não só digo que é impraticavel a marcha, mas explico-me pelo termo impossivel; porque se por aquelle caminho, ha tantos annos trilhado e continuamente seguido, se experimenta o que relatei e padeci, que será por matos, serros, campos e travessias nunca d'antes navegados! A barra do

Rio das Contas tem pouco fundo e uma grande corôa de arêa; não é capaz nem de embarcações pequenas; e já por esta causa a povoação chamada do Rio das Contas está dobrando a ponta do Sul, em uma pequena enseada que alli ha, onde carregam os barcos e sumacas que áquella parte vão: este rio é só navegavel de canôas legua e meia, com pouca differença, onde tem a primeira cachoeira, de que se despenha; e ainda que pelo calculo trigonometrico a menor distancia que ha da barra d'este rio ás suas minas sejam quarenta e sete leguas, comtudo pelo caminho mais breve que se pudesse escolher, seguramente passariam de cem leguas, pela differença da operação feita directa pelo plano do mappa, a practica dos diversos rumos que tal caminho havia de seguir, e voltas que o rio dá; e para mostrar os fundamentos que tenho para dar esta marcha por impossivel, individual-os-hei por partes n'esta fórma.

Primeiramente, por toda a costa do mar onde desagua e faz barra o Rio das Contas, assim para o Norte, como para o Sul, nas partes em que temos povoações, ha só duas leguas de trato e lavoura pela terra dentro, porque os moradores não podem penetrar mais ao sertão pelos muitos gentios barbaros com que encontram; e assim estão vivendo precisamente entre aquelles limites. Pela extensão da costa, afastada do mar aquellas poucas leguas, corre uma mancha de mato virgem, e é mato em que nunca houve córte, onde ha quantidade de gentio, que para o sertão o mais que se estendem é pelo Rio Pardo: este, perseguido dos Paulistas, quando em outro tempo cuidavam mais na sua extincção, e andavam á caça d'elle espalhados por estes sertões, se foi retirando para aquella parte, onde acantonados se têm conservado até o presente sem experimentarem a menor invasão, tendo produzido innumeravelmente pelas suas aldêas: e como se póde vencer esta difficuldade por Europeos novamente transportados áquella costa tendo contra si, além das mais difficuldades, a de guerrear com inimigos, contra os quaes não basta o valor, pois é differente a sua guerra da de se baterem exercitos, assaltarem praças, e defenderem brechas?

Dado, e não concedido, que se pudesse vencer este grande obstaculo, atravessando aquelle mato, seguia-se a multidão de serros, penedias, e morros, que ahi haviam de passar, e de outros se haviam de afastar; os largos rodeios a que os precisaria o sêu destino, sem practicos ou guia, nenhum genero de povoação ou morador por todo aquelle teritorio, sem mantimentos, falta de agua nas travessias, e já nas ultimas marchas a vizinhança das primeiras fazendas de gado que ha por aquellas partes, a incrivel fatiga dos campos chamados lençóes pelas suas arêas, e ultimamente haverem de entrar á força na aspereza d'aquellas minas, em que bastariam poucos defensores para muitos expugnantes, porque é impossivel de crer o serem venciveis tantas e taes difficuldades, maiormente sendo ponderadas por quem tem alguma noticia, ou saiba o que são sertões do Brazil, conhecerá o infallivel d'ellas, e não lhe parecerá absurdo o dar por impossivel o projecto da tal marcha, correndo o mesmo parallelo para qualquer dos outros portos, além do Rio das Contas, ou seja para o Sul, como o dos Ilhéos, ou para o Norte, como o de Camamú, Morro e Jequiriçá; e assim digo ultimamente, que estas minas estão fortes por natureza, inconquistaveis, e seguras de que as possam ganhar, ainda colligadas as maiores forças da Europa, como evidente se colhe do deduzido.

Aqui pertence o successo seguinte. Ha dous annos se ajuntaram na barra do Rio das Contas alguns sertanejos, e com os seus poucos negros, e alguns Indios mansos que puderam reduzir á sua comitiva, fizeram o numero de 35 pessoas, capitaneadas por Pantaleão Rodrigues, que ha mais de dez annos conheço na vida de sertanejo, e sempre em descobrimentos, e tem tentado a entrar por esta parte da costa por lhe parecer mais perto; tendo, porém, voltado algumas vezes pelas difficuldades com que topava, d'esta, com effeito, entrou com aquelle numero de gente armada, ao rigor de tal viagem.

Partiram pela margem do rio acima, largando-o quando as cachoeiras e serranias lhe impediam a marcha, mas tornando-o a buscar pela falta d'agua que ás vezes experimentavam.

Depois de alguns dias de viagem, dando com rasto de gentio, entrou o receio e temor em alguns dos companheiros, e não quizeram passar adiante, sendo os Indios os primeiros que voltaram sem que os pudessem deter. Continuaram os mais a sua derrota, e atravessaram grandes morros para escaparem ao gentio, pois de noite pelos fogos lhe observavam as aldêas, para d'ellas se afastarem, e ainda assim toparam alguns no rio á pesca, de que se offenderam e fugiram antes que fôssem sentidos dos mais: sahiram ao fim de dois mezes n'aquella maior mancha de mato, com perda de alguns, que haviam morrido fatigados do caminho, e outros ficado ao desamparo por debilitados de forças.

Já a este tempo os companheiros d'aquella aventura eram só onze, sem mantimentos, com pouca polvora, sem bala ou munição para caçarem, e, o que mais é, com o rumo e tino perdido; sendo por esta causa não menos de admirar a constancia d'estes novos descobridores, do que a dos antigos Argonautas nas suas navegações. Continuaram a marcha buscando sempre o rio, assim para a certeza do peixe, como para não perderem agua, tendo já por impossivel o poderem-se retirar: aos cinco mezes de viagem, já estes famosos aventureiros eram só cinco, tendo os mais pago com a vida a sua temeraria ousadia, e esperando estes o mesmo fim por instantes, pois não viam signal, nem esperança de povoado; e precisados da necessidade, continuaram a buscar a morte, encontrando-a cada um a seu tempo: só os ultimos dois avançaram a pôr com os seus corpos na terra as bases do *non plus ultra* de suas herculeas forças, com tal fortuna que, no mesmo dia em que prostrados se rendiam, lhes chegou o soccorro não esperado; porque de uma das ultimas fazendas, que ha para aquella parte, chamada o Campo secco, indo um morador d'ella a cavallo vaquejar algum gado amoutado, deu com os dois corpos deitados, parecendo-lhes mais cadaveres que viventes, assim pelo funebre do espectaculo, como por não fallarem; conduzio-os para casa na melhor fórma que pôde, e os foi alimentar alguns dias até tornarem em si com mais accôrdo, e poderem já fallar: então lhes perguntou d'onde eram, e de que parte vinham, pois os via tão cortados de

mato, que parecia terem atravessado muito sertão; depuzeram inteiramente este successo, e um d'elles era o Pantaleão Rodrigues, cabo da partida, que, havendo muitos mezes que tinha chegado, e estava convalescendo quando fui ao Rio das Contas, inda não tinha inteiramente tornado em si: mas, ratificando-me o successo, acrescentou que gastára mais de oito mezes de viagem, e que pelo caminho que fizera andára mais de duzentas leguas.

Esta é, Exm. Sr., a mais breve recopilação que pude fazer da minha viagem; e se ainda assim parecer larga, precisou-me a sua diffusão o entender que devia expôr visivelmente aquelle sertão e minas aos olhos de V. Ex., para que de um e outro formasse o verdadeiro conceito, e tirasse a conclusão infallivel, de que não podem ser invadidas por nações estrangeiras; e com esta certeza informar V. Ex. á S. M., que Deus guarde, o que fôr mais conveniente ao seu real serviço; ficando o dito Senhor, á vista d'esta relação e mappa, inteirado de tudo o que aquelles districtos são, e n'elles ha: e ainda passaria a mais a minha especulação e experiencia de exame, se a doença que me sobreveio d'este trabalho não fôsse tão violenta, cahindo-me totalmente os braços e pernas, sem n'elles ter movimento algum, sendo-me preciso vir deitado em uma rêde, com pouca esperança de chegar á Bahia, padecendo dobrados trabalhos dos que com saude por todo aquelle sertão havia passado, durando-me n'esta cidade por mais de seis mezes de cama, de que ainda estou mal convalescido, movendo as mãos tremulamente. Não parece alheio d'esta relação o representar n'ella a V. Ex. a grande despeza que fiz n'esta jornada, em compra de negros e cavallos para transporte, morrendo d'estes por esses sertões a cada passo, e comprando novamente outros, e em todo o mais apresto preciso, levando á minha custa um intelligente piloto para me ajudar, e dando-lhe cavallos para a marcha; da mesma sorte guias practicos no paiz, sargento, soldados, Indios e negros que sustentar; fazendo o numero de 37 pessoas, sem algum genero de ajuda de custo; entrando em um novo empenho, que accresce ao contrahido na viagem de Angola; para que, informado V. Ex. da verdade, e do cuidado com que ha onze annos assisti sempre as fortificações d'esta

praça, procurando o adiantal-as, possa dar conta ao dito Senhor do trabalho e zelo com que me emprego em seu real serviço, para que pela sua real grandeza o premie com o accrescentamento que fôr servido. Bahia, 15 de Fevereiro de 1721.—*Miguel Pereira da Costa*.

Embarca-se n'este porto da Bahia para a villa da Cachoeira, e navegando para o Reconcavo, se vai entrar pela barra do rio Parauassú, e d'ahi até a villa seguem os barcos as voltas que o rio dá: fazem commummente os practicos d'esta navegação quatorze leguas da cidade á dita villa.

Desembarca-se defronte da villa da outra parte do rio, e se vai fazer alto na freguezia de S. Pedro, da qual principiam toda a jornada do costume.

Dias de marcha.		Leguas.
1.º	De S. Pedro ao Aporá pequeno..........	4
2.º	Do Aporá ao Genipapo....................	6
3.º	Do Genipapo ao Curralinho............	2
	Aqui ha ao menos de demora dois dias, para fazer bastimentos.	
4.º	Do Curralinho ao Boqueirão............	5
	N'este Boqueirão principia a travessia.	
5.º	Do Boqueirão á Salgada................	7
6.º	Da Salgada á Boa-Vista................	6
7.º	Da Boa-Vista á Cabeça do Touro.........	4
8.º	Da Cabeça do Touro ás Varginhas.......	3
9.º	Das Varginhas á villa de João Amaro....	4
	N'esta villa acaba a travessia.	
10.º	Da villa de João Amaro á Palma.........	5
	Aqui torna a haver dilação para municionar novamente.	
11.º	Da Palma ás Flores.....................	4
	Antes de chegar ás Flores fica o sitio chamado Tambores, aonde se aparta um caminho á esquerda que vai para o Maracás.	
12.º	Das Flores á Capivara...................	6
13.º	Da Capivara ás Araras...................	7

14.°	Das Araras á barra do Rio de Una, que entra no Parauassú.....................	5
15.°	Do Rio de Una á passagem do mesmo rio..	9
	Aqui principia a travessia da Chapada.	
16.°	Da passagem de Una ao rio Giboia......	3
17.°	Da Giboia até o fim da Chapada........	4
	Meia legua de distancia do fim da Chapada fica a passagem do rio Parauassú, que é principio dos Geraes.	
18.°	Do fim da Chapada ao fim dos Geraes.....	7
19.°	Do fim dos Geraes até a passagem do rio das Contas grande......................	5
	Aqui fica um curral intermedio, onde se faz terceira vez provisão de carnes e farinhas.	
20.°	Do Rio das Contas grande ao Ribeirão.....	4
21.°	Do Ribeirão ao Mato Grosso.............	5
		105

Aqui finda a viagem das minas do Rio das Contas, por ser este sitio de maior concurso, e onde se principiou ajuntar gente n'aquelles districtos, e a elle vão os comboeiros vender os generos dos seus combois, e d'aqui mudam aquelles homens os ranchos para as partes em que mineram.

Antes de chegar ao Mato Grosso, se aparta o caminho das Minas Geraes, á esquerda, passando pelo sitio chamado os Crioulos, que é uma fazenda de gado.

Rio das Contas pequeno chamam variamente a qualquer dos riachos d'esta vizinhança, sendo toda esta porção d'aquelle sertão nomeada por districto do Rio de Contas.

Do Mato Grosso aos Crioulos, no caminho das Minas Geraes, são cinco leguas.

Do Mato Grosso ao riacho em que minerou o Paulista Raposo, são tres leguas.

Do Mato Grosso aos descobrimentos novos *T* são quatro dias de jornada.

Do Mato Grosso aos descobrimentos *ZZ* são tres dias de jornada.

Do Mato Grosso, que está em 13° e 57' de latitude austral, e em 342° e 16' de longitude á barra do Rio das

Contas, na costa do mar, que fica na latitude de 14° e 15', e na longitude de 345°, há pelo plano do Mappa 50 leguas.

Mas por operação trigonometrica, feita pelas differenças de latitude e longitude, que ha entre estes dois logares, são sómente 47 leguas.

Porém pelos rodeios, que faz o rio, ou ainda que se queiram afastar d'elle, pelas voltas a que obrigará o mato, serranias, e os mais impossiveis, seguramente fazem mais de 100 leguas de marcha.

Pela conta dos mineiros e sertanejos, que cruzam este caminho das minas, ha variedade nas distancias ou suas leguas; mas, ao todo assentam quasi todos — que são 120 leguas da Cachoeira ao Mato Grosso, sendo pelo que se vê d'esta relação 105 : é verdade que aquella gente, pelo que observei nos muitos que encontrava pelo caminho, não especula, não faz mais averiguação, que a que lhe importa á sua viagem : e assim a discrepancia que se achar no mappa e suas relações, a qualquer outro mappa, ou noticia de algum curioso ou practico, facilmente se póde attribuir a engano da sua idéa, ou menos acerto da fantazia, porque o vagar com que por este caminho a cada passo notava no papel o que me parecia memoravel e preciso para a execução d'esta diligencia, os dias que perdia da viagem para observar a altura do Pólo, e o ter feito por muitas vezes similhantes operações, me não fez persuadir a que sendo uma só verdade, houvesse (com estas circumstancias tão conducentes a ella) de erral-a, e que algum sem ellas acertasse. Bahia, 15 de Fevereiro de 1721.—*Miguel Pereira da Costa*.

CARTA

ESCRIPTA POR

D. Francisco de Assis Mascarenhas

No dia em que deu posse do Governo da Capitania de Goyaz

A

Fernando Delgado Freire de Castilho

Nomeado seu successor

Illm. e Exm. Sr.—Permitta V. Ex. que eu tenha a honra de apresentar-lhe, em observancia das Reaes ordens, umas breves reflexões sobre o estado actual da Capitania de Goyaz, cujo governo eu largo, vindo V. Ex. succeder-me.

Mineração

Esta Capitania é talvez a unica do Brazil que tem a especialidade de conter em seus limites, além de muitas minas de ouro, as melhores matarias, muito ferteis campinas, e dois grandes rios navegaveis, que lhe offerecem uma communicação facil com a do Grão-Pará. E' verdade que as minas têm experimentado consideravel decadencia desde muitos annos: as conhecidas, por se acharem cançadas,

dão já muito limitados interesses, ou para melhor me explicar, o pequeno numero de escravos que ha na Capitania não permitte o estabelecimento de serviços mais custosos e adaptados á sua natureza, para se tirarem aquellas utilidades que ainda poderiam offerecer-nos. Quanto porém ás minas até agora por descobrir, mas que muito bem fundamentadas opiniões indicam a sua existencia no centro d'este vasto continente, tem obstado á sua exploração, em primeiro logar o genio pouco activo, e sempre inclinado ao ocio, dos Brazileiros, especialmente dos habitantes d'esta Capitania; em segundo logar os infelizes resultados, e grandes despezas que tiveram os ultimos descobridores, entre os quaes se faz especial menção de um Bulhões, natural do Corrego de Jaraguá, que inteiramente ficou arruinado com toda a sua familia, dissipando nas suas inuteis tentativas um consideravel patrimonio, que lhe haviam deixado seus antepassados; sendo estes motivos assaz poderosos para se não arriscarem outros exploradores aos mesmos infelizes descobrimentos e trabalhos asperos e perigosos: o que sempre servio de intimidar a povos em que concorrem as circumstancias de um genio extremamente frouxo, e de temperamento o mais fleugmatico.

O novo descoberto dos Anicuns offerece com tudo uma grande ressurça a estes povos; e n'ella tem collocado (não eu mas sim os enthusiastas da mineração) as mais consoladoras esperanças do futuro melhoramento d'esta Capitania. O juizo que eu tenho formado sobre as ditas minas, a historia do seu descobrimento, e diversas administrações que tem tido, constarão a V. Ex. das minhas informações para a côrte com as datas de 12 de Fevereiro, e de 24 de Julho do presente anno, e de muitos outros papeis avulsos concernentes ao mesmo objecto, que serão logo apresentados a V. Ex. pelo digno Secretario d'este governo José Amado Grehon, querendo V. Ex. examinal-os. Do ministerio não tenho recebido ordem alguma pertencente á administração das minas, afóra o Alvará de 13 de Maio de 1803, que se guarda n'esta Secretaria, e que ainda se não deu á execução, como será notorio a V. Ex.

Agricultura, navegação e commercio

Talvez que o Principe Regente Nosso Senhor, persuadido que esta Capitania poderá mais facilmente restaurar-se pelo meio da sua agricultura e commercio com a do Grão-Pará, por isso tenha mandado promover, como efficazmente se promovem estas inexhauriveis fontes da riqueza, da abundaucia e da felicidade publica dos Estados. Ao que attendendo V. Ex., parece-me que ficarará certificado que as primeiras vistas dos Governadores de Goyaz devem recahir especialmente sobre estes objectos, que são de tanta consideração, como os unicos que podem felicitar esta Capitania, fazendo-a chegar a um estado de opulencia talvez superior áquelle que actualmente gozam ainda algumas Capitanias de beira mar, que florecem do commercio.

As instrucções dadas a D. João Manoel de Menezes, no Aviso da Secretaria d'Estado dos Negocios Ultramarinos de 10 de Janeiro de 1799, recommendam muito particularmente a este Governador a navegação dos rios Araguaia e Tocantins, e o commercio d'esta com a Capitania do Grão-Pará. A Carta Régia de 7 de Janeiro de 1806, em resposta ao meu officio de 7 de Outubro de 1804, concede inteira isenção de dizimos por dez annos a quem fôr estabelecer-se ao longo das margens dos mencionados rios, e ainda tres leguas em distancia d'ellas: na mesma Carta Régia se reconhece a agricultura como a solida base da felicidade publica, e me é positivamente recommendado o seu adiantamento n'esta Capitania. Porém, apezar de todos os meus esforços praticados ácerca d'estes objectos, V. Ex. verá com magoa o estado de atrazamento, a que se reduz por ora a communicação das duas Capitanias; asseverando eu a V. Ex. que a do Pará tem sido causa de não terem ido adiante projectos de tanta utilidade, como bem se prova da minha correspondencia com o actual Governador d'aquelle Estado, que tambem será apresentada a V. Ex. pelo já mencionado Secretario do Governo.

Igualmente sirva-se V. Ex. de examinar as tabellas estatisticas remettidas para a côrte no anno de 1806, e as duas Memorias, que as acompanharam, escriptas pelos

Desembargadores Cid e Segurado, o meu officio de 15 de Maio para o Conselho Ultramarino, e diversas outras cartas minhas sobre os mesmos objectos, que serão indicadas a V. Ex. no indice junto; e conhecerá então com toda a evidencia o estado da Capitania, que vem governar, quanto á sua população, commercio e agricultura, seu assento topographico, canaes de exportação com que a Providencia a enriquecêra, se ella quizesse ou tivesse podido aproveital-os; e conhecerá igualmente quaes foram as origens da sua decadencia, e quaes serão os meios proprios de remedial-a: sendo certo que o Principe Regente Nosso Senhor, sempre prompto em promover o bem dos seus vassallos, querendo felicitar os d'esta Capitania pelos modos acima ditos, foi servido crear pelo Alvará de 18 de Março de 1809 a nova Comarca do Norte, não só para dar áquella parte da Capitania mais remota uma administração de justiça mais regular, e menos sujeita ás fraudes, abusos e usurpações dos Juizes leigos, fontes proximas de innumeraveis desordens, e do desassocego publico; mas tambem, e muito especialmente, para pôr á testa da dita repartição, a mais contigua á Capitania do Pará, um magistrado habil e um commandante activo, que tambem foi servido nomear, encarregando-os do já mencionado commercio, da navegação dos rios, e do adiantamento da agricultura; determinando mais a creação de uma villa, cabeça da mesma comarca, mandada situar junto á foz do Araguaia e Maranhão, afim de se facilitarem a um tempo as communicações do Sul e Norte d'esta Capitania : e sendo estas providencias de tanta utilidade, como tenho ponderado á V. Ex., julgo indispensavel promover já com a maior efficacia a execução de outras intermediarias, sem as quaes nada se póde conseguir a meu vêr. Devem-se destinar desde agora as pessoas ou familias, que não tendo estabelecimento na repartição do Norte pela sua pobreza ou ociosidade, não fazendo falta á Capitania, antes vão utilizal-a, indo formar a povoação da nova villa que se manda crear, convidando ou obrigando outras do Pará ao mesmo fim; para o que é necessario que o Governador de Goyaz se entenda com o do Pará. ao que já dei principio na minha carta de 7 de Outubro. E' tambem indispensavel fornecer estes novos povoadores das ferramentas proprias

para os trabalhos do campo; é necessario conduzir-lhes os gados para os mesmos trabalhos e para a sua subsistencia; é necessario abrir picadas no sertão, porque as conducções por agua são impossiveis; é necessario crear uma força armada, que a Capitania não tem, para proteger os novos estabelecimentos do Porto Real do Pontal, sendo o mais interessante, e aquelle em que eu já tenho principiado a cuidar, o presidio da barra do rio—Manoel Alvares Grande —ordenado pelo Aviso da Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra de 26 de Maio, e que servirá como de ponto médio para facilitar a communicação da nova villa e o dito Porto Real; são necessarias emfim outras muitas providencias, se bem que menos interessantes, sobre as quaes informarão a V. Ex., á vista das circumstancias do local, o novo Ouvidor Segurado e o Coronel José Manoel.

Cumpre observar á V. Ex., que seria necessario representar ao Principe Regente Nosso Senhor, que augmentando-se as despezas da Fazenda Real com aquelles objectos de tanta consideração, e tão positivamente recommendados pelo mesmo Real Senhor, é tambem indispensavel destinar positivamente alguns rendimentos para os referidos objectos, e que nenhuns outros podiam melhor applicar-se na occasião presente, sem prejudicar ao Real serviço, e aos filhos da folha já bastantemente atrazados em seus pagamentos, do que a modica quantia que costuma exceder annualmente á de tres arrobas do rendimento do Quinto, mandadas applicar para as despezas da Capitania pela Provisão de 12 de Agosto de 1807; o qual excedente ainda se remette para a de Mato Grosso, podendo com muito maior vantagem ser ella indemnizada das mencionadas sobras, que se iriam empregar proveitosamente nas despezas com os novos estabelecimentos do Norte, fornecendo-lhe o equivalente ou a Capitania de Minas Geraes, ou a de S. Paulo, que se acham agora em muito melhores circumstancias de prestarem soccorros do que esta, actualmente tão falta de forças, como ao mesmo Senhor é bem notorio em consequencia das minhas tão repetidas como verdadeiras representações.

Fazenda Real

Sim, V. Ex. ficará conhecendo o estado actual da administração da Real Fazenda, examinando as minhas representações dirigidas ao Principe Regente Nosso Senhor pelo seu Real Erario em data de 15 de Setembro de 1806, e a já mencionada Provisão de 12 de Agosto de 1807, que approva as ditas representações; e isto mesmo ainda mais circumstanciadamente conhecerá V. Ex. pelo conteudo na collecção de ordens concernentes a este objecto, a qual deverá ser apresentada a V. Ex. pelo actual Escrivão da Junta Raymundo Nonato Hyacinto. Ora, se bem que a receita presentemente andè no mesmo equilibrio com a despeza; comtudo, a Real Fazenda se acha ainda empenhada, pois como quer que se demorasse a ordem expedida em consequencia dos meus officios, por onde o Principe Regente Nosso Senhor approvava que os filhos da folha preteritos effectuassem os seus pagamentos nos bens das execuções já feitas, ficando o actual rendimento para os actuaes, proveio d'aquella demora que os segundos credores sem distincção entrassem, segundo o costume, em igual concurrencia com os primeiros na arrematação dos referidos bens, e que da mesma sorte os primeiros fôssem admittidos promiscuamente com os segundos a se pagarem pelas rendas que sómente para estes se deviam applicar, e de um tal principio resulta toda a desordem da sua administração: e ainda que V. Ex. poderia obstal-a, fazendo praticar a expressada ordem a exemplo da mesma côrte do Rio de Janeiro; para evitar collusões, eu julgaria mais seguro fazer corroborar o indicado plano com uma nova Real determinação.

A falta de moeda provincial, que venha supprir a circulação do ouro em pó, tem obstado até o presente a execução do Alvará do 1.° de Setembro de 1808; e esta providencia, que eu já requeri no meu officio de 4 de Agosto, tambem deve ser lembrada por V. Ex., como muito importante aos Reaes interesses, e á causa publica.

Parece-me que será difficultoso diminuir as despezas

da Real Fazenda, e economizar melhor a sua receita, além do que se acha representado nos meus sobreditos planos, que mereceram a Real approvação. Porém a grande capacidade e luzes de V. Ex. talvez possam descobrir outros meios mais faceis e mais vantajosos para o melhoramento do Real patrimonio n'esta Capitania; objecto este, em que os Governadores de Goyaz, assim como todos os outros, devem empregar toda a vigilancia e circumspecção.

Depois de ter offerecido á consideração de V. Ex. as minhas reflexões sobre os objectos de maior importancia relativos á administração publica d'esta Capitania, continuarei a discorrer da mesma sorte sobre outros pontos, que tambem não deixarão de merecer a attenção de V. Ex., e são os seguintes.

Policia

A Camara de Villa Bôa, sendo até agora a unica d'esta Capitania, administrava inteiramente as rendas de todos os julgados; porém a Camara, composta de Vereadores indolentes, e presidida por Juizes leigos, além de indolentes, ignorantissimos, de tal modo confundio as contas de seus rendimentos, e deixou de receber ou de cobrar os que lhe competiam, que, durante todo o tempo do meu governo, não só não pôde edificar uma só obra publica, mas nem ainda lhe foi possivel reparar aquellas que já se achavam construidas em beneficio do publico, e que o tempo havia deteriorado. Para remediar pois a estes males, bem como a outros de igual ou maior consideração, foi o Principe Regente Nosso Senhor servido, annuindo ás minhas representações, crear para esta villa um Juiz de Fóra do Civel e Orphãos, Provedor dos Auzentes, e Procurador da Real Fazenda; abolindo juntamente o inutil emprego de Intendente do ouro de Goyaz. V. Ex. verá, tambem, e são consequencias do que acima disse sobre a indolencia dos Juizes e Vereadores da Camara d'esta villa, verá digo, a maior parte das suas ruas mal alinhadas e mál calçadas; as pontes precisando concertos indispensaveis; e a Camara sem meios de satisfazer as despezas

d'elles. O novo Juiz de Fóra a tudo isto tem obrigação de attender logo debaixo das ordens de V. Ex., a quem igualmente deverá apresentar os balanços da receita e despeza da mesma Camara, conforme as mencionadas instrucções dadas a D. João Manoel de Menezes, § 5.°

Não é alheio d'este logar informar á V. Ex. sobre a nova estrada que mandei abrir na parte do Norte d'esta Capitania para facilitar a communicação da côrte do Rio de de Janeiro com a cidade do Pará, em virtude dos Avisos da Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra de 12 de Setembro de 1808, e de 8 de Abril de 1809. São diversas as providencias que tenho dado a este respeito; porém V. Ex. póde dispensar-se á leitura de papeis fastidiosos, examinando a minha ultima informação para o Ministerio, de 31 de Julho de 1809, a qual contém resumidamente quanto tenho praticado n'este objecto. Nas sobreditas Ordens Régias se recommenda esta diligencia como de muito interesse para o Real serviço, a qual por tão poderoso motivo V. Ex. não deixará de proteger tambem efficazmente. O Coronel José Manoel da Silva e Oliveira deve ser nomeado Inspector da nova estrada, e encarregado da direcção dos correios do Porto Real para o primeiro estabelecimento do Pará, e no seu regresso para o ultimo d'esta Capitania, na parte em que ella extrema com a de Minas Geraes. Creio que V. Ex. receberá brevemente instrucções mais circumstanciadas sobre o estabelecimento de um correio periodico para a mesma Capitania do Pará, e tambem para a de Mato Grosso; e no entanto devem subsistir as providencias já dadas, e approvadas pelo mencionado Aviso de 8 de Abril de 1809.

Conservação das aldêas

Tambem merecerá alguma parte da attenção de V. Ex. no governo d'esta Capitania a conservação das aldêas de Indios de S. José de Mossamedes, Maria I, Carretão, Sant'Anna e suas annexas, as quaes, se bem tenham custado em diversas épocas grandes sommas á Real Fazenda, agora pouco ou nada com ellas se despende e apezar de que

a opinião mais seguida é que taes estabelecimentos devem ser abolidos, comtudo, pelo contrario será sempre o meu parecer; pois que as ditas aldêas vigiando-se cuidadosamente na sua administração economica, podem fornecer por um pequeno interesse a gente sufficiente para a tripolação das canôas que navegarem para o Pará; esta gente é a melhor que se conhece para o serviço dos rios, e muito bem se póde empregar n'outro interessante serviço, qual seja o de povoar os novos presidios que se houverem de crear sobre as margens dos rios Araguaia e Maranhão, sendo quasi impossivel achar outra gente mais capaz, e de constituição mais analoga aos trabalhos e clima d'aquellas paragens.

Civilisação dos Indios

Ora, pelo que respeita á civilisação dos Indios silvestres, nunca seria o meu voto que ella se procurasse á força descoberta; julgo muito mais conveniente aos fins que nos propomos, lançar primeiro mão dos meios da brandura: conseguindo V. Ex. que este systema seja seguido com constancia pelos encarregados das suas ordens, eu afianço o bom resultado das diligencias que se praticarem, e que V. Ex. alcançará antes de muito tempo novos vassallos ao Principe Regente Nosso Senhor, e novos filhos a Santa Igreja Catholica. Relativamente a este objecto achará V. Ex. os mais solidos principios de religião e de Politica nas muito sabias Instrucções dadas pelo Senhor Rei D. José 1, de gloriosa memoria, ao Governador e Capitão General d'esta Capitania José de Almeida Vasconcellos, que se guardam na Secretaria d'este Governo, juntamente com as Instrucções do mesmo General ao Governo interino que lhe succedeu, e que tambem mereceram os elogios das pessoas mais entendidas n'esta materia.

Estado Militar

Tenho reservado para a ultima parte de tão extensa carta algumas compendiosas reflexões sobre o estado militar d'esta Capitania que brevemente será felicitada com o

prudente e illustrado governo de V. Ex., occorreu-me, que tudo quanto ha de mais interessante em tal objecto, havia eu já representado na minha informação de 20 de Junho de 1808, remettida á Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, a qual informação, em virtude do Régio Aviso de 15 do Março do mesmo anno, é V. Ex. obrigado a repetir annualmente com as alterações, que a mudança das circumstancias houver feito necessarias.

Taes são, Illm. e Exm. Sr., os meus verdadeiros sentimentos sobre o governo d'esta Capitania em cada uma das partes da sua administração. E' quanto puderam alcançar meus limitados talentos e ainda mais limitados conhecimentos, restando-me sómente a consolação de haver cumprido um dever, talvez não cumprido por muitos nas minhas circumstancias, e de considerar a V. Ex. revestido de tanta paciencia e bondade, que facilmente desculpará os immensos defeitos que encontrar nesta pequena obra, filhos sim da minha insufficiencia, porém que nada tiveram de maliciosos.

Deus guarde a V. Ex. Villa Boa... de Novembro de 1809. Illm. e Exm. Sr. Fernando Delgado Freire de Castilho.

D. Francisco de assis Mascarenhas.

P. S. Julgo conveniente, ao fim que me proponho n'estas instrucções, apresentar com ellas a V. Ex. o mappa junto, no qual á primeira vista d'olhos conhecerá V. Ex. o estado politico, ecclesiastico e militar da Capitania de Goyaz, seu commercio, agricultura, e população, etc.

Indice das Ordens e Officios relativos á Carta retro

	Folhas
Officio de 12 de Fevereiro ao Exm. Sr. Conde de Aguiar, sobre o descoberto dos Anicuns. Liv. 1.° de Contas para a côrte do Rio de Janeiro......	49
Dito de 24 de Julho sobre o mesmo objecto. Dito Livro....................................	67 v.
Instrucções dadas a D. João Manoel de Menezes. Liv. A................................	3 »

	Folhas
Carta Régia de 7 de Janeiro de 1806, sobre isenção de Dizimos. Liv. 9......................	42
Officio ao Exm. Sr. Conde de Anadia, em que se pede a providencia supra. Liv. 1.° de correspondencias para a côrte de Lisboa..............	12 v.
Memoria escripta pelo Desembargador Segurado. Dito................................	123 »
Dita escripta pelo Desembargador Cid. Dito.....	130
Officio de 15 de Maio de 1806, a que acompanharam as ditas Memorias. Dito...............	128 v.
Officio ao Governador e Capitão General do Pará, em que se remette o Alvará de creação da Comarca do Norte, etc. Liv. 1.° de correspondencias para a côrte do Rio de Janeiro..........	87 »
Aviso ao Exm. Sr. Conde de Linhares, de 26 de Maio, para se crear um presidio na barra do Rio Manoel Alvares Grande. Liv. 1.° de Registro de Ordens Régias expedidas da côrte do Rio de Janeiro..................................	19
Officio de 4 de Agosto ao Exm. Sr. Conde de Aguiar sobre a providencia da moeda. Liv. 1.° de correspondencias para o Rio.............	86 v.
Aviso ao Exm. Sr. Conde de Linhares sobre a abertura da nova estrada. Liv. 1.° de Ordens Régias................................	2 »
Officio de 31 de Julho, ultimamente dirigido ao Exm. Sr. Conde de Linhares sobre a mesma estrada................................	75 »
Aviso ao Exm. Sr. Conde de Linhares em data de 12 de Setembro, que approva as providencias interinas dadas sobre o correio extraordinario do Pará. Liv. 1.° de Ordens Régias.........	4
N. B. Taes representações foram dirigidas ao Conselho Ultramarino em 31 de Janeiro de 1805, e estão copiadas no Liv. 1.° de correspondencias para a côrte de Lisboa......................	15 v.
Repetiram-se em 24 de Outubro de 1808 ao Exm. Sr. Conde de Aguiar, e estão copiadas no Liv. competente...............................	5

As Instrucções dadas a José de Almeida Vasconcellos, e as d'este ao Governo interino, estão encadernadas na Secretaria do Governo; e na mesma Secretaria, além das Ordens e Representações indicadas no presente indice, que são as de maior consideração e utilidade para o conhecimento d'esta Capitania, e sua actual administração, tambem existem outras muitas, as quaes serão apresentadas a S. Ex. logo que fôr mister examinal-as.

COPIA

Extrahida do Livro 1° do tombo da Freguezia de S. João Baptista de Queluz

PROVINCIA DE S. PAULO

Noticia da fundação e principios d'esta Aldêa de S. João de Queluz

No anno de 1800, havendo precisão de prover e dar estabelecimento a uma corporação de Indios selvagens, que, deixando as brenhas, foram reduzidos a vir habitar com o povo civilisado; e não apparecendo sitio mais proprio de sua accommodação do que as terras fronteiras á Freguezia das Arêas, sobre o Parahiba; ahi se lhes consignou uma porção d'ellas para sua morada, em que tambem se mandou erigir uma igreja matriz, e arruamento de casas, com o titulo de— Nova aldêa de S. João de Queluz.

Os mencionados Indios na sua barbaridade occupavam de tempos immemoriaes seis leguas de matas, sobre duas de largo, que n'esta Capitania de S. Paulo se acham entre a serra da Mantiqueira e o rio Parahiba. Alli nos mais reconditos logares tinham ligeiras cabanas de suas residencias; plantavam pouco, tirando seu alimento principal da caçada; não usavam de vestuario, á excepção dos pannos da honestidade, trazendo em nudez o restante do corpo. Fallavam um idioma totalmente diverso da lingua geral Brazilica; não tinham commercio com homens de outra côr differente da sua, aos quaes reputavam por inimigos;

e sómente com outros partidos de Indios da mesma côr e linguagem, que ha pelo sertão abaixo, communicavam de algum modo. Não conheciam lei alguma positiva; rejeitavam toda a especie de sujeição, e o governo temporal, em tanto que os mesmos filhos não tinham aos paes a devida obediencia, que a razão natural prescreve.

A respeito de religião criam que ha Deus, auctor de todas as cousas, mas não lhe davam culto; sabiam que a alma do homem é immortal; porém se allucinavam persuadidos que todas, apartando-se dos corpos na morte, sem differença de merito ou demerito iam para o Céo; e por isso a unica ceremonia entre elles praticada era pôrem nos sepulchros dos mortos uma escada, querendo significar com isto a subida das almas para o Céo.

Estes barbaros, de que se trata, entre os outros eram denominados *Purís* ou *Packís*, palavra que, segundo elles mesmos interpretam, quer dizer— gente mansa ou tímida — como na verdade o eram; porque embrenhando-se algumas pessoas nossas pela mata de sua assistencia em busca da raiz medicinal chamada *Poaia;* e dos mesmos Indios sahindo varios até as extremidades do seu districto, não raras vezes acontecia terem encontro com a gente do paiz, em cujas occasiões o mais commum era partirem a correr; e o mais que chegavam a fazer era arrebatar-lhes das mãos, quando o não podiam fazer furtivamente, as ferramentas de que necessitavam para seus usos, sem constar jámais que matassem alguem.

Não obstante porém haver-se observado que não tinham aquella ferocidade que se encontra nos outros nacionaes selvagens, ninguem todavia ousava chegar, como se desejava, até seus alojamentos, para os persuadir, mover e obrigar a deixarem sua barbaridade. Uma vez que eram vistos armados de arco e flecha, temia-se que elles occisivamente defendessem a entrada nos seus contornos; e que se mostrassem n'este lance muito outros do que tinham parecido em differentes occasiões.

Taes eram as circumstancias, quando chegou a governar esta Capitania de S. Paulo o Illm. Exm. Sr. General Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, de quem foram os primeiros empenhos trabalhar na conquista e

reducção d'estes barbaros e infieis. Não tardou em dar á execução o seu projecto; porque logo depois da sua chegada elegeu em chefe, incumbiu, e enviou a esta diligencia o Capitão Domingos Gonsalves Leal, dando as providencias para ser municionado de gente ou mantimentos, como fôsse necessario.

O Capitão Domingos Gonsalves Leal começou e proseguiu a empreza com muito calor, zelo e actividade. Abriu ao longo do sertão um caminho, que visto pelos Indios bastou para os aterrorisar, e dispol-os á entrega. Fez primeira entrada de gente aos seus alojamentos, e aprehendeu de emboscada sete pessoas, que enviou, como primicias do seu trabalho, ao Illm. Sr. General á cidade de S. Paulo. Fez segunda entrada, e presionou dez, que trazendo até o rio Parahiba, os fez passar á outra parte, onde os tratou com muita humanidade.

Veio entre estes um Indio ancião, que se distinguia entre os mais por sua sagacidade e resolução nas suas deliberações. Chamava-se Vuti, e os paizanos o appellidaram Mongo. A este persuadiram, e á condição de serem pelo tempo bem tratados convenceram, que fosse reduzir aos outros que se achavam pelas matas a virem aldear-se. Prometteu Vuti, e embrenhando-se nas matas, no dia determinado trouxe os Indios, que por parcellas vieram chegando com suas mulheres e filhos, que todos juntos completaram o numero de 86 individuos. Por adorno traziam o corpo tinto de vermelho, os hombros e cabeça emplumada; ao chegar depunham as armas, e se rendiam pacificamente. Foram passados á outra parte do rio Parahiba, e ahi retidos até se determinar o seu estabelecimento; ministrando-se-lhes entretanto com profusão o alimento, e o mais que era possivel para lhes attrahir os agrados.

Sem embargo d'isto, quando elles viam alguns dos seus morrer da peste que os acomettia n'este logar, se punham algumas vezes em fuga para os sertões; mas elles tem sido reduzidos a tornar, pelas diligencias e industria de Januario Nunes da Silva, a quem pela mesma causa o Illm. Sr. General constituiu Director dos Indios aldeados. Mongo foi o unico que depois de trazer os outros se retirou, sem se lhe poder mais dar alcance: tornando depois de muito tempo á

esta aldêa, n'ella se não demorou mais de quinze ou vinte dias, e fugiu levando comsigo outro homem já idoso, com o qual se suppõe andar vagando pelos bosques.

D'este modo, sem haver sangue nem perda de pessoa alguma de uma e de outra parte, se conseguiu a conquista dos barbaros Puris, que hoje em dia estão sujeitos á corôa de Portugal.

O Illm. e Exm. Sr. Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, cheio de satisfação pelo exito feliz da sua empreza, cuidou logo em fixar a residencia d'estes novos vassallos, e em fazel-os catechizar para serem filhos da Santa Igreja, provendo-os de tudo que lhes era necessario, tanto no temporal como no espiritual.

No temporal consignou-lhes de terras para sua moradia e lavouras tres quartos de legua, que se comprehendem entre os rios das Cruzes e Intupído, que ambos descem da serra da Mantiqueira ao Parahiba; passando-lhes carta de sesmaria, que está registrada na Camara da villa de Lorena; mandando dar posse judicial, que em nome dos Indios tomou o seu Parocho e Director. Enviou-lhes ferramenta para trabalhar, e vestuario para poderem apparecer com decencia; e ordenou ás Camaras vizinhas que os assistissem de mantimentos em quanto não podessem colher de suas lavouras.

No espiritual, nomeou e pediu um sacerdote para os catechizar, e exercer com elles o ministerio parochial; o que lhe foi benigna e liberalmente concedido pelo Exm. e Revm. Sr. Bispo d'esta Diocese D. Matheus de Abreu Pereira, mandando passar ao mesmo sacerdote nomeado provisão de Parocho, com ampla faculdade para poder dispensar nos impedimentos do matrimonio aos neophytos. O Illm. e Exm. Sr. General o providenciou dos ornamentos necessarios para a celebração do santo sacrificio da missa, e lhe fez arbitrar na Real Junta 150$000 de congrua annualmente, além dos guisamentos.

O primeiro logar que houve n'esta aldêa, destinado para a celebração dos santos misterios, foi um oratorio de quarenta e cinco palmos de comprido e trinta de largo, em que se inclue capella e ambito para os assistentes, sachristia e baptisterio: tudo fabricado a expensas do seu primeiro

Parocho, com algum adjutorio, que prestou o Director Januario Nunes da Silva, fazendo a telha, e apromptando as madeiras grossas sem estipendio de seu trabalho.

Foram estes os principios d'esta nova Aldêa de S. João de Queluz, que para a todo o tempo constar aqui escrevi aos 12 de Junho de 1802.—O Vigario Francisco das Chagas Lima.

BREVE NOTICIA

DA

Primeira planta de café que houve na Comarca de Caravellas

AO

SUL DA PROVINCIA DA BAHIA

ESCRIPTA SEGUNDO DADOS AUTHENTICOS

POR

João Antonio de Sampaio Vianna

Juiz de Direito da mesma Comarca, em Junho de 1842

Conversando eu muitas vezes com o Capitão Manoel da Silva Chaves Senior, natural e morador de Villa Viçosa, Comarca de Caravellas, de idade de 68 annos, e muito versado na agricultura do paiz, *por ser n'esse officio que lhe nasceram os dentes*, como elle mesmo se explicava; fallou-me em certa occasião do grande uso que hoje aqui se fazia da bebida do café, côusa totalmente desconhecida na sua mocidade, sendo uns Missionarios Italianos que primeiro alli appareceram com similhante bebida. Movido pela curiosidade de saber d'estas noticias, para d'ellas colher alguma utilidade, perguntei mais por miudo algumas cousas ao dito Capitão Chaves, e elle me contou o seguinte; —Que tendo de idade 12 ou 13 annos, pouco mais ou menos, appareceram em Villa Viçosa, e se hospedaram em

casa de seu pai, dois Missionarios Barbadinhos Italianos, um por nome Fr. Marcello, e outro Fr. Pedro, os quaes vieram do Sul, e por terra, afim de prégarem a Missão n'esta Comarca. Traziam elles comsigo um preto, que duas vezes por dia torrava uns grãos, e moendo-os depois em um pequeno moinho de pau, preparava a bebida, que, com assombro de todos os moradores de Viçosa, bebiam os ditos Frades; e elle Capitão, então bem moço, pediu até alguns tragos da dita bebida, que provou pela primeira vez. Manoel Fernandes Norinho, tio paterno do Capitão Chaves, informado pelos ditos Missionarios de ser o café producto do Brazil, onde prosperava summamente, obteve meia duzia de grãos, e por curiosidade os plantou no seu sitio do Sacco, uma legua distante d'esta Villa Viçosa. Os Missionarios, depois de prégarem a palavra evangelica, seguiram por terra para Porto Seguro; e, anno depois, colheu o dito Norinho para mais de meia arroba dos poucos pés de café, que cresceram espantosamente, e alli se conservaram produzindo outros muitos até hoje, que sendo o dito sitio do Sacco propriedade do Capitão Chaves, eu a elle fui muitas vezes, e alli vi, no meio de capoeiras, muitos troncos de velhos cafezeiros já abandonados de todo. A principio só teve aqui essa planta o mencionado Norinho; poucos annos depois da retirada dos Missionarios, e introduzido o uso do café por algumas pessôas, que da Bahia e Rio vieram estabelecer-se aqui com plantações de mandioca, foram mui procuradas essas plantas do café, e o citado Norinho, unico que as possuia então, as vendia por 20$000 o milheiro dos pequenos arbustos. Annos depois cessou a venda, e gratuitamente obtiveram todos quantos se deram a esse cultivo a planta do café, que prodigiosamente produziu aqui sem grande amanho. Os primeiros colonos que vieram fundar a Colonia Leopoldina, sita nas margens do rio Peruipe, d'esta Comarca, já encontraram abundancia de cafezeiros, e finalmente obtiveram muitos mil pés d'essa preciosa planta para formarem seus estabelecimentos agricolas, e hoje em dia a Colonia Leopoldina por si só, em anno de bôa colheita, exporta para o Rio e Villa Viçosa cêrca de 40 mil arrobas de café, mui procurado, e preferido mesmo, segundo dizem, ao melhor

do Rio de Janeiro. N'esta comarca o uso da bebida do café está tão generalisado, que ricos e pobres, pretos e Indios, todos o tomam muitas vezes no dia, e a Comarca de Caravellas promette para o futuro tornar-se assás importante pela grande exportação de café, visto que hoje muitos lavradores de mandioca abandonaram esta, e plantam o café. Aos Missionarios Italianos devem pois a Comarca de Caravellas e a Provincia da Bahia o plantio do café, que hoje constitue o principal ramo da riqueza d'esta Comarca: á curiosidade do velho Manoel Fernandes Norinho, tio do Capitão Manoel da Silva Chaves Senior, em cuja casa escrevo eu esta breve noticia, se devem tambem os beneficios que a Provincia e o Estado colhem de tão util producção. Tomei estes apontamentos para offertal-os ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, associação respeitavel, e para cuja gloria muito se devem interessar todos os patriotas Brazileiros, e em geral os homens scientificos de todas as nações. Infelizmente para mim, exilado em um paiz totalmente baldo de tudo, não posso eu satisfazer ao ardente e incessante anhelo que nutro de corresponder á honrosa confiança de tão sabia associação, o que aliás procuraria fazer, se o terreno em que habito me proporcionasse meios de poder colher noticias interessantes á historia, á geographia, e á agricultura do paiz. Villa Viçosa, 20 de Junho de 1842. — *João Antonio de Sampaio Vianna*, Socio correspondente do Instituto.

DOCUMENTOS OFFICIAES

Illm. e Exm. Sr. —Para promover o commercio d'esta cidade para as Minas de Mato Grosso, de um modo proficuo a aquelles povos concentrados por uma tão longa distancia no interior d'este vasto continente, fornecendo-se-lhes por meio da navegação até hoje descoberta os generos necessarios e commodos á vida de que aquelle paiz carece, seja pelo seu clima e situação, seja pela falta de industria; e correspondentemente conseguir esta Capital e a Metropole commum aquella grandeza e luzimento que nasce da

riqueza, que é o nervo da organização dos Imperios civilisados e bem constituidos : será preciso, primeiro que tudo, remover os estorvos physicos e moraes, que obstam e difficultam a frequencia entre este e aquelle paiz, necessaria para o commercio poder ser vantajoso a cada um d'elles.

Pelo que não se podendo aplanar os saltos que o rio faz na sua corrente (a que vulgarmente chamam cachoeiras), os quaes difficultam por modo que não se pondera, e quasi impossibilitam uma navegação lucrosa e interessante; seja pelo atrazo que causam a uma viagem de si tão longa e penivel por um continente todo inculto, que não offerece occasião ao refazimento de viveres; seja pela necessidade de transportar aos hombros as cargas, e as mesmas canôas até vencerem-se os precipicios, de que resultam graves avarias e estragos nos generos e fazendas, com grande damnificação das mesmas canôas, que apenas mal podem fazer uma viagem : resta evitar pelos meios praticaveis alguns ao menos d'estes obstaculos, que vêm a ser :

O necessario estabelecimento de povoações de Indios e brancos no Salto do Theotonio e do Girau, coberta das invasões do gentio por um destacamento militar, cujo commandante obrigará aos novos colonos a cultivar, para prover por preço commodo os combois dos viveres necessarios, o qual deverá tambem auxilial-os com carros e bestas, e até gente para os transportes das cargas e canôas por terra, e para a equipagem das mesmas, sendo necessario; o que tudo fará praticar o sobredito commandante por paga proporcionada, não podendo esta soffrer uma alteração arbitraria, para que os proveitos de uma tal negociação abundem sobre as despezas da mesma.

Ultimamente para desavesar os mercadores das ditas Minas de frequentarem as estradas do Rio e Bahia, seria bom que, conservando-se para aquelles o direito, que chamam da contagem, aos que navegarem para esta cidade por alguns annos, por isso que esta mesma navegação tal e qual facilita muito mais os transportes do que a conducção por terra por cavalgaduras, e depois d'estes annos se extinga o dito direito relativamente ao ferro e aço, e instrumentos proprios á extracção do ouro, a qual interessa muito mais aos Reaes Quintos, e á riqueza geral de toda a

nação: não se esquecendo a franqueza que deve haver em se dar Indios em toda a parte, tanto que elles forem pedidos por paga, que as forças de um tal commercio possam admittir, fazendo-se, além de tudo, necessario que n'esta cidade hajam commissarios, que possam ter sempre um sortimento de fazendas e generos do consumo d'aquellas Minas, para que os mercadores que d'ellas descerem não receiem o não acharem de que fazer as suas carregações.

Isto é o que se nos faz lembrado para ponderar a V. Ex. em cumprimento das suas ordens, que V. Ex. melhor pensará, ajudado dos superiores talentos que ornam a alma bemfazeja de V. Ex.

Pará, 9 de Setembro de 1797.— Ambrosio Henriques. — João Antonio Rodrigues Martins.— Caetano Henriques Pereira.—Francisco Ferreira de Christo.— *Valentim Antonio de Oliveira e Silva.*

D. Fernando Antonio de Noronha, do meu Conselho, Governador e Capitão General da Capitania do Maranhão: Eu a Rainha vos envio muito saudar. Por quanto tenho determinado promover efficazmente a riqueza, a felicidade, e commodo dos habitantes d'essa parte do Brazil: Sou servida, além de outras providencias já dadas, dar outras para a communicação de umas Capitanias para outras, encarregando da sua execução e da direcção e inspecção de todos os trabalhos que requer a realisação do plano que mando pôr em pratica, o Governador e Capitão General da Capitania do Pará, D. Francisco de Souza Coutinho: E porque a sobredita communicação se ha de fazer pelos rios: Ordeno-vos que, conformando-vos como Quero e Mando-vos conformeis, com o que vos fôr proposto pelo referido Governador do Pará, e de accôrdo com elle, quanto ao tempo, e ao modo de principiar e proseguir os trabalhos necessarios, façaes explorar os rios que correm pelos districtos d'essa Capitania, e que vão levar as suas aguas ao Amazonas, e que por elles se façam descimentos em épocas

determinadas que vos annunciar o Governador do Pará, de sorte-que, em logar dado, venham a encontrar-se com as partidas que do Pará subirem pelos mesmos rios, afim de que, por este modo, se façam e continuem as explorações de todos os rios que do interior do Brazil vão desaguar n'aquella Capitania e suas costas, vindo assim a conseguir os precisos conhecimentos para se regular depois a mesma communicação: Confiando do vosso zelo pelo Meu Real Serviço, que executareis com actividade, promptidão e desvelo tudo o que para aquelle fim vos fôr proposto e ordenado pelo sobredito Governador e Capitão General, por quanto é por expressa Ordem Minha tudo o que elle emprender, e vos participar. O que vos Hei por ordenado, e mui recommendado, para que assim o cumpraes e façaes cumprir, não obstante quaesquer ordens em contrario. Escripta no Palacio de Queluz, em 12 de Maio de 1798.— PRINCIPE.

N'esta mesma conformidade se escreveu aos Governadores de Goyazes, Mato Grosso, Piauhy, e Ceará.

BIOGRAPHIA

Dos brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.

JORGE DE ALBUQUERQUE COELHO

Nasceu em a cidade de Olinda, capital do Estado de Pernambuco, no Brazil, a 23 de Abril de 1539. Foram seus progenitores Duarte Coelho Pereira, e D. Brites de Albuquerque, filha de D. Lopo de Albuquerque, e D. Joanna Bulhão e da Cunha. Desde os primeiros annos exercitou os seus marciaes espiritos em obsequio da Monarchia, consumindo a maior parte da sua fazenda, e derramando o proprio sangue em varias expedições que fez contra os Tamoyos e Francezes, que infestavam os portos do Brazil, de cuja astucia e valor alcançou repetidas victorias. Igual, ou maior valentia ostentou em Africa; pois sendo nomeado por El-Rei D. Sebastião Enfermeiro-Mór do Exercito, com que passou, no anno de 1578, ao campo de Alcacer, depois de ter recebido sete penetrantes feridas nas partes mais nobres do corpo, se encontrou com El-Rei a tempo que estava reduzido á ultima ruina o nosso exercito, e pedindo-lhe o seu cavallo, promptamente lh'o deu para n'elle salvar a vida de tão fatal calamidade. Atropellado Albuquerque pela cavallaria, foi conduzido do campo,

quasi agonisante, em um carro até a cidade de Fez, onde para ser curado das feridas lhe tiraram vinte ossos, de cuja violenta operação, que durou o largo espaço de sete mezes, tolerou com heroica paciencia horriveis dores, do que se seguiu andar quatro mezes sobre duas muletas, e no fim d'elles deixar uma, em 23 de Abril de 1582, pendente do altar de Nossa Senhora da Luz, para memoria do beneficio que da sua maternal clemencia recebêra. Casou duas vezes; a primeira em 18 de Dezembro de 1583 com D. Maria de Menezes, sua segunda prima, filha de D. Pedro da Cunha e D. Anna de Menezes, de quem teve uma unica filha. Por morte de sua mulher, succedida a 12 de Maio de 1585, passou a segundas vodas, a 25 de Novembro de 1587, com D. Anna de Menezes, filha de D. Alvaro Coutinho, filho de D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, e Vice-Rei da India, e de D. Brites da Silva, de quem teve a D. Brites de Albuquerque; Duarte Coelho de Albuquerque, Marquez de Basto, Conde e Senhor de Albuquerque, Gentil-homem da Camara de Felippe IV e do seu conselho, de quem se fez particular memoria em seu logar; e Paulo de Albuquerque Coelho. Compoz:

« Falla que fez aos Governadores e defensores d'estes « Reinos de Portugal aos 19 de Junho de 1580, e assim « aos Procuradores dos Povos que estavam juntos em Se« tuval para começarem a fazer Côrtes.

« Dita em o dia que veio a nova que o campo e exer« cito d'El-Rei Felippe de Castella entrava por este reino « de Portugal, sem querer esperar que se julgasse quem « era o herdeiro d'estes Reinos. » Começa « Senhores, venho « saber se é verdade. » Acaba « Da pessoa que nomeardes « por Rei, e verdadeiro successor d'estes Reinos: » fol. MS.

« Conselho e parecer que deu a alguns parentes e « amigos seus, e aos criados da sua casa: » fol. MS.

« Reconciliação, protestação, e supplicação feita a « Nosso Senhor Jesu Christo, e á Virgem Maria Nossa Se« nhora, em dia dos Tres Reis Magos, era de 1558 annos, « na Sé d'esta cidade de Lisboa na Capella do SS. Sacra« mento o dia que o recebeu. » fol. MS.

Todas estas obras, com as Petições que fez a Filippe Prudente sobre o despacho dos seus serviços, que são

muito extensas, se conservam em um volume de folha na Livraria do Excellentissimo Marquez de Valença. Fazem memoria de Jorge d'Albuquerque Coelho, Miguel Leitão de Andrade *Miscel. de var. Hist.* Cap. 7 ; e o P. José Pereira Bayão, *Chron. de El-Rei D. Sebast.*, Liv. 5, Cap. 35.

(*Bibliotheca Lusitana.*)

FR. FRANCISCO XAVIER DE SANTA THEREZA

Nasceu em a cidade da Bahia, capital da America Portugueza, a 12 de Março de 1686, onde teve por paes a Pascoal Luiz Bravo, e Thereza Viegas de Azevedo. Estudou a lingua Latina no Seminario da Villa de Cachoeira dos Padres Jesuitas, distante sete leguas da sua patria, e sahiu egregiamente instruido n'àquelle idioma. Quando contava dezeseis annos de idade recebeu o habito seraphico no convento de Sergipe do Conde da Provincia de Santo Antonio da Bahia a 3 de Julho de 1702, e professou solemnemente a 4 do dito mez do anno seguinte. Ao tempo que estava acabando o curso de Artes em o Convento de Olinda, passou á Ilha da Madeira, em cuja custodia se incorporou. Pára receber as ordens de Presbitero navegou para Lisboa, onde alcançou, em attenção á perspicacia do seu talento, patente de Leitor de Theologia na Ilha da Madeira, para onde voltou a dictar esta sagrada faculdade, sem a ter apostillado. Segunda vez veio a Lisboa na companhia de D. Pedro da Cunha, Governador da Ilha, onde serviu o logar de Procurador da referida custodia. Passou

a Londres no anno de 1714 com Jacinto Borges de Castro, que depois foi Enviado n'aquella côrte; e depois de ter discorrido por muitas Provincias dos Paizes Baixos se restituiu á Lisboa no anno de 1717, em o qual se embarcou na capitania, de que era Almirante o Conde do Rio Grande D. Lopo Furtado de Mendonça, da formidavel armada, que a Magestade d'El-Rei D. João v expediu á instancia do Summo Pontifice Clemente xi, para libertar a Ilha de Corfu da oppressão a que estava reduzida pela violencia dos Turcos. Querendo animosamente assistir ao conflicto, por ser contra os inimigos da religião, de que foi theatro o golfo de Passavá, na entrada do Archipelago a 19 de Julho de 1717, uma bala de artilharia lhe feriu tão gravemente a perna esquerda, que para conservar a vida foi preciso que logo fosse cortada. Restituido felizmente d'este fatal desastre, entrou com a nossa armada triumphante da Ottomana em o porto de Lisboa, onde foi incorporado na provincia de Portugal, a 27 de Abril de 1719, conseguindo em premio da sua erudição sagrada e profana, intelligencia das linguas Italiana, Franceza, e Ingleza, como da poesia vulgar e latina, e Oratoria ecclesiastica, os logares de Penitenciario geral da Ordem Seraphica, Examinador das Tres Ordens Militares, e do grande Priorado do Crato, Consultor da Bulla da Cruzada, Academico do numero da Academia Real da Historia Portugueza, eleito em o anno de 1735, e da dos Arcades com o nome de Elredio. As obras poeticas e concionatorias que tem publicado são as seguintes:

ORATIO *Panegyrica de Exaltatione Sanctissimi Domini Nostri Benedicti* XIII, *Pontificis Maximi, habita in Regio D. Francisci Olyssiponensi Cœnobio, Tertio Nonas Octobris* MDCCXXIV. — Ulyssipone apud Paschalem da Silva, 1725. 4.º No fim tem um Epigramma Latino, e um Soneto Portuguez ao mesmo assumpto.

AUGURIUM *ex-felicissimo conjugio Serenissimi Brasiliæ Principis.*— Ulyssipone apud Officinam Patriarchalem Musicæ, 1728. 4.º Consta de dois Epigrammas, e uma Elegia.

Dois Sonetos e quatro Epigrammas com uma Elegia á memoria do Duque do Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello.—Sahiram nas *Ultimas Acções do Duque*.—Lisboa, na Officina da Musica, 1730, fol. á pag. 171, 172, 176.

Quatro Epigrammas Latinos, e um Soneto Portuguez, em louvor do Padre D. Raphael Bluteau, Clerigo Regular. —Sahiram no *Obsequio Funebre* que lhe dedicou a Academia dos Applicados.—Lisboa, por Joseph Antonio da Silva, 1734, 4.º á pag. 62, 75, 81, 87.

Sermão da Soledade de Maria Santissima na Igreja do Hospital Real de Lisboa no anno de 1729.—Lisboa, por Mauricio Vicente de Almeida, 1733, 4.º

Sermão Panegyrico em a nova festa do Patrocinio do illustre e glorioso Patriarcha S. José, celebrada na igreja de S. José de Ribamar em 17 de Junho de 1735. —Lisboa, por José Antonio da Silva, 1735, 4.º

Extremus *honor Illustrissimo, Religiosissimo, ac Sapientissimo D. Emmanueli Caetano a Souza, amplissimæ dignitatis viro persolutus.*— Ulyssipone apud Mauritium Vicentium de Almeyda, 1735, 4.º Consta de dois Elogios Latinos de estylo lapidario, 5 Epigrammmas Latinos, e dois Sonetos Portuguezes.

Postremus *honor Serenissimo Principi D. Carolo Portugaliæ Infanti.*—Ibi apud eundem Typog., 1736, 4.º Consta de um Elogio Latino, 5 Epigrammas, e tres Sonetos.

Plausus *in Natali die Augustissimæ Beriæ Principis Olyssipone feliciter natæ* XVI *Kalend. Januarii* MDCCXXXIV —Ibi per eundem Typog., 1735, 4.º—Consta de uma Elegia, 4 Epigrammas, um Soneto e um Elogio Natalicio de estylo lapidario.

Practica com que congratulou a Academia Real de estar eleito seu Collega, recitada no Paço a 5 de Setembro de 1735.—Lisboa, por Joseph Antonio da Silva, 1736, 4.º

Oração funebre nas solemnes Exequias do Augustissimo Cezar Carlos VI, celebradas pela Nação Germanica no Real Convento de S. Vicente de Fóra, em 9 de Março de 1741. — Lisboa, na officina Almeidiana, 1742, 4.º

TRES Epigrammas e um Soneto em applauso do Excellentissimo e Reverendissimo Bispo do Porto D. Fr. Joseph Maria da Fonseca e Evora, chegando de Roma á Lisboa. Sahiram com outros versos a este assumpto.—Lisboa, na Officina Real Sylviana, 1742, 4.°

FLOSCULUS *Epigrammaticus.*—Consta de Epigrammas a todos os Santos da Ordem Seraphica, MS.

POEMA *ao Espirito Santo,* que consta de 100 versos, e todos principiam pela letra S. MS.

TRAGICOMEDIA ao Martyrio de Santa Felicidade e seus filhos.—Consta de todo o genero de versos Latinos, MS. —Todas estas tres obras se conservam no Convento de Santo Antonio de Olinda. (*Diogo Barboza*).

JOÃO FERNANDES VIEIRA *

(O CASTRIOTO LUSITANO)

> João Fernandes Vieira foi na empreza
> O instrumento da Patria liberdade
> ....
> E como a pedra a estatua de Nabuco
> o Belga derrubou de Pernambuco.
>
> CARAMURU', CANT. 9.° EST. 40.

A sujeição de Portugal ao jugo Castelhano, além de reduzir os Portuguezes ao estado de colonos, e de os obrigar

* O Instituto publicará tambem as biographias de varões illustres, que posto não sejam brazileiros por nascimento, todavia o são por acções gloriosas, e por haverem passado grande parte de sua vida n'este paiz. Os serviços por elles prestados aqui recommendam sua memoria á veneração dos Brazileiros.

a soffrer e reprimir as hostilidades das nações que estavam em guerra com Castella, acarretou comsigo a perda dos nossos melhores estabelecimentos da India, e a invasão de varios pontos da Africa e da America. O Brazil não escapou á cobiça dos Inglezes; porém *Cavendish* e *Lancaster* apenas serão classificados e tidos na historia imparcial por simples piratas. Os Francezes, que por esta occasião alli voltaram sob Riffault em 1594, e depois sob Des-Vaux e De la Ravardière, não foram mais felizes do que no seculo anterior: Jeronymo de Albuquerque lhes fez conhecer pelas armas que o territorio era de Portuguezes, embora apparentemente sujeitos a Castella. Os Hollandezes começavam com pretenções de ser uma nação maritima, e lembraram-se de se estender para o Occidente, aproveitando-se do desprezo com que Castella tratava a America Portugueza, para que, tendo alli segura base de operações, podessem por ventura depois chegar a apossar-se das riquezas do Perú: apoderaram-se da Bahia, que era a capital; porém, sendo d'aqui expulsos á força, dirigiram-se ás Capitanias da Parahyba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, as quaes conseguiram senhorear, apezar da muita resistencia opposta pelo valente Mathias de Albuquerque, que teve em paga o ser rendido, e voltar para a Europa a receber a recompensa ingrata de dominadores faltos de fé.—N'esta guerra de resistencia ao jugo Hollandez appareceu um joven Leonidas, intrepido, sustentando-se por 6 dias no forte de S. Jorge com 37 defensores contra os esforços de um exercito de 4,000 homens.—Este joven, como destinado para ser um dia o restaurador de Pernambuco, e um dos mais valentes generaes do seu seculo, era João Fernandes Vieira, chamado por antonomasia pelo chronista dos seus feitos o *Castrioto Lusitano*, comparando-o ao *Castrioto* que militou no Epiro contra os Turcos, muito conhecido por suas façanhas pela chronica d'ellas, traduzida do Latim pelo chronista do Reino Francisco de Andrada, e impressa em Lisboa em 1576.

Nascêra João Fernandes Vieira em 1613: daremos a biographia d'este celebre Portuguez insulano, que faz honra á Ilha da Madeira, tendo por fim apresentar aos leitores um modelo de valor civico, e bosquejar uma época de

acontecimentos assombrosos, e até dramaticos, da historia do Brazil.

A força das circumstancias e o valor Portuguez tinham feito sacudir o jugo de Castella, e elevado ao throno D. João IV: o fogo electrico, que animava a metropole, se communicou por influencia e por contacto a todos os corações Portuguezes; os brados do Tejo e do Douro resoaram do Amazonas ao da Prata, e João Fernandes Vieira os fez repercutir com gloria em Pernambuco.

Foi em 1644 que se travou a conspiração, e Vieira foi acclamado chefe dos restauradores: havia pouco tempo que se casára com D. Maria Cezar, filha de Francisco Berenguer de Andrada, e estava bem estabelecido, e tão abastado que não se póde dizer que foi d'estes aventureiros que se atiram ás revoluções para pescarem em aguas turvas: — em Vieira tudo era amor da patria. « Quando sahiu a campo, diz o seu historiador, era casado de um anno; mais que nenhum outro estimado do Flamengo, e respeitado dos naturaes: servido de 1,500 escravos e criados; acompanhado de 150 homens de sua casa o guarda: na sua estrebaria sustentava 22 cavallos e outros tantos Mouros para curarem d'elles, etc. » — Tambem não foi o desejo de ganho, pois, pelo contrario, diz o mesmo escriptor que gastou de seu 600.000 cruzados, afóra talvez outro tanto que perdeu em bens moveis e fazendas, com o andar foragido e com risco de vida.

Toca-se a rebate, e Vieira só contava 130 no seu partido: para attrahir maior numero, mandou deitar bando que ficariam livres e forros, com pagas e todas as considerações militares, os escravos que se viessem alistar ás suas bandeiras. E' bem de vêr que esta medida, dictada n'aquella occasião pela politica, devia assalariar á sua parte até os escravos não descontentes, porque, como homens, presavam a sua liberdade. Os Hollandeses arreceiaram-se do perigo, que viam imminente, e propuzeram-se a comprar Vieira por 200$000 cruzados. Este intrepido campeão replicou — « Que não vendia a honra de castigar tyrannos por tão baixo preço » — : resposta heroica, e que oxalá tivera em identicas occasiões tido imitadores.

Logo depois, em 18 de Julho de 1645, publicaram os do Supremo Conselho dos Hollandezes uma pragmatica, em que davam promessa de perdão aos rebellados, que voltassem aos seus lares.—Em contraposição á esta pragmatica Vieira, intitulando-se *Primeiro Acclamador da Liberdade e Governador das armas na restauração e restituição de Pernambuco ao seu legitimo Senhor*, fez afixar nos logares publicos do Arrecife outra, datada de 24 do mesmo mez, em que declarava rebeldes todos os nacionaes que não sentassem praça em quatro dias; e affiançava aos Judeus e estrangeiros, que o fizessem, o serem embolsados para o futuro de tudo quanto fôssem credores á Companhia Hollandeza, e de serem indemnizados todos de perdas e damnos, terminando—que se não deixassem enganar das apparentes confianças e falsas promessas do fementido Hollandez.—Este edital assanhou por tal modo os do Supremo Conselho, que immediatamente retorquiram com outro, promettendo 4,000 florins pela cabeça d'aquelle tão destemido chefe. —Vieira, com toda a sagacidade não querendo ter contra si as armas da cobiça, treplica, publicando novo prégão, em que promette 8,000 florins pela cabeça de qualquer dos Membros do Conselho: e a estes escreve uma carta arguindo-os com desenfado do aviltamento a que tinham chegado, e lhes declara que se não cançassem em o procurar haver á mão por meios infames; porquanto, elle estava na tenção de os ir visitar honrosamente, e de cara descoberta, acompanhado de 14 soldados brancos, e de 24 Indios e negros. Esta resposta, com quanto falsa e ardilosa, os atemorisou por extremo, sendo a verdade que elle só então tinha 250 brancos e 30 negros. Minas, e só em Maciape é que se lhe juntaram 800 homens, que armou como pôde de espingardas, chuços, páos tostados, &c., aos quaes manteve á sua custa por espaço de tres mezes.

Já, em pequenas escaramuças contra os comboios, o nosso pequeno exercito, com o seu Vieira á frente, busca occasiões de se distinguir e mostrar qual é o quilate do seu valor. Com 1.200 Portuguezes, e 100 Indios e negros, foram esperar os Hollandezes, que, temendo o soccorro, apressavam o ataque, fortificando-se no Monte

das *Tabocas* *, onde os derrotaram por duas vezes, que por elles foram atacados. Este primeiro troféo de Vieira foi levantado á custa de 28 mortos e 37 feridos.

Passados poucos dias se encontrou Vieira com mais tres chefes cada qual de sua côr, que o vieram reforçar e tomar com elle parte na gloria de restituirem de novo a Portugal um estado, que devia reputar perdido: o Indio D. Antonio Filippe Camarão (que por seu valor e illustres feitos mereceu o habito de Christo e o titulo de dom), oriundo das antigas hordas de indigenas,—caprichoso a tal extremo, que sabendo bem o Hollandez, não o falla, porque teme expressar-se na lingua dos dominadores com pouca nobreza: o preto Henrique Dias, que, com a valentia propria de um *cidadão Africano*, em certa occasião que ficou maneta se lançou ao combate, empunhando a arma com a outra mão, e que mereceu o ficarem appellidados do seu nome os regimentos dos pretos do Brazil para memoriar os feitos dos que commandava: finalmente, o prudente e avisado Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, que, vindo com instrucções de apaziguar a revolta, soube tirar o partido da commissão, e pôr-se á frente dos revoltados. Vieira, quando lhe ordenaram, com toda a formalidade, que devia cessar com as hostilidades, respondeu:—Que elle iria recêber do seu Soberano o premio da sua desobediencia, quando lhe houvesse legado o melhor patrimonio da sua corôa.—A Vieira toca sem duvida todo o merecimento pela sua firmeza; é claro que o começo da guerra, que elle encaminhou, exigia grande assiduidade, perseverança, talento e animo: era forçoso exalçar o espirito descoroçoado de uns, disfarçar a opposição que encontrava de outros, e até da metropole, esquecer injurias, calumnias e traições, e obtendo da Bahia apenas soccorros escassos, viu-se sempre este homem forte communicar aos animos de cada um a esperança que o animava.

Comtudo, depois da juncção de Vidal, a guerra tomou

* Provêm este nome da especie de cannas bravias, rodeadas de puas mui solidas e penetrantes, que no Brasil chamam *tabocas*.—Vide Bluteau e Moraes.

um caracter mais serio : a Hollanda não enviava soccorros aos seus; Hoogstrate, Commandante do forte de Nazareth, o entrega aos insurgentes pela somma de 18.000 escudos; Porto Calvo não póde resistir ao bravo Christovão Cavalcante; Sigismundo, derrotado, se recolhe ao Arrecife, formando idéa mais temivel dos inimigos contra quem combate. Tinham-se tomado «nove fortalezas com outros reductos e casas fortes, e em uns e n'outras perto de 80 peças de artilharia de diversos calibres, a maior parte de bronze, e a este respeito armas, munições e petrechos de guerra, em tanta quantidade quanta bastou para sustentar a guerra viva cinco annos continuos; no decurso d'elles libertaram da sujeição Hollandeza 180 leguas de campanha, que se contam do Ceará-Merim até ao Rio de S. Francisco. » — No principio de Julho de 1646, tres Mamelucos comprados fizeram uma espera a Vieira; e das tres espingardas só uma tomou fogo, e a bala passou-lhe o hombro, porém felizmente sem perigo. Vieira correu com a espada sobre os aggressores, e apanhou um, que pagou cara a traição.

Os Hollandezes, vendo que nada conseguiam pela força, cuidaram de prometter outra amnistia : foi assignada a 2 de Abril de 1648, e enviada aos chefes revolucionarios, os quaes todos responderam, como era de esperar do seu caracter firme, corroborado pelas vantagens já obtidas na sorte das armas.

Na occasião em que de Hollanda chegavam muitos reforços moraes e physicos, lembrou-se Portugal de os imitar; o valoroso Francisco Barreto de Menezes é enviado em soccorro; e Vieira de bom grado cede da autoridade, para a depositar em mãos que reputa mais habeis e mais poderosas. Barreto soube avaliar o methodo de Vieira, e do seu valor tirou todo o partido, bem de pressa, na batalha de *Guararapes*, que se deu logo depois : 7,400 Hollandezes sahiam do Arrecife pora a Barreta com intenções de ir occupar Moribeca, quando os libertadores, reunidos em conselho, decidem que se dê batalha : as montanhas de *Guararapes* lhes serviram de campo : Vieira rompe o inimigo com risco de vida, ganha parte da artilharia, e faz render-se um esquadrão inimigo : e á custa de 47

mortos e 160 feridos, alcançaram os nossos uma grande victoria, sendo o general inimigo ferido.

A guerra durava, já havia sete annos, e podia continuar a progredir, visto que os Hollandezes estavam senhores do mar, quando chegou a esquadra Portugueza destinada a comboiar os navios de commercio á Europa: á força de rogativas conseguiu Barreto do Commandante a promessa de o coadjuvar no ataque do Arrecife, que logo foi projectado nos principios de 1654. Vieira dá novas provas brilhantes do seu valor e decisão; as fortalezas de Rego e Altenar lhe cahiram nas mãos; aperta-se o cerco da fortaleza das *Cinco Pontas*, que é tomada, e os sitiantes estão ás portas das muralhas da cidade ameaçada. O povo clama por capitulações: o valente Sigismundo quer resistir; porém junta-se o Conselho, e decide-se capitular. A 26 de Janeiro o porto do Arrecife e a cidade de Olinda (chamada por elles *Mauricia*, em honra de Mauricio de Nassau, a quem Pernambuco muito deve) são entregues ao General Barreto, assignando-se 16 artigos civis e 14 militares, tendo por fim proteger os commerciantes Hollandezes que ficassem, e salvar o decoro militar.

João Fernandes Vieira veio pouco tempo depois a El-rei D. João IV pedir a paga da sua *desobediencia:* El-rei recebeu como cumpria a tão honrado e fiel vassallo; e em paga de seus serviços, ou talvez porque reconhecesse necessaria em Angola a presença d'este terror dos Hollandezes, o nomeou Governador e Capitão General d'este Reino, para onde logo partiu, e tomou posse do seu novo governo a 18 de Abril de 1658. Não encontrou já alli Hollandezes para combater; porém tinha outra qualidade de inimigos; —teve que guerrear varios *Sovas*, que estavam levantados, no que foi bem succedido; tambem perseguiu quanto pôde corsarios e contrabandistas de varias nações que infestavam o littoral da Africa occidental. Acabou com excessivo trabalho e poucas despezas a fortaleza de Santo Amaro, e ordenou ao Capitão de Benguella que levantasse a do Presidio.

Vieira com vistas zelosas de estabelecer regulamentos e determinar providencias a favor da saude publica, constando-lhe que um dos fócos das doenças em Loanda era

a immundicie causada pelos porcos soltos, ordenou que não fôsse consentido que estes continuassem a andar pelas ruas, e accrescentou, para melhor assegurar a execução da ordem, que no caso de transgressão os soldados os poderiam matar, sem excepção, quando apparecessem. Feliz ou infelizmente ia a cahir a sentença em dois porcos dos Jesuitas, quando os escravos d'estes, querendo fazer opposição aos soldados, que cumpriam o seu dever em executar as ordens, travaram com elles de modo que feriram tres; foram por isto presos 3 escravos, do que os Jesuitas se deram logo por offendidos a ponto de fazerem inquirir, dentro do seu collegio, testemunhas, e por fim fulminarem temerariamente sentença de excommunhão *contra os mandantes e exequentes*. Vieira representou fortemente a El-Rei contra tal attentado, e foi attendido a ponto de se ordenar em Carta Régia ao seu successor que attendendo ao que Vieira lhe fizera presente mandasse averiguar « se do atrevimento e resistencia dos negros se tinha tirado devassa: e quando não, a mandasse logo tirar, e castigar os delinquentes no numero que parecesse necessario; que por um escrivão mandasse declarar aos Jesuitas, lhes estranhava muito similhante procedimento, e que lhes advertisse que se outra vez, em qualquer parte de seu Reino e Conquistas, commettessem similhantes excessos, os haveria por privados de tudo que possuiam de sua corôa, e se procederia contra elles com as mais penas da Ordenação. » Foi Vieira rendido a 10 de Maio de 1661, e voltou ao Reino, onde foi estimado e honrado. Pertenceu ao Conselho de Guerra; foi Alcaide-Mór de Pinhel, Commendador de S. Pedro de Forrado e Santa Eugenia da Ala, na Ordem de Christo. El-Rei D. Pedro II o denominava *Herói da sua idade*, e o Papa Innocencio X em 1655, o honrára com o titulo de *Restaurador da Igreja Americana*. A sua vida, até a restauração do Pernambuco, corre impressa em pezado e affectado estylo por Fr. Raphael de Jesus, que lh'a offereceu em 1676, e se imprimiu em 1679; d'onde concluimos que o celebre *Castrioto Luzitano* morreu já sexagenario.— Sobre os acontecimentos d'esta guerra se imprimiram tambem n'aquelle tempo, sem logar nem anno de impressão, alguns documentos em um folheto de 20 paginas, em tal

estylo que não se póde chamar Portuguez, nem Castelhano, nem Italiano, pois tem palavras de todas estas linguas: o seu titulo é—*Successo d'ella guerra de Portuguezes levantados em Pernambuco contra Olandezes, como por carta del' Maestro a Campo Martino Soarez. Et Andréa Vidal de Negreiros, por Antonio Telles da Silva El Anno* 1646.

(*Panorama*)

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

Extracto das actas das sessões dos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março de 1843

98ª SESSÃO EM 19 DE JANEIRO DE 1843

Presidencia do Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo

Expediente.— Depois de approvada a acta da sessão antecedente, o 2° Secretario passa à fazer leitura do seguinte officio:

« Illm. Sr. — Tenho a honra de endereçar a V. S., para ser apresentada ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, como uma offerta que lhe faço, a Carta corographica da Provincia de Santa Catharina, feita por mim no decurso do anno que finda, com o intuito de acompanhar um Ensaio geographico e historico sobre a mesma Provincia, em que me tenho occupado ha quatro annos, e que ainda não pôde ser ultimado, como desejava.

« Não posso ter a ousadia de pensar que seja essa Carta uma obra completa, e formada em sua totalidade sobre dados exactos, pois que seria isso um absurdo na deficiencia de meios, que depara o que se propõe a estes trabalhos de qualquer das Provincias do Brazil e quando algumas partes do territorio, que na Carta se tem desenhado, ainda não foram bem averiguadas e reconhecidas graphicamente, pelo que são ahi representadas sob conjecturas, e por analogia a identicas localidades de que se

tem positivo conhecimento : todavia, se da assiduidade e da minuciosa investigação de noticias empregadas em objectos d'esta natureza, e de algum conhecimento do paiz, é licito esperar-se qualquer certeza e approximação á verdade, parece que devo convencer-me que a minha obra é a menos errada de quantas n'este genero ha sobre aquella Provincia e foram-me presentes na confeição da mesma Carta. E por persuadir-me que, precedentemente a qualquer deliberação que o Instituto tome sobre ella, a deverá submetter a exame de alguns dos nossos Socios, que sejam professionaes na materia ; para maior facilidade d'este trabalho, e como em justificação do meu, cumpre-me fazer uma breve exposição dos meios a que recorri, e achegas que tive para o complemento de uma obra, em que procurei com todo o esmero e diligencia imprimir-lhe o cunho da exactidão.

« Das observações astronomicas do Barão de Roussin, como as mais modernas, e geralmente reconhecidas as mais exactas, formei a base d'aquella parte da Carta que fica ao Norte da capital da Provincia, ponto este que foi o ultimo determinado por aquelle insigne Astronomo nas suas segundas observações ; e sobre ella, e em presença de uma antiga Carta que obtive na Provincia, quando a administrei, desenvolvi as localidades do litoral, que são adjacentes aos pontos ali observados ; não sendo para isso menos habilitado pelas descripções geographicas que fazem d'essa costa Pimentel, Miguel de Brito, Ayres do Casal, Monsenhor Pizarro, e o sempre recommendavel Southey.

« Limitando-se á capital da Provincia as observações do Barão de Roussin, para o sul e sobre os pontos fundamentaes, que me servissem de base n'esta costa, tomei por guia aquellas das diversas determinações astronomicas, referidas a differentes posições do litoral austral da Provincia, que considerei mais exactas, e que são attribuidas a diversos observadores ; aproveitando, em tanto quanto o podia fazer licitamente, as descripções geographicas acima mencionadas, e o conhecimento pessoal que tenho d'essa costa tão visitada.

« Estabelecidos assim estes pontos capitaes, e formando sobre elles o desenvolvimento maritimo, reconheci satisfactoriamente que a distancia total do litoral da Provincia, a da

ilha de Santa Catharina, e as que mediciam entre os diversos pontos conhecidos,coincidiam approximadamente com as que se acham consignadas nas cartas que consultei, com as descripções geographicas, e com a propria experiencia ; e esta circumstancia deu-me a possibilidade de formalizar uma Carta, que fôsse estimada com menos prevenção de inexacta.

« A parte do litoral da Provincia que corre do Embituba ao seu extremo meridional, e o territorio conhecido, que mais se lhe approxima, e corresponde a essa costa, foi organizado em presença do Mappa annexo a uma Memoria, que comprehende o reconhecimento militar d'esse territorio, feito n'esse anno pelo Tenente Coronel d'Engenheiros o Sr. Jeronymo Francisco Coelho, sujeitando a sua escala á que foi por mim adoptada : e esta acquisição foi tanto mais apreciada, quanto n'esta materia, e desenvolvida no seu paiz natal, é o Sr. Coelho uma autoridade digna de consultar-se, e que inspira todas as probabilidades de exactidão. Mas, como o seu reconhecimento no rio Tubarão fôsse levado até pouco acima da Freguezia da Piedade, para traçar a parte superior d'este rio até as suas vertentes occidentaes, tive de recorrer a alguns apontamentos, que fôram-me espontaneamente dados pelo Coronel Van-Lede, quando acabava dos seus exames scientificos sobre aquelle e outros rios, onde se tem descoberto minas de carvão de pedra ; apontamentos que tiveram por base as informações do Sr. Bouliech, que por mais de uma vez tem examinado as differentes jazidas, d'aquelle mineral, e atravessado a Serra geral em dois pontos diversos.

« Habilitou-me a formular com alguma confiança a parte central do continente da Provincia, que se distende da villa de S. José e da foz do Maruhy ao campo da Bôa-Vista (posição mais elevada da Provincia), e ahi á villa de Lages, atravesando a Serra geral no sitio do Trombudo e o Rio de Santa Clara, a descripção que fez d'ella o Alferes Antonio José da Costa na sua primeira exploração d'esse territorio em 1787, e a do Capitão Bitancourt, segundo os traços do Alferes Costa, que tão prestante foi á Provincia. Com taes fundamentos não hesitei em ser minucioso desenhando essas localidades, e não omitti fracções nas distancias, posto que adstricto a tão acanhados limites.

« Os Itajahys foram traçados sob apontamentos do já mencionado Coronel Van-Lede, que os reconheceu no que elles tem de mais notavel em si, e nos seus principaes affluentes, e que os classifica como os rios mais importantes da Provincia ; se bem que ainda ignorado o curso do Itajahy grande no territorio d'além serra, e aquella parte do seu ultimo braço accidental, que vai da Bôa-Vista até a confluencia do mesmo braço, e desconhecidos os affluentes do Itajahy-merim. Por sua grande extensão vacillaria em dar a origem d'esse braço na serra, que tambem serve de vertente ao Taquary, e braço do Norte, que desaguam na margem septentrional do Tubarão (origem que, em sentido contrario, toca identico parallelo ao d'esses dois volumosos tributarios do Tubarão), se não me apoiasse n'aquelles dois insignes praticos, o Alferes Costa e Capitão Bitancourt, nas tradições populares, e nas informações dos que transitam a estrada do Trombudo, referindo que já se vê caudaloso e possante esse rio quando atravessa o territorio interposto entre a Bôa-Vista e o mesmo Trombudo, isto que lhe diminuia nascentes longinquas, por isso que o seu curso, em vez de ser de travez á Serra geral, segue o prolongamento d'ella.

« Sem que supponha que a parte da Provincia, que comprehende a ilha de S. Francisco, e a multidão de rios que desembocam no braço de mar que fórma a mesma ilha, tenha sido formada discricionariamente por quantos tem procurado descrevel-a ; porque raros são os pontos e localidades que coincidem nos diversos mappas e informações topographicas que estiveram ao meu alcance ; e tem sido tal a sua variedade, que facilmente se póde conceber que predominava o capricho sempre que se pretendia designal-a : todavia, é ella a que menos apresenta-me probabilidades de exactidão pela incerteza que se lhe discrimina ; por isso não posso attribuir-lhe a mesma confiança, que dou ás outras : mas a despeito d'esta perplexidade, forçoso era mencional-a na minha Carta como uma parte integrante da Provincia. Nenhuma prevenção, comtudo, póde subsistir a respeito do territorio visinho ao extremo septentrional da Provincia, e que abrange a Colonia industrial Franceza alli estabelecida, porque o descrevi na Carta sob dados positivos,

que me foram ha pouco ministrados pelo Dr. Mure, Director da Colonia, e por intervenção do nosso digno Socio o Tenente Coronel Mafra, Inspector d'aquelle estabelecimento.

« Resta-me ainda dizer que, entre as diversas cartas e plantas, que foram-me presentes, e no que é unicamente concernente á ilha que dá nome á Provincia, dei preferencia á do Capitão Barral, não só por ter sido levantada em 1831, como porque é a que melhor determinou os pontos mais salientes da mesma ilha, e desenvolveu as suas localidades intermediarias com mais verosimilhança. Bem quizera na confeição d'esta ilha ter á vista a Carta do Sr. Bellegarde, da qual se faz o melhor conceito, e que se me informou existir no Archivo Militar ; e o Instituto, annuindo benignamente á exigencia que fiz d'ella, e sollicitando-a pela Repartição competente, sabe que em vez d'ella prestou-se-me a Planta topographica da mesma ilha levantada em 1783 pelo Coronel Rocio, que não pôde satisfazer a minha espectativa.

« Não devo concluir sem que signifique ao Instituto, que era minha intenção offerecer-lhe conjunctamente com a Carta, o Ensaio geographico e historico da mesma Provincia, ao qual ella pertence, e em que trabalho ha quatro annos, colligindo incessantemente noticias e informações, que em connexão com o que se acha escripto relativamente áquelle paiz, me possam orientar em tal vereda, e habilitar para obra tão custosa ; pois que só com isto não estão completos os desejos que mantenho por uma Provincia, a respeito da qual conservo bem vivas sympathias ; mas a imperiosa e inesperáda circumstancia de dever primeiro que tudo prover á minha decente subsistencia, por um modo que me subtráe o melhor tempo, que aliás empregaria na continuação d'esses trabalhos, me inhibe de por ora assim o praticar ; restando-me todavia bons desejos de assim o verificar no mais curto praso, que seja compativel com os meus engajamentos.

« Deus Guarde a V. S. Rio, 30 de Dezembro de 1842. — Illm. Sr. Conego Januario da Cunha Barboza, Secretario Perpetuo do Instituto.— *José Joaquim Machado de Oliveira.* »

Carta escripta pelo Sr. Manoel Eufrazio de Oliveira, enviando ao Instituto uma Noticia da fundação da Villa de S. João de Queluz (Provincia de S. Paulo), fielmente copiada da que se acha exarada no Liv. 1° do Tombo da mesma villa: e noticiando que faz todas as diligencias possiveis por alcançar um Catecismo escripto pelo Rev. Francisco das Chagas Lima, em lingua nacional e na dos Indios Purys, o qual existia em poder do Rev. Parocho, hoje fallecido, José Rebouças da Palma; e que apenas o conseguir, remettel-o-ha.

Escreve do Maranhão o Socio correspondente o Sr. Padre Antonio Bernardo da Encarnação e Silva, communicando ao Instituto a infausta noticia de haver fallecido no dia 29 de Novembro proximo passado o seu Membro honorario o Exm. e Revm. Sr. D. Marcos Antonio de Souza, Bispo Diocesano.

Officio do Socio effectivo o Exm. Sr. Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Presidente da Provincia do Pará, remettendo para a Bibliotheca do Instituto dois exemplares do Discurso com que em 15 de Novembro do anno proximo preterito abriu a sessão extraordinaria da Assembléa Legislativa d'aquella Provincia.

O Socio correspondente o Sr. Antonio Lopes da Costa Almeida escreve de Lisbôa ao Instituto, offertando uma preciozissima collecção de 76 Planos, Cartas, e Mappas manuscriptos de Praças fortes, Capitanias, Bahias, Enseadas, e Rios pertencentes ao Brazil mandados levantar por ordem dos Governadores. « A originalidade d'estes trabalhos, diz o nosso digno consocio, poderá offerecer alguma cousa de importancia a um Estabelecimento geographico; eu ficarei plenamente satisfeito se o Instituto por esta offerta se capacitar que os meus desejos são alcançar artigos mais valiosos para concorrer da minha parte no engrandecimento do seu Archivo. »

« Relação dos Planos e Mappas offerecidos pelo Sr. Costa Almeida, a que se refere a carta supra mencionada.

1.° Mappa topographico dos portos e costa da Bahia de Todos os Santos, Olinda, e Pernambuco; copiado em

1776, por ordem de D. Manoel José de Noronha e Menezes, Conde dos Arcos, por Joaquim dos Santos de Araujo.

2.° Mappa topographico do porto do Rio de Janeiro: feito por Dominges Capassi, da Companhia de Jesus, em 1730; e copiado por Joaquim dos Santos de Araujo, para offerecer ao Conde dos Arcos, em 1776.

3.° Carta da ilha de Fernando de Noronha, levantada em 1743, por Nicolau Martinho.

4.° Demonstração geographica do curso do rio Tieté desde a cidade de S. Paulo até a confluencia que fórma com o rio Paraná, e d'esta até a barra do rio Ygatemy, e a direcção d'este até as suas origens.

5 a 23. 19 Planos dos rios Tieté, Paraná, e Ygatemy, com as terras que banham suas aguas: pelo Brigadeiro José Custodio de Sá Faria.

24 a 39. 16 Cartas das costas, portos, rios e enseadas desde o Rio da Prata até ao Rio de Janeiro; levantadas em 1774 pelo Brigadeiro José Custodio de Sá Faria.

40 a 54. 15 Cartas topographicas da Capitania do Rio de Janeiro, mandadas tirar pelo Conde da Cunha, Capitão General e Vice-Rei do Estado do Brazil, no anno de 1767.

55 a 70. 16 Plantas e prospectos das principaes fortalezas que defendem as costas de sotavento do Imperio do Brazil, desenhadas em 1762.

71 a 74. 4 Mappas das forças o guarnições das principaes Praças fortes de Pernambuco em 1762.

75. Planta dos armazens da polvora na Ilha das Pombas.

76. Projecto dos addicionamentos propostos pelos Engenheiros Francezes para augmentar as fortificações da fortaleza de Villegagnon.

Leu-se em seguimento a carta abaixo transcripta:

« Illm. Sr. — Ha tempos que tenho estado privado da honra de por escripto comparecer tão officialmente quanto me seja possivel nas sessões do nosso Instituto, e de tributar assim na reunião de tão assiduos consocios as demonstrações de saudade que tenho ao recordar-me da bôa e illuminada companhia, que ahi tantas vezes apreciei. A V. S.,

bem como a muitos outros em particular, que me honram com amizade, e me favorecem com sua correspondencia, tenho eu mui frequentemente provado estar bem presente em que a honra de pertencer a tal associação, e de ser até pelos membros d'ella benevolamente favorecido, me confere obrigações, de que me não posso esquecer. Ainda bem que hoje, graças á munificiencia do nosso Augusto Imperador, me acho n'uma situação muito favoravel, não só para me occupar em servil-a já e directamente no que me encarregar, como pouco e pouco e indirectamente, reunindo por mais antiga e espontanea vocação os elementos para a organisação de uma conveniente *Historia da civilisação do Brazil*, que é este dos paizes que mais se proporciona quando haja os elementos ao novo methodo de escrever a historia. Por ora ainda me acho no primeiro seculo, graças á riqueza dos documentos que cada dia vou achando na Torre do Tombo, e de que por ora não me occupo de tirar cópias, porém só apontamentos. Na minha Memoria intitulada — As primeiras negociações diplomaticas respectivas ao Brazil—se encontram já muitos factos historicos, que pela primeira vez apparecem conhecidos. Outra Memoria, que estou concluindo, accrescentará mais alguns, e illuminará talvez um episodio duvidoso, que embora de menor importancia, tanta attenção merece pela sua celebridade.

« Porém, ainda que as minhas averiguações hoje sejam relativas ás épocas mais remotas, não me descuido de diligenciar e obter cópias do que é importante ainda mais moderno. Assim vou reunindo e colleccionando as informações, que por ordem da côrte davam por escripto no seculo passado os nossos sertanejos, que descobriram as Minas Geraes, o Cuiabá, e Mato Grosso. D'estas informações ou roteiros já remetti um ao Instituto, para o fazer publicar, se assim o julgasse conveniente. Esta collecção de roteiros será além d'isso um monumento á minha Provincia pela distincta parte que n'essas excursões tiveram os nossos ousados Paulistas. Com este mesmo fim faço ainda diligencias para obter a celebre *Nobiliarchia Paulistana*, de Pedro Taques, tão citada e gabada por Fr. Gaspar ; e o certo é que já tive menos esperanças de obter noticias

d'ella. Se eu conseguir uma occasião de voltar á Coimbra, farei n'isto consistir um dos meus empenhos; que os outros já encetados são os apontamentos biographicos de nossos fallecidos patricios que alli pagassem o tributo ás letras, e bem assim o fazer tirar cópias dos dois distinctos Fluminenses D. Francisco de Lemos, e seu irmão João Pereira Ramos.

« Acaba-se de fazer publico pela Academia Real das Sciencias d'esta cidade todo o trabalho dos Commissarios Portuguezes e Hespanhóes, que pelo Tratado de 1750 foram incumbidos da demarcação dos limites pelos districtos meridionaes. E' livro, cuja leitura attenciosa não deixa de accrescentar muitos esclarecimentos mais exactos sobre aquelles paizes, principalmente no que diz respeito á raia occidental de S. Paulo.

« O ver na *Revista* do Instituto que elle se acha de posse, por offerta do Sr. Desembargador Veiga, das manuscriptas *Memorias Chronologicas de Mato Grosso* desde o seu descobrimento até 1780, me apressa a communicar-lhe a certeza da existencia da continuação das mesmas Memorias pelo proprio Nogueira Coelho, até o fim de 1818. Existia uma cópia na bibliotheca do fallecido Marquez de Aracaty, e consegui do seu novo possuidor que m'a franqueasse por alguns dias antes de a remetter para Munich de presente ao nosso consocio o Dr. Martius, e isto com intento de tirar uma cópia, da qual me dispensei, quando para esse fim, e com o mesmointento de fazer d'ella presente ao Instituto, se offereceu um nosso consocio aqui residente,que no devido tempo a fará naturalmente chegar ao seu destino. E emquanto essas não chegam, envio eu outras como continuação das mesmas por Joaquim da Costa Siqueira, e que comprehendendo desde 1778 a 1817 supririam quasi completamente aquellas quando faltassem. Estas ultimas, cuja cópia (que envio em oito cadernos de papel em folio) foi tirada de um exemplar nas mesmas circumstancias, e que já hoje irá caminho de Munich, é diffusa em algumas partes, principalmente quando trata de festejos; mas ainda assim d'ella se colhem noticias importantes, já sobre as visitas dos demarcadores de limites pelo Norte, Serra, Pontes, Lacerda, e o

Naturalista Brazileiro Rodrigues Ferreira (pag. 13 e 17), já sobre a heroica defensa do primeiro no Forte da Nova Coimbra em 1801 (pags. 49 e seg.), já finalmente sobre todo o governo do illustre amante do Brazil o honrado e bom Oyenhausen, ao depois Marquez de Aracaty.

« Por esta occasião não quero deixar de communicar a V. S que consegui ver as listas seguidas dos autos da fé da Inquisição de Lisbôa; e é para admirar o crescido numero de individuos de ambos os sexos, principalmente com a pecha de christãos novos, que a ella concorerram desde o principio do seculo passado. Já nos não devemos admirar que alguns, quando entrou Du-Guay-Trouin, lhe pedissem protecção á bandeira Franceza, e fôssem com elle. Até dos sertões e minas do Cuyabá mandava a Inquisição buscar gente para lhe dar tratos em Lisbôa! Naturalmente esperaria que accumulassem lá primeiro algum ouro para o fisco ser de mais regalo! Encontrei na lista impressa dos condemnados em 18 de Outubro de 1739 o nosso infeliz Antonio José como o 7° dos relaxados em carne, idade 34 annos.— Eis a intrega do que lhe diz respeito :

« 34 (annos).— Antonio José da Silva X. N. (Christão novo), Advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e morador n'esta de Lisbôa occidental, reconciliado que foi por culpas de Judaismo no auto publico de fé, que se celebrou na igreja do Convento de S. Domingos desta mesma cidade em 13 de Outubro do 1726, convicto, negativo e relapso. »

« Outros muitos patricios nossos se encontram ahi victimas de maior ou menor rigor do *Santissimo* Tribunal. —Eu não me descuidarei de os ir separando.

« Concluirei asseverando a V. S. que é quasi exclusivamente á geographia e historia do nosso paiz, que o Instituto tanto tem já fomentado, que se dedicam todas as minhas horas vagas ; o que se não dou d'isso já provas e documentos pela imprensa, é porque me reservo a faze-lo com mais madureza, sem a precipitação por todos os escriptores condemnada nas expressões proverbiaes do velho Horacio.

« Sou com a mais distincta consideração, etc.— Illm. Sr. Conego Januario da Cunha Barboza.— *Francisco Adolfo de Varnhagen.* »

M. Jomard, Membro honorario, residente em Pariz, escreve ao Instituto convidando-o a entrar em correspondencia com o Gabinete geographico da Bibliotheca Real d'aquella côrte, do qual é Director.

Tambem escreve da mesma cidade M. Bouillet, offertando um exemplar da nova edição do seu — Diccionario universal de Historia e Geographia :— dadiva que espera, segundo diz, seja recebida pelo Instituto com toda a benevolencia, por isso que é tal obra destinada a popularisar os uteis conhecimentos que constituem o objecto de seus trabalhos.

Foi o Sr. 1° Secretario encarregado de responder a todas as cartas de que acima se fez menção, agradecendo devidamente as offertas que as acompanharam : e resolveu tambem o Instituto que o Diccionario historico e geographico do Sr. Bouillet fôsse remettido á Commissão de Historia para emittir o seu juizo ácêrca dos artigos sobre o Brazil que n'elle se deparam.

Igualmente foram recebidas com especial agrado as offertas abaixo declaradas : pela Associação Maritima e Colonial de Lisbôa os Ns. 4.°, 5.°, 6.°, 8.°, e 9.°, da segunda serie de seus *Annaes* : pelo Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen cópia de um MS. intitulado— Compendio historico e chronologico das noticias do Cuyabá, Repartição da Capitania de Mato Grosso, desde o principio do anno de 1778 até o fim do anno de 1817, por Joaquim da Costa Siqueira, Capitão reformado do Regimento de Milicias: pelo Sr. José Domingues de Attaide Moncorvo os fasciculos 53 e 54 do Museu Borbonico de Napoles : e pelo Sr. Miguel Maria Lisbôa, da parte do Sr. Padre Joaquim de Santa Escolastica Mavignier, dois tomos em folio das Decadas de Herrera ; e um copo de ouro achado em uma *huaca* ou tumulo dos antigos Indios do Perú.*

---

* Os antigos Peruanos sepultavam os cadaveres de seus nobres em extensos cemiterios, muitos dos quaes têm sido modernamente excavados, e d'elles se ha extrahido muitos objectos curiosos e de valor, como o vaso ou *huaquero* agora offerecido ao Instituto. A esses cemiterios chamavam elles *huacas*, d'onde vem o nome dos objectos alli achados.

O cadaver era enterrado em posição vertical, todo encolhido, com os cotovellos tocando os joelhos, e as mãos fechadas apertando os queixos. Enterravam-se com elle as armas de que se servira em vida, seus idolos domesticos, uma porção de comestiveis, e um pequeno vaso para beber *chicha* (licôr espirituoso), como o que acompanha esta explicação (*Esclarecimento do Sr. M. M. Lisbôa*).

Foi approvada uma proposta do Socio effectivo o Sr. Dr. Bivar para que o Instituto pedisse ao Governo ou ao Corpo Legislativo a providencia de mandar que os impressores de quaesquer obras, que de ora em diante se publicarem no Imperio, qualquer que seja o seu objecto e natureza, comprehendendo todos os periodicos politicos, commerciaes, litterarios e scientificos, sejam obrigados a depositar na Bibliotheca do Instituto um exemplar das mesmas obras.

Entrou depois em discussão, e foi approvado, segundo a fórma expressa nos Estatutos, um parecer da Commissão de Geographia sobre a admissão de dois membros correspondentes para a respectiva classe.

99ª SESSÃO EM 9 DE FEVEREIRO DE 1843

Presidencia do Illm. Sr. Conego J. da C. Barboza

Expediente.—Leitura do seguinte Aviso :

« De Ordem de Sua Magestade o Imperador remetto, por cópias, a V. S. o officio que em data de 21 de Dezembro ultimo dirigiu ao Ministerio da Guerra o Coronel Commandante Superior João da Silva Machado, a respeito das explorações feitas nos campos denominados do « Paiqueré », e o Relatorio das mesmas explorações e das memorias antigas sobre aquelles terrenos ; ficando satisfeito, como cabe na possibilidade, o que V. S. de parte do Instituto Historico e Geographico Brasileiro solicitou em officio de 3 de Novembro do anno proximo preterito.

« Deus Guarde a V. S. Paço em 31 de Janeiro de 1843.— *Salvador José Maciel.*— Sr. Januario da Cunha Barboza.»

« Cópia.— Illm. e Exm. Sr.— Tenho a honra de accusar a recepção do officio que V. Ex. me dirigiu em 10 de Novembro ultimo, determinando-me a remessa de algum

roteiro ou memoria relativa ás descobertas dos campos denominados— Paiqueré: o que cumprindo com todo o prazer, passo ás mãos de V. Ex., para chegarem ao conhecimento de Sua Magestade o Imperador, as cópias inclusas, onde faço o relatorio das noticias que pude obter sobre a digressão dos exploradores, e bem assim das memorias antigas sobre aquelles terrenos abandonados, ou já desconhecidos; e aproveitando a opportunidade, envio tambem um batoque, que foi achado em um dos alojamentos, tendo o desprazer de que vá quebrado pela imprudente curiosidade que teve um individuo da escolta; e igualmente envio a V. Ex. uns novellinhos para que Sua Magestade o Imperador veja de que fio usam os indigenas d'aquelle sertão para fazerem seus pequenos tesusmes: elles talvez augmentem um dia o numero de seus subditos, pois não deram indicios de ferocidade, devido talvez á tradição de seus ascendentes, que haviam sido domesticados, conforme se colhe das duas Memorias que offereço.

Deus Guarde a V. Ex. por muitos annos. Fazenda de Perituva 21 de Dezembro de 1842.— Illm. e Exm. Sr. Desembargador José Clemente Pereira, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Guerra.— João da Silva Machado.— Conforme.— *João Bandeira de Gouvêa.*

« Cópia.—Freguezia da Ponta Grossa 30 de Outubro de 1842. Informações que pude obter do alferes Antonio Pereira Borges, Commandante da Companhia exploradora formada em Campos Geraes de Coritiba, na demanda dos campos denominados Paiqueré.

« A Companhia fez a sua entrada nos campos do Amparo, no districto da mencionada freguezia, a 15 de Maio d'este anno, e d'alli a rumo de Oeste com cinco leguas de marcha sahiram em uma campina, que terá de duas a tres leguas, cujo campo é coberto como o dos sertões da Bahia, mas offerece uma abundante pastagem, onde os animaes engordam com muita presteza. Da Campina caminharam a rumos de NEE por terreno aspero, por irem no costado de uma serra, que me parece ser o espinhaço da serra da Esperança, que se atravessa no sertão para Guaapuava, cuja serra atravessaram finalmente, e foram ao

rio Ubahy no logar a que deram o nome de Cachoeira grande distante da Campina onze leguas medidas; este rio é o mais abundante de peixe que se póde imaginar; grandes dourados, suruvis, cabeçudos, jahus, e outros muitos. Ahi fez Borges oito canoas para acommodar a escolta de 60 homens, e no dia 10 de Junho começou a descer pelo mencionado rio Ubahy, encontrando muitas cachoeiras, mas todas passaveis. Na margem direita do Ubahy desaguam: 1°, o rio Tinto; 2°, o Alonço (que é rio grande); 3°, o Bom, que é de mediano tamanho, e muitomanso; e na margem esquerda só desaguam pequenos ribeirões até a confluencia do rio Curumbaty ou Thuá, e nesta navegação gastaram quatorze dias de viagem, sem contar os de falha. Em toda a mencionada extensão encontraram vestigios das excavações de muitas lavras, tanto na margem do rio, como nas caldeiras, d'onde se havia tirado um cascalho rijo á semelhança do que se via nas barranceiras a que os mineiros chamam gopiára. Na margem do rio encontraram laranjaes immensos de laranjas chamadas da terra, de que usavam plantar os antigos Jesuitas nos sertões que exploravam. A mesma margem é surtida de grandes barreiros, ondo a caça é em abundancia, como sejam antas, porcos queixaes, taletos, onças, capivaras, veados, e outros quadrupedes; e bem assim passaros de diversas qualidades, entre os quaes, grandes bandos de jacutingas, a quem o Commandante vedou a matança, para não acabar o municiamento de polvora e chumbo. Além dos grandes laranjaes, que suas frutas alimentam a caça que alli se encontra, ella é surtida de um capim mais viçoso que o chamado d'Angola, conhecido no Cuyabá por capim da praia, que os animaes cavallares e muares devoram com soffreguidão, e os torna em pouco tempo mui nutridos: encontraram tambem muitos bananaes carregados de grandes e saborosas bananas de S. Thomé e da terra, na visinhança da confluencia do rio Corumbaty, e por elle acima na distancia de meia legua, que foi sómente o que subiram, aguardando-se para o explorar sufficientemente na volta, visto que o desejo do explorador era ir ao rio Paraná, o que conseguiram, como adiante se verá. — Temos a nossa escolta exploradora na junção do rio

Corumbaty ou Thuá com o Ubahy, de d'onde continuaram a descer, e no fim de quatro dias de viagem encontraram-se com outra escolta, tambem exploradora, que entrou pelos campos de Guarapuava, commandada por Rochinha, na demanda, como est'outra, dos mesmos campos do Paiqueré, e deram a este lugar o nome de Porto do Bom Encontro, onde se demoraram para fazer mais sete canôas, e então com quinze descer amas duas escoltas reunidas pelo rio Ubahy, por presumirem que os campos tocavam a sua margem. Com pouca navegação, abaixo do Porto do Bom Encontro, principiaram a ver os vestigios de immensidade de gentio, que habita n'aquelles sertões ; elles observavam os nossos navegantes, mas quando estes saltavam em terra, corriam em grandes porções, fazendo um rumor, que parecia ser de muitos centenares, sem que tratassem de accommetter, e nem de emboscar-se para fazer mal aos nossos exploradores ; estes tambem foram cavalheiros, porque os não perseguiram, e nem destruiram os alojamentos, que successivamente encontraram pela margem do rio Ubahy em dez dias de viagem até sahir no rio Paraná, e depois por elle acima mais dois dias, de d'onde voltaram porque o acharam muito correntoso, e já começavam a sentir-se incommodados das sezões, que logo se lhes declarou no regresso ao Porto do Bom Encontro, onde chegaram com muito custo, porque quasi toda a gente foi accommettida d'essa molestia endemica nas margens do grande Paraná, d'esse rio pittoresco por causa de tantas ilhas de que é surtido, dos areaes que o bordam, e de uma largura que calcularam ser de duas leguas.—Nos alojamentos que foram descobrindo logo para baixo do Porto do Bom Encontro, até onde navegaram no rio Paraná, acharam sete canôas grandes e muito limpas, burnidas por fóra e por dentro, sómente com o defeito de não serem bem lançadas de prôa e pôpa. Acharam muitas roças de mato virgem derrubadas á fouce e machado, sem deixarem arvores em pé, como costumam os nossos agricultores ; em um d'esses alojamentos da costa do Paraná achou Borges um batoque d'alambre de um palmo de comprimento, do qual fez mimo ao abaixo assignado, e igualmente de alguns novellos do fio de tocúm, ortiga, e tambem de cabello de gente; acharam teares onde o gentio tece o panno de algodão,

cuja planta elles cultivam, bem como fazem outras qualidades de tessumes. Acharam uma tenaz de ferreiro, e muitos anzóes grandes e pequenos, o que não deixa em duvida que elles sabem fundir o ferro, o que com elle se surtem da ferramenta que lhes é indispensavel para fazer roças, canôas, etc., etc.; e como essa mina foi descoberta pelos Jesuitas no pequeno rio Pequiry, que desagua no Paraná dez milhas acima das sete quedas, em cuja margem fundaram a Cidade Real de Guayra entre os annos de 1557 até 1577, é mui provavel que desde então adquiriram o conhecimento de fundir e trabalhar o ferro, e que foram transmittindo a seus descendentes. Além dos grandes bananaes e laranjaes acima mencionados, acharam limões galegos, cidras, ananazes plantados em linha, mandioca, aipi, amendoim, feijão miudo e do ordinario, milho de diversas qualidades, melancias, aboboras, morangos, porengos, fumo; muitos utensis de barro, inclusive seus grandes caximbos; até o fabrico da erva mate de que usam, talvez desde que foram domesticados pelos Jesuitas em 74 annos contados em 1557 até 1631, quando abandonaram a Cidade Real de Guayra e mais treze Reducções, que haviam formado até oito leguas acima da confluencia do rio Paranapanema com o Tibagy, por causa da perseguição que soffreram dos Paulistas; e por isso que em Dezembro do dito anno de 1631 desceram com 12,000 Indios em 700 canôas, e foram estabelecer-se entre o Paraná e Uruguahy, onde formaram o grande povo da Candelaria, S. Carlos, o de Christo, e outros muitos nas visinhanças do Itapúa. O clima, desde a Cachoeira grande até o Porto do Bom Encontro é o melhor possivel, e as terras mui productivas onde a geada não penetra, pois que em Junho achavam as immensas jabuticabeiras carregadas de frutas maduras, sazonadas, verdes, e até com flôr, achando ao mesmo tempo milho plantado ha pouco, um verde, outro secco, o que mostra que elles plantam em diversos mezes do anno.

« Como as explorações continuam animadas por alguns emprehendores, que tem formado uma outra Companhia social para conhecer bem o paiz, é provavel que se encontrem esses campos de Paiqueré (a que eu chamarei, campos situados na Provincia do Cacique Tayaoba), e terá

a comarca de Coritiba de povoar esse bellissimo e extenso sertão, que calculo ter o melhor de oitenta leguas, e talvez essas minas em que me parece fizeram os Jesuitas trabalhar esses 100,000 indigenas que domesticaram nos 74 annos que residiram na margem esquerda do grande Paraná: talvez seja um sonho da imaginação: póde ser. A' vista do que levo exposto, parece-me que em poucos annos se póde domesticar essa immensidade de gentios, que habita entre os rios Tibagy, Paranápanema, Paraná, Iguassú, e Campos Geraes de Coritiba, que talvez pareça exageração minha calcular de 80,000 a 100,000, visto a extensão do territorio em que habitam, e a abundancia de frutas, caça e peixe que lhes seguram o necessario alimento, além das plantações que fazem, como acima fica descripto; e ainda mais me convenço, porque na memoria supra consta que os Jesuitas se retiraram com 12,000 Indios das Reducções de Loreto e Santo Ignacio, que como mais centraes tinham escapado á perseguição dos Paulistas, e em tal caso deveria ficar muita gente afugentada pelos contornos das outras Reducções que depois se reuniram, porque não consta que depois de 1631 tornassem os Paulistas a fazer incursões na caça do gentio d'aquelle sertão, visto terem sido testemunhas da fugida d'elles nas setecentas canôas de que trata a memoria supra. No que vem descripto consta que as Companhias exploradoras regressaram do Porto do Bom Encontro atacadas de sezões, e por isso o recurso que lhes restava mais facil era seguir para Guarapuava pelo caminho que tinha trazido a escolta do Commandante Rochinha, occupando os animaes que elles haviam deixado na Campina denominada do abarracamento, e por isso farei uma descripção succinta do seu regresso.

« Do Porto do Bom Encontro, onde abandonaram as dezesete canôas, á Campina do abarracamento (de duas leguas de comprimento e uma de largo) tem um sertão de mato de oito leguas. Passando a dita Campina tem outro sertão, por onde passa o rio Pequiry, e sahe-se n'outra campina mais pequena denominada do Indio Victorino, e d'alli atravessa-se outro sertão de doze leguas de mato em terreno montuoso até sahir no Campo das laranjeiras pertencente a Guarapuava. Por este sertão atravessam

dois rios : o primeiro a que chamam Paiqueré, e o segundo o Rio do Cobre, por terem descoberto n'este uma mina de cobre, o qual fica a quatro leguas distante do mencionado Campo das larangeiras, e d'este campo á freguezia de Belém em Guarapuava tem 18 leguas.

« Em pouco espaço da tempo hei de apresentar uma porção de pedras onde está engrazado esse metal para se conhecer se merece ser aproveitado, pois já encommendei algumas arrobas para fazer-se a experiencia.

« Fazenda de Perituva 21 de Dezembro de 1842.— João da Silva Machado. — Conforme — *João Bandeira de Gouvêa.*

(*Cópia*). *Noções do territorio de Guayra, hoje por corruptela chamado Paiqueré, tiradas das historias moderna e antiga do Paraguay, Rio da Prata, e outras.*

Em 1557 — Foi fundada a Cidade Real de Guayra sobre a barra do rio Pequiry no Paraná.

» 1577 — Foi fundada a Villa Rica do Espirito Santo no rio Ubahy, perto da emboccadura do rio Corumbate 30 leguas antes da sua descarga no Paraná ; e mais acima no mesmo Ubahy fica o paiz do Cacique Tayaoba, não longe do qual está uma vasta planicie de campo povoado por Indios Coroados ou Cabelludos.

» 1610 — Foi fundada a Reducção de N. S. de Loreto na barra do Pirapé ou Pirapó no Paranápanema.

» 1610 — Foi creada a Reducção de S. Ignacio no paiz de Ytambaracá, logo acima da confluencia do Tibagé no rio Paranápanema, a legua e meia de distancia da de Loreto.

» 1622 — Tibagé acima formou-se a Reducção de S. Francisco Xavier na Provincia de Ybyturimbetá.

» 1625 — Foi fundada a Reducção da Encarnação do Oriente de S. Francisco Xavier, em terras asperas e montuosas, limitando ambas com o Brazil.

Em 1625 — Entre os rios Ubahy e Tibagé, confinando com as Provincias de Ibyterimbetà e Guayra formou-se a Reducção de S. José, e mais outras que se seguem, ás quaes se reuniram os Indios Camperos.

» 1626 — Foi creada a Reducção de S. Paulo no rio Yneay, terreno das Provincias de Tayaty e Tayaoba.

» 1626 — Foi creada a Reducção de S. Miguel em Ybiticurú.

» 1627 — Foi creada a Reducção de Santo Antonio em Ybiticoy.

» 1627 — Foi creada a Reducção dos Santos Archanjos na Provincia de Tayaoba, onde se reuniram tambem os Indios Cabelludos ou Coroados.

» 1627 — Foi começada a Reducção de S. Pedro nos Pinhaes, entre a de S. Paulo e dos Archanjos, paiz dos Guyanás, sobre um alto de serros contiguos, que depois tomou o nome de S. Thomaz.

» 1627 — Foi creada a Reducção da Conceição no paiz dos Guayanás, por outro nome Gualaches ou Guanás, que confinam com Tayaoba e alguns apparecêram nas minas de ferro descobertas pelos Hespanhóes na costa do pequeno rio Pequiry.

» 1628 — Foi creada a Reducção de Jesus Maria sobre escabrosas serras do cantão do Cacique Guyraverá, homem muito soberbo e de muita consideração, a quem os Hespanhóes appellidaram o exterminador, porém que afinal baptizou-se, e persistiu na fé christã.

Todas estas Reducções foram destruidas, roubadas e queimadas pelos Paulistas (que os Castelhanos chamavam Mameculos), que as atacaram alternadamente entre os annos de 1628 e 1631, começando pelas mais proximas Santo Antonio, S. Miguel, S. Francisco Xavier, Jesus Maria e outras, por que elles passavam perto de S. Francisco Xav e começavam suas correrias, tanto que n'este tempo só

Rio de Janeiro e para o Norte venderam sessenta mil Indios tirados do Guayra, pois que, contando-se mais de cem mil Christãos espalhados pelas differentes Reducções em Dezembro de 1631, tiveram os Jesuitas de retirar-se sómente com doze mil Indios das Reducções de Loreto e Santo Ignacio, que como mais centraes tinham escapado á perseguição dos Paulistas, mas que ao segundo dia de sua marcha pelo rio abaixo em setecentas canôas já alli chegaram os mesmos, e como nada achassem, queimaram as povoações e igrejas muito bem edificadas; formando-se com esta gente emigrada as Reducções da Candelaria e outras na costa do Paraná perto de Itapúa, e desde este tempo ficou aquelle paiz de Guayrá despovoado e desconhecido tendo sido povoado pelos Jesuitas e Hespanhóes setenta e quatro annos.

« Outra memoria.— De oito a dez leguas acima da embocadura do Paranápanema com o Tibagé se lhe junta pela margem esquerda o pequeno rio Pirapó, junto de cuja foz existia por alguns annos a Reducção de N. S. de Loreto, uma das treze que formavam as chamadas Provincias de Tayaoba e Tayaty. No angulo septentrional do Pequiry, quando desagua no Paraná, dez milhas acima das sete quédas, sitio aprazivel e vantajoso, esteve Ciudad Real de Guayra, demolida pelos Paulistas em 1631. O destacamento do forte Iguatymim pretendeu reedifical-a em 1773, empresa que foi abandonada depois de tres mezes, porque toda a gente que se lhe mandava perecia em poucos dias de febres pestilentas, que reinam alli em Janeiro, Fevereiro e Março. O rio Ivahy, originariamente Ubahy, é caudaloso, navegavel até perto de sua origem, e tão piscoso que tambem se lhe deu o nome de rio dos peixes. Corre entre o Poente e o N E. atravessando um terreno extenso e povoado de Indios salvagens, e entra no Paraná por uma embocadura de sessenta braças. Oito dias de viagem acima de sua embocadura estão as ruinas de Villa Rica com o nome de Bananal, desmantelada pelos Paulistas na mesma occasião em que demoliram Guayra, que se communicava com ella por um caminho, do qual não haverá mais indicios. Gœthe, citando a Martin del Barco, diz, que os Castelhanos possuiam uma cidade

não nomeia) perto de quarenta leguas acima de Guayara na margem do Paraná; mas não ha noticias de seus vestigios: talvez houvesse engano a respeito do logar, e fôsse Villa Rica a cidade que elle indicára.

Fazenda de Perituva 21 de Dezembro de 1842. —João da Silva Machado. — Conforme— *João Bandeira de Gouvêa.* »

Foi offertado para a Bibliotheca do Instituto e recebido com especial agrado: pelo Sr. José Domingues de Attaide Moncorvo a collecção dos Relatorios apresentados á Assembléa Geral Legislativa na 1.ª sessão da 5.ª Legislatura pelos Exms. Srs. Ministros e Secretarios de Estado: pelo Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo um exemplar do — Diario da viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas Capitanias do Pará, Rio-Negro, Mato-Grosso, Cuyabá e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790; impressa por ordem da Assembléa Legislativa da Provincia de S. Paulo: e pelo Sr. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia alguns exemplares da sua— Oração recitada na Augusta Presença de Sua Magestade o Imperador e das Serenissimas Senhoras Princezas Imperiaes, por occasião da distribuição dos premios no Collegio de D. Pedro II em 12 de Dezembro de 1842.

Foi approvado o seguinte programma proposto pelo Sr. Mariz Sarmento, afim de ser lançado na urna, e sorteado como ordem do dia das sessões :— Que influencia exerceu no Brazil o Tribunal da Inquisição de Portugal?

Foi tambem approvado um parecer da Commissão de Geographia, propondo que fôsse admittido como Membro correspondente da respectiva secção o Sr. Dr. Candido Manoel de Azeredo Coutinho.

100ª SESSÃO EM 23 DE FEVEREIRO DE 1843

Presidencia do Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo

Expediente. — Officio do socio correspondente o Exm. Sr. Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, presidente da Provincia da Parahyba do Norte, offertando

para a Bibliotheca do Instituto uma collecção dos Relatorios que têm sido dirigidos pelos Presidentes d'aquella Provincia á Assembléa Provincial desde 1837 até o anno proximamente findo.

O Exm. Sr. Desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Presidente da Provincia do Pará, remette a cópia de um MS. com o titulo de— Diario da viagem que fez á Colonia Hollandeza de Surinam o Porta Bandeira da setima Companhia do Regimento da cidade do Pará, Francisco José Rodrigues Barata, pelos sertões e rios d'este estado em diligencia do Real serviço : offerecido em 1799 ao Illm. e Exm. Sr. D. Francisco de Souza Coutinho, Governador e Capitão General das Capitanias do Pará e Rio-Negro.

Na fórma do costume deliberou o Instituto que se agradecesse as duas offertas acima designadas, que foram recebidas com especial agrado, bem como a seguinte do Sr. Moncorvo : — Balanço provisorio da receita e despeza do Imperio no anno financeiro de 1839— 1840 : — Orçamento da receita e despeza do Imperio para o exercicio de 1843— 1844.

Foram approvados Membros Honorarios os Exms. Srs. Principe Comitini, Cavalheiro D. Micola Santangelo e Commendador Ferri, Ministros e Secretarios d'Estado do Reino das Duas Sicilias ; propostos pelo Sr. Conego Januario da Cunha Barboza, da parte do socio correspondente o Sr. Commendador D. Gennaro Merolla.

O Sr. Mariz Sarmento apresenta a seguinte proposta : —« Sabendo eu com certeza que o fallecido Conselheiro João Ferreira da Costa Sampaio, que foi escrivão do Thesouro do Brazil e depois membro do Tribunal do Thesouro de Portugal, se occupou com desvelo durante a sua longa residencia no Brazil em colligir documentos relativos á historia d'este paiz, e escrever a mesma historia ; e sendo provavel que esses trabalhos existam hoje em poder de seu filho do mesmo nome, nascido no Brazil, e empregado presentemente na Alfandega de Lisbôa : proponho que o Instituto encarregue ao nosso Consocio o Sr. Varnhagen haver noticias a esse respeito, o procurar, com o seu conhecido zelo e diligencia pelas cousas do Instituto,

conseguir a remessa d'esses trabalhos, ou informar os meios de se poderem haver.—*Mariz.* » Approvada.

Foi tambem approvada uma proposta do 2.° Secretario para que se officiasse, da parte do Instituto, ao Socio correspondente o Sr. Dr. Francisco Freire Allemão, rogando-lhe houvesse de aceitar a incumbencia de organizar um Roteiro ou Ephemerides do que se passar desde a sahida da esquadra, que deve conduzir a este Imperio Sua Magestade a Imperatriz do Brazil, até sua feliz entrada nesta cidade, apontando diariamente o que fôr occorrendo de mais notavel, não só a bordo, mas tambem depois do desembarque da Embaixada em Napoles, como sejam ceremonias, honras feitas a esta, festividades, etc.

Pedindo a palavra o Sr. Conego Januario da Cunha Barboza, solicita ao Instituto que haja de dispensa-lo pelo espaço de um anno do exercicio do logar de 1.° Secretario, por isso que, achando-se na occasião sobrecarregado de diversos trabalhos, não lhe é possivel dar o devido e prompto andamento á correspondencia da Sociedade, e mais expediente a seu cargo; e propõe que emquanto durar o seu impedimento fique o 2.° Secretario servindo e exercendo em tudo o referido encargo; promettendo, apezar da folga que pede, continuar a ir sempre empregando em serviço do Instituto todos os instantes que lhe restarem de suas occupações.

A' vista d'este requerimento e proposta, o Instituto, reconhecendo a justiça da rogativa do Sr. 1.° Secretario, foi de voto que se lhe concedesse a licença pedida, obrigando-se comtudo a voltar ao exercicio de seu logar logo que se achar mais desembaraçado de seus trabalhos: e encarrega ao 2.° Secretario de passar a exercer as funcções de 1.°, podendo chamar para coadjuval-o os Srs. Secretarios Supplentes como determinam os Estatutos.

101ª SESSÃO EM 15 DE MARÇO DE 1843

Presidencia do Illm. Sr. Conego J. da C. Barboza

Expediente.—Officio do Sr. Coronel Firmino Herculano de Moraes Ancora, Director interino do Archivo Militar, accusando haver recebido o Mappa da Provincia de Santa Catharina, que, em virtude do Aviso da Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra de 16 de Novembro do anno p. p., fôra remettido ao Instituto, afim de ser consultado pelo Socio effectivo o Sr. Coronel José Joaquim Machado de Oliveira.

Carta do Socio effectivo o Sr. Dr. João Fernandes Tavares, participando ao Instituto que, havendo-se desvanecido a esperança, que fundára, de uma viagem para longe do Imperio, prolongando-se talvez por annos, como suppunha, a sua ausencia d'esta capital de novo se acha prompto a executar quanto o mesmo Instituto houver por bem ordenar-lhe em seu serviço.

Escreve da Bahia o Socio correspondente o Sr. Dr. João Antonio de Sampaio Vianna, offertando um exemplar da *Exposição*, que alli acaba de publicar á bem de sua reputação como empregado publico.

« Por occasião de ter ido á Comarca de Caravellas o habil Engenheiro Americano John H. Carson, expressa-se o nosso consocio, com o intuito de, conjunctamente com o cidadão Americano John Smith Gillmer escolherem um terreno proprio para a fundação de uma nova Colonia Americana, á semelhança da de Allemães e Suissos denominada Leopoldina, que alli existe, e que caminha prosperamente no cultivo do café e de varios cereaes do paiz, julguei eu, então Juiz de Direito d'aquella comarca, que opportuno ensejo se me apresentava de possuir um Mappa topographico da Comarca, e tive a fortuna de obter que o mesmo Engenheiro Carson esboçasse esse, que me foi offertado, e que eu tenho nimia satisfação de doal-o ao nosso Instituto para d'elle tirar a todo o tempo qualquer utilidade na confeição de um igual mappa geral de todo o Imperio. Posso assegurar a exactidão do pequeno mappa que ora envio,

porque conheço bem todos os logares que se descrevem, e os quaes foram admiravelmente apanhados pelo Engenheiro Carson. Receba o Instituto mais esta tenue prova de minha consideração, e do constante anhelo que nutro de corresponder á sua inapreciavel confiança. »

Leitura do seguinte officio:—« Illm. e Exm. Sr.— Tenho a honra de accusar o recebimento do officio que V. S. me dirigiu em data de 4 do Novembro p. p., e de participar ao mesmo tempo que não tardei em cumprir a commissão, que n'elle me encarregou, de fazer constar aos Socios residentes n'esta côrte que o Instituto ficou satisfeito do modo por que desempenhámos o encargo de levar á presença de S. M. El-Rei D. Fernando o diploma de Presidente honorario do mesmo Instituto.

« Da minha parte, agradecendo as lisongeiras expressões com que V. S. me honra em o seu dito officio, apresso-me outrosim a pedir a V. S. o obsequio de se prevalecer da primeira occasião que se lhe offerecer, para fazer constar ao Instituto quanto me penhorou a distincção que me fez elevando-me por unanimidade de votos de seus membros á categoria de Socio honorario. Em meu particular tambem me ha de ser permittido agradecer a V. S. pela parte que n'isso teve.

« Aproveito o ensejo para offerecer ao Instituto a obra inclusa *America etc.*, por John Ogilby—um volume em folio, London, 1671.— Este livro é já muito raro, nem eu nem algumas outras pessoas a quem consultei n'esta indagação em que ando do que em differentes épocas se imprimiu sobre a America em geral, e do Brazil em particular, para que o Instituto possua uma collecção completa d'esses escriptos, tinhamos d'elle noticia alguma.

« Accusando agora o recibo do outro officio com que V. S. me honrou em data de 31 de Maio, e que me veio ás mãos a 19 de Setembro do anno findo, tenho a dizer que não pouparei diligencia nem despeza para obter as noticias e documentos que o Instituto deseja ter, e para o que já tenho dado alguns passos. O Sr. Rivara veio ultimamente á esta côrte, e eu me entendi com elle a este respeito. Espero corresponda ás esperanças que me fez conceber. A Bibliotheca de Evora não estava em ordem, havia n'ella alguma

confusão, e o Sr. Rivara, tendo empregado o seu tempo quasi exclusivamente em a arranjar, só agora é que póde, segundo me asseverou, ir entrando no verdadeiro conhecimento do que n'ella porventura houver relativamente ao Brazil.

« Deus Guarde a V. S. Lisbôa 28 de Janeiro de 1843. —Illm. e Revm. Sr. Conego Januario da Cunha Barboza.— *Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond.* »

Foi o Sr. Secretario Perpetuo encarregado de responder ás cartas acima, agradecendo as offertas que as acompanharam.

Tambem foi offertado para a Bibliotheca do Instituto, e recebido como agrado : pelo Sr. José Domingues de Attaide Moncorvo o discurso recitado pelo Exm. Presidente José Carlos Pereira de Almeida Torres no dia 7 de Janeiro de 1843, por occasião da abertura da Assembléa Legislatíva da Provincia de S. Paulo ; e a Falla que recitou o Presidente da Provincia da Bahia o Exm. Conselheiro Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, na abertura da Assembléa Legislativa da mesma Provincia, em 2 de Fevereiro de 1843 : e pelo Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva a continuação de suas— *Modulações Poeticas.*

O Socio correspondente o Sr. Dr. Sigaud fez leitura de um artigo intitulado— La Villegagnon— por elle traduzido da *Revista de Pariz*, Junho de 1842.— Foi ouvido com prazer e remettido á Commissão de redacção.

Levantou-se a sessão ás 7 horas da noite.

MANOEL FERREIRA LAGOS,
2º Secretario Perpetuo.

REVISTA TRIMENSAL
DE
HISTORIA E GEOGRAPHIA
OU
JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

N.º 18. JULHO DE 1843.

O CONVENTO DA PENHA
NA
PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

Descripção desenvolvida de uma antiga lenda do mesmo convento, por

J. J. Machado de Oliveira

Socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Bazileiro, e da Sociedade de Instrucção Elementar do Rio de Janeiro, e Socio correspondente da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

Turris candida in prærupto monte haud longe a mari sita visitur.
LAET. NOV. ORB.

Por mais de uma razão alegra e anima o grito de — terra — que dá o gageiro trepado no mastaréo da popa da embarcação que, demandando a costa da provincia do Espirito Santo, faz a ultima singradura nas aguas ao Sul dos Abrolhos. Nunca alviçareiro algum é mais festejado e presenteado com menos parcimonia do que aquelle que primeiro descobre as assomadas das montanhas que atalaiam as extremidades da linha quasi semicircular que descreve a bahia, pela qual se entra para a abra em que está a capital d'essa provincia.

O mar que se debate com o Cabo Frio, constantemente irritado, desfazendo-se em alterosas vagas, porque este immenso promontorio, ouriçado de penedias, perturba o movimento regular das aguas no seu fluxo e refluxo, e retorce as correntes da monção ; as ilhotas disseminadas pela vasta curvatura de 30 leguas de bojo, que se desenvolve entre esse cabo e as adjacencias da Lagôa Feia, e que são outros tantos escolhos que ameaçam de naufragio a navios açoutados por travessias que os sorprendem nesse trajecto ; o fundo aparcellado de S. Thomé, que se abre em flôr e domina uma vasta extensão inçada de perigos para a navegação costeira, e que nem sempre póde ser evitado a tempo, e o que é mais assustador, esse temivel mar dos Abrolhos, que a inexperto nautico continuamente afigura que prestes roçará seu archipelago, ainda quando para alli ha a percorrer algumas dezenas de leguas ; todos estes preconceitos e apprehensões mal calculadas, que se apoderam do animo do navegante em navio que sulca aquelles mares, o atarantam e amedontram, e por isso a celeuma dos maritimos, que annuncia o apparecimento de terra em tal altura, tira-os do soçobro em que estão desde que aproam para a costa d'essa provincia, e encontram o leme as aguas de bombordo ; e então reluz em seus semblantes a animação pela ausencia do perigo.

Ao longe, na azulada cordilheira que primeira se offerece e sobrepuja ás terras que se estendem em parallelo ao correr da costa do mar do Espirito Santo, o seu ponto mais elevado é o morro do Mestre Alvaro, que põe termo para o lado do nascente á corda de montanhas, que se ramificam da serra geral, e de cujos flancos derivam-se, entre outros, os rios de Santa Maria e Carahipe. E' elle que com suas fórmas colossaes, talhadas na summidade em varios grupos, que estão em contacto com as nuvens, denuncia, primeiro que o sol, a latitude de 20 gráos áquem do equador. Fica-lhe quasi fronteiro o pico de Jucutacoára, que surge do centro de um grupo de montanhas na ilha de Duarte de Lemos, onde tem assento a cidade da Victoria, e no continente em ponto mais remoto, e plano mais inferior, e sob-figura mais regular distingue-se o Muxauára, de recordação historica, que por muito tempo serviu de asylo

a uma tribu indigena, das que habitavam o litoral anteriormente á conquista.

Em mais approximação, e quando já se reconhece que a cordilheira, que primeiro se apresentára á vista, não se extende em linha recta, mas são differentes porções que correm tortuosamente em diversos sentidos, e todas vão-se encravar na serra geral, servindo-lhe de contrafortes; quando entre estas phalanges de formações montanhosas póde-se já discriminar cada uma d'ellas, ou designal-as isoladamente pelos seus nomes locaes, vê-se que toma a precedência a todas, e se projecta rapidamente sobre o mar, sem temor de seus assaltos, o morro Moreno, que se firma em suas bases, e se eleva com um cimo revestido de arvoredo, e marchetado de penhascos esbranquiçados. Em sua espalda, e sem mediar distancia que perto é reconhecida, descobre-se a furto e sobranceiro ao Moreno um grande rochedo, nú e escuro, alquebrado para o mar, e que a illusão optica faz tomar por uma adherencia d'aquelle morro. Sobre essa escalvada massa avulta um edificio radiante de brancura, e em contraste com a côr do rochedo, e que em outros tempos e em outro hemispherio se tomaria por um d'esses castellos de estylo romantico,que asylavam o feudalismo : é esse edificio uma igreja annexa ao convento da Penha !

A Vasco Fernandes Coutinho, o primeiro donatario da capitania do Espirito Santo,corriam os tempos mais serenos, depois de exonerado da crua e obstinada luta travada com os Aborigenes, que precedentemente dominaram aquelle senhorio, os quaes, com acintosa resistencia, e em porfiadas pelejas insistiam em oppôr-se ao ingresso dos invasores em territorio que habitavam e fruiam desde tempos immemoriaes ; e para que melhor colhesse os fructos do seu apanagio, augmentava sobretudo os meios materiaes que lhe podiam dar esse resultado,sendo o mais essencial d'estes a forçada sujeição dos indigenas para o fim de applical-os aos trabalhos ruraes e fundação das povoações.

A dolorosa experiencia de successivas derrotas erevezes, que a principio tinha soffrido, houvera desenganado o donatario de que com mão armada jámais poderia sopear a essa gente sua livre condição, que lhe vinha da natureza; reduzil-a á escravidão, e esperar d'ella serviços tão

descommunaes e incompativeis com a sua indole e habitos. Como impôr a escravidão e a quietação a homens cujo instincto tendia quasi exclusivamente para uma vida solta ?! Como pungil-os duramente ao trabalho para a manutenção dos outros, quando elles muito pouco curavam da propria ?! A tribu dos Aymorés, tenaz mais que as outras d'aquelle litoral em se subtrahir ao dominio de outrem, e nunca declinando de sua primitiva ferocidade, já se havia seggregado d'ellas, isolando-se no centro das mattas d'aquella parte da serra geral, que ainda conserva o seu nome.

N'outro meio, porém, cogitou Coutinho, que porventura lhe aplanasse difficuldades que sua soffreguidão de devorar riquezas não quereria deparar, e que tão mal se avinham com sua insaciavel cobiça. Um appello para o christianismo era o extremo recurso que restava áquelles, cujos planos de sujeição por meios violentos, e da consquente escravidão tinham sido mallogrados; e este ultimo recurso foi suggerido á crença ainda não bem firme dos poucos neóphitos, que se submetteram ao preceito senhorial dos primeiros missionarios, que alli estenderam os seus trabalhos evangelicos.

Com este intuito, que as primeiras experiencias em diversas partes do paiz conquistado o faziam antolhar proficuo, fez-se propagar acintemente que no dominio de Coutinho deparava-se com tribus de selvagens de uma indole docil e pacifica, que facilmente se submettiam não só á fé christã como á sujeição dos brancos na condição de escravos ; e para melhor determinar os animos dos que não tivessem implicita confiança nos bons resultados da propaganda da fé entre gente, que na Europa se conceituava não pertencer á classe dos racionaes, envolveu-se com essas insinuações alliciadoras a falsa noticia de que o paiz abundava de oiro e de varias producções de valor, como eram entre outras as esmeraldas, que se viam a granel em qualquer dos seus rios.

Não é difficil de acreditar que este attractivo de preferencia a outro qualquer, induziu a aventureiros europeus a se apresentarem no feudo de Coutinho com a idéa clusiva de recolherem riquezas de uma acquisição tão

comezinha, segundo se havia apregoado; mas nem a todos absolutamente incitava este desejo de bens mundanos. Entre esses homens vinham alguns religiosos de um zelo evangelico, a quem outro incentivo não estimulava senão a a posse dos bens celestes; *Palacios, Nobrega e Anchieta* bem o comprovaram por toda a sua vida de cathequista.

Do pequeno numero d'esses compeões que se voltaram sinceramente á propagação do catholicismo, vindo atravez do Atlante affrontar o rude gentilismo da porção do globo, que acabava de ser descoberta, trazendo por armas a fé e por broquel a resignação do Crucificado, foi *Frei Pedro Palacios*, leigo da provincia da Arrabida em Portugal, descendente de uma familia castelhana do Rio-seco, cidade do reino de Leão na Hespanha; e em quem por sua vida mistica, e toda de austeridade, prevalecia o antecipado conceito de dispôr de um poder sobrenatural como emanação da Divindade, tendo occasião de o manifestar em viagem; porque aos mares que se haviam irritado espantosamente a impulso de violento temporal, e que ameaçavam de soçobrar o navio que o transportava para o senhorio de Coutinho, arrojando seu habito de religioso, subito amainou a furia dos elementos contra os quaes lutava o navio, e este desaffrontado pôde proseguir em seu trajecto.

Parece incontestavel que a chegada de Palacios ao litoral do territorio concedido a Coutinho tivera logar em 1558, um anno antes da retirada do donatario para a Europa; porque, da lenda que tenho á vista e moveu-me a esta descripção, e mesmo da inscripção esculpida na lapida tumular, que ainda guarda os seus restos mortaes, e tive occasião de examinar em 1841, é sabido que, depois de 17 annos da sua vida de missionario e de residencia na montanha, com a qual identificou-se em materia e espirito, fôra o seu ultimo passamento em 2 de Maio de 1575.

O arroubo que sentiu o missionario á vista do painel que se estendia em sua presença, quando, ao entrar pela pittoresca bahia do Espirito-Santo, viu as diversas paisagens que occupam o seu lado meridional, encarou o Moreno como o mais avançado da linha de morros que n'esse lado projectam sobre o mar, e embeveceu-se com a fórma colossal terminada em rochedo d'essa montanha a que ao depois se

deu o nome de morro da *Penha*, elevada sobre uma risonha planicie e isolada das outras que guarnecem a orla austral da bahia ; a emoção inspirada por esta bella e encantadora perspectiva, ainda com os traços vivos com que sahira das mãos da natureza, tomou Palacios por um aviso do Céo, que a sua piedade fez logo interpretar como um mandato mysterioso para se alli elevar um dos propugnaculos da igreja militante afim de profligar o gentilismo na America : e com este pensamento ascetico, que a prevaricação dos tempos não deixou vingar em toda a sua plenitude, desprendeu-se de outras vistas, e empenhou a sua dedicação á Cruz, e todas as suas faculdades em leval-o a effeito, tanto quanto lhe permittissem meios tão mesquinhos que lhe podiam caber.

O morro em que se erigiu o convento da Penha, está, como já se sabe, assentado em uma bella planicie que se dilata para o sul até confundir-se com as margens do oceano, e com as varzeas espaçosas do rio Jecú bem perto de sua foz, e que é sulcada em carreira tortuosa pelo pequeno rio da Costa. As suas abas septentrionaes, quasi afogadas pelo mar, começam logo da sua beira em uma curvatura reintrante, que por esse lado descreve a bahia, deixando pujante pelas aguas o pequeno promontorio sobre cuja fralda está collocada a inutil fortaleza de S. Francisco Xavier da barra. Entre elle e o Moreno, que lhe demora a nordeste, e que lhe toma a precedencia na projecção sobre o mar, não ha ponto de contacto, se bem que pareça cavalgal-o quando do mar se visam estas terras alcantiladas; separa-os a E. um valle que communica a grande planicie austral com o formoso campo de *Piratininga*, e cujo fundo é o alveo do rio da Costa, que tambem rega a base occidental do Moreno. A esse rumo e no nivelamento commum da planicie tem o morro da Penha a antiga villa do Espirito Santo, vulgarmente conhecida por villa velha, cujas adjacencias confundem-se por este lado com os flancos arborisados d'esse morro. Esta povoação, que toca já ao seu derradeiro estado de decadencia, teve a primazia sobre todas as outras da provincia, e ensaiou os trabalhos da colonisação. Por todos os declives do morro até começar a planicie descem renques intrincados de magestoso arvoredo,

misturado de massas enormes de granito, que o tempo tem derrocado das suas summidades; e o seu cume é formado por um só rochedo escalvado com 120 braças de circumferencia, revestido delgadamente de uma crosta denegrida, e que resume todos os pontos convergentes da montanha. Sobre esta molle immensa, nua e toda ella a pique, foi que se erigiu a igreja e convento da Penha, que mais adiante se verá.

Embahido Palacios pela severa physionomia da montanha, que lhe suggeria um pensamento mystico que começando no Céo difundia-se pelo gentilismo, que via bem perto de si e em cujo centro ia encontrar-se; e enthusiasta das tradições que deixaram os solitarios da Thebaida, enxergando nos seus aprazíveis contornos logares de recolhimento para meditar sobre a grande obra a que ia dedicar-se, fixou alli suas vistas, e firmou seus planos sobre a mesma base de tão alto collosso, como que desejando que a sua obra tivesse a mesma consistencia e elevação que tinha a montanha, e como dizendo com o Divino Mestre — *super hanc petram œdificabo ecclesiam meam*—. Desprendendo-se então de outras idéas poz unicamente peito à execução de empresa de tão subido merito, entrando n'ella não com passos vacillantes, como chegavam ao novo hemispherio os que só tinham por alvo alimentar ambições mundanas acobertados com a Religião Catholica, mas com a força de animo que só póde inspirar uma consciencia que firmou-se nos principios do Christianismo: e para que melhor meditasse sobre os meios de iniciar uma carreira, em que certo depararia com infinidade de estorvos e resistencias, isolou-se dos homens, afastou-se do bulicio e distracção da vida social, e primeiro anachoreta do Brazil, embrenhou-se na espessura do morro, que tão agreste e severo se afiguraria a quem fôra menos tocado dos presentimentos do Céo. Ahi, e em sitio, que ao depois se conhecerá, levantou por suas proprias mãos uma pequena choupana coberta de folhas de palmeira, e cercada de pedras : n'ella e no vão de um rochedo, do lado do morro que olha para a bahia, e a que adaptou um revestimento para torna-lo menos exposto á intemperie das estações, viveu alternadamente o tempo que lhe foi de mister para predispôr-se aos trabalhos a que

ia dedicar-se, e erigir um pequeno santuario em fórma de pavilhão, e do qual se passa a tratar.

No ponto em que o mais baixo declive do morro da Penha, que fica para o lado do septentrião, confunde-se com as aguas do mar no litoral de Villa-Velha, é o lugar pejado de grossa penedia, que o mar e a mão estragadora do tempo têm aluido a sua base e posto a descoberto. Na maior e mais accessivel das pedras que jazem n'este sitio ainda vê-se em bom porte e consistencia, e feito de tosca alvenaria, um pequeno pavilhão quadrangular de abobada, de 15 palmos de altura, e cujo recinto póde apenas conter 4 pessoas. N'este acanhado ambito foi, segundo a mais antiga tradição local, collocada a imagem da Virgem tendo em seus braços a seu divino Filho, debuchada em um painel de pequenas dimensões, que o religioso trouxera de Portugal, e a tinha em grande devoção : e para que pudesse velar mais de perto aquelle precioso deposito, e mais vezes testemunhar-lhe suas piedosas adorações, habitava a maior parte do tempo o vão de rochedo, de que já fiz menção, abrindo-lhe uma fresta no revestimento que fez pela qual pudesse a todos os instantes visar o pavilhão.

Mas, a obra que emprehendeu pelas revelações do Céo, que lhe haviam obrigado não só a transferir-se ao novo mundo em auxilio dos cathechistas, que puzeram peito á conversão dos filhos da terra de Santa Cruz, como a firmar sua missão na montanha, que já se acha bosquejada, parecia-lhe que ainda não estava bem desempenhada, e nem podia satisfazer sua fervorosa piedade: por isso simultaneamente com os trabalhos do estabelecimento material da sua missão, promovia o cathechista os que convinham á parte moral d'ella. Eram reiteradas as suas excursões no paiz ainda occupado pelos indigenas, que de unanime acoôrdo se haviam mostrado refractarios aos primeiros brados do christianismo, que se faziam imprudentemente soar de envolta com o estridor das armas, e por vehiculos que não podiam ter a unção que deve ressumbrar da palavra da fé : e elle as fazia na intima confiança de que um poder sobrenatural o auxiliava em tão importante empreza, e o cobria de um broquel que despontaria todas as flexas que lhe fôssem lançadas por gente tão descrida. Os seus primeiros

passos foram todavia incertos; e como de reconhecimento a perscrutar os animos dos indigenas, que não haviam de todo desapparecido do litoral, e a medir o gráo de possibilidade a que podia chegar a missão que premeditava; e sobre a certeza que teve por provas não equivocas de que por sua preponderancia mystica fundada sobre a repressão das paixões que ostentavam os conquistadores do paiz, não lhe era difficil estabelecer um espontaneo proselytismo na iniciação da religião do Crucificado; a isso se abalançou, levando nas mãos por unicas armas a cruz e o bordão de peregrino, e percorrendo sem companhia grandes distancias, matas espessas e os escondrijos onde se haviam asylado as tribus que abandonaram as localidades occupadas pelas forças intrusas. Prestante lhe foi esta audacia, pois que, bastou ella para desarmar a cólera dos indigenas, suscitada pela recente expulsão do seu primitivo territorio e modificar sua condição feroz, ouvindo elles com voluntaria attenção os accentos de paz e conciliação, em que o missionario se esforçava para que fôsse entendida e aceita a sua doutrina.

A palavra da fé foi ouvida, e calou em peitos, em que antes existira feroz reluctancia, se não fôra ella incutida pela brandura e resignação de Palacios; se não seguisse o missionario um caminho diametralmente opposto ao que haviam trilhado seus predecessores; e em breve viu elle em redor de si uma multidão de neóphytos, submissos ao seu mandato e accordes em servil-o. Com estas achegas já não lhe era mui difficil plantar os primeiros cimentos do estebelecimento religioso, que de ha muito elaborava em sua mente, e cuja necessidade sobre sahia a par do progresso, que ia ostentando a missão evangelica, em prol da qual barateava esforços e prestança. Já lhe eram conhecidas todas as posições e recantos da montanha, de que se havia assenhoreado em nome do Céo; e conseguira por fim penetrar sua espessa floresta, vencer sua summidade, e subir a custo o assombroso rochedo em que se arremata o morro, e que

Erger si vede il fronte minacciante,

onde então vegetavam unicamente duas magestosas palmeiras cujas hasteas se cruzavam a modo de plumagens em morrião de paladino.

Para uma tal missão nenhum outro sitio havia mais asado e mais conforme com a elevação, á que tem direito a origem do christianismo; mas, reservando para tempos mais adequados a obra que alli se fazia de mister para dar melhor significação do poder divino, que se havia feito insinuar na debil intelligencia dos indigenas, Palacios deu-se por então a construir uma ermida em escala inferior á que premeditava na summidade do rochedo.

O assento da montanha, que serve n'ella de engaste a esse espaçoso rochedo, e onde fenece a vegetação para começarem os flancos a pique d'aquella inteiriça formação granitica, tem, pelo lado do norte, um sitio que, entrando na fórma geral do arredondamento do morro, afasta-se todavia da que a natureza deu ao seu declive. E' um ponto excepcional do systema que rege a esses corpos, em cuja construcção entram precisamente os preceitos da theoria das exactidões. Ahi, que a rapida inclinação do terreno é interrompida por uma planura estreita, circumscripta ao lado septentrional da montanha, e que serve de repouso ao viandante em sua subida, levantou Palacios a sua humilde choupana, que ao depois converteu-se em ermida, onde por longo tempo viveu desapercebido e desligado do trato de seus conterraneos.

N'esta pequena guarida, e no vão do rochedo da raiz da montanha, que ficava em face do pavilhão, corriam alternadamente os lidados dias do missionario; multiplicando seus esforços e desvelos para levar seu estabelecimento religioso a um ponto que, em harmonia com a sua palavra, pudesse mais facilmente tocar os animos dos indigenas, e predispol-os á conversão aos dogmas da fé. N'este intuito construiu elle, no cimo do rochedo, que corôa a montanha, uma pequena ermida, traçando-a em redor das duas palmeiras, que alli havia por unica vegetação, a cujos troncos apoiou a ara em que collocou uma nova imagem da Virgem, formulada em vulto, e em tudo semelhante á que era debuxada no painel, que fôra depositado no pavilhão, do que precedentemente se fallou.

Longo tempo foi preciso para chegar ao cabo d'esta obra, comquanto fôsse de pequenas dimensões, e já então contasse o missionario com o pessoal do seu proselytismo;

e maiores seriam as difficuldades, se, por um caso que em tempos què dominava o maravilhoso attribuiu-se a milagre, não rebentasse do rochedo um manancial de agua, e só foi perenne em todo o tempo que durou a obra. Em hombros eram carregados até á raiz do rochedo os materiaes que no sitio faltavam para a obra; e para eleval-os á tão custosa altura, emquanto se não talhou na pedra a escadaria que lhe abriu subida, eram levados á sirga por meio de cordas, que se colhiam de cima á força de braços. Foi este tosco alvergue o que deu origem ao esplendido santuario, que hoje alli se admira, e que tem por accessorio um bem disposto convento dos Regulares de Santo Antonio, e cujos detalhes irão mencionados em logar competente.

Entrando desapercebidamente na narração de alguns dos periodos mais notaveis da vida cathechista de Palacios, não pareça estranho, que eu prosiga n'isso até o ponto em que ella terminou n'este mundo; e tanto mais porque não ha ahi absoluto desvio do principal assumpto d'este opusculo.

Perseverante o missionario em seus principios, se bem que já no declinar de sua vida, que descahia de envolta com attribulações e miserias, gastava a mór parte dos seus dias a retirar das mattas os selvagens, já amolgados de sua ferocidade por effeito da palavra evangelica, e a quem as virtudes do justo desassombravam do terror, que alli produziram as aggressões dos dominadores europêos. Uma vida assim passada em tamanho afan, com tantas privações, e em um continuo soffrimento moral, por serem de pouco fructo os esforços, que fazia para tornar menos cruel e degradante a condição dos indigenas sob o jugo dos colonos portuguezes, e postos no estado de brutal escravidão; não podia esta vida, que por vinte annos ia tão lidada, ser de longa duração, e chegar ao cabo da empreza, porque tanto almejava, e da qual dizia que não abriria mão se não depois de morto.

Assim ia-lhe esvaecendo a fonte da existencia transitoria, emquanto já vislumbrava os assomos da eternidade; e isso sem quebrar de animo, sem nunca esmorecer ou trepidar no empenho de propagar a Fé entre os indigenas, que commovidos por um ascendente, que criam emanar da

Divindade, depunham sua condição feroz, e sujeitavam-se de bom grado a trabalhos, que ao cathechista eram de mister para o estabelecimento material da sua importante missão. Esse animo, que era todo identificado com o Céo, e que nunca recuou ante as mil difficuldades, que lhe deparára sua vida de missionario, meditava com placidez n'esse passamento extremo, que tão horroroso é ao descrido, e dispunha-se, fortalecido com a Fé, e com provações heroicas das vicissitudes da vida, a atravessar os umbraes da morte, que o tempo lhe ia escancarando. Encarava Palacios ousado e sobranceiro os aproches da morte, que lhe não apparecia temivel, mas como a nuncia da vontade celeste, e segura guia que conduz o justo na transição do mundo á eternidade.

Para outro menos embevecido nos pensamentos do Céo, e que menos certo tivesse o futuro do além-tumulo, a declinação da idade, que levava Palacios ao declive da morte, e a prostração de forças physicas, que em fim iam n'elle cedendo á porfiada lida, a que se dera tão aturadamente, podiam porventura cohonestar a deixação de taes trabalhos, e assuidade empregada no progresso do Christianismo; e pois que já eram amplamente realisados os seus fructos, e assaz vingára a solicitude de tirar o paiz do estado de barbaridade com que sahira das mãos da natureza: mas ao fervoroso missionario nada bastava para o fazer affrouxar no ensejo de percorrer, até onde o seu extremo alento vital o consentisse, o piedoso estadio, que a muitos fez colher a palma do martyrio.

Já com tardos passos, com a cabeça inclinada para o chão, e arrimado ao seu bordão de peregrino, vagava pelos diversos logares habitados pelos cathechisados; firmava-os no catholicismo, e dirigia-lhes palavras consoladoras no meio dos queixumes e afflicções, que lhes produzia o estado de dura escravidão, a que foram levados em paga de resignarem aos conquistadores seu alvedrio, e de lhes haverem abandonado seu territorio.

Com a affoiteza do homem justo, com a confiança de uma consciencia que tem passado por todas as provas de lealdade, vivia o missionario, sem que de mal cuidasse entre gente que suscitava nos outros os receios, que póde gerar o rancor

atroz de iniquidades e longas offensas não vingadas. E' que com a égide da Fé, com as inspirações do Céo, sobejava-lhe animo e brio, posto que um corpo quebrantado, e já no pendor da sepultura, para ainda baratear lidas e prestança a prol da sua propaganda, sem curar das vicissitudes a que se expunha quem procurava constrastar o predominio acerbo dos conquistadores, para attenuar com os accentos da resignação e constancia heroica o peso de duro e fragueiro trabalho, que se impunha violentamente sobre essa gente.

Mas, o curso de sua vida havia tocado ao derradeiro termo, e um dia, que não fôra visto em nenhum logar dos que soia percorrer, induziu a pensar que só grande occurrencia lhe haveria tolhido os passos. Assustada de semelhante incidente, uma multidão se congrega, corre em lamentos ao Morro da Penha, pesquiza em sua base o vão do rochedo, que ás vezes servia de alojamento ao missionario, e não vendo ahi o objecto de sua solicitude, sóbe de levada o morro, franqueia a pequena porta da ermida das palmeiras, e ahi depara com o seu corpo sem vida, dobrado sobre os joelhos, reclinado sobre a ara, com a mão direita approximada á imagem da Virgem, que sempre lhe havia merecido singular veneração, e com a outra cruzando o peito, em modo significativo de quem arrancava com a vida o extremo voto de sua devoção e religiosidade. A placidez do seu aspecto revelava que não lhe fôra custoso e afflictivo o ultimo passamento, e que finára com a consciencia pura, como foram os seus dias do mundo, trocando o viver precario e fabuloso pela existencia de gosos perennaes na mansão dos justos, e franqueando o limiar da eternidade sem o soçobro do iniquo, e com igual confiança á que lhe assistiu ao romper intrepido pelas mattas apoz das tribus indigenas, que se haviam espavorido do retinir das armas dos conquistadores, e de suas devastações no territorio que pisavam desde os mais remotos tempos. Via-se em seus labios entre abertos ainda a expressão de um sorriso approvador, que parecia significar o goso de deixar os males da vida pela presença da Divindade, os antros do peccado pela bemaventurança eterna. Seu obito foi em 2 de Maio de 1575, ao fazer dezesete annos de assistencia no morro da Penha.

Apenas divulgada pelos arraiaes dos cathechisados a morte do missionario, como acudira em tropel para a ermida das Palmas a gente indiana, que, emquanto viveu, fôra lhe sujeita pela Fé, e a quem educava brandamente nos principios do catholicismo: alli, e ante o seu despojo mortal, todas as vozes convertem-se em gritos luctuosos; todos os olhos choram a perda do varão justo, que fóra levado ao dominio da morte; todos os osculos são depositados em suas mãos frias, que lhes enxugaram o pranto, que os conquistadores lhes faziam correr; todos os desejos se resumen em que se lhe franqueassem as portas do Céo, e na sua inhumação não ha mão que lhe não lance o punhado de terra, que entre os indigenas significava conjuros ás potencias maleficas, para que não fôssem infensas ao morto.

Morrêra o esforçado athleta do christianismo, que primeiro e sem trepidar, superando contrariedades, hasteára a cruz sobre as ruinas do gentilismo no paiz que fôra dado em apanagio a Coutinho; mas com elle não morreu o estabelecimento tão prodigiosamente começado e cimentado sobre base eterna, que o tornava imperecivel: porque as obras, que têm por origem um pensamento divino, affrontam sempre as vicissitudes terrestres, e ao espirito de destruição, que fórma parte da entidade humana. Morte foi ella prematura para os Aborigenes, que haviam dado o primeiro passo da civilisação alumiada pela luz do Evangelho; mas tardia para o justo, macerado de trabalhos, e cruciado das afflicções, que lhe sobravam da luta travada com as paixões desordenadas de homens, que até queriam haurir com o ar que respiravam no novo mundo, as exhalações que subiam das terras auriferas, no intuito de que o oiro tambem lhe viesse pelo olphato.

Deixára Palacios por unico legado ao venerando Anchieta apostolo do Brazil, que em 1587 fôra residir no senhorio de Coutinho, o zelo fervoroso pela propagação da Fé entre as tribus indigenas, que o habitavam; aos seus confrades, o padrão material do poder de uma vontade firme abroquelada pelo Céo; e emfim, aos dominadores do paiz, o testemunho moral de que todas as condições e resistencias reluctam, declinam, e por fim cedem aos imperiosos impulsos da consciencia, quando esta se manifesta de um modo

genuino, e a convencer, despida dos calculos da ambição e da voz altiva do predominio.

Os successores de Palacios, fixos no unico pensamento de dar maior amplitude ao estabelecimento religioso, que em sitio algum podia ser melhor collocado, e cujas bases promettiam-lhe resistencia eterna á acção destruidora do tempo, foram-lhe dando a fortaleza precisa para tomar essa consistencia, e annexando-lhe outras obras para mais incutir-lhe o maravilhoso.

E pois que convinha proseguir em tal empenho, o primeiro cuidado que tomou a peito o subsequente habitador do morro da Penha, Frei Nicolau Affonso, foi o converter em ermida a choupana do missionario, construida no logar onde termina a montanha e começa o rochedo que a corôa, consagrando-a a S. Francisco, e collocando-lhe uma sua imagem, que para alli fôra transferida da casa religiosa, que na villa da Victoria se edificára para recolhimento de alguns dos seus co-religionarios, trasladados para o feudo de Coutinho, por pedido d'este.

Este novo orago, que fôra alli inaugurado com a intenção capciosa de prevalecer sobre a instituição primitiva, que merecêra a Palacios todas as cogitações e fadigas da sua vida brasileira, serviu antes de motivo de competencia para o augmento e bôa mantença da ermida das Palmeiras. Não eram poucos os factos miraculosos que o povo attribuia á Virgem da Penha, cuja adoração precedêra alli á do Seraphico; e nem tinha o caracter de credulidade transitoria a consciencia, em que o mesmo povo se firmára a respeito do superiorato sobrenatural, que exercêra Palacios por toda a sua vida de missionario, para que a nova instituição religiosa, embora auspiciada por dextros religionarios, pudesse affrouxar a devoção, e arrefecer o asceticismo que se tributava á Virgem, collocada na summidade da montanha, como uma auréola de gloria, que emanára do Verbo para complemento da idéa maravilhosa, que inspira aquelle colosso de granito.

Conhecida a incompatibilidade de emulação entre um e outro estabelecimento religioso no morro da Penha, convieram os Franciscanos, que já haviam erigido um convento de sua ordem na villa da Victoria, que se daria alli

primazia á instituição estreada por Palacios; construindo-se um santuario, que correspondesse á alta prerogativa da Padroeira já inaugura-la; e ao mesmo tempo uma casa conventual accessoria, segundo o rito Franciscano, sujeita todavia ao convento da Victoria, e incumbida exclusivamente de entreter o culto da Padroeira, velar na guarda d'aquelle sagrado deposito, e curar dos meios materiaes d'aquelle pio estabelecimento, mediante a protecção de *D. Luiza Grinalda*, viuva de um descendente de Coutinho, que então governava o paiz por morte de seu marido, e coadjuvação das camaras respectivas, que cederam ao estabelecimento a propriedade de todo o morro, e consentiram na fruição perpetua de parte do terreno, que lhe é adjacente.

Postas as cousas n'este estado, os religiosos Frei Antonio dos Martyres, e Frei Antonio das Chagas, depois de edificarem o convento da Victoria, em 1591, passaram-se para o morro da Penha com o devoto empenho de ampliar as construcções de Palacios; e tiveram, como este, por primeiro alojamento n'aquelle logar, o vão do rochedo na raiz do morro, de que já por vezes se tem fallado.

A lenda, que me tem dirigido n'esta descripção, não é bem explicita sobre as differentes épocas, em que foram tendo incremento as primeiras edificações no morro da Penha; e sobre tal apenas se conhece, que em 1637, segundo vê-se de uma antiga inscripção no templo, annexou-se á ermida das Palmeiras uma casa, que se regularisou em corpo de igreja depois de se converter aquella em capella-mór. Entretanto, que de uma deploravel emergencia, que teve logar d'ahi a tres annos, surtiu bem diverso effeito d'aquelle que humanamente se podia esperar, conforme as tradições populares.

Entre as diversões tentadas pelos Hollandezes, quando, já n'aquelle periodo o seu poder declinava no norte do Brazil, a puros esforços dos impavidos Pernambucanos, e se preparavam a estes os dias de gloria pelos laureis colhidos com notavel valor nos campos de Guararapes, dias de que o paiz se recorda com ufania, foi uma das mallogradas, a que levou os invasores a accommetterem a bahia do Espirito-Santo, com o fim de se assenhorearem das povoações e estabelecimentos que estivessem ao seu alcance. Da villa da Victoria

foram os invasores rechaçados heroicamente por homens e mulheres, formando um só corpo, posto que diminuto, e pouco adextrado nas armas. Diversa porém foi a sorte da villa do Espirito-Santo, destendida sobre a fralda do morro da Penha; porque, indefesa como estava, se apossaram d'ella quanto tempo lhes aprouve, escalaram o morro e ousaram pôr mãos sacrilegas na Virgem, arrancando de seus braços seu divino Filho, que levaram comsigo, e deixando por irrisão escriptos sobre a porta do templo os seguintes versiculos: —

Pax intrantibus, salus exeuntibus:
Propter hæc, et alia contingunt nobis talia.

O progresso que ia tendo a devoção e culto consagrados á Virgem da Penha, e a unção que se derivava dos factos, que eram attribuidos á sua essencia divina,e a que se davam especies figurativas, que ainda hoje pejam as paredes do templo e do convento, attrahiam adoradores e offerendas, e faziam perceber a utilidade de augmentar o número dos servidores d'esse ministerio, que era tão aceito ás crenças populares, e obrára miraculosamente sobre a conversão do gentilismo. D'ahi, e como uma consequencia necessaria, sentiu-se a precisão de levar a effeito o projecto da casa conventual annexa á igreja da Penha, e que desde muito se achava traçado na mente dos Franciscanos da Victoria; e como fôsse isto deliberado de accôrdo com o governador do Rio de Janeiro, *Salvador Corrêa de Sá e Benavides*, que desde logo instituiu a pensão annual de cem mil réis para adjutorio da obra, e posteriormente para passal dos conventuaes, incumbiu-se d'ella Frei *Sebastião do Espirito Santo*, sob plano concertado entre os seus co-religionarios, começando por construir em 1652, para seu primeiro domicilio,e dos que deviam coadjuval-o n'aquella empresa,a casa em que hoje se dá o jantar festivo no dia em que se solemnisa o orago da Penha.

Logo que foi terminada esta obra, começou a do pequeno convento adherente á capella-mór da igreja, a E. d'ella, e com as dimensões proporcionadas á accommodação de doze religiosos, em commemoração do apostolado; adaptando-se-lhe não só o resto da superficie do rochedo,

que não fôra occupado pela igreja, como as suas anfractuosidades d'aquelle lado, nivelando-as por meio de pilares ao pavimento da parte superior da igreja.

Este accrescimo ao edificamento da Penha alterava o preceito alli imposto, e que se procurava a todo o custo manter, de que a instituição Franciscana jámais preponderaria, tanto em espirito como em materia, sobre os direitos de padroado, que foram adjudicados ao culto da Virgem: e eis porque em 1774, sem attenção ás regras da architectura, e ignorando-se que taes localidades estão mais que outras sujeitas á acção dos phenomenos da natureza, como os tempos posteriores o têm alli demonstrado, deu-se á igreja mais amplas dimensões do que convinha, sotopondo-se a peça principal a uma arcaria desproporcionada e sem justeza com o resto do edificio.

Extraviado ha muito do meu principal assumpto, preciso é que volte a percorrer a vereda estreada, cuja origem se refere a um pensamento do Céo, e devendo-se o seu progresso á piedade e asceticismo de um povo, que longamente retraçou-se na simplicidade dos primitivos costumes que, n'aquella terra, de envolta com a doutrina do Evangelho, foram a custo implantados no animo dos indigenas a despeito de interesses calculados, e do egoismo dos conquistadores do paiz.

Da orla do mar, e onde este começa a bella curvatura reentrante, que afformozêa o assento da Villa-Velha, chega-se ao sitio do Morro, já acima traçado, e em que se edificára a primeira ermida de Palacios, e ora é occupado por uma linha angular de pequenas casas, em que se aposentam os devotos, que, por haverem contribuido com offerendas para a festividade annua da Virgem da Penha, têm alli mais decente tratamento, e tomam os primeiros logares no jantar festivo; essas habitações chamam-se casas dos romeiros. No extremo occidental d'essa linha, vê-se, com frente a sudoeste, a capellinha do Bom Jezus, precedida de um pequeno adro ao nivel do seu pavimento, para o qual se sóbe por cinco degraus, estando o mais inferior immediato á estrada.

Detraz d'esta capellinha, e guardando o mesmo alinhamento, existe outra, em que está recolhida a imagem do

Seraphico; sendo ambas de simples artefacto, mediocremente ornadas, e denunciando (1841) esse esfriamento nas crenças do catholicismo, que faz gemer ao verdadeiro homem da fé. Na solemnisação annual do orago da Penha sobre estas capellinhas reflectem alguns raios do luzeiro, que então se entretêm no templo da Virgem, mas são elles como de uma luz emprestada, que dão uma côr frouxa, e com poucas significações misticas. As casas dos romeiros, fóra d'esse tempo festivo, em que o morro da Penha figura um gigante instaurado á vida, transformam-se em covis de cevandijas e deposito de lixo.

Fazendo-se o trajecto de beira-mar á primeira capellinha, que fica mencionada, começa-se por passar um portico com frente a noroeste, de tosca estructura, frontispicio sobre arco com ornatos,e em cujo cimo vê-se um nicho desamparado, que, por ser corôado do emblema do fundador dos Franciscanos, revela que sua imagem o occupava n'outro tempo. D'ahi principia a ladeira formada de 4 ramaes na serie seguinte :— O primeiro, lançado na direcção de norte a sul, tem 52 braças de comprimento; o segundo, que se inclina para nordeste, comprehende a extensão de 102 braças ; percorre-se no terceiro apenas 24, visando-se o ponto cardeal de E. ; e o quarto, que é identico em rumo ao segundo, tem comprimento de 72 braças até á raiz do adro da capellinha.

A estes ramaes bordam de ambos os lados paredes de apoio de 5 palmos de altura, adunadas a renques de frondoso arvoredo, que as sustenta, enche a atmosphera de cheirosas exhalações, e suavisa com sombra hospitaleira ao fatigado caminhante, que sobe em romaria a ladeira da Penha. No augulo de cada ramal ha uma interrupção na parede, d'onde partem veredas para facilitarem excursões em redor do morro. Estes vãos foram deixados para ahi se construirem estações, ou pontos de descanso nos exercicios da via-sacra, que terminaria na capella do Bom Jesus; mas, é provavel que existam sempre inedificados, porque o esfriamento vai calando em peitos religiosos, e a vida austera e prestante dos Franciscanos dos tempos primitivos da Penha tem assaz degenerado; e se os dinheiros contribuidos para os festins annuos do orago tivessem

outra applicação, que não a de proverem quasi exclusivamente lautos e opiparos jantares, e folguedos estrepitosos, no proprio recinto onde só convinha que soassem os sublimes cantos da psalmodia, acompanhados dos tocantes e mysticos sons do orgão, certo que a saccola do convento voltaria a elle nos hombros do irmão pedinte, e sem que lhe aggravasse muito o seu peso. Alguem houve que achando-se em grandes afflicções, que importavam risco de vida nos sertões da serra geral, que serve de confins á provincia e á de Minas, conjurára o perigo com o voto de fazer edificar a expensas suas as estações d'aquella ladeira; mas, salvo do perigo por um modo bem extraordinario, segundo sua convicção, considerou-se exonerado do voto por sua assiduidade no comparecimento annual aos festejos da Penha!

A largura da ladeira entre as paredes lateraes é de 40 palmos: toda ella é calçada de grandes pedras, que formam uma superficie correndo por igual em declive de 6 gráus no primeiro e segundo ramal, de 7 no terceiro, e de 8 no quarto; e por isso, a não se reproduzirem estes ramaes, jámais será alli admissivel o transporte de rotação.

Da capellinha para cima percorre-se ainda um ramal da ladeira lançada na direcção de sudoeste, e com o mesmo gráo de inclinação, que tem o immediatamente inferior. No fim d'esta distancia, e ao lado esquerdo, depara-se com um portão que communica com a estrada a pequena planicie, que circula uma parte do rochedo, em que se termina a montanha, e que lhe serve como de supedaneo, e sobre a qual estão assentadas as casas dos romeiros e a capellinha. Sobre este recinto, que tem 20 braças de largura d'esse lado, e que vem fenecer na estrada, vê-se como debruçado o flanco, que para o oriente projecta o rochedo, e em que eleva-se a parte do templo que fica do lado do Evangelho. Este recinto fórma um taboleiro de relva entre a linha de casas e a raiz do rochedo, que dá tenue alimento a alguma vegetação que é alli exotica; mas, fóra d'ahi distende-se para o noroeste com uma área escalvada e limpa de toda a vegetação, no fim da qual, e sobranceira á fortaleza da barra, vê-se uma elevada cruz de madeira... Que reminiscencias não suscita n'este logar uma cruz hasteada em eminencias, que sobrepuja ao recinto onde se vê o apparelho da destruição.

-o da morte! E' o triumpho da religião do Crucificado, que nos tempos primitivos do senhorio de Coutinho, e proclamada com tamanho zelo e resignação por Pedro Palacios e José de Anchieta, teve mais efficacia entre os indigenas d'alli, do que o apparato do poder brutal, e o emprego do ferro, do fogo, e da raivosa ferocidade de cães de fila! E' o emblema da força divina, que prevaleceu contra a força humana.

Alguns passos além d'esse portão, já se piza na raiz d'essa massa enorme de granito, que corôa a montanha; e para que se tornasse melhor e mais suave esta passagem, lavrou-se n'essa pedra uma escadaria, que assegura o passo ao caminhante, e o habitúa já a este andamento, que outro não ha d'ahi para cima. Com este pavimento lavrado em degraus, e depois de se andarem 9 braças, começa tambem a apparecer um lanço talhado a pique do rochedo, que vai tomando elevação graduada até nivelar-se, no ponto mais superior da ladeira, ao plano culminante de granito, sobre o qual se acham como cravados os edificios da Penha. Este ponto da estrada revela que foi aberto á força de homem para facilitar subida para a cumiada do morro.

No fim das 18 braças, que ha da capellinha ao portão do recinto, a ladeira inclina para o sul; e á meia distancia converte-se em uma especie de garganta, roçando do lado esquerdo as abas do rochedo em fórma de muralha, e do direito a casa da hospedaria e do jantar festivo. Este, o ultimo e o mais alto ramal da estrada, tem 45 braças de comprimento, e vai topar no principio da serie de escadas por onde se vai á igreja e ao convento.

Vencida assim a ladeira em zig-zag, sobem-se os primeiros 8 degraus d'esta escadaria arrimados a um patamar de braça e meia de largura, que tem do lado direito um portão, pelo qual se entra para a casa que fica mencionada.

Este edificio fronteiro ao nascente, que corre prolongado com o ultimo ramal da ladeira, e que, segundo as tradições populares, foi o primeiro construido n'aquelle sitio, servindo então de residencia aos religiosos que reedificaram a igreja, e erigiram o convento, tem 7 braças e meia de comprimento, e é repartido em 3 lanços.

Do patamar prosegue a escadaria; e depois de se

vencerem 14 degráus, chega-se a uma área com duas braças de comprido, que tem do lado do sul um portão, d'onde se goza de uma magnifica perspectiva, cuja descripção reservo para quando tratar da mais alta posição, que abrange melhor esta vista. A este portão prende uma escada de 31 degráus, lançada no mesmo rumo do sul, e que fórma o ramo descendente da porção mais elevada da ladeira, que, em declinação contraria, se apoia na área, servindo de ponto convergente a esses dois ramos, e a outra escada que leva para o plano superior do penedo. Se ao depois de descer-se aquella escada volve-se o corpo para o lado opposto, e inclina-se um pouco a vista para a parte direita, encara-se de face com o lanço do rochedo em toda a sua physionomia normal, e côr granitica, que sobrou dos edificios que tem em cima de si. E' um lançar de olhos que estremece e commove pelo quanto essa fracção do rochedo tem de alto, e pela ousadia do homem collocando em sua summidade tão solida e admiravel construcção. Termina o ramo descendente em uma platafórma de pouco espaço e escabrosa, onde se vê em duas linhas as habitações dos escravos do convento, uma pequena horta, e variado arvoredo de vegetação mofina.

Da mesma area, e do lado fronteiro ao portão da casa de hospedaria, sobem-se 11 degráus, que se concentram para a esquerda, volteam na direcção de E. a Nordeste, e transpõe a um plano com uma braça de largura, ao qual se prende outra serie de degráus em numero de 10. Se o intento do que sobe é dirigir-se á igreja, deve, depois de deixar o 10° degráu d'essa serie, voltar-se para o Norte, e vencer tambem 21 degráus consecutivos aquelles, e que formam a serie superior da escadaria da igreja; descançando sobre uma pequena área, que dá assento ainda a 3 degráus a rumo de Sudueste, e sobre que está o alpendre da igreja, que cobre a sua entrada fronteira ao sul; e se franqueia o seu limiar subindo em fim dois degráus, que se nivelam com o pavimento do templo.

Mas, se se quer ir ao convento, depois de se subirem os já mencionados 10 degráus da serie, que está acima da que parte da área por onde se desce para a plataforma, inclina-se para a direita, em cuja direcção depara-se com

um recinto de 9 braças de comprido e 3 de largo, cercado de muro alto e espesso; cujo recinto se atravessa com frente a N. para ir ter á portaria do convento, que olha para o Sul, e tem janella para o nascente.

A igreja da Penha, com a sachristia, que fica posterior á capella-mór, abrange no plano superior do rochedo a distancia, que vai de N. a S.; menos do lado da frente o espaço occupado pelo alpendre e ultima escadaria, que transpõe ao pavimento da igreja. A sua primitiva construcção (em 1591) foi sobre arcaria, á que se prendiam o corpo da igreja, capella-mór, e obras externas; mas, na sua reedificação (em 1744) adoptando-se outra estructura, deu-se-lhe melhor consistencia e elegancia. A sua altura, posto que defeituosa por exceder os preceitos da arte em relação ao seu comprimento; a luz que lhe vem de todos os lados, reverberada pelas douraduras do tecto e dos altares, pela brancura das paredes, e pelo azulejo, que guarnece a parte inferior do recinto da igreja; o sanctuario da Virgem, adornado profusamente de ricas alfaias, de custosos relevos, e de ornamentos de subido preço, e a fina tapeçaria, que forra o inteiriço do pavimento, tudo isto imprime no templo uma physionomia de grandeza e solemne magestade, que unida ao pensamento da elevada posição local, que alli se occupa, extasia o animo e, suspensas, as funcções vitaes, embebe o espirito num arroubo ascetico.

Vê-se o altar-mór em posição elevada, e pelo seu brilhantismo e magnificencia defundindo respeito e adoração: o seu supedaneo fica junto dos troncos das duas palmeiras, que inspiraram a Pedro Palacios a edificação n'aquelle logar da ermida da Virgem apoiando n'ellas o pequeno altar, em que collocou a sua imagem, não sendo d'est'arte despresado o pensamento do fundador. Por um postigo praticado no lado direito do altar vai-se ao logar d'esses troncos mutilados, que estão dois ou tres palmos fóra da terra, meio carcomidos, e que têm atravessado seculos de duração. Parece que n'esse logar de mysterio e recolhimento ainda se aspira o ambiente de celeste unção, que cercava o veneravel missionario em suas profundas meditações junto ao altar das palmeiras, sobre o emprego de seus trabalhos evangelicos. Elles fazem recordar, mais

que tudo, essos tempos de desolação e morte, á que o buril da historia dá a falsa significação do descobrimento, e elles testemunham aos homens da Fé o que póde um animo firme n'essa mesma Fé e que escudado por ella arrostou o poder feroz dos conquistadores, e arrancou-lhes do seu brutal senhorio essas tribus indigenas, das quaes ainda existem alguns restos, que vivem espalhados pelo litoral da provincia.

O coro occupa pouco menos de um terço do corpo da igreja; guarnecendo-lhe alta balaustrada, em que os pesados massiços e grosseiro torneamento revelam o lavor antigo, e em cujo centro eleva-se sobre alto pedestal o orgam da igreja, que diffunde os seus sons na região das nuvens. Defronte do orgam vê-se a disforme poltrona de longo espaldar, onde sentava-se o regente do coro, e ainda a ella encostada a vara reguladora dos officios, que alli tinham logar, e aos seus lados as volumosas bancadas dos coristas, tendo em frente e traçadas no pavimento as linhas, que indicavam o movimento, que a cada officiante competia quando ia psalmear á estante. Esta peça de um enorme bojo e de pesada estructura mosaica, posta fixa entre o orgam e a poltrona, sustentava ainda alguns volumes descommunaes, onde estava figurado o cantochão com notas, que se podiam bem discriminar na distancia de 20 passos. O estado pouco luzido dos assentos do coro, e a nitidez das folhas dos livros, que a apparatosa estante carregava, denunciavam que,na actualidade do convento, as vigilias e fadigas religiosas eram as mais das vezes applicadas ao temporal, que ao espiritual, e que a meio seculo jaziam em perpetuo somno esses colossaes monumentos do garganteio monacal dos nossos maiores.

O convento, sem equiparar na altura á igreja, é adherente em todo o seu prolongamento ao lado oriental d'esta,e dividido em dois pavimentos além d'aquelle que assenta sobre o plano da summidade do rochedo, que serviu de nivelamento ás anfractuosidades d'este.

Para o pavimento superior, e que está ao nivel do da igreja, sobe-se por um lanço de escada de 25 degráus praticado no lado esquerdo do recinto, em que está a portaria, e onde termina a escadaria externa, que acima mencionou-se. Vencida esta subida entra-se n'um corredor espaçoso,

que tem o mesmo comprimento da igreja, e do qual por uma janella da sua extremidade opposta á da entrada, goza-se a vista do mar, comprehendendo a costa da bahia do Espirito Santo, o Moreno e suas procedencias. Do lado da entrada partem duas escadas, a anterior que vai dar ao campanario e relogio do sino, e a posterior com 5 degráus, que transpõe o coro da igreja. N'este mesmo lado ha duas portas que dão communicação, uma para a sachristia e outra para um terraço estreito e semi-circular, orlado de forte poyal, e que rodeia a maior parte do lado septentrional da igreja. D'esta posição elevada avista-se não só o mar, que ficou interceptado pela outra parte da igreja, que olha para o levante, como todo o paiz, que a vista póde ahi dominar.

Proseguindo-se por este corredor encontra-se do lado opposto ao que se acaba de descrever, uma porta, que tem communicação com o iterior das cellas d'esse pavimento; uma aberta por onde se desce a escada de 25 degráus que vai ter ao pavimento inferior, e a entrada para uma saleta com janellas para o oriente e sul, fechando ella o cunhal do edificio, que apanha esses dois lados. Permeiam esta saleta, e o cubiculo do sineiro, na extremidade meridional do corredor, tres cellas com janellas, que olham para o paiz opposto que se vê do terraço; as quaes são occupadas pelo guardião, e por pessoas de distincção, que vão alli hospedar-se, ou para as autoridades jubiladas do convento.

Não deixarei este pavimento sem traçar um succinto bosquejo dos diversos quadros, que se apresentam á vista do espectador, collocado consecutivamente no terraço, que domina o lado do norte; na janella do corredor, que deita para o nascente; e na da saleta, que apanha uma immensa porção da costa e territorio austral da provincia.

O primeiro objecto que se offerece á vista do que, posto no terraço, dirige o seu olhar para o norte, é o mar, que para a direita perde-se em sua immensidade, e que quanto mais se alonga da costa diminue de ondulação, até que sem transição confunde-se com o horizonte; servindo-lhe de continuidade uma zona de vapor esbranquiçado, que se eleva por igual até onde o peso da atmosphera lhe consente.

Mais para a esquerda, e ao correr da costa do norte,

desde a ponta do Tubarão, que marca o extremo boreal da bahia do Espirito Santo, esse mesmo mar perde-se conjunctamente com o litoral, que se diria nivelado em toda a sua extensão com elle, se não fôra um grupo de montes mal divisados, que se projectam sobre o mar, e sobresahem ao longe a essa vasta superficie.

Declinando um pouco a vista enxerga-se ainda o mar enchendo essa bella curvatura, que faz a costa desde o Moreno até a dita ponta do Tubarão, e chamada bahia do Espirito Santo; correndo ovante pela obra que cerca a ilha da capital, e retrocedendo quasi incognito e com o auxilio de um esteiro, que mal se divulga d'aquella posição. Vê-se bem distinctamente o mar irritar-se, escumando de raiva contra essa ponta, seus escolhos e recife, que, sahindo notavelmente do lançamento geral da costa, intercepta por grande espaço o curso das suas correntes no seu fluxo e refluxo, e tira-o d'esse mole desdobrar com que o faz nas praias, que bordam uma grande parte da bahia. Com este mesmo arrojo accommette o mar a base do Moreno, e suas procedencias exteriores; sendo as mais assignaladas o Cavallo, que negreja e parece que relincha entre as ondas, e guarda uma attitude ameaçadora; a Balèa, que com a sua temivel cauda espande as aguas, que a procuram envolver, e as ilhas que surgem no meio d'esse pequeno golfo. Lá mais longe, ás vezes, borbulha o mar surdamente, sem que se descubra o motivo d'esse phenomeno... Ah! fugi, navegantes! é a *Pedra perigosa*, que por erradia da costa, aleivosamente surprehende o navio, e faz naufragal-o!

No interior das terras vê-se no ultimo horizonte, e acima de differentes linhas de montanhas, que correm diversamente, e figuram todas as fórmas, que a imaginação póde inventar, o famoso grupo que compõe o morro do Mestre-Alvaro, tão pejado de reminiscencias historicas, como de tradições fabulosas. Distingue-se que uma sua ramificação, que ao afastar-se d'alli abaixa-se um pouco, e que é a mesma cordilheira, que mal apparece no litoral do norte, como já acima se disse, vai abicar ao mar, e interrompe essa monotonia, que por longa extensão domina aquella costa.

Com aspecto mais pronunciado, e côr menos vaga, se

offerece áquem e na mesma linha visual, que se recebe do Mestre-Alvaro, outro grupo de morros, em que figura mais sobranceiro, e com apparencia cilindrica, o Jucutacoára, ao qual se prendem outras ramificações distribuidas em diversos sentidos, e que compõe essencialmente o paiz montanhoso da antiga ilha de Duarte de Lemos, onde erigiu-se a capital da provincia. Depois d'isso se apresentam os contornos irregulares da bahia, de cujo centro para o sul elevam-se promiscuamente collinas pittorescas, umas que denunciam o dominio do homem, e outras ainda cobertas de densas matas : d'ahi tambem surgem montanhas escabrosas, que revelam esterilidade e abandono da natureza productora.

Retrahindo-se mais a vista, depara-se com esse grupo de ilhas, tão dessemelhantes em fórmas como em dimensões, e que tem por maiores a do *Boi* e a dos *Frades*, demorando ao sul da bahia, e quasi interceptando o canal, que vem do interior, e que rega o assento da capital. A primeira, que tem um aspecto montuoso, é toda cultivada, e com uma habitação rural na sua mais alta localidade. O lado austral da bahia tambem se guarnece de uma linha de montanhas, onde tomam grande parte, do oriente, o Moreno e o morro da Penha, que lhe é contiguo; e do occidente, o *Pão de Assucar*, que encobre ao espectador da Penha a cidade da Victoria.

O mugir das vagas, que perto se quebram nas penedias e recifes do Moreno, avisa ao que vai postar-se na janella da extremidade opposta á da entrada da varanda do convento, no seu mais alto pavimento, que passa a gozar do quadro que do lado do oriente se offerece áquella janella. Ao primeiro lançar de olhos para o horizonte, que d'ahi se domina, sómente se vê o mar, e na mesma apparencia em que se avista do terraço, de que acima me occupei— immenso, illimitado, confundindo-se com o horizonte : mas esta uniformidade de perspectiva destroe-se quando, abaixando a vista, enxerga-se o Moreno, que já antes se annunciára pelo som da repercussão do mar pujando sobre este com duplicada base, e posto em attitude de contrastar o dobrado esforço das vagas, que o accommettem do oriente e do septentrião.

Pelo floreio das aguas, que se vê á pouca distancia d'ahi, e algum tanto para a direita, bruxoleando-se pequenos volumes negros, que parece boiarem á discrição da onda, reconhece-se esse grupo traiçoeiro de pedras, só visivel no baixa mar, com o nome de *Pitiáias*, e que tem sido por vezes fatal ás embarcações costeiras. Em sua frente e maior distancia, que dalli á terra, boja sempre sobre o mar a penedia a que chamam *Pacotes*, cujo dorso é morada eterna de aves aquaticas, e que tem por antemural um enredado de escolhos mal surgidos, que em todos os tempos a têm defendido da planta humana. Na direcção das terras mais salientes do Moreno vê-se em fim em linha com as Pitiáias outro grupo de pedras, que sobrepuja ao mar, guardado tambem por uma cadeia de escolhos, que o torna inaccessivel: distingue-se esta penedia com o nome de *Rochas*. A sonda tem designado n'aquellas agúas o principio de uma linha de recifes, que correndo exterior ás Rochas, e na direcção do sul, vai terminar na ilha do Jem, situada na foz do rio d'este nome. D'ahi tambem se avistam em cheio os flancos austraes do Moreno, revestidos de arvores seculares, que ostentam ainda uma expressão normal, e onde a fruição do tempo pouco imprimiu os seus estragos ; e por entre essas arvores vêm-se massas monstruosas de granito como penduradas ao correr do declive, e ameaçando despenho. Na ultima fralda do morro, e em sitio risonho, depara-se com a pequena fazenda do capitão Freitas, dominando o territorio, que fica entre o mar e o rio da costa. D'ahi para o sul ainda se desce, e a poucos passos entra-se n'uma planicie, cuja descripção não pertence a este logar.

A ultima posição, que resta agora a tomar, é a que tem em face o lado meridional do paiz adjacente ao morro da Penha ; e para abrangel-o deve o espectador collocar-se em uma das janellas do pavimento superior do convento, que estão voltadas para esse lado. Alli o primeiro objecto, que prestes absorve a attenção, é a serra de *Guarapary*, que jaz em frente, e que fórma o derradeiro e mais claro horizonte: entra ella ousada pelo mar dentro, que recúa ante tanta audacia, e estende de si ramificações, que partilhando o mesmo arrojo, perturbam o alinhamento da praia com os seus cabeços, que ahi se chamam *Perocão e Ponta da*

fruta. Mais perto e no mesmo litoral distingue-se dois pequenos montes, independentes do systema orographico do paiz, e que abalisam a insignificante barra do caudaloso Jem, que vive tão cheio de vigor e movimento, e morre anómalo; indo alli terminar a curvatura cheia de um mar aparcelado, que tem por limites a ponta das Pitiáias, e esses dois montes.

Entre essa corda de morros e suas procedencias, que guarnece a margem meridional da bahia do Espirito Santo, e de que se fez menção no primeiro quadro, e esses dois montes, aos quaes prende-se uma zona de verdura, que vai penetrar as serras do sudoeste, e assignala o curso do Jem, ha uma extensa planicie, ou um vago horizontal, manchada de pequenas lagôas estagnadas, que a fazem insalubre, e coberta de arvoredo baixo, e curtos campestres, onde a vista não póde fixar-se senão em monticulos isolados, despidos de vegetação, e que revelam a pobreza das terras. O rio da costa, tirando d'ahi a sua origem, corre em torcicollos por essa planicie, rega os contornos orientaes de Villa-Velha, e entra pela garganta formada pelo morro da Penha e Moreno, e sobre a qual o primeiro se debruça.

Proseguindo em descrever detalhadamente o interior do convento, cumpre descer o pavimento que fica sotoposto ao de que já se fez menção, e que, como este, comprehende identicas dimensões, se bem que de diverso repartimento. Duas entradas ha n'elle, e que já não podem ser ignoradas, por se haver designado na precedente descripção: uma é pela portaria do convento, com cuja soleira está o pavimento nivelado; e outra, pela escada, que do de cima ahi vai dar.

Por todo o seu comprimento extende-se um corredor estreito, que do lado do occidente, e parte do austral, começa de uma porta do adro da portaria, e termina na extremidade opposta, na sala de recreio, que tem janellas para o nascente e sul. Por este corredor entra-se para oito dormitorios, contidos no espaço, que vai da sala de recreio ao adro, e que, como as celas do pavimento de cima, que lhe correspondem, tem janellas para o lado meridional.

N'estes dormitorios alojava-se o pessoal do convento nos tempos da sua prosperidade, e hoje apenas guardam lixo, cevandijas e algumas centenas de sermonarios em pura dissolução.

Tendo passado em resenha os pavimentos superiores do convento, não me posso escusar de fazer conhecer o inferior onde se continham peças de reconhecida conveniencia para uma communidade, como eram o refeitorio, cozinha, adega, etc.

Do centro do corredor do pavimento immediatamente superior desce uma escada de 12 degraus, que introduz ao de que me vou ora occupar. Este pavimento não abrange em seu comprimento as mesmas dimensões, que têm os de cima, sendo porém identico em largura. O aproveitamento, que na edificação do convento se quiz fazer de todas as localidades do rochedo, sobre que foi elle construido, levou a tirar partido tambem de um vão lateral, que apresenta elle n'esta parte que estou descrevendo; e para isso preciso foi que se levantasse um paredão desde o plano, que mais seguro apresentava o rochedo, o qual, fechando os lados mais salientes do vão, serviu ao mesmo tempo de base á parede, que acompanha os dois pavimentos superiores, e fecha o convento do lado meridional; e para formar o pavimento assentou-se ahi forte vigamento, que cravado no rochedo corre horizontalmente á parede, e no procurado nivelamento teve-se o plano para este pavimento. E' elle dividido em duas partes; a primeira contèm o refeitorio, sala espaçosa e aprazivelmente situada, com janellas para o levante; a casa do *de profundis*, e a cozinha, de onde desce uma escada que vai dar á estancia da lenha; e a segunda, que apresenta algumas irregularidades do rochedo, que sobresahem ao nivelamento d'este plano, foi destinada para casa do capitulo, e para adega; porque a perenne humidade d'este logar formava a temperatura que é mais adequada ao objecto que alli se depositava. Por um vão praticado n'este logar, e que é fechado da parte de cima por um escotilhão de grades, desce-se, com o auxilio de uma escada portatil, para um recinto cavernoso, humido e escuro, e a que se deu o temivel nome de clausura.

Parece que tenho feito com a possivel clareza a

descripção, a que me propuz, da igreja e convento da Penha na provincia do Espirito Santo: se pequei contra as fórmas, julgo que o não faria contra a materia; porque, guiado pela lenda que copiei no convento, e que pouco dessemelhante é do Santuario Mariano, na parte que é relativa ao principal assumpto d'este opusculo, nada escrevi que não fôsse o resultado do exame instituido entre a mesma lenda e os apontamentos tomados por mim nas proprias localidades.

Rio, 28 de Janeiro de 1843.

MEMORIAS DE SANTA CRUZ

SEU ESTABELECIMENTO E ECONOMIA PRIMITIVA : SEUS SUCCESSOS MAIS NOTAVEIS, CONTINUADOS DO TEMPO DA EXTINCÇÃO DOS DENOMINADOS JESUITAS, SEUS FUNDADORES, ATÉ O ANNO DE 1804.

Copiado de um MS. que existe na Bibliotheca Publica d'esta Côrte.

A Real Fazenda de Santa Cruz é a porção mais bella dos territorios do Rio de Janeiro; distante da cidade de S. Sebastião treze para quatorze leguas de caminho com pouca differença; o seu lado meridional, descrevendo pequenas curvaturas inclinadas a Oeste, é todo bordado do mar da Sepetiba com a excellencia de pacificos portos. Os dous rios Taguahy e Guandú, que diametralmente cortam e regam as suas campinas ; as suas barras francas, com sufficiente fundo para a entrada de embarções de véla de pequeno porte, de carga e peso de trinta e cinco a quarenta caixas ; a amenidade do sitio; a belleza do seu clima, frescura e salubridade, lhe accrescentam o merecimento.

Em dous grandes quadros, porém desiguaes nas dimensões, de distincta natureza e qualidade de terreno, se comprehende o consideravel fundo e largueza d'esta magnifica fazenda.

O primeiro, que é o mais antigo na cultura e incomparavelmente superior pela regularidade da sua situação, discorre por um plano mais baixo, até o alto da serra geral, em que se termina com a longura de quatro leguas escassas. Os seus deliciosos e agradaveis campos ; os seus fertilissimos pastos ; seus matos singulares, abundantes de lenha e madeiras preciosas, com facilima exportação ; os seus

longos brejaes; a diversidade dos seus barros, e de outros infinitos artigos attendiveis, dão um particular merecimento a esta primeira parte, muito capaz de melhorar infinitamente, sendo animada e protegida por um modo constante e previdente.

O segundo, mais moderno, mais inculto, e em parte mais fragoso, assenta todo sobre montanhas da mesma serra, dilatando-se ao occidente para o sertão da Parahyba do Sul, onde confina com seis leguas ainda não reconhecidas completamente, e nem tão pouco demarcadas. Sendo tambem esta segunda parte de admiravel qualidade, fertilissima, e especial; porque offerece nos seus productos ao Agrilcutor cento por um: tem comtudo o defeito de serem mais demorados os transportes, ainda que poderão melhorar á medida do tempo, da industria da crescida população, dos interesses e commercio (1).

Da primeira situação se souberam os Jesuitas lindamente aproveitar para arranjarem este famoso estabelecimento, ou rico patrimonio, que deixaram, como um memoravel monumento, ou vivo exemplo da sua industria, e sabia economia. Elles com particular conselho, tirado das suas exactissimas experiencias, acharam o grande segredo de vencer um montão de duvidas e difficuldades, que se propunham na pasmosa extensão de tantos brejaes, os quaes encalhados entrelaçavam a maior parte de um terreno, até então agreste, apaulado, inutil, e impenetravel. Cultivando o mais facil, e reduzindo a pastos, trataram pouco a pouco de esgotar as immensas humidades que restavam. O rio

(1) O Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Souza foi o primeiro Vice-Rei que lançou as mais providentes vistas sobre um objecto tão digno d'ellas. Evitando as ruinas d'esta fazenda, e o precipicio total a que a indolencia a levava, animou novos interesses, os quaes certamente subiriam ao auge da perfeição, se o seu retiro para a Côrte não cortára a carreira de tão singulares projectos. Deu principio a conhecer os limites d'este grande predio, desmanchando duvidas consideraveis com os confrontantes. Fez averiguar o seu interior, e as suas qualidades com o designio de rasgar estradas pelos sertões, abrindo communicação ao commercio; dando d'este modo uma feliz entrada ao arranjamento de muitos colonos, arrendatarios, d'onde resultariam famosos rendimentos á Fazenda Real. Encarregando esta diligencia a Simão Antonio da Rosa Pinheiro, habilissimo piloto, e estando assás adiantada, aconteceu o retiro d'este Fidalgo, para nada concluir-se: tal é a desgraça das Colonias Portuguezas!

Guandú corria mais soberbo e caudaloso, e as suas enfadonhas e annuaes transbordações, sendo tão prejudiciaes, foram, com o tempo, prevenidas por um proporcionado e magnifico dique, construido de terra a proposito para conter as sobras de grossos volumes de aguas, que para elle concorriam por effeitos de repentinas enxurradas, vindas das serras, as quaes, derramadas, se dividiam pelos valles. Para segurarem um tão bello e importantissimo projecto, entenderam aquelles Padres que, só alliviando, e diminuindo o desmarcado corpo e precipitada corrente d'este rio, venceriam o seu admiravel projecto. Por uma grande valla, muito bem dirigida, o dividiram, levando uma grande parte da sua corrente ao Taguahy, que como mais humilde podia bellamente ser o recipiente das sobras do primeiro, e de todos os charcos circumvizinhos.

Não bastando, porém, estes primeiros rasgos de tão singulares prevenções para vedar de todo as ruinas que sobrevinham em certos tempos do anno, pelas repetidas e demoradas inundações, que jámais acabavam de cessar, estabeleceram algumas vallas magistraes, muito bem reguladas, por um nivelamento gradual, e direcção ao mar; isto além de outros muitos sangradouros transversaes, e de mutua correspondencia, para que mais promptamente se facilitasse a vazante das cheias. Mas vendo ultimamente, por observações quotidianas, que aquelle continuo ou permanente fluxo de humidades, assim como era de tanta utilidade para diminuir a gravidade das enchentes demasiadas, se tornava excessivo e prejudicial no tempo da maior secca, reduzindo o campo á uma seccura extrema, que esterilisava os pastos, voltaram as suas idéas a um expediente ainda mais artificioso e ajustado, fundado todo sobre as irrefragaveis leis da Hydraulica. De pedra e cal erigirão dous grandes oculos, com suas comportas e registros muito bem graduados, e contiguos aos rios, de onde (quando convinha) soltavam os volumes de aguas necessarias, encaminhadas por duas vallas, passando d'estas a outras a circular, e fecundar o campo.

E comtudo ainda esta providencia não enchia cabalmente as suas medidas. De cantaria bem trabalhada, e unida pelas juncturas, construiram no Guandú uma lindissima

ponte, apoiada sobre arcos desiguaes; mas com tão discreta proporcionalidade, que pelos seus centros as aguas deste rio passassem livremente, emquanto corressem nos limites do seu alveo. Umas comportas inventadas e dispostas, segundo os misteres, em que serviriam, eram como feixes graduaes, e designados a reter as aguas sobejas, ampliar o curso das precisas, e fazer retroceder as superfluas para o Taguahy, na conformidade que tenho mostrado. Sobre a abobada, ou pavimento superior d'esta ponte não acabada, ainda vêmos restos de enfeites, e pequenas columnatas, que guarneciam uma especie de parapeito, como tambem uma porção de tarjeta lavrada de revelo, com a seguinte inscripção em um elegante distico por baixo d'estas sagradas lettras:

I. H. S.

Flecte genu, tanto sub nomine, flete, Viator:
Hic etiam reflua flectitur amninis aqua.

Com estas harmoniosas e dedicadas maximas exercidas constantemente, em pouco mais de um seculo, viram os Jesuitas famosas correspondencias dos seus detalhes, e applicações; e os desfructes manifestos a tantos olhos se fizeram não menos celebres que espantosos, tendo a grande gloria e a satisfação de remediar com arte os defeitos da narureza, e de mudarem a deformidade de um brejal immenso em campo ameno, onde com vinte e dous curraes já contavam nos seus pastos o numero de trezo mil e tantas cabeças de gado vaccum, além das manadas de eguas, rebanhos de ovelhas, e de cabras, criações todas da melhor e mais escolhida raça,subindo d'este modo os rendimentos de Santa Cruz annualmente a doze contos de réis, cujas riquezas e seus progressos se fariam prodigiosos na serie dos annos, se o mesmo systema se adoptára, e levára adiante, logo em principio que esta fazenda passou ao patrimonio Real, abandonando-se os abusos substituidos sem discrição e tantas alterações viciosas, que qualquer amante da verdade não poderá contemplar sem lastima, porque, como iremos vendo, em brevissimos dias, se fôram creando e apparecendo

ruinas sobre ruinas, com tão notavel escandalo dos interesses Reaes.

Quatro artigos essencialissimos faziam os incontestaveis fundamentos ou bases mais solidas da grande e impreterivel economia d'esta fazenda, e todos de pura consequencia para a constante continuação dos seus negocios e progressivo augmento.

1.° A propagação, a bôa doutrina, e conservação da escravatura debaixo dos dictames mais serios e virtuosos, faziam a felicidade d'este todo, e que a obediencia resplandecesse.

2.° A saude do campo (phrase mui expressiva de que se serviam para explicar a sua conservação no melhor estado possivel) e o seu adiantamento deveria ser attendido com toda a efficacia, accrescentando-o annualmente com as culturas do arroz, renovando os beneficios das limpas e esgotos necessarios (2).

3.° A preciosissima conservação das vallas e do dique, repetindo os seus concertos em conjunctura adequada.

4.° A multiplicação, a bôa escolha das vaccas, a introducção de touros novos de raça especial, era uma maxima constantissima e invariavel, afim de que as crias nunca diminuissem, degenerando nos corpos. Tal é o geral sentimento dos mais habeis naturalistas.

Estes bem lembrados artigos se reduziam a um systema maravilhoso, e jámais alterado, e era que os desfructes de qualquer especie ou genero nunca prejudicassem de modo algum o fundo do estabelecimento, e que este se fôsse animando sempre á medida do tempo.

---

(2) As tradições mais sérias me fazem persuadir que os Jesuitas, calculando os seus interesses mais ricos e seguros n'esta Capitania, acharam que nenhuns igualavão ás criações do gado. Nesta consideração pretendiam, no anno que se seguiu á sua extincção, passar uma grande parte da escravatura a rasgar os brejos de S. João Grande, reduzindo-os a pastos até unil-os com os antigos. Vencida uma tão admiravel obra, as suas utilidades seriam indisputaveis no horizonte do Rio de Janeiro, que, não só melhoraria na salubridade evitando os vapores podres que lhe chegam, levados dos ventos da quadra do Oeste, como tambem augmentaria a subsistencia dos seus moradores em carnes mais saudaveis, tornando-se menos dependentes dos soccorros de fóra, maiormente no tempo da guerra, que lhe podem ser embaraçados por muitos modos. Tudo isto se póde facilmente demonstrar, como o fizera, senão me restringira a brevidade.

Sendo a bôa conducta dos escravos assás attendida, como um objecto do maior interesse e importancia, os Jesuitas inventaram novas maneiras de os contentar, premiando a todo aquelle, que se distinguia por um comportamento virtuoso, e dava provas da sua fidelidade, em qualquer empreza de que se incumbia. Eis-aqui um impulso de dextreza com que adoçavam a triste sorte, e amargura de uma sujeição tão violenta, qual é a escravidão repugnante ás leis da natureza. Com estas artificiosas, e ao mesmo passo lisongeiras disposições, não nos deve espantar que um só padre, em qualidade de superior e administrador (independente dos soccorros, e auxilios de fóra) pudesse manejar tão grande corpo, em que se envolviam tantos negocios, e importantissimos artigos, pois bem nos convencemos que, contada por segura a mais conforme obediencia, toda germanada com a humildade, e a innocência de uma vontade grata, brilharia o zêlo, o respeito, o amor para a prompta e fiel execução dos preceitos.

Decadencia da fazenda e a origem de seus desmunchos

O principio e desgraça dos Jesuitas com a sua extincção total, foi o infeliz momento dos seus atrazos, e em que os estragos da bôa economia corriam com passos accelerados. Ella pouco a pouco desappareceu, e mil desordens e abusos se substituiram, devorando todo o bom systema. D'esta sorte, tudo se desfigurou, transtornando, e cahindo precipitadamente no abysmo do descuido, da malicia, da extravagancia, e da indolencia. Fraquissimos arbitrios, pueris e erradissimos planos, occupando muitas cabeças insensatas, arrojaram tudo ao cume da ruina. O egoismo, a maledicencia, em uma palavra, os venenosos artificios de homens sem escolha, e sem patriotismo, engolfados no mar de uma inaudita impiedade, e cobiça insaciavel, esbarraram tudo no fundo da desordem.

A escravatura se perverteu na doutrina, e apartada da sua primeira educação, logo se desagradou da amavel obediencia, que até então seguia contente, como um principio da sua felicidade. Ella correu ligeira a soffrer as

extravagancias de uma sorte diversa, reconhecendo os males da probeza (3).

O campo, a mais nobre, e mais bella porção d'este famosissimo predio, e que certamente constitue o seu mais solido, e mais rico fundo, sentiu muito depressa os golpes da incauta mudança das maximas primitivas. Elle entrou a desfigurar-se, enchendo-se de florestas agrestes, e de charcos encalhados.

Do mesmo modo as vallas se arruinaram, e os diques enfraquecidos, e cobertos de grossos matos, se rasgaram com o pezo das inundações do Rio, dando entrada franca ás aguas para os estragos do campo.

As regas pastoraes confundidas na inercia, esqueceram logo que os curraes se abandonaram. A maior parte do gado se tornou feras indomaveis, occupando as brenhas. Já então se excitavam os roubos como necessarios á manutenção de uma escravatura cahida em desgraça.

Em tres espaços de tempo são distinctamente demonstrados os diversos successos da mesma fazenda

1.º Justamente em Novembro de 1759 os Jesuitas foram extinctos do seu collegio no Rio de Janeiro, e esta fazenda, sequestrada com outros predios que possuiam, passou ao patrimonio Real.

S. Cruz principiou a sêr administrada por seculares, ou mal instruidos na instituição primitiva, ou sem genio para a adoptar ; comtudo não foi custosa a conservação de uma pequena parte da estragada economia nos primeiros

---

(3) Já vimos que o systema jesuitico, praticado com a sua escravatura era todo creador, piedoso, economico e bem confórme aos direitos da humanidade e da recta razão. Eis-aqui por que haviam estabelecido (por uma regra immutavel) que todo o escravo fiel, e de reconhecido merecimento, pudesse possuir e criar gado de qualquer especie no mesmo campo, com tanto que nunca excedesse de 10 cabeças cada um; isto afim de viverem contentes, poderem vestir-se e manterem as mulheres, ficando a subsistencia dos filhos por conta da Fazenda. O consentimento das criações pelo modo indicado, só era permittido aos cabeças de familia.

seis ou oito annos, porque ainda respiravam frescas memorias de um systema tão sabiamente estabelecido em beneficio de tantos artigos de consequencia, e systema estabelecido. Mas eu creio que as utilidades do soberano (se algumas teve) fôrão fraquissimas, gastando-se a maior parte dos reditos no proprio e insignificante costeio. E' digno de reflexão que os desconcertos grassassem por toda a parte, em que os Jesuitas tinham fazendas, e n'esta muito mais.

Tendo os Jesuitas trinta mil cruzados de rendimento n'este seu estabelecimento, só percebiam doze em dinheiro annualmente. O superior, ou fazendeiro, o Padre Pedro Fernandes, que aqui viveu vinte annos (e a quem deveram a maior perfeição do campo e adiantamento de todos os negocios relativos) por uma ordem inalteravel dos seus Prelados, partia d'aqui no primeiro dia do anno novo, e no segundo pernoitando na casa de S. Christovam, passava no terceiro á cidade, onde dava sua conta geral ao Reitor, a qual sempre era a mesma; a saber : os doze mil cruzados pecuniarios, e uma relação, em que mostrava haver assistido ao collegio com cincoenta e tres rezes, todos os mezes, as quaes eram recebidas no seu valor respectivo, e entravam na importancia dos doze contos (4).

2.° Treze ou quinze annos contados do de 1768 até o de 1781 com pouca differença, fazem uma época assignalada, pois que n'ella se exerceram os maiores absurdos, estragos, e extorsões, que trazemos á memoria, e em que as mais execraveis confusões e ruinas chegaram á sua perfeição, com incrivel velocidade, a destruir os melhores e mais importantes ramos do estabelecimento.

E' espantoso que, deixando os Jesuitas no seu campo uma quantidade de gado tão avultada, e que excedia ao numero de treze mil, como fica mostrado, apenas se achassem pouco mais de nove mil em uma revista celebrada em

(4) Os Jesuitas, tirando das 53 rezes quanto bastava para provimento do Collegio, repartiam os restos em esmolas por muitas partes, aos presos, aos Franciscanos, a casas particulares, todas as semanas. Feita a conta á importancia d'estas rezes com a união dos doze mil cruzados em dinheiro, o complemento dos doze contos era applicado para costeio e adiantamentos da mesma Fazenda, e na compra de remedios para sortimento da sua botica, azeite, vinho, vinagre, panos da serra, baetas, linhos, chapéos, etc.

Maio de 1768 (nove annos depois da extincção). Ora n'esta mesma revisão, e entre o gado existente, ainda se marcaram, e ferraram seis mil cento e setenta e oito crias, e comtudo não parece muito attendida a porção de vaccas, que devia haver na massa total. Note-se, porém, que em 1769 só se acharam para marcar duas mil oito centas e vinte e tres crias, e no de 1770 se viu o decadente produzido de duas mil trezentas e trinta.

Concebidas em termos tão claros estas passagens do tempo, e a incombinavel proporcionalidade que notamos, comparadas as quantidades do primeiro fundo com os seus produzidos de uns a outros annos, facil é de conhecer o excessivo abatimento, e desorganização d'estes negocios, cujos acontecimentos, tomados por partes, são consequencias que sufficientemente demonstram a rapida decadencia do todo, e faz crer que tudo ia a espirar.

3.º Submersos, pois, os negocios mais florentes nas tristes sombras de tão injurioso descuido, como havemos notado, um raio de luz fez apparecer o zêlo para reparal-os, suspendendo por partes tão reprehensiveis damnos, mas já tão tarde que só a passagem d'outros tantos annos, quanto se contaram nas ruinas, poderia dar tom ao remedio desejado. Difficuldades quasi invenciveis se oppunham ao rapido melhoramento projectado, e este sempre seria o de fazer reviver, e animar a criação do gado, injustamente destruido. Este bem lembrado pensamento era sujeito a infalliveis demoras, dependentes de largo tempo, e de opportunidade, com escolha de estações accommodadas para a restauração do campo que carecia de beneficios, reparação de diques, concertos de vallas, estabelecimento de curraes, e de novas criações de vitellas, que se deviam mandar vir, e com muita paciencia, esperar de longe. Emquanto, porém se tratava deste primeiro e importantissimo objecto, sujeito a tanta lentidão para aperfeiçoar-se, levando-o ao brilhante estado de que decahiu, era necessario descobrir algum ramo, que mais promptamente interessasse com o seu desfructe. Nenhum podia occorrer tão facil, como o da cultura das mandiocas, levando-a a um ponto vantajoso com o louvavel pensamento de se extrahirem d'ellas as farinhas precisas para o completo municio das tropas de

linha do Rio de Janeiro, em que a fazenda Real faz consideraveis despezas.

Para este bem lembrado fim se erigiram logo dois magnificos laboratorios, com as prensas e fornos respectivos, nos sitios da Piahy, e Facão (em Taguahy), lugares vantajosos, e da melhor escolha ao genero adoptado (5).

Entretanto, que estas plantações novas cresciam, se admittiu, por modo de experiencia, a cultura do fumo, e bem que correspondesse sufficientemente, foi forçoso abandonal-a, preferindo a mandioca como mais rendosa.

Posta em pratica a fabrica das farinhas, entraram a renascer as utilidades até então amortecidas; comtudo não encheram completamente o projecto na quantidade exigida, apezar de todos os esforços, e de um nimio trabalho.

Já n'este tempo melhor ordenada a escravatura, pelas novas applicações em que havia entrado, pouco a pouco se foi apartando da moleza em que viveu, e habilitando-se a exercicios mais pesados.

---

(5) Entrando-se nas demarcações dos dois engenhos de assucar, erigidos nos dois mencionados logares para se venderem em conformidade da Real Determinação de S. Alteza, comprehendeu indevidamente nestes predios o ministro da mesma diligencia Manoel Carlos da Silva e Gusmão (excitado pela turbulencia de Luiz Beltrão) as terras altas que haviam para as plantações de mandiocas, não obstando o convencel-o o espirito substancial na mesma ordem, que as manda reservar, e a certeza de que os dois predios ficariam bem servidos com menos quantidade. Com este côrte, o campo perdeu todo a seu valor e merecimento; porque, roto por dois lados, e em tantas outras partes, quantas quizer o capricho do comprador, são outras tantas portas que se abrem para facilitar roubos no gado, que jámais se poderão evitar. Demais dependendo o mesmo campo, naturalmente baixo, de alturas para o retiro do gado, em tempo das inundações, ellas foram maliciosamente, e sem necessidade incluidas nas novas divisões do Piahy.

Veja-se no fim d'estas memorias a copia de duas cartas minhas: uma ao Exm. Sr. E. Fernando José de Portugal, Vice-Rei actual, e outra ao referido ministro em resposta de uma proposição sua.

Além deste grande defeito que recahe em grave desmancho dos interesses Reaes; não é menor o que vemos praticado, e em vesperas de se concluir, porque, encerrando o mesmo ministro, ou por ignorancia, ou excitado, o porto da Sepetiba, e a continuação d'aquella praia, no predio do Piahy, póde o experto comprador aproveitar-se das circumstancias do lugar para proteger a exportação e importação dos contrabandos que quizer, ou de negros novos, ou de pau-brazil, ou de ouro em pó vindo das capitanias de cima ou recebendo-o dos estrangeiros, cujo inconveniente é mais facil de evitar agora que no futuro.

Como não esqueciam as providencias para a restauração d'este todo, e antes lembravam pensamentos admiraveis, assaz economicos, e vantajosos, duas obras se emprehenderam, que postas em execução com o mesmo espirito, com que eram ideadas, seriam indispensaveis as suas resultas, e augmentariam os bem estabelecidos creditos do seu grande autor.

Intentou-se retalhar os sertões mais asperos e remotos d'esta fazenda, por uma correspondencia reciproca de estradas, afim de que facilitados os trajectos para as exportações e importações do commercio, concorressem a occupar aquelle vastissimo terreno os colonos desarranchados, e inculpavelmente pobres, por falta de terras; pagando o arrendamento, que o lugar merecesse.

Da mesma sorte, querendo-se dar um melhor valor ás varzeas mais baixas, então inuteis pela aspereza e encadeamento de tantos brejaes, igualmente se projectou uma larga valla, que cortando-as diametralmente, passasse do Guandú, a entrar no Taguahy, margeando (em partes) os brejaes de S. João Grande, e recebendo as aguas dispersas d'aquelle contorno com as dos pequenos corregos, se fizesse navegavel aos moradores que se estabelecessem nos seus lados, e com o seu esgoto continuo ajudasse a diminuir as enchentes no tempo das maiores inundações, salvando o campo mais promptamente.

Encarregado da execução d'este importantissimo detalhe o piloto Simão Antonio da Rosa Pinheiro, elle o adiantou de maneira e com tão louvavel acerto, que pouco lhe restava para concluir. A variedade do tempo, a dos caprichos humanos e particulares interesses, fizeram esquecer este maravilhoso expediente, sabendo aproveitar-se da conjunctura um vizinho poderoso (a quem não fazia conta a conclusão da diligencia) para mostrar, com sophisticas e pueris razões, inconvenientes que nunca existiram, e nem poderiam entrar na memoria de pessoas cordatas e de criterio.

Eis aqui como infelizmente correm os negocios mais bem traçados, longe do throno, ou da protecção poderosa d'aquelle primeiro que sizudamente os guia. Eis aqui tambem porque a lembrança das estradas, e da pretendida

demarcação de limites em toda a extensão da fazenda, ficaram em esquecimento, inutilisadas as despezas, e estancados os desfructes promettidos, que pela continuação dos tempos se fariam prodigiosos.

Por quanto as pessoas instruidas no negocio d'este estado, no fraquissimo ou abusivo methodo que até aqui se não tem podido remediar ; no modo de pedir, de informar, de conceder e dar uso ás sesmarias, conhecem bem quanto damno soffrem os interesses geraes do paiz conservando-se incultas no poder de muitos homens que, com uma clandestina destreza, e manifesto engano, souberam alcançal-as até vendel-as por alto preço. Este procedimento enorme, tão lesivo á sociedade commum, recahe sobre a porção mais pobre, a qual, não tendo terras em que trabalhe, ou ha de por necessidade viver no ocio, ou sujeitar-se ás barbaras e duras imposições de tantos tyrannos. N'estas circumstancias violentas e implicaveis á bôa ordem e economia, os dizimos não florescem com as vantagens que poderiam, e nem tão pouco o commercio toma um tom mais animado com a devida proporcionalidade.

Um homem, que com pouco cabedal no Brazil lhe fosse facil comprar dois ou tres escravos, poderia bellamente felicitar-se achando terras para cultivar ; mas se em lugar de arrendal-as, gastasse o dinheiro em as comprar cahiria em pobreza extrema, vendo-se sem braços que o ajudassem.

D'aqui se enfere que, se o projecto meditado em Santa Cruz fôra animado, Sua Alteza teria lucrado muito ; porque ao passo que protegia e favorecia a um grande numero de vassallos inculpavelmente indigentes admittindo-os em arrendatarios, colhia duas riquissimas recompensas, uma na contribuição do arrendamento, e outra no augmento dos dizimos.

Alguns sophismas pessimamente traçados pelos contrarios d'este pensamento, que descaradamente preferem os seus interesses e dos seus amigos aos do principe, têem pretendido escurecer esta verdade, e com razões tão futeis que bem dão a conhecer sua malicia ou leviandade. Este discurso pedia uma extenção mais ampla, em que por exemplos vivos ainda mais se realizasse.

Estado presente da mesma fazenda, regulado por um systema novamente adoptado, debaixo das mais sérias observações, muito proprias a reprimir as desordens, e restabelecer os seus negocios á primitiva ordem.

Faltando o respeito e as providentissimas vistas d'aquelle, que primeiro tomou á sua conta a restauração d'estes negocios, propagando o zêlo, e fazendo terminar as anteriores desordens, não cessaram os enredos, as innovações e intrigas ; antes mais ateado o orgulho de tantos oppostos, surgiram infinitos abusos e pareceres, que tudo devoravam com o occulto e especioso fim de invalidar ou desmanchar até as raizes o merecimento d'este grande predio, maxima certamente a mais expedita de que se podiam lembrar para reduzil-o a retalhos, e entregál-o nas mãos de tantos e cobiçosos pretendentes ; e por aquelle arrastadissimo preço que a fantasia lhes pintava. Para a conclusão d'esta empreza só faltava uma protecção poderosa, que as diligencias e o tempo descobriram. N'este lance de occurrencias tão manifestas, era necessario descobrir um meio prudencial, que, ao passo de reprimir as desordens fosse enfraquecendo o damno imminente, porque florecendo os interesses, succumbia a premeditada industria daquelles associados. (6)

Longe o Ministerio de conhecer as tramas, que a ambição urdia, parece instava pelo melhoramento e mais grossas vantagens d'esta fazenda ; adiantando instrucções assás recommendadas ao Illm. e Exm. Sr. Conde de Rezende, então Vice-Rei, para que tomasse as mais amplas e

---

(6 Joaquim Vicente dos Reis, com a compra da Fazenda dos Campos sequestrada aos Jesuitas, se constituiu o mais rico e poderoso vassallo de Portugal no Brazil. Querendo alguns homens excedel-o na fortuna, não cessam no desejo da posse d'esta de Santa Cruz, incomparavel no merecimento! temendo, porém, o seu alto preço inventaram, retalhal-a, para que os pedaços (que depois se podiam unir) valessem menos. E porque os augmentos em que crescia de dia em dia, impediria a venda, era preciso macular a administração actual com inconsequentes paradoxos: primeiramente escaceando-lhe os soccorros para que não brilhasse mais; e depois provar que, vendida a Fazenda, haveria S. Alteza Real, na contribuição dos dizimos e outros ramos, uma importancia muito maior.

Este sophisma é facil de desenvolver, com demonstrações e exemplos que convençam.

sérias medidas sobre um objecto tão importante. Querendo S. Ex. melhor instruir-se no acerto, e partido que devia tomar, se propoz a observar cautelosamente este negocio, que via occupar as idéas, e opposições de tantos homens; comtudo ouvindo os pareceres de alguns que julgava imparciaes, que pelos cargos em que figuravam, pela vizinhança da habitação e experiencia, se achavam nas circumstancias de fallar verdade, seguiu quanto a prudencia lhe ia dictando. Pugnando, porém, a sua desconfiança, com o temor de ser enganado, tomou a deliberação de passar duas vezes a Santa Cruz, aonde com repetidas e novas combinações, decidiu a sua ultima resolução assentando erigir em Taguahy uma fabrica de assucar, por aproveitar as fertilissimas varzeas contiguas á Aldêa, as quaes, já despidas de matos, só ficavam sendo proprias á natureza das cannas, cuja cultura preciosa é sem disputa a mais interessante e rica d'este paiz. Para reanimar este projecto acertadissimo fez escolha do Sargento-Mór graduado Manoel Rodrigues Silvano, e do Desembargador José Feliciano da Rocha Gameiro; este para inspector, e o primeiro para administrador.

Dá-se principio ao edificio destinado debaixo das direcções de um habilissimo mestre, cuja escolha singular desempenhou o conceito. A estructura magestosa, a elegancia e completa organização d'este todo e suas partes: ao mesmo tempo a fortaleza do Laboratorio, suavemente agitado por um bem proporcionado volume de aguas, a sua singeleza, constituem esta magnifica peça, no seu genero, pela melhor de todo o Brazil.

Este edificio, a que justamente convem o singular titulo de obra Real, não podia erigir-se tão rapidamente como pretendia o ardentissimo desejo do seu Exm. autor, porque dependendo da união de tantos materiaes em bruto, e tambem manufacturados, que ainda não haviam, nem se tinham prevenido, era necessario tratar ao mesmo tempo, e de longe conduzil-os ao ponto destinado.

Para isto conseguir-se com a brevidade recommendada, foi preciso applicar a força de toda a escravatura, dividida em tantas secções, quantas convinham aos differentes objectos: umas em o córte das madeiras e seu falquejo;

emquanto outra parte se occupava em abrir minas, arrancar pedras, construir olarias e fornos para o fabrico da cal, da telha e do tijolo: largas cavas, profundas e longas vallas, se dispunham ao mesmo tempo; estas para o conducto das aguas, que com destino certo deveriam concorrer ao laboratorio, trazidas de mais de tres mil braças de distancia; e aquellas para o fundamento de soberbos alicerces. Entretanto, não devendo esquecer a cultura das cannas, era indispensavel procurar as primeiras de logares remotos, e se plantarem, a fim de servirem logo que o engenho se achasse concluido. Estas delongas, que se não podiam remediar apezar de um trabalho immenso, nada se germanavam com a impaciencia do Exm. Sr. Conde, e com a sua, bem que zelosa, eterna desconfiança. N'estas circumstancias em que fluctuava o genio, e o seu descontentamento, se lembrou de mim; e persuadido de que eu seria capaz de informal-o com evidencia em uma materia que tanto o desvelava, foi servido de me mandar passar á Santa Cruz por ordem sua de 18 de Agosto de 1793, com a recommendação de revistar toda a fazenda e mais estabelecimentos annexos, e examinando o adiantamento ou atrazos dos seus primeiros detalhes, as qualidades das terras, seus defeitos e merecimentos, e á vista d'elles descrever um plano novo, que enchesse completamente as instrucções verbaes e por escripta, que me designava. Com o zêlo que me proponho no serviço de S. Alteza, e na promptissima execução dos superiores preceitos, aceitando por obediencia, bem que com bastante repugnancia e pezar meu, esta commissão, não tardei muito em concluir as minhas averiguações, e com aquella seriedade que convinha ao melindre e importancia da materia, aos creditos de quem me mandava e tambem á minha reputação, dando de tudo uma fiel conta e relação a S. Ex. nos dias ultimos de Outubro, em que regressei.

Não me foi muito custosa a diligencia, e nem tão pouco as suas miudas indagações, porque, conferindo-as com outras que tinha em memoria, observadas com mais gostosa satisfação e contentamento meu n'esta capitania, e mais partes que pizei achava na economia dos Jesuitas uma particular belleza, um certo encanto e harmonia, admirando o concerto, ordem e disposições d'ella; entendendo poderem

servir de norma ou de exemplar ao arranjamento do pretendido plano que de mim se confiava. D'esta sorte todo regulado, mais por uma imitação insinuante, do que pela fraqueza das minhas luzes, o formalizei debaixo de argumentos palpaveis, os mais serios e applicaveis, rejeitando tudo aquillo que a prudencia, as circumstancias, o estado dos negocios, e os usos do tempo me dictavam. Com esta moderação e segurança em que me firmava, ver-se-ha que nada adoptei que não fôsse combinavel, ou pela experiencia local, ou pelas influencias do clima, olhando attentamente para a melhor escolha, aproveitando-me dos objectos mais consideraveis, mais solidos, e consequentemente mais permanentes, ricos e importantes aos Reaes interesses, luncei mão a alguns artigos que tinha em vista, que ou não lembraram ou estariam em reserva para o futuro.

Com estas considerações, tantas vezes conferidas e analysadas na minha memoria, me pareceu que entre tantos artigos de que me recordava, dois mereciam uma particular attenção para serem adoptados, e seriam bem aceitos na justiça dos genios cordatos e imparciaes. O primeiro, a educação de um certo numero de rapazes escravos, mais geitosos, e de provada habilidade, applicando-os a officios mecanicos, debaixo da doutrina, e insinuação de bons mestres, formando com este expediente um congregado de habeis carpinteiros da ribeira e obra branca, de calafates e tanoeiros, de ferreiros e serralheiros, de pedreiros, caboqueiros, etc.; para se occuparem indefectivelmente nas obras Reaes, como nos arsenaes, trem, e casa de armas: cujos jornaes avultadissimos, em que a Fazenda Real faz annualmente consideraveis despezas, ficando nos cofres do Erario, eram um consequente e indubitavel rendimento da fazenda de Santa Cruz, que entraria na conta dos seus lucros.

O segundo não seria menos rico e era o importante artigo das madeiras, projectando o estabelecimento de uma fabrica para serral-as, tangida por agua, afim de se aproveitarem e não perderem tantas e tão preciosas, que inutilmente se devoram pelo fogo dos roçados na acção de se cultivar a terra, conforme o uso do Brazil; pensando tambem que com este admiravel recurso, as necescidades

actuas neste genero cessavam em parte, e S. Alteza receberia um grande interesse; porque, ficando nos cofres Reaes a importancia do seu valor, era outro rendimento constante que appareceria da mesma fazenda, resultando d'esta vantagem facilissima uma excellente provisão para entrar em remessa, e passar aos arsenaes de Lisbôa, ou em commercio, não sendo precisas (7).

A' imitação d'estas simplificadas e econômicas lembranças, que só dependiam de execução dos soccorros exigidos, de paciencia, e de constancia para se aperfeiçoarem, eram outras a que cingia a minha prudencia; porque, fazendo reviver e concertar as antigas, que mereciam continuação e augmento, introduzia as novas que julgava adoptaveis.

D'esta maneira regulando-me, fazia vêr quanto importava que o gado vaccum, quasi extincto, se multiplicasse, levando-o áquella quantidade expressa no meu projecto, pretendendo tambem que a criação do lanigero e caprino igualmente se animasse, bem persuadido que, preenchido o numero d'estas tres especies, sahiria d'ellas (além dos couros e das lãs) uma bôa parte da diaria subsistencia do Hospital Real Militar, em carnes; cuja resulta do seu valor, era outro importante lucro que, ficando no Erario, se contaria nos reditos da referida Fazenda.

Para os vegetaes annunciei outros pensamentos que escrevi, não me esquecendo do Café, do Arroz, em mais abundante cultura; porque, tirando-se o preciso para o consumo do mesmo Hospital, os restos passariam ao negocio dos commerciantes. Tambem o Algodão em rama e

---

(7) Entrando as cousas a correr adversas, e fluctuando na maledicencia e desunião de tantas cabeças, que forcejavam em seguir os partidos das suas respectivas parcialidades, eu me desanimei, temendo as despezas que me não quereriam levar em conta; as quaes ainda vencidas pelas minhas economias independentes dos soccorros positivos da Junta, podiam mallograr-se quando em um repente se vendesse a Fazenda, como se traçava, lembrando-me que não estando concluidas as obras da projectada Fabrica, ficavam sem preço: e o prejuizo recahiria sobre a minha responsabilidade.

A mesma fortuna correu a educação dos rapazes; porque, sendo necessario que passassem á Cidade entregues a bons mestres, careciam de assistencia para a sua quotidiana mantença, e esta entrava em duvidas e opiniões indissoluveis.

manufacturado em grosso entrou na mesma lembrança, porque das suas sobras sahiria o vestuario dos escravos.

As manifestas vantagens d'este Plano fizeram espanto a muitos homens de limitada comprehensão, crendo que nada do que propunha seria realizado. O tempo e as duras opposições e molestas rivalidades me fizeram vêr que as suas prophecias eram mysteriosas, e mais bem fundadas do que a minha crença; porque tanto ellas tinham de experimentaes, reguladas por um montão de successos, que eram umas puras lições em que se estribavam, quanto ás minhas esperanças só se mantinham assentadas no fundo de uma innocencia invariavel, não sabendo conhecer, nem tão pouco avaliar o odio e as intrigas que se preparavam, para fugir d'ellas; não pensando que encontraria injustas faltas, inventadas muito de proposito para que os negocios não transluzissem, como a minha fantasia os pintava, se truncassem os principios, escasseassem os meios, e os fins corressem desgraçados. Ora a bôa justiça propendeu sempre á minha parte para salvar-me o credito, porque todos têem visto que eu nada emprehendi que não fosse ajustado ás leis da razão, e proporcionado ao seu objecto: que a escolha dos meus arbitrios justifica bem a facilidade de conseguil-os; e que, se assim não fôra, eu não existiria até agora no meio da empreza, bloqueado e ferido por tantos modos. Quanto dictou o meu zelo, o meu patriotismo, nada teve do pomposo, pois eram verdades incapazes de recahirem nas duvidas, ou em uns impossiveis physicos, como os da descoberta da motu perpetuo; da navegação de Leste a Oeste, e da quadratura do circulo; proposições celebres entre os Geometras, que tanto brado deram nas Escolas. Faz, porém, admirar que com tão poucas e triviaes lembranças como as minhas se alborotassem tantas idéias fracas e estupidas! E que fariam se, rompendo o meu silencio, e entranhado pela vastidão do possivel, affirmára de mais que a plantificação dos cocos da India (aqui denominados da Bahia) era propria n'este clima, e de um grande interesse? que o linho canhamo daria prodigiosas resultas? (8)

(8) O que aqui plantei por experiencia, ainda que em tempo meu o proprio, cresceu a altura de doze e quatorze palmos e meio.

que o salitre, em que os nossos Naturalistas têem trabalhado com pouco fructo, e S. Alteza feito não pequenas despezas, seria em Santa Cruz, onde com menos custo se podiam extrahir grandes quantidades, pelos soccorros de tantos curraes, que são outras tantas nitreiras artificiaes, naturalmente geradas pelo concurso do gado ? (9)

O Illm. e Exm. Sr. Conde Vice-Rei, approvando os detalhes descriptos no precitado Plano, os apresentou á Junta, não querendo por si só decidir do seu merecimento. Ella os aceitou com elogio, assentando que eu mesmo passasse, em qualidade de Inspector, a pol-os em pratica, autorizando-me com uma Provisão sua de 16 de Abril de 1794, tendo antecedentemente feito recolher ao seu ministerio o Desembargador José Feliciano da Rocha Gameiro, por motivos que ignoro; o qual, resentido das desavenças que atrevidamente tivera com S Ex., e não podendo supportar o desgosto que lhe provinha de tão inexperada mudança, em nada grata á sua vaidade e altivez, propagou contra mim o seu odio, infundindo-o nos corações dos seus associados. Eis aqui a origem das discordias e de todos os males que se seguiram para desordenar os admiraveis progressos de Santa Cruz.

Não fui contente com a eleição que segui: politico e obediente aceitei, por não tocar os termos do desagrado, e nem tão pouco offender os melindres e respeito de quem me mandava, não porque cresse que houvessem pensamentos tão audazes que, por nutrir os seus caprichos e infames interesses, quizessem sustentar insensatas opiniões, em desserviço do seu Soberano; mas sim, porque injustos acontecimentos, vistos nos meus dias, me despertavam, pintando de bem perto e com horror mil escolhos, que se preparavam para ferirem a minha sensibilidade, e para deteriorarem a incumbencia de que me encarregava, já n'este tempo abalada e mettida no odio de

(9) Esta realidade não padece duvida, porque de uma muito imperfeita tentativa, a que curiosamente me dispuz, extrahi uma notavel quantidade de salitre bruto, que por embaraços e desgostos que então tive, não cheguei a purifical-o, separando-o do sal marinho. Tudo isto communiquei a João Manso Pereira, presentemente occupado por ordem Real em exames de mineralogia na Capitania de S. Paulo.

tantos insultores temiveis, de dentro e de fóra da Junta, com quem devia tratar; nunca entendendo que, em lugar de me prestarem favoraveis recursos, forcejassem por desanimar-me.

Com esta desconfiança passei a exercer as amarguras de uma tão penosa, violenta e mal aditada commissão, como as provas de escabrosos successos me fizeram conhecer. Animado, porém, das doces e honrosas expressões de S. Ex., e muito certo de que haveria um dia em que, desenvolvidos os direitos do zêlo e da verdade, se manifestassem resplandecendo, me enchi de novas esperanças, suspendendo no entanto as minhas interminaveis desconfianças.

Sempre preferi o amor da ordem como um principio venturoso de acertados fins; e nem eu poderia conseguir este bem nos meus detalhes sem regular-me por um escolhido methodo, que procurei constantemente estabelecer; e era não cuidar em muitos negocios ao mesmo tempo: cada um devia entrar por seu devido turno, e em quanto o primeiro não estivesse sufficientemente aperfeiçoado, nenhum segundo passaria á execução. Este modo de proceder providente, era uma acção tão morosa como languida nas vastas opiniões de tantos espectadores sem criterio.

Firme no meu systema, tratei de adiantar com a mais possivel brevidade o engenho de Taguahy, e todo seu laboratorio nimiamente atrazados, para que as primeiras cannas já chegadas á perfeição da sua maturidade se aproveitassem. Em Setembro do mesmo anno tive a satisfação de vêr moer a fabrica ainda mal acabada, e de conhecer que esta obra era de muito merecimento impagavel pelos interesses que faria a Sua Alteza, quando as providencias lhe não faltassem (10).

---

(10) No anno de 1800, a safra d'este engenho em assucar e aguardente poderia ser admiravel, se a Junta não faltára em providenciar o que lhe havia requerido, como fôram cem pipas vazias, que para alcançal-as depois da reclamação de dois officios meus foi necessario valer-me de uma protecção e empenho! Constrangida por este a conceder o que tenazmente negára, já de nada serviu n'aquelle tempo, porque o prejuizo não era remediavel. Com todo este desmancho, os rendimentos d'este engenho no referido anno deveriam ter a importancia de 10:417$880, se os effeitos se vendêram pelos preços que corriam no commercio.

Sendo como tenho mostrado o artigo do gado o mais analogó, o mais rico e conveniente ao paiz, me deveu sempre o maior cuidado, eu lhe appliquei todos os meios efficazes de o tornar florente; pretendendo que este admiravel ramo fosse o primeiro e mais seguro fiador dos copiosos lucros desta fazenda. Elle se achava no ultimo extremo decadente, como mostrei já, e bellamente o prova o inventario celebrado pelo Desembargador superintendente das novas minas de Cantagallo, Manoel Pinto da Cunha, em cujo tempo apenas se contaram mil nove centas e cincoenta cabeças de gado, achando-se unicamente n'este numero quinhentas femeas, entre bôas e más, e algumas que por muito velhas, eram incapazes de propagação, as quaes conservadas nos bosques como feras fugitivas e bravissimas, deram um trabalho immenso para se domesticarem e obrigal-as com geito á sujeição dos curraes. Dezesete erigi (nos mesmos logares em que os Jesuitas os tiveram) e todos com casa para sufficiente residencia dos curraleiros d'onde deviam vigiar o campo, e todas as disposições da sua incumbencia dispostas nas regras pastoraes em que os ia instruindo.

No meu plano, e na parte tendente ao negocio do gado tomei por fundo ou massa da sua creação, oito mil vaccas, e os argumentos em que estabelecia as suas vantagens, são tão manifestos e seguros que escusam demonstração. Persuadi-me que na continuação de poucos annos, quantos bastassem ao augmento, reproducção e idade, não seria custoso extrahir do estabelecimento annualmente duas até tres mil crias (nunca offendendo ao primeiro fundo); as quaes vendidas no Rio de Janeiro por maior preço e preferencia dos que entram de fóra dariam uma riquissima resulta. Tudo isto, não era uma apparencia pomposa, era sim uma realidade inquestionavel fundada em calculo e experiencia. Para um projecto de tanta consequencia só precisava dos soccorros promettido que jamais chegavam.

Lastimando esta falta, e querendo porém entrar em uma tentativa, que, ou servisse de mostradora á incredulidade, ou de lição conveniente aos animos pouco affectos, tomei a resolução de fazer comprar pela primeira vez cento e quarenta vitellas e alguns touros de escolhida raça do caminho de Minas, cujos preços moderados em que chegáram-me

convidáram a repetir a mesma deligencia de tempos em tempos; e ainda mais animado depois que vi que ellas, redobrando nos corpos e na multiplicação, eram segurissimas fiadoras das despezas. Mas, como as faltas de dinheiro e de uma mais ampla liberdade faziam summamente moroso este meu arbitrio, dei conta circumstanciada á junta em officio de 16 de Fevereiro de 1795, pedindo uma consignação annualmente de nove ou dez mil cruzados para a referida compra, visto que as vantagens eram provadas, e que o dispendio só duraria até igualar-se á pretendida quantidade de vaccas.

A junta, sempre inexoravel, nada respondendo, me fez persuadir que nada se interessava n'este augmento e em nenhum. Á S. Ex. fiz a mesma participação em particular; mas este fidalgo, totalmente entregue ao desgosto da sua gravissima enfermidade, respondendo com ambiguidade, me deixou em duvidas. Com tudo não esmorecendo de todo, continuei a mesma economia, vencendo ajuntar seiscentas vitellas, que com a união das quinhentas vaccas antigas fundei este fraco estabelecimento (11).

Entretanto que estes negocios se agitavam, destinei uma proporcionada quantidade de escravos, applicando-a aos concertos do campo, das vallas, e diques; porém como estes serviços só se podem praticar em conjuncturas adequadas (que sempre são as estações mais seccas) a sua conclusão tinha demora, e se devia sujeitar ás influencias do tempo, até chegarem á perfeição primitiva.

Além d'estas primeiras economicas introducções, que estavam em acção, promettendo um exito feliz, não esquecia a lembrança de melhorar a feitoria do Piahy, onde se devia erigir um pequeno engenho de assucar, cuja situação

(11) N'elle já se puderam contar cinco mil rezes pouco mais ou menos; porém n'este numero não entram as que se mataram para o hospital dos escravos, os bois consumidos na laboração dos engenhos, nos carretos das madeiras que na charrua passaram para Portugal, nas que actualmente se remettem para o trem, e nem tão pouco duzentos capados que a junta mandou ir á cidade e vender aos marchantes por 1:960$600. D'aqui se infere o muito que vale o gado de Santa Cruz, e tambem que se não faltassem as providencias requeridas, e de um jacto se arranjasse o estabelecimento com o fundo projectado das oito mil vaccas, teria este negocio chegado a um augmento prodigioso.

banhada pelo mar, e com a excellencia de um bello porto para as suas exportações, tinha todo o merecimento, e ainda mais recommendavel se fazia por se aproveitarem as terras já cançadas que não tendo todo o accesso para a continuação da planta de mandioca, só ficavam sendo proprias á natureza das cannas. Dando principio ás primeiras culturas d'este genero, e os fundamentos do projectado edificio, soou uma voz vaga, affirmando achar-se esta fazenda vendida em Lisbôa aos Caldas. Com esta noticia suspendi a deliberação de continuar em obras, vendo a necessidade de evitar despezas em casos semelhantes. Passados alguns tempos, e reconhecendo que nada fôra como se affirmára, prosegui a empreza começada, com a lisongeira satisfação de vêr laborar o engenho (posto não concluido totalmente) nos dias ultimos de Setembro de 1797, sem que a junta prestasse o menor soccorro (12).

N'este mesmo tempo levei os cafés á frescura da serra, onde fiz cultivar vinte mil pés. Mas, como as producções de qualquer genero dependem de desenvolvimento da natural vegetação, de crescimento, do estado de perfeição e de maturidade, não podiam transluzir em tão poucos tempos. Com tudo nos annos de 1800 e 1801 se colheram cento e cincoenta e tres arrobas, dando esperanças de avultadas quantidades para o futuro, que bem acreditem a minha lembrança.

Caminhando lentamente debaixo de principios solidos, não me discuidava da disciplina da escravatura, que, a passos largos, se apartava da sua antiga doutrina. Procurei quanto me foi possivel adoçar a sua consolação com o dispendio de pequenos beneficios. Fiz reviver os seus antigos costumes, as suas solemnidades na Igreja, com liberdade de n'ella entoarem os seus hymnos; as suas cantilenas nos serviços, e de exercitarem os seus bailes nos dias festivos. Attendi á menor idade de um e outro sexo, levando-a a serviços leves, e proporcionados ao genio e forças: uns

---

(12) Esta fabrica entrava em uma vantagem gradual, porque a sua safra do anno de 1800, em assucar e aguardente, que passaram a vender na Provedoria, andava na importancia de 7:205$320, segundo os preços do commercio n'aquelle tempo.

arrancando ervas agrestes creadas nas immediações do campo, outros se applicando a officios mecanicos, d'onde sahiriam a aperfeiçoar-se na cidade: as femeas se exercitavam na arte de fiar, para, com o tempo, terem occupação nos dias chuvosos: os filhos passavam aos teares a tecer o panno, com que os ia vestindo (13).

Para que nada esquecesse á minha providencia, não perdi de vista tudo que era admissivel, e se offerecia digno de imitação, de melhoramento, e de promover as prosperidades reaes n'esta fazenda, aproveitando-me de algumas lembranças especiaes, que tinha em memoria, já tratadas e plenamente discutidas no felicissimo e sempre memoravel vice-reinado do Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Souza, relativas á extensão de terras de Santa Cruz, totalmente amortisadas sem uso, e sem desfructe. Eu igualmente considerando que ellas ficariam sendo uma massa inutil ao estado, quando não fossem cultivadas (como assim são tantas que se conservam na adoração e posse de infinitos vaidosos), me pareceu dever cortar este abuso, admittindo arrendatarios; porque, ao passo que fazia desterrar um erro tão manifesto e injurioso á economia do paiz, descobria um novo e avultado ramo de interesse a S. Alteza. Para entrar com prudencia neste plano, havendo analysado as suas vantagens, fiz reservas de todo o territorio e abas da serra para a conservação das madeiras de lei, que pudessem têr facil exportação, destinando os restos para arrendal-os a quem os pretendesse, e se quizesse sujeitar á contribuição moderada de dois mil réis porescravo annualmente. Esta deliberação fundada na autoridade de que estava munido, produzio um nobre effeito aos lucros Reaes, e contentamento a cento e oitenta familias, que se estabeleceram, cujo concurso teria redobrado muitas vezes, se as que vieram depois fossem admittidas, e não voltassem descontentes e desanimadas, temendo a transmigração e desordens, que se principiavam a excitar.

(13) Um genio abrutalhado e demasiadamente presumido, teve a lembrança de desgostar-se dos divertimentos mais innocentes da escravatura (concedidos desde a infancia d'esta fazenda), e até d'aquelles actos de piedade com que fôra educado.

Se vivêra em paz, e não fugira de mim todo o prazer, involvendo-se a minha tranquillidade em mil sustos e tantas contrariedades, talvez tivera concluido a valla denominada do Piloto (14), cuja obra, dando um realce admiravel aos negocios d'esta fazenda, facilitaria a entrada de multiplicados ramos, assaz rendosos. Os campos melhorariam, a navegação interior se franqueava sem encalhes, as madeiras mais remotas se aproveitavam, e um avultado numero de colonos se arrancharia fundamentalmente, e, gozando de tanto bem, póde sêr que em poucos annos chegassem as contribuições do seu arrendamento a vinte ou trinta mil cruzados, como pensava. (15)

Se me fôra permittido, eu perguntára aos antagonistas d'estes ensaios economicos, em que razão fundaram a sua exquisita e chimerica opposição? qual era o zêlo que os excitava para o serviço e prosperidade do seu Soberano, do bem publico e da patria? se, em lugar de concorrerem em animar aquillo, que na sua essencia era digno da estimação de um vassallo fiel, passavam a arruina-lo? mas como pelas suas proprias inconsequencias seriam convencidos do seu orgulho e de impostores, ficará lugar de conhecer qualquer prudente, que elles, só arrastados dos mais vis e sonhados interesses, poderiam entrar nas infames lembranças a que chegaram, e que fracamente têm sustentado, cobrindo-se com a rôta e negra capa da hypocrisia, bem que tenham vencido levar adiante muitos dos seus depravados designios, com a consoladora esperança de os vêr cumpridos. E se as improbabilidades que sustentam vaidosos para inculcar o seu zêlo apparente, unicamente consistissem em não vêr subir as minhas medidas ao cume das riquezas, eu lhe perguntára, como seria possivel que se adiantassem tão importantes objectos sem auxilios, sem protecção, e só entregues aos meus bons desejos (como se bastára a constancia

---

(14) Assim é vulgarmente conhecida, por ser dirigida e aberta pelo Piloto Simão Antonio Pinheiro, em consequencia das recommendações e ordens do Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Souza.

(15) As conveniencias, que propõe este excellente ramo, e as suas futuras e grossas vantagens, não entraram em duvida. Note-se, que na entrada da minha inspecção, andavam os arrendamentos annualmente em 129$000. ; e no tempo presente passam de 2:100$000.

de uma vontade honesta para receber da Omnipotente Mão do Supremo Sêr o grande dom de milagres)? Sim, elles os quizeram vêr, entretanto que, para castigo da minha fidelidade e do meu patriotismo, me cortavam os meios, deixando-me no centro dos combates, luctando com o seu odio, com o soffrimento, com mil faltas, entregue ás extravagancias da fortuna, e das suas nefandas e criminosas paixões.

Até aqui tenho mostrado resumidamente as constituições essenciaes á organização do meu plano, a ordem por que regulava minha conducta para as distribuições adherentes á commissão de que estava encarregado, ás detestaveis implicancias, inventadas pela opposição de tantos agentes, fomentadas e nutridas com mais violencia, á proporção que cresciam os interesses ; e o poder dos associados para os desmanchos : mas ainda não disse tudo.

As antigas extorsões e desmanchos d'esta fazenda, nos primeiros tempos antes que o Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Souza, a suspendesse das ruinas, se não tiveram sua origem na inercia e extravagancias do tempo, outra causa igualmente defeituosa concorreu a promovêl-as. Occupado d'este pensamento, me lembrava não parecer natural que um homem, qualquer que fosse, aceitasse contente um emprego trabalhoso e de pesadissima responsabilidade, sem o interesse de alguma recompensa (como premio da sua applicação), e que a falta d'esta chocava com as precisões e mil absurdos, a que o levaria a necessidade. Eu me enchia de espanto, vendo que pessoas carregadas de indigencia tomassem sobre si arduas emprezas, incompativeis á pobreza que soffriam, e que, apezar da sua lastimosa insubsistencia, proseguiam contentes. D'este meu reparo tirava algumas consequencias, que me faziam presumir mal do seu comportamento, e persuadir-me que esta pratica era prejudicialissima a estes e outros muitos negocios.

Para acautelar semelhantes inconvenientes, que podiam transtornar a bôa ordem, as regras economicas que procurava inspirar, propuz que qualquer homem que fosse destinado aos empregos d'esta fazenda, tivesse um ordenado annual, arbitrado na conformidade do merecimento e da occupação, sendo indefectivelmente pago, para que a esperança do

premio fosse um incentivo da emulação e da actividade no desempenho (16).

Ao Illm. e Exm. Sr. Conde Vice-Rei, e tambem á Junta, pareceu acertada a minha ponderação; e tendo com effeito recahido em mim o peso d'este negocio, não me foi custoso congregar os serventuarios necessarios, bem que um certo temor se diffundisse pelos seus animos, receiosos das violencias que experimentam todos que se encarregam de manejos relativos á Fazenda Real; mas as minhas persuasões venceram a repugnancia. Entregues das incumbencias que lhes pertenceram, não tardou muito que a experiencia me mostrasse que as cousas bellamente rolavam com perfeito equilibrio nos seus eixos; dando-me esperanças de grandes vantagens. Comtudo a estas se antepunha a minha invencivel desconfiança, regulada por exemplos vivos e temiveis, fazendo-me entender que o bom concerto, a agradavel harmonia, que com tanto prazer me lisonjeava, havia de padecer dissonancia. Assim foi, porque subrepticios convites principiavam a abalar os animos dos melhores Feitores, propondo-lhes maiores interesses. A minha providencia remediou com arte este primeiro impulso da malicia. Porém, passados alguns tempos, nenhum modo encontrei que evitasse a maior desordem que depois se seguiu subministrada por um charlatão poderoso, que tudo alterava com especioso pretexto de grande financeiro e zelador da Fazenda Real; este impostor não podia achar um meio mais poderoso de abater, como pretendia, os negocios de Santa Cruz, ainda na infancia que o de fazer suspender o pagamento dos ordenados estabelecidos aos que alli serviam. Quinze mezes durou este inconveniente, que passaria adiante se a justiça do Illm. e Exm. Sr. D. Fernando José de Portugal, em principio do seu Vice-Reinado, não tomasse conhecimento

---

(16) Para que os maledicos me não attribuam destreza alguma, persuadindo-se que estas invenções eu traçava em beneficio da minha ambição, devo satisfazer ao meu leitor, dizendo, que os meus discursos fôram patentes seis mezes antes da sua execução, e que bem longe estava eu pensar, e menos pretender á inspecção em que entrei obrigado da obediencia. Todos os imparciaes sabem quanto sou livre da cobiça e vaidade.

da violencia, mandando logo pagar a divida, e continuara satisfação dos mencionados ordenados.

Este rasgo de benevolencia e integridade sim contentou aos serventuarios existentes, mas nem aquelles que desconsoladamente se despediram a procurar abrigo e subsistencia a outras partes, quizeram voltar, e nem aceitar empregos os que de novo se convidam, em quanto vêm embalançadas as ruinas da Fazenda, tendo á testa das desordens um tão insolente rival.

Eis aqui o infeliz momento, e a causa essencial de tantos desmanchos nos lucros de Santa Cruz, que progressivamente (posto que com aquella indispensavel lentidão, tantas vezes manifesta) cresciam até o anno de 1800, em que mais se declarou contra o Illm. e Exm. Sr. Conde de Rezende o odio, as mais atrevidas e inauditas opposições de Luiz Beltrão.

Este Chanceller, o mais infatuado homem do mundo, vaidoso da sua fortuna, encarregado pelo Exm. Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho sobre a fiscalisação de alguns objectos consideraveis, abusando d'esta honra e conceito, de tal sorte se enthusiasmou, que passava imperioso a constituir-se o arbitro geral e temivel de todos os negocios e corporações. Por este modo elevando os seus caprichos ao mais alto cume da soberba, a tudo se arrostou, querendo pizar, sujeitar, e fazer dependente do seu poder quanto via sobranceiro. Para dar força á sua temeridade, fingindo-se zeloso do bem publico, e das arrecadações da Fazenda Real, principiou em arrancar da mão dos Vice-Reis todo o poder, fazendo crer que depois da Junta e Relação (onde deu as leis, e obrou os despotismos que quiz) nada mais devia existir, por escusado, e de gravissimo peso ao Estado.

As suas maximas machiavelicas, concertadas por um tom enganador, fez que muitos innocentes o acreditassem demasiadamente, e aproveitando-se d'esta facilidade, soube constituir-se necessario, e persuadir que a multidão dos seus erradissimos planos devia caracterisar-se por infallivel, e por importantissimas as suas lembranças. Merecendo do Throno, em consequencia das suas illuminadas contas (phrase com que explicava a excellencia da sua aceitação),

os maiores elogios, mais força, mais pompa, e mais realce deu ás suas tentativas.

Sem limite ufano, tomou por empreza atacar e descaradamente oppor-se ao Illm. e Exm. Sr. Conde Vice-Rei, querendo sujeital-o aos seus sophismas; mas este Fidalgo (posto que altivo por genio e pela grandeza), conhecendo a balda d'este fanfarrão inchado, e pondo em desprezo as suas barbaras, detestaveis insinuações, e vis intrigas, zombando d'ellas (por algum tempo), veiu por fim a succumbir com o peso de tantas inquietações, e arrastado das suas molestias, com cujo impedimento não indo aos Tribunaes, deu logar áquelle revoltoso para praticar os desatinos que tinha em memoria.

O Exm. Sr. D. Fernando José de Portugal foi apalpado dos atrevimentos d'este soberbo, em principio do seu governo; mas a incomparavel prudencia e juizo d'este Sr., tendo mais força do que um publico aggravo, fez que não tardasse a reconciliação, ainda que pouco decente pela desproporção dos cargos, e a grande distancia de pessoa a pessoa.

Este homem, pois, vendo que entre as desfeitas que fazia ao Illm. e Exm. Sr. Conde, não lhe seria menos sensivel metter em desmanchos a Fazenda de Santa Cruz, cavar-lhe ruinas que de todo a desbaratassem, para que nem existisse, e nem mais respirasse aquillo que este Exm. fervorosamente animava com gosto, liou-se com o capitão José Caetano Gomes, cujos humores, tão analogos aos seus, tinham a propriedade de servirem bem ao fim que meditára, ainda mais achando na habilidade d'este furioso, e de estragado comportamento, toda a disposição para qualquer enredo, em desaffronta do ressentimento em que vivia d'esde o momento, em que fôra expulso da commandancia do Registo e Guarda de Taguahy, onde não dera as melhores provas da sua conducta, fazendo-se celebre e intoleravel.

Este excessivo escandalo, pouco grato a tanta vaidade, veiu a inflammar-se contra mim, quando viu que justamente lhe impedia a atrevida liberdade de estabelecer, sem consentimento do Vice-Rei, e nem tão pouco da junta, uma taberna para negocio na serra e em terras d'esta fazenda, obrigando-me em castigo do seu despotismo,

e teima, a mandar deitar abaixo o edificio já levantado; tomando por affronta insupportavel este meu procedimento, passou a malquistar-me, e ao excesso de requerer á junta (ainda n'este tempo imparcial) uma porção de terras de meia legua em quadra, contigua ás abas da serra, onde pretendia formar um campo em que descansassem os animaes dos tropeiros, que desciam das minas, pedindo-se-lhe concedesse tudo em remuneração dos seus serviços, e a beneficio da necessidade publica por um arrendamento emphyteosis; porém moderado em consequencia das circumstancias apontadas. Sendo-me enviado este requerimento para informar, respondi com negativas, fazendo vêr a nenhuma precisão d'aquelle intento, e que os viandantes nunca os pretenderiam, conhecendo os damnos que resultariam de semelhante concessão aos pastos de Santa Cruz. Não sendo deferido blasfemou o imprudentissimo pretendente, e acceso em ira procurou desaffrontar-se no orgulho do Beltrão, bem certo que na reciproca concordancia de dois genios recommendaveis achariam accesso ás suas machinações, que logo entráram em odiosa fermentação, mas com a desgraça de serem bem conhecidos e manifestos estes procedimentos vergonhosos e vingativos, tão alheios da fidelidade e inteireza de um homem, que queria ser o exemplo do zêlo nos interesses Reaes; (17) de um homem

---

(17) Não vencendo este pretendente o emphyteosis desejado, metteu tempo em meio; e a sua dextreza lhe descobriu maneira para alcançal-o da Junta, e estabelecer no mesmo lugar em que pretendeu, o campo negado, um sitio e venda, debaixo do nome de José Ribeiro, seu socio, pelo arrendamento annual de 100$000. Ora um dos principios, em que se fundava a minha objecção, era a necessidade de conservar as mattas que alli ha; porém, nada valeu, por dever prevalecer o respeito do protector. Tanto assim, que um José Teixeira, antigo arrendatario, e morador em Taguahy ha mais de trinta e cinco annos, temendo os males que lhe viriam de uma tão pessima vizinhança, requereu á Junta a preferencia d'aquella graça; pela qual pagaria dobrado fôro promettido; sujeitando-se a conservar os matos, e a não dar uso ás terras do logar, só pela conveniencia de evitar os damnos que lhe recahiriam pelo orgulhode um futuro e tão máo vizinho. A Junta se fez surda a uma tão prudente reclamação; não valendo ao Teixeira o distincto comportamento com que tem vivido, a hospitalidade que presta aos viandantes, em serviço publico, e á generalidade dos seus vizinhos, e nem tão pouco ao que fez á Santa Cruz, offerecendo gratuitamente duzentas carradas de cannas para as primeiras plantações dos engenhos, conduzindo-as á sua custa; e nem finalmente, o de liberalisar-se com

(torno a dizer) caracterisado e de tanta circumspecção, que affectava um magisterio severo em cortar abusos, desterrar os erros, reprimir a injustiça, e até de arguir deffeitos a tantos e tão illustres Governadores que têm dominado o Brazil, crendo ser elle o unico ente creado para o acerto e integridade. Assim se lisongeava da opinião em que estava, e da aceitação em que via os seus illuminados desenhos com a esperança de obter breve, e em recompensa de tão assignalados feitos, o Generalato, que aspirava para qualquer das minas, unico recurso para ellas florescerem.

José Caetano Gomes, tão malevolo como elle, o mais fanatico insultor, porém mais vivo e dextro, e de entendimento mais acre, soube construir-se a chave dos seus conselhos, e seu mentor: teve a arte de o dominar em tudo até arrojal-o nos ultimos abysmos, e precipital-o vergonhosamente em uma contestação relativa aos negocios do sal.

Este mesmo a quem o Beltrão tinha elevado á Deputação de uma especie de tribunal desnecessario, que fez crear, só por accommodal-o, foi o primeiro que teve a fortuna de zombar d'elle, dando materia vasta para a diversão e entretenimento das assembléas, e pondo de plano todos os segredos, realçou o seu triumpho ainda mais quando em desaggravo d'esta inesperada desavença, esquecido este ministro de que ia reprovar aquillo mesmo que approvára, pretendeu astucioso derrubar o referido tribunal, ha pouco erigido pelas maximas de ambos, mas em vão pelas nervosas opposições que encontrou, não obstante as pueris e futeis razões de que se valeu em um papel fracamente arranjado, que fez declamar em junta pela innocente boca do Desembargador Vallente (figurado como interino Procurador da Corôa).

A noticia d'estes particulares acontecimentos, posto que não tenham toda a relação com os negocios de Santa Cruz, que me propuz indicar, pareceu-me não devel-a occultar do

---

200$000 tambem gratuitos para as precisões do Estado na occasião do emprestimo, e 200$000 mais (como bom patriota) para o presente donativo, indo leval-os á boca do cofre Real, ainda antes de o solicitarem. A tantas torturas nos arrasta a paixão, os interesses o capricho, o odio!

meu leitor, para que, melhor instruido da fatalidade de um tempo turbulento, possa avaliar a desordem a que chegaram os negocios d'esta Fazenda, e geralmente fallando todos os mais da Capitania do Rio de Janeiro, que tiveram a desgraça de serem lembrados : nada houve que não fosse combatido, e arremessado no centro da confusão.

Por me não fazer mais pesado, deixo de repetir outras muitas passagens, dignas de memoria e de uma eterna reprovação entre os homens sinceros, quando bem justificados se reconhecesse o fundo da sua gravidade, e o clandestino modo com que eram dirigidos; contentando-me de voltar ao meu assumpto, e dizer por ultimo que a Fazenda de Santa Cruz é susceptivel de magnificas vantagens, e de subir a um augmento prodigioso, quando seja animada, e lhe não faltem os soccorros para a sua completa organização, e nem tão pouco se alterem os principios da sua economia (18).

Os que conhecem a fundo os interesses politicos d'esta Capitania, as suas necessidades interiores; a figura da sua costa, a entrada e abrigo dos seus portos; o estado actual dos negocios, e as cautelosas providencias que exige, confessará commigo que S. Alteza não deveria, por bem do Estado, alienar do patrimonio Real este magnifico predio, ainda mais recommendavel pela natureza da sua situação local (19).

---

(18) Não será muito difficil arrancar d'esta fazenda annualmente, e em breve tempo, um rendimento de oitenta a cem mil cruzados, bastando para isto o lucro dos dois engenhos, do arroz, do café, e do gado, sendo tudo animado convenientemente. Eu cuido que, se não houvessem os desmanchos já ponderados, a muito mais teria subido este arbitrio. Duvidar d'elle é desconhecer a materia, é violentar a verdade, ou affirmar, que nada ha no mundo capaz de melhorar.

(19) Os que deram pareceres contrarios a este pensamento, quando, por ordem Real, responderam em Junta sobre a decisão da venda, ou conservação d'esta fazenda, foram miseravelmente guiados como cégos, ignorando a materia que tratavam; disseram desatinos, e tão precipitadamente que até se esqueceram das principaes condições da mesma ordem, e era em summa, que se apresentasse em Junta um mappa do terreno, e as contas para o acerto da conferencia. Nada d'isto houve; é certo que fizeram apparecer um mappa incapaz de dar a pretendida noção, e que as contas se não examinaram. Eu mesmo vi a muitos dissertarem com mais razão da que tiveram depois para mudarem de opinião pelas influencias de Luiz Beltrão e seu associado José Caetano, as quaes introduzidas por canaes geitosos, se derramaram por todas as cabeças que tinham voto, e para prova d'esta realidade, observe-se que em subsistencia todos fallam de concerto e pela mesma linguagem.

Para dar uma idéa mais ampla e distincta dos lucros da mesma Fazenda, contados no espaço de onze annos incompletos, em que entram os da minha inspecção, encontro bastante dureza, que difficulta a verdade do calculo sobre a receita e despeza. Consiste a duvida em ignorar os preços por que se venderam os generos remettidos á Provedoria, e o valor em que estimaram aquelles que em especie applicaram a certos fins, de que não faziam memoria (20). Fundado na minha, no tempo das remessas, e na respectiva importancia dos effeitos no commercio, cuido não haverá uma differença sensivel, bem que os subornos sejam intoleraveis, e tão descarados que, principiando na avaliação, acabam de aperfeiçoar-se nas arrematações. Além d'isto, não são menores outros defeitos, que se não tem querido remediar (21).

Lucro geral da Fazenda de Santa Cruz, no espaço de treze annos incompletos, contados de Junho de 1791 até o ultimo de Dezembro de 1804, tendo principio na inspecção do Desembargador José Feliciano da Rocha Gameiro, que durou até os ultimos de Abril de 1794, e continuando na actual.

RENDIMENTOS MIUDOS

Têm sido aquelles que resultam da contribuição dos boiadeiros, que mettem gados de fóra a nutrir nos pastos

(20) Madeiras manufacturadas para o trem, para as remessas de Lisbôa; ipyquacuanha, para o hospital; aguardentes, para a marinha; jornaes de escravos destinados a varios serviços, etc. (porque tudo é lucro).

(21) Ou por negligencia, ou por uma mal entendida economia e prevenção, se tem retido nos armazens da Provedoria alguns effeitos, até que apodrecidos e comidos dos ratos, ou se perdem ou valem menos. Assim tem acontecido com o arroz e outros generos. As pipas de aguardente, criando brócas, derramam o liquido e exhalam o espirito, vindo a diminuir em numero pelos atestos de umas ás outras, e tudo isto é prejuizo. Não seria assim se em logar das remessas dos effeitos para a Provedoria, ficasse a vendagem d'elles ao cargo do Administrador, levando a sua importancia pecuniaria ao Erario, porque este homem (qualquer que seja o Administrador), além da responsabilidade do seu emprego, aspira a gloria de vêr augmentados os seus creditos; e as producções do seu trabalho, não sendo por isso mesmo presumivel, que venda por menos preço o que mais vale, segundo a taxa do commercio. Não duvido que sejam singulares as formalidades da Fazenda Real: o meu reparo só lamenta o abuso.

da mesma fazenda, por um tempo indeterminado, pagando de cada cabeça quinhentos réis (22).

São tambem os productos de alguns generos de agricultura, taes como o arroz, o café, e outros fructos, louça grossa, fabricada na olaria da referida fazenda, que sobejando do consumo interno, se vendem aos vizinhos. Os fóros estabelecem outros rendimentos, os quaes principiando fracamente, na importancia de cento e vinte e nove mil réis foram pouco a pouco crescendo, e chegam presentemente a dois contos e cem mil réis.

D'estes rendimentos, pois, tem sahido toda a despeza do custeio da fazenda (com a excepção de pequenas cousas que vieram da Provedoria), e a generalidade de seu arranjamento pela maneira seguinte:

Na compra de pregos para tantas obras, ferro, aço em bruto e manufacturado para varios destinos: na do sortimento da ferraria, carpintaria, tanoaria: limas, enxós, serras braçaes de mão, etc. Na de enchadas, facões, fouces e machados para os serviços da agricultura. Na de instrumentos para a cirurgia, remedios pharmacios para o hospital, e na sua quotidiana assistencia. Na compra de cabos de linho, betas, outras cordas e moitões precisos para erecção das fabricas e edificios que se fizeram. Na de breu, estopa, polvora para minas, mós e outras pedras de amollar. Na de pipas, de arcos de ferro para o seu concerto, e construcção de outras novas. Na de livros em branco, tinta e papel para a escripturação. No de cêra e todos os guizamentos da

---

(22) Este rendimento é incerto; em uns annos tem chegado a 4:000$., em outros muito menos. Um abuso introduzido sem limite, e de pura contemporisação, tem atrazado as vantagens d'este bello artigo, que aliás se faria muito rendoso. Consiste o erro no tempo indeterminado que se concede sem a menor precisão, e recahe sobre a negociação dos açougues; porque os Boiadeiros á medida das faltas de gados que observam na cidade, assim levantam os preços, tendo, como em viveiro os bois pelos annos que querem, bem certos que a contribuição dos quinhentos réis não muda de ordem. Ora, o gado que é incapaz de nutrição, dentro de um anno, tem molestia, e o tempo que se lhe dá de mais é superfluo e damnoso ao interesse interno da fazenda. A junta informada d'este notavel defeito, quiz remedial-o por uma provisão sua de 10 de Julho de 1794, que me dirigiu, determinando que d'aquelle ponto em diante a contribuição dos quinhentos réis seria annual. Os Boiadeiros, os negociantes seus socios, e as protecções interessadas, gritaram contra o novo arbitrio, constrangendo aquelle tribunal o retratar-se e suspender a resolução.

Igreja. No pagamento de jornaes e comedorias a mestres e officiaes de carpinteiros, de ferreiros, de tanoeiros e pedreiros chamados de fóra e em grande numero, em quanto duraram as obras dos engenhos que se queriam com brevidade concluidas. Na assistencia e pagamentos de salarios a mestres e banqueiros de assucar e aguas-ardentes, e do mesmo modo ás pessoas empregadas nos destinos da agricultura e outros ramos interessantes.

Tudo isto anda na importante somma de quarenta e tres contos oitocentos sessenta e um mil quatrocentos e trinta e sete réis, cujas despezas se devem considerar de dois modos, ou como accessorias dos lucros futuros e adiante manifestos, ou do consumo total. Estas são as que por natureza se extinguem, bem que fôssem de absoluta necessidade e indispensaveis; mas, como não existem, nenhum valor tem. Porém aquellas que têm duração e de superior importancia pelas suas qualidades e merecimento devem precisamente e de justiça entrar na classe dos lucros. Taes são as despezas applicadas aos engenhos, cujos edificios têm um valor incomparavelmente maior do que a quantidade despendida, e ainda mais; porque trabalhando n'elles muitos escravos da fazenda por dilatado tempo, deixaram outros empregos e serviços de que resultariam racionaveis jornaes, os quaes devem apparecer unidos á importancia total d'estas grandes obras, no seu devido logar.

Da mesma sorte devo fazer memoria de outras despezas extrahidas dos mesmos lucros miudos, e applicadas a especies ou generos existentes e indispensaveis: taes tambem são as seguintes:

Em caldeiras e tachos de ferro coado, alambiques e outros vasos de cobre; em bois, carreiros para os engenhos, em bestas muares para o do Piahy, em cavallos pastores, burros e burras para as manadas: em seiscentas vitellas novas e touros escolhidos para augmento dos curraes (23).

---

(23) Se os metaes não conservam o seu primeiro peso, pelo uso e pela impressão e actividade do fogo, gastando-se, em parte não perdem de todo o seu valor: o mesmo digo dos outros generos aqui indicados, e quando haja alguma diminuição nos que pódem morrer, fica a quebra compensada com uma pequena parte da multiplicada producção das vitellas: d'onde se segue que este emprego não merece o nome de despeza, mas sim de lucro.

Eis aqui a sua importancia..	(vitellas)	1:966$435
Eis aqui tambem a do engenho de Taguahy.................	(24)	55:000$000
E da mesma maneira a do Piahy..		14:000$000

Remessas feitas de Santa Cruz para a Provedoria, cujos generos, abaixo indicados, fariam as importancias seguintes, quando não differissem dos preços do commercio.

Assucar branco, mascavo, e aguas ardentes, na importancia de....	115:377$880
Arroz com casca e outros generos miudos	6:703$920
Couros de boi com pello e curtidos, de cabras, de ovelhas, de bezerros........................	3:407$600
Madeiras que passaram ao trem do Rio de Janeiro, e á Lisbôa na charrua, do valor de..........	4:701$600
Bois mandados vender inteiros, pela junta da cidade..........	1:980$600
Cavallos para remontar o esquadrão, na importancia de..	240$000
Dinheiro em sêr na mão do administrador para entrar no Erario	4:053$692
	207:431$727

(24) Não faltaram pessoas intelligentes e bastantemente sérias que estimavam as obras de Taguahy, edificio, laboratorio e conducto d'agua em oitenta contos. Eu, porém, amando a moderação me pareceu excessivo este preço, bem que o merecimento do objecto seja realmente grande. O Illm. e Exm. Sr. Conde, querendo capacitar-se da verdade de uns, e da impugnação de outros, mandou avalial-o pelo mestre Antonio de Azevedo Santos, e juntamente ao do Piahy. A este deu valor de quatorze contos de réis, e á aquelle de cincoenta e cinco contos de réis, dizendo sêr o menor preço por que os podia regular. O Beltrão mesmo se admirou de vêr esta magnifica obra, achando-me eu presente. O louvor de um inimigo que trabalha em escurecer a verdade faz credito ao merecimento do sujeito. Com todo este conhecimento, este mesmo homem, cuja alma sempre trabalhava ao avesso do que entendia, fez todos os esforços para que as avaliações se fizessem por preços arrastadissimos, unico meio (dizia elle) de se vender, e com brevidade. Não me foi possivel de tão perto vêr semelhantes avaliações, que de mim se procurou occultar : quanto digo a este respeito é o que ouvia.

Estes são os rendimentos que justamente se devem suppor da fazenda de Santa Cruz, contados no intervalo de 12 annos e 6 mezes; mais florentes até o de 1800 em que as intrigas e opposições mais se incendiaram desordenando os bons principios, que aliás levariam estes negocios a um termo duplicado.

Além das addições expostas, eu me pudera recordar de outras importantissimas, que accrescentariam o vulto das utilidades, porque a multiplicação dos gados merece ser contemplada, e a sua importancia é consideravel, e d'esta sorte restam mais generos que ainda não entraram em remessa. Tambem não fiz memoria de dois contos doze mil e seiscentos réis gastos n'este anno, ou no termo de seis mezes, em salario e comedorias que receberam os empregados na diligencia do tombo, e da mesma sorte os escravos que a seguiram.

Com todas as minhas cautelas e observações, póde o meu calculo desmentir do da junta, em razão dos preços que deram aos generos, e d'aquelles de que não fariam memoria. Se do mesmo modo quizessem attender ao valor dos jornaes de 49 escravos que effectivamente se occupam nos serviços do esquadrão em officios no trem, no laboratorio da Conceição e nas fortalezas, chegaria a sua resulta a um ponto vantajoso (25) e pelo menos na importancia de 2:462$400 réis.

---

(25) O mesmo Beltrão tão cheio de apparente zêlo, como de um inextinguivel odio á memoria do Exm. Sr. Conde de Rezende, fez uma falla atrevida em Junta para que se constrangesse a este Fidalgo a pagar os jornaes de tantos escravos que tivera no seu serviço por dilatado tempo tirados da fazenda de Santa Cruz: uma alterada disputa entre os Deputados, na presença do Exm. Sr. D. Fernando, o obrigou a despedir os que tinha (seguindo o uso desde o tempo do Exm. Gomes Freire, e de todos os Srs. seus predecessores, trazidos á recordação d'aquelle rival, acerrimo inimigo da Grandeza mais illustre). Do insultante discurso d'este malevolo, tiro as precisas consequencias para affirmar que o valor dos jornaes de tantos escravos empregados actualmente no serviço do trem e mais partes, deve entrar nos lucros de Santa Cruz.

Medições e demarcações de limites celebradas nos dois predios de Taguahy e Piahy, que em consequencia da ordem real se devem vender desannexando-os da fazenda de Santa Cruz.

Com esta tão suspirada decisão se animaram novamente os insaciaveis pretendentes, firmando as suas esperanças na venalidade de uns, e dependencia de outros, porque os desejos da posse que aspiravam consistia essencialmente no segredo de alcançal-a por pouco dinheiro, e tudo aquillo que valesse muito.

O Desembargador Manoel Carlos da Silva e Gusmão, foi nomeado juiz do Tombo, e em qualidade de Procurador da Corôa o Bacharel Joaquim José Suzano, um Escrivão, quatro Pilotos, e dois officiaes inferiores para a escripturação dos diarios (26).

Dá-se principio á diligencia em 18 de Junho e aos 20 de Dezembro se conclue. O methodo que se seguiu não era o mais acertado, e com todo este defeito corriam as cousas soffrivelmente. Insinuantes, porém, dolosas subtilezas do Procurador Suzano, inspiradas por Luiz Beltrão, tudo desordenaram : os erros se fizeram manifestos e tão intoleraveis que passaram a prejudicar o campo, as alturas para o retiro do gado no tempo das inundações, e as terras de mandiocas que, segundo o espirito da Real determinação, se deviam reservar. O Beltrão instava (sem figurar para que as torturas não parecessem suas) propondo argumentos futeis, pela boca do Suzano, que obrigassem ao Juiz a metter as porções referidas dentro dos limites do engenho do Pihay, meio admiravel de invalidar o campo. D'esta maneira forcejando por arruinar tudo, queria que as medições corressem ligeiras e sem as precisas observações, afim de conseguir a gloria de vêr esbandalhado e vendido tudo antes do seu retiro como promettêra ; porém, conhecendo que de longe a sua intimativa não tinha a força de persuadir com aquelle calôr que pretendia, quiz mais de perto protegel-a ; este

(26) Servio de primeiro piloto (bem contra sua vontade) Simão Antonio da Rosa Pinheiro, que aqui foi occupado em outro tempo. Este homem sincero clamava contra os erros que lhe mandavão seguir : foi ameaçado e muitas vezes vituperado para o obrigarem.

expediente era necessario até para ter um motivo mais decente de se reconciliar na amizade de Manoel Carlos, que vivia resentido de um aggravo muito capaz de o ter perdido. Para isto conseguir e dar um melhor tom á sua depravada pretenção nada lhe podia occorrer com tanta propriedade que a de ir ser seu hospede. Inventa a traça de se instruir de alguns pontos locaes d'esta Capitania, a fim de responder e informar d'elles em Lisbôa, quando fôsse consultado. Constituido viajante, deu comsigo no sitio do Pau-grande, caminho de Minas, onde por vezes tinha estado, e d'alli em accelerada jornada, metteu-se em Santa Cruz: e conseguida a harmonia da amizade que esperava, entrou a dar as leis e a ser obedecido. Eis aqui o momento das desordens e de se disfigurarem os negocios: o seu artificio fez desapparecer de repente o primeiro zêlo do Juiz, todo entregue ás influencias da sua desenvoltura e pessimos projectos do Procurador (27).

Os louvados, os avaliadores, desmentindo da inteireza que inculcaram á primeira vista, logo se sujeitaram a retratar-se sobre o que quizeram os mancommunados.

O Exm. Sr. Vice-Rei, que se regulava pela inteireza da sua grande alma e sinceridade, era impossivel capacitar-se que houvessem genios tão audazes que, faltando á verdade e á propria fé, tivessem a temeridade de o enganar.

Eu que, em observancia das determinações d'este Sr., devia ser consultado, só o fui na primeira secção em quanto as cousas não tinham mudado de opinião: desde então, trataram de occultar tudo da minha observação. Pela minha carta dirigida ao Exm. Sr. D. Fernando, cuja cópia offereço, ver-se-ha quaes eram os meus sentimentos e o estado a que chegaram os negocios d'esta natureza. Como, porém, depois d'ella continuaram a renascer maiores absurdos, que eu não posso explicar sem maior experiencia e confirmação da verdade, só devo dizer que todas as avaliações que se fizeram foram arrastadissimas e injuriosas aos interesses do Principe Nosso Senhor; porquanto regulando-se a importancia

---

(27) Este homem mancommunado com o Chanceller, e seu favorito, letrado dos Exms. Srs. Viscondes, e como tal, unido com o seu Ministro, o que não faria por agradal-o?

que deram a estas terras pela que estão valendo as dos visinhos (em iguaes porções), bem se conhece o dólo execravel. As d'estes, estereis e longe dos portos de embarque, valendo muito; as de Sua Alteza, fertilissimas com todas as desejadas vantagens e admiraveis portos, valendo pouco.

Até aqui chegam as noticias que me parecêram precisas para aclarar a verdade dos factos comprehendidos n'esta memoria.

Illm. e Exm. Sr. — Os consideraveis desmanchos, que noto nas divisões das terras, que se pretendem desannexar d'esta Fazenda para incompetentemente se unirem ao predio do Piahy, merecem o reparo e attenção de V. Ex., a fim de que um manifesto engano não prevaleça, recahindo em desinteresse do Principe Nosso Senhor.

Tantas vezes medidas, apalpadas, e decididas; outras tantas vezes desajustadas, dando bem a entender que no acérto d'esta diligencia tem menos parte a razão, e que a vontade de satisfazer os caprichos de alguns genios recommendaveis é o movel de tantas desordens, atropelando com invectivas extravagantissimas os negocios d'esta natureza, e em que rolam os interesses de S. Alteza.

Portanto, meu Exm. Sr., pondo de parte o silencio que me tenho proposto (apezar de lastimar-me dos erros que me não tocam remediar) rompo no excesso de fazer a V. Ex. a presente participação.

Tudo quanto vejo traçado e dado por feito, ou se aparta das positivas ordens de V. Ex., tão sérias, prudentes e ajustadas; ou do espirito das Reaes recommendações. Desmanchar um predio importantissimo, qual é o campo que se manda conservar, para engrandecer outro infinitamente inferior na estimação, com defraude total do primeiro, que vem a perder muita parte do seu valor, de que jámais será compensado pela fraca importancia do segundo, é uma tortura, ou mysterio que não deve escapar das vistas, e reflexões de V. Ex. para lhe applicar o remedio.

Do contexto das minhas expressões verá V. Ex. quanto foi superflua a vinda dos louvados, por tres vezes a prescrever limites d'este engenho; porque, abandonando os

seus sentimentos, observações e medidas, prevaleceram aquellas ou dictadas pela paixão, ou pelo depravado gosto dos agentes, que têm tomado por systema arruinar tudo. Se os louvados referidos (em consequencia das recommendações de V. Ex.) cumpriram com os seus deveres assignalando ajustadamente o terreno que convinha ao Piahy, sem offensa das alturas principaes, e de absoluta necessidade para o indispensavel retiro do gado no tempo das inundações; se do mesmo modo attendêram em parte, e pelo meio mais possivel, ás terras precisas á cultura das mandiocas, e á economía tão necessaria dos escravos, parece não dever remetter-se ao escuro, e ao desprezo o parecer de uns homens escolhidos, e autorizados para a perfeita decisão d'este negocio.

Correndo menos mal a diligencia, e attendidas estas considerações, prudentemente, logo em principio foi facil refutarem as primeiras medidas, porque abrangiam uma grandeza desproporcionada, que offendia o campo, e mais artigos. N'esta consideração, ouvindo-se aos louvados, tenta-se uma segunda observação, que concordando plenamente com as condições da Ordem Régia, não deixava de offerecer um bello, e racionavel territorio áquelle engenho.

Tudo isto consta claramente no mappa que V. Ex. se dignou mostrar-me, e é indicado por linhas coloridas, e ainda que lhe dêem o mentido nome de primeira observação (occultando-se a verdade muito de proposito) é bem sabido por tantos olhos, sêr um produzido das segundas e ultimas tentativas, na realidade as mais conformes, confirmadas e rectificadas pelos mesmos louvados.

Entretanto que as cousas d'esta parte se davam por concluidas, nada mais restando que arvorar os marcos, se tratava do finalisar as de Taguahy, já de algum modo adiantadas.

N'este tempo apparecem novas idéas ministradas por um pensamento tão acre, como sophistico, que aterrando tudo, fez abandonar quanto com melhor acerto se tinha assentado por ajustadas e sérias conferencias, e reviver a primeira divisão totalmente alheia da razão, e com tanta justiça regeitada pelos louvados. Esta quantidade, pois, que de nenhum modo deveria ser admittida, como lesiva a

S. Alteza, se manifesta descripta no mesmo mappa por uns traços de lapis, cuja figura pretendem inculcar por segunda observação, e é a que transtorna o campo, e todas as mais reservas, tirando-lhe o valor no tresdobro do que poderia importar o engenho e seus annexos; por mais que suba a sua avaliação a maior ponto possivel.

Eis aqui um escandaloso prejuizo digno de se evitar, porque recahe em gravissimo damno dos interesses do Principe. Tirar ou arrancar do Soberano as conveniencias para enriquecer ao vassallo, é mysterio de zêlo, que desconheço, e não sei entender.

Não querendo, e nem pretendendo de modo algum figurar, em um objecto tão escabroso que tem merecido ciumes, e uma rivalidade extrema, só desejo que esta minha representação sirva em qualquer tempo de uma demonstração viva da verdade, e que V. Ex. conheça no seu particular aquillo que se lhe possa occultar.

A importantissima saude de V. Ex. Deus prospere como os seus criados e humildes subditos de V. Ex. havemos de mister. Real Fazenda de Santa Cruz, 23 de Outubro de 1804. — Martins.

Sr. Desembargador Manoel Carlos da Silva Gusmão. — Recebo um officio de V. S. na data de 14 do corrente que tem por objecto o arbitrio do numero da escravatura necessaria ao costeio geral, e conservação do campo d'esta Fazenda, cultura de mandiocas, fabrico e extracção de farinhas para municio das tropas de linha, em conformidade das Reaes determinações. Concebendo nos termos mais precisos tudo o que V. S. quer e exige de mim, passo a responder distinctamente cada um dos pontos, para que equivocos e opiniões mal entendidas não transtornem os interesses de Sua Alteza, que V. S. pretende salvar com tanto zêlo.

O mappa que com esta offereço a V. S. é um demonstrador fiel que se devêra seguir; porque, ainda independentemente de outros quaesquer recursos de informação, bastaria para encher completamente a sua idéa tão clara e illustrada.

Por elles e pelas explicações que vou indiciando, poderá V. S. facilmente estabelecer as mais ajustadas combinações, descobrindo incontestaveis verdades que o guiem e o apartem de enganos nos seus acertadissimos detalhes. Alguns motivos, porém, reconhecidos por averiguações formaes, de que me acho fornecido, não me dispensam de fazer a V. S. uma relação mais ampla, mais segura, mais conforme e argumentada que o desviem de uma infinidade de duvidas tendentes aos mesmos importantissimos fins, que se dirige, e que tambem me poderiam pertencer, desgraçadamente quando as minhas informações se apartassem das solidas experiencias, ou da realidade que desejo inspirar.

Assim suppondo, verá V. S. que, sendo a lotação da referida escravatura annunciada no mappa, em numero de mil quinhentas e vinte e nove almas, não são todas empregadas no serviço geral d'esta Fazenda; porque, descontados os velhos, enfermos actuaes, e incuraveis, taes como cegos e aleijados, os desertados, os destacados em diversos destinos e logares, os de officios mecanicòs, que em bôa politica e economia se devem conservar e applicar em differentes usos, como no trem, nas obras de fortificações (cujos jornaes salvaram a Fazenda Real de avultadissimas e diarias despezas), e finalmente a menoridade de um e outro sexo, tudo isto faz um vulto consideravel ao numero indicado, e merece vistas tão prudentes como ajustadas. Subtrahindo-se pois esta quantidade da maior, a que resta seria precisamente a que se deveria applicar aos negocios do campo e seus annexos, e comtudo não parecerá muito, quando se registrem bem os segredos d'este trabalhoso, rico e admiravel custeio.

Fallo a V. S. n'esta linguagem porque assim o entendo em serviço de Sua Alteza, e creio que jámais poderei ser convencido do contrario.

Se calcularmos as vallas magistraes, unindo a longura d'estas com o comprimento das suas transversaes e sangradouros reciprocos, não terão muito menos de dez leguas na extensão tomada por partes. Ora, o beneficio d'ellas annualmente não é o unico, outros trabalhos de igual peso se ajuntam como indispensaveis e analogos, taes são os actuaes concertos de diques arrombados pelas enxurradas,

as tapagens precisas em muitas partes, quando pode a conjunctura, fazendo retroceder as aguas de umas vallas a outras que necessitam. Esta pratica tem universalidade no objecto, e constitue toda a harmonia e belleza de um campo puramente artificial. As suas comportas, os oculos e registros que inventaram os seus fundadores, caracterisam estas verdades innegaveis, e a dextreza de tão grandes economos.

Em consequencia d'ellas digo que, se o campo interessa a Sua Alteza pelas suas inquestionaveis qualidades, e se pela real utilidade e do publico merece a soberana attenção para existir aperfeiçoado, devem-se-lhe indefectivelmente prestar repetidos beneficios, engrandecendo-o o mais possivel até leval-o a um termo admiravel.

Sendo assim, são necessarios muitos braços actualmente occupados, e em tal caso os existentes não se podem escusar. E' porém certo que nem sempre tem lugar a applicação da escravatura, porque depende das estações mais seccas e menos aquosas. Eis aqui tambem a necessidade de se exercitarem no importante serviço da agricultura em todo o tempo que a impossibilidade de trabalharem no primeiro destino os desobriga delle, e já então se devem entreter nas plantificações que forem do uso, ou novamente recommendadas. Esta é a economia geral, e de um tempo immemorial, e quem a duvida e discorre ao contrario, mostra bem ser estrangeiro na materia, e que desconhece totalmente a pratica dos Jesuitas n'esta parte; não bastando os fracos argumentos que podem inventar alguns genios innovadores e contrarios a este pensamento para provarem que aquelles Padres tinham empregado n'estes serviços uma porção menor do que a actual, em que comtudo as cousas estavam em perfeito arranjamento.

A isto se responde que os Jesuitas conservavam as cousas aperfeiçoadas, levando-as de um principio fraco a um augmento brilhante pela carreira longa de muitos annos, sem interrupção de systema na sua economia experimental, singularmente adoptada, e seguida longe das ruinas, que a diuturnidade, maximas erradas, incompetentes e destructivas, fizeram renascer. E mais que os mesmos Padres tinham grande habilidade de congregar para estes serviços muitos Indios seus administrados, que tanto ajudavão, em

cujos termos já não admira que com os escravos que aqui tinham, regulados debaixo de uma doutrina solida, e amavel obediencia (na serie de largos annos) fizessem este quadro famoso, em que apezar, de alguns desmanchos lastimosos, vemos resplandecerem, debuxadas lindamente as regras e leis hydraulicas, por um modo na realidade maravilhoso, muito digno de imitação, e da nossa memoria. Até aqui tenho mostrado resumidamente o que é relativo á conservação do campo, e seus beneficios, cuja realidade não terá escapado da aguda penetração de V. S.

Mas no que respeita ao artigo das mandiocas, e de outras plantificações interessantes, repetindo o mesmo que já tenho referido, torno a dizer que ellas são de uma precisão absoluta para entreter grande parte da escravatura nas estações improprias dos serviços destinados ao campo. Lembro-me comtudo que se S. A. Real pretende tirar d'aqui e d'este genero a farinha para a tropa, como V. S. me faz entender nas suas respeitaveis expressões, não vejo terrenos sufficientes e reservados para a sua cultura.

Os que havia mais capazes, se comprehenderam nas demarcações e limites dos dois engenhos, cujas porções bem se podiam escusar, assim como no Piahy, que, podendo bellamente passar sem uma parte de Santa Cruz pequena, curral falso, e todo o costão das Alturas, até Sapetyba, erradas informações (talvez contrarias ás puras e primeiras idéas de V. S.) fizeram este grande desconcerto, e não pequeno desmancho aos interesses do campo, e de tal modo consideravel, que o pouco dinheiro que valerá de mais essa porção alli indevidamente annexada pelos louvados, esquecidos de tão attendiveis circumstancias, ainda redobrado algumas vezes, não compensa os prejuizos futuros d'esta Fazenda. Isto é uma verdade demonstravel. Em Taguahy, o mais apropriado para o mesmo genero, eram as visinhanças do Facão, que tambem entrou na demarcação do engenho d'aquella parte, e d'esta sorte desconheço os terrenos reservados para as recommendadas culturas.

Os que restam nas planicies que bordam as margens proximas dos Rios são incompativeis ao genero, e só admissiveis para arrozaes. Pequenos combros de arêa, e outras alturas limitadas, entremeadas e enlaçadas com lagos e

brejaes, não são sufficientes para um grosso fabrico. Pretender arrojar nas serras mais distantes a plantação de mandiocas, factura de farinhas, é um paradoxo que merece annotação, porque o transporte d'este effeito ao lugar do embarque vale mais que a sua importancia, o que é certamente injurioso a toda a economia, e como tal uma lembrança futil, ou discurso apparente, pueril, mais sophistico do que real.

Para que V. S. felizmente continue nos acertos da sua diligencia, em desempenho do serviço de S. Alteza e do publico, fazendo resplandecer as suas virtudes, e me dê muitas occasiões de prestar-me aos seus estimaveis preceitos :

Deus guarde a V. S. como lhe imploro. Santa Cruz, aos 16 de Novembro de 1804. — *O Coronel Manoel Martins do Couto Reys.*

INVESTIGAÇÕES

SOBRE AS POVOAÇÕES PRIMITIVAS DA AMERICA, ETC., PUBLICADAS NA OBRA INTITULADA — ANTIGUIDADES MEXICANAS —, 3 VOL. FOLIO, PARIZ 1834.

CAPITULO I DA 2ª PARTE.

Pretendido conhecimento da America pelos antigos.

(Escripto por Warden, e traduzido pelo Conego J. da Cunha Barboza)

Os escriptos dos antigos contêm passagens notaveis, que parecem indicar o conhecimento de um grande continente além do Oceano Atlantico.

O philosopho Platão, nascido 426 annos antes de J. C., transmittio-nos uma tradição communicada á Solon por um sacerdote egypcio, e na qual diz que havia no Oceano Occidental, além das columnas de Hercules, uma grande ilha chamada — Atlantida —, da fórma de um quadro

longo, de tres mil estadios de comprimento sobre dois mil de largura (1). Esta ilha, maior que a Lybia (Africa) (2) e Asia juntas, era bordada ao Norte por altas montanhas, e habitada por um povo, cujas leis, usos, e commercio eram conhecidos. Passava-se, accrescenta-se, d'esta ilha a outras e d'essas ao *continente opposto*.

Os reis d'esta ilha Atlantida gozavam, diz-se, de um grande poder, que se estendia sobre muitas pequenas ilhas contiguas, e sobre uma parte do continente. Seus subditos, tendo feito uma irrupção em nossos paizes conquistaram a Lybia e a Europa até a Tyrrhenia (Italia). Esta grande ilha foi submergida em 24 horas por um terremoto, e o mar em que estava situada já não é navegavel por causa do lodo que ahi se formára. (3)

Segundo a tradição dos sacerdotes de Sais, seus livros sagrados faziam remontar o seu governo a oito mil annos, e elles contaram a Solon o que acontecêra ha nove mil annos (4). Platão diz que, depois do tempo da expedição dos Atlantides até o de Solon, passou-se o mesmo espaço de tempo. Antes de tudo, diz elle, *in Critia,* convêm lembrar-vos que ha nove mil annos se ateou uma guerra entre todos os que existiam aquem e além das columnas de Hercules. » «Nossos escriptos, accrescenta elle, *in Timæo,* fazem menção da grande resistencia, que a vossa republica oppuzera em outros tempos ao poder d'esses homens que, sahindo do mar Atlantico, invadiram toda a Europa e a Asia menor. »

Critias sabia de seu avô o que contava, o qual tambem se chamava Critias. Platão diz, no principio do Timæ, ter sido instruido de todas estas circumstancias por seu tio Solon, que viajára no Egypto, onde os sacerdotes de Sais

(1) Isto é uma extensão de quasi cento e cincoenta leguas sobre cem. Ptolomeu assignou quinhentos estadios a cada gráu do Equador. Segundo Baily, *Historia da Astronomia Moderna,* o estadio corresponde a cincoenta e uma toezas um pé noventa e dois centesimos de pollegada.

(2) Então não se conhecia mais do que a costa septentrional.

(3) Platão, *in Timæō et in Critia*. Dialogo intitulado *Critias,* do qual se perdeu uma parte.

(4) Os antigos egypcios contavam os seus annos pelas revoluções da lua, ou trinta dias. Depois foram compostos de quatro mezes. Diodoro de Sicilia; liv. 1º, cap XIV.

me haviam contado a historia da Atlantida; e Crantor, Academico celebre e primeiro commentador de Platão, affirma que esta historia é verdadeira, posto que nenhum autor anteriormente a Platão tenha fallado d'este grande acontecimento, excepto o historiador ethiope Marcello, citado por Proculo.

A existencia, nos tempos antigos, de uma ilha tão importante, diz este autor, é provada por aquelles que têm escripto sobre as cousas do além mar; porque referem que, na época em que escreviam, contavam-se, no Oceano Atlantico, sete ilhas consagradas a Proserpina e mais tres de immensa extensão. Uma d'ellas era consagrada a Plutão; outra a Ammon; e a terceira, que occupava o meio entre as duas precedentes, e tinha mil estadios de extensão, a Neptuno. Os habitantes d'esta ultima ilha conservavam ainda a memoria da prodigiosa grandeza da Atlantida (5), e da autoridade que ella exerceu, por longos periodos, sobre todas as ilhas do Oceano Atlantico.

Strabão (6), assim como Plinio (7), repete tudo o que diz Platão d'esta ilha. A mesma tradição é referida por Aelien (8), e por Tertuliano no principio do seu tratado de *Poltio,* onde allude á Atlantida debaixo do nome de *Acon* (9), que diz ser maior do que a Asia e a Africa.

Plinio (10), fallando das terras que foram engolidas pelo mar, cita o exemplo da ilha Atlantida, onde, diz elle, se acha o mar do mesmo nome; a qual, segundo Platão, era de uma immensa extensão. « Se é verdade, como acreditavam os antigos habitantes das columnas de Hercules, que o oceano abrira n'outros tempos uma passagem por entre montanhas, e por ella se lançava no Mediterraneo, talvez esta antiga Atlantida fôsse comprehendida na extensão de terreno que hoje cobre o Mediterraneo; de sorte que no andar dos tempos, os Egypcios mal informados, tivessem feito d'elle uma ilha, posto que fôsse um continente

(5) Platão não lhe dá, por tanto, mais de tres mil estadios.
(6) Strabo; lib. 2.º, cap. III.
(7) Plinius; lib. 2.º, cap. 90.
(8) Aelien; lib. 3.º, cap. XVIII.
(9) « Acon in Atlantico nunc quæritur.»
(10) Plin.; lib. 2.º, cap. 90.

unido á Europa e á Africa, do qual os reis da Atlantida possuiam uma parte.»

Ptolomeo, o mais celebre geographo da antiguidade, a quem os escriptos de Platão deveriam ser familiares, não faz menção da ilha, que tem o nome d'este philosopho, e tem sido considerada como imaginaria e allegorica por muitos dos principaes escriptores, que trataram d'esta materia: entre outros, por Ampelius, Numenius, Jamblicus, Syrianus, Proculus, Origenes e Prophyrio. Os tres ultimos eram discipulos de Platão.

Considerou-se este conto como fabuloso, pelas seguintes razões: 1.° Platão certifica que é verdadeiro o que conta, posto que faça dizer a Critias que é possivel que a sua memoria o tenha induzido a erro sobre factos que ouvira contar em sua mocidade; 2.° Nem Solon, nem Platão documento algum positivo dão em apoio do conto dos sacerdotes Egycios; 3.° A ilha de Platão estava, diz-se, situada diante das columnasde Hercules, ou estreito de Gibraltar; mas a America está distante quasi tres mil milhas; 4.° Esta ilha era, diz-se, maior que a Lybia (Africa) e a Asia unidas: por consequencia, devia comprehender quasi todo o Oceano Atlantico; mas o imperio dos Atlantides não occupava quatro gráos, e sabe-se que a Lybia Africana comprehende só ella mais de trinta gráos; 5.° A historia das conquistas dos Atlantides parece incrivel; elles subjugaram, diz-se, não só esta grande ilha, mas ainda a Europa, até a Tyrrhenia (Italia) e a Lybia; e suas guerras com os Athenienses teriam durado por 750 annos; 6.° em fim, quem poderia crer, com Marcilius Ficinus, que as muralhas exteriores da ilha Atlantida fôssem de cobre; as interiores de estanho, e os muros da cidadella de ouro? (11)

A Atlantida de Platão trabalhou a imaginação de muitos escriptores. Segundo o seu conto recebido, como se tem dito, dos Annaes Egypcios, haviam além d'esta ilha outras ainda maiores, *junto de um continente* que, do lado

---

(11) « Muri qui exteriorem orbem claudebat, superficiem omnem œre tenui vestierunt; ejus vero qui interiorem, stanno; ejus denique qui circumdabat arcem, aurichalco, igneo fulgore corrusco. Regio vero ipsa intra arcem, ita constructa: in medio sacrum et inaccessibile clitonis Neptunique templum, aureo ambitam circumdatum.»

opposto, era banhado por um grande mar. Esta descripção, posto que vaga, levou muitos autores a crêr que estas ilhas são as das Indias Occidentaes; que o continente é a America, e o mar o Oceano Pacifico. Porque, diz Kircher, as Canarias (12) e os Açôres, ilhas do Oceano Atlantico, não seriam os restos da terra conhecida sob o nome de Atlantida? Ellas nos offerecem montanhas as mais solidas nas partes que foram as mais elevadas;e os valles intermediarios ficaram submergidos quando, por effeito do terremoto e do diluvio, este continente desappareceu nas aguas do mar (13).

Muitos autores parecem crer que a Atlantida de Platão é a America, ou um promontorio d'este continente, que se alongava ao estreito de Gibraltar; e suppõe que as ilhas e o continente, de que falla Aristoteles em muitos logares de suas obras, são as ilhas Açôres, posto que estas ultimas não tenham nem grandes rios, nem animaes ferozes. Hornius tem que o grande diluvio, do qual os Americanos conservaram a tradição, foi o mesmo que arruinou a Atlantida, como o affirmaram os sacerdotes do Egypto (14).

Buffon pensa que a Atlantida unia n'outros tempos a Europa á America. A historia da ilha Atlantida, diz elle, referida por Diodoro e Platão, só póde ser applicada a uma mui grande terra, que se estendia muito ao Occidente da Hespanha; esta terra Atlantida era bem povoada, governavam-na Reis poderosos, que commandavam muitos milhares de combatentes; e isto nos indica mui positivamente a visinhança da America com essas terras Atlantidas situadas entre os dois continentes (15).

« Se nos occupamos um instante em suppor, diz o mesmo autor, que o antigo e o novo mundo não faziam n'outros tempos mais do que um só continente, e que por um violento terremoto, o terreno da antiga Atlantida de Platão se afundára, o mar teria necessariamente corrido

(12) Pretende-se que as Ilhas Canarias, tão celebradas pelos poetas e historiadores, debaixo do nome de Ilhas Fortunadas, são os campos Elysios de Homero. *Odyssea;* chant. IV.

(13) Kircherus: *Mundus subterraneus*; lib. 2.°, cap. XII. « Sunt nonnulli qui anc terræ continentis partem velint ab occasu Americæ connexam; sed hoc omni fide caret. »

(14) *De Origin. Gent. Americ.; lib.* 2°, *cap. VI.*

(15) *E'poques de la Nature.*

de todos os lados para formar o oceano Atlantico, e por consequencia teria deixado descobertos vastos continentes, que são talvez os que nós habitamos. Esta mudança teria podido fazer-se repentinamente pelo abatimento de alguma vasta caverna no interior do Globo, e por consequencia produzir um diluvio universal; ou então esta mudança não se fez de repente, e foi preciso talvez muito tempo: como quer que seja, ella se fez, e eu creio que se fez naturalmente » (16).

Adoptando a opinião de Buffon, que a Atlantida unia n'outros tempos a Europa á America, o Barão d'Engel tem que esta ilha era mui vizinha da Europa; que os seus Reis dominaram a Lybia e a Hespanha, que fizeram guerra aos Gregos, e até mesmo aos Egypcios; que por consequencia era mui pouco distante dos dois continentes da Europa e da Africa, e tambem mui pouco das ilhas e do continente da America, até onde extenderam o seu dominio (17).

M. de Tournefort, em sua viagem do Levante, firmando-se no testemunho de Diodoro de Sicilia e outros autores, suppõe « que o Ponto Euxino, ou o mar Negro, era primitivamente um lago sem communicação com o mar da Grecia, e que tendo recebido, no decurso de muitos annos, as aguas dos maiores rios da Europa e da Asia, augmentou-se de tal sorte, que rompeu uma passagem pelo Bosphoro, e se lançou com impetuosidade no Mediterraneo (que não era tambem em outros tempos mais do que um lago). Tornando-se um grande mar, esta accumulação de aguas rompeu com violencia o estreito de Hercules, e submergiu a desgraçada ilha *Atlantica*, que se achava mais baixa, deixando, como monumento d'esta ruptura, algumas partes mais elevadas de suas montanhas» (18).

D. José de Viera Clavijo, autor da *Historia das Canarias*, tem que estas ilhas eram n'outros tempos uma Peninsula da Africa; que, por effeito do diluvio de Noé, formou-se d'esta Peninsula a famosa Atlantida de Platão, que

(16) *Théorie de la Terre*.

(17) *Essai sur cette question*: quand et comment l'Amérique a-t-elle été peuplée d'hommes et d'animaux; liv. 1.°, chap. 37. Amsterdam, 1767.

(18) *Voyage du Levant*; lettre XIV. Amsterdam, 1718.

fôra depois destruida, excepto as summidades das montanhas mais elevadas, que são as ilhas Canarias; que o nome da Atlantida, ou ilha de Platão, e das ilhas Atlanticas (as Fortunadas), assim como de toda essa parte do mar Oceanico, era derivado do Monte Atlante da Mauritania (19).

Se um grande terremoto, diz Clavigero (20), fizesse desapparecer debaixo das aguas o Isthmo de Suez, e houvesse ao mesmo tempo grande falta de historiadores, como succedeu nos primeiros seculos que se seguiram ao diluvio, duvidoso seria que tresentos ou quatrocentos annos depois se soubesse que a Asia e a Africa eram unidas n'este logar.

Este autor pensa que a parte a mais occidental da Africa, todo esse espaço de terra de um comprimento de mais de 1,500 milhas, desappareceu por violentos terremotos, que deixaram vestigios nas Ilhas de Cabo Verde, de Fernando de Noronha, da Ascenção, de S. Matheus e outras. Um grande numero de bancos de arêa, accrescenta elle, tem sido descobertos por differentes navegantes, e notavelmente por M. Buache (21), que explorou este mar com exactidão e cuidado particular. Estas Ilhas e estes bancos de arêa é possivel que fôssem a parte mais elevada do continente submergido.

Pauw. sustenta que a America nada mais é do que a

---

(19) *Noticias de la Historia general de las Islas de Canaria*; quatro tomos. Madrid 1772. Segundo este autor, as sete Ilhas Canarias occupam um espaço de noventa leguas hespanholas, do Oceano Atlantico á distancia de vinte a oitenta leguas de Africa, e de cento e noventa e cinco a duzentas e setenta e cinco de Cadix. Até o decimo quinto seculo, estas ilhas eram conhecidas debaixo da antiga denominação de *Fortunadas*, que então foi mudada pela de *Canarias*. Pelo que diz respeito á etymologia d'esta palavra, muitas conjecturas ha: alguns autores a derivam de passaros cantores *canarios*; outros de *canna*, por causa das cannas de assucar que se suppunha haver n'ellas; outros, emfim, de uma canna de quatro faces, chamada canaria pelos habitantes, e que se acha em abundancia n'estas ilhas. D. Calmet era de opinião que alguns Cananeos errantes haviam dado o seu nome á Ilha. Emfim, o autor que havemos citado o deduz do cabo ou promontorio *Caunaria* (*Chaunaria extrema*), de Bojador, que só é distante trinta leguas da Ilha de Canaria.

(20) *Storia antica del Messico*; *disertacion I*; *Ceseni*, 1780—1781.

(21) M. Buache apresentou, em 1737, á Academia Real das Sciencias de Paris, a carta hydrographica d'este mar, levantada segundo as suas observações, a qual foi examinada e approvada por essa Academia.

Atlantida antigamente submergida, mas descoberta novamente pelo oceano (22).

Rudbeck parece crer que Platão não fallava senão da Asia menor, ou da Natolia, ou da Lybia propriamente dita, tal qual Ptolomeu a descrevêra no livro quarto da sua geographia, Rudbeck pôz a Atlantida na Suecia, sua patria, e procurou provar que ficaram alguns vestigios nas vizinhanças de Upsal (23).

O Abbade Banier faz sahir os Atlantes da Scythia (24).

O celebre Astronomo F. Bailly, adoptando a opinião de Rudbeck, que o Norte povoára a Europa e a Asia, persuade-se que a Ogygia de Plutarco é a Atlantida de Platão, ou a Ilha dos Hyperboreanos, situada ao Norte da Europa. Sua posição, relativamente ao angulo da terra, é determinada pela expressão *occaso do estio*, isto é o Norte. As quatro ilhas, de que falla Plutarco, são talvez a Islandia, a Groenlandia, o Spitzberg e a nova Zembla, ou algumas ilhas incognitas mais ao norte, e hoje inaccessiveis por causa dos gelos. Ellas são apartadas cinco mil stadios, que valem dez gráus, e póde dizer-se que tal é pouco mais ou menos a distancia de Spitzberg ao continente da Asia. A Bahia, que não é menor do que o Palus-Meotides, e cuja embocadura está em frente do mar Caspio, é evidentemente o golfo, ou a embocadura do Oby. Não se póde melhor designar os climas do norte do que pela observação de um phenomeno astronomico, que só pertence á Laponia Sueca, ou á Islandia. Segundo M. Bailly, os habitantes estenderam-se d'alli ao Sul e a Leste, e deram nascimento ás nações mais civilisadas da Europa e da Asia (25).

Na opinião de Bailly, os Mahometanos e os Orientaes modernos dizem ainda que a terra está rodeada de uma alta montanha, por traz da qual os astros se põem: elles accrescentam que além d'esta montanha está outro continente.

---

(22) *Recherches philosophiques sur les Américains, etc.*

(23) *Rudbechius*, tres volumes in 4.°; Upsal, 1675, 1689, 1698. Vê tomo 2.°, cap. I. " Atlanticam Insulam neque a Platone conjectam, neque Americam, neque Africam, neque Insulas Canarias, neque mari demersam, sed ipsam esse Sueoniam. "

(24) *La Mythologie et les Fables expliquées, etc.*, tomo 2.°, paginas 21 e 62.

(25) *Lettres sur l'Atlantide*, carta 23ª. Paris, 1779.

Todas estas tradições são as mesmas que a da Ilha Atlantida. « Eu quizera saber, diz este autor, porque desde Athenas até Pekin, decorrendo mais de trinta seculos, se acha conservada a idéa de uma ilha engolida pelo mar, de um continente separado pelos mares, d'onde os homens passaram a este. Eu não examino se esta crença é de verdade historica, mas encontrando-a em todos os povos, e em todos os tempos, considero-a ainda como um titulo de familia» (26).

O celebre geographo Danville está longe de abraçar o systema de Bailly: « porque não veremos nós, diz elle, no conto de Platão um Atheniense, que quer illustrar a sua patria, e no que divulga sobre a policia dos Athenienses, um philosopho occupado de especulações mais sublimes que verosimeis? » (27)

O Dr. Mac Culloh, autor americano, em uma obra interessante, apoia a opinião da identidade da Atlantida de Platão com as Antilhas e as Hesperides, de que fallam Oviedo e outros escriptores, e a probabilidade de que as pequenas ilhas situadas entre a America e o antigo Continente, são os restos das que existiam n'outros tempos (28).

M. Martin fez observar que a formação geologica das Indias Occidentaes fornece uma prova notavel da existencia da Atlantida de Platão, e particularmente das Ilhas Bermudes, cujas summidades não sobem a mais de duzentos pés sobre o mar. Ellas formam entre si grandes bacias, e não tendo nem montanhas, nem planicies, nem rios, nem bosques, parecem restos de uma grande ilha, que fôra submergida por alguma convulsão da nutureza (29).

«Parece-me evidente, diz M. Bory de Saint Vincent (30), que a ilha de que falla Diodoro de Sicilia é a mesma

---

(26) Bailly, *Lettres sur l'origine des sciences*; carta 3.ª Paris 1772. Vê tambem Herbelot, Bibliothèque Orientale, pag. 239.

(27) *Géographie ancienne*; artigo Lybia.

(28) Vê *Researches Philosophical and antiquarian*, por J. H. Mac. Culloh, M. D.— Baltimore, 1829.

(29) *History of the British Colonies*; volume 2º, artigo Bermudes. London, 1834.

(30) *Essai sur les Isles Fortunées*, por M. Bory de Saint Vincent, Membro da Academia Real das Sciencias. Paris, anno XI (1803).

de Platão, mas tomada em época posterior; era um grande resto da verdadeira Atlantica, da qual as Canarias são ultimos fragmentos. E não temos nós notado que o interior da Africa não era mais do que o leito de um antigo lago, que seccára, talvez d'esse vasto lago *Tritonide*, que os antigos já não conheciam, e sobre cujas margens habitavam as Amazonas e as Gorgones, visinhas dos Atlantes? Diodoro de Sicilia dá o maior peso á nossa conjectura, quando diz que o lago Tritonide desapparecêra inteiramente pela ruptura de dois terrenos que o separavam do oceano.»

Para bem comprehendermos Platão, diz Joannes Serranus, seu traductor, força é procurarmos a explicação nos livros de Moysés (31).

Baer, aproveitando-se d'esta observação, fez vêr a conformidade que existe entre os Atlanticos e os Hebreos (32).

Para apoiarem o seu systema, os autores que têm pretendido que a Atlantida, e as ilhas que se lhe avizinhavam, eram unidas ao continente, fazem valer as revoluções e mudanças operadas em diversos pontos do globo. Citaremos alguns d'estes exemplos:

Segundo Plinio, as treze ilhas do mar Egeo, parte do Mediterraneo, ou Achipelago, surgiram a um mesmo tempo acima d'agua. A de *Hierra* foi lançada, por uma erupção vulcanica, do fundo do mar; a de *Therasia* (*Santorim*) (33) apresentou-se subitamente aos navegantes; outra ilha, situada entre as de *S. Miguel e Terceira*, foi produzida por um terremoto, em 7 de Dezembro de 1720.

---

(31) In argumento Critiæ, ex Mosaicæ historiæ regula omnis hoc narratio expendenda est.

(32) *Essai historique et critique sur les Atlantiques*, no qual se propõe demonstrar a conformidade que ha entre a historia d'este povo e a dos Hebrêos; por Frédérick.—Charles Baer, Esmoler da Capella Real de Suecia em Paris, etc. Paris, 1762.

Outros autores, antes de Baer, haviam sustentado as mesmas opiniões concernentes ás Atlanticas. «Joannes quidem Eusenius, pastor et præpositus suecanus, insulam Atlantidem pro Palestina habuit gentemque Atlanticam pro Israelitica». Post auctoris mortem, latine verse cujus inscriptio hæc est: ATLANTICA ORIENTALIS sive.... Vê *Fritisch*, *Demonstratio Historico-Geographica*, 1788.

(33) Seneca; lib. 6, cap. XXI. Strabo; lib. 1.

A ilha de *Sabrina* surgiu de repente junto da de *S. Miguel*, a uma altura consideravel sobre o mar, e algum tempo depois desappareceu. Poucos annos ha que a ilha *Julia* apresentou o mesmo phenomeno. Herodoto estava persuadido que o mar cobria n'outros tempos o baixo Egypto, até Memphis, assim como tambem os campos de Ilion, de Theutrani, e de Epheso, e as plânicies que banha o Meandro (34).

Em suas *Metamorphoses*, o poeta Ovidio faz d'esta arte fallar Pithagoras: «Vi o que era precedentemente uma terra mui firme tornar-se de repente um mar; vi, ao contrario, terras surgidas do seio do oceano, e sua superfice coberta de conchas creadas no seio das aguas (35).

Sabemos, diz Apuleius, que os continentes têm sido mudados em ilhas, e que pelo regresso do mar, ilhas se têm unido a continentes (36).

Segundo Varenio, os golfos da Arabia, de Cambaya e de Bengala, o Mediterraneo, os estreitos entre a Sicilia e a Italia, entre a Grecia e a Eubeia, o de Magalhães, etc. se formaram pelo embate repetido das aguas (37).

A provincia do Rio Amarello, na China, formou-se do lodo, ou da alluvião d'este rio; e assim tambem a parte a mais baixa da Louisiana na America formou-se das terras depostas pelo Mississipi. Uma cadeia de montanhas de greda, no Canadá, de quasi tresentas milhas de comprido, foi convertida em planicies por um terremoto.

Segundo uma tradição dos habitantes de Ceylão, esta

---

(34) Herodoto; lib. II, 5, 13. Na parte Septentrional do Egypto, as inundações do Nilo têm formado, em alguns lugares, um solo de mais de vinte e cinco covados, de dezesete pollegadas e quatro linhas de profundidade.

(35) Ovidio. Metam., lib. 15.

« Vidi ego quod fuerat quondam solidissima tellus
« Esse fretum: vidi factas ex æquero terras,
« Et procul a pelago conchæ jacuere marinæ. »

(36) Illas etiam quæ prius fuerint continentes, hospitibus atque advenis fluctibus insulatas, allias desidia maris pedestri accessu pelvias factas. »
Apul. *de Mundo*.

(37) Varenius; cap. XVIII.

ilha separou-se da costa de Coromandel ou Peninsula da India, por uma irrupção do mar (38).

Os habitantes do Malabar pensam o mesmo a respeito das ilhas Maldivas, que em outros tempos faziam parte do continente da Asia.

Os Malaios têm a mesma crença a respeito de Sumatra (39).

Parece mui provavel que a Gran-Bretanha fôra antigamente unida á França, e a ilha de Sicilia á Italia.

A ilha de Wight, na Inglaterra, foi separada da costa visinha de Hamsphire, por uma irrupção do mar (40).

A Asia e a America foram tambem provavelmente unidas. As ilhas do estreito eram, na origem, montanhas d'essa extensão de terra que fôra destruida. O grande numero de volcões na peninsula do Kanschatka faz provavel esta opinião.

Partes do globo têm sido destruidas por terremotos; outras por volcões; rios têm fornecido novos terrenos pela deposição do seu lodo. O mar apertando-se em um estreito, e trasbordando em outro, tem augmentado ou diminuido as terras, separado paizes originariamente unidos, e formado estreitos e golfos novos. Ilhas ha, diz Buffon, que não são precisamente mais do que picos de montanhas, como por exemplo, a de Santa Helena, a da Ascenção, a maior parte das Canarias e dos Açôres.

M. Buache, da Academia das Sciencias de Pariz, fez conhecida uma cadeia de terras elevadas, que elle observára debaixo da agua, d'esde o Cabo da Bôa Esperança até o Brazil, e que julga ter devido unir em tempos anteriores o continente da Africa ao da America.

Plinio, em sua *Historia Natural* (41), faz uma longa

---

(38) Segundo Thomas Herbert, a terra perdeu n'este lugar trinta ou quarenta leguas que o mar occupa. Ao contrario, Tongres, cidade dos Paizes Baixos, ganhou trinta leguas de terreno sobre o mar.

(39) *History of Sumatra*, pagina 8; por Marsden.

(40) Illam Guyth (Wight) nominarunt antiqui Britani, quod divorcium significat, quia ex maris eruptione à continente divulsa sit. « Sherringham *de Ang. gentis origine;* pagina 42 et edit. Cant., 1670. »

(41) Lib. 2., cap. 89, 90 e 91.

enumeração de terras que o mar abandonára, e de outras que cobrira, de ilhas que appareceram de novo, e de outras que se têm unido ao continente. Suppõe que o mar Baltico era unido ao Caspio ; que o Mediterraneo era em outros tempos um paiz habitado ; que um impetuoso trasbordamento do oceano, entre os montes Abyla e Calpe, rompeu esta communicação e formou este mar. A subversão acha-se affirmada por Diodoro, Strabão e outros autores antigos. Strabão notou excellentemente que o mar se acha em muitos lugares que foram em outros tempos terrenos seccos e *vice-versa* (42).

CAPITULO II

Autores da antiguidade que parecem ter alludido á descoberta de um novo mundo

Alguns autores inferiram da passagem da Odysséa (1) quando Ulysses, em sua colera contra Neptuno, falla dos Ethiopes de Oeste, que a America era conhecida de Homero, mas é claro que o poeta allude aos Ethiopes da Africa, divididos em duas tribus : a de Leste e a de Oeste (2).

Seneca diz, em sua tragedia de Medéa : « virá dia em que se descobriram novas terras além do oceano, e então Thule não será mais olhada como a extremidade do mundo» (3).

---

(42) Géographie ; liv. 1, cap. 3. Sobre esta materia póde lêr-se com fructo o bello discurso do Barão de Cuvier sobre as revoluções da superficie do globo.

(1) Odyss. 1 vers. XXI e seguintes.

(2) Plin; lib. 5, cap. I e VIII—Idem VI, 30 e 31. — Herod; lib. 3, cap. 114.

(3) *Medéa*, acto II, in fine: « . . . . Venient annis
« Sæcula seris, quibus Oceanus
« Vincula rerum laxat, et ingens
« Pateat tellus, Thetysqu'* novos
« Detegat orbes ; nec sit terris
« Ultima Tule."

Na opinião d'este poeta, a descoberta de um novo mundo devia fazer-se pelo norte e não pelo oeste.

* *Pro* Tiphysqu' Gronovius.

Virgilio, predizendo a grandeza futura dos Cesares, allude a um paiz além das regiões da India (4).

Æliano, que escrevia no anno de 136 da éra Christã, diz, segundo Theopompo, em uma conversação entre Midas de Phrygia e Sileno, que a Europa, a Asia, e a Libya eram ilhas, e que um vasto continente existia além do oceano. Os homens d'este continente, accrescenta elle, são maiores, e vivem mais tempo do que nós. Têm leis e costumes differentes dos de outros povos. Ahi se acha uma tal quantidade de ouro e de prata, que esses metaes lhes são menos estimados do que o ferro entre nós. Elle cita até mesmo o nome de duas grandes cidades, *Machimus* e *Eusebes*. Depois diz que um milhão de homens d'esse paiz se derramou em outros tempos sobre este continente até os montes Hyperboreanos; mas que, vendo os povos visinhos d'estas montanhas muito miseraveis e superticiosos, elles os desprezaram, e não quizeram passar além (5).

Alguns suppuzeram, segundo uma passagem do Terceiro Clima da Geographia de Nubiano Edrisius, que os Arabes tinham alguma idéa das ilhas das Indias Occidentaes, ou do continente americano. Fallando do oceano Atlantico, diz que n'este mar se acha a ilha *Saale*, povoada por uma raça de homens semelhantes a mulheres; mas tendo um dente sahido de cada lado da boca, olhos como carvões accesos, halito tão expesso como o fumo da lenha que se queima, e fallando uma linguagem inintelligivel. Combatem os animaes do mar. Os homens só se distinguem pelos orgãos da geração; não têm barba, e trajam vestidos feitos de casca de arvores.

Esta descripação póde convir aos Indios debaixo da relação de que não têm barba, que fumam tabaco, e que harpoam os peixes; mas não se lhes podem applicar os dentes, que lhes sahem como defesas, os olhos ardentes, e os vestidos de cascas de arvores, o que aliás parece offerecer um caracter fabuloso.

Luciano, em uma de suas satyras, falla de uma

(4) *Eneide*, VI, vers. 795 e seq. . . « super et Garamantas et Indos . . . . Jacet extra sidera tellus, etc.

(5) Ælianus, *Variæ Historiæ*; lib. 3, cap. 18.

navegação de Gibraltar ou Cadiz, ás Indias; mas é de presumir que se trata das Indias propriamente ditas, e não das Indias Occidentaes (6).

S. Clemente, Romano, discipulo dos Apostolos, que morreu no ultimo anno do primeiro seculo da Igreja, assegura, em sua celebre carta endereçada aos de Corintho, *que além do oceano ha outros mundos* (7).

Festus Avienus, que vivia no anno 306 da éra Christã, falla das ilhas *Œstrimnides*, que muitos autores têm supposto ser algumas das ilhas occidentaes ; mas é claro que a questão era das *Cassiterides* ou das da Gran-Bretanha, d'onde os Phenicios tiravam muito estanho e chumbo (8).

CAPITULO III

Conhecimentos geographicos dos antigos

Os Egypcios dividiam a terra em quatro partes, a saber: o Egypto, a Africa, a Asia e a Europa. Esta divisão é referida por muitos autores da antiguidade.

Os antigos Gregos, a exemplo dos Egypcios, repartiam o mundo em quatro partes : — A Grecia, a Asia, a Africa e a Europa.

Depois, toda a terra conhecida pelos antigos foi dividida em tres partes : — A Europa, a Asia, e a Lybia ou Africa (1).

E' claro, diz Herodoto, que os Gregos e os Jonios não julgam bem, dizendo que toda a terra se divide em tres

(6) Lucianus, *in Hermotin.*

(7) Origen.; lib. 2, cap. III.

(8) « In qua insula se exerunt. Œstrimides late jacentes, et metallo divites, stanni atque plumbi,etc. Tartesüsque in terminos Œstrymnidum negotiandi mos erat; Carthagines etiam coloni et vulgus inter Herculis agitans columnas hœc adibant æquora, quæ Himilco Pœnus mensibus vix quatuor ut ipse semet rem probasse retulit, enavigantem posse transmitti asserit. » Rufus Festus ; *Oræ maritimæ, etc.*

(1) Geminus ; cap. 13.

partes: A Europa, a Asia e a Lybia; elles deveriam accrescentar uma quarta parte, o Delta do Egypto, que não pertence nem á Asia, nem á Lybia (2).

Muitos dos antigos dividiram o mundo em duas partes, a saber: A Asia, e a Europa, da qual a Africa fazia parte (3). Outros autores juntam a Africa á Asia (4). Toda a terra, diz Isocrates, se divide em duas partes: — A Asia e a Europa (5).

A obra de Pomponius Mela intitulada — *De situ orbis* —, publicada em meio do primeiro seculo christão, contém uma descripção da terra, que elle divide em dois continentes, um comprehendendo a Europa, a Asia e a Africa; e outro, que elle suppunha situado inferiormente á Africa (6).

Aristoteles, no seu *Livro do Mundo*, que dedicou a Alexandre, dá uma descripção das partes da terra então conhecidas: A Europa, a Asia e a Africa. Elle não falla cousa alguma da America, posto que presumisse que podiam existir outras terras, ou continentes, sobre a grande superficie incognita do globo.

Plinio dá, em sua *Historia Natural* uma descripção de todos os paizes conhecidos em seu tempo, e accrescenta-lhe o nome de autores que consultára, sem fazer a menor allusão á descoberta de um novo mundo, bem que acreditasse, como Aristoteles, que haviam no oceano outras terras, que não eram o continente da Europa, da Asia e da Africa (7).

---

(2) Herodoto; lib. II, cap. 16.

(3) Lucano, *Pharsal.*; lib. IX, vers. 411:

« Tertia pars rerum, Libyæ, si credere fama
« Cuncta velis; at, si ventos celumque sequaris,
« Pars erit Europa. »

(4) Silius Ital.; lib. I, vers. 195:

« Æolus candens austris et lampade Phœbi
« Æstifero Lybiæ torquetur subdita Cancro,
« Aut *ingens Asiæ latus*, aut pars tertia terris. »

(5) Isocrate, *in Panegirica*.

(6) Theopompus *Apud Ælianum Var*; lib. III, cap. 18: Silenus Midæ dixit Europam et Asiam et Lybiam esse insulas quas circumfluit oceanus. »

(7) Lib. II, cap. 67.

Ptolomeu publicou, no anno de 150 da nossa éra, uma descripção do globo terrestre; e posto que munido das cartas dos antigos (8), e versado em todos os seus conhecimentos geographicos, não falla de outro hemispherio; ao contrario assentou o seu primeiro meridiano nas Ilhas Fortunadas, que tinha como as mais occidentaes do mundo.

Ninguem sabe, diz Herodoto, se a Europa é rodeada de mar. Depois de haver descripto as extremidades da Asia e da Lybia, confessa este autor, que, quanto ás da Europa ao occidente, elle nada conhece com certeza (9).

A ilha de Cerné, provavelmente a do Ferro, era, como se dizia, a ultima terra habitavel (10).

Recebera-se como proverbio a passagem de Pindaro, em que diz « que é vedado aos sabios e aos loucos saber o que existe além do estreito de Gibraltar » (11).

Tacito diz que além dos *Sueones* ha outro mar, dormente, e quasi immovel, que se julga rodear e terminar o nosso globo (12).

Este mesmo autor nos ensina que foi por ordens de Agricola que a esquadra Romana se convenceu de que a Bretanha era uma ilha; de que era a maior das ilhas conhecidas dos Romanos; de que era banhada ao norte por um mar tão vasto, que se não achou continente além d'elle (13).

Strabão refere que os navios, que commerciavam nos portos da Galia, nunca se aventuraram mais do que á

---

(8) Das de Anaximandro, discipulo de Thales, que fizeram uma carta geral da terra; da dos antigos, onde se achavam traçados todos os paizes até então conhecidos.

(9) Herodoto; lib. IV, § 45.

(10) Cerne phœnicibus erat Cherna, postremum habitationis, id est, ultima habitatio. « Boch., Phaleg.; c. 37.—Além de Cerne, diz Scylax, o mar não é mais navegavel, por estar cheio de juncos e plantas marinhas. —« Æthiopum populos alit ultima cerne, « diz Rufus Festus.— Libyes ubi finit eittora cerne oceanum... » Priscianus.

(11) Pindaro; *ad Timasarch.* Ode IV.

(12) Tacitus, *Descriptio Germaniæ;* vol. I, § 45. « Trans sueones aliud mare, pigrum ac prope immotum ejus cingi cludique terrarum orbem hinc fides. »—

(13) « Britannia insularum quas romana noticia complectitur septentrionalia ejus nullis contra terris vasto atque acerto mari pulsantur. »

Islandia; os outros lugares mais ao norte eram tidos como inaccessiveis, por causa do rigor do frio.

Os antigos acreditavam que o mar era impraticavel no inverno, isto é, de 11 de Outubro até 10 de Março; d'aqui o epitheto de *mare clausum;* e no estio o de *mare apertum* (14).

Plinio acreditava que as regiões para o norte eram sempre cobertas de vapores espessos (15).

Anderson nota que os antigos não conheciam paiz algum além dos 63 gráus de latitude norte; que o mesmo Ptolomeu não dera o nome de algum mar ou paiz, passado este parallelo, e que suas descobertas não começaram a extender-se, senão sob o reinado do imperador Augusto, durante o qual uma esquadra romana penetrou no mar Baltico, devassando as costas da Norwega até o porto de Bergen, mencionado por Plinio debaixo do nome de Bergos (16).

Felicitavam-se os primeiros Imperadores christãos de que seus pilotos tivessem ousado navegar sobre o oceano nos tempos de inverno. Este acontecimento sem exemplo attribuia-se á protecção Divina (17).

Os antigos não tinham conhecimento algum positivo dos paizes situados além da linha. Geminus, autor contemporaneo de Cicero, em seus elementos de Astronomia (18), diz, que quando se falla dos habitantes da terra austral, não se affirma por isso que ella seja habitada; suppõe-se unicamente que o possa ser, porque nada jámais se tem sabido a respeito d'essa zona.

Cicero faz dizer a Scipião: « considerai a terra rodeada de cinco zonas, das quaes só duas são habitadas: os homens da zona meridional são porventura de uma especie, que nada tem de commum com a nossa? » (19).

---

(14) Cicero, *ad Quintum Patrem*; lib. II, epist. 5.— « Adhuc clausum mare scio fuisse.—Vegetius, de *Re militari* »; lib. IV, cap. 39.

(15) Plinius; lib. IV, cap. 12.

(16) Anderson; *origin of commerce (introduction)*. London, 1801.

(17) Jul. Firmicus; *De error. Profess. Relig.*

(18) Capitulo I.

(19) « Duo sunt habitabiles quorum australis iste in quo qui insistunt. Adversa vobis urgent vestigia, nihil ad vestrum genus. Cicero, *in Somnio Scip.*

Parece certo que Ptolomeu, e os outros geographos mais celebres da antiguidade, não tinham conhecimento algum dos paízes meridionaes da Africa, desde o cabo das Correntes, Ethiopia interior, e as montanhas da Lua; elles acreditavam que o mar agitado do Monte Altas (20) era uma quasi muralha opposta pelos Deuses, e que os que passavam além nunca mais regressavam (21).

Os mais esclarecidos dos antigos tinham que a zona torrida não era habitada, por causa do grande calor e as zonas glaciaes, por causa do excessivo frio, que ahi sempre reina (22).

Aristoteles julgava que a zona torrida era uma terra secca, deserta, inhabitada, por causa do excessivo calor do sol (23).

Plinio dizia que as zonas temperadas não tinham communicação alguma entre si, por causa do calor da zona, que as divide. Este grande naturalista tinha uma idéa exacta da esphericidade do globo, e parece crer, bem como Cicero, Geminus, e Macrobio, que havia outro continente além do oceano, mas de tal sorte separado pelo mar que impossivel era chegar-se a elle (24).

Os antigos conheciam quasi os dois terços da Europa, o terço da Africa, e o quarto da Asia.

Na Europa conhecião a Hespanha, as Galias, a Italia, a Allemanha até o Elbo, a Hungria, algumas partes da Polonia e da Lithuania, a Macedonia, a Grecia ou Turquia da Europa, e as ilhas Britannicas.

---

(20) Chamado n'outros tempos *Extremæ chaunariæ*, ou *chaunar*, e depois *Cabo Não*.

(21) P. Maffei, *Historiarum Indicorum*; lib. I, Parte I. Cadomi, 1614.

(22) Virgilius, Georgicas; lib. I, vers. 233:

« Quinque tenent cœlum zonæ, quarum una corusco
« Semper sole rubens et torrida semper ab igne.»

Clandianus; lib. II, in Ruff:

« Instar anhelantis Lybiæ quæ torrida semper
« Solibus, humano nescit manescere cultu. »

(23) Dos Meteoros; lib. II, cap. 5.

(24) Plin. Hist.: II, 68: « Media vero terrarum qua solis orbita est, exusta flammis et cremata, cominus vapore torritur. »

Não haviam reconhecido da Africa mais do que a costa septentrional, que comprehendia a Numidia, as duas Mauritaneas, a Libya, a Cyrenaica e o Egypto, seguindo a costa, desde Marrocos até o mar Vermelho. Polybio affirma que se ignorava, em seu tempo, se a Africa extendia-se em continente para o sul, ou se era rodeada de mar (25).

Quanto á Asia, os antigos conheciam todos os pequenos reinos comprehendidos na Asia menor, hoje Turquia da Asia, a Colchide, situada entre o ponto Euxino e o mar Caspio, a Arabia, a Persia, e uma parte da India.

Segundo Edrisius, geographo da Nubia, havia em cada ilha de *Khaledat*, ou ilha das Canarias, um idolo chamado *Cades*, que extendia os bracos para traz, e, olhando para Cades, fazia comprehender que não haviam mais terras do outro lado do mar (26).

S. Gregorio de Nazianzo affirma, como indubitavel, que além de Cades o mar já não é mais navegavel (27).

Jornandus, Arcebispo de Ravêna, que vivia no sexto seculo, diz, na Historia de sua nação, que se não conhecem os limites do oceano.

B. Virgilius, Bispo de Saltzbourg, que vivia pelos annos 645, havia adoptado, apoiando-se na autoridade de Plutarco, de Diogenes Laercius (28), e de Proculus, o systema espherico da terra demonstrado por Pythagoras. Tendo

---

(25) Polybio; Hist., lib. III, cap. 7.

(26) Climat; I, Part. 2. — Pena, na sua *Historia das Canarias*, liv. 1. cap. 3, nega a existeneia d'este idolo. — Herbelot acredita que se tem confundido esta ilha com a de Cadiz. *Bib. Orient.*; fol. 226.— Os Romanos conheciam as ilhas situadas sobre as costas da Africa, e diversas partes da India, e tinham commercio com os seus habitantes.—Macrobio, fazendo fallar Eustathe ao medico Disarius, diz » sed nec monstruosis carnibus abstinetis inserentes poculis testiculos castorum et venenata corpora viperarum, quibus admiscetis quidquid India nutrit. » Macrob.; lib. VII, cap. 5. Este autor morreu pelos annos 415 da éra christã. Virgilio diz : *Æneid.*; lib. 4. vers. 480 etc.

« Oceani finem juxta solemque cadentem
« Ultimus Æthiopum locus est ubi maximus Atlas. »

(27) Naziam.; epist. 17, *ad Portunianum*. « Oceani instransmeabilis ulteriores fines non solum non describere quis aggressus est, verum etiam nec cuiquam liquit transmeare.... » «Quia resistente alva, ventorum spiramine quiescente, impermiabiles esse sentiuntur. »

(28) Diog. Laert.; lib. 3, cap. XXIV.— *Ibid.*; lib. 8, cap. XXVI.

annunciado do pulpito que haviam antipodas, e um novo mundo, alguns doutores se escandalisaram d'esta proposição, e o accusaram perante S. Bonifacio, Arcebispo de Mayence, que o fez condemnar, como heretico, pelo papa Zacarias, de quem era legado. S. Bonifacio escreveu de seu punho a Utilon, Rei de Bohemia, para que prestasse força á execução da sentença, representando-lhe que Virgilius, *asserendo novum mundum, inducere novum Christum.* Este facto é referido por Aventino, em seus Annaes da Bohemia (29).

Entretanto a opinião dos sabios Theologos, que havemos citado, não foi partilhada pelos principaes padres da Igreja. S. Agostinho estava persuadido que as duas zonas temperadas eram sem communicação entre si; que a zona torrida não era habitada, porque, se ahi existissem homens, não poderiam ser filhos de Adão. Absurdo é crêr, accrescenta elle, que se tenha podido atravessar a immensidade do Oceano (30).

Lactancio tem por extravagante a idéa dos Stoicos de que a terra é redonda; de que ha antipodas, isto é, homens além do tropico de Cancer (31).

MEMORIA

Sobre o cometa visto em Março do anno de 1843 no Rio de Janeiro, dirigida ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pelo Socio correspondente abaixo assignado.

Advirto que, por falta de instrumentos, não pude determinar com precisão as differentes posições em o céo, e por isso deve-se considerar como approximações tudo o que

---

(29) Aventinus, Annal. Boi.; lib. 3.

(30) « Quod vero et Antipodes fabulantur.... nulla ratione credendum est.... nimisque absurdum est, ut dicatur aliquos homines ex hac in illam partem Oceani immensitate trajecta navigare ac pervenire potuisse, etc. » Aug., *de Civit. Dei* lib. 16, cap. IX.

(31) Lact., *Div. Instit.*; lib. 3, cap. 21.—*Ibid*; lib. 7, cap. XXIII.

passo a dizer, e que pela maior parte são deduzidas de varias informações que me deram; e por um tal motivo, nem escreveria em semelhante materia a não ser instado pelo Illm. e Revm. Sr. Conego Junuario da Cunha Barboza, Secretario Perpetuo do Instituto.

Este cometa foi visto de dia por muitas pessoas, em 28 de Fevereiro de 1843 ; uma d'estas, que me merece fé, assegurou-me que nas visinhanças do meio dia o tinha visto distante do sol cousa de um covado, e se lhe figurára do tamanho de uma bóla de bilhar, tendo uma pequena cauda; porém, com esta e outras diversas informações, não pude inferir o rumo a que elle se achava relativamente ao sol. Este dia 28 foi mui claro e sereno.

No dia seguinte, 1° de Março, claro e sereno, ninguem deu noticias d'elle; eu mesmo o procurei no céo diligentemente com a simples vista até ao pôr do sol, e não o encontrei. Nos dias 2, 3 e 4, o céo esteve totalmente encoberto com nuvens.

Em 5 de Março (dia em que se fez á véla a esquadra brasileira, composta de uma grande fragata e duas corvetas, d'este porto para Napoles a fim de conduzir a Princeza contratada Esposa do Imperador do Brazil o Senhor D. Pedro II) o céo esteve encoberto, e por isso não lhe dei attenção : mas algum tempo depois do sol posto, dissipando-se as nuvens para as bandas d'Oeste, immenso numero de pessoas o viram, e então já estava assás separado do Sol ; pois a cabeça d'elle, segundo alguns, poz-se depois das 7 horas; outros disseram que não perceberam a cabeça. A sua cauda era mui grande, e segundo notei nos dias seguintes, occupava no céo um espaço de mais de 50 gráus, delgada para a cabeça, e alargando para cima de maneira que me parecia ter a figura de um trapezio, bem terminado até quasi á extremidade superior, pois aqui começava a desvanecer-se em phosphoros, mas alargando uniformemente. A sua superficie era lisa e sem póros, excepto na dita extremidade superior; a sua côr era de pérola, e representava a imagem de um immenso fogo visto de longe: eu nunca vi cauda semelhante. A bordo da nau "Pedro Segundo", surta n'este porto, foi observada a cabeça a

Oes-sudoeste magnetico * e a cauda dirigindo-se por entre l'Este e l'Es-nordeste, ás 7 3/4 horas da tarde, tempo médio, e que não tardou a pôr-se.

No dia 6 as nuvens não permittiram vêr-se. Em 7 e 8 foi visto ainda o Oes-sudoeste, segundo a observação da nau. Em 9, 10 e 11, não se pôde vêr.

Em 12 viu-se claramente; a côr da cauda mais fraca, mas a extensão da mesma grandeza; a cabeça, isto é, a origem do cometa, mais a Leste e mais ao Norte. A cabeça foi observada a O 1/4 SO ás 9 horas tempo médio, e pôz-se pouco depois.

Em 13 a cauda vai perdendo mais a côr, mas conservando a mesma extensão. A cabeça caminha para o N. e para E. Em 15 e 16 pôz-se sensivelmente mais tarde; em a nau o observarão a O. magnetico.

Em 18, dous dias depois da lua cheia, e antes do nascer d'este satellite, notei a cauda mais clara do que nos proximos dias antecedentes, e vai a cabeça para o N. e para E. Em 19 o mesmo caminho; a cauda mais clara que em 18, e isto antes de nascer a lua. Em 20, 21 e 22, não se viu. Em 23 vai caminhando para o N. e para E. Em a nau observaram pôr-se a O. magnetico; vai deixando ao Sul as mais boreaes e occidentaes estrellas do *Eridano*, e a cauda já passa entre *Orion*, e a *Lebre* e chegada a *Rigel*, mas excedendo esta estrella para o oriente; é apparentemente da mesma grandeza, porém muito menos clara. Em 24 segue do mesmo modo para E. e para N.; a cauda mais amortecida, porém da mesma grandeza apparente. Em 25 nada.

Em 26 noite clara. A cabeça vai pouco para E. e para o N. de δ do *Eridano*. Em a nau se observou pôr-se a cabeça a O. magnetico ás 10 horas, pouco mais ou menos.

Em 27 o lado boreal da cauda está tocando em Rigel, e a extremidade phosphorica entra já na constellação do *Cão Maior*; e a cabeça vai igualmente para E. e para o N. de δ do *Eridano*.

Em 28 o mesmo caminho; a cauda mais amortecida. Em 29 e 30, nada por causa das nuvens. Em 31 viu-se; o

---

* A variação da agulha no Rio é pouco mais ou menos 2 graus para o Nordeste n'este anno de 1843.

caminho o mesmo; em a nau continuam a observar a cabeça a O. magnetico ; a cauda cada vez mais amortecida.

Em 2 de Abril o mesmo caminho, e põe-se mais tarde ; a cabeça mui pouco ao N. e a E. do *o* do Eridano, e a cauda mui pouco ao N. de β e χ *d' Orion* (as duas austraes do grande quadrilatero) excedendo-as bastante para E. Em 3 a cauda mais amortecida ; em 4 custa a vêr-se ; em 5, noite clara, não se viu, nem d'este dia por diante.

E é de notar que, durante todo o tempo da sua apparição, todas as estrellas do *Eridano*, ainda as da quarta grandeza, interceptadas pela cauda no tempo mesmo da sua maior claridade, eram vistas a olho nú, tão perfeitamente como se nada houvesse de permeio. Em fim, eu e muitas outras pessoas nunca percebemos o nucleo; mas uma me assegurou que nos primeiros dias de sua apparição o vira com um bom oculo terrestre, porém mui pequeno, e depois o não pôde perceber mais com o mesmo oculo, e que a sua côr era a do ouro.

ALGUMAS CONSEQUENCIAS D'ESTAS OBSERVAÇÕES

Dia 5 *de Março*

Depois da exposição acima feita, o que posso deduzir com alguma verosimilhança é que em 5 de Março, quando foi observado a OSO. ás 7 $^3/_4$ horas da tarde, tempo médio, a cabeça do cometa não estava ainda no horizonte ; porque o mesmo horizonte visivel no ancoradouro da nau ficava interceptado por altas montanhas na direcção d'este rumo. Supponhamos, pois, que foi observada a cabeça 4 graus acima do horizonte, e isto talvez não se desviará muito da verdade ; então temos um azimuth de 70 graus contados de Sul para Oeste (tendo conta com a variação da agulha 2° 30'), e se poderá concluir pela trigonometria que a *declinação* do cometa era no momento da observação de 19° 54' austral, e o seu angulo horario 94° 9'. Eu supponho a latitude do Rio 22° 54' austral.

Tambem pelo tempo 7 $^3/_4$ horas se achará a *ascensão recta média* do sol 22 h., 52 m., 4 s., 48, no meridiano

do Rio, e por conseguinte o *Tempo Sideral* 6 h., 37 m., 4 s., 48, e com este e o angulo horario do cometa se concluirá a sua *ascensão recta* 5° 7' no instante da observação.

Sendo isto assim, a cabeça do cometa se achava, no instante da observação, mui pouco ao occidente da estrella β da constellação da *Balea*; e como a cauda se dirigia para o NE, extendendo-se quasi até a constellação *d'Orion*, ella occupava no céo um espaço de uns 55° do occidente para o oriente.

Dia 12 de Março

Foi observado a O ¼ SO ás 9 h. tempo médio. Eu supponho igualmente que é azimuth; assim attendendo igualmente á variação da agulha, será de 81° de Sul para Oeste, e supposto tambem a altura 4°, se poderá concluir a *declinação* 9° 51' austral; e como a *ascensão recta média* do sol era 23 h., 2 m., 17 s., se achará a ascensão recta do cometa 30° 46.' Portanto a cabeça ainda se achava entre a *Balea e o Eridano.*

Dia 4 de Abril, ultimo da sua apparição

A cabeça do cometa mui pouco ao NE. de *o* do *Eridano*, teria uns 7° de *declinação austral*, e 62° de *ascensão recta*. Esta observação é pela minha simples vista, referindo-a depois a um globo celeste. Portanto este cometa durante 30 dias, andou pouco mais ou menos 13° para o Norte, e 57° para o Oriente: o seu movimento é directo e muito mais accelerado nos 7 primeiros dias, do que nos ultimos 23.

Nota

Em a nau desde 15 de Março por diante observárão pôr-se constantemente este cometa a Oeste magnetico; e se fôsse assim a sua amplitude verdadeira seria 2° pouco mais ou menos, contados do Equador para o Norte, e por conseguinte a sua declinação boreal; mas estas observações não erão realmente no horizonte, como acima notei, e aquelle que tomar o *azimuth* por *amplitude* commette um erro tanto

maior quanto mais elevado estiver o cometa. Se um astro, por exemplo, tem 7° de declinação austral, o no Rio fôr observado a Oeste magnetico (tendo a agulha 2° de variação NE.) deve-se concluir, que elle não estava no horizonte no instante da observação,mas sim 17°37' acima d'elle. Ora a cabeça do cometa, segundo as minhas observações oculares, foi sempre seguindo do occidente para o oriente, e pouco para o norte, as estrellas situadas na margem boreal do Eridano, e no ultimo dia da sua apparição estava ao NE., mas mui proximo da estrella *o*, a qual tem quasi 8° de declinação austral; portanto supposndo a declinação do cocometa 7°, a amplitude devia ter sido observada, 7°33' contados no horizonte astronomico do Equador para o Sul, e não 2° d'Oeste para o Norte. De resto observações semelhantes com a agulha são assaz grosseiras, e não podem dar mais que largos *pouco mais ou menos*; mas ao mesmo tempo percebe-se que com um instrumento que der exactamente os azimuths, com outro separado para observar as alturas, e com um bom chronometro, as observações dos cometas serião commodas, e me parecem preferiveis ás que hoje se fazem nos observatorios com a machina *parallatica*.

Constou por noticias vindas de Lisboa, publicadas no *Jornal do Commercio* em 1° de Maio,que foi visto n'aquella cidade ao Sul do Tejo, um cometa em 10 de Março d'este mesmo anno de 1843; porém, como não se diz a paragem do céo em que foi visto, não podemos affirmar se era este mesmo que observámos no Rio.

Extraordinario meteóro

Passados 16 dias depois da desapparição do cometa, isto é, em 28 de Abril, pelas 9 horas da tarde, vio-se n'esta cidade do Rio um extraordinario meteóro, que causou espanto: assemelhava-se ao fogo expellido por uma pistola de fogo artificial, com côr algum tanto amarellada, e esclareceu muito a cidade por espaço de um minuto, pouco mais ou menos, e extinguiu-se. O seu curso rapido foi de Leste para o Oeste, pela mesma paragem onde se tinha visto a cauda do cometa, e d'aqui veiu dizerem alguns que o cometa tinha retrocedido, e aberto uma grande boca de

fogo em cima de cidade. A noite estava escurisssima, serena, e não se via estrella alguma; porém não chovia*.

Rio de Janeiro, 7 de Maio de 1843.— *Maximiano Antonio da Silva Leite,* Lente de Mathematica na Academia de Marinha.

POST-SCRIPTUM

Depois de escripta a Memoria, chegaram aqui varias noticias de França e Inglaterra, de que este mesmo cometa foi visto em quasi toda a Europa; mas no principio hesitaram, julgando uns ser a luz zodiacal, outros que era uma luz extraordinaria no céo, porque lhe não perceberam talvez nucleo ou cabeça. Eis aqui como se exprime um correspondente do *Times* (jornal inglez) de 22 de Março, que o observou no Observatorio de Kensington.

« A brilhante *luz* de que o *Times* de hoje dá noticia, foi vista aqui sexta feira 17 de Março depois das 7 horas da tarde, e tinha muita semelhança com a *cauda do cometa* do anno de 1811. ** A sua maior altura, quando primeiro a vi, estava quasi tocando a Lebre, passando através da constellação do Eridano, se tornou depois invisivel para mim; podiam medir-se mais de 45° de *cauda,* e viam-se a olho nú estrellas da quinta grandeza; e com um *achromatico* de 42 pollegadas, e 2 3/4 de abertura, podiam vêr-se ainda estrellas da oitava grandeza. A's 7 horas 33'22" um meteóro resplandescente teve logar na extremidade da cauda.

Nenhum vestigio da referida *luz* nas noites de 18, 19 e 20, em consequencia de se achar o tempo nublado. Esta tarde de 21 ás 7 horas 50' aclarou o tempo, porém nenhum

* Depois de fechada esta memoria constou-me por testemunha ocular fidedigna, que um semelhante metéoro foi visto no anno de 1825 em Buenos-Ayres, e seguiu-se igualmente ao cometa que appareceu, e foi visto n'aquella cidade, assim como em toda a America Meridional.

** Veja-se o que se refere d'este Cometa espantoso na *Miscellanea critico-historica, cometico-critica,* impressa no Rio em 1811, pag. 61, 103 e 104.

vestigio da *luz* que tinha allumiado em 17 se pôde vêr aqui ; apenas uma amortecida luz, começando nas *Pleiades*, e espalhando-se pela constellação inteira de *Aries*, que em consequencia da nevoa escapou á observação. A ser esta a cauda do cometa, indica um movimento mui rapido para a parte do Norte. Observatorio de Kensington, terça feira ás 11 horas da noite de 21 de Março. (Assignado) I. South.»

Por esta observação de 17 de Março se conhece, que o cometa, observado em Inglaterra, é o mesmo que nós observámos no Rio; porém a *amortecida luz*, que o correspondente diz ter visto em 21 de Março (não vista no Rio), e que se extendia desde as pleiades até Aries, isto ou é outro cometa differente, ou antes um meteóro; por quanto o nosso manifestou-se distinctamente (excepto o nucleo que depois dos primeiros dias de sua apparição escapava á vista e mesmo aos oculos de terra), e n'este dia 21 achava-se a cabeça junto á do Eridano, e a extremidade da cauda entre a *Lebre* e *Rigel*; por conseguinte toda a cauda mui desviada das Pleiades e de Aries. Emfim, o movimento não era rapido, como se póde inferir pelo que eu acima disse na memoria.

Rio de Janeiro, 28 de Junho de 1843.

Maximiano Antonio da Silva Leite.

CARTA

DE ALGUMAS COUSAS QUE IAM EM A NAU QUE SE PERDEU DO BISPO PERA NOSSO PADRE IGNACIO

(Copiada do Registo das Cartas Jesuitas. MS. da Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro).

O anno passado escrevemos largamente de tudo o que Nosso Senhor se dignou de obrar por meio dos da Companhia, assim em os Gentios como em os Christãos, mas porque a nau em que ia o Bispo se perdeu sessenta leguas d'esta cidade, em a qual iam as cartas que davam d'isto copiosa relação, será necessario tornar a recapitular algumas

cousas mais essenciaes, para que entenda V. P. em o que nos occupamos, e o fructo que o senhor obrou em estas partes, em este espaço de tempo. Quanto ao primeiro offerece-se dizer do bom successo que o Senhor deu, acabada a guerra; e foi assim que os maiores inimigos, e de que mais se podia temer, vendo o destroço que os christãos fizeram em os seus, despovoaram a terra e se foram a morar ao sertão dentro, e os que se confederaram com os nossos, vendo que não havia outro remedio, determinaram de se accommodar a nossos costumes, fazendo da necessidade virtude, assim que d'ahi a poucos dias começaram a fazer casas aonde lhes fôssemos ensinar a doutrina christã Nossos Padres, vista a commodidade para trabalhar em a vinha do Senhor dispuzeram-se com orações e sacrificios, rogando ao Senhor levasse esta obra adiante, que tanto tempo havia que esperavamos; foram pois todos, padres e irmãos, em uma procissão ás aldêas dos Gentios, dos quaes foram mui bem recebidos, mostrando folgar com nossa vinda; e logo o Padre Reitor, que então era o Padre Ambrosio Pirez, designou os logares aonde se situassem umas igrejas pequenas, em uma das quaes determinava elle residir, tendo a seu cargo os meninos que aprendiam latim, se não no impediram os negocios da cidade; deu pois o cargo d'isto ao irmão João Gonçalves, ao qual em esta sazão tinha mandado o Padre Nobrega um recado de S. Vicente, onde lhe mandava que tivesse cuidado de contratar com os Indios. Folgou o irmão com tal recado, maxime por ser em tal conjuncção, e por se communicar a obediencia ao desejo de nossos Padres, que já em esta obra tinham posto a mão. Dispoz-se logo o irmão para visitar as aldêas, e da primeira vez que foi a ellas trouxe dous meninos, a um d'elles puzeram o nome Paulo, e ao outro Pedro. Da segunda vez trouxe tres mui bonitos, a que o Padre Ambrosio Pirez poz os nomes dos tres Reis Magos. D'ahi por diante ajudando-se da obediencia ora trazia quatro, ora cinco, ora seis; de modo que lhe cobraram tanta affeição que fugindo de suas mãis o vinham aguardar ao caminho para que os trouxesse comsigo; entre os quaes se achou um de seis annos, que agora é já christão, e chama-se Ambrosio, que, deixada a avó, que tinha em logar de mãi, veio a esperar

ao caminho ao irmão, em companhia de outros meninos ; o que sabendo a velha, foi logo depois elle, e com grande furia o arrebatou de entre seus companheirinhos: já ella o trazia, agora com ameaças, agora com mimos, senão quando encontra ao irmão, que fazia volta: como o viu o menino, começou a chorar para ir com elle, não aproveitavam os afagos da avó, nem os espantos que lhe fazia o irmão para o apartar de seu desejo. Dizia-lhe João Gonçalves que escolhesse uma de duas, ou ficar com a velha, ou vir com elle para vêr se se esfriava d'este proposito, do qual estava elle tão longe que, parecendo-lhe que lhe diziam isto como despedindo-o, se pôz a chorar fortemente. Vendo o irmão sua constancia, o trouxe comsigo, ficando a velha assaz triste. Não pouco depois, com o exemplo d'estes, outros nove meninos se moveram a fazer o mesmo que est'outros em dia dos Reis Magos, que parece o ordenou assim o Senhor para remunerar o trabalho de tres irmãos que aquelle dia lhes coube ir ás aldêas a fazer a doutrina, a qual acabada, sahem a elles os nove importunando a que os trouxesse. Entre estes se achou um que, vendo vir a sua mãi, se escondeu entre o arvoredo, e dizia depois aos irmãos que ainda que sua mãi o quizesse levar por força, que não se houvera de ir com ella: a este puzeram nome Jeronymo e entre os outros meninos é o mais sizudo e modesto; outros meninos em a idade bem pequenos enganaram a seus pais, dizendo que iam a nadar para ter ocasião de vir com o irmão, quasi todos estes são já christãos e sabem a doutrina christãa, e aprendem a lêr e cantar como nas outras farei relação: louvores a Sua Magestade por tudo.

As aldêas que então o irmão visitava eram tres; uma de um principal chamado Simão, que tanto que a esta terra chegaram os padres fizeram christão; a outra chamava-se Famanduare, que agora puzeram nome S. Lourenço; a outra era a do Rio-Vermelho, onde elle agora reside em companhia do irmão Antonio Rodrigues: ia todos os domingos e sextas-feiras, logo de manhã, e estava lá até a noite ensinando-lhes a doutrina; e se por acaso andavam os meninos pescando, não so queria vir á casa, sem que primeiro em a mesma praia lhes ensinasse as orações: com seus pais tinha maior difficuldade por o largo costume que

tinham em comer carne humana, e dar-sè a vicios sujissimos: mas sempre tem o Senhor escolhido alguns que deixados seus ruins costumes, se queriam accommodar aos nossos, e d'estes pediam alguns que os casassem com suas mulheres, conforme as ceremonias dos christãos. Havia então um principal da aldêa, que, sendo convidado para comer carne humana, não sómente não a comeu, mas reprehendeu terrivelmente aos que lh'a offereciam, dizendo que elle era christão, e que havia de guardar seus costumes; mas elles, que eram diabos, que assim os demonios lhe haviam de fazer quando morressem. Quando os meninos tinham vergonha de dizer a doutrina, lh'a tirava elle a seu exemplo, dizendo que pois elle era mais antigo e como pai de todos, e com tudo isto não tinha pejo, quanto mais elles que eram ainda moços! Se algum era travesso e buliçoso ao tempo que ensinavam as orações, elle lhe ia á mão, e lhe fazia estar quedo.

Quasi em este tempo chegou o Padre Navarro de Porto Seguro, com cuja vinda nos alegramos *in Domino*, assim por haver mais de doze annos que não o viramos, como por nos contar muitos trabalhos que, por amor do Senhor e do proximo, tinha padecido, dos quaes não farei menção porque elle os tem já escripto: sómente direi o que aconteceu depois da sua chegada, que foi a maneira que se teve em que estes gentios d'esta bahia não comessem carne humana. Desejando nossos padres que se tirasse este bestial costume muitas vezes acommetteram alguns, dizendo-lhe que, pois o Senhor lhe tinha dado victoria contra estes gentios, seria bem que os obrigasse a que não comessem carne humana, allegando-lhe muitas razões—s.— como agora a terra estava disposta para se fazer algum fruito, e os Indios com o medo sujeitos e obedientes para cumprir quantas leis lhes puzessem. Determinou-se o Governador de pôr a mão em este negocio, d'onde tanta honra resultava ao Senhor, e assim mandou um grande lingua que se chama Espinhoso, homem que entre elles tem grande autoridade, a que tentasse estes Gentios, e visse se por temor se podia acabar com elles a que deixassem tão abominavel costume. Prouve ao Senhor que d'esta primeira pratica ficaram elles taes que disseram que lhes mandassem

imagens e que fariam igrejas onde as teriam,e que em ellas lhe ensinariam nossos padres a doutrina e cousas da Fé: respondeu-se-lhes a isto que era necessario, se elles queriam ser christãos, tirassem os impedimentos que estorvassem isto, S., que não matassem os contrarios senão quando fôssem á guerra, como sôem fazer todas as outras nações, e se por acaso os captivassem, ou que os vendessem, ou que se servissem d'elles como de escravos. *Præterea* que não comessem carne humana, vicio tão torpe acerca de Deus e dos homens; e se isto cumprissem, que os christãos seriam seus amigos, e os favoreceriam em as guerras; e quando não, que elles os haviam de destruir de sua terra com a guerra que lhes haviam de fazer. Porque não se havia de consentir que sendo elles nossos amigos, fizessem tão grande desacato a nosso Deus, fez-se-lhe duro aos Indios este contrato; por que, assim como alguns em o dinheiro ou contentamento sensual, ou em o muito valor põe sua bemaventurança, assim estes Gentios têm posta sua felicidade em matar um contrario, e depois em vingança comer-lhe a carne tão sem horror e nojo que não ha manjar a seu gosto que se achegue a este; e esta era a causa por que diziam ao Governador que em lhe tirar isto lhe tiravam toda a gloria e honra que lhe deixaram seus avós; mas comtudo que elles estavam apparelhados d'ahi por diante não fazer mais isto que nós tanto abominavamos, com tal condição que lhe deixassem agora matar sete contrarios que havia muito tempo que os tinham em cordas para comer,allegando que elles tinham morto seus pais e seus filhos; concedeu-lh'o o Governador, excepto que não nos comessem, e assim o prometteram; cousa que elles nunca fizeram,nem fizeram senão os puzera em tão grande aperto. Porque não se têm por vingados com os matar senão com os comer; este mesmo dia antes que os principaes se fôssem de casa do Governador, aonde foram chamados para este contrato, firmaram todos em um acto publico que se fez, de guardar aquelle contrato. S., de não comer carne humana, submettendo-se a grandes penas, e a ser deitados de suas proprias terras, se inteiramente não o cumprissem; e para que os outros Indios entendessem ordenou-se que se désse um prégão pelas Aldêas com um tambor que relatasse a summa

do contrato: ficaram elles d'alli por diante medrosos e com medo de fallar em o que tinham promettido, como porexperiencia se viu em os negros que mataram e não quizeram comer. Bemdito seja o Senhor que por estes meios quer que pouco a pouco se vá accrescentando sua vinha, a qual por sua bondade começa já dar fruito e os operarios com mais fervor se occupam em desarraigar os espinhos e cardos da incredulidade: seja a elle por tudo gloria e louvor.

E n'este comenos se ordenou uma procissão, em a qual foram os filhos dos Gentios Mamelucos, e meninos orphãos, e em sua companhia levaram ao irmão João Gonçalves e a mim. Isso quiz o padre que fôsse por duas intenções: por que o Senhor tivesse por bem de dar saude a Sua Alteza, que então se achava mal; a outra por lhe tirar a opinião que o demonio lhe mettêra em a cabeça, porque diziam que nós outros tinhamos seus filhos como por escravos, e que, havendo embarcação para alguma capitania onde estivessem nossos padres, lh'os haviamos de mandar para que lá os vendessem. Assim que partiriamos de casa trinta, vestidos os filhos dos Gentios de branco, com todos os Gmais, que parecia mui bem e edificava-se a cidade d'isto, máxime porque os Indiosinhos iam modestos, com as mãos alevantadas; cousa que elles não esperavam de pais tão ruins. Com esta ordem foram a uma povoação de christãos, em a qual prégou aos moradores o padre Navarro com muito fervor, e depois de comer se tocou a campainha para que viessem os escravos e escravas dos homens brancos, que foram tantos que estava a igreja quasi cheia. Ensinou-lhes primeiro a doutrina em nossa lingua e depois em a brasilica, com uma pratica que lhes declarava o mais necessario da Fé.

Acabado isto, elle se foi para a cidade, porque ainda aquelle dia havia de fazer lá uma pratica, e nós outros fizemos nosso caminho para a Aldêa do Rio-Vermelho. Como chegámos á vista d'ella, mandou João Gonçalves que cada menino orphão levasse um filho dos Gentios a seu cargo, por amor das feiticeiras que não os embahissem; e assim entraram em procissão cantando; do que elles se maravilhavam muito, e ficavam como attonitos, porque em extremo são

dados á musica e ouvir cantar. Ao tempo que chegámos estavam seus principaes com outra muita gentilidade em concelho como matariam seus contrarios, aos quaes fallou João Gonçalves com um atrevimento moderado, reprehendendo seus vicios bestiaes de que usavam, e afeando-lhes, e abominando-lhes o brutal costume de comer carne humana; a tudo isto respondiam que era costume de seus antepassados, o qual elles d'alli por diante determinavam de tirar, e que já agora não queriam comer como d'antes, senão vingar seus parentes com a morte d'aquelles; com isto nos despedimos d'elles, e tambem porque abafavam os meninos não acostumados ao fedor de suas casas; e diziam quasi todos que estar alli era estar em Purgatorio, e é a verdade. Eu não tenho visto cousa que melhor o represente. São suas casas escuras, fedorentas e afumadas, em meio das quaes estão uns cantaros como meias tinas que figuram as caldeiras do Inferno. Em um mesmo tempo estão rindo uns e outros chorando tão de vagar que se lhes passa uma noite em isto sem lhes ir ninguem á mão. Suas camas são umas redes podres com a ourina, porque são tão preguiçosos que ao que demanda a natureza se não querem levantar. E dado caso que isto bastára para imaginar em Inferno, todavia ficou-se-nos mais imprimido com uma invenção que vimos sahindo d'esta, a qual é:

— Vinham seis mulheres nuas pelo terreiro, cantando a seu modo, e fazendo taes gestos e mencios que pareciam os mesmos diabos. Dos pés até a cabeça estavam cheias de pennas vermelhas, em suas cabeças traziam umas como carochas de penna amarella. Em as espaldas levavam um braçado de pennas que parecia coma de cavallo, e por alegrar a festa tangiam umas frautas que têm, feitas das canellas dos contrarios, para quando os hão de matar: com estes trajos andavam ladrando como cães, e contrafazendo a falla com tantos momos que não sei a que os possa comparar: todas estas invenções fazem sete ou oito dias antes de lh'os matar. E porque em aquella sazão estavão sete, para isto fazem que sahiam ao corro, para elles lhe atirar as pedradas ou laranjadas, os quaes traziam suas mulheres presos com umas cordas que estão atadas ao pescoço; e ainda que elles não querem, fazem-lhe que lhe atirem laranjadas,

provocando-os a isto as empennadas com os cocós e meneios que lhe fazem. Espectaculo era este que a quem o vira lhe saltaram as lagrimas de compaixão de uns e de outros, porque as empennadas lhe parece que estar assim vestidas é a maior bemaventurança do mundo. E tem para si que não ha ahi trajos nem emoções tão polidas como as suas. Aos contrarios lhe tem persuadido que em fazer todas aquellas ceromonias são valentes e esforçados, e logo lhe chamam fracos e apoucados se com o medo da morte refusam de fazer isto; e d'aqui succede que por fugir a esta infamia, a seu parecer grande, fazem cousas ao tempo de morrer que será incrivel a quem não o tem visto, porque comem e bebem e se deleitam como homens sem sentido em os contentamentos da carne, tão devagar como se não tivessem de morrer. E porque o demonio não enganasse a estes sete que estavam em esta aldêa com semelhantes enganos, João Gonçalves, depois que os trouxeram ao corro, os foi apparelhar e pretentar se queriam ser christãos, dizendo-lhes que até alli foram filhos do diabo e que elle vinha da parte de Deus para os fazer seus filhos, se elles com arrependimento da vida passada quizessem receber o baptismo sufficientissimo para lhes lavar toda a sugidade de seus peccados, e tornar a alma limpa que elles com sua torpeza tinham negra e mui feia; accrescentando a isto que os demonios não aguardavam outra cousa senão que expirassem para os levar ao Inferno, do qual escapariam se antes de morrer se lavassem com o sagrado baptismo: com isto e com outras cousas que o Espirito Santo lhe inspirou, ficaram todos movidos (sómente um) para receber nossa Fé. E nós outros com este contentamento nos tornámos para casa, dando louvores ao Senhor por se dignar de alumiar estes que estavam tão propinquos a ser comidos d'aquella besta infernal.

Logo se dispoz o Padre Navarro para os baptizar, e segundo elle é servo recto não via já a hora para ir á aldêa, ordenou-se todavia que elle fôsse um dia antes da matança, e eu o outro dia de madrugada, levasse enchadas para os enterrar: assim se fez. Mas o inimigo da saude dos homens por seus ministros armou aquelle dia um arruido na aldêa, por cujo respeito não dormiu o Padre em ella, porque chegando junto d'ella soube como andava toda

revolta, porque um Mameluco com a bebedice do vinho tinha dado uma estocada á uma India, e a outra tinha dado uma cutilada. E por esta causa deixou então de ir, porque é mui perigoso, quando estão anojados e bebados, entrar em suas aldêas. Mas pela madrugada foi mandando o Governador que fôssem em guarda do Padre gente de cavallo e de pé. Vieram-no chamar uma hora da noite porque o caminho era longe e os Indios costumam os matar logo pela manhã. Como chegou aos Indios que estavam já meio mortos com a imaginação da morte, os começou a esforçar e animar com a esperança da gloria e vista de Deus que haviam mui prestes de alcançar, se cedessem de seus vicios e peccados.

Todo este tempo até que amanheceu, lhes pregou o Padre Navarro a cada um de per si, e João Gonçalves, fazendo o mesmo com Balthazar, e Espinhoso por sua parte tambem trabalhava e ajudava: como bem amanheceu vieram os Indios com grande terremoto e barafundaria, com suas espadas pintadas e cheias de pennas de papagaios, de que elles fazem capas para estas festas,e levando-os ao corro fazia-lhes o Padre Navarro uma pratica, onde lhe encarecia o baptismo; ,e o arrependimento de seus peccados, e após isto os baptizava: até aquelle que em principio fôra incredulo, tambem recebeu o baptismo e porque os Padres lhe diziam que chamassem por Deus, perguntou um d'elles como se chamava, e sabendo o nome começou a invocar a Jesus, e assim acabou elle e seus companheiros, ao parecer de nossos Padres, com bôas mostras ; e quanto contentamento tinham os Padres de vêr esta nova conversão, tanto tomavam de pezar as velhas feiticeiras, porque nos diziam mal deitando-nos em rosto que tiravamos seu comer verdadeiro e manjar a seu gosto tão saboroso que por nenhum haver do mundo o trocariam ; mas pouco lhe aproveitava bouzear por sua carne, porque o principal da aldêa, querendo cumprir com o contrato, vedou que não chegassem a elles, mas antes os deixassem livremente levar, para quo os enterrassemos ; e dado que não dissera isto, ahi estava gente de cavallo, que não foi pequeno meio para que os Padres fallassem a sua vontade e os baptizassem descobertamente, porque antes viam levar pannos molhados escondidos na

manga por causa dos Indios, que diziam que lhe sabia mal a carne dos que baptizavamos, e por isso nos prohibiam que lhes dessemos o baptismo.

Tudo isto acabadose tornaram para casa ás doze horas, bem cansados por jejuarem aquelle dia e o sol ser mui rijo: mas vinham mui alegres pelo Senhor os haver tomado por instrumentos de tão santa obra.

Tambem escrevia ao Reino o Padre Reitor que SS. AA. e os mais principaes de sua Côrte fizessem uma confraria, e a esmola d'ella fôsse para vestir estes Indiozinhos, com a qual fariam muitos proveitos, resgatando com ella a muitos que estão em peior captiveiro que os christãos; porque a elles uma hora por outra não lhes falta amparo dos fieis, mas est'outros, alem de se assenhorear em elles o demonio, não tem quem os tire d'esta vassalagem. Prazêra a Sua Divina Magestade que inspirára a S. A. a que gosto d'esta obra; por que,se assim fôr, temos aberta a porta para fructificar muito em a vinha do Senhor, e de V. P. teremos certas as graças que nos haverá de Sua Santidade, porque os confrades com maior fervor se appliquem a obra tão pia: não ha em isto outra difficuldade senão a mingua dos mantimentos, porque de parte dos Indios elles nos offerecem seus filhos, dizendo que tomemos os que mais nos quadram, e fazem a nosso proposito; mas nós outros os despedimos não sem grande lastima, porque nossa pobreza não póde abarcar a tantos: todavia por então se receberam vinte de a até dez ou onze annos, os quaes os mais d'elles são já christãos, e perseveram em a doutrina e bons costumes. Esta confraria pareceu mui bem ao Padre Nobrega depois que veiu, e deseja muito que vá ao cabo, Deus o ordene para maior gloria sua.

Porque o numero dos gentios crescia, e a casa estava occupada com outros Indios Christãos, deu-se modo com que estes que eram já instruidos em a fé se puzessem a officios, e os outros que novamente se queriam converter entrassem em seu logar; e assim se fez; entre Mamalucos, meninos orphãos e Indios da terra, se puzeram com amor um bom golpe d'elles; e porque depois de sahidos era grande embaraço acudir aos aggravos que lhes fizessem seus senhores, e não menos desinquietação ir por elles ás aldêas,

se fugissem a seus amos, remediou-se isto com a industria do padre Reitor, porque acabou com o Governador, que, ao uso de Roma, quizesse aceitar o cargo de protector maior dos cathecumenos com duas pessoas honradas, dizendo-lhe que o Cardeal Crescencio, tão cabido com S. Santidade, tivera lá em Roma este officio: quadrou-lhe a elle isto e por sua virtude, e fazer-nos a vontade, quiz ser o primeiro protector maior, tomando por coadjutores a um cavalleiro, e ao Ouvidor Geral. Se a isto que cá se ordenou se ajuntar a confraria, estarão em tudo remediados. Porque, quanto á Christandade, havendo esmolas, recolher-se-ha grande numero, e depois de instruidos em a fé, havendo-se de dar a amos, haverá quem olhe por elles, e será assim que com o que lá resgatam a um resgatarão cá muitos, e fazendo com estes uma obra de misericordia cumpriram todas as obras de misericordia, pois em elles estão todas as miserias juntas.

Isto é em summa, Reverendo Padre, o que o anno passado de 1556 escrevemos em a nau em que ia o Bispo, a qual se perdeu sessenta leguas d'esta cidade, não escapando d'ella senão dez pessoas, porque os outros todos os mataram os Indios, e segundo seu costume os comeram: agora está esta cidade sem Bispo, bem triste e desconsolada, porque ainda depois de tantas miserias lhes sobreveiu esta que elles sentem muito pelo contentamen toe alegria que os Indios tomam por terem morto ao Bispo: a nós outros nos coube nossa parte de tristeza com sua ida por haver alguns irmãos leigos para se ordenar; mas esperamos em o Senhor que proverá prestes de pastor para estas terras tão necessitadas. *Non amplius* senão que todos d'esta casa pedimos ser encommendados em os devotos sacrificios de V. P. A 10 de Junho de 1557. Por commissão do Padre Manuel da Nobrega, filho indignissimo de V. P.

ANTONIO BLAZQUEZ.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS DISTINCTOS POR LETRAS, ARMAS, VIRTUDES, ETC.

Salvador Corrêa de Sá e Benevides

(Complemento do que fica dito no N. 9 pag. 100 e seguintes do Tom. III da "Revista")

Sr. Redactor. — Permitta V. S. que eu adopte a fórma epistolar para as reflexões que passo a fazer em additamento ou correcção á biographia, que escrevi do heróe nosso patricio Salvador Corrêa de Sá e Benevides, a qual foi impressa no N. 9 da "Revista" pag. 100 e seguintes do tomo 3. Além de que é grande honra e satisfação para mim ter occasiões e motivos para entreter correspondencia com V. S., é certo que esta fórma presta mais amigavel franqueza a todas as explicações, do que os outros estylos, cujas conveniencias ás vezes obrigam a calar ou a deixar insensivelmente escapar algumas particularidades, aliás indispensaveis. Procurarei não envolver n'esta occasião outro algum assumpto, para que esta carta, havendo de gozar das honras de algum lugar na nossa "Revista", pela benevolencia e favor de V. S., possa considerar-se como uma segunda parte da mencionada biographia.

Tres documentos mais notaveis tenho visto que eu desconhecia quando n'essa cidade a escrevi em principios do anno de 41; e são todos elles tão especiaes a respeito do heróe, e fazem-lhe tanta honra, que eu me sentiria pesado em minha consciencia não os accusando depois de os conhecer.

O mais antigo d'elles narra por menor o acontecimento da acclamação de D. João IV, que terminou a subjeição

de 60 annos ás ordens do gabinete de Madrid; e não só importa elle á gloria de Salvador Corrêa, como ainda mais aos annaes d'essa capital, e em geral á nossa historia e litteratura amena. Na biographia tinha eu passado muito por alto essa acclamação; e tambem agora não me estenderei contando-a. Prefiro a isso enviar a V. S. a cópia junta da relação d'esse acontecimento; impressa então anonyma em Lisbôa por Jorge Rodrigues. E' esta cópia tirada do impresso com tão escrupulosa fidelidade que vai pagina por pagina, linha por linha, e não sei se diga até letra por letra, não escapando os erros de imprensa, chamadas, e reclamos: só não leva paginação porque a não tinha o impresso. E' um documento na verdade curioso, e que concorre muito a exaltar o merito do herói pela revelação que nos faz de que este para seguir a causa nova do seu paiz abraçada na capital (Bahia), e para promover a sua gloria e ganhar a posteridade deu de mão a tantos interesses terrenhos e materiaes que faria continuando no serviço de Castella! V. S. fará de certo um serviço á nossa litteratura encorporando esta preciosidade na nossa «Revista.»(*)

O segundo documento é tambem outro impresso contemporaneo, de muito interesse: — diz respeito á jornada e conquista de Angola, e talvez n'essa capital se encontre nos volumes respectivos á Africa, da preciosa collecção dos Barbosas pertencente á Bibliotheca Nacional. Tem por titulo — «Manifesto das Ostilidades que a gente, que serve a Companhia Occidental de Ollanda, obrou contra os Vassallos de El-Rei de Portugal n'este Reino de Angola, debaixo das treguas celebradas entre os Principes; e dos motivos que obrigaram ao General Salvador Corrêa de Sá e Benavides a desalojar estes soldados Ollandezes d'elle, sendo mandado a esta costa por S. M. a differente fim; escripto por Luiz Felix Cruz secretario d'este Reino, assistente n'elle e presente a todos os successos que recopila n'este tratado. Dedicado á Sra. D. Catherina de Velasco, em Lisbôa, 1651: Na officina Craesbeekiana, 4° » — Consta de 36 paginas, além da dedicatoria, que como já se vê do titulo é dirigida á D. Catharina de Velasco, mulher de

(*) Sahirá no seguinte numero — (Nota do Redactor).

Salvador, explicação esta que se não manifesta, como para até n'esta parte se guardar a capa de imparcialidade (que em toda a obra se ostenta) de modo que parece ella haver sido escripta para servir como de *Memorandum* nas exigencias diplomaticas que a tal occupação de Angola deu logar a fazerem os Hollandezes. Guardam-se no impresso tão sagazmente tantas conveniencias, que não podemos deixar de nos encostar a esta opinião.

Noto que até no proprio titulo não se trata de subditos Hollandezes: diz-se só — a gente que serve a Companhia Occidental de Hollanda. — Em rectificação, pois, ao que na parte da biographia de Salvador, respectiva a esta jornada de Angola, e antes de conhecer o presente manifesto, asseverámos pela autoridade do autor do Catalogo dos Governadores de Angola (impresso pela Academia de Lisbôa e ahi citado) cumpre-nos aqui declarar que foram só onze os navios com que Salvador foi á expedição de Quicombo, onde chegou a 12 de Julho, e que foram só tres (não oito) os dias que pediram os Hollandezes para responder a proposta de capitulação, e que sendo-lhe concedidos por Salvador Corrêa (que quiz ostentar essa bizarria, mesmo sabendo que a intenção dos Hollandezes era com isso esperar o reforço das suas tropas que andavam pelo sertão cercando os Portuguezes em Machima) e decidindo-se elles a resistir viram desembarcar os da expedição aos 15 de agosto, dia de Nossa Senhora da Assumpção, d'onde veio a Loanda o nome de S. Paulo d'Assumpção, de que o auctor usa na dedicatoria. Antes tinha o General usado de um estratagema, escrevendo varias circulares aos Portuguezes do sertão, exagerando o seu poder para que, cahindo alguma das vias nas mãos dos Hollandezes, elles o temessem mais, como succedeu. Começado o ataque os Hollandezes abandonaram o forte de Sancto Antonio, depois de fazerem d'elle alguns tiros com que offenderam alguns dos nossos, e se recolheram á fortaleza do Morro, depois chamada de S. Miguel, onde se offereceram a resistir e foram atacados no dia 17 pela madrugada. O Hollandez, temendo-se de novo ataque, propôz as condições de capitulação no dia 18 de agosto, as quaes foram assignadas no dia 21, constando de 13 artigos respectivos á segurança

e decoro dos vencidos que se embarcaram no dia 26, em que faria 7 annos que elles tinham alli entrado! Não me atrevo a pedir a transcripção d'este Manifesto na nossa « Revista » tão afoutamente como o faço com a primeira relação: entretanto não deixarei de ponderar que a armada em que um brazileiro foi conquistar o reino de Angola foi arranjada na Bahia e Rio de Janeiro, á custa do sacrificio do commercio, principalmente d'esta ultima praça, que a tropa foi quasi toda d'esta cidade, e portanto devemos considerar esta conquista na nossa historia, com tanta razão como a da India e parte da nossa serão sempre comprehendidas na do velho Portugal. Se V. S., pois, se resolver a publical-o, e ahi o não houver, eu me encarregarei de uma cópia que sirva á impressão. Tambem tive idéa de remetter cópia do auto e instrumento de testemunhas que Salvador Corrêa mandou tirar para sua justificação, e que se fez em Loanda, a 30 do mesmo mez de Agosto; mas como este acompanhou a carta régia de 29 de Novembro de 1648, ao Marquez embaixador em Hollanda, reservo, um e outra para a minha outra Memoria sobre as — *Antigas Negociações Diplomaticas respectivas ao Brasil,* — aonde julgo que tem cabida.

E' o terceiro documento, apezar de manuscripto e inedito, o menos importante dos tres: é o traslado de um alvará (que infelizmente achei sem data), existente n'um livro que pertencia ao convento de S. Vicente de fóra.

Por esse alvará foi Salvador Corrêa de Sá e Benevides, do conselho de guerra e ultramarino, mandado de soccorro ao Alemtejo na guerra contra os Hespanhóes, com a gente dos terços das ordenanças de Lisbôa. Se chegou a ir, ou do que ahi praticou, não temos por ora conhecimento, e só se poderá averiguar, examinando os *Mercurios* ou gazetas do tempo.

Para rematar no mesmo assumpto, creio que será aqui o logar proprio para publicar algmas erratas, que por má intelligencia do meu manuscripto escaparam no mencionado artigo biographico:

Paginas		*Erros*	*Emendas*
100	No fim do § 1.º	na terra	materna.
101	linhas 29	Chameuy	Chamay.

Paginas	*Linhas*	*Erros*	*Emendas*
103	28	20 annos	60 annos.
104	1 e 2	estes outros	estes e outros.
»	20	nosso	novo.
105	antepenultima	dez	seis.
107	2 do Doc. 3.°	primar-me	privar-me.

Deus guarde a V. S. Lisbôa, 17 de Fevereiro de 1843. — Illm. Sr. Redactor da « Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. »

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEM.

O Brigadeiro Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon

Voltamos á familia do illustre Brazileiro o Capitão Mór Manoel Pereira Ramos de Lemos e Faria, que tão valiosos serviços fizera á sua patria em épocas diversas, desempenhando assim os brios dos seus nobres ascendentes, já tão celebres na historia de Portugal e do Brasil. Os filhos d'este illustre Brasileiro, trilhando, desde seus primeiros annos, a gloriosa estrada de seus maiores, procuraram, tanto pelas letras, como pelas armas, adquirir honroso nome com que se recommendassem á veneração da sua patria. João Pereira Ramos fulgurava já na Côrte de Lisbôa como illustre Magistrado; D. Francisco de Lemos, Conde de Arganil, Bispo Reitor e Reformador da Universidade de Coimbra, era já celebre no estado ecclesiastico, por suas virtudes e distincto saber. Clemente Pereira criava e disciplinava no Piauhy uma companhia de cavallaria armada á sua custa, e abria caminho pelo sertão á Bahia, devassando bosques e brenhas ainda não pisadas de Europeu algum : Ignacio de Andrade, quarto filho varão do illuste Capitão Mór Manoel Pereira Ramos, não foi menos zeloso em ampliar a gloria de sua familia, pelos serviços relevantes que prestára na sua Provincia. D'elle agora trataremos, como de um Brasileiro digno de entrar no catalogo dos nossos homens distinctos.

Nasceu na Capitania do Rio de Janeiro em 10 de Agosto de 1733; e foi baptizado na freguezia de Marapicú: feitos os seus preparatorios, passou a Portugal em companhia de seus dous irmãos Clemente Pereira e Francisco de Lemos, para seguir os estudos na Universidade de Coimbra sob a direcção de João Pereira Ramos, o mais velho de seus irmãos. A idade avançada de seu pai, vendo-se assim separado de todos os seus filhos, e temendo não ficasse abandonada por sua morte a administração de suas grandes fazendas, o obrigou a inverter o primeiro plano de seus estudos, separando da carreira das letras o joven Ignacio d'Andrade, para em sua companhia coadjuva-lo nos trabalhos ruraes, que constituiam o pinguo patrimonio de tão illustre casa. Ignacio d'Andrade voltou dos braços e companhia de seus irmãos em Portugal para os braços e companhia de seu respeitavel pai em 1754, dando-se então aos cuidados da industria rural, em que muito aproveitou e serviu á sua patria.

Em 1762 assentou praça de Capitão no Regimento de Cavallaria Auxiliar da Cidade do Rio de Janeiro, por Patente do Exm. Gomes Freire de Andrade (Conde de Bobadella) então Governador e Capitão General d'esta Capitania; criou á sua custa e elevou ao melhor pé de disciplina a companhia de que foi Capitão, conservando-a sempre completa e prompta para o serviço, como attestára o Marquez de Lavradio, Vice-Rei do Estado, e o Coronel do seu mesmo regimento.

Serviu no posto de Capitão por 16 annos, até que no de 1778 passou a Mestre de Campo do Terço da Guaratiba, por Patente da Rainha D. Maria 1.ª de 28 de Março d'esse anno, e depois a Coronel de Milicias do mesmo regimento em virtude da lei de 1796, pela qual o Principe Regente houve por bem regular os corpos de Milicias auxiliares; e serviu os ditos tres postos pelo longo espaço de 43 annos. Em todo este tempo Ignacio d'Andrade cumpriu as obrigações de seus cargos com muita honra, distincção, fidelidade, zêlo e desinteresse, mantendo a melhor harmonia e disciplina entre os seus subordinados, propondo o accesso de seus officiaes segundo suas antiguidades e merecimentos, executando todas as ordens dos Vice-Reis do Estado com a

devida promptidão, pelo que mereceu d'elles os maiores louvores, consignados em honrosas attestações, e que o empregassem em muitas commissões do Real Serviço.

Sendo ainda Capitão foi nomeado pelo Vice-Rei Marquez de Lavradio, em 24 de Julho de 1775, para commandante dos Registos de Itaguahy, Yuruóca e Coutinho, situados nas principaes estradas que seguem para as Capitanias de S. Paulo, e Minas, e igualmente da guarda da ponte do Rio de Itaguahy, ficando-lhes subordinados os officiaes, que se dastacassem para os ditos postos, com ampla faculdade de providenciar e fazer executar tudo o que fôsse preciso ao bom regimen e impedimento das fugas dos desertores e criminosos, e dos viandantes sem despachos encarregando-se igualmente de manter o socego e bôa harmonia entre os povos circumvizinhos d'aquelles registros, ao que Ignacio d'Andrade com tanta prudencia satisfez, que não houve a mais pequena desordem ou queixa nos referido registos e postos, e nem mesmo na circumvisinhança, em quanto durou o seu commando.

Ainda no posto de Capitão foi tambem encarregado pelo dito Vice-Rei Marquez de Lavradio de fazer, depois de maduro exame, a divisão dos districtos das companhias das freguezias de S. João Marcos e Parahyba nova, situadas no sertão da Capitania, para se evitarem d'esta'arte as continuadas duvidas e conflictos entre os Capitans Commandantes, e contel-os nos limites de suas marcadas jurisdicções. Ignacio d'Andrade cumpriu com tanto acerto e prudencia esta difficil commissão, que nunca mais houve duvida alguma a tal respeito; merecendo em razão do seu bom desempenho, ser ainda incumbido da inspecção e governo não só das sobreditas freguezias, como tambem d'outras duas remotas, denominadas do Alferes e da Sacra Familia.

Entre as providencias que n'esta commissão deu a bem dos povos, foram de grande monta as expedidas para as freguezias da Parahyba Nova, Sacra-Familia, e Alferes, contra as invasões do gentio, mandando pôr guardas nas principaes estradas afim de obstar aos seus repentinos accommettimentos, mas ao mesmo tempo ordenando meios pelos quaes em vez de se atacar e perseguir o gentio, fôsse aliás attrahido brandamente á nossa amizade. Os bons resultados,

que se seguiram a esta sua providencia, confirmam a opinião de que os Indios melhor se attrahem e civilizam por bôas maneiras, do que pelo emprego da força. A desconfiança n'elles introduzida pela imprudencia de tantos descobridores os faz receiosos de males tantas vezes experimentados; mas o fiel cumprimento de solemnes promessas, sustentado por um genio possuido de bôa fé e de sinceros desejos de propagar a civilização no interior de hordas selvagens, como era o do commandante Ignacio d'Andrade, não só desarmou os offendidos indigenas, como tambem os reduziu de bom grado a trabalhos que foram mui uteis á Capitania, e de que ainda hoje se colhem não pequenas vantagens. A abertura de estradas por sertões nunca devassados; a de canaes que serviram de enxugar pantanos insalubres; os aterros gigantescos, que se fizeram para solida passagem dos productos agricolas, que desde então começaram a ser mais numerosos, com decidido augmento das rendas publicas, são em grande parte devidos á coadjuvação e trabalho d'esses indigenas, que contentes realizaram as patrioticas esperanças de Ignacio d'Andrade, quando até então errantes e vingativos embaraçavam qualquer d'essas obras que fôssem tentadas, destruindo gados, plantações, e até mesmo familias, por seus ataques repentinos e barbaros.

Ignacio d'Andrade, ancioso por dar maiores provas do seu valor, honra e zêlo pela defesa do Estado, no tempo da guerra contra os Hespanhóes, offereceu (a exemplo de seus antepassados) no dia 8 de Setembro de 1776, ao Marquez Vice-Rei, 50 homens armados e pagos á sua custa, disposto a servir com elles onde lhe fôsse determinado, e por todo o tempo que durasse a guerra.—Quando Mestre de Campo, além do commando de todo o districto de Guaratiba, continuou no que antes tinha dos registros e inspecção das freguezias, tanto por ordem do Marquez de Lavradio, como pela de seus successores Luiz de Vasconcellos o Conde de Rezende.—Continuando a guerra contra os Hespanhóes foi encarregado (além das incumbencias já mencionadas) de varias disposições, que se tornaram indispensaveis, e do commando dos destacamentos e postos de defesa da Guaratiba, Pedra, e Sepetiba, para os ter promptos

no tempo de qualquer rebate; o que tudo cumpriu como se lhe ordenára, dispondo esses destacamentos e postos de tal maneira, que nunca se lhe notou o mais pequeno descuido.

Seguindo-se depois a guerra com a França, e sendo necessario pôr em estado de defesa o littoral d'este Vice-Reinado contra qualquer invasão do inimigo, foi Ignacio d'Andrade incumbido pelo Vice-Rei Conde de Rezende da distribuição da gente mais capaz do seu districto, para com ella guarnecer e defender os lugares mais susceptiveis de serem invadidos, tanto em terra firme, como na marinha, ou na passagem d'algum rio navegavel. Ignacio de Andrade deu cabal cumprimento a esta delicada incumbencia, achando-se prompto sempre para acudir a qualquer logar de que o inimigo se approximasse. Então offereceu elle pela segunda vez cincoenta homens armados e pagos á sua custa, com os quaes effectivamente marchou para o ponto do Lamarão, que lhe fôra mandado guarnecer e sustentar, levando em sua companhia seu filho primogenito Manoel Ignacio d'Andrade Souto Maior Pinto Coelho (hoje Marquez de Itanhaem, Estribeiro Mór, e ex-Tutor de S. M. I. o Sr. D. Pedro II), que já tinha a honra de servir no posto de capitão do Regimento de seu Pai, por Patente de 14 de Fevereiro de 1793; o que tudo lhe foi agradecido por carta do mencionado Vice-Rei do teor seguinte:

— « Recebi a carta de Vmc. em que me partecipa as providencias, que tem dado para evitar a passagem ao inimigo, no caso de intentar algum desembarque nos portos da Sepetiba e Guaratiba, que são as mesmas que eu esperava de Vmc., e as que me consta terem sempre praticado os seus antepassados; e ainda que eu mandei o ajudante Miguel José Barradas encarregado d'algumas diligencias a este mesmo respeito, foi para as executar em outras partes, e não no seu districto, por estar bem persuadido de que Vmc., pela sua honra e zêlo do Real Serviço teria já dado todas as que lhe parecessem necessarias. A carta de Vmc. mandei registar nos livros desta Secretaria, para que por ella conste o zêlo e actividade com

que Vmc. tem sempre desempenhado as obrigações do seu posto.

Deus guarde a Vmc.—Rio, 13 de Julho de 1793.—Conde de Rezende.—Sr. Mestre de Campo Ignacio d'Andrade Souto Maior Rendon.

Abrindo-se por unanime accôrdo do Marquez Vice-Rei e do Governador e Capitão General de S. Paulo, um dilatado caminho por meio do sertão de ambas as Capitanias confinantes para sua necessaria e util communicação, foi Ignacio d'Andrade encarregado de todas as providencias indispensaveis á execução d'este projecto: e com effeito occorreu promptamente a tudo o que lhe foi requisitado pelos abridores d'essa nova estrada, logo que entraram nos limites do Rio de Janeiro, ficando outrosim a seu cargo providenciar sobre o concerto e conservação, tanto d'essa estrada, como d'outras que depois se abriram nos districtos de sua inspecção.

Sendo-lhe commettida pelos Vice-Reis em 1800, e depois, a importante diligencia de persuadir aos moradores do seu districto o concorrer com donativos para a causa publica e urgencia do Estado, conseguiu Ignacio d'Andrade com o seu exemplo e affeição, que uma grande parte dos ditos moradores contribuisse com quantias proporcionadas ás suas posses, fazendo por isso entrar no Real Erario um avultado donativo, pelo qual mereceu ser louvado com distincção e preferencia a outros encarregados de uma tal diligencia, como se deprehende do seguinte documento.—« Sempre V. S. ainda em concurso com outros, se distinguiu; mas agora muito mais, por sêr o unico que me dá as mais evidentes provas do acerto com que desempenhou a diligencia de convocar as pessoas opulentas da sua jurisdicção para contribuirem a um subsistente fundo em beneficio do Estado, e dos seus particulares interesses. Pelos meios competentes farei subir á presença do Principe N. Senhor uma acção tão louvavel, na qual V. S. tem tão grande parte.

Deus Guarde a V. S.—Rio, 9 de Maio de 1800.—Conde de Rezende.—Sr. Coronel Ignacio d'Andrade Souto Maior Rendon.

Além dos sobreditos importantes serviços prestados no espaço de 43 annos Ignacio d'Andrade fez outros não menos consideraveis nos Governos do Marquez de Lavradio, Luiz de Vasconcellos, Conde de Rezende, e D. Fernando José de Portugal (depois Marquez de Aguiar), como são:—ter conseguido em todo esse longo tempo por sua vigilancia, prudencia e assiduo trabalho, conservar os povos do vasto districto do seu commando, e das freguezias já mencionadas, em bôa paz e segurança, por meio de acertadas providencias, e até com grandes despezas da sua bolsa, recorrendo geralmente a elle, com especialidade os pobres e as viuvas, em qualquer dos seus vexames, e recebendo prompto remedio e satisfação;—dar inteiro e fiel cumprimento a muitas ordens, que em virtude das supremas determinações do Principe Regente lhe foram distribuidas pelos Vice-Reis sobre objectos de grande importancia, tanto para o augmento da agricultura como para vantagens, assim do Estado, como da Real Corôa; ter sido muito util á Real Fazenda por meio da sua lavoura, não só pelo que respeita a plantações e fabricas de tres engenhos de assucar, como tambem a outros diversos estabelecimentos e plantios que mandou cultivar; descortinando e preparando para este fim um grande terreno de sertão inculto; fazendo com enormes despezas o grande utilissimo serviço de enxugar e reduzir a terras lavradias e para criação de gados uma dilatada porção de pantanaes, ou varzeas apaúladas, entre os rios Guandú, e cinco mais que n'elle desaguam, e isto por meio de extensas vallas e represas, com que conseguiu encanar as aguas pelos sobreditos rios, resultando notavel utilidade publica e da agricultura do paiz, por ficarem todos os moradores estabelecidos, antes e depois, nas visinhanças e cabeceiras d'esses rios, melhorados em sua saude, com a commodidade de navegar e transportar os seus generos por elles, e tambem pelas estradas de suas terras, o que era impraticavel antes d'este beneficio.

Estabelecendo-se em Portugal seu irmão primogenito, o Dr. João Pereira Ramos, formou-se dos bens livres outra casa no Brasil a seu favor, instituindo-se um vinculo e morgado em 23 de Novembro de 1780, para que continuasse aqui a mesma familia; o que assim succedeu casando-se Ignacio

d'Andrade em 30 d'esse mesmo mez e anno com a sua parenta D. Antonia Joaquina Luiza de Attaide Portugal, filha de seu Primo Luiz José Pinto Coelho, Moço Fidalgo e Coronel de Cavallaria na Capitania de Minas, e de D. Antonia Joanna de Miranda Costa; o qual Luiz José Pinto Coelho era filho de Antonio Caetano Pinto Coelho Souto Maior, Moço Fidalgo e Governador da Capitania de N. Senhora de Itanhaem, e de D. Maria Josepha de Azeredo Coutinho, natural do Rio de Janeiro, onde se casáram; neto de Franscisco Pinto Coelho, natural do Concelho de Filgueira, Moço Fidalgo, e de D. Maria de Castro e Silva, filha de D. Pedro Taveira Souto Maior, Fidalgo da Casa Real, e Commendador da Ordem de Christo.

Ignacio d'Andrade Souto Maior Rendon, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, Commendador da Ordem de Christo, Brigadeiro Reformado, Instituidor do vinculo e morgado de Matto Grosso, morreu em 6 de Julho de 1815, e foi sepultado na sua Capella de Marapicú.

Martim Affonso de Souza

«Tanto em armas illustre em toda a parte
Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.»
CAMÕES; LUS. X. 67.

Martim Affonso de Souza, primeiro donatario da Capitania de S. Vicente, no Brazil, foi o primogenito do Alcaide-Mór de Bragança Lopo de Souza, de mui nobre e alta linhagem (1), e de sua mulher D. Brites de Albuquerque. Era ainda moço quando deu uma prova de desinteresse e propensão ás armas. Tendo seu pai feito hospedagem ao Castelhano Gonçalo Fernandes de Cordova, ordenou á sahida d'este grande Capitão, que seu filho, para lhe fazer honra e cortejo, o fôsse acompanhar por algumas

(1) Veja Antonio de Souza Macedo, Flôr de Hespanha, excellencias de Portugal, na Ex. V. c. 7 e a Hist. Geneal. T. 12 pag. 2ª.

jornadas: á despedida, querendo este fidalgo deixar um penhor do seu reconhecimento, o joven Martim Affonso preferiu a um precioso collar de muito mais valia que lhe offerecêra (2), uma espada que toda a vida estimou e usou.

Passou a mocidade na côrte do Duque de Bragança D. Theodosio, e querendo este dar-lhe a Alcaidaria de Bragança, por morte de seu pai, engeitou-a, indo para pagem do Principe D. João; e d'aqui (por certo motivo de pundonor) se ausentou e se foi a Salamanca, d'onde enamorado de uma nobre Castelhana (com quem veio a casar) por nome D. Anna Pimentel, que, como dama, acompanhou a Rainha D. Catharina em 1525, voltou a Lisbôa quando já reinava o seu antigo amo. Talvez esta alliança, junta á estima que tinha do seu primo D. Antonio de Attaide, Conde da Castanheira, e valido de El-Rei (3), e mais que tudo as suas bôas e eminentes qualidades (4), motivaram o ser tratado com grande estimação na côrte d'El-Rei D. João III, que o fez do seu conselho.

Bem sabido é como até estes tempos as cousas do Oriente tinham attrahido todo o cuidado; e a terra por Cabral chamada de Vera-Cruz (5) depois de reconhecida e demarcada, apenas servia de ser frequentada pelos contractadores de pau-brazil (6), o que já a fizera conhecida por Terra do Brazil. Os Castelhanos aportavam alli indevidamente, e para o mesmo fim os Francezes faziam temiveis piratarias e hostilidades.—Foi então que, havida a noticia

(2) Diogo de Couto, Dec. 5, Liv. 10, cap. II e 8.º

(3) El-Rei é o proprio que diz que o Conde tinha cuidado de requerer a favor de M. Affonso.

(4) « Além do valor de Martim Affonso nas armas e conselho na guerra, e aprazivel conversação e outras bôas qualidades, etc. » Barros, D. 4, Liv. 6.º C. M.

(5) Veja a mui curiosa carta de Pero Vaz de Caminha, escripta do Brazil a El-Rei D. Manuel no 1.º de Maio de 1500, impressa na Cor. Bras. T. 1.º, e na Col. Ultr. T. 4.º n. III,, e corre traduzida em Francez. O original, escripto em sete folhas de papel ordinario, conserva-se no R. Arch. Gav. 8.ª M. 2.º n. 8.

(6) « Avehuntur hinc a Lusitanis ligna Brasi alias Verzini et cassiæ » diz o mappa de Ruysch de 1508.

Ainda Camões no seu tempo dizia (X, 140) ser—« co' o pau vermelho nota. »

das explorações de Gaboto e Diogo Garcia, no Rio da Prata, El-Rei D. João III, resolvido a tomar inteira posse d'este, a colonizar a terra, e a fazer respeitar o seu pendão por aquelles mares, aprestou uma armada de cinco velas (7), levando 400 homens, e nomeou Martim Affonso com grandes poderes para commandar no mar e depois em terra.

Partiu na armada de Lisbôa a 3 de Dezembro de 1530, e com prospera navegação foi aportar ás Canarias e Ilhas de Cabo-Verde; e chegado á altura do Cabo de Santo Agostinho, onde foram aprisionadas tres Naus Francezas, entrou em Pernambuco com a sua esquadra, já de oito navios. D'aqui enviou João de Souza a Portugal em uma das naus aprezadas, dar parte do acontecido; fez queimar outra, e mandou Diogo Leite com duas caravelas, a explorar o rio de Maranhão, e tomar d'elle inteira posse.

Proseguindo ao Sul com as naus restantes, chegou a Bahia de Todos os Santos, e encontrando a caravela « Santa Maria do Cabo », persuadido que lhe era necessaria, a tomou e levou na armada, que já constava outra vez de cinco velas. —Entrou no Rio de Janeiro, fez sahir a gente em terra e construir uma casa forte, com cerca em roda, visto que ainda então não havia uma feitoria, onde hoje existem duas cidades florescentes (8). E mandou quatro homens pelo interior,os quaes voltaram d'ahi a dous mezes acompanhados do senhor da terra, a quem Martim Affonso encheu de presentes. Tres mezes completos se demorou aqui a gente, durante os quaes houve tempo de construirem dous bergantins; e refeito de provisões por um anno, para os 400 homens que levava, fez-se de vela no caminho do Sul. Entrando no porto de Cananéa encontrou dentro um Bacharel Portuguez que alli estava degradado desde os principios de 1502, e tambem um tal Francisco de Chaves e meia duzia de Castelhanos. D'aqui enviou a Pero Lobo com 80 homens

---

(7) Capitaina que se perdeu no cabo de Santa Maria—Nau S. Miguel, que voltou e fez varias viagens—Galeão S. Vicente—Caravelas Rosa e Princeza: estas duas ultimas foram para o Maranhão com Diogo Leite.

(8) Rio de Janeiro e Nitheroliy.

d'armas a descobrir pela terra dentro. Tal foi a primeira bandeira (9) que se entranhou pelo sertão do Brazil.

Depois de 44 dias de demora continuou ao Sul, e quando era tanto avante como o cabo de Santa Maria soffreu a armada tal tormenta que, desarvorando-se e desgarrando-se as embarcações, foi naufragar um bergantim perto da Ilha de Santa Catharina, e o Capitão-mór deu á costa com a sua Capitaina na entrada do Rio da Prata, perdendo-se a melhor porção dos mantimentos; porém salvandose com a maior parte da tripulação. A sua armada ficou de novo reduzida a cinco velas.

Aqui o veio soccorrer seu Irmão Pero Lopes, e juntando-se um conselho, foi decidido que o Capitão-mór não fôsse, mas mandasse pelo Rio da Prata acima, afim de o examinar e pôr padrões, do que elle incumbiu a seu Irmão; e depois de reparado se embarcou, sendo talvez n'esta occasião que examinou o rio Mampituba, ainda em muitas cartas designado com o seu nome (10), e foi esperar na pequena ilha das Palmas, ao Norte do Cabo de Santa Maria, pelo dito seu Irmão, que só chegou passados trinta e tantos dias.

D'aqui partiu com a armada para o porto de S. Vicente, onde surgiu a 20 de Janeiro de 1532; e na conformidade das instrucções que levava (11) deu terras, creou officiaes de justiça em duas villas que fez, uma em S. Vicente, e outra pelo sertão, em Piratininga, pouco arredado d'onde hoje está assentada a cidade de S. Paulo. Estas foram as primeiras colonias regulares de Portuguezes no novo mundo (12).

Conhecendo o prejuizo que causava a demora das naus e sua tripulação, assentou em conselho de a enviar a

(9) Dá-se no Brazil o nome de bandeira a um indeterminado numero de homens, que, providos de armas, munições e mantimentos necessarios para sua defesa e subsistencia, entram nas terras possuidas pelos Indios com algum intuito, p. ex., de descobrir minas, reconhecer o paiz, ou castigar hostilidades. Veja-se a Corog. Brazilica e o Dicc. de Moraes.

(10) Vasconc. Noticias antecedentes das cousas do Brazil, etc. «Chama-se assim porque n'elle sahiu em terra o Capitão Martim Affonso.»

(11) Veja pag. 65 do Diario.

(12) Fr. Gaspar, pag. 61 e 63.

Portugal, e a seu irmão encarregou do commando. Emprehendeu então uma jornada a Piratininga onde se achava a 10 de Outubro de 1532 (13). Pouco depois de voltar a S. Vicente, aportou alli com duas caravelas o João de Souza, trazendo resposta d'El-Rei datada de 28 de Setembro do dito anno (14). N'esta carta lhe fazia saber entre outras cousas, que lhe doava cem leguas de costa nos melhores sitios d'aquelle territorio, e lhe declarava que se podia tornar, se lhe parecesse não ser preciso ter lá mais demora. Por esta recommendação se resolveu M. Affonso de voltar a Europa, e se dispoz a fazer de vela na primeira monção de 1533, quando pouco antes da partida, recebeu noticia de haver sido sacrificada aos barbaros Carijós a expedição que da Cananéa mandára pela terra dentro (15).

Chegado a Lisbôa foi nomeado Capitão-mór do mar da India — prova de quanto El-Rei se dera por bem servido d'elle n'esta incumbencia (16). Em quanto não partiu para o novo destino occupou-se da sua Capitania enviando-lhe casaes, plantas e sementes—incluindo a canna de assucar; e celebrando contratos (17) para a factura d'este.

Aos 12 de Março de 1534 sahiu do Tejo com cinco velas, e no fim do anno já estava em Goa. O Governador D. Nuno da Cunha lhe fez entrega da Capitania-mór do mar (18) e lhe deu uma armada de quarenta navios para ir sobre Damão. Esta fortaleza foi entrada e toda destruida.

Achava-se em Chaul (19), quando o celebre e infeliz sultão Badur, arreceiando-se dos Mogores, lhe mandou dizer que codia logar em Diu para levantar uma fortaleza, obra desejada pelos portuguezes, e muito recommendada de

(13) Fr. Gaspar. liv. 1.º n. 112, 113. 114 e 115.

(14) Veja esta carta a pag. 81. Recebeu foral em Outubro de 1534—, a 6, segundo se vê a pag. 130, ou a 7, segundo Fr. Gaspar, pag. 223.

(15) Fr. Gaspar, pag. 85.

(16) Gabriel Soares. Rot. Ger. C. 60, é de parecer contrario; com tudo Couto diz que «o mandou por capitão-mór de uma armada para o Brazil em que o serviu bem.» D. 5. L. X. C. 11.

(17) Fr. Gaspar, pags. 65 e 64.

(18) Barros 1,1,27.

(19) Andrada, Chronica de D. João III, parte 3ª capitulo 3º.

El-Rei. Afim de prevenir as inconstancias do Badur, este grande Capitão (20) se vai logo a Diu d'onde só dá parte ao Governador. Foi o dar esta nova que serviu de pretexto á temeraria viagem do distincto Diogo Botelho Pereira, que se arrostou com o Adamastor em uma pequena fusta, e chegou a Lisbôa a salvamento (21).

O Badur ficou por tal modo affeiçoado a Martim Affonso que o pediu em soccorro, com gente portugueza: e propondo o Governador este pedido em conselho, foi o Capitão-mór o primeiro a sustentar a concessão; e o Badur deveu ao valor e ardil de guerra d'este grande chefe o não ser destruido e preso pelos Mogores (22).

Passou d'aqui a desbaratar os Principes Malabares na Ilha de Repelim, que foi saqueada (23); e havendo destruido e assolado todos os logares maritimos do Samorim, recebeu em Cochim noticia de que o Rei de Cota, vassallo do de Portugal, se achava em aperto. Partiu logo para Ceylão, e sendo a sua presença bastante soccorro, aproveitou as intenções contra a frota auxiliar (24) do Samorim, que foi destroçada depois de um duro combate.

Guardava de novo a costa do Malabar, quando, sahindo (25) de Panane, o seu inimigo Pachi-Marcá (26) o perseguiu até Beadalá onde alcançou tão grande victoria e tantos despojos (27), que armou por esta occasião muitos cavalleiros. Indo-se a Celyão chega a tempo de soccorrer o Rei de Columbo que soube recompensar este auxilio com generosidade (28). Captivou e puniu muitos piratas; e tinha ido de Cananor para Cochim, quando recebendo aviso de Nuno

---

(20) « Um dos maiores do mundo », diz Antonio de Souza de Macedo.

(21) Couto, 5, 1, 2.º; Barros, 1. 6, 14; Castanheda, liv. 8,º cap. 52; Andrada, pag. 3.ª cap. 13 e 14.

(22) Couto, 4, 9, 19; Andrada pag. 3. cap. 11; Barros 4, 6, 16.

(23) Couto, 5, 1, 4.

(24) Couto, 5, 1, 6.

(25) Barros, 5, 1, 6.

(26) Assim escreve Couto, 3, 5, 8.

(27) Andrada, pag. 3, cap. 17 e 48; Barros, 4, 8, 13; Couto, 5, 2, 4 e 5 Com. cap. X. est. 65.

(28) Barros 4, 8, 14; Couto 5, 2, 5.

da Cunha da approximação dos Turcos, se apressou de ir a Gôa. Na occasião que chegou já lá estava o velho D. Garcia de Noronha nomeado Vice-Rei (29), com grande sentimento do valente e infeliz D. Nuno. Martim Affonso vendo que o novo Vice-Rei não atacava nem deferia o seu pedido de ir em seguimento dos Turcos, pediu para voltar ao Reino o que lhe foi concedido (30).

Largou de Cochim na companhia de D. Nuno, e tendo aportado aos Açôres, chegou a Lisbôa, onde foi tão bem recebido de El-Rei, que antes de saber da morte de D. Garcia, logo o destinou para lhe succeder no governo, que demais lhe pertencia pela primeira via de successão; e só depois foi informado da morte do Vice-Rei.

Martim Affonso, nomeado Governador, não se esquecendo da sua capitania, deu varias providencias, e se fez de vela a 7 de Abril de 1541 em uma armada de cinco naus, levando comsigo os primeiros jesuitas, que vieram a Portugal e foram á India, incluindo o Mestre Francisco Xavier.

Depois de alguma demora em Moçambique, largou d'este porto a 15 de Março de 1542 (31); e, tendo recebido visita do Rei de Melinde e feito aguada em Socotorá, ferrou na barra de Gôa a 6 de Maio.

Tomando posse do governo que tinha D. Estevão da Gama, por lhe ter tocado a segunda successão, se embarcou em Outubro para Batecalá, e expugnando esta fortaleza por mar e terra, a fez arrazar (32), depois de soffrer grande resistencia; e exposta ao saque, foi incendiada. Tendo aprestado uma grande armada para ir ao pagode de Tremel, encaminhou-se por más informações ao de Tebilicaré, cuja jornada bem cara lhe custou (33).

Havendo governado tres annos e quatro mezes, entregou o governo em prospero estado (34) ao seu grande

(29) Couto, 5, 3, 9.

(30) Couto, 5, 5, 5.

(31) Lucena, liv. 1.°, cap. 11.

(32) Couto, 5, 9, 1.° e 3°.

(33) Couto, 5, 9, 7°.

(34) Couto, Sold. Prat. cap. 5 e 11. pag. 25 e 49, e Dec. 5, liv. 1°, apitulo 11.

c

successor D. João de Castro, chegado no 1.° de Setembro de 1545; — deixando a armada preparada; pagos quarenta e cinco contos de réis de dividas velhas, a fóra cincoenta mil cruzados em cofre.

Recolheu-se á Europa, e surgiu em Lisbôa a 13 de Junho de 1546, aonde, passados tempos, deu novas provas de sua resolução. Correndo boato de que vinham Turcos saquear as costas do Algarve, Martim Affonso, estando em conselho quando isto se tratou offereceu-se (35) de ir contra elles, no caso que tal se verificasse, o que não teve effeito. A 8 de Março de 1552 se achava em Alcoentre, d'onde n'esta data expediu uma provisão a fim de concorrer para a fabrica da fortaleza da Bertioga (36).

Subindo D. Sebastião ao throno, e antevendo este prudente conselheiro que a tão joven e incauto Rei não deviam de convir conselheiros experimentados, como se verificou, lançou-se de fóra antes que o mandassem (37); e segundo deduzimos do Soldado Pratico (cap. 13) El-Rei veiu a estar "pouco contente d'elle no obrar dos seus negocios."

Retirado da côrte não se esqueceu das terras de S. Vicente, as quaes, pelo contrario "favoreceu de navios e gente, que a ella mandava, e deu ordem com que mercadores poderosos fôssem e mandassem a ella fazer engenhos de assucar e grandes fazendas (38)."

E de todo afastado dos negocios, se occupou de escrever a sua vida, que deixou MS., e que foi vista pelo incansavel Conde da Ericeira, na Bib. do Conde de Vimieiro; — o qual o declara tambem insigne em letras como nos feitos illustres. — Tratou com a melhor gente do seu tempo, incluido o grande Pedro Nunes, a quem propoz questões astronomicas, de que este distincto mathematico Portuguez faz menção no seu tratado em 1537 (39).

---

(35) Orient. Conq. do Taparicano Souza 1.ª, 1.ª n. 3º.

(36) Fr. Gaspar, pag. 225 e 226.

(37 Couto, 5, 10, 11.

(38) Gab. Soares, Rot. Ger., cap. 60.

(39) Veja o Ensaio Historico sobre a origem e progressos das mathematicas em Portugal. por F. B. G. Stockler, Paris 1819: pags. 30 e 130.

Falleceu a 21 de Julho de 1564, e foi sepultado (40) no convento de S. Francisco da Cidade, na capella de Jesus, que edificára.

Foi Commendador de Mascarenhas na ordem de Christo, Alcaide-mór do Rio-Maior, e senhor do Prado e tambem de Alcoentre, onde instituiu um morgado.

Foi nos conselhos docil e prudente, firme na resolução, intrepido na execução, e forte nos revezes: e, para nos expressarmos com Diogo de Couto, foi de grandes pensamentos, e muito determinado. Era bem apessoado, lhano nos gestos, de aspecto agradavel e de aprazivel conversação. Só lhe tem faltado na posteridade, para ser eterno o seu nome e a sua memoria, um Jacintho Freire, ou um Côrte-Real—já que o seu manuscripto não vio a luz.— E quão interessante não seria se apparecesse!

Por F. A. DE VARNHAGEN.

---

(40) veja Fr. Manuel da Esperança, Hist. Seraf. T. 1.° liv. 2.° cap. 22, pag. 243 e um Nobiliario MS. da Bib. Pub. de Lisbôa.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

Extracto das actas das sessões dos mezes de Abril, Maio e Junho de 1843

102ª SESSÃO EM 3 DE ABRIL DE 1843

Presidencia do Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo

Expediente. — Carta do socio correspondente o Sr. Coronel Francisco Manuel Martins Ramos remettendo ao Instituto as Fallas do Presidente da Provincia das Alagôas, e a collecção das leis da Assembléa Legislativa da mesma, nas sessões extraordinaria e ordinaria do anno passado de 1842; e offertando igualmente um Atlas geographico das Provincias do Reino de Portugal e Algarve, visto que, desde a data de seu ultimo officio de 16 de Junho de 1841, nada mais teve que offerecer ao mesmo Instituto, relativo a este imperio, apezar dos desejos que nutre a similhante respeito.

O Sr. Dr. Antonio Maria de Miranda e Castro escreve de Pariz participando haver recebido o seu diploma de Membro correspondente do Instituto, e agradecendo a nomeação.

O Sr. Domingues de Attaide Moncorvo offereceu para a Bibliotheca do Instituto :— Relatorio do Vice-Presidente da Provincia do Rio de Janeiro na abertura da Assembléa Legislativa Provincial em 5 de Março de 1843 :— Lettres de Mr. A. Jollivet, Membre de la Chambre des Députés et Délégué de la Martinique, à Messieurs les Rédacteurs des Débats, du Siècle et du Constitutionnel :— Analyse de

délibérations et avis des Conseils coloniaux et des Conseils spéciaux sur l'abolition de l'esclavage dans les Colonies Françaises, par M. Jollivet.

O Sr. José Silvestre Rebello offertou para o Medalheiro do Instituto, da parte do Socio correspondente o Sr. José Marques Lisbôa, tres moedas de ouro cunhadas pelos Hollandezes no tempo em que occupavam Pernambuco, sendo uma de 1645, e as outras duas de 1646.

Encarregou-se ao Sr. Secretario Perpetuo que da parte do Instituto agradecesse as offertas de que acima se fez menção.

Entrou em discussão, e foi approvada, a seguinte proposta do Socio effectivo o Sr. Coronel José Joaquim Machado de Oliveira:

« Inferindo-se da Noticia Descriptiva da Provincia do Rio-Grande de S. Pedro do Sul, que o seu auctor, o Sr. Nicolau Dreys, ha pouco fallecido n'esta côrte, apromptára uma obra que foi o *resultado* (segundo elle diz) *de vinte annos de observações sobre o Brazil Meridional*, e que destinava para ser impressa na Europa; e sendo bem de presumir que essa obra seja de não vulgar interesse, e por isso digna do Instituto, não só porque póde concorrer para encher um quasi vazio historico, que se experimenta n'esta parte do Imperio, como por ser bem manifesta a capacidade litteraria ao Sr. Dreys, cuja perda é assaz deploravel : proponho que o mesmo Instituto diligenceie pelos meios competentes, e mesmo mediante alguma indemnisação pecuniaria, se fôr exigida, a acquisição d'essa obra no estado em que se achar, e de outro qualquer documento historico que seja relativo ao Brazil; bem como os objectos de Historia Natural, que possam servir para o Museu do Instituto.— *J. J. Machado de Oliveira.* »

Igualmente foi approvado o seguinte programma proposto pelo Socio effectivo o Sr. Alexandre Maria de Mariz Sarmento para ser sorteado como ordem do dia das sessões do Instituto :

« Que usos, costumes, palavras e phrases dos incolas do Brazil andam hoje no tracto commum da sociedade polida dos Brazileiros? »

O mesmo Sr. Mariz Sarmento apresentou os pareceres da commissão de fundos sobre a receita e despeza do Instituto no anno findo em Outubro de 1842, e orçamento da receita e despeza de Novembro de 1842 a Outubro de 1843. — Ficaram sobre a mesa para serem discutidos na proxima sessão.

O 2.° Secretario Perpetuo fez leitura do Discurso abaixo transcripto, que como Orador da Deputação que no dia 25 de Março fôra cumprimentar a S. M. I. recitára perante o mesmo Augusto Soberano:

"Senhor.—O Instituto Historico e Geographico Brazileiro interessado sempre n'aquelles acontecimentos, que marcam na historia da patria épocas memoraveis, vem hoje felicitar a V. M. I. pelo decimo nono anniversario do juramento da Constituição Politica Brazileira, que poz honroso sello á heroica proclamação da nossa Independencia. Pouco fôra, Senhor, o separarmo-nos da metropole, ligando-nos aos interesses dos Estados do novo mundo, se não dessemos por este acto um brilhante testemunho ás Nações de que, modificando a liberdade Americana com as vantagens de uma Monarchia Constitucional, queriamos base solida a todas as nossas prosperidades. Escapos d'esta arte aos remoinhos por que tem passado os estados nossos conterraneos, nós vemos seguro na Constituição do Imperio o Throno de V. M. I., e com elle as esperanças da nossa felicidade e engrandecimento. A Constituição jurada fecha o abysmo das revoluções. Ellas jámais poderão medrar onde principios tão liberaes desarmam espiritos inquietos, que não faltam em todos os Governos. A paz e a justiça, que regem o Governo de V. M. I., serão sempre o escudo da nossa segurança e bem ser: e o Instituto Historico, aproveitando tão gloriosas recordações, que abrilhantam o reinado de V. M. I., fará vêr ao mundo por seus escriptos quanto foi grande, quanto interessante ao Imperio do Brazil, o acto do juramento da Constituição Politica Brazileira; dada pelo seu immortal Fundador, e sustentada vigorosamente pela honra e sabedoria de V. M. I."

S. M. I. respondeu: — "Muito agradeço ao Instituto esta congratulação." — resposta que foi ouvida com satisfação, e com o devido respeito.

O Exm. Sr. Presidente nomeou ao Sr. Manuel de Araujo Porto Alegre, Orador da Deputação encarregada de felicitar a S. M. o Imperador no dia 7 de Abril.

103ª SESSÃO EM 20 DE ABRIL DE 1843

Presidencia do Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo

Expediente. — Carta do Sr. Conselheiro José Paulo Figueirôa Nabuco de Araujo offertando para a Bibliotheca do Instituto os 6 volumes impressos da obra que faz publicar n'esta côrte sob o titulo de—Legislação Brasileira, ou Collecção Chronologica das Leis, Decretos, Resoluções de Consulta, Provisões, etc., do Imperio do Brasil.

Escreve de Lisbôa o Socio correspondente o Sr. Antonio Lopes da Costa Almeida accusando a recepção dos Ns. 14 e 15 da Revista Trimensal com os officios para a Associação Maritima e Colonial, e remettendo ao Instituto o Tom. 1.° da Parte 10.ª do seu *Roteiro Geral*, bem como os numeros 10, 11 e 12 dos Annaes da supradita Associação.

Vota o Instituto que se agradeça as offertas mencionadas, e a seguinte do Sr. Attaide Moncorvo: — Falla que o Presidente da Provincia de Sancta Catharina, o Marechal de Campo Antero José Ferreira de Brito, dirigiu á Assembléa Legislativa da mesma Provincia na abertura da sua sessão ordinaria em o 1.° de março de 1843 : — L'Emancipation Anglaise jugée par ser résultats; par Mr. Jollivet.

Entrou em discussão, e foi unanimemente approvada sem debate, a seguinte proposta do 2.° Secretario :

"Havendo o Instituto estabelecido uma classe de Socios Presidentes honorarios, reservada unicamente aos Principes Brasileiros, ou aos Soberanos e Principes estrangeiros, com os quaes queira ter essa contemplação; e achando-se actualmente n'esta côrte Sua Alteza Real o Senhor Principe de Joinville, o qual tem de esposar brevemente a Serenissima

Princeza a Senhora D. Francisca, estreitando d'est'arte os vinculos que unem as duas Dynastias, e as relações amigaveis já existentes: proponho que se confira ao Senhor Principe de Joinville o titulo de Presidente Honorario do Instituto, e com toda brevidade possivel se mande preparar o respectivo diploma, autorisando-se ao Sr. Thesoureiro a satisfazer a despeza que para isso fôr de mister.—*Manoel Ferreira Lagos.*"

Seguiu-se depois a leitura da Allocução que abaixo vai, recitada pelo Sr. Manuel de Araujo Porto Alegre na qualidade de orador da deputação que no dia 7 de Abril se apresentára no Paço Imperial da cidade para comprimentar a S. M. o Imperador:

"Senhor! — Este dia é um dos mais notaveis da nossa historia, porque marca uma d'essas grandes peripecias do drama continuo da humanidade: o Augusto Protogonista, na abdicação voluntaria que fizera de duas corôas, offuscou a gloria de Carlos V, já pela grandeza de seu animo, já como Apostolo da liberdade nos dous mundos.

« Esse principe heróe, tão grande na fundação do Imperio Brasileiro, maior quando collocou sobre a Augusta Fronte de V. M. I. o unico diadema do mundo novo, e só igual a si mesmo no cumprimento de sua virtuosa missão no velho mundo, fará o assombro da posteridade, quando nossos dias, poetisados pelos seculos, apparecerem puros e isemptos das paixões contemporaneas.

« Horas se passárão, que occuparão annos inteiros aos futuros escriptores: a intimidade dos factos é tão grandiosa que só o espaço dos tempos é capaz de abrangel-a e aprecial-a.

« Os grandes homens, Senhor, são como a cupola de Miguel Angelo, que parece crescer e redobrar na harmonia das fórmas, á proporção que d'ella se alonga o viandante.

« A mente do historiador será mais de uma vez subjugada pelo resultado de factos tão extraordinarios, e seu enthusiasmo converterá em uma epopéa a historia do Senhor D. Pedro I.

« A Deus e a elle devemos o possuir a V. M. I., que n'este dia se constituiu o Palladio sagrado de nossa união,

a esperança de nossa futura grandeza, e a realidade de nossa ventura.

« E' pois por esta augusta idéa pela exaltação ao throno de V. M. I. que o Instituto Historico e Geographico do Brasil vem com o mais profundo acatamento saudar a V. M. I., cujo reinado nos augura o seculo de Augusto. »

S. M. I. respondeu. — Que agradecia com muito particular estima os sentimentos manifestados pelo Instituto.

Entraram em discussão, e foram approvados os dous pareceres da Commissão de Fundos, adiados da sessão antecedente.

104ª SESSÃO EM 4 DE MAIO DE 1843

Presidencia do Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo

Expediente. — Officio do Sr. Conselheiro Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario Perpetuo da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, agradecendo ao Instituto, por ordem da mesma Academia, os ns. 14 e 15 da *Revista Trimensal* que lhe foram enviados, e offertando a 2ª parte do tom. 12 das *Memorias da Academia*, e o discurso lido na sessão publica de 22 de Janeiro ultimo.

Escreve tambem de Lisbôa o socio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, remettendo um complemento á biographia de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, publicada no n. 9 da *Revista Trimensal*; e juntamente o MS. — Relação da acclamação que se fez na Capitania do Rio de Janeiro, do Estado do Brasil, e nas mais do Sul, ao Senhor Rei D. João IV.—

Leu-se depois o seguinte officio :

« Instituto de França. — Academia Real das Bellas-Artes—Paris, 26 de Janeiro de 1843.—Sr.—Tive a honra de receber o diploma de membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, que tivestes a bondade

de me enviar, e accusando a sua recepção, vos rogo de aceitar meus sinceros agradecimentos. Conheço perfeitamente quanto se deve esperar, para o progresso das sciencias historicas e geographicas, dos trabalhos d'essa Sociedade Brasileira, a quem anima o espirito da civilização europea, applicada a um mundo novo; e eu me honro de lhe pertencer por um titulo que se póde tornar mais um vinculo entre esse paiz e minha patria. Tambem não deixarei de aproveitar todas as occasiões que porventura se offerecerem, afim de cultivar com essa sociedade,á qual devo a honra de me ter admittido em seu seio, relações que procurarei tornar não só de utilidade para ella, como vantajosas para o Instituto de França, junto do qual me considero desde este momento como o interprete de todas as communicações que lhe fôrem dirigidas pelo Instituto do Brasil, e espero vos digneis levar ao seu conhecimento esta minha intenção, e os sentimentos de que me acho possuido.

« Igualmente vos rogo, Sr., de offerecer em meu nome ao Instituto do Brazil o exemplar junto de uma de minhas obras, como primeiro tributo dos sentimentos que lhe consagro: e se não fôsse abusar de vossa bondade, desejaria outro sim dever-vos o obsequio de apresentar essa obra a Sua Magestade o Imperador do Brasil, como exigua homenagem de meu respeito, e, se me é licito dizel-o, como humilde testemunho das esperanças que as Lettras e as Artes fundam sobre um reinado que abre para o Brasil uma nova éra de poder e de prosperidade. A França, cujas Artes já têm estendido, sobre este solo ainda virgem, tão profundas raizes, e produzido fructos que promettem para o futuro tão abundante colheita, acha-se mais interessada que qualquer outra nação da Europa nos progressos da civilização Brasileira; e a mim, na qualidade de Francez, e Membro correspondente do Instituto, tambem me é permittido associar-me por este duplo titulo.

« Dignai-vos, Sr., aceitar as expressões de minha alta consideração, e os protestos de meus sinceros sentimentos. —Ao Sr. Conego J. da C. Barbosa, Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.—RAOUL ROCHETTE, Secretario Perpetuo da Academia Real das Bellas Artes, Membro da Academia das Inscripções e Bellas

Lettras, Conservador e Administrador da Bibliotheca Real, etc., etc. »

Determinando o Instituto que se agradeça ao Sr. Raoul Rochette a sua preciosa dadiva, fazendo-lhe sciente que de ha muito anhelava o Instituto do Brasil entrar em correspondencia com o Instituto de França, pois bem conhece o grande proveito que lhe resultará de entreter fraternaes e não interrompidas relações com tão sabia e acreditada Sociedade, á qual se offerece a prestar de bom grado todos os serviços que estiverem ao seu alcance, remettendo-lhe desde já, para a sua Bibliotheca, uma collecção completa de todos os escriptos que tem publicado até hoje, e promettendo não descuidar-se de enviar-lhe regularmente a continuação, etc.

Tambem foi offertado, e recebido com especial agrado pelo Sr. Commendador José de Oliveira Barbosa o MS—*Noticias respectivas á Capitania de S. Paulo, das suas Cidades e Villas, dos seus Bispos e Generaes; por F. de Oliveira Barboza:* pelo Sr. Conego J. da C. Barbosa—*O Tombo, e cópia fiel da medição e demarcação da Fazenda Nacional de Santa Cruz, segundo foi havida e possuida pelos Padres da Companhia de Jesus, por cuja extincção passou á Nação*: pelo socio correspondente o Sr. H. Ternaux Compans a sua obra—*Notice historique sur la Guyane Française;* Paris, 1843, 1 vol.: e pelo Socio correspondente o Sr. Conde Jacob Graberg de Hemso a sua Memoria intitulada—*Degli ultimi progressi della Geografia;* Milão, 1842.

O Socio correspondente o Sr. Dr. Sigaud offereceu para o Medalheiro do Instituto uma collecção de 55 medalhas antigas Romanas, e moedas de França, e juntamente 5 *assignats* da Republica Franceza: e o Sr. Commendador J. de Oliveira Barbosa offertou 21 moedas de cobre pertencentes a diversos tempos.

O Socio effectivo o Sr. Coronel J. J. Machado de Oliveira fez presente ao Instituto de 100 exemplares impressos do seu—Juizo sobre as obras intituladas *Corographia Paraense, ou Descripção Physica, Historica e Politica da Provincia do Gran-Pará,* por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva; e *Ensaio Corographico sobre a Provincia do Pará,* por Antonio Ladislau Monteiro Baena.—Agradecimentos.

Foi approvado Membro honorario o Exm. Sr. Barão Emilio de Langsdorff, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de S. M. o Rei dos Francezes junto a esta Côrte.

Entrou tambem em discussão, e foi approvado, na fórma prescripta pelos Estatutos, um parecer da Commissão de Geographia acerca da admissão de tres Membros correspondentes para a respectiva classe.

105ª SESSÃO EM 1º DE JUNHO DE 1843.

Presidencia do Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo.

Expediente. — Carta do Sr. Cavalleiro J. L. de St. Georges, Encarregado de Negocios de S. M. o Rei dos Francezes, accusando o recebimento do diploma de Membro correspondente do Instituto, e agradecendo a nomeação.

Carta do Sr. S. Dutot, Membro da Sociedade de Geographia de Paris, offerecendo ao Instituto os seus serviços, e remettendo-lhe a sua obra intitulada —*De l'expatriation, considérée sous ses rapports économiques, politiques et moraux*; 2e édition, Paris, 1840, 1 vol. in-8.º

Foi tambem doado para a Bibliotheca do Instituto, pelo Sr. Dr. P. Namur, Conservador da Bibliotheca Real de Bruxellas, as seguintes obras, producção de sua penna: 1º, *Projet d'un nouveau système bibliographique des connaissances humaines*; Bruxelles, 1839; 2º, *Manuel du Bibliothécaire, acompagné de notes critiques, historiques et litteraires*; Bruxelles, 1834, 1 vol. in-8.º; 3º, *Histoire des Bibliothéques publiques de la Belgique*; Bruxelles, 1840-1842, 3 vol. in-8.º:—pelo Sr. Dr. J. P. Hœbeke as suas obras: 1º, *Mémoires et observations pratiques de Chirurgie et d'Obstétricie*, 1840; 2º, *Essai sur les hydropisies des organes de la génération chez la femme*, 1840; 3º, *Considerations sur la rétention du placenta après l'accouchement*, 1841; 4º, *Traité des maladies des enfants jusqu' à la puberté*, 1841; 5º, *Traité de l'avortement*, 1842. Pelo Sr.

Gaspar José Lisboa, Ministro Residente do Brazil nos Estados-Unidos d'America—*American antiquities and researches into the origin and history of the red race*, by Alexander W. Bradford; New-York, 1841, 1 vol. in-8.°—*Incidents of travel in central America, Chiapas, and Yucatan*, by John L. Stephens; New-York, 1842, 2 vol. in-8°. Pelo Sr. José Domingues de Attaide Moncorvo a collecção completa dos Relatorios apresentados á Assembléa Geral Legislativa na 2ª Sessão da 5ª Legislatura pelos Exms. Srs. Ministros e Secretarios de Estado. Pelo Sr. José Lino de Moura—*Apontamentos sobre o systema monetario e resgate do cobre*, escriptos pelo Brigadeiro Francisco Cordeiro da Silva Torres; com um Appendice sobre o credito publico, e remedio ás queixas do Brazil; Rio de Janeiro, 1843. Por um anonymo—*Tableau des monnaies des principales villes du monde évalués en monnaie de France;* Bruxelles, 1840.

O Sr. 1° Secretario Perpetuo pede a palavra, e faz ao Instituto a seguinte communicação:

« No dia 30 de Maio, pelas 5 horas e meia da tarde, em uma das salas do Paço Imperial da cidade, apresentou-se á S. A. R. o Senhor Principe de Joinville a Deputação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, composta de 30 Membros, e presidida pelo Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo, offerecendo ao mencionado Principe o Diploma de Presidente Honorario, a cuja categoria fôra elevado em sessão de 20 de Abril do corrente anno. E n'essa occasião o Exm. Sr. Presidente do Instituto, e tambem da Deputação, pronunciou em Francez o seguinte discurso:

« Senhor.—O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, do qual Sua Magestade o Imperador é Immediato Protector, ambicionando a gloria de accrescentar o Nome de Vossa Alteza Real aos de outros Principes, que já o ennobrecem como seus Membros, envia-nos em Deputação para offerecer á Vossa Alteza Real o Diploma de seu Presidente Honorario.

« Dignai-vos, Senhor, acolher benigno este testemunho dos sentimentos de profundo respeito, que nos impõe o merito pessoal de Vossa Alteza Real unido ao esplendor de seu nascimento. »

« S. A. R., depois de ouvir com attenção o discurso supra, e de receber o Diploma que lhe foi offerecido, respondeu com toda a urbanidade, expressando-se da seguinte maneira:

« Amante das lettras, e sensivel á offerta que me fazeis em nome de uma Sociedade tão sabia, e tão util ao Brasil e ao mundo, como é o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, eu vos agradeço mais este testemunho de consideração que acabais de dar-me. Associado ao Instituto do Brasil, eu me vejo ligado aos interesses d'este paiz por mais de um laço, de que saberei sempre recordar-me. Presarei por tanto o titulo de Presidente Honorario de tão recommendavel Associação, fundada debaixo da immediata Protecção de Sua Magestade o Imperador do Brasil, meu Augusto Cunhado, e sustentada pelos trabalhos dos mais distinctos litteratos d'este Imperio, d'onde me retiro cheio de saudades, e de repetidas provas da mais alta consideração e amizade. »

O Instituto, depois de ouvir com inexprimivel prazer a communicação do Sr. Secretario Perpetuo, e a honrosa resposta de S. A. R. o Senhor Principe de Joinville, unanimemente votou que se escrevesse aos Srs. Major Joaquim Candido Guillobel, e Manuel de Araujo Porto Alegre, tributando-lhes os devidos agradecimentos pela maneira graciosa e delicada com que se prestaram para a promptificação do Diploma offerecido á S. A. R.

Foi approvado um membro correspondente para a secção historica e propostos dous para a secção geographica.

106ª SESSÃO EM 23 DE JUNHO DE 1843.

Presidencia do Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo.

Começa o expediente pela leitura do seguinte officio:

« Illm. Sr.—Tendo-se installado n'esta côrte uma associação sob o titulo de—Conservatorio Dramatico Brasileiro—para os fins que constam dos artigos organicos

approvados por Sua Magestade o Imperador, resolveu o conselho do Conservatorio, que da sua installação e effectivo exercicio se fizesse communicação ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pedindo-se ao mesmo tempo a coadjuvação d'esta illustre Corporação para os intentos a que ella se propõe, a saber: melhorar a scena Brasileira, excitar o talento dos nossos conterraneos para as composições dramaticas. Cumprindo pois esta resolução tive ordem outrosim para enviar a V. S. os exemplares inclusos dos referidos artigos, afim de serem distribuidos pelos respeitaveis membros do Conselho do Instituto, a cujo conhecimento terá V. S. a bondade de levar o presente officio.

« Deus Guarde a V. S. Sala das sessões do Conservatorio Dramatico, 30 de Maio de 1843.—Illm. Sr. Conego Januario da Cunha Barboza, 1° Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.—*José Rufino Rodrigues Vasconcellos*, 1° Secretario do Conservatorio Dramatico.

O Sr. Joaquim Maria Martins da Camara escreve ao Instituto offertando-lhe um exemplar da sua Memoria ultimamente publicada n'esta côrte com o titulo de—*Lucubrações philosophicas sobre o saber dos antigos, dirigidas aos astronomos, physicos e theologos.*

Escreve tambem o Sr. Coronel D. José Agostinho Fort remettendo a sua Memoria—*Instrucção para o cultivo das amoreiras, e criação dos bichos da seda no Brazil.*

Officio do Sr. Dr. José Joaquim de Moraes Sàrmento, Secretario Perpetuo da Sociedade de Medicina de Pernambuco, enviando, de ordem da mesma Sociedade, os numeros de seu periodico publicados até hoje.

Carta do Sr. Conego Joaquim José da Silva Sardinha offertando ao Instituto a Oração funebre que recitára nas solemnes Exequias do Exm. e Revm. Sr. D. Marcos Antonio de Souza, celebradas na Igreja cathedral de Nossa Senhora da Victoria do Maranhão.

Carta do Socio correspondente o Sr. Padre Antonio Bernardo da Encarnação respondendo a um officio que lhe foi dirigido pelo Instituto recommendando-lhe a acquisição dos manuscriptos que, segundo consta, deixára o fallecido Bispo do Maranhão o Sr. D. Marcos Antonio de Souza; e

noticiando que já se entendêra a tal respeito com o Revm. Sr. Arcipreste da Cathedral, actualmente Vigario Capitular do Bispado, a quem o finado Sr. D. Marcos constituira testamenteiro e depositario de todos os seus papeis, para que procedendo-se a um minucioso exame se descubra o que existir, cuja publicidade possa interessar ao Instituto e ás lettras. « Em vida disse-me o Sr. D. Marcos, continúa o nosso consocio, que acerca da Bahia varios escriptos tinha, e que tencionava offertal-os ao Instituto, por cujo motivo serei cuidadoso na pesquisa dos mesmos, e se tiver a bôa fortuna de obter alguns, apressar-me-hei em participal-o ao Instituto, que em mim encontrará sempre decidida vontade para cumprir suas determinações. »

Officio do Exm. Sr. Desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Presidente da Provincia do Pará, remettendo para o Museu do Instituto, como uma prova do estado de industria dos Indios habitantes de Cametá, tres jarros, tres bacias, e um alguidàr de louça pintada e dourada.

O Exm. Sr. Conselheiro Paulo Barbosa da Silva remette uma Disertação sobre o seguinte programma:—*Como se deve escrever a historia do Brazil?* escripta em Allemão, e offerecida ao Instituto pelo seu Membro honorario o Sr. Dr. Carlos Frederico de Martius; acompanhada de uma—*Bibliotheca Brazileira, ou catalogo das obras pertencentes á historia do Brazil.*

Ordenou-se ao Sr. Secretario Perpetuo que agradecesse todas as offertas acima apontadas, e a seguinte do Sr. Commendador Moncorvo:—*Falla recitada pelo Exm. Sr. Visconde da Parnahiba, Presidente da Provincia do Piauhy, na occasião da abertura da Assembléa Legislativa Provincial, em* 4 *de Outubro de* 1842—e o—*Orçamento da receita e despeza do Imperio para o exercicio de* 1844-1845.

O Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo offerece ao Instituto, da parte do auctor,3 exemplares da *Carta corographica das Provincias das Alagôas, Pernambuco, Parahyba, Rio-Grande do Norte, e Ceará, arranjada sobre os trabalhos existentes, reconhecimentos e mais exames, feitos desde* 1819, pelo Coronel d'Engenheiros Conrado Jacob de Niemeyer.—1843.

O mesmo Exm. Visconde declara ao Instituto haver-lhe communicado o Sr. Coronel Conrado achar-se occupado presentemente na confecção de uma Carta geral do Imperio, que tenciona offerecer ao mesmo Instituto: solicitando-o igualmente que se digne franquear-lhe os mappas que possue acerca do Brasil, afim de consultal-os e d'est'arte dar maior cunho de exactidão a seu trabalho.

Resolve o Instituto que se agradeça ao Sr. Coronel Conrado a sua offerta, remettendo-lhe uma relação de todos os mappas que possue, para o mesmo senhor escolher e consultar os que lhe parecerem necessarios para o bom desempenho da obra que traz entre mãos.—MANOEL FERREIRA LAGOS, 2º *Secretario Perpetuo*.

PROJECTO DE ESTRADA

DA CIDADE DA BAHIA PARA A DO RIO DE JANEIRO, POR TERRA—(1815).

Tirada uma linha recta da Cidade da Bahia até á do Rio de Janeiro, consta ter, de uma cidade á outra, 196 leguas e meia, das de 18 ao gráo; que são as mesmas de que se usa no mappa do terreno que occupa esta viagem por terra, como se mostra.

Esta linha, cortando recta, levada da Cidade da Bahia, entra pelo mar e vai ter ás praias da Memuham, porto da villa dos Ilheos, incluindo n'esta distancia .... 32 leguas.

D'este logar das praias da Memuham, vai cortando a dita linha terra firme pelos sitios da villa dos Ilheos, Commandatuba, Poxy, e Camacans, junto á villa de Belmonte, no Rio Grande, incluindo n'esta distancia............ 24 »

D'este sitio de Camacans, junto á villa de Belmonte, vai cortando por terras desertas até o logar distante uma legua e meia do arraial de

S. Manoel do Caethé, de Indios domesticos subjeitos á Capitania de Minas Geraes da Villa Rica, incluindo n'esta distancia.................. 79 leguas

D'este logar, do Caethé, seguindo a mesma linha, vai ter a outro logar, distante uma legua e meia do arraial de Sant'Anna do Alve Campo, tambem de Indios domesticos, subjeitos á mesma Capitania de Minas Geraes de Villa Rica, incluíndo n'esta distancia...................... 12 »

E ainda mais até encontrar o Ribeirão d'este districto do Alve Campo, que é povoado..... 10 »

Do dito Ribeirão corta esta linha até a Cidade do Rio de Janeiro, incluindo a distancia.................................. 39 »

Que ao total somma a conta de............ 196 »

que vão da Cidade da Bahia até á Cidade do Rio de Janeiro por linha recta.

Os obstaculos que encontra esta linha recta são os seguintes:

Primeiro obstaculo é que, da Cidade da Bahia até ás praias da Memuham, perto da villa dos Ilheos, passa esta linha pelo mar, por cuja causa se ha de curvar a dita linha para a parte do Poente e costa das povoações de terra firme; sendo assim, por força se augmentam mais as leguas, e faz maior distancia na viagem pretendida.

Segundo obstaculo é que, continuando a seguir a mesma linha recta, desde as praias da Memuham, perto da villa dos Ilheos, até á Aldêa de Camacans, junto á villa de Belmonte no Rio Grande, vai-se sempre por povoados da costa do mar; porém, atravessando esta linha o dito Rio Grande, além de quatro nações de Gentios barbaros, como são Guerens, Manaxans, Pataxós, e Tupinambás, todos confederados uns com os outros, que ficam n'este rumo, se encontra adiante com uma lagôa, grandes e muitos brejaes e tremedaes, ou pantanos; que por força se ha de curvar esta linha para a parte do Nascente, procurando as serras das Maitaracas, pelo alto ou fralda d'ellas, a procurar as cabeceiras do rio Itanhem e rio das Caravellas; por cuja causa se

augmentam mais as leguas, e faz maior distancia na viagem pretendida.

Terceiro obstaculo é que, depois de passar as difficuldades de serras e rios, que se podem encontrar n'estes desertos, e grande numero de Gentios barbaros, se encontra os povoados dos districtos de Caethé e Alve Campo; porém, passados estes povoados, se encontram os obstaculos das grandes serras—da Mantiqueira, e dos Orgãos até parar esta dita linha na enseada da Cidade do Rio de Janeiro.

Resumo das leguas que contém a somma dos tres caminhos que vão da Cidade da Bahia até á do Rio de Janeiro, segundo a estimação dos Veteranos que têm feito jornadas pelas ditas estradas, ou caminhos, além das do calculo da linha recta tirada da Cidade da Bahia até á do Rio de Janeiro

Leguas da linha recta.................	196 1/2
Ditas da estrada que segue pelos sertões e minas	346 3/4
Ditas pelo caminho da costa do mar..........	279

Para se evitarem estes calculos se póde fazer outra estrada por caminhos já trilhados, e que não precisa senão de tres pequenas aberturas de caminho novo, e vem a ser: da Bahia ir ter a Jagoaripe, e d'aqui a Jequeriçá, e depois seguir o caminho que fez o Capitão-mór João Gonçalves da Costa, e segue pela beira do rio Jequeriçá, e junto dos Maracazes, voltar á esquerda pelo caminho que vai cortar o rio Camamú e o rio de Contas, e sahe no arraial das Salinas e segue pela rascada e fazendas das Queimadas e Arraial de S. João, e depois d'esta volta á fazenda da Canabrava que é do Conde da Ponte, e segue pela fazenda do Pega, do Sucuriú até Setuval. De Setuval é necessario fazer a primeira abertura até o sitio do Ganhan; d'este outra até o de Caethé, e d'este ha caminho até o de Sant'Anna e S. Manoel; e d'este é necessaria a terceira abertura até o arraial da Parahybuna que já fica na estrada da Rio de Janeiro.

Este mesmo caminho se póde seguir indo pela Caxoeira, seguindo de lá a primeira dita estrada até o Curralinho, e

ahi voltar a esquerda pelo caminho que vai cortar o rio Jequeriçá, e depois seguir o caminho na fórma acima dita. Tudo isto mostra o mappa, e tambem mostra como a viagem se póde abreviar, por caminhos já feitos, e seguidos, em quanto se não fizer as ditas tres aberturas. Fazendo-se as ditas tres aberturas, para facilitar a viagem se deve mandar fazer um arraial, ou ao menos uma fazenda no meio de cada uma; porque fazer caminhos sem primeiro fazer povoações, é obrar na razão inversa do que devido é, e pede a commodidade dos passageiros.

REVISTA TRIMENSAL
DE
HISTORIA E GEOGRAPHIA
OU
JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

N.º 19. OUTUBRO DE 1843.

OBSERVAÇÕES
OU
NOTAS ILLUSTRATIVAS
DOS PRIMEIROS TRES CAPITULOS DA PARTE SEGUNDA DO THESOURO DESCOBERTO NO RIO AMAZONAS

(Escriptas e offerecidas ao Instituto pelo seu socio o Sr. Tenente Coronel Antonio Ladislau Monteiro Baena).

—

Nota preliminar que serve de prologo

Tinhamos lido em 1820, na bibliotheca publica do Rio de Janeiro, a obra manuscripta, intitulada—*Thesouro descoberto no maximo rio Amazonas*, do padre da Companhia João Daniel, que fôra missionario de uma das tres aldêas Itacuruçá, Pirauiri, e Aricari do Rio Xingú, pertencentes á administração espiritual dos Jesuitas: e então dissemos ao padre Damaso, da Congregação do Oratorio, empregado na direcção da mesma livraria, que este manuscripto devia ser impresso para que se não perdesse, pois a tinta já em partes começava a damnificar o papel; mas que a impressão devia ser acompanhada de observações, que corrigissem algumas incorrecções, em que o auctor havia resvalado ácerca de certos assumptos, os quaes, sem

as lembradas observações, constituiam uma lição inexactamente conforme á verdade. E como n'este momento vemos que na *Revista Trimensal* n. 7 do Instituto Historico e Geographico Brasileiro se apresentam os tres primeiros capitulos da parte 2ª da referida obra desacompanhados da necessaria illustração, resolvemo-nos a fazer as presentes observações, ou notas illustrativas, para que fique completa a noticia que aquelle regular dá ao leitor, dizendo-lhe na pagina 328, linh. 23—*só daremos alguma summaria noticia em confuso, quanto só baste para formar algum conceito*—,e não advertindo que noticias summarias, dadas, como elle enuncia, em confuso, pouca instrucção podem ministrar.

Cumpre-nos todavia proferir que, bem longe de censurarmos que o mesmo Jesuita não désse a toda a sua obra aquelle gráu de credibilidade, que tanto interessava á sua pessoal reputação, pelo contrario só tratámos de rectificar os desvios, a que elle fôra levado em algumas cousas, por obliteração de memoria, lembrando-nos de que elle, escrevendo-a durante o seu encerramento nos carceres da fortaleza de S. Julião em Lisboa, e de que faltando-lhe apontamentos feitos no momento das suas observações no Pará, em que fundasse as suas narrações, é provavel que isto fôsse a causa que o tivesse conduzido a misturar involuntariamente, em tantos e tão diversos objectos d'esta sua composição, as confusões da sua mal segura reminiscencia. Tivemos, pois, na escriptura d'estas notas o mesmo puro fim que endereçou a penna do circumspecto e illustrado Diogo de Toledo Lara Ordonhes, nas annotações que fez á *Carta Latina*, que o douto e virtuoso Padre José de Anchieta escreveu ao seu Prelado nos ultimos dias de Maio de 1560, da Provincia de S. Vicente, hoje de S. Paulo. Igualmente advertimos que tudo quanto expressamos n'este nosso escripto, além do que é privativo aos indios do Pará, não é com o fim de explicar cousas sabidas de todo o homem polido pela cultura litteraria, é sim com o intuito de supprir a precisa attenção, que o Padre não deu a certas materias.

NOTA [illegible]

«Sobre a pag. 32[illegible], lin. 13, na qual se diz—segue-se já o darmos tambem alguma noticia dos indios seus habitadores, da sua lei, vida, policia e costumes.»

E' assás improprio este modo de expressar. Como podia o auctor referir leis e policia de uma qualquer congerie de indios serris do Pará, se elles vegetam em uma sociedade imperfeitissima; se faltam todos os vinculos ás familias, e até nas de alguns Sylvicolas a polygamia introduz a confusão e a desordem, porque não é, como a polygamia Asiana, regulada por lei alguma, que previna em grande parte as suas perniciosas consequencias; se não tem fórma alguma de Governo e de Altar; se nenhumas leis os ligam, e o que a este respeito entre elles ha, são umas determinações oraes e momentaneas, conforme o exige a conservação da ordem labrusca em que vivem?

Os costumes ou modos de proceder são geraes, e só se differençam em algumas circumstancias em certas Tribus, que o Padre não mencionou, e que são as dos Muras, Tumbiras, Apinagés, Payabas e Timbiras, que pirateam a seu salvo, e vivem de fructas boscarejas, e do que caçam e pescam: as dos Jurunas, Mondrucús, Jumas, e Collinos, que roubam e matam, estribados os primeiros na sua valentia, e os dous ultimos em serem levissimos na carreira, e com especialidade os Collinos, que, além d'isso, são irreductiveis á civilisação: as dos Tabocas, Cumacumans, Adoriás, Mamengas, Cayuvicenas, Parianas, Yucunas, Passés, Xomanas, Juris, que são agricultores imperfeitos, e d'estes os quatro primeiros são melancolicos e desconfiados, e por isso cultivam pequenos terrenos em logares reconditos, que abandonam depois da colheita; os Cayuvicenas e Parianas são dextrissimos na pesca e caça; os Yucunas comem a tapioca, e não a mandioca, não se conjungem indiscriminadamente com as mulheres, punem os ultrages conjugaes, e agrada-lhes o repudio; os Xumanas julgam que a residencia da alma é nos ossos, e persuadidos d'isto, queimão os dos defuntos, e bebem as cinzas infundidas no seu vinho: as dos Fecunas, que são indolentissimos e todavia os unicos que preparam os passaros mortos a tiro

de zarabatana, em cuja preparação algum tanto prejudicam as pennas na sua côr e fórma natural, e por isto estes exemplares zoologicos não são cabalmente estimaveis: as dos Manáos, Cocvanas, Jumas, Aruaquis, Parauanas, Uaranacuacenas, Cacatapuyas, Marauais, Mayurunas, Jacarétapyás, Sapopés, Cauaxis, Uacaraúás, Uerequenas e Miranhas, que são antropophagos e dados a empeçonhamentos, tendo os penultimos de mais a semelhança com os Guipós dos antigos Peruenses na arte de exprimir os seus pensamentos por signaes de cordões e laçadas, e tendo o uso de alguns nomes parecidos com nomes proprios do idioma hebraico: as dos Maués, que são de peito fingido e ferinos: as dos Macús, que são vagos e roubadores, e buscam alimento na caça e pesca: as dos Uaupés, que usam de distincções de dignidade nobiliaria por meio de uma pedra cilindrica, alva e lisa, permeada de um cordão de Tucum, e pendente do collo, cuja grandura decresce do Tuxaua ou principal para os seus subditos, segundo os que entre elles realçam mais ou menos por nobreza: assemelham-se na usança especial d'esta insignia a certa gente quasi como Bramenes, que na cidade de Bisnagá na India Oriental trazem pendurada ao pescoço uma pedra chamada tambarane: os mesmos Uaupés são curiosos em obras de pennas, como sceptros, carapuças, cangatás, e dextros em fazer empennar as araras e papagaios de vistosas pennas, despegando as que têm, e applicando nas suas matrizes uma especie de resina de côr parda, que varios sapos têm no dorso e debaixo dos braços; e finalmente as dos Cambebas, que acreditam no poder dos feiticeiros e observam agouros, e que foram os primeiros na fabrica da gomma elastica, e são os unicos que não se servem de arcos para desferir as frechas, empregam n'isso uma palheta semelhante á de que usavam em Cusco as tropas de Atabalipa, e que lavram vestes do feitio de tunicas sem mangas, de algodão plantado e fiado pelas mulheres, as quaes tambem fabricam umas como pequenas cobertas de côres variadas, a que chamam tapeciranas.

A' excepção dos Mapuris, Uaupés, Aruaquis, Tocanos, Apinagés, Timanaras, Catauixis, Piriatis, Yupiuás, Mauayás, Araruás, todos os outros Sylvicolas deformam

mais ou menos as suas feições, empregnando tintas escuras ou vermelhas na epiderme, que rasgam com espinhos rijos no rosto e peito. As malhas brancas diversamente figuradas, que mostram os Catauuxis nos pés, nas mãos, no pescoço e no semblante, são nativas e inherentes á sua geração e até contagiosas : os mais têm as extremidades das orelhas furadas e adereçadas de pennas de tucano ou de resina de jutahi, ou de pedacinhos roliços de páu e de pedra. Os que menos transmutam o seu exterior são os Tecunas, Içás, Passés, Payabas, Apinagés, Pariquis ; estes ultimos fazem um circulo de pollegada e meia de largura sobre a tez das pernas por meio de uma precinta ; os Apinagés perfuram as orelhas e o beiço inferior, que ornam com arruellas de pau, e extirpam as pestanas e as sobrancelhas ; os Tecunas operam um risco preto e estreito, do nariz para as orelhas, e todos os mais enfuscam a boca.

Quanto a Religião nenhuma cultivam. Parece que os Sylvicolas não têm nem entendem em nenhuma crença, e que é commum a todos elles a ignorancia, o boto engenho, e a incapacidade absoluta de conceber um ente espiritual : elles não sabem contemplar o espectaculo encantador da natureza, e por isso não podem celebrar os beneficios da Providencia : a intelligencia n'estes homens é mui circumscripta, e chega a não dar signal algum de si em certas castas, como, por exemplo, a dos Albinos do isthmo de Darien. E' ao clima, isto é, ao excesso dos calores de um clima ardente, que se póde attribuir tanta estupidez : em summa, o orgam intellectual em todos os Indios é pouco desenvolvido, menos nos Cambebas, que são mais racionaes, e que por isso não verificam a opinião dos autores do Diccionario das Sciencias Medicas, os quaes, no tomo 32 pag. 138, julgam n'estes selvagens uma habitação original, por elles deprimirem artificialmente a fronte : já hoje esta cabilda não opera esta depressão do craneo, sómente assenta a proeminencia da testa. Vê-se nos Purús o uso de uma grandissima abstinencia das carnes, da qual se não descartam, ainda quando experimentam desconcerto na saude ; nos Tecunas a crença de que passam as almas a animar e vivificar outros corpos, não exceptos os de todos os outros animaes ; a pratica de talhar no sexo masculino o prepucio,

e no feminino uma particula glandosa do orificio da vulva, cuja operação é feita pelas mulheres e acompanhada, não de alguma idéa de baptismo, que inteiramente não têm, mas de significações de regosijo diante da imagem do Diabo; e a veneração de figuras hediondas de torpes vultos, no que se parecem com alguns povos da Asia, da Africa, e damesma America, onde uma imaginação desregrada se accende com o extravagante e terrivel apparato de insondaveis e tenebrosos hieroglificos: nos Manaós a admissão de dous principios do bem e do mal, dando ao primeiro o nome de Mauari, e ao segundo o de Saraua: e nos Passés a noção de um ser que tem o regimento do mundo, e de que as almas dos bons duram com elle, e as dos máus são entes malfazejos que vagueam pela terra.

Mas, tanto n'estes como em os mais Sylvicolas, a idéa do Ente Eterno não passa além da simples prolação do vocabulo— Tupana—, identico com o de que se servem os philosophos orientaes e os sacerdotes de Bramá e Wisnou para chamar áquelle que tem o predicado de ser uno e unico infinito, e falta tudo quanto externamente póde indicar algum conhecimento da sua dependencia do supremo ser que revolve o Céo, governa a gente humana, e por consequencia alguma veneração e temor da alta e Divina Eternidade. Não é assim com a palavra— Jurupari— com que denominam o demonio, ou com o termo— Hóhó— que os Tecunas dão ao mesmo archinimigo do genero humano: não se circumscrevem a chamal-o pelos indicados nomes; tambem não só lhe assumem o nome, mas ainda, a exemplo do Principal dos antigos Tabajarés, lhe adunam o cognome de grande: inventam-lhe medonhos symbolos; acreditam na possibilidade de entreter commercio com elle; respeitam-o, temem-o; é o seu idolo, cujo culto em nada se parece com a idolatria descripta por Vossio, nem ao menos lhe queimam uma só madeira das odoriferas; festejam-o com dansas horriveis em casa propria, cujo sitio denominam — Juruparipuraceitaua— que quer dizer— logar das dansas do diabo,— e tratam de o propiciar, porque o julgam estorvador de todas as suas vontades, até da sua navegação, na qual, quando encontram alguma correnteza impetuosa, que os obriga a canjar com extrema difficuldade,

dizem que é o diabo que os está retrotrahindo, e exprimem este pensamento pelo termo— Jurupari-pindá— que significa— anzol do diabo. Dão ao mesmo diabo o nome de —Curupira — quando, debaixo da fórma de um Tapuya pequeno de pés preposteros, os quer extraviar na espessura: e para illudir este intento elles andando deitam para traz de si, a espaços, rodinhas de cipó inextricaveis.

Nas ditas festas e dansas fabricam vinhos de milho, mandioca, macacheira, raizes, folhas, ananazes e outras frutas, dos quaes enchem as suas igaçabas (1): e com alguns d'estes beberetes subjeitam-se a uma voluntaria alienação mental. De Payauarú (2) e do Paricá (3) usam os Jumas, Passés, Uayupis, Barés, Irijús, Catauixis, Purús nas festas nomeadas Parassé: e os Janumás Tamuanas, Jauanás, Tupivás, Achouaris, Manáos, Curutús servem-se do Jurema (4) para passar a noite navegando altos pelagos de somno, e do Ipadu (5) para gozar um ameno deleixamento. N'essas mesmas festividades e dansas os ornamentos que empregam são cordões de pennas denominados—Cangatás— para ataviar a cabeça, braços e pernas: o instrumental que usam consta de cascaveis de caroços de fructas e de gaitas de osso humano, e de taboca, chamadas Memby e Memboia-xió ; e os instrumentos bellicos que tambem apparecem são os conhecidos pelos nomes de frechas, zarabatanas, rodellas de couro de anta ou de peito de jacaré, trombetas, trocanos (6),

---

(1) Panellas grandes e bojubas e sem azas.

(2) Vinho de frutas e beijú feito pelas mulheres.

(3) Fruta da arvore d'este nome, a qual torrada e convertida em pó finissimo serve de tabaco aos selvagens.

(4) Vinho da raiz do pau do mesmo nome.

(5) Arbusto, de cujas folhas torradas, reduzidas a pó e misturadas com a cinza da folha da ambaúbeira os Gentios enchem a boca até ficar bem intumecida, e ao passo que engolem uma porção d'este pó substituem-na com outra a fim de terem a boca sempre plena.

(6) Caixas de guerra feitas de um tóro de sucupira ou de maparajuba, que concavam para ficar ôco; e tapam as extremidades com duas taboas furadas no centro. Para as tanger servem-se de umas vaquetas assaz grossas, cujas cabeças são cobertas de seringa: o som é aspero e horrifico e chega a duas e tres leguas.

curabis (7), cuidarus (8), tamaranas (9) e murucús. D'estes em algumas cabildas, como as dos Tarianas, Uaupés e Decanas, usa só o Principal respectivo. E' linda a vista de um Murucú d'estes Principaes: elle é uma lança de dez palmos de comprimento, com a parte superior mui bem enfeitada de frouxel de varias aves, tendo na extremidade uma choupa de pau frangivel hervada, e no conto um chocalho feito na mesma haste, a qual, segundo o geito com que é vibrada, dá sons que servem de signaes para as dansas, para a apresentação das offertas, e até para os movimentos de guerra.

Ainda não se tem noticia inteira e prova certa de quaes sejam as tribus selvaticas, de que alguns geographos affirmam que ellas não consideram a morte como uma rigorosa anniquilação, ou que a sua existencia não termina com a vida, antes continúa além da morte pelo mesmo modo no outro mundo, o qual julgam ser uma região vestida de arvoredo deleitoso e fartissimo de altenaria e veação, e fendida de rios mui piscosos. Nem tão pouco ha noticia alguma da existencia preterita ou actual de Sylvicolas semelhantes aos Natchez destruidos cabalmente pelos Francezes no fim do seculo precedente, que tivessem um fogo perennal em templos de tosca architectura, como emblema mais puro da Divindade, sendo o sol o objecto principal do seu culto: ou de Sylvicolas distinctos por sua civilisação, como diz dos Mondrucús o Dr. Carlos de Martius, em uma carta escripta de Munich ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, inculcando-os descendentes dos antigos Tupis, e depositarios da mythologia, tradicção historica e restos de alguma civilisação dos tempos passados, e lamentando que ainda ninguem lá tenha ido estudal-os.

O pouco tempo para vêr o paiz, que coube em sorte a

(7) Pequenas frechas hervadas.

(8) Uma especie de clavas de cinco palmos de comprimento, chatas, esquinadas, de duas pollegadas de largura e mais grossas para uma das extremidades.

(9) São semelhantes aos Cuidarús: tanto estes como as Tamaranas o Gentio enfeita com uma franja de algodão ou de tucum e com varias figuras de pontinhos.

este philosopho naturalista na sua viagem scientifica, e o assenso que prestou ao que lhe narraram algumas pessoas destituidas de memorias exactas da provincia, o privaram de aquistar noticia mais cabal. Se o contrario tivera succedido, elle saberia: 1.º, que os Mondrucús occupam o espaço que medeia entre o rio Maxipana defluente no Xingú, e o rio Canumá contiguo ao Madeira; 2.º, que elles se acham separados, desde que o filho do seu Principal se desharmoniou com este, fazendo-se cabeceira de uma parte d'esta cabilda, e indo habitar as terras adjacentes ao rio Canumá; 3.º, que elles são dotados de bellica excellencia nas armas, e por esta qualidade temidos, não só dos seus confinantes, mas ainda de qualquer outra arredada cabilda: são tambem os unicos que presentemente no uso de grandes trombetas de pau para se atalayarem do noite, segundo os signaes convencionados, igualam aos extinctos Nheengaibas da Ilha Grande de Joannes, dos quaes deu relação o Jesuita João de Souto Maior, em 1655; 4.º, que incrustam tintas negras no rosto e no peito, e perfuram as orelhas e beiço para os permearem de atavios á maneira dos outros Sylvicolas: 5.º, que o Governador do Rio Negro, Manoel da Gama Lobo de Almada, por intermedio dos Capitães de ligeiros José Rodrigues Porto, e Luiz Pereira da Cruz, foi o primeiro que fez sahir do estado insocial para empregar na força productiva da sua capitania uma Maloca de Mondrucús, estabelecendo com ella em 1800 uma aldêa no rio Mauéassú; e depois o Capitão de ligeiros José Pedro Cordovil praticou outro descimento, desembrenhando em 1803 um certo numero d'estes boscarejos, e de outros chamados Maués, para o sitio a que posteriormente se impoz o nome de Missão de Villa Nova da Rainha: 6.º, que estes Mondrucús e Maués, trazidos para os indicados pontos, mostraram os primeiros que eram fieis aos brancos, e prestadios na busca dos productos das brenhas mais estimados no commercio; mas ao mesmo tempo exhibiam pouca inclinação a fabricarem roças de farinha, e pouco cuidado em cobrirem a sua nueza; e os segundos, que davam, mais que os primeiros, alguma applicação a lavrar e crear, e que já não praticavam aquelle molesto tratamento, que obrigou o General Governador Fernando da Costa de Attaide Teive

a prohibir em 1769 o commercio com elles: 7.° finalmente, que os Mondrucús vivem em Malocas com Muras e outros gentios, observando com pouca discrepancia o teor de vida entre elles usitado.

Instruindo de tudo isto, elle certamente não expressaria de um modo tão asserto que ninguem havia estudado os Mondrucús; bem como não diria que se póde ainda encontrar alguns vestigios que derramem alguma luz sobre as causas da presente ruina d'estes povos, se deixasse de acreditar, segundo me parece, a noticia de estar uma Igreja ou resto d'ella nos matos do rio Tapajós que habitam os Mondrucús; noticia que fôra reconhecida mendosa por um homem alcunhado Preguiça, alli mandado pelo General D. Francisco de Souza Coutinho: e que havia sido dada por quem tomou o Tapajós pelo Abacaxis, em cuja embocadura os Padres da Companhia tiveram uma Missão e uma Residencia, da qual ainda em 1824 se viam os remanecentes no gremio do mato. Porém, supposto mesmo que achassem nas florestas do Tapajós alguns signaes de Igreja ou de outra casa jámais se poderia entender que eram de fa'rica effectuada pelos Mondrucús ou por outros quaesquer Sylvicolas, porque tudo o que a este respeito se ha encontrado nos bosques da provincia não é lavor dos Gentios, é daquelles que os fizeram cahir dentro das rêdes de Christo.

Se este Naturalista tivesse observado a numerosa cabilda dos Passés, n'ella acharia mais notabilidade do que a imaginada nos Mondrucús: não é n'estes, é na'quelles que elle veria uma certa propensão para a lavoura e trabalho; uma opinião analoga á de alguns philosophos antigos sobre o premio das almas bôas, e castigo das más; uma noção da idéa astronomica Pithagoriana da immobilidade do sol e do volteamento da terra, que hoje se acha explanada por Copernico, seu restaurador; o conceito de que a undação dos rios é devida ao dito volteamento; a consideração dos mesmos ministerios que a Escriptura menciona destinados ao magno astro luminoso, e ao satellite do globo terraqueo; a concepção de ser o firmamento uma abobada de safira, toda aburacada para a passagem dos raios da Divindade, que julgam constituidos nas estrellas;

a analogia do destino das suas talhas grandes e pequenas com o das nossas urnas sepulchraes, em que se recolhem os ossos dos finados; e finalmente o singular uso que observa a manceba gente para se casar, e vem a ser que só tem consorte á sua escolha, em premio de mostrar-se mais avantajado nas qualidades de valente, aquelle que não teve o menor desar nos jogos da justa e torneio, feitos ao seu modo peculiar, na presença do Tuxaua, e das donzellas reunidas para esse fim. Igualmente lhe deveriam merecer attenção os Catauuixis e os Xomanas; porquanto na lingua d'estes acharia vocabulos, cuja significação é mui analoga com os objectos que pretendem exprimir, e n'aquelles que, sendo de peito mais sincero e humano do que os Passés, differem pouco d'estes no trabalho e occupação; e sobre tudo no mysterio da propagação teria em que exercer a sua capacidade philosophica para nos revelar a causa da transmissão hereditaria das suas manchas brancas e contagiosas.

A' vista de algumas conformidades em certas idéas e praticas dos Sylvicolas acima mencionados, é admiravel como umas e outras se topam entre povos tão distantes, e que nunca se tinham communicado! Parece que trazem a sua origem da propria natureza.

Tambem se equivocou o sobredito Naturalista com o algodão terrantez, chamado algodoim; pois que não duvidou affirmar ao defunto bispo D. Romualdo de Souza Coelho que esta planta se achava em terreno alheio por meio de aclimatação, sendo ella propria da larga terra de Sião. Devemos esperar d'este Naturalista, se além d'esta equivocação não padeceu outras mais, que elle nos dê da fertilidade, da variedade e riqueza das producções do Pará uma descripção tão agradavel como a pintura, que Péron e Freycinet fizeram da ilha de Timor.

Nada dissemos dos Sylvicolas Apiacás e Gés, que o mesmo Naturalista envolve com os Mondrucús; porque, vendo-nos impellidos occasionalmente a fazermos esta digressão, quo todavia não nos parece alheia da presente nota, só quizemos limitar-nos a fallar dos que moram aquem do ambito d'esta provincia: e porque tinhamos em lembrança os Geographos, que mal pintaram os Cafres Muizas

do reino de Cazembe na Africa, e por isso foram denominados — Geographos de vidraças — pelo doutor em mathematica Francisco José de Lacerda e Almeida, Governador dos Rios de Senna, nas noticias que adunou ao seu Officio de 21 de Março de 1798, dirigido de Tette a D. Rodrigo de Souza Coutinho, encarregado do ministerio dos negocios da Marinha e dominios ultramarinos, sobre a importantissima empreza de descobrir ou verificar a possibilidade de communicação das duas costas oriental e occidental d'aquella Grande Peninsula.

NOTA 2.ª

« Sobre a pag. 328, linha 20, na qual se diz—os habitadores e naturaes indios do grande Amazonas são gente bem disposta e proporcionada como os mais da Europa, menos nas côres, em que muito se distinguem—. »

A generalidade d'esta asserção a despoja da justeza, que aliás lhe caberia, sendo especificamente expressada.

Na massa collectiva dos Sylvicolas os Comanis, Cambebas, Pariquis, Mepuris, Aruaquis, Mondrucús, Curutús, Uapés, Apinagés, Mabiús, Muras, Arinas, Jurunas, Manaos, Capixanas, Tucanos, Parauanas, Timanaras, são os unicos bem dispostos e proporcionados como os Europeus : o contrario d'isto são os Mayurunas e os Macús, e mormente estes que, além de horridos do seu corpo, são mui sordidos e immundos, e sem ubi, como os antigos Aymorés d'entre os rios Camamú e Caravellas, que não tinham aldeias nem casas. Todos os mais apresentam-se com uma conformação média entre os dous indicados extremos.

NOTA 3.ª

« Sobre a pag. 330, linha 8, na qual se diz— porque ha algumas nações tão brancas como os brancos—. »

Dentro do horizonte da provincia nunca foram vistas cabildas boscarejas d'esta qualidade externa. Os Indios Brazilicos são de pelle avermelhada côr de cobre : não assim completamente os do Perú e os da costa maritima de Cumana

ao Poente da ilha da Trindade, segundo refere Sollis, o qual tambem narra, quando trata do Mexico, que só o Imperador Montezuma era de côr menos escura que a natural dos seus Mexicanos.

Não têm sido poucos os que hão perlustrado a maxima parte da espessura da provincia sem receio dos impedimentos physicos e dos impedimentos moraes resultantes da inhospitalidade dos Sylvicolas ferinos: nenhum d'esses exploradores antigos ou modernos, nenhuma tradicção oral ou escripta ha que mencione a existencia de uma só cabilda selvatica branca: apenas nos dias do general Martinho de Souza e Albuquerque o capitão Marcelino José Cordeiro enviou de Marabitanas a uma sua tia na cidade uma India branca e nos do Conde de Villa Flor um negociante do Solimões remetteu outra a um seu irmão, o qual a offertou ao dito Conde: uma e outra eram de alvura desengraçada como a dos pretos assas, o cabello açafroado, palpebras acanhadamente fendidas, olhos pequenos e azues na segunda, e pardos na primeira, cuja retina, verdadeiro orgam da vista só de noite exercia bem as suas funcções: eram ambas tão feias como os Albinos, e como este rapaz alvissimo na pelle, nas pestanas, nas sobrancelhas e nos cabellos da cabeça, e tambem de olhos mal visitados do clarão do dia, que appareceu em uma povoação da Bahia no anno de 1586 com seus pais Topinambás, sendo a mãi muito preta, e o pai não tanto. Mas nem este rapaz, nem aquellas raparigas pertenciam a uma raça particular de Sylvicolas: foram phenomenos prodigiosos, cuja causa era puramente accidental, que lhes fez degenerar a compleição, e que não se póde classificar.

Quando o celebre descobridor da America trilhou a praia de uma das ilhas Lucaias, nomeada Guanahani, fim de suas porfias tão constantes, que abriram com as de Vasco da Gama ao mundo uma nova éra em politica, commercio e costumes, a côr branca foi uma das cousas, que n'esta estranha vinda aquelles insulanos viram e notaram com mostras de espanto e admiração no famoso Argonauta Genovez e nos Hespanhóes seus companheiros: e não a estranhariam se ella lhes fôra commum, ou já a tivessem enxergado em outros Sylvicolas.

Indios brancos só o jesuita João Daniel o assella por certo: e a veracidade d'esta noticia repousa tão sómente sobre a fé d'elle, que a profere e que ao mesmo tempo lhe irroga incerteza com a limitação—menos nas côres em que muito se distinguem—mencionada na precedente Nota. Se elles se distinguem muito dos Europeus na côr, como se julga habilitado para asseverar que são tão brancos como os brancos? Esta descoberta de indios brancos na provincia do Pará está no caso da ilha de S. Matheus, que apparece na maior parte das cartas geographicas, mas da sua existencia se duvida, porque não apparece quem a tenha visto. Todos os historiadores, todos os viajantes relatam a côr baça da universalidade dos Sylvicolas e só apontam alguns menos fulos, porém não dizem que são tão brancos como os brancos (10).

NOTA 4.ª

« Sobre a pag. 330, linha 27, na qual se diz—os cafres da Africa são pretos azevichados, com distarem mais da linha, e serem mais visinhos ao Polo.— »

A Cafraria não jaz mais visinha do circulo polar antarctico; jaz entre o Equador e o Tropico do Sul, e quasi encostada a este: e os Cafres não se azevicham, amarellecem um pouco.

Não é da maior latitude ou da maior visinhança ao Polo que depende a côr da tez: tanto nas quentes regiões como nas plagas frias observa-se a existencia simultanea da côr branca e preta. Na mesma latitude da Cafraria, os Brasileiros no seu torrão são alvos e os Indigenas ou Brasis, como lhes chama o Jesuita Vieira, não mudam de sua côr enfuscada: os Lapões na parte mais boreal da Europa entre o Mar Branco e o Mar Cronio ou Glacial, os Samoidas no Estreito de Waigatz, os Groenlandos no Estreito de Davis,

---

(10) O Sr. Baena está em contradicção com Pero Lopes de Souza, no roteiro que escreveu de sua viagem á capitania de S. Vicente, quando falla da belleza e brancura das Indias encontradas na Bahia de Todos os Santos.

(*Nota do Redactor*).

os Esquimáos na Terra Nova, nas costas do Lavrador, e nas margens da bahia de Hudson, e os Iroquezes, Algonquins e Huron no Canadá, todos elles apesar de nascerem e viverem em terras congeladas, e sobretudo os que moram na zona arctica, onde quasi perpetuamente têm a fronte recamada de neve, são mais ou menos da côr da escura treva, e alguns tão baços e denegridos como os negros, segundo acontece com os Californianos, que são mais ennegrecidos que os outros Sylvicolas. E nas terras accendidas da parte da Africa denominada Abyssinia perto do Equador habitam homens brancos ; e os Papuas, que estão proximos ao mesmo equador, são tão escuros como os negros.

NOTA 5.ª

« Sobre a pag. 330, linha 35, na qual se diz— e no mesmo Rio Amazonas ha nações, que por viverem ordinariamente em mattos, e à sombra das arvores; são tão brancas como os mais brancos Europeus. »

Não menciona qual é essa Cabilda comparavel na brancura com os homens mais brancos da Europa. Se a sombra das florestas fôsse a causa efficiente da alvura dos Indios, quasi todos elles deixariam de ser fulos na côr, porque quasi todos não têm outra habitação senão terras espetadas de arvoredos. De todos os Sylvicolas do Pará só os Cambebas e os Muras um pouco mais aberta mostram em si a côr geral dos seus conterraneos.

Nem igualmente todos os que residem nos campos são baços : os Pauxianas nas larguissimas campinas do Rio Branco não são tão escuros como os outros selvagens d'este rio. O mesmo se observou nos Goaitacazes das terras do Espirito Santo : e os habitantes da ilha de Nootka jacente na boca da bahia de El-Rei Jorge não são alvos como os brancos, apesar de viverem em terra abastecida de arvoredo.

NOTA 6.ª

« Sobre à pag. 331, linha 20, na qual se diz :—Acham-se porém ainda no commum dos Indios alguns tão gentis e bizarros varões, como mulheres, tão lindas e bem parecidas que podem competir

ainda com as mais formosas senhoras da Europa. E algumas femeas ha que além das suas feições finas têm os olhos verdes, e outras azues, com uma esperteza e viveza tão engraçada, que póde hombrear com as mais escolhidas brancas. »

Continúa em calar os nomes das Cabildas, a que concernem os individuos, que lhe mereceram aquella asserção. Entre todos os Sylvicolas da provincia, menos da parte chamada Guiana, que ainda hoje por falta de explorações esmeradas é incerta a sua Topographia, os Comanis, os Mepuris, os Cambebas, os Pariquis e os Caupés são os que apresentam homens e mulheres, que não são feios nem desengraçados, nem faltos de elegancia; e muitos até de risonha vista e ledo aspecto; mas esses dotes naturaes dando-lhes realce sobre os da sua especie não podem tolerar parallelo com o composto de graças e de belleza de muitos individuos da raça branca. O que acontece entre os Indios, acontece entre os pretos: estes tambem tem suas Venus. Bem persuadido d'isso o Padre José Agostinho de Macedo espargio termos com larga mão no seu Poema do Oriente, pintando a preta Unhamba. Mas por haverem Indias e pretas na sua classe formosas, estão ellas porventura no caso de poderem competir com as mais formosas senhoras da Europa? Quem escutará sisudo a comparação, não de uma Passé de optima estatura e delicados lineamentos de cara embutidos de malhas e riscos negros, mas de uma graciosa Pariqui, ou Mepuri, ou Comani sem essa embutidura desfiguradora, com uma Brasileira de alvo rosto, formosa, engraçada, mansa e cortez?

Porém o nosso regular da companhia entende que as suas Indias não são inferiores ás senhoras Europeas, e que podem emparelhar com as mais escolhidas brancas: são gostos, e sobre estes nada tem dito nenhum dos escritores da alta esfera da litteratura. Parece, segundo este seu modo de vêr, que elle não seguia o seu socio Antonio Vieira em conceituar a côr como um dos requisitos essenciaes da bôa exterioridade do corpo, e que não experimentaria o enleio da escolha se a ella fôsse impellido: é de suppor que não se veria duvidoso como Paris entre as Deosas, com o voto enleado nas graças.

A côr verde e azul nos olhos das Indias é obra, que a

natureza não repetio depois que o Padre as viu em algumas femeas de feições finissimas, e tão espertas e vivas como as mais escolhidas brancas, sem exprimir, já se sabe, a que Cabilda pertenciam. As feições finissimas deixam de ser vistas desde o começo da puericia com o entalho de tintas e de outras cousas, com que as corrompem: e toda a esperteza e viveza se reduz a uma sinceridade nativa e aprazivel, e a um riso puramente demonstrativo de satisfação a qualquer pergunta. Vê-se isto nas Comanis, nas Mepuris, nas Uaupés e nas Pariquis: as mais pela maior parte são bisonhas.

NOTA 7.ª

« Sobre a pag. 331, linha 32, na qual se diz—que em algumas é a gente totalmente branca, e todos tão bem parecidos como os mais brancos Inglezes e mais bem talhados Europeus; e em tudo tão bem proporcionados como os mais homens, excepto nas côres, e ainda estas passariam por brancas se o traje e libré dos brancos as cobrisse.»

Raras vezes se apresenta uma contradicção, cu uma notavel inconsequencia entre tão poucas linhas: nas primeiras affirma-se haver gente em algumas Cabildas tão branca e bem parecida como os mais brancos Inglezes, e nas ultimas diz-se que a mesma gente é em tudo bem proporcionada como os mais homens, excepto nas côres, que com tudo passaria por branca se se vestisse ao modo dos brancos.

Acerca da alvura da mesma gente boscareja já fica expressado o sufficiente: só accrescentaremos a reflexão de que mal poderia passar por branco entre os seres brancos da especie humana um Indio ainda vestido de roupas de uso mais moderno, se quando entre os Sylvicolas succede o phenomeno desordinario de nascer algum de pelle alva elle se apresenta, segundo fica referido na nota 3.ª, com uma brancura desagradavel, defeituoso no orgão da vista, extraordinario nos cabellos, feio nas feições, em fim um monstro. E que prospecto elle não offereceria no trajo segundo a usança dos Brasileiros?

A natureza indica nos Indios uma raça particular de homens occasionada de uma qualquer depravação, que

alongou da ordem social aquelles, de quem primitivamente procedem: pelo menos assim o ajuiza o Conde de Maistre sem comtudo especificar uma só Cabilda, que possua restos de alguma civilisação dos tempos passados. Elle bem sábia que as fontes para se affirmar um facto não estão na nossa conjectura ou pensamento, estão realmente no credito das pessoas que relatam o mesmo facto, ou dos documentos em que elles se fundam.

Tudo quanto este distincto Erudito expõe n'esta materia achamos pensado com mais verosimilhança do que a d'aquelles, que hão tomado os Auctochthones do Brasil, isto é, os indios selvagens d'elle para objecto da sua curiosidade philosophica e historica, apontando Cabildas e seus territorios, em que existem grandes lembranças do tempo da sua antiga civilisação: Cabildas e territorios assás conhecidos, e dos quaes a falta de noticia escrita ou tradiccional, e o nenhum vestigio de remanecentes de civilisação, são circumstancias que não permittem que se assente opinião provavel; e sem testemunhos positivos quanto se asseverar é uma affirmação, em que a imaginação predomina: só a força das razões e não a subtileza dos argumentos é quem convence o homem de atilado entendimento e sisuda reflexão.

E sobre o traje e libré dos brancos ter a virtude de dar apparencia de alvo ao que é escuro, o nosso juizo nada comprehende: isto está na classe dos mysterios insondaveis, e devemos lembrar-nos de que nem tudo o que é superior á razão é contra a razão.

NOTA 8.ª

« Sobre a pag. 332, lin. 15, na qual se diz— porque mais obedientes e mais serviçaes são a qualquer negro escravo do que aos mesmos senhores do tal negro, ou qualquer branco.—»

Se alguns Indios, posto que ignotos, têm com os pretos escravos essa consideração, muitos outros manifestam sentimentos oppostos. Não era possivel obter-se d'elles tantos trabalhos na navegação interna, nas expedições militares, e na cata, preparação e trazimento das producções dos mattos,

dos rios e dos lagos, se elles em universal tivessem o genio de serem mais obedientes e serviçaes aos negros escravos do que aos mesmos senhores dos taes negros. O Padre Vieira lamentava-se ao Monarcha de que se lograssem tanto as industrias, sahindo tudo do sangue e do suor dos Indios, que eram tratados como escravos: sorte esta, que elles igualmente experimentavam no serviço dos mesmos Jesuitas, que ainda mais se utilisavam d'elles. Se o impulso alheio os obrigava ao trabalho e serviço omnimodo, como se animariam elles a serem mais submissos e serviçaes aos escravos? E quem tinha ao seu alcance os meios de os pôr em actividade, não teria tambem os de reprimir essa differença insoffrivel no caso de ser conhecida?

Segundo aquelles, que nos dão as noticias, que as suas peregrinações lhes tem ensinado, todos os Indios são propensos a mentir, são inconstantes, e por isso facilmente passam a rebeldes; não se póde fazer todo o cabedal das suas palavras, mas antes é bem que estejam obrigados continuamente mais do temor e força dos brancos que de palavras; e tambem patenteam a cada passo os que vivem ou têm trato com os brancos, fidelidade, ternura, gratidão, e até a mais heroica amizade, de que são exemplos antigos um Caboquena principal da Aldêa do seu nome, um Dari principal da Aldêa da mesma denominação, um Curunamá principal da Aldêa de Aricari, um Couci principal dos Marabitanas, um Piyé principal dos Mapuaeses, e outros que ommittimos por não estirar a lista.

Os Muras, Purúpurús, Maués, Jurunas, Mondrucús e outros no tempo da sua aversão aos brancos não poupavam os negros escravos nas roças, quando n'ellas operavam as suas correrias: e, depois que se descartaram do seu rancor, jámais cessaram de servir os brancos nas suas canoas e na extracção das drogas da espessura, e nunca deram aos escravos o respeito com que tratavam os senhores. Os mesmos Juris, Xomanas, Cayuvicenas, Parianas, Jumas, Cirús, Uaupés, Ambuás, Uayupis, Mariaranas, Yauanas, Passés, Catauuixis, e mormente estes ultimos que são de natureza alegres, e de genio suave e liso, não manifestam mais obediencia e serviço aos negros escravos, do que aos brancos. Isto tambem presenciaram no rio Apaporis entre os Curutús

as pessoas das duas partidas Portugueza e Castelhana da demarcação de limites em 1782, durante a epidemia de doenças de que se viram salteadas: todos receberam bom hospicio, sendo tratados nas proprias choças dos ditos Sylvicolas com cuidado, desvelo e humanidade: e tratamento identico não observaram que se praticasse com os escravos.

NOTA 9.ª

« Sobre a pag. 338, linha 23, na qual se diz—Mas na verdade que os Indios são os mais soffridos ao trabalho, ás doenças á adversidades de quantos se lêem nas historias, ou seja por estas suas provas de valentia, ou, como parece mais provavel, por natureza. —»

O Indio, desde o seu nascimento até á sua morte, tem uma existencia toda fragueira, núa, inculta e cheia de bruteza, na qual seus orgãos, seu temperamento, e todo o seu systema animal, conformados ao clima, se desenvolvem e fortificam ao ar, ás chuvas e dentro da agua, em que é assiduo impunemente: n'ella não ha branduras nem delicadezas, tanto no recinto do Tujupar, como nas selvas. A fome e a vingança são os dous principaes estimulos da sua limitada actividade: a vingança é a origem das hostilidades, é um sentimento que mais se parece com o furor do instincto dos animaes, que com uma paixão humana: elle a exercita até mesmo com as cousas inanimadas. Debaixo d'este espirito os Indios, essencialmente belligeros pela sua posição, são educados para as armas: inspira-se-lhes coragem e constancia, porque esta é necessaria para quando caiam nas mãos dos seus adversarios: e exige-se entre elles que antes se mostrem mais capazes de soffrer, do que de acommetter: tal é a origem da sua heroicidade: ella differe da dos outros homens, nos quaes a reflexão é quem dirige o valor. Tudo isto de mãos dadas com a crueldade e com a desconfiança, eis o caracter universal dos povos Sylvicolas, de que a civilisação não tem adoçado os costumes, e principalmente quando são irritados por actos de violencia dos outros povos, ou consideram exposta a sua segurança.

Toda a valentia do homem boscarejo é sempre inferior á do homem civilisado : este arrosta todos os perigos, sem o estorvar a idéa de que as delicias e bellas commodidades da vida estão não só interruptas, mas até no risco imminente de serem perdidas para sempre. Um Pedro Teixeira guiado unicamente pelo seu pensamento, penetrando do Pará ao Maranhão um mato invio, arduo, duro a humano trato, talhado de lagos, rios e lenteiros, e habitado de Gentios inhospitos, e reduzindo no mesmo tempo esses Gentios á obediencia do Governo da Provincia, então *nuper* estabelecido, é de certo mais digno de pasmo e admiração, do que um selvagem, por mais que execute manhas e ousadias de bruto esforço. Os descobrimentos e explorações de novas terras, céos, e mares foram sempre respeitados como os maiores assumptos de valor e heroicidade entre todos os homens. A fortaleza e constancia do homem social nada tem de commum com a fortaleza e constancia do homem sylvicola. Este em todos os accidentes da sua vida passa de aspereza em aspereza sem novidade, porque n'elle é habitual a aspereza : a sua organisação physica, roborada pelo teor da vida, para isso o habilita completamente ; e é d'ella que procede a adhesão ao territorio, aos habitos da vida, e a todos os gozos physicos : e aquelle passa de uma vida suave para os asperos perigos, para os trabalhos excessivos, e para as emprezas ingremes, movido pelo amor da patria, que o impelle para abraçar a total abnegação das cousas physicas, o desprezo da vida doce e chara, e a intenção de a sacrificiar, se a honra, o dever e outras causas moraes o exigem. No selvagem não ha amor da patria : ha amor do paiz em supremo gráo de força, porque elle está todo na natureza. E' este amor só quem lhe exalta os sentidos : então não é capaz nem de supportar saudades, estando ausente, nem de deixar de vingar-se bravamente dos convisinhos, se estes o querem desposssuir do seu territorio : e para conservar a vingança sempre viva, os velhos, que de ordinario são os archivos das façanhas, memoram todos os dias as tentativas ou invasões do inimigo, e as proezas dos da sua cabilda contra ellas. E' só no homem da ordem social que deita clarão fulguroso o amor da patria, puro, e isento de toda a vaidade e amor pessoal ; isto é, n'elle é só que

ha uma lembrança perennal do poder, do esplendor, da gloria da nação : ha um sentimento moral, oriundo da leitura dos feitos de valor, das heroicas acções e de admiração, que accende o peito, que causa tudo o que é bello, grande e sublime, e que faz destemer o trabalho e fadiga com que se alcançam as cousas arduas e lustrosas, e até não articular uma só voz fraca, arrancada do padecimento.

O que faz o verdadeiro heróe é a virtude por convicção ou razão, e não o bruto instincto, parecido com o das feras: é a virtude que o faz lutar, com grandeza e elevação da alma, contra os rigores da sorte, ou contra a perversidade humana. Não se póde pois dizer que os Indios são os mais soffridos ao trabalho, ás doenças e adversidades, de quantos se lêem nas historias: estas e outras hyperboles excessivas não sabemos para que servem. Revocam os homens dos tempos heroicos da Grecia e Roma, os Cursios, os Decios, os Codros, os Scevolas, os Achilles e outros venerandos nomes, para lhes darem a sentença de que nada foram em parallelo dos heróes rudes das selvas. Maupertuis, Rousseau, Montaigne e outros philosophos modernos hão tido seguidores d'este seu modo de considerar os brancos Sylvicolas, e de que estes homens brutos e ferozes valem mais do que os homens civilisados e instructos : porém lá está o Conde de Maistre, que lhes dá mate, chamando-lhes imaginações ardentes do nosso seculo, vãos e criminosos declamadores contra a ordem social, e demonstrando-lhes que confundem o homem silvestre com o homem primordial, sem n'essa demonstração passar ao extremo, em que resvalou Condorcet, escrevendo sobre a perfectibilidade indefinita da raça humana, cujos preceitos inculcam que, sendo observados, acabariamos por anivelar-nos com o Ente Eterno em sciencia, em poder, em genio e em industria de todo o genero, n'este globo que habitamos.

O mesmo amor, que liga ambos os sexos, não é n'elles mais do que o mero gozo de sensações agradaveis. Esta necessidade de communicar a vida não os desveste da estupida bruteza, nem os une em firmes laços : é só a sensibilidade physica, activada pela irresistivel força do clima quem os empuxa para as funcções genitaes: falta-lhes a sensibilidade moral, que entre nós perpetúa a associação

conjugal; é pois desditosa a existencia do homem serril da espessura, porque lhe fallece a compaginação do physico e do moral. Para elle o sexo feminino e os seus attractivos poderosos não é objecto de elogios; mostra desconhecer as vicissitudes dos prazeres, e penas do amor; ninguem ainda o viu fallar da ternura e sensibilidade do coração: portanto não sabe ter mimo voluptuoso, quando o punge o primeiro dos affectos.

Depois de extinctos por varios accidentes os Combocas, Tapuyas, Anajás, Sorimões, Marapitanas, Tupinambás, Tucujús, Marauanazes, Tocantins, Joannes, Tapajós, Pacajás, Ingahibas, Aruans, Anibás, Sacácas, Caboquenas, Guanevenas, Inheiguaras, Poquiguaras, Mapuaezes, Mamainás, Mapuás, Gujarás, Pixipixis, Tarumás, Parintins, viram-se feridos do mesmo destino em 1774, os Jurimauás, cabilda a mais numerosa e guerreira do Amazonas, e distincta em dar grato hospicio aos brancos; e estão hoje apoücados os Manáos do Rio Negro, abalisados na intrepidez e no numero, que sempre deram meneio aos arcos com superioridade. O seu principal Ajuricaba fez-se celebre pela systematica rebeldia de adoptar a bandeira Hollandeza, e captivar os Indios mansos do Rio Negro por meio de frequentes correrias nas suas Aldêas para os vender no Surinam. De que lhe serviu a ufania? Acabou n'uma forca. Podia-se-lhe dizer com Ovidio — *Quid Victor gaudes? Hæc te victoria perdit.*

A estes Manaus seguem-se na ordem das cabildas bellicosas os Muturicús, os Mondrucús e os Muras. Os primeiros hostilisaram em 1769 as povoações do Rio Tapajós, ajudados das mulheres proprias, que na qualidade de serventes ministravam com pontualidade as frechas: presentemente ha no dito Rio poucas malocas d'esta cabilda: os segundos até 1800, em que principiaram a ser Christianisados, perseguiram de morte os seus circumvisinhos, e as roças dos brancos e dos Indios domiciliados: e os terceiros desde 1785 cessaram de manter cruel e irreconciliavel inimizade com todas as mais tribus, e de continuar no seu instituto de piraticas rapinas, infestando o Madeira, o Solimões, e o Rio Negro, ao qual dilatavam do Japurá as suas incursões pelos Rios Unini e Guiyuni.

Exceptos os Tecunas e os Macús, todos os Indios são soffridos ao trabalho de seu braço: elles o supportam com a alegria que lhe adunam; e quando arrancam a voga compassada, levantam amiudados cantos, que os antigos chamavam Pocemas, cuja toada, posto que monotona e melancolica, é agradavel. Não lhes fallecendo farinha para a Ticuara, sua genial bebida, muito embora não haja com que entreter o estomago, contrahido por vasio, elles são effectivos na voga: não assim no mato, onde tratam de vitualhar-se por meio da caça ou pesca, quando nada têm para atalhar o languor da fome. E quanto a serem soffridos ás doenças não ha um só facto que o verifique: basta verem um seu companheiro salteado de molestia febril para abandonarem a canôa que esquipam, seja o serviço qual fôr, e por maior respeito que tenham á pessoa que com elles vá. Assim o experimentou o Coronel Manuel da Gama Lobo de Almada no Rio Uaupés, não podendo concluir a sua exploração por lhe fugirem todos os Indios de medo das sezões, de que adoecêra um d'elles; e vendo-se por isso na urgencia de empunhar o remo e por meio d'elle caminhar agua-abaixo até ao ponto da partida, do qual se achava assás remoto.

NOTA 10.ª

«Sobre a pag. 339, linha 23, na qual se diz — O muito que fazem é cobrirem o membro viril com uma folha de arvore, mas não são todos, nem sempre.»

Não se expressa qual é a cabilda que esconde ou não as partes que o pejo deve cobrir, e qual é a folha de arvore n'isso empregada. Todos os Sylvicolas deixam de pôr coberta nos orgãos da copula, menos os Pausianas, Anicorés, Manjaronas, Comanis, Uaupés, Curutús, Cambebas, Juquis, Muras, Mundrucús, Maués, Mabiús, Pariquis, Passés, Mepuris. O véo ou coberta, de que estes usam, não é folha de arvore; é feita de fio torcido da tona fibrosa e branca da arvore Tururi, ou da palmeira Tucum, ou de estopa de castanheiro, ou da casca da arvore Uaissima, ou de missanga azul e alva, comprada aos brancos: e d'aqui se collige que

não é por pejo, mas sim porque capricham de garridos, que elles escondem os orgãos externos sexuaes. Muitos tambem cingem o penis com embira cheirosa sobre o orificio da urethra: e d'esta arte andam tão despejados como se tivessem a cintura circundada de sendal plumoso, ao modo Mexicano. Os Tecunas e os Apinagés cobrem os orgãos genitaes; porém as suas mulheres e as de algumas outras cabildas omittem isso. Uma grande parte dos selvagens tinge-se de côr vermelha pelos peitos e espaduas, quadris, coxas e pernas até baixo, menos os vasios e barriga e estomago: a tinta tem a qualidade de ser insoluvel na agua. Isto uns fazem por ornato, e outros por se abrigarem dos insultos dos Carapanás, e de outros insectos mortificantes.

NOTA 11.ª

Sobre a pag. 310, linha 30, na qual se diz — porém, se fôsse á America, acharia, não um, mas milhões de Indios tão despidos de toda a affeição e ambição das preciosidades mundanas, que ainda das que Deus lhes repartiu nas suas terras não se utilisam, não fazem apreço nem caso algum, antes as desprezam. D'este seu incomparavel desprezo dos bens terrenos vem o perderem-se entre elles os estimados cacáos, cravos, salsas, preciosos balsamos, prata e ouro, diamantes e todas as mais riquezas de que abunda o Amazonas.—

Logo que os Indios enxergam nas mãos dos brancos louça, fitas, machados, facas, espelhos, fouces, cauris, christalinos, missanga e outras massas de differentes côres, exprimem nos gestos ou linguagem de acção um grande gosto e um desejo activo de os possuir: desejo que elles não sabem reprimir, mas antes se deixam impressionar d'elle tanto que não vacillam para empolgar o que lhes agrada ou convem. Então é necessario dissimular, a fim de os satisfazer, e curar immediatamente da permutação do remanescente das quinquilharias com as drogas prestantes da floresta, que elles promettem extrahir e trazer para completar esta especie de transacção commercial. Não se deseja o que se não sente, o que não é lembrado, o que não se imagina, e o que se não discorre: assim é nos selvagens; elles nada appetecem em quanto nada divisam que lhes desperte a cobiça.

As mesmas offertas que fazem não são dadivaes; queremos dizer, não partem de uma sincera vontade de dar;

têm o intuito de provocar dons que se realisam pela exigencia mais positiva quando por aquellas nada conquistam. Isto é generico, ainda mesmo entre as cabildas mais preguiçosas, como as dos Tecunas e Macús. Os Yucunas tambem não se esquivam dos meios de adquirir o latão ou arame para fazerem as chapas que penduram nas orelhas como arrecadas; portanto os Sylvicolas não são desvestidos de ambição; é ella quem os arranca da inercia, e os instiga a penetrar as selvas, atravessar systemas de lagos, e trepar pelas serras em cata dos individuos da especie vegetal mais cursaveis no commercio, para receber em permuta o que os brancos lá lhes levam, apropriado ao seu consumo.

Ao pisar no torrão do Brasil o seu fortuito descobridor Pedro Alvares Cabral, os Portuguezes viram os Topiniquis acudirem em chusmas á praia, com grande cópia de farinha e muitas frutas que então na terra havia, para levarem a troco pannos, cascaveis, espelhos, braceletes, e anneis de latão, depois que entre aquelles Sylvicolas se apresentaram os dous pescadores muito vaidosos dos dons recebidos da gente vindiça, e os alardearam com grande contentamento. Se elles não tivessem ambição, nem os pescadores se teriam manifestado nimiamente satisfeitos, nem os seus conterraneos se abalariam a offerecer na praia aos forasteiros o que tinham para facilitar o obtenimento de cousas, em que tanto se embellezavam sem se poderem fartar de rever cada uma d'ellas de per si.

E quando Colombo descendeu sobre Hayti os terrantezes d'esta ilha transfugiram para o mato; nenhum d'elles se deixou colher dos Hespanhóes; só uma mulher foi detida por elles: esta logo despediram dadivada com varias peças de pouco preço, cuja presença fez mudar de opinião aos Selvagens, os quaes sem irresolução nem tardança correram á praia para igualmente serem quinhoeiros na liberalidade dos alienigenas. Se a ambição lhes fôra estranha, não procederiam d'est'arte; isto é, não voltariam nem patenteariam uma hilaridade impaciente na recepção da missanga e outras insignificantes bagatellas.

O que observaram Cabral e Colombo, observaram outros muitos no Pará, e estão observando os que vão ao mediterraneo da mesma provincia. Lá se vê que entre os

Sylvicolas até nos jogos de sorte elles se transmutam subitamente de indolentes e desinteressados para impacientes, avidos e ruidosos. Quanta força tem n'este mundo a ambição que até nos selvagens ella se manifesta por este modo! Não é ella certamente tão desenvolvida como no homem de extracção Europea, nem o póde ser porque lhes fallecem os mesmos habitos moraes d'este, e por isso tambem não os póde dominar a mesma fome de ouro que muitas vezes conduz o homem da sociedade civil a emprehender enormes trabalhos, e que ha feito succumbir muitos á insalubridade dos climas ou ás mãos dos barbaros.

Admira que o Padre não tivesse noticia de que os Manjaronas do Japurá compram aos brancos o que querem com o ouro que apanham de cima da raiz da serra das Araras, e o resto da compra vão pôl-o na mesma paragem: esta circumstancia de não alienarem todo o ouro e guardarem o sobejo, não é de quem se não utilisa nem faz apreço ou caso das preciosidades que Deus lhes repartiu nas suas terras. Não é do desprezo dos bens terrenos que dimana a perda dos estimados cacáos, cravos, salsas, preciosos balsamos que nota o Padre nos Sylvicolas; é da ignorancia, grosseria, e estupida indolencia ingenita em que vegetam, e que lhes tolhe usar como os brancos d'esses productos e das mais riquezas naturaes do Amazonas; mas lá está n'elles como agachada a ambição, que logo se ergue á vista das obras estranhas, e para as constituir possessão sua os estimula, abala e move para o apanho das producções florestaes, que são o principal sustento do commercio do Pará, achando isso menos molesto do que tel-as á mão por meio de um cultivo perenne, porque a essa lida se oppõe o seu abandono das faculdades activas.

NOTA 12.ª

« Sobre a pag. 311, lin. 7, na qual se diz—contentando-se com uma pequena jangada feita de cannas, com que atravessam os rios, e passam de umas para outras ilhas e lagos.»

Poucos Indios da costa maritima do Brasil andavam em jangadas sobre as aguas da mesma costa: os Topiniquins foram em tres á ilheta em que Pedro Alvares Cabral

estava ouvindo missa e prégação sobre a sua vinda e achamento da terra, onde d'alli em diante se tinha de semear a lei de Christo, e dar novo costume e novo governo. Porém no Pará, desde os primitivos descobrimentos até o presente, ninguem ha visto os indigenas usarem senão de canoas, e sobretudo de Ubás, as quaes são uma casca de pau de tres braças de comprimento, e meia de largura, atracadas as extremidades com cipós em feição de pôpa e prôa, deixando no meio uma concavidade de pouco mais de duas pollegadas: estas Ubás nunca elles as têm nos seus portellos sem as guardarem debaixo de agua, e de mergulho: as vão desatar e fazer boiar á flôr d'agua quando d'ellas precisam. Servem bem estas embarcações em occasião de placida corrente; mas, estando undosa, immergem-se facilmente, e então restauram-as pondo-se a nado, enseccando uns a Ubá, e outros resalvando as frechas, que são o seu mais precioso thesouro que os acompanha; e por certo assás précioso, pois com ellas defendem a vida e a nutrem com os seus tiros certeiros, desferidos sobre os animaes da terra, da agua e do ar. Com a jangada feita de cannas, de que falla o Padre, só vêmos ter alguma parecença as embarcações de que usavam os Caités no rio S. Francisco, e ao longo da costa, as quaes eram construidas de grossas varas, contorneadas de grandes molhos de palha, por elles chamada Periperi, bem comprimidos com cipós.

NOTA 13.ª

« Sobre a pag. 311. lin. 17, na qual se diz— Alguns velhos tambem têm o seu cachimbo para se regalarem com o paricá. em logar de tabaco. —»

Já em a nota 1.ª enunciámos que o Paricá é um tabaco, a que reduzem a fruta chamada Curupá, da arvore Paricá torrada e transmutada em pó delgadissimo. Os selvagens o tomam por meio de um canudo assoprado por outrem, ora n'uma fossa nazal, ora n'outra, em as suas festas nomeadas Parassé, para as quaes alçam uma casa propria, que denominam Casa do Paricá.

Não nos conformamos com o Padre em chamar regalo a cruel flagellação, com que os selvagens a dous e dous

precedem a tomada do Paricá e do Payauarú, que é o vinho com que rematam os dias do oitavario do Parassé. Bem triste é o effeito do Payauarú e do Paricá: com este alguns suffocam-se mortalmente, e ambos embriagam a todos. Só os que se azurragam a revezes é que têm o direito de tomar o Paricá: mas se o Padre viu alguns velhos n'esta deshumana scena de açoutes, eram elles de certo bastecidos de compleição robusta e valida : e n'esse caso os mesmos velhos não podiam tomar o Paricá senão pelo teor geral, que é como acima se disse, por um canudo, e não por cachimbo, que é vaso de que os Sylvicolas não usam. E' eximia a bruta satisfação dos pacientes no acto do reciproco azorragamento, com que é preludiado o Paricá. Parece que a natureza os faz adoptar esta flagellação como um estimulo diffusivo ou tonico, que os tire do seu estado entorpecido e apathico, espertando a sua soporosa excitabilidade.

NOTA 11.ª

« Sobre a pag. 311, lin. 38, na qual se diz — Servindo as mesmas mulheres de bestas de carga, que carregam ás costas com todo o trem dependurado com uma fita feita de estopa de alguma arvore, e seguram-a na testa. —»

Chama-se estopa sómente a que se extrahe do castanheiro; e as Indias não fazem fitas d'essa estopa para transportarem os seus Aturás ou outra qualquer carga : usam para isso de uma tira arrancada da tona da embireira branca ou vermelha : e não a seguram na testa, penduram n'ella a alça ou aza que fazem de embira, cujas extremidades são atadas no Aturá, ou volume que tem de carregar ás costas, ficando o corpo enfiado na aza.

NOTA 15.ª

« Sobre a pag. 314, lin. 32, na qual se diz — Outros usam de outra bebida, que chamam Tacatá, que é uma pouca d'aguá engrossada ao fogo com a farinha Carimá, e com seus raios de Tucupi, e picante de Malagueta. —»

A mencionada bebida não se chama Tacatá, diz-se Tacacá : e não é feita com a farinha Carimá, sim com a

Tapioca. A farinha carimá faz-se da Mandioca embrandecida na agua, e depois amassada, comprimida e coada em Murupema fi.a, e então fica semelhante á farinha de Trigo: e a Tapioca é o sedimento do Tucupi obtido da Mandioca ralada e comprimida no Tipiti. Da mesma tapioca tambem fabricam a farinha de igual nome, o polvilho e biscoutos.

NOTA 16.ª

« Sobre a pag. 345, lin. 27, na qual se diz—Mas na verdade, bem ponderada a sua vida, desnudeza e mantimentos, e que a caça dos matos é innumeravel e commum, e a pesca nos rios abundantissima, de que lhes servem as riquezas do ouro, prata e diamantes? —»

Em a nota 11.ª fica relatado que os gentios Manjaronas do Japurá mercam aos brancos os artefactos precisos com o ouro regurgitado das abundantes betas da serra das Araras; n'este caso elles não ignoram o prestimo d'aquelle gentil metal supremo, e tambem o dos primorosos dons da espessura, porque com estes e com aquelle se entendem habilitados para aquistar dos brancos os productos da sua industria.

Quem ha observado os Mondrucús, os Uaupés e alguns outros Sylvicolas comerem sem máo grado e sem repugnancia, com os brancos os seus manjares, de certo não ha de julgar que elles anteponham as suas viandas ás nossas: se nas suas terras não apparelham mesas de taes iguarias, é porque desconhecem a gastronomia: mas sem duvida têm aptidão para usarem das obras d'esta arte exquisita que encurta a breve idade. Não só d'esta aptidão, como tambem de dom da imitação no uso do talher fômos testemunhas ocular em 1804, estando á mesa do Capitão General Conde dos Arcos, na qual se achavam quatro Mondrucús com o seu Tuxaua: e na nossa casa temos uma rapariga Uaupés desde o anno de 1829, que com pasmosa facilidade se accommodou a todos os trabalhos familiares, sendo além d'isso habilidosa para cantar com bôa voz toda a letra que ouve.

Os selvagens que não são plantadores, despovoam os bosques e os rios com a diurnal caça e pesca: e onde mais abundancia divisam lá vão prear os viveres, guerreando a

cabilda do local para reduzir a effeito o intento, quando este é adversado, como ordinariamente acontece. O mesmo se observa nas terras escassamente habitadas, nas quaes, logo que se augmenta o numero dos sitios dos brancos e dos Indios christãos começa a ser rara a veação, a volateria e a pesca. Não ha rio, não ha mato, por mais peixe e animalidades que tenha, que não fique empobrecido quando são multiplicados os pescadores e caçadores, e uns e outros assiduos na diligencia de reformarem-se d'aquelle necessario que a natureza obriga a desejar.

NOTA 17.ª

« Sobre a pag. 316, linha 31, na qual se diz — E estimam tanto os seus cachorros que se póde duvidar a quaes tenham mais amor, se aos filhos, se aos cachorros: ou talvez corram parelhas.— »

Não se diz aqui se esta estima se exercia entre os Indios boscarejos ou entre os aldeados. Quanto aos primeiros não consta que elles possuissem cães: só os Tupinambás eram inclinados a cachorros, e os criavam para caçar, e suas mulheres tinham a seu cargo transportal-os ás costas até perto dos covis de caça: porém estes gentios não eram nativos da provincia, tinham vindo para ella da Bahia, e além d'isso o seu numero desde 1661, em que elles existiam abundosos em povoações, havia decrescido de maneira que, já no tempo do Padre (1749—1760) remaneciam mui poucos misturadamente com outros de varias cabildas nas aldêas de Mortigura e de Azevedo. E quanto aos segundos o uso d'estes animaes foi introduzido pelos brancos, que com elles moravam na mesma povoação, e a estes imitavam no trato dos cães, sem differença alguma.

Supposto porém que o amor paterno e filial não tenham na generalidade dos selvagens, como entre a gente moldada ao Christianismo, parelho gráo de intensidade, comtudo ha n'elles o sufficiente para não equilibrarem no affecto os filhos e os cachorros: foi o amor filial do Tuxaua Camandre dos Manáos que o compelliu a ceder ás preces de sua mãi, a qual lhe rogava que não mais guerreasse os brancos, e que deixasse ser missionada a sua aldêa de Mariuá por um dos

Carmelitas, que andavam christianisando os Indios das selvas do Rio Negro. O mesmo Padre havia de ter observado que, assistindo em uma só choça muitas familias, todos se querem fraternalmente, e com gosto arrojam sua vida a todo e qualquer risco por acudir a cada um d'aquelles com quem vivem. Citamos em prova do amor paterno o primeiro facto que nos pula na mente, e é o do Principal Mandiocapuá dos Tabajarés, o qual vendo que os Indios alliados dos Francezes no Maranhão lhe aprisionavam o filho e a mãi d'este, corre rapidamente, briga com elles, consegue que dous desamparem a vida, toma a canôa, prende-lhe o cabo e desembaraça o filho e a mulher, a qual abraçando-se com o marido, obtem d'elle que não mate o dito cabo, porque este tinha isentado a seu filho e a ella do furor dos contrarios. Não parou n'isto a gratidão d'esta Tabajaré, mandava todos os dias o alimento ao mesmo cabo preso em ferros.

NOTA 18.ª

«Sobre a pag. 347, lin. 8, na qual se diz—Um dos enfeites mais ordinarios nas mulheres é o trazerem seus grandes collares e gargantilhas, não de perolas, aljofres e brilhantes, porém de dentes de Indios que matam e comem algumas nações.»

Só as Cambebas usam ao pescoço d'esses ramaes de dentes desenxeridos das maxillas dos inimigos, que os da sua tribu matam, mas não devoram porque ella não é comedora de carne humana: e para assim ser conhecida, e por conseguinte escapar á escravidão entre os Hespanhóes do Novo Reino de Granada, d'onde vieram a refugiar-se no Solimões, é que se deliberou a fazer-se macrocephala, adoptando o artificio de achatar a cabeça e a testa.

NOTA 19.ª

«Sobre a pag. 349, lin. 10, na qual se diz—Muitas nações vivem sobre lagos, e no meio d'elles, onde têm em cima d'agua as suas casas feitas da mesma sorte, e só com o addito de serem de sobrado, que levantam de varas e ramos de palma.»

Os Sylvicolas que moram em lagos, têm os seus Tujupares na beira dos mesmos lagos, ou na margem de alguma

ilheta jacente n'elles; e como de ordinario esses logares são ensopados, fazem os Tujupares com um pavimento de juçaras ajuntadas e achegadas com cipó na altura de quatro a seis palmos, e chamam a este pavimento Jurau, cujo nome o Padre devia tel-o em memoria e expressal-o para não apparecer a palavra —sobrado—tão impropriamente empregada.

NOTA 20.ª

«Sobre a pag. 319, lin. 19, na qual se diz—Nas povoações feitas em terra têm muitas nações guerreiras a providencia de as segurarem e munirem com fortes muralhas, não de pedra, mas de estacas de pau duro como pedra. Outros as fabricam de palmeira, que chamam juçara, cujos espinhos são tão grandes e duros, que servem a muitos de agulhas de fazer meias—.»

Os Indios de outras partes do Brasil faziam antigamente uma casa que era uma cerca de mato cortado com os ramos folhosos para fóra, e tudo como quem cerca o gado. No Pará só os Anibás e os Tupinambás, nas occasiões de guerra, ou quando se receavam d'ella, alteavam cercas de pau, e se recolhiam dentro d'este circuito; porém, este meio defensivo os primeiros aprenderam dos Indios do Surinam, seus conterminos, e os segundos dos Francezes, de quem foram assás amigos quando com diversas cabildas avermelhavam o litoral do Brazil na éra do primordio dos maritimos assentos; cabildas que nomeadamente eram as seguintes: Os Paricurás e Curcuanas, na costa d'entre o Cabo do Norte e o Rio Oyapock: os Marauanazes, Aruans, Tucujús, Ingahibas e Sacácas na costa septentrional da ilha Grande de Joannes, e na foz do Amazonas, antigo theatro de insignes feitos de armas, e por isso magnifico florão que adorna a historia da Provincia: os Tapuyas na costa do Caité, já decahidos da sua pristina possessão da Bahia e da maxima parte da costa brasilea: os Tupinambás, Tabajarés, Aranhis e Taramembés na costa do Maranhão e Ceará: os Tapuias na costa do Rio-Grande do Norte: os Pitagoares, amigos dos Francezes e atrevidos guerreiros, na costa média entre o Rio-Grande do Norte e o Cabo Branco; os Caitésa traiçoados e infensos aos Portuguezes

e aos Pitagoares, na costa jacente entre o Rio da Parahyba e o de S. Francisco: os Tupinambás na costa da Bahia; os Topiniquins damnosos aos Portuguezes no principio do seu estabelecimento, e depois mui fieis e verdadeiros, na costa d'entre o Rio de Camamú e o de Cricaré: os Goainazes na costa de Angra dos Reis até á Cananea: os Goaitacazes na costa do Espirito Santo até á Bahia Formosa: os Papanazes na costa entre o Porto Seguro e o Espirito Santo: os Aimorés no rio das Caravellas até o rio Camamú; os Tamoios adversos aos Portuguezes e amigos dos Francezes entre o Cabo de S. Thomé e Angra dos Reis; os Carijós indolentes, simples e pouco bellicosos entre a Cananea e a parte da costa fronteira á extremidade meridional da ilha de Santa Catharina; e os Tapuyas entre a lagôa dos Patos e o rio da Prata.

Excepto os ditos Anibás e Tupinambás todos os mais Sylvicolas estendidos pela terra, que rega a gran corrente do Amazonas, não se cobriam nem se cobrem das hostilidades com paliçadas; elles fazem guerra volante e invisivel conforme o estylo narrado pelo Padre Vieira a El-Rei em carta de 11 de Fevereiro de 1660, e vem a ser —servindo-lhes os bosques de muro, os rios de fôsso, as casas de atalaia, e cada um de sentinella e as suas trombetas de rebate.—Vencida a acção as mulheres cantam o epinicio, enumerando os feitos bellicos de seus maridos e nomeando os prisioneiros, cujas cabeças escacham promptamente: em summa o systema de guerra é sorprender o inimigo, abrazar-lhe os seus penates e fazer prisioneiros, aos quaes a vingança anciosa dá fim nefando. E' rarissimo que elles apresentem batalha como apresentaram no rio Urubú ao Capitão Pedro da Costa Favella os Caboquenas atados com os Guanevenas em vinculo de amizade; os Carabobócas ao Capitão Pedro Teixeira, na Bahia de Paracuuba; os Ingahybas e Aruans na costa boreal da Ilha Grande de Joannes ao Sargento-mór João de Betencourt Moniz, o qual pelo seu esforço e accôrdo nas pelejas denominavam — Uarini-putira — que no idioma Portuguez quer dizer Flor da guerra; e os Muturicús no rio Tapajós ao Capitão Thomé Ferreira. Qualquer tenue differença concita a guerra, e n'este despregam ingente animo.

O rancor de cabilda para cabilda é eternal; e não se extingue muitas vezes senão com o inteiro exicio de uma d'ellas, como aconteceu aos Tarumás com os Aruaquis, aos Caraiais com os Manaus, aos Parintins com os Topinambaranas, aos Tapajós com os Muturicús, aos Manoas com os Muras, aos Sorimões com os Jurimauás, e aos Poquis e Tocantins com os Tupinambás.

E' positivo que entre as vinte e tres palmeiras do Pará que são conhecidas, não ha nenhuma que seja nomeada Juçara; esta denominação conferem no Maranhão, no Rio de Janeiro, e em outras partes do Brazil ao Assahizeiro, o qual não tem espinhos nem pequenos nem grandes. Juçara chama-se no Pará a fasquia, que se fabrica da casca do dito Assahizeiro; tambem fazem Juçaras da cortiça da Paxiuba e do Caraná, mas n'esse caso não se diz meramente Juçara, ajunta-se-lhe o nome d'aquella das duas referidas palmeiras de que é lavrada.

Sabe-se que já se tem usado dos espinhos do Jaramacarú em logar de alfinetes nas almofadas de renda: não assim do ter-se feito meias com espinhos; as meias que antigamente por ensaio se fabricaram das fibras do Curauá, tiveram no seu feitio as agulhas proprias de metal.

NOTA 21.ª

« Sobre a pag. 352, lin. 23, na qual se diz — Ha porém algumas nações que criam as filhas com resguardo, de sorte que, chegando a ser casadouras as mettem em uma casa, como seminario ou recolhimento, d'onde não as deixam sahir senão quando casam. »

De recolhimento de mulheres na justa idade de lidas de hymeneos entre os selvagens nada temos visto nas relações dos antigos descobrimentos, e dos que têm viajado com um espirito indagador; nem na visita e correição do Ouvidor do Rio Negro Antonio José Pestana e Silva em 1768; nem no Roteiro do Vigario Geral do mesmo Rio Negro o Dr. José Monteiro de Noronha em 1772; e nem na Visita e Correição do Ouvidor tambem do Rio Negro Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio em 1774 e 1775.

Parece pouco verosimil que haja resguardo entre povos dos quaes universalmente os dous sexos não têm pudor, dormem em uma mesma casa, sem algum anteparo, acham todo o logar acommodado aos gozos do amor, e a nueza de ambos não é reciprocamente vista da mesma maneira por que a viam em si o Patriarcha da especie humana e sua mulher, antes da fatal prevaricação que os arredou da quieta e simples innocencia. Se o Padre tivera mencionado uma só d'essas nações que têm seminarios ou recolhimentos de nubeis, cessaria toda a duvida a este respeito.

NOTA 22.ª

« Sobre a pag. 355, lin. 28, na qual se diz — Aportaram n'esta Aldêa (Villa de Collares hoje), e na sua roça uns indios vindos furtivamente das Ilhas do Cabo do Norte, fronteiras á dita Missão. »

Esta Missão que em 1757 passou a ser Villa de Collares, apparece na fronte do mar em uma pequena Ilha adjacente á costa, que tem d'alli até a cidade do Pará nove legoas de distancia; a mesma Ilha defronta com a Villa de Monforte da Ilha Grande de Joannes, e não com as Ilhas do Cabo do Norte, cujo grupo está distante d'ella 81 legoas.

NOTA ADJUNTA

Escriptas as presentes notas vimos em o n. 8 da Revista Trimensal do Instituto a continuação da parte segunda do Thesouro descoberto no Amazonas, isto é, os capitulos da dita segunda parte, desde o IV. inclusivo até o XII. tambem inclusivo: e notamos nos indicados capitulos que o autor padecêra menos inexactidões que nos precedentes. Mas deixou de mencionar o veneno Cirari, usado pelos selvagens do Pará: e tratou do Bororé, o qual parece só proprio dos Sylvicolas do Orinoco, segundo se deprehende da indicação que faz da obra do Padre Gumilla: e tambem não referiu a primordial tropa de resgates que houve no Pará,

olvidando que o poderiam culpar de escrever no Cap. VIII, que no tempo do Padre Vieira, e a requerimento d'este, é que tivera começo a pratica das tropas de resgates: pois, segundo os fastos publicos, escriptos pelo sisudo e veridico Berredo, debaixo do titulo de Annaes Historicos do Estado do Maranhão e Gran-Pará, consta que o Capitão General do mesmo Estado, Francisco Coelho de Carvalho, foi quem teve a prioridade no systema de tropas de resgates, encarregando d'esta afanosa diligencia em 1626 ao Capitão Pedro Teixeira, o qual partiu para a Aldêa dos Tapuyussús com um Religioso Capucho e 26 soldados, e avultado numero de Indios mansos; e que o Padre Vieira chegou á Cidade do Pará em fins de 1653; isto é 27 annos depois que marchou a primeira tropa de resgates, com a mesma formalidade que se praticava nos templos dos Missionarios da Corporação de Santo Ignacio de Loyola.

REGISTO

Do Regimento de S. A. Real, que trouxe Roque da Costa Barreto, do Conselho de S. A., Mestre de Campo, General do Estado do Brasil, a cujo cargo está o governo d'elle.

(Offerecido ao Instituto pelo seu socio correspondente o Sr. Ignacio Acioli de Cerqueira).

Eu o Principe, como Regente e Governador dos Reinos de Portugal e Algarves: Faço saber aos que este meu Regimento virem que, tendo consideração a não haver no Governo Geral do Estado do Brasil Regimento certo, por onde os Governadores d'elle hajam de administrar o bom Governo do dito Estado; e convir que ora o que eu nomear o leve, e fique para os mais Governadores que lhe succederem, o observarem, e mandado vêr os que havia antigos do mesmo Governo, e Ordens dos Senhores Reis meus predecessores, e minhas, assim pelo meu Conselho Ultramarino,

como em Junta de Ministros particulares, e ultimamente pelos do meu Conselho de Estado; fui servido resolver se fizesse para o dito Governo o Regimento seguinte:

1.º O Governador e Capitão General, que eu fôr servido nomear para Estado do Brasil, partirá em direitura d'esta cidade para a Bahia de Todos os Santos, onde por meu serviço fará sua assistencia em quanto durar o seu governo, e da dita Bahia não sahirá para nenhuma parte, salvo se tiver ordem minha para assim o fazer, como tenho mandado por Provisão que está registrada nos livros da Secretaria e Fazenda d'aquelle Estado.

2.º Tanto que chegar á Bahia apresentará a Patente, que lhe mandei passar, do cargo de Governador e Capitão General, e Carta de Crença para o Governador, a quem fôr succeder, para logo lhe entregar aquelle Governo, o que se fará na fórma costumada, sendo presentes as pessoas que n'estes actos se acham ordinariamente, e da entrega se farão os termos, que se me hão de enviar pelo meu Conselho Ultramarino, para todo o tempo constar que se procede conforme a ordem que se usou em actos similhantes.

3.º Logo que lhe fôr entregue o Governo, irá pessoalmente vêr as fortalezas da cidade, armazens, e tercênas, ordenando que se faça inventario pelo Escrivão da mesma Fazenda de todas as cousas que a ella pertencer, navios e artilharia que houver, o calibre d'ella, para se poder enviar d'este Reino a bateria que fôr conforme ao dito calibre, e plantas das ditas fortalezas; e de tudo o dito Governador me enviará a cópia remettida ao meu Conselho ultramarino, para me ser presente tudo o que ha n'aquella praça. E o mesmo mandará fazer em todas as do seu Governo, com a distincção e clareza necessaria.

4.º A principal causa por que os Senhores Reis meus predecessores mandaram povoar aquellas partes do Brasil, foi porque a gente d'ellas viesse ao conhecimento da nossa Santa Fé Catholica, que é a que sobre tudo desejo, e assim encommendo muito ao dito Governador, e ponho em primeira obrigação que tenha n'isto particular cuidado, e como convém, e é necessario em materia de tanta importancia, fazendo guardar aos novamente convertidos os privilegios que lhes são concedidos, e repartindo-lhes as terras

conforme as leis que tenho feito sobre a sua liberdade, fazendo-lhes todo o mais favor, que fôr justo, de maneira que entendam que em fazendo-se christãos, não sómente ganham o espiritual, mas tambem o temporal, e seja exemplo para outros se converterem, e se não consinta que a nenhum se façam aggravos nem vexação, e fazendo-lhes procure o Governador cohibil-os conforme as mesmas leis e provisões, avisando-me logo do que se fizer.

5.° Da mesma maneira lhe encommendo muito os que se occupam na conversão e doutrina dos gentios para que sejam favorecidos em tudo, o que para este effeito fôr necessario, tendo com elles a conta que é razão, fazendo-lhes fazer bom pagamento dos ordinarios que têm da mesma Fazenda para sua sustentação, porque de todo o bom effeito que n'esta materia houver me haverei por bem servido.

6.° Das casas da Misericordia e Hospitaes que ha n'aquelle Estado, encommendo tambem muito se tenha particular cuidado, pelo serviço que se faz a Nosso Senhor nas obras de caridade, que n'elle se exercitam; e se favoreça a seus officiaes fazendo-lhes pagar os ordinarios que tiverem da mesma Fazenda, dividas e legados que lhes pertencerem, para que, por falta do necessario não deixem de cumprir com suas obrigações.

7.° Informar-se-á dos Officiaes de Justiça, Guerra e Fazenda, que ha na Bahia, porque provisões servem seus cargos, e havendo alguns officios vagos, que as pessoas que os servirem não tenham Cartas ou Alvarás meus, ou posto que os tenham, não sejam passados na fórma e maneira em que o devem ser, encarregará as serventias dos taes officios a criados meus, se houver, que tenham partes para o servirem, e em falta d'elles a outras pessoas capazes: e havendo algumas com Alvarás de lembrança, Cartas ou Provisões minhas, procederão a isto até se apresentarem pessoas que tenham Provisões, Cartas ou Alvarás, porque lhe faça mercê de taes officios que em virtude das ditas mercês os mandará o Governador servir: e os que assim encarregar nas ditas serventias, dará o juramento na fórma costumada, com os mais requisitos que é estylo: e esta mesma ordem lhe encarrego muito se guarde nos mais Governos e Capitanias d'aquelle Estado, e segundo o disposto

nos mais regimentos dos Governadores e Capitães-móres, seus subordinados, e havendo eu por bem que visite todo aquelle Estado, usará da mesma jurisdicção n'este provimento, que na Bahia.

8.° Tambem saberá se ha alguns ordenados em que nas povoações do seu Governo e Capitanias do Estado se façam feiras em que os Gentios possam ir vender o que trouxerem ou comprarem o que houverem mister, e não se fazendo as taes feiras ordenará que se façam em um dia, ou mais na semana, segundo o entender que cumprem comparecer dos Governadores, Capitães-móres e Camaras dos Districtos em que se houverem de fazer estas feiras, para que assim se evitem os inconvenientes que se seguem dos christãos irem ás aldêas dos Gentios tratarem de negociar com elles, e o assento que tomar fará notificar nas povoações do Governo ou Capitanias e Aldêas dos Gentios seus comarcãos para uns e outros irem vender e comprar o que quizerem: e porque com haver as taes feiras se poderá escusar irem os christãos ás aldêas dos Gentios tratarem com elles, se apregoará nas povoações que o não façam, e quem o contrario fizer, incorrerá em certa pena que logo se declarará, salvo indo com licença dos Governadores e Capitães-móres, a qual lhes pedirá quem a algumas das povoações quizer ir comprar varias cousas aos Gentios; e os Governadores e Capitães-móres, cada um em seu Governo, e Capitania, poderá dar a dita licença, quando e como lhe parecer, e com a consideração que devem ter, que lhes encommendará, o que tudo se entende, ha de ordenar nos Governos e Capitanias que visitar, e em que se achar, ordenando eu que vá a ellas, e como fica dito, e em caso que não haja de fazer visitas, o encaminhará na melhor fórma que convier ao bom effeito d'este negocio, avisando-me das ordens que houver dado para eu o ter entendido.

9.° Informar-se-á das rendas que tenho, e pertencem á minha Fazenda, assim na Bahia, como em cada um dos Governos e Capitanias de todo o Estado; da maneira com que se arrecada e dispendem, do que o Provedor-mór e Provedores da minha Fazenda tomam conta e razão as pessoas que a têm a seu cargo, segundo a fórma dos seus regimentos, e com parecer do mesmo Provedor-mór ordenará o

que mais fôr meu serviço, e em beneficio de sua arrecadação e dispendido.

10. E porque os arrendamentos da minha Fazenda foi em té agora estylo fazerem-se na Bahia depois de andarem em praça publica, conforme o regimento do Provedor-Mór, e os mais dos Governos e Capitanias d'aquelle Estado, depois dos ultimos lanços em que se poz nos mesmos Governos e Capitanias, vem a dita praça da Bahia a arrematar, ou por um anno, ou por tres; e porque n'estas arrematações se acharam alguns inconvenientes, e convém que estes se remedeiem: Hei por bem que estes contractos se façam por triennio, e o primeiro que se fizer, acabado o que corre, se ha de arrendar na Bahia por um anno, e logo que estiver arrematado na fórma costumada, se porá em praça o arrendamento do mesmo contracto por tres annos, cujos lanços se receberão, e se mandarão ao Reino ao meu conselho ultramarino, para que por elle se ponham tambem na praça n'este Reino, e se remate a quem mais der: o que o Governador e Capitão General disporá assim no primeiro contracto, que acabar, como nos mais successivos que hão de seguir a mesma fórma, com a obrigação que o contractador que arrematar o dito contracto, e os mais n'este Reino, pelos ditos tres annos, rectificará a fiança que tiver dado em cada um dos ditos tres, quando o tenha feito pelo primeiro anno, e ficará continuando nos tres, rectificada a fiança como fica dito; e aquella mesma ordem seguirá o Provedor-Mór, e Provedores da Fazenda, dos Governos, e Capitanias do mesmo Estado.

11. Entenderá o Governador com muito cuidado e vigilancia na guarda e defensão dos portos de todo o Estado, prevenindo as cousas das fortificações assim das praças como das fortalezas e fortes, artilharia, polvora, armas e tudo o mais que puder ser necessario, de maneira que em nenhuma parte o ache despercebido; e para assim ser, logo que chegar, mandará aviso aos Governadores e Capitães-móres de todo o Estado, encommendando-lhes a mesma prevenção e vigilancia, e o avisarão do estado de cada uma de suas praças, gente, munições e artilharia, que n'ellas ha, e tendo necessidade de ajuda do Governador e Capitão General do Estado, o soccorrerá segundo a importancia d'ella, avisando-me de tudo.

12. E porque tenho mandado por cartas de provisões, se fortifique a cidade da Bahia e o porto do Recife de Pernambuco, como tambem as mais fortificações das Capitanias da parte do Norte na fórma das plantas e traços que se me enviaram, nomeando para este effeito por Super-Intendente d'ellas a João Fernandes Vieira, a quem consignei alguns effeitos para os ir obrando, e lhe mandei passar as ordens necessarias, ás quaes dará cumprimento o Governador e Capitão General do Estado, a quem encommendo as faça continuar, não sendo ainda acabadas, o que não espero, fará dar a execução ás provisões e ordens referidas, e a que tenho mandado, sobre se continuar a fortaleza do mar, para se pôr assim esta, como as mais em sua perfeição, não alterando a consignação que mandei applicar do rendimento das balêas, nem diminuirá, nem accrescentará, e me dará conta do que toca á fortaleza, e do estado em que está, e do que se fôr obrando n'ella, e de todos os mais do dito estado, para que assim me seja presente na fórma em que estão.

13. Verá os fortes que se fizeram na Bahia ; e achando que alguns d'elles são desnecessarios e inuteis, me dará conta, e que Officiaes e guarnição, e se se poderão prover com gente de terra para nas occasiões acudirem á defeza d'ellas, sendo-lhes assignados, e para que esta gente melhor se disponha, lhe fará o Governador novos favores, e dará os privilegios que lhe parecerem, que lhe mandarei confirmar, e quando o Governador assim o dispuzer : Hei por bem que possa extinguir a praça dos Officiaes, e guarnição dos ditos fortes; porém sou servido que nos da defensa da Barra da Bahia e fortificação da cidade, porto, e morro de S. Paulo se não entenda esta reformação, nem se altere cousa alguma, e lhe encommendo, ordeno estejam com bôa guarda e vigilancia, por ter informação que são mais importantes; em quanto á fortaleza do morro mandará executar o que ordenei por carta minha de 9 de Setembro de 1670.

14. Tambem se informará de toda a artilharia, armas, e munições que houver assim na Bahia como em todo o estado, a que estiver cavalgada, e apeada, calibres e serviço que tem, ou as armas que estão limpas, e as munições reparadas, e se está tudo carregado em receita aos Officiaes

a quem toca; e quando não, o Governador as fará carregar, assim as que fôrem em sua companhia como as que lhe mandar ao diante, para que carregadas em receita se tirem conhecimentos em fórma, que mandará por vias, e todos os annos, relação da polvora que se despender, e armas que faltarem, para que se possam prover de novo; e para este effeito dará as ordens necessarias assim na Bahia, como nos Governos e Capitanias do Estado, tomando informação da artilharia de bronze que estiver arrebentada, e incapaz de servir, para a enviar ao Reino, para se reformar e fundir outras que possam servir nas praças para o que fôr necessario, e tambem me avisará da artilharia de ferro que houver de sobejo, para que não servindo n'aquelle estado a mande vir para o Reino.

15. Muito encommendo ao Governador ordene que os moradores da Bahia e os mais de Governos e Capitanias do Estado, sejam repartidos em ordenança por companhias e mais Officiaes necessarios; e que todos tenham suas armas, fazendo-os exercitar por suas Freguezias, uma vez no mez, e alardos geraes, tres cada anno, e para que se faça com mais facilidade lhe encommendo assista aos tres alardos, e com os ditos moradores se execute o regimento geral das ordenanças: o que se fará cumprir, assim na gente de pé, como na de cavallo, e não consentirá que nos alardos e exercicios haja alguma praça dispensada pelos Officiaes; e que estes não fazendo o exercicio nas Freguezias por sua omissão, e não obrigação, reprehenderá os taes Officiaes, e constando-lhe que esses ainda se não emendam, e não procedem como convém: os poderá depôr dos postos que tiverem, ainda que tenham confirmação minha, de que mandará conta o Governador, e as condemnações arbitrarias que fizer aos que faltarem aos alardos geraes, as mandará executar, e carregar em receita ao Thesoureiro do Almoxarife que lhe parecer, reservando-as para se comprarem armas para guarnição da praça da Bahia, e quando os moradores não tenham todas as armas com que hão de servir, assim de pé, como de cavallo, me dará o Governador conta para se lhe enviarem; advertindo que nem os moradores que assim se exercitarem, nem os Officiaes maiores, ou menores d'esta gente meliciana ha de vencer

soldo, ou ordenado algum á custa de minha Fazenda Real, ou Camaras, os quaes provimentos fará na Bahia e mais praças, excepto nos Governos de Pernambuco e Rio de Janeiro, aonde fui servido conceder esta jurisdicção aquelles Governadores na fórma que se dispõe no Cap. 20 dos seus regimentos.

16. Proverá os postos milicianos das ordenanças na Bahia, e mais Capitanias d'aquelle Estado, excepto as dos Governos de Pernambuco e Rio de Janeiro, e suas annexas, a cujos Governadores tenho concedido estes provimentos na fórma de seus regimentos, e que o Governador Geral prover, será sempre nas pessoas principaes e capazes e idoneas para servirem, e lhes mandará passar suas patentes por elle assignadas, aos Coroneis, Sargentos-móres, Capitães, Ajudantes, como é estylo, e quando estes postos sejam precisamente necessarios, escolherá sempre os que tiverem serviço e prestimo, e aos que mandar passar estas patentes serão obrigados a pedir confirmação minha dentro em 6 mezes, por evitar por este modo os grandes inconvenieentes que se seguirem ao meu serviço. O Governador ordenará que os que estiverem providos n'estes cargos, e fôrem d'aqui em diante, registem suas patentes nos livros de minha Fazenda, para que quando tractarem de seus requerimentos, tirem suas Fés de Officios que tenho resoluto.

17. Hei por bem que as pessoas que servirem nos navios que o Governador armar, ou em terra, ou em algum acto militar da maneira que lhe pareça, devem ser feitos cavalleiros, e lá os possa fazer; e lhe encommendo que, os que fizer sejam taes que o mereçam, assim pela qualidade de suas pessoas, como pela do serviço; porque além de assim convir que seja, quanto mais exames n'isto se fizer, tanto mais o estimarão os que o fizerem, e os outros procurarão merecel-o; e os que o Governador fizer cavalleiros passará d'isto provisão, em que se declare a causa por que o mereceram, e de como o fez por bem d'este capitulo.

18. Hei outrosim por bem que os Officiaes de guerra, soldados e artilheiros que andarem em meu serviço e servirem nos presidios d'esse Estado, sejam pagos por conta da minha Fazenda, com muita pontualidade, d'aquellas consignações applicadas pelos povos para o mesmo effeito.

E o Governador lhes fará passar mostra aos ditos soldados e artilheiros, para saberse está completo o numero do ultimo ajustamento que com a Camara se fez, em que procurará que não haja falta nem diminuição. E serão obrigados a trazerem suas armas limpas e concertadas, não consentindo que haja praças fantasticas, e procederá contra aquellas pessoas que as passarem, ou consentirem na fórma que se dispõe no Regimento das Fronteiras.

19. E a mesma mostra se fará aos Officiaes de artilharia e artilheiros, que me servirem na Bahia e mais governos e capitanias d'este Estado, tomando noticia dos que são sufficientes, e ordenando que para os que o não fôrem, de todo se faça nos dias que parecer exame, e haja barreira, onde se exercitem com peça de menor calibre; e as despezas que se fizerem de polvora e balas d'este exercicio se levará em conta ás pessoas, de cujo recebimento sahirem; e quando n'aquelle porto e nos mais haja navios de meus vassallos, ordenará o Governador que os condestaveis e artilheiros d'elles vão tambem ao exame e á barreira, para que a competencia faça adestrar a todos.

20. E porque convirá ao meu serviço que para o provimento dos condestaveis e artilheiros, que faltarem na praça da Bahia, e nos mais governos e capitanias do Estado se alistem 120 aprendizes de officiaes de compasso, e dos mais soldados de ordenanças, e ordenará o Governador assim para que sirvam de artilheiros, os quaes mandará matricular em livro a parte, e se hão de exercitar com os mais, pagos os dias que houver barreira; e examinados, estando capazes, lhes passará suas cartas de exame, e dos privilegios concedidos aos bombardeiros, que se fazem na cidade de Lisboa pelo Tenente General de artilharia, e tem o nome dos artilheiros da nomina; os quaes privilegios serão guardados aos ditos artilheiros nas partes do Brasil sómente, com declaração e obrigação de servirem em meus navios e armadas, quando cumprir, e para isso fôrem mandados pelo Governador, ou pelo Provedor de minha Fazenda: e estes artilheiros se irão matriculando aos poucos em té o dito numero de 120; e succedendo vagar alguns pagos dos da Bahia, de seus fortes, ou dos governos ou capitanias do Estado, proverá

o Governador d'estes os que fôrem mais capazes, precedendo intervenção do Tenente General da artilharia, e querendo alguns soldados das guarnições applicar-se a este exercicio, sendo approvados pelo Tenente General, se poderão passar a artilheiros, e entrar tambem nos logares vagos, não lhe sendo de impedimento o exercicio de artilharia para deixarem de subir aos postos da guerra, se antes tiverem occasião de accrescentamento; e se entenderá que não poderão ser mais que tres soldados de cada companhia, para o que fará o Governador avisos do que por este capitulo lhe ordeno aos mais Governadores e Capitães-móres, seus subordinados, para que assim o tenham entendido, e se evite por esta fórma a falta que ha de artilheiros; e os que servirem sem paga, e só com os privilegios, entendam hão de ser melhorados, e estejam as praças providas como convém; e o que n'isto se obrar, o tereis a particular serviço meu, e de que o Governador me dará conta.

21. Procurará com particular cuidado guardar e conservar paz com o gentio visinho d'aquelle Estado, encaminhando que tenha com os Portuguezes muita communicação, e castigando com rigor o mau tratamento que se lhe fizer; como tambem ao gentio que fôr rebelde, e fizer hostilidades, mandará o Governador proceder contra elle na fórma das ordens que estão dadas: e porque um dos meios mais convenientes que se podem usar para a conservação da paz com o gentio, e o domesticar com os Portuguezes, é o entender-se a sua lingua, dará ao Governador ordem a que se faça d'ella vocabulario e se imprima para com mais facilidade se poder aprender, quando não esteja feito, como se ordenou aos Governadores passados.

22. E porque sobre a liberdade e governo dos gentios do Estado do Brasil, se mandou a elle lei, terá o Governador cuidado de a mandar executar, como n'ella é conteudo, avisando-me de como assim se tem dado a execução, e enviando-me o traslado d'ella.

23. Tenho mandado aos capitães, donatarios, que o fôrem de alguma das capitanias do Estado, sejam obrigados a virem ás ditas praças com as armas, polvora e munições necessarias, conforme suas doações, e terá o Governador cuidado de as mandar visitar, e se as tem prevenidas, como

são obrigados; e quando o não tenham feito, me avisará, com relação do que lhes falta, e obrigação que tem, para da minha parte os mandar advertir e notificar, dêem cumprimento ás ditas doações, em que mandará o Governador tirar dos livros, em que estiverem lançadas, e por ella saberá a jurisdicção que lhes toca: advertindo que nem elles, nem seus logares-Tenentes, nem Ouvidores, podem usar dos casos seguintes, ainda que os tenham pelas ditas doações antigas; que não possam tirar os 24 escravos do gentio, ou mais que se lhe concedam, e que a alçada que se lhes dava em Piaês e Christãos livres, até morte natural inclusive, haja appellação para a maior alçada, e no civel alçada sómente até 30$000 réis; e nos casos de heresia, traição, sodomia, e moeda falsa, haverá outrosim appellação para maior alçada em toda a praça de qualquer qualidade que seja; e que nas terras das ditas capitanias poderá entrar Corregedor ou alçada, quando parecer necessaria, e cumprir a meu serviço, para o bom governo das ditas terras, o que assim foi servido resolver El-Rei meu Senhor e Pai, que Santa Gloria haja, por resolução de 20 de Setembro de 654 para que as doações velhas se emendassem n'esta fórma; e as novas, que se passassem, fôssem com esta declaração: o que assim mandará executar o Governador nas capitanias dos donatarios de sua jurisdicção quando n'ellas se obre contra estas resoluções.

24. E porque tambem se ordenou que os senhorios de engenho fôssem obrigados a terem armas para a defensa d'elles, e poderem resistir ás invasões dos gentios: Hei por mui encarregado ao Governador os mande visitar cada anno, para vêr se têm as armas de sua obrigação, fazendo-se lista d'ellas; e quando lhes faltem, havendo-as nos meus armazens, lh'as mandará dar pelo preço que fôr estylo, não sendo necessarias para a defensão da cidade, ou das mais praças; e o custo que importarem, se carregará em receita ao Thesoureiro ou Almoxarife, que lhe parecer, e com conhecimento em fórma, e ordem do Governador, ficará para descarga das armas do official que as entregar, remettendo-se o dinheiro que n'ellas se fizer a este Reino, a ordem do meu Conselho Ultramarino, para se comprarem outras armas, e se remetterem em recompensa: e quando ainda

assim os senhores de engenho não cumpram com a obrigação de as terem guarnecidas, os condemnará o Governador, todas as vezes que fôrem achados n'esta falta, em 20 cruzados para a compra de armas de meus armazens. E a pessoa que fôr a estas visitas será de tal consideração que seu procedimento não seja estranhado, e havendo n'ellas suborno, além de me haver por mal servido, lhe tirará o Governador posto, dando-me conta.

25. Porquanto por direito e ordenações dos meus Reinos é defeso darem-se, por qualquer via que seja, armas a Infieis: Ordenaram, e mandaram os Senhores Reis, meus predecessores que pessoa alguma, de qualquer qualidade ou condição que fôsse, não désse aos gentios d'aquellas partes do Brasil, artilharia, arcabuz, espingardas, polvora, e munições, panellas, béstas, e lanças, punhaes, facas de cabo de pau, ou outras algumas de qualquer qualidade, ou condição que fôssem, offensivas, como defensivas, e qualquer pessoa que o contrario fizesse, e as ditas armas désse ao gentio, morresse morte natural e perdimento de seus bens, ametade para captivos, e outra ametade para quem o accusar: para assim o cumprir, mandou o Senhor Rei D. João, que Deus tem, a Thomé de Sousa, que foi o 1.° Governador Geral das ditas partes, que fizesse apregoar esta defesa em todas as capitanias d'ellas e registrar nas camaras o capitulo d'este regimento que d'isso tratou-se, com declaração de como se apregoára assim; pelo qual capitulo foi mandado aos juizes dos logares das capitanias que quando tirassem devassa geral, que cada anno são obrigados tirar sobre os officiaes, perguntassem tambem por este, e achando alguns culpados, procedessem contra elles, segundo a fórma do capitulo e minhas ordenações: declarando que a defesa se não entendesse em machados, machadinhas, fouces de cabo redondo, de mão, cunhas, facas pequenas, nem em tesouras pequenas de duzias, porque estas cousas se poderão dar aos gentios, e tratar com elles, e correm por moeda pelos preços e taxas que lhe serão postas, como até o tal tempo correram: pelo que encommendo ao Governador que saiba nas capitanias e logares do seu governo, se na devassa que cada anno, se tira n'ellas, se pergunta por este caso, como manda que se faça, e

cumprirá e fará cumprir inteiramente todo o conteudo n'este capitulo.

26. E porque aquelle Estado é de terras novas, a maior parte muito fertil, e convém para se augmentar, e povoar e tratar-se da povoação d'ellas, com particular cuidado encommendo ao Governador que assim o faça, e procure por todos os meios que lhe parecerem necessarios, que as terras se vão cultivando, e povoando e edificando novos engenhos de assucar: fazendo guardar aos que de novo reedificarem ou renovarem os desbaratados, seus privilegios e exempções: obrigando aos que de novo tiverem terras as vão cultivando de sesmarias, e as povoem; e os que não cumprirem se lh'as tirarão e darão a quem as cultive e povôe, na fórma do regimento das sesmarias e ordenação: na repartição das sesmarias, se fará guardar o regimento para que se não dê a uma pessoa tanta quantidade de terra que não podendo cultival-a redunde em damno do bem publico e augmento do Estado.

27. Por ser informado que as matas que serviam a beneficio dos engenhos de assucar, iam em muita diminuição sem embargo de algumas serem de pessoas particulares, e por convir ao bem publico conservar-se tudo o que poder ser, encarreguei ao Governador D. Diogo de Mendonça tomasse d'esta materia a informação necessaria, sobre os remedios que se deviam dar, para que se conservassem, em quanto pudesse ser, assim para o beneficio dos assucares, como das madeiras para navios e outras fabricas; e porque pelo regimento que mandei dar a relação, titulo do Governador capitulo 22: ordenei tambem se expuzesse esta materia; e depois d'isto fui informado que n'aquelle Estado são perdidos alguns engenhos, e outros estão occasionados a perderem-se por seu numero, sobre que mandei tomar informação de algumas pessoas praticas nas cousas d'aquellas partes, de que se entendeu nascer a causa d'este damno, de se fazerem os engenhos muito perto uns dos outros, outros sem consideração da grande compra de lenha que cada um ha mister para a moenda de cada anno, e algumas pessoas que não têm engenhos tendo terras de lenhas, perto dos que os têm, os mandarem roçar, e semear n'ellas mantimentos que é ainda de mais damno, combinar-se cada um em se

fazer a roça e cortarem sempre os donos dos engenhos a de mais perto, sem lhe dar logàr a tornarem a crescer, e assim accrescentarem-se perto d'elles Aldêas de Indios, que por haverem de roçarem para sua sustentação, foram gastando muita lenha : e para isto se remediar apontam que será conveniente ordenar-se que em nenhuma maneira se assente Aldêa de Indios, menos distancia dos engenhos que uma legoa : e quando se faça roça para mantimentos por outro tanto espaço, e os donos das terras das matas vendam as lenhas aos engenhos por preço conveniente que se taxará pela camara e provedoria da capitania em que estiverem os engenhos, e não tendo os homens de lenha n'isto de bôa vontade, e querendo vender com ella as mesmas terras, serão obrigados os senhores de engenhos a compral-as, fazendo-se da mesma maneira avaliação d'ellas, e que elles não possam cortar, senão afolhando os matos entre tres folhas que se farão de maneira em cada uma d'ellas haja perto e longe para que assim os vão cortando, e tenha logar de crescerem umas, emquanto as outras se cortarem, e que se não façam engenhos de novo tão perto de outros que não fique de uns e outros logar bastante de que tirar lenhas: fazendo-se para isso diligencia pelo Provedor da Capitania, em que se houver de fazer, porque muito mais importaria menos engenhos com lenhas bastantes, que haver mais com falta de lenhas: e consumir-se de maneira que venha a faltar a todos, e perder-se tudo. E por esta maneira ser de tanta consideração a que convém acudir-se com remedio prompto, em cuja execução não possa haver difficuldade ou duvida, me pareceu não resolver n'ella sem mais informação: e mandei escrever ao dito D. Diogo de Menezes encarregando-lhe tomasse a necessaria, communicando-o a Relação para que tomando d'ella a sua, me avisasse de tudo o que achasse com o seu parecer: e o mesmo se encarregou aos Governadores que lhes succederam, e porque em té agora se não tem satisfeito: encommendo e mando ao Governador, saiba o Estado d'isto : e feitas as diligencias que tiver por convenientes me avisará do que achar, e se lhe offerecer com toda a clareza e distincção : e com tal brevidade que se ganhe tempo no que convier ordenar.

28. E porque o pau brasil é uma das rendas de maior

importancia que minha Fazenda tem n'aquelle Estado, e corre a administração d'elle pela Junta do Commercio na fórma da Provisão que para esse effeito lhe mandei passar: terá o Governador particular cuidado que não haja n'elle descaminho, e que as partes, d'onde se tirar, seja de modo que se não prejudique as plantas novas pelo damno que d'isso resulta á minha Fazenda: e que os Administradores da Junta guardem no córte d'este pau o regimento que mandei passar, avisando-me do que n'esta materia se faz apparecer.

29. O Governador Alexandre de Sousa, governando esse Estado, me deu conta terem-se descoberto minas de salitre; e para se saber a utilidade d'ellas, e bondade d'este porto se mandaram fazer todas as diligencias, até o presente não me resultou effeito algum: e assim encommendo muito e mando ao Governador mande fazer essa experiencia pelo polvarista da praça da Bahia, e depois d'ella feita me informe com o seu parecer, do custo que poderá fazer á minha Fazenda o quintal d'este salitre posto na Bahia ou na praça que mais perto houver das minas e se haverá pessoas que as tomem por sua conta, e o preço por que se ajusta o quintal do dito salitre na sobredita fórma, para que dando-me conta de tudo, resolva este negocio de tanta validade para o provimento da polvora d'este Reino e suas conquistas, pondo logo todo o cuidado e diligencia para o bom effeito d'esta fabrica.

30. A pescaria das balêas do Estado do Brasil, ei por mui encommendado ao governador, para que procure se faça, e cresça o lanço d'ella a maior numero, que ser possa,e que afabrica, que toca á minhafazenda, a entregue os contractadores uns aos outros, sem diminuição e a arrecadação d'este contracto, e do da fabrica, como nos mais rendimentos da minha Fazenda: mandará ter todo o cuidado fazendo as advertencias necessarias ao Provedor-mór e provedores, para que as ditas rendas e contractos cresçam para se poder acudir á despeza d'esse Estado.

31. As despezas das folhas ecclesiastica e secular, gente de guerra e quaesquer outras, que se costumam fazer, e as extraordinarias, que se offerecer para o bom governo, e defensão de todo o estado, mandará o dito governador

fazer do rendimento dos dizimos e mais consignações applicadas a estas despezas, nas quaes terá toda a vigilancia, para que se façam como convém, assim pelo que toca ao Provedor-mór, e provedores, como as camaras, emquanto a administrar os donativos e impostos, como de presente o fazem, e não tomará o dito Governador dinheiro dos defunctos, ou do cofre dos orphãos, ainda que faltem os rendimentos, e sendo as necessidades urgentes, que não dêem logar para me avisar, em tal caso se valerá de emprestimos de pessoas, que os possam fazer sem oppressão, dando-lhes suas consignações, em que sejam pagas com pontualidade devida.

32. E para saber o governador, como se ha de haver na materia das despezas, mandará continuar o provimento das folhas, sendo primeiro por elle assignadas com seu alvará de correr, emquanto eu não mandar o contrario, e n'ellas porá a sua vista ao provedor-mór da fazenda, e havendo occasião de guerra, ou outra extraordinaria, se farão as despezas por alvarás do dito governador, passados pelo escrivão da fazenda,. e com vista do Provedor-mór d'ella, a quem ordenará lhe entregue logo os traslados authenticos, assim das ditas folhas como das mais despezas, que se fazem tudo por menor, que me enviará na primeira embarcação, por convir assim a meu serviço: o que obrará tanto que tomar posse do governo, e os papeis, que ha de remetter, são: um pé de lista da infantaria, que achar na praça da Bahia: entrando as primeiras planas, com o que cada um vence, e por que patentes, provizões, e alvarás dos officiaes de artilharia, condestaveis e artilheiros com as folhas ecclesiasticas e secular, como já fica dito, com distincção das pessoas, seus vencimentos, ordens, e declaração das que tiverem escudos de vantagem. Outra relação dos gastos extraordinarios que não entram nas ditas folhas, livranças, reparos das fortalezas, despezas da artilharia, concertos de armas e armazens, e quanto se paga a misericordia da cura dos soldados, e o que poderá emportar um anno por outro, e se nos soccorros, que se lhe fazem, se desconta alguma cousa para o mesmo hospital, o que importará por anno: e outra similhante relação me enviará por menor, de todas as despezas, que faz a camara, assim como os officiaes, e

soldados como ordenados, que paga, gasto das festas, e as mais despezas que fizer, e a ordem, que para isso tem, e o mesmo mandará obrar o governador nas praças de todo o Estado, assim pelos officiaes da minha fazenda, como pelos das camaras d'ellas, e com relação dos rendimentos, que houver, subsidios, impostos, e dizimos; e porquanto em todo o Estado ha varios officios, e officiaes de justiça, fazenda e guerra, que têm seus regimentos, e outros sem estes, e todos muito confusos, e encontrados com varias provisões, alvarás e cartas, por cuja causa senão observam; e ser conveniente assim pelo que toca a meu serviço como para bem da justiça, e bom governo d'esse Estado, emendarem-se e reformarem-se tendo-se consideração ao tempo presente: encommendo, e mando ao governador, que tambem faça trasladar todos os regimentos, ordens, cartas, alvarás, provisões, e decretos, que se tenham passado, assim minhas, como dos Srs. Reis meus predecessores, e dos governadores geraes do Estado, e de outras pessoas, que tiverem ordens minhas, para as passar, e os mais papeis, que a isto pertencerem: e esta diligencia mandará fazer do tempo, de que se acharem estas noticias, até a presente; e todos estes papeis, relações, pés de lista, e folhas que por este capitulo ordeno e mando ao governador, que será obrigado aos mandar tirar, e remetter ao meu concelho ultramarino dentro de um anno desde o dia que tomar posse, com o seu parecer a informação, e dos ministros da relação, officiaes da fazenda, justiça e guerra, que entender a podem dar, para melhor se reformarem as ditas ordens, e regimentos; e para o perfeito e bem d'esta diligencia tanto do meu serviço: ordeno aos officiaes de justiça, fazenda, e guerra de todo Estado, cumpram as ordens, e mandados do governador, como devem, e são obrigados, e particularmente estão sobre esta materia no tempo, que o dito governador lh'os limitar.

33. E na materia das despezas, que fizerem as embarcações da India, que tomarem esse porto, e outro qualquer d'esse Estado, porque tenho resoluto os tome por evitar os damnos e descommodos, que se experimentam de assim o não fazerem, e para melhor segurança de sua viagem, o terem noticia das cousas da Europa, e a poderem seguir

ao reino, como convém: ordenará o governador, que as despezas, que em seu apparelho, e fornecimento se fizerem assim as que arribarem, indo para a India, como as que vierem d'aquelle Estado, se tirem do donativo da Inglaterra, e paz de Hollanda, fazendo-se com tudo a conta, e razão na fórma da carta, que mandei escrever a esse governo, em 8 de março de 1672, que ordenei se registasse n'essa secretaria, e nos livros da minha Fazenda: o que mandará obrar, como pela dita carta se ordena, e provisão, que com ella se remetteu da data de 2 Março do mesmo anno, ordenando que assim se execute, o que se dispõe na dita minha carta, emquanto as despezas das ditas embarcações com a fórma, em que os officiaes d'ellas hão de proceder na venda das roupas e fazendas, de suas liberdades, que dispõe a dita provisão, de que, e da carta se dão as cópias, e em nenhum caso se consentirá que nos ditos fornecimentos, e apparelhos, se dispendam outros rendimentos mais, que os declarados do donativo de Inglaterra, e paz de Hollanda, porquanto os d'esse Estado estão applicados sómente para os pagamentos dos presidios, e folhas ecclesiasticas e secular. E quando se não tenham feito avisos aos governos, e capitanias da jurisdicção d'esse governo, sobre este particular, lhes mandará o governador fazer, assim aos governadores, e capitães-móres, como aos provedores da minha Fazenda, com a cópia d'este capitulo, e da carta, e provisão, que n'ella se aponta.

34. Sendo caso que n'este reino se não arrendem os disimos, e mais rendas reaes, e donativos, que não estiverem applicados, com que se deve correr, com administração de uma, e outra cousa, pelos ministros de minha Fazenda, a que toca, em todo o caso, para que senão perca ou se venha a difficultar a arrecadação: o governador os mandará arrecadar pelos officiaes da fazenda do mesmo Estado, a que assistirá, fazendo que se arrecadem a ramo de cada governo, e capitania, por ter entendido que arrendados n'esta fórma, crescerão mais, e se poderão melhor arrecadar, e no arrendamento se guardará o regimento de minha Fazenda. E porque tenho resoluto que tudo o que sobejar das rendas de todo o Estado, depois de satisfeitas as despezas ordinarias d'elle, se remetta a este reino, para se

empregar nas cousas necessarias ao pavimento do governo, e augmento do mesmo Estado, assim o hei por mui encarregado ao governador, remettendo tudo á ordem do meu concelho ultramarino, guardando, executando o disposto n'este capitulo com toda a pontualidade.

35. A justiça de tão grande particular e obrigação minha, é tão necessaria para a conservação, e accrescentamentos dos Estados, que tudo o que na administração della encommendar, e encarregar, será muito menos do que desejo; porém confio do governador, que com tal cuidado procure se faça inteiramente, que não só me haja d'elle por bem servido, mas por satisfeito em tudo o que toca a esta obrigação, e seja o meio com que aquelle Estado vá em augmento: e nas materias de justiça, guardará o dito governador o regimento da relação d'elle; pelo que toca a seu titulo, e fará que o chanceller e mais desembargadores cumpram as obrigações de seus cargos, e regimento na fórma que por elle é disposto, dando-me particular conta do procedimento de cada um, e fazendo a todos o bom tratamento, como a ministros de justiça, e havendo de sua parte omissão no exercicio de seus cargos, e despacho das partes, lh'o advertirá o governador, e continuando n'ella, me dará conta, para eu ordenar o que houver por meu serviço, e para que eu tenha noticia do que se obra na dita relação, mandará o governador executar o que dispõe o capitulo 16 do regimento d'ella, a que até agora se não deu cumprimento. e de como assim o executa, me dará conta infalivelmente.

36. Assim como convém a meu serviço não se deixar tomar aos donatarios mais jurisdicção, que a que lhes pertencer por suas doações, e ter-se n'ella muita vigilancia, e advertencia, assim mesmo hei por bem que o governador lhe não tome a sua, nem consinta que os ministros de justiça, fazenda, e guerra lh'a tomem, que quebrem seus privilegios, nem doações, antes em tudo o que lhe pertencer; fará o dito governador, cumprir e guardar; porém terá entendido que mandará observar inviolavelmente, o que se dispõe no capitulo 23 d'este regimento sobre jurisdicção dos donatarios, e fórma em que devem ser providas suas capitanias.

37. Hei por bem com o parecer da Relação que possa o governador em meu nome passar alvarás, para os culpados em alguns crimes se poderem livrar por procurador em caso, que aliás se livrem soltos, e que assim possa passar alvarás de busca a carcereiros, para se fazerem fintas para as obras publicas dos concelhos, até quantia de 100$ rs., e para se poderem seguir appellações e aggravos, sem embargo de se não appellar, nem aggravar, em tempo de serem havidos por desertos, e não seguidos, e para se entregar fazenda de ausentes, em té quantia de 200$ rs. para se poderem provar pela prova de direito commum, e contractos até á quantia de 100$ rs.: os quaes alvarás despachará em relação na fórma em que lh'o concedo: e poderá passar alvarás de fiança, que se passam em meu nome com todas as clausulas, que se costumam passar pelos meus desembargadôres do paço, como é declaradoem alvará, feito em 13 de Setembro de 610 : e outrosim hei por bem, que o governador possa na fórma, que se costuma n'este reino, passar provisão ao meu procurador d'aquelle Estado, para de mandar as pessoas d'elle por as causas, que pertencerem á minha corôa e fazenda, por que as quizer demandar na fórma de outra provisão de 20 de Março de 611, e no que toca passar perdões e alvarás de fiança, ao que é disposto pelo regimento da Relação.

38. Vagando alguns officios de justiça, fazenda ou guerra, maiores, ou menores assim por morte, como por qualquer outra via, que seja : hei por bem que possa o governador prover as serventias d'elles de todo o Estado, em quanto eu não mandar outra cousa em contrario : as quaes serventias proverá na fórma, que dispõe no cap. 7° d'este regimento de que me dará logo conta pelas primeiras embarcações, particularmente dizendo o cargo, que vagou, e por quem, se deixou filhos, seu rendimento e a pessoa, em que proveu, e por que pelo cap. 19 do regimento dos governadores de Pernambuco e Rio de Janeiro, fui servido haver por bem, que elles provessem estas serventias, cada um em seu districto, o de Pernambuco por tres mezes sómente, e o do Rio de Janeiro por seis, pelos inconvenientes de não terem exercicio os seus officios, em quanto não davam parte ao dito governador geral, assim que seja

passado este tempo serão obrigados a darem posse aos que elle provêr, o que senão entenderá nos cargos de guerra, pois estes proverá na fórma, que está disposto no cap. 20 dos mesmos regimentos. E portanto que se diz ao governador ha de provêr os cargos de guerra, *pois* terá entendido que em nenhuma maneira proverá mestre de campo de Terço algum que vague, porque este governará o sargento-mór do mesmo Terço, em quanto eu não nomear mestre de Campo: e vagando sargento-mór do Terço, servirá o capitão mais antigo, com o mesmo posto de capitão, e vagando o capitão e tenentes de infantaria governarão seus alferes as companhias emquanto eu não provêr estes postos: e só se entenderá este capitulo e o 7° d'este regimento, e o 20 dos governos de Pernambuco e Rio de Janeiro nos mais postos de guerra que vagarem, e não fôrem d'esta condição, porque quando estes vagarem me dará conta o governador como fica dito.

39. Hei por bem que por evitar a duvida, que até agora houve entre o governo geral d'esse Estado, e governos de Pernambuco e Rio de Janeiro sobre a independencia, que pretendiam ter do governo geral, de declarar, que os ditos governadores são subordinados ao governador geral, e que hão de obedecer a todas as ordens, que lhes elle mandar, pondo-lhes o cumpra-se, e executando-as, assim as que lhes fôrem dirigidas a elles, como aos mais ministros de justiça e guerra, ou fazenda, e para que o tenham entendido lhe mandei passar carta, que o dito governador leva em sua companhia para lhes remetter com sua ordem, e lhes ordenará as mandem registar nos livros da minha Fazenda e camaras, de que lhe enviará certidões para me dar conta, de como assim executou.

40. E assim hei por bem, que o dito governador não crie officio algum de novo, nem aos que estiverem já criados, accrescente ordenado, nem soldo á pessoa alguma, nem praças mortas, internimentos, escudos de vantagem e reformações, nem crie de novo officio de Milicias, salvo se fôrem em acto de guerra: porque succedendo, creará os que fôrem necessarios, e acabada a occasião, a despeza reformará de modo, que não vençam paga, nem hajam soldos sem a minha especial licença, e fazendo o contrario, o que

d'elle não espero, se lhe dará em culpa, e será obrigado a pagar por sua fazenda os ordenados e soldos, internimentos e escudos de vantagem que der contra a fórma d'este capitulo; e quando lhe parecer que ha necessidade de crear algum officio ou accrescentar salario, me avisará, para eu ordenar o que eu houver por meu serviço.

41. E porque sou informado que contra a fórma do Regimento das Fronteiras se criam muitos officiaes de guerra, melhoramentos aos postos, sem terem os annos, que o mesmo regimento dispõe: hei por bem, que com os officiaes que fôrem providos d'aqui em diante, se observe a fórma seguinte:— Não se assentará praça a Capitão de infanteria, a quem não tiver servido 6 annos effectivos de soldado e 3 de Alferes, ou 10 annos effectivos de soldado, ainda que com a licença haja interrompido. Comtanto que o tempo da licença e ausencia se não inclua n'elles, que constarão por fés de officios; e se fôr pessoa de muita qualidade, em quem concorra virtude, animo e prudencia, se poderá admittir em 6 annos effectivos, ou ao menos 5; o que se permitte a taes pessoas, porque com razão se póde presuppôr n'ellas maior capacidade, mais antecipadas noticias, e indubitavel valor, e por estes respeitos é bem não dilatar n'elles tanto os provimentos como nos mais. E os que houverem de ser eleitos para Alferes, sejam pessoas, que tenham partes para o serem, e terem servido quatro annos effectivos, e os mesmos annos terão os que fôrem nomeados para sargentos: e as nomeações d'estes postos serão dos Capitães approvados pelos Mestres de Campo, e confirmados pelo Governador: as pessoas que houverem de ser nomeados em Tenentes de Mestre de Campo geral, hão de ter primeiro occupado o posto de Sargento-mór de infanteria pagos e os seus Ajudantes de Capitão de infantaria pagos, por patentes dos Governadores. Não se assentará praça, nem se poderá vencer soldo de posto de Capitão de infanteria para cima inclusive, sem patente assignada por mim. Nem se poderá aceitar deixação de nenhum d'estes postos providos por mim, sem alvará meu, nem o Governador poderá reformar, nem aceitar deixação de Ajudante, Alferes, ou Sargentos, sem terem servido tres annos effectivos os taes postos, porque em outra fórma ficarão excluidos das

reformações, nem de as poderem pretender, nem vencer soldos de reformados; mando ao Provedor-mór de minha Fazenda, e Escrivão da matricula que não assentem praça dos postos acima referidos a pessoas, em quem não concorram os requisitos que pelos capitulos antecedentes ordeno devem ter os providos n'elles: e nenhum concelho, nem pessoa poderá ter jurisdicção para supprir, nem dispensar n'elles, que as taes dispensações reservo para mim: e assentando alguma das ditas pessoas contra o disposto nos ditos capitulos, serão privados dos seus officios, e ficarão inhabeis para tornar a entrar em meu serviço, e pagarão de suas casas os soldos que as taes pessoas receberem: e sendo caso que o Governador lh'as mande assentar, lh'o replicarão por escripto: e quando sem embargo d'isso lhe mandem, mandarão conta pelo meu Concelho Ultramarino, e as taes pessoas que fôrem providas sem os ditos requisitos, se lhes não fará bom o tempo; e os soldos que receberem se haverão pela Fazenda do Governador que para a cobrança d'elle remetterá certidão do que importarem ao mesmo Concelho, a quem encarrego os faça executar pelas certidões que os Provedores-móres remetterem.

42. E porque me haverei por bem servido que o Bispo d'esse Estado e mais pessoas ecclesiasticas sejam pagos de seus ordenados, e ordinarias, que lhes vão na folha ecclesiastica, e vencem por provisões minhas para as fabricas das igrejas, e sobre isto lhe mandei passar varias provisões, porque ordeno se lhes pague com muita pontualidade, e tendo a isso obrigação por a razão dos dizimos, que dos indultos e bullas da Sé Apostolica estão applicados á corôa de Portugal, sendo minha vontade se lhe cumpram as ditas provisões e a de 10 de Novembro de 611, porque se ordena que nos arrendamentos, que se fizerem nos dizimos do Estado se separem logo, e fiquem separados os ordenados e ordinariás, e que de tudo se lhe faça pagamento com dinheiro, por folha feita por meus officiaes, a qual se entregará ao Prioste da Sé para por ella cobrar do rendeiro e fazer pagamento aos Ecclesiasticos, e Igrejas a seus tempos ordenados, com toda satisfação, e que a quantia assim limitada para pagamento dos ditos ordenados e ordinarias, se não possa por nenhum modo despender pelos

governadores, nem provedores-móres de minha Fazenda em cousa alguma, por precisa e necessaria que seja, e fazendo o contrario, possam os Ecclesiasticos haver por suas fazendas a quantia que cada um despender ou mandar despender, além de se lhe dar em culpa em suas residencias, nas quaes se perguntará por este particular. Pelo que mando ao governador que assim o cumpra, e faça inteiramente cumprir e guardar, porque fazendo o contrario não receberei escusa alguma, e lh'o estranharei muito, advertindo a fórma d'este pagamento, sobre os ordenados, que vencem os capitulares presentes, pelos ausentes, que na resolução se tomou em virtude de 20 de Setembro de 658, de que até agora se me não deu conta : e sou servido que ao Prioste se entregue sómente os ordenados e ordinarias dos Ecclesiasticos actuaes e presentes, e que n'esta fórma se façam as folhas pelos officiaes de minha Fazenda, a que toca, cumprindo o governador de sua parte com a obrigação disposta n'este capitulo, procurando saber se fazem os ecclesiasticos ou não seus officios, e se as Igrejas são servidas, e o Culto Divino tratado com a decencia devida, porque posto que esta obrigação seja particular do Bispo, a deva ter o governador em geral em lhe fazer as lembranças necessarias, fazendo honra e bom tratamento aos que se avantajarem, e me avisará de como elles procedem, e se ha alguns revoltosos.

43. Muito lhe encommendo a obra correspondencia e conformidade que deve sempre ter com o Bispo e mais ecclesiasticos de todo o estado: e assim lhe encommendo e mando se não entrometta na jurisdicção ecclesiastica, procurando sempre conservar a mesma pelo modo, que deve ter, que praticará com os Ministros da Relação: e em caso que o Bispo se queira entrometter n'ella, o que d'elle não espero, acudirá o governador com bom modo e prudencia, não lhe consentindo, e me avisará de tudo.

44. E acontecendo que os Desembargadores da Relação do Estado ou outros julgadores, e pessoas que têm obrigação de administrar justiça, tenham algum descuido, porque mereçam reprehensão do governador, Hei por bem, os admoeste, e não se emendando e faltando a sua obrigação e despacho das partes, lhe mandarão pôr ponto em

seus ordenados: emquanto sejam comprehendidos em alguns delictos graves, mandará proceder contra os taes até se pôrem os autos em final; e assim conclusos, sem n'elles se dar sentença, m'os enviará, para eu mandar sentenciar n'este Reino: e em tudo o mais que tocar aos Desembargadores da Relação e julgadores de tódo o Estado, guardará e fará cumprir o que pelo regimento de seus cargos são obrigados a guardar: ao dito Governador os hei a todos por muito recommendados, para os favorecer, como é devido aos Ministros de Justiça: sendo necessario aconselhar-se, ou saber alguma cousa dos Ministros da Relação ou outros Julgadores, ou Ministros de minha Fazenda de qualquer qualidade que sejam os poderá mandar chamar á sua casa, em todo o tempo e horas, sem lhes admittir escusa, para tratar com elles o que convier.

45. E sendo informado que alguns officiaes fazem o que não devem a seus regimentos, ou são negligentes, e não cumprem meu serviço ou despacho das partes, os admoestará e reprehenderá segundo merecem; e se depois de serem admoestados se não emendarem, hei por bem que os possa suspender e tirar dos officios pelo tempo que lhe parecer, dando-lhes mais o castigo que merecerem; e emquanto assim fôrem suspensos, proverá as serventias dos officios, em quem os sirva pela maneira acima declarada; e os officiaes que mando que admoeste e reprehenda, será em caso que lhe pareça, não merecem castigo: porque merecendo-o, os castigará, segundo as qualidades de suas culpas, vendo o caso em Relação com os Ministros d'ella, com os quaes sempre resolverá em todas as cousas que propriamente fôrem de justiça, para que n'ellas se proceda judicialmente.

46. As pessoas que d'este Reino fôrem degradadas para esse Estado, ordenará o Governador que, tanto que a elle chegarem, se lhes assente praça n'aquellas partes, aonde lhe ordenavam cumprir seus degredos, não levando partes certas em suas sentenças, e que sejam confrontados com pais, terras, signaes e annos de degredo: e posto que hão de vencer soldo, estando em Presidio, não poderão ser occupados em postos, ou officios na fórma da ordenação; e pretendendo as taes pessoas fés de officios se lhes passarão

com todas as declarações para que lhes não sirva de premio a pena do delicto, como mais em particular o mandei declarar por carta de 31 de Maio de 670, que ordenei se registasse nas partes necessarias, de que me dará o Governador conta, se assim se tem executado: e, acontecendo que alguns dos degradados me façam taes serviços na terra ou no mar, que pareça que não sómente devem ser perdoados do tempo que lhes faltar de seus degredos, mas habilitados para poderem servir os officios que n'elles couberem, tanto de Justiça como da minha Fazenda: Hei por bem que os possa o Governador provêr nas serventias d'elles quando vagarem, dando-me conta; porém isto se não entenderá nos que fôrem degradados por feitos ou falsidades, ou outros delictos de ruim exemplo.

47. Por ser informado que ha n'aquellas partes muitos Mamelucos ausentes e fugidos por ferimentos ou outros insultos: Hei por bem que indo os ditos Mamelucos que andarem ausentes, e que não tiverem culpas graves, nem parte offendida com o Governador, a alguma guerra, mandando-lhes ou promettendo-lhes lhes possa perdoar em meu nome as culpas que tiverem, com parecer dos ministros da Relação.

48. Por ser de grande inconveniente a meu serviço e Fazenda o Commercio dos Estrangeiros n'essas Capitanias: houve por bem de lh'o prohibir, conforme as leis e prohibições que mandei passar. E porque convém muito que os que sem licença minha, e contra a fórma do capitulado nos tratados que se celebraram entre esta Corôa e de Castella, e os Estados da Hollanda, de que tambem gozam os vasallos de El-Rei de França, pelo tratado que com ella se fez, fôrem tratar e commerciar as ditas Capitanias, sejam castigados segundo as leis e provisões, procedendo na fórma d'ellas,contra os que assim fôrem comprehendidos; mas succedendo que algum navio de qualquer d'estas nações se derrota n'esses mares, e lhe seja necessario tomar algum porto d'aquella Jurisdicção, e valer-se de algum fornecimento ou ajuda: ordenará o Governador que se lhe não falte com a bôa correspondencia que pede a amizade, que conservo com estas nações; porém por nenhum modo se lhes permittirá vender, e nem comprar fazendas

algumas, pelo damno que d'isso poderá resultar ao commercio de meus vassallos ; e com a mesma hospitalidade se haverá o dito Governador com os navios de outras nações amigas que fôrem por algum caso derrotados aos portos d'essa jurisdicção.

49. E para que tenha o Governador entendido como deve haver-se com os navios de Inglezes e Hollandezes, que em virtude dos tratados fôrem com licença minha áquelle Estado : Ultimamente fui servido resolver, por ajustamento que se fez com o Embaixador de França, que no despacho ordinario que pelo Provedor dos Armazens se costuma a dar ás naus estrangeiras, que sahem d'este porto para as conquistas, se expressasse o nome e nação do navio, do capitão e mestre d'elle, o lugar d'onde é visinho, o numero da gente, da artilharia e toneladas : o nome do fretador, se houver, ou pessoa por cuja conta vai, a parte para onde, e a escala que leva, e que as fazendas constarão dos bilhetes que se darão ás partes no consulado, por onde conste haverem pago os direitos na fórma do tratado. Este despacho levarão os mestres ao Brasil, ou á parte aonde fôrem, para o apresentarem a meus ministros, ficando registado nos armazens, para a todo tempo se saber a fórma d'elle, e constar de todo o referido, e nas conquistas, d'esta minha resolução, para que os ditos capitães e mestres dos navios estrangeiros não possam allegar ignorancia, procedendo-se na fórma das minhas ordens contra aquelles que não levarem estes despachos, n'esta ou n'aquella fórma com que antes d'esta minha resolução costumavam levar, e ser com ella admittidos nas conquistas : e d'este capitulo e do atrás declarado e cópias dos tratados que se lhes entregam, sobre o commercio dos estrangeiros nas conquistas, mandará o Governador passar os traslados com ordens suas, para que os Governadores e Capitães-móres de sua jurisdicção assim o executem, e lhe enviem certidões para constar d'esta minha resolução, de que me dará parte.

50. E porque a paz celebrada entre esta Corôa e a de Castella não declara o reciproco commercio que ha de haver entre ambas as nações, e sómente no 3° art. do tratado que os vassallos de uma e outra Corôa poderão usar e exercitar commercio com toda segurança por terra e por mar,

e assim e de maneira que usava em tempo do Senhor Rei D. Sebastião, quando os vassallos de Hespanha vão sem licença minha aos portos d'esse Estado: mandará o Governador proceder contra elles na forma das leis e prohibições que são passadas. Mas os navios que vierem das Indias Occidentaes, Rio da Prata e Buenos-Ayres, com prata e ouro, e não outras fazendas de Hespanha, lhes mandará dar entrada, e poderão commerciar nos portos d'este Estado, levando em troco os generos d'elle, e pagando os direitos costumados, por assim convir ao meu serviço e ao bem dos meus vassallos: e quando se não abra este commercio por parte de Hespanha, porá o Governador todo o cuidado e diligencia para ver se por via dos meus vassallos se póde abrir, pelos meios convenientes que possa ser: o que lhe terei a particular serviço.

51. Por se ter mandado que para o bom governo d'esse Estado, e para se ter mais certas noticias das cousas d'elle, ordenassem os Governadores Geraes se fizesse um livro em que se assentassem os governos e capitanias d'ella, declarando-se as que tocavam á Corôa, e as que eram de donatarios; que fortaleza e fortes havia em cada uma d'ellas, artilharia, armas e munições, officiaes que lhe assistem, e mais gente de sua guarnição, e relação da miliciana, Officiaes, Ministros, com declaração dos ordenados, e despezas ordinarias que se faziam em cada um dos ditos Governos e Capitanias, e assim de seu rendimento; pondo-se no livro titulo do Estado, o qual tivesse em seu poder o Governador d'elle, e fôsse reformado no dito livro cada anno, o que se mudasse ou accrescentasse, ou diminuisse nos Governos ou Capitanias, assim tocante á sua fortificação como á artilharia, armas e munições, Capitães e gente de guerra, para o entregar ao que lhe succedesse no cargo: e porque até o presente se não deu razão de como se executou, tomará o Governador noticia d'este livro, se está feito, tomando d'elle entrega para me enviar a cópia, e indo continuando com a reforma, na maneira que fica dito; enviando-me cada anno uma folha, por elle assignada, do que se accrescentar ou diminuir, para me ser presente: e não se tendo formado o tal livro, o mandará executar como se declara; e se o não executar me haverei por mal servido d'elle, dando-se-lhe em culpa em sua residencia.

52. Hei por bem que, emquanto o dito Governador me servir n'esse Estado, possa repartir em mercês de pessoas que me servirem n'ellle, em té quantia de 100 mil cruzados ; e das que fizer me enviará cada anno uma relação, assignada por elle, com declaração do respeito por que a fez, tendo consideração a que sejam benemeritos, e que precedam de sua parte serviços : e a relação que me vier do despendido dos cruzados entenderá o Govornador a l a de mandar cada anno, assignada por elle, para que, constandome a remettesse, se levem em conta ao Thesoureiro Geral do Estado ; porque em outra fórma se haverão para sua fazenda, e lhe não farão despeza; e tambem me enviará todos os annos relação das pessoas que me servem, e seus serviços, com sua informação e parecer, para ter d'elles lembrança em requerimentos de outras mercês que procurarem.

53. Terá particular cuidado de todos os mestres de navios que fôrem d'estes Reinos a esse Estado ; se levam ordens ou cartas minhas, ou despacho do meu Concelho Ultramarino, porque conste que as não havia ; e não lhe entregando uma ou outra cousa fará alguma demonstração para exemplo ao diante em materia de tanta importancia, em que elles não recebem damno ou dilação.

54. Houve por bem de mandar largar a meus vassallos o beneficio e lavra das minas de ouro e prata do Brasil, com declaração que elles pagassem os quintos á minha Fazenda, assim por ella não estar em estado de poder acudir a todas as despezas d'esta materia, como por lhes fazer a elles a mercê ; e sobre o modo em que n'ellas se ha de proceder se enviou já a esse Estado o Regimento assignado por mim; pelo que encommendo ao Governador o faça cumprir inteiramente, ajudando e favorecendo este negocio de maneira que hajam sempre pessoas que se animem a continuar o beneficio das minas.

55. Será advertido que de todos os negocios de Justiça, Guerra e Fazenda d'esse Estado, me ha de dar conta pelo meu Concelho Ultramarino, aonde hão de vir as ordens dirigidas a quem privativamente tocam todas as materias das conquistas ; e o mesmo advirto aos Ministros de sua jurisdicção : e assim o Governador, como elles, não cumprirão as ordens que fôrem passadas por outros Tribunaes,

excepto as que se expedirem pelas Secretarias do Estado e expediente, e pela Mesa da Consciencia e Ordens as que tocarem ao Ecclesiastico e defuntos e ausentes : e as pessoas que fôrem providas em dignidades, conezias, beneficios e vigararias que houvorem de vencer ordinarias por conta de minha Fazenda, serão obrigadas a levar Alvarás de mantimentos pelo meu Concelho Ultramarino, para lhes serem assentados ; e sem elles se lhes não assentarão as taes ordinarias ; e assim guardará o Governador as cartas passadas pelo Desembargo dó Paço das nomeações que fizer de Chanceller, Desembargadores e Ouvidores geraes d'esse Estado, que tambem hão de levar Alvarás de mantimentos, expedidos pelo meu Concelho Ultramarino, para vencerem seus ordenados, e sem elles se lhes não assentarão ; e assim tambem cumprirá as Provisões e Alvarás passados pelho Concelho da Fazenda sobre as licenças dos navios, emquanto eu não mandar o contrario.

56. E se emquanto me servir no Governo Geral d'esse Estado, succederem algumas cousas que por este Regimento não vão providas, e cumprir fazer n'ellas algumas obras, as praticará com os Ministros da Relação, Provedor-mór da minha Fazenda, e mais pessoas que lhe parecer o poderão bem aconselhar, e com o seu conselho e parecer proverá n'ellas como houver mais por meu serviço; e sendo as taes cousas de qualidades, que convenha ter-se segredo, praticadas com as ditas pessoas que melhor lhe parecer, sendo differentes nos pareceres, se fará e cumprirá o que o Governador resolver : e as cousas que assim communicar fará por escripto, com declaração dos pareceres das pessoas com quem as praticou ; e o assento que sobre ellas se tomar escreverá o Secretario do Estado, e assignará o Governador com as pessoas que fôrem na Junta. E de tudo me enviará os traslados, dando-me conta com toda a miudeza pelos navios que vierem.

57. E porque sobre tudo o que por este Regimento ordeno, confio do Governador terá em todas as materi,a assim da Christandade, como da minha Fazenda, e as mais tocantes ao bom Governo d'aquelle Estado, tal procedimento, como é a confiança que d'elle faço para o encarregar d'ella, hei por escusado dizer-lhe, nem encommendar-lhe

que seja mui continuo em me escrever, e avisar de todas as cousas que succederem, e do que entender ser necessario para o bom governo d'elle, como do procedimento das pessoas que n'elle me servirem; o que fará em todos os navios que partirem das partes e logares d'onde se achar, sem vir algum sem carta sua, ainda que seja repetindo o já escripto; porque assim convém, pela incerteza do mar; e não impedirá escreverem-me as Camaras, e mais Ministros, Officiaes de Justiça, Fazenda e Guerra, ainda que sejam queixas; porque a meu serviço convém haver a liberdade necessaria; e as informações que ao dito Governador se pedirem, virem com clareza que póde ser.

58. E porquanto por Provisão minha de 27 de Janeiro de 671, ordenei que os Governadores das Conquistas, e Ministros de minha Fazenda e Guerra, d'ellas não possam commerciar com logeas abertas em suas casas, nem atravessar fazendas algumas, nem pôr n'ellas e nos fructos da terra estanque, e menos entrometter-se nos lanços dos contractos de minhas rendas Reaes, e Donativos das Camaras, nem desencaminharem os direitos, nem lançarem nos bens que vão á praça; e que tambem não ponham o preço aos generos e fretes de navios, ficando livres ao arbitrio e conveniencia das partes, e as mais cousas que a Provisão declara; hei por bem que o Governador o execute durante seu governo, não sómente pelo que lhe toca, mas aos mais Ministros de Justiça, Fazenda e Guerra de sua jurisdicção; porque a todos se ha de dar em culpas em suas residencias, quando faltem ao que disponho pela dita Provisão.

59. Com este Regimento se hão-de entregar as cópias dos Capitulos das pazes celebradas entre esta Corôa e a de França, Inglaterra, e Estados da Hollanda, de que fazem menção os capitulos 48 e 49 d'este Regimento, para que conforme a uns e outros, tenha o Governador entendido o que ha de obrar quando a esse Estado fôrem navios d'estas nações a commerciarem.

60. Sem embargo de que este Regimento o ha de mandar registar o Governador assim nos livros da Secretaria, como nos da minha Fazenda e mais partes, como se declara no Capitulo 61, será obrigado a advertir ao Provedor-mór d'ella tenha entendido que em tudo o que

lhe tocar d'este Regimento o cumpra e guarde, sob pena de pagar de sua fazenda o que mandar despender contra o disposto n'elle, nem se levará em conta ao Thesoureiro Geral ou Almoxarifes o que assim mandar despender, ou seja dinheiro ou generos: e quando o Governador mandar obrar alguma cousa contra este Regimento, lhe replicará com a cópia do capitulo que o encontra; e obrigando o governador a elle Provedor fazer a dita despeza, sem embargo de sua duvida, guardará a ordem do dito Governador, e me dará conta com a cópia de todas as ordens, replica, e capitulo do Regimento, que a prohibe na fórma do das fronteiras, para eu mandar executar o que se dispõe sobre este particular.

61. Este Regimento cumprirá o Governador como n'elle se contém, em tudo o que por elle é declarado, sem duvida alguma, e sem embargo de quaesquer outros Regimentos, Provisões, ou Alvarás em contrario, e de não ser passado pela Chancellaria, o qual mandará registar na Bahia nos livros da Secretaria, e de minha Fazenda e Camara, e d'elles remetterá os traslados com sua ordem aos Governadores e Capitães-móres de sua jurisdicção, para que ordenem o mesmo, mandando-os registar nos livros de minha Fazenda e Camaras dos ditos Governos e Capitanias. Antonio Serrão de Carvalho o fez em Lisboa em 23 de Janeiro de 1677. O Secretario Manuel Barreto de Sampaio o fez escrever. — Principe — Conde do Val de Reis, etc., etc., etc.

Cumpra-se como S. Alteza manda, e registe-se nos livros da Secretaria de Estado e Fazenda Real d'ella. Bahia, 20 de Março de 1678. Roque da Costa Barreto. Registado nos livros dos Regimentos da Secretaria do Conselho Ultramarino a fls. 178 verso, em Lisboa, 3 de Agosto de 1677. Manuel Barreto de Sampaio. O qual traslado do Regimento eu Fernão Nunes Figueira, Guarda-mór da Relação, aqui fiz registar e tresladar da propria, por mandado do Sr. Roque da Costa Barreto, Mestre de Campo, General do Estado do Brasil, a cujo cargo está o governo d'elle, e Regedor da dita Relação.

Está registada no Tomo 1° do livro verde da Relação do Maranhão, de fls. 25 até fl. 47 verso.

RELAÇÃO

Da acclamação que se fez na Capitania do Rio de Janeiro, do Estado do Brasil, e nas mais do Sul, ao Senhor Rei D. João IV, por verdadeiro Rei e Senhor do seu Reino de Portugal, com a felicissima restituição que d'elle se fez a Sua Magestade, que Deus Guarde, etc.

(Impresso offerecido de Lisboa pelo Socio Correspondente o Sr. Varnhagen)

Dilatou-se a nova da felicissima restituição, que a Sua Magestade o Senhor Rei D. João IV, que Deus guarde, se fez de seu Reino de Portugal, em se divulgar na cidade de S. Sebastião, Capitania do Rio de Janeiro, do Estado do Brasil, até 10 de Março d'este presente anno de 1641, que, para ser mais applaudida, chegou quando era menos esperada, se bem desejada de todos os que, presando-se de verdadeiros Portuguezes, pediam ao Céo lhe restituisse Rei legitimo; cujos clamores admittidos no supremo Solio do Poderosissimo Senhor dos senhores, permittiu o feliz despacho de supplica tão justa, e o Soberano effecto de acção tão devida á Real Casa de Bragança, d'onde usurpada se viu desunida de seu ser 60 annos, anhelando sempre por o tornar a adquirir, até que se restituiu a seu verdadeiro senhor o Senhor Rei D. João IV, como seu hereditario legitimo, em o 1° de Dezembro de 1640, em cuja Real Casa permittirá o Céo se eternise com tão felizes successos, que, sendo Monarcha dos dous Imperios, se satisfaça do que em tantos annos lhe usurpou a Corôa de Castella. Governava a Praça do Rio de Janeiro Salvador Corrêa de Sá; seu avô, e Martim de Sá seu pai, foram terror de Hollanda, assombro do Brasil, pasmo do valor, e exemplo, ou deixado da lealdade, como publicam, como testificam, como apregoam tantas emprezas, que ousadamente intentaram em serviço da Corôa de Portugal, e felizmente fenecaram: já por mar contra os hereges que infestavam a costa do Brasil, já de estrangeiras nações que se tinham introduzido na Capitania do Rio de Janeiro, já de barbaros Indios, que irracionaes no tracto, faziam pasto de carne humana, que,

habitadores d'aquelles desertos, aggregaram ao gremio da Santa Fé Catholica, reduziram ao serviço de seu Rei e ao tracto humano racional, de que o seu era tão dividido: e seu neto e filho, tão verdadeiro imitador seu, que por mar e terra ha dado bastantes mostras de haver herdado com o sangue o valor, com o valor a prudencia, com a prudencia o zelo de servir a seu Rei, o prodigo de despender sua fazenda no dito Real Serviço, e excedendo-se no desvelo incançavel com que fabrica novos serviços que executar, e executa novas acções que inventa, sendo tão continuo n'este exercicio, e tão habil para a execução que, não sómente penetra em que sirva, mas prudente e modesto obriga, ainda aos mais incapazes, a approvarem no Real Serviço, o que machina, como publicam seus affectos desde menino em mar e terra, e depois que governa nos que ha executado n'aquella Capitania. Levou esta felice nova o Rev. Padre Provincial da Companhia de Jesus, que, quando á Christandade resultam tantas prosperas por ordem e agencia d'esta Sagrada Religião, não podia por outra via gozar o Brasil de tanto bem. Deu ao Governador uma carta do Marquez de Montalvão, Viso-Rei entonces do Estado, a quem acompanhava outra, que Sua Magestade havia mandado escrever ao dito Viso-Rei; aquella lhe avisava o effecto, e estimulava a proseguil-o na Capitania; e esta confirmava a acção, ordenando a executasse no Estado. Leu o Governador as cartas, e como de passar de semelhante extremo a extremo semelhante, e em acção, se tão desejada não previnida, pudesse entender no vulgo vario algumas neutralidades; depois que se recobrou, porque o excessivo gosto o havia algum tanto divertido de si mesmo e que considerou que, de mais de ser a causa tão justa, a restituição tão legitima, e o effecto tão devido, fôra permissão do Céo, a que humanos juizes não podem divertir, nem penetrar, não reparando em que, approvando a eleição, se divorciava de mais de 10.000 cruzados de renda, e mais de 50.000 cruzados de fazenda de raiz e movel, que no Reino do Perú e Castella gozava com encommendas, dote e herança, e muitas promessas de mercês para sua casa e filhos, que via frustradas; mas como verdadeiro, leal e fidelissimo Portuguez (ainda que Castelhano por sua mãi

D. Maria Benavides, sobrinho do Marquez de Xaval quinto, e casado com D. Catharina de Vgarte y Velasco, sobrinha do Viso-Rei do Mexico e do Condestable de Castella), considerando que mais grangeava em ser vassallo de Rei natural, legitimo, verdadeiro herdeiro do Reino de Portugal, e que em sua Real benignidade acharia a recompensa avantajada, como nos Senhores Reis de Portugal seus antecessores haviam achado seus antepassados, como foi seu avô Salvador Corrêa de Sá, que, chegando de conquistar o Rio de Janeiro a esta Cidade de Lisboa, e estando o Senhor Rei D. Sebastião, de gloriosa memoria, nos paços de Cintra, mandando-lhe dar a bôa vinda, lhe mandou juntamente uma encommenda de mercê, antes effectuada que pretendida, sem revelar o segredo, que só tinha communicado com o dito Padre Provincial, Paraninfo d'esta nova: deu ordem a D. Antonio Ortiz de Mendonça, Sargento-mór e Governador da gente de guerra d'aquella praça, para que logo désse aviso aos officiaes da Camara, Prelado ecclesiastico, Vigario geral, Prelados das Religiões, Capitães de infantaria, fortalezas e ordenanças, e a outros homens nobres, e cidadãos da Republica, que tinha um negocio muito do serviço de S. M. que lhe communicar, para cujo effeito se juntassem todos no collegio da Companhia de Jesus, sem dilação, o mesmo dia e hora que recebeu, leu e considerou o aviso. Executou o Sargento-mór esta ordem, foram obedecendo os chamados, e esperando-os na sala da livraria do collegio, foi previnindo a cada um dos que entravam de per si e em segredo, com tanta prudencia que aggregou ao seu os votos de todos em particular, para que, quando em geral os solicitasse, se não neutralizasse nenhum, havendo dado ordem que nenhuma das pessoas qae entrasse tornasse a sahir, porque se não vulgarizasse a acção antes do effeito. Juntos que estiveram todos, e unidos os votos em segredo, mandou lêr as cartas, depois do que proseguio, dizendo: — Isto (Srs.) e o que contêm estas cartas, isto o para que chamei a vossas mercês, e isto o sobre que devemos considerar o que se deve fazer. O effeito já está executado (como me avisa D. Jorge Mascarenhas Marques de Montalvão n'esta carta, e S. M. na que lhe mandou escrever a elle) em todo o Reino de Portugal, que, imitando a

cidade de Lisboa, tem acclamado, jurado e reconhecido ao Senhor D. João, Duque que foi de Bragança, por legitimo e verdadeiro Rei e Senhor de Portugal ; acção tão devida á Sua Real Casa, legitimamente herdeira do Reino, tão desejada de Portugal, e tão esperada, sessenta annos ha, como applaudida do Céo com demonstrações de que me dão aviso outras cartas de particulares de credito, e que se verificam em que sem mortes nem contrariedades que podiam originar-se d'ella, se effectuou. Na Bahia, cabeça d'este Estado, se fez já a mesma acclamação e juramento. Aqui nos ordenam façamos o mesmo n'esta Capitania, o que eu por mim só não posso executar sem os pareceres de Vossas Mercês, que, em caso semelhante, é melhor errar com o de todos que acertar com o meu. E assim Vossas Mercês, Srs. Officiaes da Camara, como cabeças da Republica, manifestem seu sentimento, e seguindo-se a elle o dos Srs. Prelados Ecclesiasticos e Prelados das Religiões prosigam os Srs. Capitães e mais adjuntos, que do que Vossas Mercês decretarem se fará auto publico, que conste a todo tempo. — Acabou o Governador sua proposta : e levantando-se o Vereador mais velho em nome dos Officiaes da Camara, disse que, se a eleição havia sido tão approvada do Céo e tão applaudida de todo o Reino, e proseguida na Bahia cabeça do Estado, elles deviam de seguir aos maiores e fazer a mesma acclamação e juramento. Reconhecendo por verdadeiro Rei e Senhor de Portugal ao Senhor Rei D. João, o IV d'este nome, Duque que havia sido de Bragança, pois de mais de estar já como se via de posse de todo o seu reino, lhe competia por direito, como era notorio, e se deviam de dar muitas graças ao Céo de se vêrem resgatados do pesado jugo e tyranna subjeição, que haviam padecido tantos annos na vassallagem de El-Rei estranho, padecendo muitas calamidades com novas invenções de tributos que tinham já ao reino quasi na ultima respiração, de cujo lamentavel transito Deus Nosso Senhor havia sido servido restaural-o por meio tão licito, e de que se podiam esperar novas reformações com que tornasse a seu primeiro ser. E seguindo-se os votos de todos, igualmente foram do mesmo, sem que em nenhum houvesse neutralidade, que o Governador mandou se fizesse auto, que logo fez o Escrivão da Camara, e assignando elle primeiro fizeram

o mesmo os mais, e acabado acclamaram todos em geral á imitação do Governador que deu principio, viva El-Rei D. João, o IV de Portugal. E mandando logo trazer o Pendão Real da Camara, sahiram do collegio em procissão, e unidos foram á Sé Matriz, d'onde, feito um Altar no Cruzeiro d'ella sobre um missal, fez o Governador, e a seu exemplo todos os mais, solemne juramento, preito e menagem de ter, manter, reconhecer e obedecer ao Senhor Rei D. João, o IV, Duque que havia sido de Bragança, por verdadeiro Rei e Senhor de Portugal, repetindo muitas vezes o viva que o povo pluralisava com notavel applauso sem saber porque, como, nem a quem se victoriava tanto; dando a entender que o Céo confirmava a eleição em que os mais ignorantes d'ella se deixavam levar do gosto que communicavam os que o sabiam, sem inquirirem nem saberem a quem se dedicavam seus vivas, que em todas as praças da cidade se repetiram ao arvorar o Pendão Real em nome de S. M. o Senhor Rei D. João IV, sem que houvesse pessoa que procurasse eximir-se de repetir vivas, e deixasse de aggregar ao tumulto que ia augmentando-se com a novidade, até que na casa da Camara se fez a ultima ceremonia mais regozijada, porque já o povo quasi todo se havia unido a vêl-a, e o miudo gostoso com novidade multiplicava alegria na repetição dos vivas. Logo mandou o Governador (para proseguir com o applauso devido, e manifestar o affecto proprio) lançar bando com todas as caixas do presidio publicando o effeito que aquella noite e as duas seguintes todos os moradores ornassem suas janellas com luminarias, e as fortalezas e navios disparassem sua artilharia emquanto (por ser a penultima semana da Quaresma, a quem se seguia logo a Santa) se apparelhavam para começar nos dias da Paschoa da Resurreição festas que intentava a tão feliz successo de Portugal, estimulando e pedindo que todos entrassem n'ellas, accrescentando (como quem conhece os animos de todos) que teria por mal affecto ao serviço de S. M. o dito Senhor Rei D. João IV toda a pessoa que tivesse posses, e se eximisse de entrar nas festas, para com isto obrigar a alguns que entendeu apaixonados de Castella a se divertirem do seu sentimento. Vio-se aquella noite a cidade toda ornada de luzes, tão brilhante de

invenções, tão lustrosa de fogos, e tão inquieta de vivas pela ruas, e artilharia nos navios e fortalezas, que de uma parte parecia que o Céo havia trasladado as estrellas nas janellas e de outra que a abrazada Troia se representava na confusão das vozes e repetições da polvora, effeitos de amor, mostras do que nas veras quando se offereça, gastaram os leaes animos dos Portuguezes e Brasilienses em serviço de seu verdadeiro Rei e Senhor Portuguez. Ao outro dia 11 de Março (proseguindo o Governador com seu zelo, e desejando que á sua imitação as Capitanias debaixo, S. Vicente e S. Paulo e onze villas de que constam, jurassem a mesma obediencia, e ser autor de serviço de tanta importancia, pois n'ellas consiste a conservação e sustento de todo o Brasil, e ainda de Portugal o augmento assi por os mantimentos que produzem, como por as minas de ouro que conservam) despachou a ella a Arthus de Saa, Capitão da fortaleza Santa Margarida, que fez o Governador na Ilha das Cobras Padrasto da Cidade, com ordens ás Camâras, Justiças e Officiaes de Milicia, a que imitassem as cabeças de suas republicas, escrevendo a todos com os traslados das cartas de Sua Magestade e do Viso-Rei, e ainda a muitos particulares dos nobres do povo, para que o estimulassem ao effeito : e em uma canôa esquipada por maior brevidade, e por se adiantar antes que acaso chegasse aviso de Castella que os pudesse neutralisar, a fez sahir pela barra aos 12 de Março, mandando no mesmo dia (porque no serviço d'El-Rei nunca permittiu dilação, por cuja presteza é censurado), apparelhar uma caravela e um patacho ; aquella para mandar a este Reino a dar aviso a S. M., e aquelle para o duplicar a Bahia ao Viso-Rei, ordenando juntamente que as companhias de Presidio, á noite que estivessem de guarda, a festejarem no corpo d'ella, como se fez nas oito noites seguintes, querendo cada Capitão exceder ao que lhe havia precedido, e com honrada emulação cada companhia se queria avantajar, e assim todas as oito noites houve luminarias e muitas ruciadas de mosqueteria e falcões, que publicaram mais o regosijo.

A 19 de Março, vespera do Patriarcha S. Bento, a cuja festa celebrando-se no seu Convento do Rio de Janeiro assistia o Governador, estando prégando ás 4 horas da

tarde o Padre Frei Manuel, Religioso da mesma Ordem, sujeito digno de eternos louvores, alvoroçou a Igreja um Ajudante, que com um mestre de uma caravela, que havia chegado d'este Reino, entrou n'ella, e deu duas cartas ao Governador, que reconhecendo por o subscripto serem de Sua Magestade, levantando-se em pé abriu uma, beijando e pondo sobre sua cabeça a real firma que n'ella viu, a manifestou ao povo, d'onde havia algum, que censurava o haver andado o Governador facil na acclamação sómente pela carta do Viso-Rei. Aqui se repetiu de novo o viva a El-Rei D. João o IV com tanto applauso como se fôra o primeiro dia, dando materia ao prégador para variar a do sermão em louvoures de Sua Magestade, tão dignamente dirigidos, quanto divinamente accommodados: e o Governador, manifestando seu incomparavel gosto, abraçando ao mestre, lhe deu de alviçaras que não pagasse imposição dos vinhos que levava na caravela, dizendo que, supposto que aquella competia á Camara, se os officiaes d'ella não approvassem as alviçaras, elle as pagaria de sua fazenda. E por evitar de todo as censuras, e remover os animos ao affecto tão justamente devido a El-Rei Nosso Senhor, mandou, acabado o sermão, lêr em publico a carta que recebeu de Sua Magestade, com que se duplicaram os vivas, se pluralisaram as graças ao Céo, e se desterrou toda a murmuração. Com a diligencia que costuma o Governador na execução do serviço d'El-Rei, logo ao outro dia, em execução (segundo se presumiu) do que lhe devia de ordenar Sua Magestade pela outra carta, apparelhou um navio dos que estavam no porto de tudo o que era necessario, e de mais gente do mar, calafates e carpinteiros; lhe metteu vinte soldados, e por Cabo d'elles ao capitão Antonio Lopez Mialha, que o havia sido do forte S. João, e aos 21 do dito mez o despachou a Buenos-Ayres com algum aviso de importancia, que reservou o Governador só para si, e ao Cabo a cuja ordem o remetteu, encommendando o mesmo segredo aos Officiaes que a escreveram, e Escrivão ue deram fé do que continha; diligencia tão repentinamente obrada como se estivera previnida. A noite do dia de Paschoa, ultimo de Março, dando principio ás decretadas festas, se viu a cidade tão ornada de luminarias, que

não fazendo falta o brilhante esplendor do Planeta Monarcha, e substituidas as estrellas nas janellas e ruas, formavam tantos cambiantes tornasóes no vario de invenções, que se enredou o pensamento nas luzes, e se confundio no numero, pois o limitado do logar parece que se dilatava com ellas n'esta occasião. Foi o principio das festas uma encamisada em que passaram mostra, alegrando tódas as ruas da cidade 116 cavalleiros, com tanta competencia luzidos, tão luzidamente lustrosos, e tão lustrosamente custosos que nem Milão foi avaro, nem Italia deixou de ser prodigamente liberal, desejando cada um não sómente exceder ao outro, mas ainda avantajar ao mais poderoso: e porque seria fazer uma relação dilatada e enfadosa, se não nomeam em particular todos os que a illustraram, acaudilhando-a o Capitão Duarte Corrêa Vasqueanes, que foi Governador d'aquella praça, e D. Antonio Ortiz de Mendonça, Sargento-mór e Governador da gente de guerra d'ella, e rematando-a o Governador Salvador Corrêa de Sá e Benavides, vestido de tella branca, tão bisarro, como alegre, repetindo em todas as ruas vivas a El-Rei D. João. E para maior alegria se lhe aggregaram dous carros ornados de sedas, e apparatos de ramos e flôres, e tão prenhados de musica, que em cada principio de rua parecia que o côro do Céo se havia humanado; acção do Licenciado Jorge Fernandes da Fonseca, e obrada com seus filhos unicos n'esta arte, e que mereceu o louro, assim da invenção, como do sonoro.

A segunda feira, primeira oitava da Paschoa, fez o Governador alardo geral, e armou dous esquadrões no campo de Nossa Senhora d'Ajuda, fazendo das companhias do Presidio um batalhão, e das da terra outro, e uma companhia de frecheiros com 118 homens de emboscada, e a cavallaria em seu logar, e elle a cavallo, vestido de tella encarnada, accommetteram-se os dous campos por cinco vezes escaramuçando, e dando-se cargas mui luzidas, compostamente sargenteando o Sargento-mór D. Antonio Ortiz de Mendonça, e o Governador no meio, sem descansar, previnindo as ordens e dispondo acertos. E dando ultimamente ordem a que todos calassem mecha, arvorassem bandeira e previnissem picas, pondo-se no meio de dous batalhões,

e tirando o chapéo, disse em voz alta:—viva El-Rei D. João, o IV de Portugal,—ao que responderam todos—viva, tres vezes, que foram as que elle o repetiu, e se deram tres cargas, abatendo ou floreando as bandeiras, que foi acção mais luzida, e para vêr que se podia previnir, com que se deu fim com o do dia á festa d'elle, achando-se nos dous campos com armas mil e duzentos homens.

A' terça-feira mandou o Governador correr touros, dando premios ás melhores sortes, ou maior dextreza, tudo á sua custa; e illustraram a praça muitos cavalheiros que na dextreza dos cavallos, brio e força dos rojões livraram o perigo a que se expunham, sem que succedesse nem desaire, nem desgosto.

A' quarta-feira se jogaram canas, acaudilhando uma quadrilha de 15 cavalleiros o Governador, e outra de iguaes o Capitão Duarte Corrêa Vasqueanes.

A' quinta-feira, estando previnido um theatro na praça para se representar uma comedia, choveu tanto que não deu logar a isso, e por não deixar de proseguir nas festas, mandou o Governador se representasse na sua sala, d'onde subiram quantos puderam caber, sem limitar a entrada a nenhuma pessoa, e se começou com loa de muitos vivas a El-Rei Nosso Senhor, e feneceu com a mesma repetição.

A' sexta-feira foi força interpolar a festa, porque choveu tão rigorosamente que não deu logar a nada.

Ao sabbado se correram manilhas, sendo os oppositores 20 cavalleiros, não faltando o Governador, nem o Capitão Duarte Corrêa, que tambem em todas as festas luziu bisarro, e bisarreou lustroso.

Ao domingo sahiram duas companhias de gente principal mascaradas e vestidas ao gracioso burlesco com notavel regosijo. E rematou-se a festa (que na mais opulenta cidade não podia ser mais lustrosa), com um alardo que os estudantes á segunda-feira ordenaram, dando mostras de que tambem, quando fôsse necessario em serviço de Sua Magestade, saberiam disparar o arcabuz, como construir os livros. E todas essas noites desde a primeira teve o Governador ornadas as janellas de sua casa com luminarias de cêra, e muito fogo de polvora na praça.

D'esta maneira acclamou o Rio de Janeiro ao Senhor Rei D. João o IV por verdadeiro Rei e senhor do seu Reino de Portugal; d'esta maneira applaudiu tão feliz effeito, como sua restituição a elle: e d'esta maneira manifestou os animos dispostos a seu real serviço.

COPIA

De uma carta do padre Manuel da Nobrega, que escreveu ao Illm. Cardeal; de S. Vicente, o 1° de Junho de 1560.

(Copiada da collecção de Cartas Jesuiticas. MS. da Livraria Publica do Rio de Janeiro).

A paz de Christo Nosso Senhor seja sempre em continuo favor e ajuda de V. A. O anno passado de 1559, me deram uma de V. A., em que me manda que lhe escreva e avise das cousas d'esta terra, que elle deve saber. E pois assim me manda, lhe darei conta do que V. A. mais folgará de saber, que é da conversão do gentio, a qual, depois da vinda d'este Governador Mem de Sá, cresceu tanto, que por falta de operarios muitos deixamos de fazer muito fruito, e todavia com esses poucos, que somos, se fizeram quatro Igrejas em povoações grandes, onde se ajuntou muito numero de gentio, pela bôa ordem que a isso deu Mem de Sá, com os quaes se faz muito fruito, pela sujeição e obediencia que tem ao Governador, e em mentes durar o zêlo d'elle se irão ganhando muitos; mas, cessando em breve se acabará tudo, ao menos entretanto que não tem ainda lançadas bôas raizes na fé, e bons costumes.

A causa por que no tempo d'este Governador se faz isto, e não antes, não é por agora haver mais gente na Bahia: mas porque póde vencer Mem de Sá a contradicção de todos os christãos d'esta terra, que era quererem que os Indios se comessem, porque n'isso punham a segurança da terra; e quererem que os Indios se furtassem uns aos outros, para elles terem escravos; e querem tomar as terras

aos Indios contra razão e justiça, e tynarisarem-nos por todas vias; e não querem que se juntem para serem doutrinados, por os terem mais a seu proposito, e de seus serviços, e outros inconvenientes d'esta maneira, os quaes todos elle vence, a qual eu não tenho por menor victoria que as outras que Nosso Senhor lhe deu, e defendeu a carne humana aos Indios, tão longe quanto seu poder se estendia, a qual antes se comia ao redor da cidade, e ás vezes dentro n'ella; prendendo aos culpados, e tendo-os presos, até que elles bem conhecessem seu erro, sem nunca mandar matar ninguem; e isto só abastou para subjugar a muitos e obrigal-os a viver segundo lei de natura, como agora se obrigam a viver; mas isto custou-lhe descontentar a muitos, e por isso ganhar inimigos: e certifico a V. A. que n'esta terra, mais que nenhuma outra, não poderá um Governador, e um Bispo, e outras pessoas publicas, contentar a Deus Nosso Senhor e aos homens; e o mais certo signal de não contentar a Nosso Senhor é contentar a todos por estar o mal mui introduzido na terra por costume. Depois succedeu a guerra dos Ilhéos, a qual começou por matarem um indio no caminho de Porto Seguro, e creio que foi por desastre, ou por melhor dizer, querer Nosso Senhor castigar aquelles Ilhéos, e feril-os para os curar e sarar; e foi assim que, estando os engenhos todos quatro queimados e roubados, e a gente recolhida na villa em muito aperto, foi lá o Governador a soccorrer com lhe contradizerem os mais, ou todos da Bahia por temerem que, indo elle, se poderiam levantar os da Bahia; mas com elle levar muitos Indios da Bahia; comsigo cessava todo este inconveniente; e o que é muito para louvar a Nosso Senhor é que, sendo isto no inverno em tempo de monções contrarias para ir aos Ilhéos na hora que foi embarcado lhe concertou o tempo, e lhe veiu vento prospero, tanto quanto lhe era necessario, e não mais, nem menos, e lá deu-se tão boa mão, que em menos de dous mezes, que lá esteve, deixou os Indios sujeitos e tributarios, e restituiram o mal todo, que tinham feito, assim aquelle presente, como todo o passado, e obrigados a refazerem os engenhos, e não comerem carne humana, e receberem a doutrina, quando houvessem Padres

para lh'a dar. Do maneira que já agora a geração dos Tupinaquins, que é muito grande, poderá tambem entrar no reino dos Céos.

N'este tempo, que o Governador era ido ao soccorro dos Ilhéos, succedeu que uns pescadores da Bahia se desmandaram, e foram pescar a terras dos Indios do Parouassú, os quaes sempre foram inimigos dos christãos, posto que a este tempo alguns tinham feito pazes com o Governador, e lá foram tomados, e mortas quatro pessoas.

Depois, tornado o Governador, lhes mandou pedir os matadores, e por lh'os não quererem dar, lhes apregoou guerra e foi a elles com toda a gente da Bahia, que era para pelejar, e com muitos Indios entrou pelo Parouassú, matando muitos, queimando muitas aldêas, entrando muitas cercas, destruindo-lhes seus mantimentos, cousa nunca imaginada que podia ser, porque geralmente, quando se n'isso fallava, diziam que nem todo o poder de Portugal abastaria, por ser terra mui fragosa e cheia de muita gente, e foi a vexação que lh'as deram, que elles ganharam entendimento para pedir pazes, e deram-lh'as, com elles darem dous matadores que tinham, e com restituirem aos christãos quantos escravos lhes tinham comido, e com ficarem tributarios e sujeitos e obrigados a receberem a palavra de Nosso Senhor, quando lh'a prégassem. Esta gente está agora mui disposta para n'ella se fructificar muito. D'isto poderá V. A. entender quantos operarios da nossa companhia ha mister tão grande messe como esta, que cada dia se irá fazendo maior, tanto, quanto a sujeição dos gentios se continuar. Depois, sendo o Governador de muitos requerido, que fôsse vingar a morte do Bispo, e dos que com elle iam, por ser um grande opprobrio dos christãos, ser causa dos Indios ganharem muita soberba, porque morreram alli muita gente, e muito principal elle se fazia prestes apparelhando muitos Indios da Bahia; mas isto estorvou a vinda da armada que veiu; com a vinda da qual se determinou de ir livrar o Rio de Janeiro do poder dos Francezes todos Lutheranos. E partiu, visitando algumas capitanias da Costa até chegar ao Espirito Santo, capitania de Vasco Fernandes Coutinho, onde achou uma pouca de gente em grande perigo de ser comida dos

Indios, e tomados dos Francezes, os quaes todos pediram que ou tomasse a terra por El-Rei, ou os levasse d'alli, por não poderem jamais sustentar; e o mesmo requeria Vasco Fernandes Coutinho por suas cartas ao Governador: depois de tomado sobre isto conselho, a aceitou, dando esperanças que da tornada a fortaleceria, e favoreceria no que pudesse, por não ter tempo para mais, e por não se estorvar do negocio a que vinha do Rio de Janeiro. Esta capitania se tem por a melhor cousa do Brasil depois do Rio de Janeiro: n'ella temos uma casa, onde se faz fruitos com christãos, e com escravos, e com uma geração de Indios, que alli está, que se chamam do Gato, que alli mandou vir Vasco Fernandes do Rio de Janeiro, entendem-se tambem com alguns Tupinaquins; e se Nosso Senhor der tão bôa mão ao Governador á tornada, como lhe deu em todas as outras partes, que os ponha a todos em sujeição e obediencia, poder-se-ha fazer muito fruito, porque este é o melhor meio que póde haver para a sua conversão.

D'alli nos partimos ao Rio de Janeiro, e assentou-se no conselho que dariam de supito no Rio, de noite, para tomarem os Francezes desapercebidos; e mandou o Governador a um que sabia bem aquelle Rio que fôsse adiante guiando a armada e que ancorasse perto d'onde pudessem os batéis deitar gente em terra, a qual havia de ir por certo logar; mas isto aconteceu de outra maneira do que se ordenava, porque esta guia, ou por não saber, ou por não querer, fez ancorar a armada tão longe do porto que não puderam os batéis chegar senão de dia, com andarem muita parte da noite, e foi logo vista e sentida a armada.

No mesmo dia que chegámos, se tomou uma nau que estava no Rio para carregar de brasil: a gente d'ella fugiu para terra, e recolheu-se na fortaleza: tomou-se conselho no que se faria, e vendo todos a fortaleza do sitio em que estavam os Francezes, e que tinham comsigo os Indios da terra, temeram de a combaterem, e mandaram pedir ajuda de gente a S. Vicente; mas os de S. Vicente sabendo primeiro da vinda do Governador ao Rio, já vinham por caminho, e como a chegavam determinou-se o Governador de os combater; mas toda a sua gente lh'o contradizia, porque tinham já bem espiado tudo, e parecia-lhes cousa

impossivel entrar-se cousa tão forte, e sobre isso lhe fizeram muitos desacatamentos e desobediencias. Mas eu sobre isto tudo a maior difficuldade que lhe achava era vêr aos Capitães da armada tão pouco unidos com o Governador, e vêr tão pouca obediencia em muitos toda aquella viagem em que me achei presente; e isto nasceu de se dizer publicamente, e saberem que o Governador estava mal acreditado no Reino com V. A., e que se haviam lá dado Capitulos d'elle por pessoas que, com paixão, informaram lá mal a V. A., e parece que com pouca razão, porque as mais das cousas me passavam pela mão como terceiro, que era n'ellas para as remediar, e por isso quem quer se lhe atrevia, e por diser que tinha lá inimigos no Reino, e poucos que favorecessem sua causa, o que lhe tirou muito a liberdade de bem governar; mas agora ouça V. A. as grandezas de N. S.

A primeira, me parece que foi dar Nosso Senhor graça ao Governador para saber soffrer tudo, e dar-lhe prudencia para em tal tempo saber trazer as vontades de todos tão contrarias á sua condescenderem com aquillo que elle entendia, e Nosso Senhor lhe inspirava; e foi assim, que a uns por vergonha, a outros por vontade lhe pareceu bem de commetterem a fortaleza.

A segunda maravilha de Nosso Senhor, foi, que depois de combatida dous dias, e não se podendo entrar, e não tendo já os nossos polvora, mais que, a que tinham nas camaras para atirar, e tratando-se já como se poderiam recolher aos navios sem os matarem todos e como poderiam recolher a artilharia, que havia posto em terra, sabendo que na fortaleza estavam passante de 60 Francezes de peleja, e mais de 800 Indios, e eram já mortos dos nossos 10 ou 12 homens com bombardas e espingardas, mostrou então Nosso Senhor a sua misericordia, e deu tão grande medo nos Francezes e nos Indios, que com elles estavam, que se acolheram da fortaleza, e fugiram todos, deixando o que tinham sem o poderem levar.

Estes Franceses seguiam as heresias de Allemanha, principalmente as de Calvino, que está em Genebra, e segundo soube d'elles mesmos, e pelos livros que lhe acharam, muitos vinham a esta terra a semear estas heresias pelo Gentio; e segundo soube tinham mandado

muitos meninos do Gentio a aprendel-as ao mesmo Calvino, e outras partes para depois serem mestres, e d'estes levou alguns a Villagalhon, que era o que fizera aquella fortaleza, e se intitulava Rei do Brasil.

D'este se conta que dizia que quando El-Rei de França o não quizesse favorecer para poder ganhar esta terra, que se havia de ir confederar com o Turco, promettendo-lhe de lhe dar por esta parte a conquista da India, e as naus dos Portuguezes que de lá viessem, porque poderia aqui fazer o Turco suas armadas com a muita madeira da terra; mas o Senhor olhou do alto tanta maldade, e houve misericordia da terra e de tanta perdição de almas, e *mentita est iniquitas sibi*, e desfez-lhe o ninho, e deu sua fortaleza em mão dos Portuguezes, a qual se destruiu o que d'ella se podia derrubar por não ter o Governador gente para logo povoar e fortificar como convinha.

Esta gente ficou entre os Indios, e esperam gente e soccorro de França, maiormente que dizem, que por El-Rei de França o mandar estavam alli para descobrirem os metaes que houvesse na terra: assim ha muitos Francezes espalhados por diversas partes para melhor buscarem. Parece muito necessario povoar-se o Rio de Janeiro, e fazer-se n'ella outra cidade como a da Bahia, porque com ella ficará tudo guardado, assim esta Capitania de S. Vicente, como a do Espirito Santo, que agora estão bem fracas, e os Francezes lançados de todo fóra, e os Indios se poderem melhor subjeitar, e para isso mandar mais moradores que soldados, porque de outra maneira póde-se temer com razão—*ne redeat immundus spiritus cum aliis septem nequioribus se, et sint novissima peiora prioribus*— ; porque a fortaleza que se desmanchou, como era de pedras e rocha, que cavaram a picão, facilmente se póde tornar a reedificar e fortalecer muito melhor.

Depois de tomada a fortaleza deu o Governador em uma aldêa de Indios, e matou muitos, e não pôde fazer mais porque tinha necessidade de concertar os navios que das bombardas ficaram mal aviados, e fazel-os prestes para se tornarem, o que veiu fazer a esta capitania de S. Vicente, onde eu fico por assim o ordenar a obediencia; o mais que houver para escrever ao Provincial, que agora é o Padre

Luiz de Grã, fará da Bahia. Nosso Senhor Jesus Christo dê a V. A. sempre a sua graça. Amen. De S. Vicente o 1º de Junho de 1560.—Manuel da Nobrega.

Esta se conforma com o paragrapho da Carta do Padre Anchieta ao seu Geral datada em S. Vicente no 1º de Junho de 1560, assim:

« Supio el Governador la determinacion de los Francezes, y con naos armadas vino a combater la fortaleza. D'aqui le fue soccorro en navios, y canoas. Era la fortaleza mui fuerte, assi por la naturaleza del lugar, toda cercada de peças, a la qual no se podia ir sino por uma subida muy estrecha, y alta por rochas como por la mucha artilharia, armas, alimentos, y grande mucha dumbre de barbaros, que tenia de manera, que a juizo de todos era inexpugnable. Accommettieron-la con todo isto por tierra, y por mar confiados mas en el poder Divino, que en el suyo proprio; defendian-se los Francezes con los inimigos, fui una grande y cruel pelea de ambas las partes, murieron muchos, y mas de los nostros, vino la cosa a tanto que ya tenian perdida la esperança de victoria, y tomavam conceјo como se poderian embarcar a sy, y a les tiros que tenian en tierra sin peligro, lo qual cierto ellos no podieran hazer sin murir muchos. Mas haviendo ellos accommettido esta cosa tan ardua, y al parecer quasi de todos temeraria por la justicia, y fea, ayodolos el Senõr de los exercitos, y quando ya en las naos no avia polvora, y los que peleavan en tierra desfalecian ya, por el mucho trabajo huyeron los Francezes desemparando la torre, y recogieron-se a las poblaciones de los barbaros en causas de manera que es de crer que mas huyeron con el espanto, que les puso el Senõr, que con las fuerças humanas. Tomou pues la fortaleza, en la qual se hallo grande copia de cosas de guerra, y mantimientos; mas crux, o alguna imagen de Santo, o sinal alguno de Catholica doctrina no se hallo, grande muchadumbre de libros hereticos, entre los quales (si por ventura esto es senal de su recta fé) se hallo un Missal con las imagines ruidas.

ANNUA

Da Missão dos Mares Verdes, do anno de 1624 *e* 1625, *mandada á Roma pelo Padre Antonio Vieira*

(MS. offerecido de Lisbôa pelo socio correspondente o Sr. Varnhagen).

Os Indios Paranaubis, que em nosso vulgar idioma é o mesmo que mares verdes, foram buscados por muitos annos, assim de nossos Padres Portuguezes, como de outros, sem serem achados senão n'este tempo em que, chegada já a sua hora, desceram para a Igreja; são em numero perto de 450 almas, gente bellicosa, valente, bem disposta, bem assombrada e de bom entendimento.

Viviam 130 legoas mettidos pelo Certão, e por isso de poucos conhecidos; achára-os ha pouco tempo um dos nossos Padres, e tinha alcançado d'elles palavra que, vindo em sua busca, o acompanhariam. Intentou-se a Missão por varias vezes, mas sem effeito, até que finalmente o houve; não faltaram para a impedir grandes difficuldades, não só antes da partida, mas tambem estando já pelo Certão dentro; porém com o favor de Deus, que queria a salvação d'aquellas pobres almas, se venceram todas, e algumas milagrosamente.

Foi a viagem (parte por um rio, parte por terra) de um mez, com mais trabalho e enfadamento, do que alguem póde imaginar, por ser o caminho de terra igualmente trabalhoso que perigoso o do Rio; chegaram os dous Padres, e foram de todos recebidos com grandes signaes de amor e alegria, e providos de todo o necessario, que é cousa digna de espanto achar tal humanidade em gente selvagem e barbara, cuja gloria está posta em comer, e matar seus inimigos, uns dos quaes eram os Indios companheiros dos mesmos Padres; e isto accrescentou mais a maravilha, e exalta mais a omnipotencia.

Tres dias depois da chegada, tendo-se ajuntado a gente que com o mesmo Capitão andava espalhada á caça, se lhe propoz que se lembrassem da palavra que tinham dado, e para mais os mover lhes fallaram cinco Indios Christãos dos nossos, com tanto espirito que bem se via serem movidos do

Divino, o qual queria converter aquelles barbaros, e para isso lhes dava tal efficacia de palavras, e tão divinas.

Acabada a pratica, respondeu o principal—que elle estava prestes para guardar a palavra, e desceria com toda a sua aldêa—; e para mostrar que assim o determinava, deu um signal manifesto, e foi que, estando cingido com uma faxa larga, de que pendiam muitos fios cobertos de continhas pretas, e muitos dentes de Tapuyos que elle matára, por remate esta apresentou aos Padres como peça de maior estima, dizendo: — Esta m'a ordenou que fizesse Ararobá (que é um dos feiticeiros que elles veneram como a Deus) para que matasse muitos Tapuyos; já tenho morto 10, e alcançado 10 grandes nomes.

Outras semelhantes peças trouxeram alguns, de maneira que claramente se via como pouco a pouco iam renunciando — *Omnibus pompis diaboli.*— Começaram logo a se apparelhar para a jornada, indo com grande festa, uns a fazerem mantimentos, outros a construirem canôas necessarias para o rio, e capazes de toda a gente. Emquanto nos apparelhavamos, foi a aldêa molestada de muitas doenças, que particularmente davam nas crianças, e taes que muitas d'ellas morreram, as mais d'ellas baptizadas, e outras chegaram ao ultimo, e quando estavam n'estes termos as traziam aos Padres as piedosas mãis, para que elles lhes dessem saude, e o que é mais para dar graças á Divina Bondade, não se arrependerem com isto, nem lhes vir ao pensamento que aquelle mal se lhes pegava dos nossos (como na verdade se pegou); antes d'aqui tomavam occasião para terem suas terras por mui doentias, e as deixarem mais depressa.

Em um mez, que aqui houve de detença, foram os nossos sempre tratados dos Indios, e venerados como homens vindos do Céo. Exhortavam-se uns aos outros com pregações de dia e de noite a que se viessem com elles e confiassem n'elles muito, porque eram homens santos, e seus libertadores: perguntavam-lhes depois da missa—que lhes dera Deus a sentir acerca da partida? tendo-os por homens que tratavam familiar com o Senhor. E muitas vezes quando no terreiro da aldêa passeavam, rezando suas horas, vinham logo alguns d'elles alli a varrerem e limparem o lugar por onde elles andavam: este respeito lhes tinham.

Posto a ponto tudo o necessario para a partida, fez o Principal sua pratica a todos, exhortando-os a que o seguissem, com o que se animaram muito ; puzeram fogo ás casas, e começaram a caminhar sem mostra alguma, nem ainda pequena, de tristeza, por deixarem sua patria ; antes com muita alegria, porque, livrando-se d'ella, se livravam das mãos do demonio, do qual entendiam que eram perseguidos, e ao mesmo attribuiam as doenças que na aldêa padeceram depois da chegada dos Padres, dizendo—Que o mesmo demonio se queria vingar porque se apartavam d'elle.

Assim como elles o entendiam era na verdade, porque trabalhou muito o inimigo pelos fazer tornar atrás, pondo-lhes diante os perigos do rio, o comprimento e aspereza dos mattos e caminhos, e outras difficuldades que elle lhes sabia formar na phantazia ; mas logo estas sombras com as luzes das razões dos nossos se desfizeram, e elles ficaram quietos e consolados.

Postos a caminho começaram a sentir os trabalhos rigorosos e os perigos d'elle, porque o rio é de grandeza e velocidade extranha, mórmente nas cachoeiras, onde estreitando-se a corrente entre precipicios de pedras, vai tão arrebatado que não bastava muito numero de gente com cordas para ter mão nas canôas e vencer a força impetuosa das aguas, e por esta causa escaparam muitas das mãos, e se fizeram em pedaços, e outras se viraram, como foi uma em que vinha um dos Padres, que correu perigo evidente de se afogar; mas todos escaparam com vida, mais por milagre do Céo que por industria dos pilotos, cuja arte em similhantes lugares não tem lugar.

Não era n'estas cachoeiras menor enfadamento o carregar e descarregar as canôas tantas vezes quantas ellas eram, e eram muitas, a passar ás costas os doentes e velhos; e vez houve que para evitar um perigo foi necessario levar por terra grande espaço as canôas, que eram quarenta. A estes enfadamentos se ajuntava a falta de todo o necessario, que com sèr sempre muita n'estas Missões n'esta foi mais que ordinaria; até que emfim chegaram todos com saude e alegria aos Reis Magos, residencia d'esta capitania do Espirito-Santo, de onde os padres tinham partido : mas como acharam esta aldêa infestada de bexigas, ateou-se a peste d'ellas nos

novamente convertidos, e pouco a pouco começaram a morrer, tendo, porém, todos recebido o santo baptismo, e muito poucas horas antes da morte com muito certa probabilidade que o Senhor, o qual por tantos trabalhos os trouxera á sua Igreja, lhes daria a Gloria mais depressa do que elles puderam imaginar.

ANNUA

Da Missão da Capitania do Espirito Santo do anno de 1624 *e* 1625, *mandada á Roma pelo Padre Antonio Vieira*

(MS. offerecido de Lisbôa pelo socio correspondente o Sr. Varnhagen).

Tambem esta Capitania do Espirito Santo sentiu o poder das armas Hollandezas, ainda que com melhor fortuna. Sahiram da Bahia oito náos inimigas para o Reino de Angola, com intento de entrarem a cidade de Loanda, como tão importante para o commercio do Brazil, cuja cabeça estava já rendida; mas não respondeu o successo ao dezenho; porque ainda que um mez inteiro trabalharam na empreza, como o animo dos moradores Portuguezes era grande, e a vigilancia igual, nunca lhes foi possivel pôrem pé em terra.

Voltando pois para a Bahia, antes de chegarem a ella 100 leguas para o sul entraram no porto do Espirito Santo a 12 de Maio de 1625, assás confiados que por bom concerto ou ruim guerra a villa se lhes entregaria, ou elles a renderiam, como bem mostravam na entrada, publicando por uma parte a altas vozes «Paz», e por outra, com o disparar das bombardas, ameaçando guerra.

Não havia na povoação defensa de artilheria, pelo que com mosquetes e frechas se dividiu a gente pelas trincheiras que fechavam as bocas das ruas nos passos mais necessarios, esperando a determinação dos inimigos, e foi esta que por entre o fumo e perturbação dos tiros apparelharam sete lanchas com o melhor dos soldados, e ainda marinheiros, os quaes sahindo das náos e saltando livremente em terra,

começaram a marchar para a estancia do capitão Francisco de Aguiar Coitinho, que tambem o era da villa e senhor d'ella, ou seu donatario.

Estava aqui uma roqueira (que não havia outra na terra), e tanto que foi vista dos inimigos, para evitarem o perigo desfizeram as fileiras, e arrimando-se todos ás paredes continuaram a entrada: vendo isto o animoso capitão, manda pôr fogo á roqueira, o que não foi debalde, e logo successivamente salta fóra das trinheiras com alguns poucos que o seguiram: conjecturaram os Hollandezes que tanto animo vinha confiado em maior poder de gente, e sem fazerem rosto deram as costas e largaram as armas: os nossos lhes foram dando até á praia com tal valor e ventura, que além do grande numero dos feridos morreram muitos, uns em terra á espada, outros no mar afogados.

Ficaram elles com a desgraça muito sentidos, e bem o mostraram os tristes e desconcertados gritos que nas duas naus levantaram, e na nossa villa se ouviram : quizeram no dia seguinte recuperar o perdido nas fazendas que estão pelo rio arriba, mas dobraram a perda, porque o capitão Salvador Corrêa de Sá, filho de Martim de Sá, Governador do Rio de Janeiro (Vinha este fidalgo dar soccorro por ordem de seu pai ao cerco da Bahia com duas caravelas e quatro canôas), não se tendo achado o dia antes no assalto por guardar sua estancia, os foi esperar, e tendo elles já tomado uma barcaça, os acommetteu com as canôas, e apertou de maneira ás frechadas, que, sendo mortos quarenta, largando uma lancha, á força de remo escaparam.

Com estes ruins successos desesperados já de sua fortuna, o General Inimigo mandou ao outro dia, que era o terceiro da entrada, um recado ao capitão em que lhe pedia um sobrinho seu, que parece ficára preso entre nós, offerecendo resgate, e que os Padres da Companhia lhe mandassem algum refresco pelo bom agasalho que elle fizera aos outros Padres que na Bahia foram tomados.

Ao que respondeu o Capitão, que quanto ao primeiro, seu sobrinho devia de morrer na briga, porque o não tinha preso; ao segundo, que não havia na terra outro refresco senão o que nos dous dias precedentes elles tinham

experimentado, e com elle estava apparelhado para os receber a qualquer hora que viessem. Ouvida a resposta, levaram ferro no mesmo dia e se fizeram na volta do Norte.

Em um e outro encontro se acharam os nossos Padres: no primeiro os que residiam na villa, no segundo dous que em companhia do Capitão Salvador Corrêa vieram do Rio de Janeiro; e assim um como outros não faltáram nem á guerra, nem aos soldados antes d'ella: tambem os que residiam nas aldêas, no porto em que souberam o que passava, se partiram com os Indios a toda a pressa, posto que quando chegou este soccorro (como a jornada é comprida) não foi necessario. Em uma d'estas aldêas foi Deus servido levar para si o Irmão Antonio Froys, com uma morte mui repentina, porque, andando achacoso, um dia o acharam morto.

Sentiu-se geralmente esta morte por ser assim apressada, mas muito mais sentida fôra se o Irmão não andára bem apparelhado como andava: além do que em toda a sua vida foi mui edificativo e resignado na obediencia, e já póde ser que por obedecer lhe viesse esta morte, causada das chuvas, passagens de rios, e outros muitos trabalhos, que n'aquella residencia, aonde pelos superiores fôra posto, padecia continuamente. Falleceu no anno de 1625, de idade de 28 annos, com oito de Companhia.

CARTA

de Mestre João Physico d'el Rei, para o mesmo Senhor. De Vera Cruz ao 1º de Maio de 1500

(Torre do Tomb. Corp. Chronol. Part. 3.ª, Maç. 2, Doc. 2; remettida de Lisbôa pelo socio correspondente o Sr. Varnhagen).

Senor.— O bacharel mestre Johan fisico e cirurgyano de vosa alteza beso vosas reales manos senor porque de todo lo aca pasado largamente escrivieron a vosa alteza asy arias correa como todos los otros solamente escrevire dos puntos senor ayer segunda feria que fueron 27 de abril descendymos en terra yo e el pyloto do capytan moor e el pyloto de Sancho de tovar e tomamos el altura del sol al medyo dya e fallamos 56 grados e la sonbra era septentrional por

lo qual segund las reglas del estrolabio jusgamos ser afastados de la equinocial por 17 grados e por consyguiente tener él altura del polo antartico en 17 grados segund que es magnifiesto en el espera e esto es quanto alo uno por lo qual sabra vosa alteza que todos los pylotos van adyante de my en tanto que pero escolar va adyante 150 leguas e otros mas e otros menos pero quien dyse la verdad non se puede certyficar fasta que en boa ora allegemos al cabo de boa esperança e ally sabremos quien va mas cierto ellos con la carta o yo con la carta e con el estrolabio, quanto senor al sytyo desta terra mande vosa alteza traer un mapamundy que tyene pero vaaz bisagudo e por ay podra ver vosa alteza el sytyo desta terra en pero a quel mapamundy non certyfica esta terra ser habytada o no es mapamundy antiguo e ally fallira vosa alteza escrita tan byen la myna, ayer casy entendymos por aseños que esta era ysla e que eran quatro e que de otra ysla vyenen aqui almadyas a pelear con ellos e los llevan catyvos, quanto Senor al otro puncto sabra vosa alteza que cerca de las estrellas yo he trabajado algo de lo que he podydo pero non mucho a cabsa de una pyerna que tengo mui mala que de una cosadura se me ha fecho una chaga mayor que la palma de la mano, e tanbyen a cabsa de este navio ser mucho pequeno e mui cargado que non ay lugar pera cosa ninhuna solamente mando a vosa alteza como estan situadas las estrellas del, pero en que grado esta cada una non lo he podydo saber, antes me paresce ser inpossible en la mar tomarse altura de ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso e por poco que el navio enbalance se yerran quatro o cinco grados de guisa que se non puede fazer synon en terra e otro tanto casy dygo de las tablas de la Indya que se non pueden tomar con ellas sy non con mui mucho trabajo, que sy vosa alteza supiese como desconcertavan todos en las pulgadas reyria dello mas que del estrolabio por que desde lisboa ate as canarias unos de otros desconcertavan en muchas pulgadas . que unos desyan mas que otros tres e quatro pulgadas e otro tanto desde las canarias até as yslas de cabo verde e esto resguardando todos que el tomar fuese a una misma ora de guisa que mas jusgavan quantas pulgadas eran por la quantydad del camino que les parescia que

avyan andado quenon el camino por las pulgadas, tornando

las guardas * Senor a proposito estas guardas nunca se escon-

la bosya el polo antartyco

den antes syenpre andan en de redor sobre el orizonte, e a aun esto dudoso que no se qual de aquellas dos mas baxas sea el polo antartyco, e estas estrellas principalmente las de la crus son grandes casy como las del carro e la estrella del polo antartyco o sul es pequena como la del norte e mui clara, e la estrella que esta en riba de toda la crus es mucho pequena, non quiero mas alargar por non ynportunar a voza alteza salvo que quedo rogando a noso senor ihesu christo la la vyda e estado de vosa alteza acresciente j como vosa alteza desea. fecha en vera crus a primero de maio de 500. pera la mar mejor es regyrse por el altura del sol que non por ninguna estrella e mejor con estrolabio que non con quadrante din conotro ningud estrumento do criado de vosa alteza e voso leal servidor

Johnes Emeneras

Sobrescrito: A el Rey noso senhor.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS DISTINCTOS POR LETTRAS, ARMAS, VIRTUDES, ETC.

O DR. FRANCISCO DE MELLO FRANCO

(Compendiado do Elogio Historico lido na sessão publica da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro de 21 de Abril de 1831, pelo Dr. José Martins da Cruz Jubim).

Francisco de Mello Franco, Bacharel em Medicina pela Universidade de Coimbra, Socio e Vice-Secretario da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, Medico da Camara honorario d'El-Rei D. João VI, nasceu em Piracatú, na provincia de Minas Geraes, no dia 17 de Setembro de 1757. Foram seus pais João de Mello Franco e D. Anna Caldeira, honestos lavradores, que viviam do producto de suas terras, cercados de veneração e respeito, que lhes mereciam as suas virtudes. Tiveram de seu consorcio onze filhos, nove senhoras e dous varões.

Mello Franco manifestou desde a infancia grande inclinação ás lettras, e apenas sabia lêr familiarisou-se com a leitura dos poetas, dos historiadores Portuguezes, e muito se deleitava com o « Aviso ao Povo ácerca de sua saude », por Tissot; elle o lia e meditava, como se já aspirasse a fazer maior serviço á humanidade, compondo uma obra com o mesmo fim, mas cujos dictames fôssem para o vulgo de uma execução mais facil, e menos perigosa. Tão bellas disposições deviam ser quanto antes aproveitadas; porém que incommodos, que trabalhos não eram precisos! Os que conhecem quanto são ainda hoje escassos os recursos que um pai Brasileiro tem para dar educação scientifica a seus filhos, melhor apriciarão os sacrificios, que eram obrigados a fazer n'aquelle tempo. Envial-os para fóra de sua companhia, afastal-os em tenra idade dos carinhos paternaes, era o melhor expediente para beneficial-os.

Mello Franco, apenas com doze annos de idade, deixou o seu paiz natal para fazer os seus primeiros estudos no

seminario de S. Joaquim d'esta côrte; e partiu depois para Lisbôa, em companhia de Paulo Fernandes Viana, joven Brasileiro que ia estudar na Europa, e com quem Mello Franco travou a mais estreita amizade, que nunca foi interrompida.

Aperfeiçoado em Lisbôa nos estudos preliminares, retirou-se á Coimbra, onde começou a estudar medicina. Mello Franco, dotado de um espirito recto, d'essa perspicacia que tanto distingue os estudantes Brasileiros, affligia-se pelo tempo que era obrigado a perder; e quando se lhe offerecia occasião, patenteava com franqueza a incapacidade de alguns dos seus professores; elle os contrariava, mostrava-lhes a futilidade de seus argumentos, a subtileza ridicula, e a metaphysica, herdada dos Claustros, incompativel com a simplicidade dos conhecimentos naturaes. Talvez fôsse mais reservado, reflectindo bem que, se os homens instruidos regosijam-se com as observações judiciosas de seus discipulos, a ignorancia se revolta, incommoda-se, enfada-se com essas demonstrações de melhor senso e saber, e espera opportuno momento de vingar-se. Mello Franco não devia esquecer-se de que vivia em um paiz onde seus inimigos tinham á sua disposição esse tribunal sedento de sangue humano, que em nome da Religião de um Deus de paz e de bondade, espalhava morte a ferro e fogo, pelos mais frivolos pretextos, e quasi sempre por satisfazer paixões particulares.

Mello Franco foi accusado de irreligioso; e sem mais provas conduzido ás masmorras da Inquisição, onde por quatro annos gemeu carregado de ferros. Em meio de suas augustias e martyrios, infligidos pela *mansidão* dos que se diziam discipulos e defensores de Christo, compoz elle as suas elegias intituladas — *Noites sem somno* —, nas quaes com talento raro descreve as miserias do genero humano, a degeneração dos defensores da Fé, e a crueldade d'esses algozes sagrados, que sacrificavam a innocencia a seus vãos caprichos. Uma pobre senhora foi tambem encarcerada para servir de testemunha da irreligiosidade de que Mello Franco era accusado, e supportou todos os tormentos com uma coragem pouco commum entre as pessoas do seu sexo. Em recompensa d'este procedimento, Mello Franco a tomou por esposa depois de solto.

Tornando aos seus estudos, julgou prudente supportar com indifferença tudo que visse e ouvisse; mas antes de terminar o tempo escolastico, quiz mimosear a Universidade com uma obra que fizesse patente a todo o mundo o que ella era no seu conceito. Unindo-se a seu amigo, e então collega, José Bonifacio de Andrada e Silva, emprehendeu o poema intitulado — *Reino da estupidez* — : em quinze dias foi elle feito, copiado e corrigido ; e quando se celebrava uma festa na Universidade, achou-se disperso pelos logares mais publicos da cidade. Que tormento, que impressão não fez n'aquelles a quem pertencia alguma parte ! Como feridos de raio, os Lentes atonitos perguntavam, inquiriam quem fôsse o autor ; os Frades, atacados e perturbados no seu ocio santo, clamavam vingança ; o Reitor, que era a estupidez em pessoa, e a quem pertencia maior porção da satyra, fez proceder a uma devassa ; prenderam-se, degradaram-se muitas pessoas por denuncias vagas ; felizmente não foi possivel descobrirem-se os verdadeiros autores, que escaparam do degredo para Angola, com que se pretendia compensal-os. Entretanto, o poema, voando á côrte de Maria I, produziu o desejado effeito ; o Reitor foi mudado, e a Universidade soffreu algumas reformas com a vinda de outro, sob cuja administração começaram tempos mais ditosos.

Contentando-se com o simples titulo de Bacharel em Medicina, Mello Franco deixou a Universidade com a intenção de regressar á sua patria, mas o seu correspondente em Lisbôa, recusando dar-lhe os meios necessarios para transporte de sua familia, viu-se elle obrigado a persistir n'essa cidade, e a exercitar n'ella a sua profissão. Felizmente um facto lhe succedeu que muito contribuiu para que adquirisse logo boa reputação. Dotado de coração bemfazejo, não perdia occasião de ser util ao desgraçado que lhe procurasse. Uma pobre mulher idosa, que tinha conhecimento em casa da Condessa de Obidos, tendo sido por elle curada, serviu-lhe de canal para ir vêr aquella senhora, que soffria ha muito tempo uma dyspepsia obstinadissima : haviam-se consultado os Medicos mais notaveis de Lisbôa, e o caso parecia desesperado. Mello Franco encarregou-se da doente, que em pouco tempo foi

completamente restituida á sua saude. Successo tão brilhante, obtido com uma senhora, cujas relações eram immensas, não podia deixar de fazer-se publico, e de contribuir para a gloria d'este habil pratico.

Mello Franco consagrava o tempo, que lhe restava do estudo de sua clinica,a objectos de importancia, e de necessidade menos immediata. Em 1789 compôz o seu *Tratado da educação physica dos meninos*, obra estimavel, que mereceu a honra de ser impressa pela Academia Real das Sciencias de Lisbôa, e que, apezar de ter chegado á terceira edição, lamenta-se que se não ache mais diffundida, e seja entre nós tão pouco divulgada. — A hygiene era o objecto principal das sollicitudes de Mello Franco; sua alma generosa e sempre inclinada ao bem, procurava vulgarisar os conhecimentos que mais importam á felicidade dos homens; taes são aquelles que têm por fim conservar a saude e prevenir as molestias. Sobre esta materia Mello Franco fez grande serviço aos que fallam a lingua Portugueza, escrevendo uma obra em linguagem intelligivel para todos, e para todos util. N'ella brilha a clareza a par da ordem; só se encontra o que a sciencia tem de mais positivo; e se algumas vezes parece diffuso, é porque elle queria antes ser por todos entendido, do que deixar de agradar aos que amam a concisão, embora se tornem obscuros ou inintelligiveis.

Mello Franco gozava em Lisbôa de uma reputação, a que poucos Medicos têm chegado; desde manhãa sentava-se para attender aos pobres que o consultavam, e levantava-se muitas vezes depois do meio dia para ir começar os seus trabalhos externos. Tinha a amizade das pessoas mais conspicuas da côrte; possuia uma riqueza adquirida pela sua profissão, que subia á mais de cem mil cruzados: era reputado como um dos Socios mais uteis da Academia Real das Sciencias, e tanto que nenhum foi julgado mais digno do que elle para supprir a ausencia do Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, benemerito Secretario d'essa Academia: tudo, emfim, annunciava que Mello Franco não tornaria mais a vêr a sua Patria; mas tal era o seu destino, que elle tinha de acabar n'ella a existencia, cheio de desgostos, pobre, e quasi sem reputação!

Quando se tratou da escolha de Medico, que devia acompanhar a Princeza d'Austria, promettida em consorcio ao Principe Real D. Pedro, El-Rei D. João VI lançou suas vistas a Mello Franco, que havia sido seu medico da camara; escreveu-lhe de sua propria lettra, e empenhou-se com o Dr. Manuel Luiz, intimo amigo de Mello Franco, para que o determinasse a acompanhar a Princeza, depois Imperatriz do Brasil. Fizeram-se-lhe largas promessas, e elle annuiu aos desejos do Monarcha, vendeu tudo o que possuia em Lisbôa, decidido a ficar para sempre no Brasil. Endereçou-se a Liorne para esperar a Princeza, e de lá partiu ao Rio de Janeiro, onde chegou com ella em fins do anno de 1817. O Rei o acolheu com muito agrado e benignidade; mas alguns homens versados n'esse turbilhão de intrigas e baixezas proprias das Côrtes, no qual são sempre supplantadas as pessoas simplices e rectas, receando a sombra que lhes podia fazer Mello Franco, trataram de o afastar da graça, tornando-o suspeito aos olhos do Rei; advertiram-lhe que Mello Franco era dos que entraram na conspiração de Lisbôa, que tinha por fim dar ao Rei por demente. Era isto uma calumnia já vencida; mas os despotas, cuja consciencia nunca póde estar tranquilla, facilmente acreditam o que se diz. O tempo era de mais favoravel ao bom exito d'esta miseravel intriga; Mello Franco fôra sim implicado n'essa conspiração, e apezar de ter mostrado sua innocencia, depunham ainda contra elle as suas opiniões liberaes, que eram mais que nunca um crime na época, em que os acontecimentos recentes de Pernambuco traziam os cortezãos em um estado convulsivo. Retirou-se-lhe logo a permissão de entrar no Paço, e fez-se-lhe perder as esperanças da retribuição promettida aos sacrificios que fizera.

Para cumulo de desgostos elle não achava no Rio de Janeiro recompensa alguma das ingratidões e injustiças da Côrte; demais elle tinha posto a sua fortuna nas mãos de um negociante, seu falso amigo, que, segundo contam, fez uma d'essas banca-rotas fraudulentas, que a impunidade tem tornado tão communs entre nós, e assim viu em um só dia fugir de seus filhos um patrimonio que havia sido o fructo de muitos annos de fadigas. Todas estas

circumstancias, reunidas talvez á mudança de clima e habito de vida, o fizeram ir cahindo em uma febre consumptiva, que, fazendo de dia em dia maior progresso, o determinou, por conselho de amigos, a partir para S. Paulo, com esperanças de melhorar; mas não tendo experimentado o menor allivio, voltava ao Rio de Janeiro em uma canôa de voga, quando, achando-se na altura de Ubatuba, viu-se approximar-se o termo da sua existencia; pediu que aportasse, e ahi acabou os seus dias a 22 de Julho de 1823, debaixo de uma palhoça.

Na época de sua morte deixou quatro filhos, dos quaes existem tres, D. Anna de Mello Franco, Francisco de Mello Franco, Escrivão dos Defuntos e Ausentes no Rio de Janeiro, e Justiniano de Mello Franco, Doutor em Medicina pela Universidade de Gottingue, estabelecido na cidade de S. Paulo.

Mello Franco era de muita vivacidade nos olhos, expressão e nobreza na physionomia, de estatura maior que a ordinaria, de caracter jovial, de maneiras affaveis e polidas. Escrevia o Portuguez com muita elegancia e pureza; era bom poeta, distincto humanista, e conhecia a fundo, além da lingua materna, o Latim, o Italiano, o Inglez, e o Francez.

Como Medico, os seus escriptos attestam o seu merecimento: o Tratado da educação physica dos meninos, a sua Hygiene, e ensaio sobre as febres do Rio de Janeiro, obras todas impressas á custa da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, são dignas de serem lidas e meditadas, e assignalam a Mello Franco um logar mui distincto entre os homens da sua profissão. A ultima d'estas obras, apezar de não estar sempre em harmonia com os progressos da sciencia na época actual, depois que a medicina physiologica, em França, tem feito dirigir a attenção de todos os praticos sobre a causa immediata d'esse estado pathologico, a que chamam febre, é com tudo uma prova de que os homens de genio costumam entrever as grandes verdades, ainda que não lhes seja sempre possivel demonstral-as. Mello Franco declara que em todas as febres graves que viu no Rio de Janeiro, presumia pelos symptomas a existencia de uma irritação concomitante, que tornava indispensavel a administração

do tratamento antiphlogistico; combate o abuso terrivel de tonicos, que faziam os praticos do Rio de Janeiro no principio d'essas molestias, e mostra ter sido um pratico habil, que sabia aproveitar os resultados da experiencia, invocando a razão e os factos, e não, como é costume, muitos annos de um exercicio cego e rotineiro.

A Academia Real das Sciencias, a quem Mello Franco enviou esta obra, como ultimo adeus a seus antigos collegas, a fez imprimir á sua custa em 1828, e retribuiu ao seu Vice-Secretario, dando mais um testemunho solemne do apreço em que tinha os seus escriptos, e de reconhecimento aos serviços que em outro tempo lhe prestára. Os pensamentos do homem sabio que escreveu para as gerações futuras, brilham com novo explendor; e os ataques reunidos da intriga e da inveja nada mais podem sobre a sua reputação. O merito, e sómente o merito, marca o logar que elle deve occupar na posteridade.

O Dr. GASPAR GONÇALVES DE ARAUJO

Nascido na villa de Santos (hoje cidade da Provincia de S. Paulo) a 4 de Maio de 1661, ahi fez os seus estudos preliminares, até chegar á idade competente de passar-se á Universidade de Coimbra, e n'ella se formou na faculdade de leis. Voltando á patria, bem determinado a viver na companhia de seus honrados e nobres progenitores, foi distrahido d'este seu intento, deliberando-se no Rio de Janeiro a seguir o estado Ecclesiastico; e depois de haver recebido o Presbiterato, foi occupar os cargos de Vigario da Vara da Villa de Santos e suas annexas, de Juiz dos casamentos, unindo-se a estes encargos o de Visitador Geral das Villas do Sul, por provimento do Bispo D. Francisco de S. Jeronymo, até o fim do anno de 1706, em que foi assentar vivenda na Cidade da Bahia. Ahi exerceu o delicado emprego da advocacia, com proveito mais publico do que proprio. Acreditado entre os sabios d'aquella idade como lettrado da melhor nota, assim nas materias de

Jurisprudencia civil, como nas Canonicas e Theologicas, era sobre todas ouvido e consultado pelo Arcebispo, pelos Ministros da Relação, e por empregados publicos, até mesmo de remotas capitanias.

Convidado instantemente pelo Bispo do Rio para occupar as varas de Provisor e Vigario Geral do seu Bispado, deixou a Cidade da Bahia e a banca de advogado ; e D. Francisco de S. Jeronymo, que sempre ambicionou ter a seu lado homens benemeritos, doutos e virtuosos, não só cumpriu a sua promessa, fazendo-o entrar no exercicio das varas de Provisor e Vigario Geral, como tambem, logo que teve opportuna occasião, o propoz na dignidade de Thesoureiro Mór da Sé a 26 de Maio de 1711, dando-lhe além d'isso repetidas provas de particular amizade.

Apresentado no Beneficio a 3 de Janeiro de 1712, só entrou a possuil-o no dia 1º de Julho de 1714; e proposto na dignidade Decanal com a apresentação d'ella a 15 de Março de 1715, principiou a ser seu proprietario no dia 25 de Julho do mesmo anno.

Sendo assaz constantes a superioridade de seus talentos, e as virtuosas maneiras de proceder na regencia das varas do Bispado, em que muito brilhava o seu merito pessoal, occupou tambem Gaspar Gonçalves de Araujo os cargos de Juiz dos Casamentos, Capellas, residuos e justificações, por provimentos dos Bispos D. Fr. Antonio Guadelupe, D. Frei João da Cruz, e D. Fr. Antonio do Desterro. Como procurador dos dous primeiros Prelados, tomou por elles posse do Bispado; e por ausencia de ambos em Minas Geraes, governou a Diocese, cuja administração ficou tambem a seu cargo, por ser um dos nomeados Governadores pelo Bispo Guadelupe quando se retirou a Portugal, eleito para o Bispado de Vizeu. Gaspar Gonçalves teve a subdelegação das faculdades Pontificias pelo Bispo D. Francisco de S. Jeronymo nos ultimos instantes da sua vida ; e pelo Bispo D. Fr. João da Cruz, quando se ausentou da capital do Rio para Minas Geraes. Serviu com muito zelo e prudencia os cargos de Commissario do Santo Officio, da Inquisição e da Bulla da Cruzada.

Merecendo por suas bôas qualidades o respeito e amizade dos Prelados com quem servira, foi tambem muito

attendido pelos Governadores da Capitania, e reverenciado pelos Ministros da Justiça, que observavam com satisfação os seus judiciosos despachos, as suas sentenças bem fundadas, as suas decisões juridicas das materias questionadas, sem lhe faltar nunca a rectidão, a justiça, e a inteireza. O Clero do Bispado fez-se então irreprehensivel, seguindo tão perfeito exemplo; e o povo em geral recebeu, das suas instrucções saudaveis, os bons sentimentos de vassallos fieis, honrados cidadãos, e christãos dignos de um tal nome. Além de seus escriptos (que todos se perderam) firma-se o seu elogio na tradição constante que refere não ter jámais vergado com o peso dos empenhos, ou desmentido de seu prumo, á força de obsequios, as varas da justiça sustentadas por suas mãos. Firme sempre nas determinações dos Sagrados Canones, e das leis patrias, nunca receou Gaspar Gonçalves ser desattendido o seu juizo nas instancias superiores sobre as dependencias tratadas em seu tribunal, nem revogadas as suas sentenças nos juizos superiores.

Tão nobres motivos grangearam-lhe as bem fundadas expressões da *Brasilia Pontificia*, que no Liv. 2°., Dispat. 4, Sect. 2, n. 180, pag. 125, Liv. 4°, Disput. 7, Sect. 3ª, n. 500 e seg. pag. 446, e Disput. 8, sect. 2 N. 548, pag. 455, perpetuando a sua memoria o tratou por—*Cathedralis suæ Decano dignissimo.*—Com outros termos semelhantes recommendou-o tambem á posteridade o Magistral José Joaquim Pinheiro na lembrança que escreveu do Bispo D. Fr. Antonio de Guadelupe, onde referindo o interesse d'este Prelado em conhecer por si os genios, as inclinações e a capacidade dos Parochos e dos Ministros doutos e virtuosos de que se servira, disse : — *entre os qvaes foi o Sapientissimo Deão Gaspar Gonçalves de Araujo, varão certamente digno de seculo mais attento, e gloria perduravel d'este Cabido.*

Conhecendo a celeridade com que corriam os dias a terminar-lhe a vida, sem precisar de estranhas advertencias, pediu os Sacramentos da Igreja, e com elles fortificado entrou na paz do Senhor, entregando-lhe o seu espirito no dia 25 de Outubro de 1754, em idade de 93 annos 5 mezes e 22 dias. Jaz no logar em que foi a Capella primeira dos Terceiros de Nossa Senhora do Carmo.

Observantissimo da Caridade, praticou esta grande virtude até morrer, distribuindo por seu testamento grande parte de seus bens em esmolas a beneficio principalmente de mulheres viuvas, e pessoas honestas, ás quaes protegia em vida, recolhidas em suas proprias casas. Legou quantias avultadas ás Irmandades de S. Pedro, e ordem Terceira do Carmo, e não se esqueceu em sua beneficencia dos presos do Aljube e Cadêa.

Como a seu cuidado estava a administração da Capella de missas, instituida pelo Bispo D. Francisco de S. Jeronymo, e confiada na sua pessoa aos que occupassem para o futuro a dignidade decanal, com a obrigação de se dizer no Templo de Nossa Senhora da Conceição, unido á casa da residencia episcopal, uma missa no dia sabbado de cada semana, para cujo patrimonio existiam a juros tres mil cruzados, determinou Gaspar Gonçalves a seus testamenteiros que, desde o dia de seu fallecimento até o da posse do seu successor na dignidade, fôssem diligentes em satisfazer aquelle encargo, entretanto que se não julgasse ou resolvesse o contrario, querendo assim evitar alguma falta no cumprimento de tão sagrada obrigação. Seu nome e seus escriptos gravados gloriosamente nos fastos da Diocese Fluminense, existirão como padrões eternos á memoria de um dos mais benemeritos Ecclesiasticos d'este Bispado, um de seus melhores ministros, um dos mais dignos filhos da Villa de Santos por seu saber e por suas virtudes.

PERO LOPES DE SOUSA

> Franceza gente que o Brasil tentava
> Pedro Lopes de Souza em furiosa
> Naval batalha o mar lhe contestava.
>
> CARAMURU'. Cant. 8º, Est. 27.

Pero Lopes de Sousa, um dos doze primeiros donatarios do Brasil, foi o segundo genito de Loupo de Sousa, e irmão do 13º Governador da India, Martim Affonso de Sousa.— E' mui provavel que na sua mocidade frequentasse na Universidade, que então estava em Lisbôa, os

estudos da navegação. E' sem duvida que, dedicando-se á vida maritima, reunia o ser n'ella perito a muito desembaraço e afouteza,— qualidades indispensaveis em tal profissão. Começou a servir nas armadas de guarda costa contra os corsarios ; adquirira a pratica de algumas navegações; quando, joven ainda, e já muito honrado fidalgo da casa de el-rei D. João III, acompanhou seu irmão na armada ao Brasil. Tendo sahido de Lisbôa na capitaina, passou depois a commandar duas caravelas, com as quaes só affrontou em renhida peleja uma náo franceza, que abalroou e fez prisioneira.

Proseguiu, já feito capitão da sua nova presa, na direcção do sul, e depois de ter rendido outra Náo Franceza, e aportado á Bahia e Rio de Janeiro, soffreu grande tormenta na altura do Cabo de Santa Maria; e havendo por esta occasião dado á costa o Capitão-Mór, foi decidido em conselho que não devia elle de ir pelo Rio da Prata ; e que fôsse lá algum Bergantim afim de o examinar e pôr padrões. Reconhecendo Martim Affonso as eminentes qualidades de seu irmão, o encarregou d'esta commissão, recommendando-lhe que estivesse de volta em vinte dias.

De junto do dito Cabo partiu a 23 de Novembro de 1531, navegou o rio acima pelo canal do norte, cento e tantas leguas contadas do Cabo de Sancta Maria, e voltou a 12 de Dezembro. Tendo passado n'esta diligencia inclemencias e trabalhos, pelos quaes mostra o seu valor em soffrer, e seu genio em descrever; e visto alguns gentios, notado seus usos e costumes, veiu a naufragar sobre uma Ilha ao pé do Cabo de Sancta Maria. N'este naufragio se houve Pero Lopes de fórma tal, que o seu procedimento mostra bem qual era a sua constancia e animo. Não convem antecipar as descripções que se lêm no seu Diario, por vezes poetico; ao qual remettemos o leitor, limitando-nos a dizer que, tendo conseguido pôr o Bergantim a nado, se reuniu á Armada, a 27 de Dezembro, na Ilha das Palmas: e todos partiram para o porto de S. Vicente, que Martim Affonso ferrou pela primeira vez a 20 de Janeiro seguinte.

Então decidiu este Capitão, por parecer dos pilotos e mestres, e todos que para isso eram, de mandar duas Náos para Portugal com toda a gente do mar. Incumbindo

do commando a Pero Lopes, largou este a 22 de Maio de 1532, e fazendo-se ao norte, foi ao Rio de Janeiro esperar pela outra nau—a tomada aos Francezes; e d'aqui sahiram juntos no principio de Julho. Passados quinze dias, era Pero Lopes na Bahia de Todos os Santos, da qual se fez á vela no fim do mez. E tendo andado tanto á vante como a Ilha de Santo Aleixo, houve vista de uma nau, e ordenou de fazer tudo prestes para a combater: o resultado de taes combates com Francezes nunca lhe foi desfavoravel (1). Entrou por fim em Pernambuco, e largando a 4 de Novembro, só chegou a Lisbôa no comêço do anno seguinte.

Entretanto tinha El-Rei escripto a 28 de Setembro do anno antecedente, que lhe fizera doação de juro herdade de uma Capitania de cincoenta leguas de costa, e em attenção aos seus serviços então narrados, o agraciou commutando-lh'as, por doação feita em Evora no primeiro de Setembro de 1534, em oitenta leguas distribuidas em tres differentes logares da costa, por elle escolhidos (2).

Ha quem diga (3) que depois de voltar, fôra em 1535 a Tunes, por Capitão de uma nau na expedição que commandava Antonio de Saldanha, com o Infante D. Luiz; porém o que temos por certo é que antes ou depois entendeu povoar a sua Capitania de Itamaracá (4).

---

(1) Gabriel Soares diz no Rot. Ger. cap. 14 que—se viu assim no mar pelejando com algumas naus Francezas, de que os Francezes nunca se sahiram bem.

(2) Veja-se esta doação que transcrevemos á pag. 118 do seu Diario, bem como o foral á pag. 126.

(3) Souza. Hist. Gen. T. 12 P. 1.ª Seria este serviço que mal entendido, fez diser a certo Genealogico, cujo Nobiliario MS. existe na Bib. Pub. de Lisbôa, que affirmavam ter sido Governador da Mina.

(4) A maior parte dos escriptores dizem que Pero Lopes foi em pessoa á colonisação da sua Capitania depois que lhe foi doada. Outros não fazem menção de tal. Quanto á parte de S. Amaro, não encontramos documento anterior a 1542, em que D. Isabel Gambôa nomêa seu Locotenente e Ouvidor. Comtudo Gabriel Soares, que foi ao Brasil vinte e tantos annos depois, e por isso se póde dizer coetaneo, ainda que confunde os acontecimentos que passou na Armada de que tratamos, e que menciona no cap. 1º, todavia diz no cap. 14 do Rot. Ger., que, conduzindo armada á sua custa e em pessoa, foi povoar esta capitania (Itamaracá) com moradores que levou do porto de Lisbôa, d'onde partiu; no que gastou alguns annos e muitos mil cruzados—: e no cap. 61

Havendo sido nomeado Capitão-Mór de 6 naos (5) para a India partira em Março de 1539; chegou a Goa em Setembro, e voltando para a Europa, se perdeu na paragem da Ilha de S. Lourenço (hoje Madagascar), vindo por fóra d'ella; e não houve mais noticia do seu corpo.

Fôra casado com D. Isabel de Gambôa, que ficou tutora de seus filhos. Era de genio altivo (em vão o nega D. Luiz da Silveira), caprichoso no mando e independente, e por isso algumas vezes foi desattencioso e menos estimado. Tinha bastante amor proprio—talvez proveniente da sua juventude, e afez-se de tal modo aos perigos, que o seu valor passou a temeridade, que pagou com a vida.

Deixou-nos escripto o Diario ou Roteiro, que demos á luz tão completo quanto pudemos, e do qual nem Barboza, nem Bibliographo algum, que conheçamos, teve noticia. Do merito do seu estylo ajuizarão os nossos litteratos, e decidirão se algumas paginas descriptivas não fazem recordar a saudosa melancolia do saudoso livro de Bernardim Ribeiro, seu contemporaneo.

Por F. A. DE VARNHAGEN.

accrescenta que fizera um engenho em Santo Amaro, que tambem foi povoar em pessoa; porém para esta ultima ha menos fundamentos. O certo é que a mesma ampliação que El-Rei fez a 21 de Janeiro de 1535 é prova de que elle cuidava na Capitania.

(5) Vide o—Livro das Armadas e Capitães que foram á India, do descobrimento d'ella até hoje—MS., e tambem a obra que citamos na nota da pag. 89, escripta talvez originalmente por Pedro B. de Rezende.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

Extracto das actas das sessões dos mezes de Julho, Agosto e Setembro de 1843

107ª SESSÃO EM 6 DE JULHO DE 1843

PRESIDENCIA DO EXM. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

A's 5 horas da tarde abre-se a sessão, lê-se e approva-se a acta da antecedente.

O 2º Secretario passa a dar conta do expediente, principiando pela leitura de uma carta do Socio correspondente o Exm. Sr. Conselheiro Bernardo Jacintho da Veiga, offerecendo ao Instituto dois exemplares da Exposição que na qualidade de Presidente da Provincia de Minas Geraes apresentou a seu successor, o Exm. Sr. Tenente General Francisco José de Souza Soares de Andréa, no acto da sua posse.

Cartas dos Socios honorarios os Exms. Srs. Visconde de Santarem, e Jomard, Presidente da Sociedade de Geographia de Pariz, recommendando ao Instituto o Exm. Sr. Conde de Castelnau, sabio naturalista ultimamente chegado de França a esta côrte, d'onde deve partir a fim de desempenhar na America Meridional, por ordem do Governo Francez, uma missão scientifica.

Recebeu o Instituto para a sua Bibliotheca: do Sr. Jomard os folhetos—*Accroissement de la collection géographique de la Bibliothèque Royale en* 1841—*De l'utilité qu' on peut tirer de l'étude comparative des cartes géographiques*—*Premier et second voyage à la recherche des sources du Bahr-el-Abiad ou Nil-Blanc, ordonné par Mohammed-Aly, vice-roy d'Egypte, sous le commandement du capitain de frégate Selim-Bimbachi:* do Exm. Sr. Senador José Bento Leite Ferreira de Mello as Respostas (impressas) dadas ao Senado por elle e pelo Exm. Sr. Senador José Martiniano de

Alencar, sobre a pronuncia contra ambos feita pelo Juiz Municipal da 2ª vara Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja, no processo organizado na côrte pelos movimentos de S. Paulo e Minas; e igualmente as Respostas, dadas tambem ao Senado na mesma occasião pelos Exms. Senadores Diogo Antonio Feijó e Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, sobre a pronuncia de cabeças de rebellião, contra elles proferida pelo Chefe de Policia da Provincia de S. Paulo, J. A. G. de Menezes, no processo da revolta de 17 de Maio de 1842.

Resolve o Instituto que, segundo o costume, se agradeçam as offertas, e se franquêe o seu Archivo e Bibliotheca ao Sr. Conde de Castelnau, permittindo-lhe que copie na integra ou em extractos tudo quanto julgar lhe possa ser de utilidade na sua longa digressão scientifica.

Foram remettidas á Commissão de Geographia tres propostas de Membros correspondentes para a respectiva secção.

O Exm. Sr. Presidente nomeou ao Exm. Sr. Conselheiro Candido José de Araujo Vianna orador da deputação incumbida pelo Instituto de cumprimentar a S. M. o Imperador no dia 18 de Julho, anniversario da sua Sagração e Coroação: e ao Exm. Sr. Conselheiro Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho orador da deputação encarregada de felicitar ao Mesmo Augusto Senhor no dia 23 do referido mez, anniversario da sua Maioridade.

Entraram em discussão, e foram approvadas, varias propostas sobre diversos objectos.

108ª SESSÃO EM 20 DE JULHO DE 1843

PRESIDENCIA DO EXM. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Começou a sessão pela leitura da acta da antecedente, que foi approvada.

Expediente. — « Em resposta ao officio, que V. S. me dirigio em 22 do mez proximo findo, tenho de communicar-lhe,

para o fazer constar ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, que se mandaram extrahir na Lithographia do Archivo militar seiscentas cópias da Carta da Provincia de Santa Catharina, que acompanhou o dito officio.

«Deus Guarde a V. S. Paço, em 10 de Julho de 1843. —*Salvador José Maciel.*—Sr. Januario da Cunha Barboza.»

Carta escripta de Montevidéo pelo Sr. Padre Joaquim de Santa Escolastica Mavignier, accusando e agradecendo a recepção do diploma de Membro correspondente.

Da mesma cidade escreve o Socio correspondente o Sr. D. Florencio Varella, noticiando haver-se alli installado, sob os auspicios do Governo, uma associação com o titulo Instituto Historico e Geographico Nacional.

O Sr. Joaquim Antonio de Azevedo offerta ao Instituto diversos mappas estatisticos, e um machado de pedra encontrado nos sertões da Provincia de Minas-Geraes.— Recebido com especial agrado.

Leu-se depois o seguinte discurso, que o Exm. Sr. Vice-Presidente Conselheiro Candido José de Araujo Vianna recitára no dia 18 de Julho como orador da deputação nomeada para felicitar a S. M. Imperial da parte do Instituto.

«Senhor.—O Instituto Historico e Geographico Brasileiro vem cheio de jubilo e acatamento, por meio d'esta deputação de seus Membros, depositar nos degráos do Throno de V. M. Imperial sinceras congratulações no anniversario do faustissimo dia, em que V. M. I., recebendo Uncção sagrada, cingiu a refulgente Corôa, que pela Lei fundamental do Estado orna a Augusta Fronte de V. M. I.

«Ha dous annos, Senhor, testemunhou contente esta capital a mais fervorosa manifestação do amor que, por V. M. I. abrazando os corações Brazileiros, trouxe de todos os pontos do Imperio os fieis subditos de V. M. I., e os reuniu ante os altares para renderem graças ao Supremo Dador dos Sceptros pelo complemento do acto solemne e magestoso, que entre outras esperanças offerecia ainda as do augmento de força, que ás instituições da Monarchia dar devia a intervenção religiosa. Esse amor não tem,

Senhor, arrefecido: nem se mallograram tão bem fundadas esperanças: os acontecimentos vindos depois exuberantemente provam quanto é amado o Monarcha Brazileiro, quanto é forte contra as maquinações insensatas do genio da discordia a Mão Augusta do ungido do Senhor.

«Digne-se pois V. M. I. de aceitar as novas protestações de lealdade, amor e submissão, que n'este dia de tão doces recordações o Instituto Historico e Geographico tem a honra de apresentar ao seu inclyto Protector. Praza ao Omnipotente, escutando os votos dos Brazileiros, outorgar-lhes na perpetuidade da Monarchia Constitucional, na diuturnidade do reinado de V. M. I., e sua Dynastia, a prosperidade e grandeza de que é capaz o Imperio.—*Candido José de Araujo Vianna.*»

S. M. I. se dignou responder— Que agradecia ao Instituto.

O Sr. Conego Januario da Cunha Barboza apresentou a seguinte proposta, cuja discussão foi adiada:

«Sendo de grande evidencia a necessidade de uma Estatistica do Imperio do Brazil, que se não poderá organizar sem que primeiramente se assentem as bases ou systema com que se forme; e devendo o Instituto, por isso que uma tal obra se comprehende do circulo de suas attribuições, dar quanto antes principio a esse tão interessante trabalho, aproveitando a alta protecção do Governo Imperial, indispensavel em uma tal empreza: proponho que se nomêe uma Commissão de dous Membros, que se encarregue de formar e apresentar ao Instituto um plano para a organização da Estatistica do Imperio, tendo no seio do Instituto o centro de todos os trabalhos, que em todas as Provincias se devem fazer.—*J. da C. Barboza.*»

Entrou em discussão, e foi approvado, segundo os tramites prescriptos pelos Estatutos, um parecer da Commissão de Geographia sobre a admissão de tres Socios correspondentes.

O Sr. Coronel José Joaquim Machado de Oliveira leu uma extensa Memoria em desenvolvimento do programma—Se todas os indigenas do Brazil, conhecidos até hoje, tinham idéa de uma unica Divindade, ou se a sua religião se circumscrevia apenas em uma mera e supersticiosa

adoração de *fetiches*; se acreditavam na immortalidade da alma, e se os seus dogmas religiosos variavam conforme as diversas nações ou tribus; no caso da affirmativa, em que differençavam elles entre si?—A' Commissão de Redacção.

109ª SESSÃO EM 3 DE AGOSTO DE 1843

PRESIDENCIA DO EXM. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

A's 5 horas da tarde abre-se a sessão, lê-se e approva-se a acta da antecedente.

EXPEDIENTE. — O Exm. Sr. Conde Jacob Graberg de Hemso escreve de Florença, participando haver recebido o seu diploma de Membro correspondente do Instituto, e agradecendo a nomeação.

« Sr. Secretario Perpetuo.— Com bem vivo reconhecimento recebi vossa communicação de 27 do corrente mez, e se impossivel me é exprimir a gratidão de que me acho penhorado para com o Instituto pela honra de admittir-me no numero de seus Membros, ainda mais difficil é patentear-vos quanto me lisongeou a obsequiosa carta que acompanhava meu diploma.

« Sem embargo de contar ainda bem poucos annos de existencia, o Instituto Historico e Geographico tem conseguido, por seus interessantes trabalhos, adquirir bom credito no espirito dos sabios de todo o mundo, e sua nobre hospitalidade para com os estrangeiros é tão conhecida como a grande erudição de seus Membros.

« Far-me-ia o Instituto um favor especial dignando-se dar-me instrucções para a longa viagem que vou emprehender, e empregarei todos os meios ao meu alcance para me tornar digno da sua confiança.

« Muito grata me foi a honra de ser junto da Sociedade de Geographia de Pariz o interprete dos sentimentos

tão generosos que em seu favor me exprimistes em nome do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

« Dignai-vos receber, Sr. Secretario Perpetuo, as expressões da alta consideração e do profundo respeito de vosso servo — *Conde de Castelnau.* »

« Sr. Secretario Perpetuo. — N'este instante acabo de receber a carta que me fizestes a honra de escrever participando haver eu sido nomeado Membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro: e rogo-vos digneis servir-me de interprete para com essa illustre associação, assegurando-a do alto apreço em que tenho o favor insigne que me concedeu admittindo-me em seu seio. Tambem espero, Sr. Secretario Perpetuo, que offereçais ao Instituto minhas poucas e fracas luzes, manifestando-lhe quanto me julgarei ditoso, se, durante a longa viagem que vou emprehender pelo interior do magnifico Imperio do Brazil, puder enviar a essa sabia Sociedade esclarecimentos que lhe possam interessar.

« Aproveitar-me-hei com grande satisfaçam do precioso direito de que me acho presentemente revestido, indo assistir ás sessões do Instituto, nas quaes se tratam assumptos tão interessantes e tão variados; e só me resta o pezar de que minha breve demora no Rio de Janeiro não me permitta seguir por muito tempo os trabalhos do Instituto: mas acreditai, Sr. Secretario Perpetuo, que, quer de longe, quer de perto, sempre terei por elles o mesmo interesse.

« Recebei, Sr. Secretario Perpetuo, os protestos da subida consideração e da perfeita estima de vosso reconhecido consocio — *Visconde de Osery.* »

Determina o Instituto que se escreva aos Srs. Conde de Castelnau e Visconde de Osery, remettendo-lhes instrucções ácerca dos objectos, cujo conhecimento poderá interessar á historia e geographia d'este paiz.

Carta do Socio effectivo o Sr. Diogo Soares da Silva de Bivar, fazendo sciente ao Instituto que uma serie não interrompida de cuidados domesticos, de trabalhos professionaes, e de commissões extraordinarias, para as quaes tem sido ultimamente chamado, lhe hão impedido de levar ao cabo as Ephemerides do anno proximo passado; mas que conta concluil-as por todo o mez de Agosto, para o

que não poupará esforços ; e quando as apresentar exporá verbalmente as razões da demora, esperando no entretanto toda a indulgencia do Instituto, ao qual assegura a sua inteira dedicação, e a bôa vontade com que se empregará sempre em tudo o que lhe fôr incumbido.— O Instituto fica inteirado.

Officio do Sr. Manoel Corrêa Garcia, 1° Secretario da Sociedade Philosophica da Bahia, dando parte ao Instituto da nova eleição da mesa administrativa da mesma Sociedade, e offertando-lhe tres exemplares do Relatorio dos seus trabalhos durante o segundo anno social recitado em sessão geral de 25 de Setembro de 1842.

Carta datada de Lisbôa pelo Socio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, remettendo para a Bibliotheca do Instituto MS.— Poranduba Maranhense, ou Relação historica do Provincia do Maranhão, composta pelo Sr. Fr. Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão, que residiu muitos annos na mesma Provincia, e hoje se acha em Portugal.

« Este manuscripto, diz o nosso consocio, é offerecido pelo seu autor ao Instituto, que de certo não apreciará pouco o Diccionario da Lingua Tupinambá, que vai no fim, e o catalogo dos Governadores, continuado depois que Berredo escreveu. Juntamente vai um mappa da provincia esboçado pelo mesmo autor, e que faz parte da obra. »

Escreve tambem de Lisbôa o Socio correspondente o Sr. Francisco Freire de Carvalho, enviando a sua—Memoria que tem por objecto revindicar para a Nação Portugueza a gloria da invenção das machinas aerostaticas ; e um exemplar da sua edição critica dos Lusiadas de Camões ultimamente publicada. »

Igualmente escreve o Socio correspondente o Sr. Conselheiro Manoel José Maria da Costa e Sá, endereçando ao Instituto um exemplar do seu—Elogio historico ao Illm. e Exm. Sr. Cypriano Ribeiro Freire, recitado na Assembléa publica da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, de 15 de Maio de 1838.

Foi o Sr. Secretario Perpetuo encarregado de agradecer as offertas acima referidas, e outrosim as seguintes : do Socio correspondente e Sr. Sergio Teixeira de Macedo—

Atti della terza riunione degli scienziati Italiani tenuta in Firenze nel Settembre del 1841 : e do Sr. José da Rocha Leão Junior as obras—Arte do navegar, e Roteiro das viagens e costas maritimas de Guiné, Angola, Brazil, Indias, e Ilhas Occidentaes e Orientaes, por Manoel Pimentel: Lisbôa, 1819, 1 vol. in-fol.— Dialogos de Luiz Mendes de Vasconcellos sobre o sitio de Lisbôa, sua grandeza, povoação, e commercio, etc.: Lisbôa, 1786, 1 vol. in-8.°— O Cidadão Lusitano ; Breve Compendio em que se demonstram os fructos da Constituição, e os deveres do Cidadão constitucional para com Deus, para com o Rei, para com a Patria, e para com todos os seus Concidadãos ; por Innocencio Antonio de Miranda, Abbade de Medrões : Lisbôa, 1822, 1 vol. in-4°.

Leu-se o discurso abaixo transcripto, pronunciado pelo Vice-presidente o Exm. Sr. Conselheiro Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, na qualidade de orador da deputação, que em nome do Instituto foi felicitar a S. M. o Imperador no dia 23 de Julho.

« Senhor.— Tres annos ha que a Nação Brazileira, cançada dos males que soe trazer comsigo a longa menoridade dos Imperantes, e reconhecendo em V. M. I. as sublimes qualidades que afiançam um reinado feliz e glorioso, apressou-se, por meio de seus Representantes, a anticipar a época marcada na Lei fundamental do Estado, para que V. M. I. pudesse tomar as redeas do Governo do Imperio.

« Ao jubilo de todos os fieis subditos de V. M. I. por tão plausivel motivo reuniu-se então o do Instituto Historico e Geographico Brazileiro ; o qual nos envia hoje em deputação perante o Throno Augusto de V. M. I. para termos a subida honra de felicitar, em seu nome, a V. M. I . pelo feliz anniversario d'aquelle acto magestoso.

« O Instituto, Senhor, que tem tido a ventura de receber constantemente de V. M. I. aquella benefica protecção, que os grandes Principes não deixam jamais de prestar ás lettras e sciencias ; e que além d'isso observa os beneficios já prodigalisados por V. M. I. á Nação Brazileira no curto periodo de tres annos, tem duplicado motivo para felicitar

a V. M. I. e para felicilitar-se a si proprio, neste dia de gloriosa recordação.

« Digne-se pois V. M. I. acceitar benigno os puros e ardentes votos, que fórma o Instituto Historico e Geographico Brazileiro pela felicidade de V. M. I., de Sua Augusta Familia, e pela prosperidade do Imperio. —*Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho.*

S. M. I. respondeu — Que agradecia muito ao Instituto.

Foi submettida á discussão, e approvada, a proposta do Sr. Secretario Perpetuo adiada da sessão anterior : e o Exm. Sr. Presidente nomeou para a commissão sobre que ella versa os Srs.: Desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, e Coronel José Joaquim Machado de Oliveira.

Igualmente foi approvado um parecer da Commissão de Geographia sobre admissão de dous Membros correspondentes na respectiva secção.

110ª SESSÃO EM 17 DE AGOSTO DE 1843

PRESIDENCIA DO EXM. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

A' 5 horas da tarde acham-se presentes 28 Socios, incluindo n'este numero os Exms. Srs. Conde de Castelnau e Visconde de Osery, distinctos naturalistas francezes incumbidos pelo seu governo de uma viagem scientifica de exploração na parte central da America do Sul, e recommendados ao Instituto pela Sociedade de Geographia de Pariz, e pelo Exm. Sr. Visconde de Santarém.

Partindo do Rio de Janeiro a expedição, a cuja testa se acha o Sr. Conde de Castelnau, deverá atravessar toda a America Meridional, seguindo com pouca differença a linha de divisa entre as aguas que correm para o Norte, principalmente ao Amazonas, e as que correm para o Sul, e se vão reunir ao Prata. Depois de haver chegado a Lima, e explorado alguns paizes circumvisinhos, a volta effectuar-se-ha por um dos affluentes occidentaes do

Amazonas, ou pelo Amazonas mesmo, e finalmente pela Guyana Franceza. Na primeira parte d'este immenso trajecto continental do Rio de Janeiro a Lima, a expedição achar-se-ha em uma tal visinhança da supposta posição do Equador magnetico, que facil lhe será dividil-o em muitos pontos, convenientemente espaçados, afim de que se possa traçar para o futuro sem incerteza essa importante linha magnetica atravez de um dos dous grandes continentes, onde sua direcção ainda é incognita. Além das pesquizas e observações scientificas encarregadas ao Sr. Conde de Castelnau, elle encherá muitas lacunas que existem na geographia dos paizes que tem de percorrer.

O Exm. Sr. Presidente convida os dous illustres viajantes a tomarem assento á sua direita, e declara aberta a sessão, a qual principia pela approvação da acta da antecedente.

Segue-se a leitura do expediente abaixo declarado:

Carta do Sr. Padre Manoel Eufrazio de Oliveira, remettendo um catechismo (MS.) em Portuguez e Pury pelo Reverendo Francisco das Chagas Lima.

O Exm. Sr. Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, Presidente da Provincia do Maranhão, offerece dous exemplares do Relatorio que apresentou á Assembléa Legislativa d'aquella Provincia na sessão aberta a 3 de Maio do corrente anno.

Escreve do Sabará o Sr. Maximiano Augusto Pinto, enviando o n. 90 do periodico — *O Vigilante* —, onde vem transcripta a falla que o Visconde de Caethé dirigiu ao Sr. D. Pedro I, então Principe Regente do Brazil, quando ainda se estava em incerteza sobre a sorte futura d'este Imperio: promettendo brindar tambem o Instituto com a biographia do mencionado Visconde e de outros cidadãos da Provincia de Minas respeitaveis pelos seus serviços ao Estado.

Carta do Socio correspondente o Sr. Antonio Lopes da Costa e Almeida, acompanhando a remessa dos numeros 1°, 2° e 3° da terceira serie dos Annaes da Associação Maritima e Colonial de Lisbôa, e os numeros 3° e 7° da segunda serie, que faltavam ao Instituto para completar a sua collecção d'este jornal.

De Pariz escreve o Socio correspondente o Sr. Dr. Antonio Maria de Miranda e Castro, fazendo donativo ao Instituto do tomo 13° do Boletim da Sociedade Geologica de França, e dos tres primeiros numeros do volume 14°, cuja continuação promette enviar regularmente. « Parece-me que interessarão ao Instituto as discussões da Sociedade Geologica, não só pelos importantes trabalhos sobre a Europa, como mesmo sobre o Brazil, que fazem o objecto de suas investigações, para o que de tempos em tempos envia a viajar alguns dos seus Membros, como foi ultimamente M. Pissis, do qual terei a honra de endereçar tambem um trabalho sobre a geologia das Provincias de Minas Geraes e S. Paulo, que foi apresentado á Academia das Sciencias do Instituto de França depois de minha chegada a esta côrte. »

O Exm. Sr. Senador Cassiano Speridião de Mello e Mattos apresenta, da parte do Socio correspondente o Sr. João Diogo Sturz, Consul Geral do Brazil na Prussia, as seguintes obras : — *What to observe, or the travells's remembrancer,* by J. R. Jackson ; Londres, 1841 : — *Outliness of a Grammar, Vocabulary, and Phraseology of the aboriginal language of South Australia, spoken by the natives in and for some distance around Adelaide ;* 1840 : — *Address to the Non-slave holders of the South, on the social and political evils of slavery ;* Londres, 1843 : — Um mappa da Suissa, por Bauerkeller : e da parte do Sr. Coronel João da Silva de Oliveira uma carta hydrographica (manuscripta) da Bahia de Todos os Santos.

O Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen offerece a « Gratidão Pernambucana ao seu bemfeitor o Exm. e Revm. Sr. D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo de Pernambuco : Lisbôa, 1808 ».

Recebeu mais o Instituto para a sua Bibliotheca: da Sociedade de Geographia de Pariz o tomo 18ª da 2ª serie de seu Boletim: do Sr. Commendador José Domingues de Attaide Moncorvo.—Manifesto ou exposição fundada e justificativa do procedimento da Côrte do Brazil a respeito do Governo das Provincias Unidas do Rio da Prata, e dos motivos que a obrigaram a declarar a guerra ao referido Governo:—Falla que o Exm. Presidente da Provincia do Espirito Santo

dirigio á Assembléa Legislativa Provincial no dia 28 de Agosto de 1842 ;— Parallèle entre les Colonies Françaises et les Colonies Anglaises, par M. Jollivet : e do 2° Secretario a collecção completa das Leis do Imperio do Brazil, pertencente ao anno de 1842.

O Sr. Dr. João Antonio de Miranda offerta para o Museu da Sociedade um perfeito modelo das jangadas de que se usa na navegação do Ceará : e o Sr. João Gularte uma pedra de marmore verde da Provincia de Minas Geraes.

Resolve o Instituto que se agradeça as dadivas supramencionadas.

Leitura de duas propostas para Membros correspondentes : á respectiva Commissão.

Passando-se depois a tratar da deputação para em nome do Instituto felicitar a S. M. o Imperador por occasião de seu faustissimo consorcio, delibera-se que seja Orador da mesma o Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo, e que este nomeie os outros Membros ; e em conformidade d'esta resolução do Instituto são escolhidos os seguintes senhores : 1° Vice-Presidente Conselheiro Candido José de Araujo Vianna, 2° Vice-Presidente Conselheiro Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, 1° Secretario Conego Januario da Cunha Barboza, 2° Secretario Manoel Ferreira Lagos, Conselheiro Paulo Barboza da Silva, Desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Senador Cassiano Speridião de Mello Mattos, Conde de Castelnau, Visconde de Osery, Miguel de Souza Mello e Alvim, Commendador José Domingues de Attaide Moncorvo, Conselheiro de Estado Francisco Cordeiro da Silva Torres, Manoel de Araujo Porto Alegre, Dr. João Antonio de Miranda, Dr. Saturnino de Souza e Oliveira Coutinho, Conselheiro Antonio José de Paiva Guedes de Andrade, Commendador D. Gennaro Merolla, Conselheiro de Estado Caetano Maria Lopes Gama, Barão de Monte Alegre, Conselheiro Bento da Silva Lisbôa, Bispo eleito do Pará, Monsenhor Narciso da Silva Nepomuceno, Dr. Francisco Freire Allemão, Barão de Planitz, Conego Manoel Joaquim da Silveira, Conego Antonio Marques de Sampaio, Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, Dr. Candido Borges Monteiro, Thomé Maria da Fonseca,

Conselheiro José Antonio Lisbôa, Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, Conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmento, Padre Vigario José Francisco da Silva Cardoso, Visconde de Baependy, e Herculano Ferreira Penna.

O Sr. Secretario Perpetuo fez leitura da traducção Portugueza da Memoria sobre o melhor systema de escrever a historia do Brazil, offerecida ao Instituto pelo seu Socio honorario o Sr. Dr. Martius.

111ª SESSÃO EM 31 DE AGOSTO DE 1843

PRESIDENCIA DO EXM. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Aberta a sessão, é lida e approvada a acta da antecedente.

Recebe o Instituto com especial agrado: da Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro o Discurso dirigido pelo seu Director no acto de se dar posse ao novo Conselho de 1843: do Socio correspondente o Sr. Dr. Antonio Maria de Miranda e Castro dous numeros do tomo XIV do Boletim da Sociedade Geologica de França: do Socio correspondente o Sr. Miguel Maria Lisbôa a sua collecção de romances historicos impressa em Pariz no corrente anno: e do Sr. Secretario Perpetuo—Portraits et histoire des hommes utiles, hommes et femmes de touts pays et de toutes conditions, qui ont acquis des droits à la reconnaissance des hommes par des traits de dévouement, de charité; par des fondations philantropiques; par des travaux, des tentatives, des perfectionnements, des découvertes utiles á l' humanité, etc.: publiés et propagés pour et par la Société Montyon et Franklin—1833-1834, 1 volume ricamente encadernado.

Remette-se á Commissão de Historia duas propostas para Socios correspondentes da respectiva classe.

O Sr. Coronel José Joaquim Machado de Oliveira apresenta a proposta seguinte:

« Não differindo essencialmente a Porandubа Maranhense dos Annaes do Estado do Maranhão, escriptos por Bernardo Pereira de Berredo, quanto aos factos historicos;

e porque os mesmos Annaes são considerados como a historia de mais exactidão entre as que se escreveram dos Estados do Pará e Maranhão : proponho que, prescindindo-se da parte da Poranduba que refere-se á historia de Berredo, se dê unicamente publicidade, pelo modo que fôr compativel, áquella que fôr subsequente aos Annaes até a sua conclusão, e como uma continuação d'estes.

« Outrosim, que se imprima separadamente o Vocabulario dos Tupinambás, que vem no fim da Poranduba, por ser um dialecto da lingua geral do Brazil, que já existe impressa.— *J. J. Machado de Oliveira.* »

Depois de longa discussão, vota o Instituto que se adie esta proposta para ser tomada em consideração em tempo opportuno.

O Sr. Dr. Bivar apresenta uma carta que lhe dirigira de Lisbôa o Sr. Conselheiro Manoel José Maria da Costa e Sá, em a qual, expressando aquelle illustre litterato e nosso consocio o seu reconhecimento ao Instituto pelos officios que prestára para a concessão da graça que recebêra da excelsa generosidade de S. M. o Imperador, promette, logo que tenha mais algum socego, de dar ao Instituto um significativo testemunho do interesse que toma nos seus trabalhos.

O mesmo Sr. Bivar fez tambem leitura das Ephemerides para a historia do Brazil no anno de 1842.— O Instituto resolve que se ajuntem ás anteriores para serem impressas opportunamente; e agradecendo ao nosso zeloso consocio o seu interessante trabalho, incumbe-lhe a sua continuação no corrente anno.

112ª SESSÃO EM 14 DE SETEMBRO DE 1843

PRESIDENCIA DO EXM. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

A's 6 horas da tarde principia a sessão pela leitura da acta da antecedente, que é approvada.

Expediente. « Illm. e Exm. Sr.— Ficando S. M. o Imperador inteirado, pelo officio de V. Ex. de 25 do mez findo, das pessoas que compoem a deputação nomeada pelo Instituto Historico e Geographico Brazileiro para felicitar ao Mesmo Augusto Senhor por occasião do Seu Faustissimo Consorcio: assim o participo a V. Ex., para que haja de o fazer constar ao mencionado Instituto.

« Deus Guarde a V. Ex. Paço em o 1° de Setembro de 1843.— *José Antonio da Silva Maia.*— Sr. Visconde de S. Leopoldo.»

O Eminentissimo Sr. Cardeal Angelo Mai escreve de Roma agradecendo a sua nomeação de Membro honorario, cujo diploma lhe fôra entregue pelo nosso consocio o Exm. Sr. Conselheiro Luiz Moutinho de Lima Alvares e Silva, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Brazil junto áquella côrte.

Cartas escriptas de Napoles pelos Exms. Srs. Cavalleiro D. Niccolò Santangelo, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Internos; Commendador Ferri, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda; e Principe de Comitini, Gentil-Homem da Camara de Sua Magestade o Rei do Reino das Duas Sicilias; communicando haverem tambem recebido os seus diplomas de Membros honorarios, que com todo o prazer acceitaram.

Igualmente dirigem agradecimentos ao Instituto, pelo tituto de Socios correspondentes que lhes foi outorgado, e cujos diplomas já receberam, os seguintes Srs., residentes em Napoles: Cavalleiro D. Francisco Maria Avellino, Secretario Perpetuo da Academia Real Herculanense, e Director do Museu Real Borbonico; Dr. Filippe Rizzi; D. Felice Santangelo; Conego D. Girolamo Pirozzi; Cavalleiro D. Miguel Tenore: e M. Bouillet, Provisor do Collegio Real de Bourbon em Pariz.

Carta do Socio honorario o Exm. Sr. Cavalleiro D. Theodoro Monticelli, Secretario Perpetuo da Academia Real das Sciencias de Napoles, occusando e agradecendo a remessa de diversas publicações do Instituto, que foram enviadas para aquella associação, bem como a *Revista Trimensal* até o n.° 16 inclusive: e offertando para a nossa bibliotheca o 5° volume de suas actas e memorias. « Os

estreitos vinculos de parentesco, que ora unem as duas Augustas Familias, d'este Reino e do Imperio do Brazil, (diz o Sr. Monticelli em seu officio), darão sem duvida maior vigor ás fraternaes relações scientificas, que tão felizmente subsistem entre o illustre Instituto Historico e Geographico Brazileiro e esta Academia Real das Sciencias, a qual se achará sempre prompta em seu serviço, cumprindo com bôa vontade todas as commissões que o Instituto houver por bem encarregar-lhe. »

Leu-se depois a carta abaixo transcripta, dirigida ao Sr. 1º secretario pelo Membro honorario o Ex. Sr. General J. I. de Abreu e Lima.

« Illm. Sr.—Tenho a honra de enviar a V. S. um exemplar do meu *Compendio da Historia do Brazil*, para que se sirva offerecel-o em meu nome ao Instituto Historico como tributo de respeito e acatamento, esperando que o Instituto veja n'essa offerta, não uma prova do meu merecimento, que o não tenho, mas um testemunho de quanto o considero e acato.

« A minha obra não é perfeita, nem podia sel-o ; o Instituto sabe por quantas difficuldades tem passado para obter documentos, e até simples esclarecimentos, ainda quando ajudado pela potente cooperação do Governo e dos outros Corpos politicos do Estado; quanto mais eu, que, sem auxilio de qualidade alguma, tive de mendigar de porta em porta até a mais insignificante data, encontrando quasi sempre (com bem pezar o digo) mesquinho acolhimento, com muito poucas honrosas excepções.

« Uma cousa porém resalta no meu Compendio, e é quanto basta para dar-lhe algum valor. Tudo quanto existia escripto ácerca do Brazil era sem methodo nem plano algum historico : era um montão de factos atirados ao acaso sem discriminações de épocas nem de periodos ; e tanto é isto assim que o Instituto já se occupou d'este objecto, tratando antes de tudo de triangular o terreno sobre que devia um habil corographo traçar a carta da nossa historia. Não havendo porém o Instituto decidido definitivamente esta importante questão preliminar, tomei a resolução de fazel-o n'este Compendio pela maneira por que se

acha delineado nas oito épocas ou capitulos em que dividi a historia patria até a coroação do Sr. D. Pedro II.

« Eis ahi as côres que assignalam as épocas constantes do meu Compendio : 1ª. Descobrimentos; primeiras explorações ; estado physico do paiz : 2ª. Colonisação: 3ª. Transição para o dominio estrangeiro: 4.ª Volta ao dominio patrio : Guerra dos Hollandezes : 5.ª Estado da Colonia ; melhoramentos ; administração interna : 6.ª Estabelecimento da Côrte no Brazil, administração d'El-Rei : 7.ª Independencia : administração do primeiro Imperador : 8.ª Menoridade ; administração das Regencias e Maioridade.

« A 5.ª época, que abrange seculo e meio, podia ser dividida, marcando-se a primeira parte desde 1654 até 1763, e a segunda d'esta data a 1807 ; porém toda ella é tão esteril em acontecimentos notaveis que não vejo a côr que deva distinguir estas duas partes, pois que os dois acontecimentos mais notaveis são a invasão do Du-Guay-Trouin no Rio de Janeiro; e a occupação de Santa Catharina pelos Hespanhóes ; factos transitorios, que não deixaram no paiz outros vestígios senão a desolação inherente a todas as conquistas de pouca duração, e por isso assentei que todo esse espaço de tempo devia formar uma só época : além de que para a divisão seria necessario tratar longamente estes dois episodios desgraçados da nossa historia, o que iria afeiar em muito o corpo do Compendio, cujas partes foram gradualmente calculadas e descriptas, conservando justa proporção com o todo. Portanto verá o Instituto que na divisão das épocas busquei sempre uma côr que as distinguisse ; mas esta côr devia ser tal que se apresentasse á primeira vista ; e para ser bem comprehendida era mister que cada época tivesse seu cunho particular, isto é, uma mudança, uma variação do estado anterior.

« N'este conceito fica-me a gloria de ter dado o primeiro passo na carreira escabrosa de historiador, e lisongeio-me de haver attingido ao menos um dos primeiros alvos do Instituto. Em quanto á verdade e á imparcialidade, tenho a suave consolação do que me dicta a minha propria consciencia, e isto me basta por ora. Finalmente concluirei dizendo que n'esta obra não tive em vista senão traçar o plano da historia patria como ella deve ser escripta,

e como eu a concebo, sendo este Compendio apenas um ensaio para dar logar a justas correcções, quando fôrem feitas com criterio e bom senso.

« Entretanto tenho a honra de confessar-me de V. S. etc.—*J. I. de Abreu e Lima.* »

O Instituto nomeia uma Commissão especial, composta dos Srs. Conselheiro Bento da Silva Lisbôa e Dr. Diogo Soares da Silva de Bivar, para emittir o seu juizo sobre o Compendio acima referido.

O Sr. João Gularte dirige ao Instituto os seguintes esclarecimentos, que lhe foram pedidos, ácerca do marmore de que offertára uma amostra para o Museu d'esta sociedade.

« São conhecidas na provincia de Minas-Geraes duas pedreiras de marmore, uma nas visinhanças do Arraial de S. Thiago, a sete leguas de S. João d'El-Rei, outra no logar denominado Fradique, junto do rancho do Guilherme, a duas leguas da villa de Oliveira. A igreja matriz d'esta villa é construida d'esta pedra em tudo o que é de cantaria. O marmore é de uma bella côr verde escura, com ondeamento amarellado, e susceptivel de polimento, como se vê no presbyterio da referida matriz, que é construido da dita pedra. Ha 50 annos foi descoberta a primeira d'estas pedreiras; mas, como era distante da Oliveira, e porque appareceu a segunda, a abandonaram, e continuaram a obra da igreja com o marmore do Fradique. Cessaram as obras, e ninguem cuidou mais d'esta segunda pedreira, e apenas existem n'esta villa de Oliveira dois velhos pedreiros que a conhecem: um chama-se José Martins, e o outro F. Suassuhy. Se não se aproveitar de obter o conhecimento da pedreira por intermedio d'estes homens, talvez em pouco tempo se percam as esperanças de a conhecer. A Camara Municipal da villa da Oliveira poderia obter alli todos os esclarecimentos a respeito. »

Resolve o Instituto que da sua parte se leve ao conhecimento do Governo Imperial a noticia dada pelo Sr. João Gularte, para que d'ella faça o uso que julgar conveniente.

Carta do Sr. Padre Balthazar Freire de Paiva, acompanhando a offerta por elle feita ao Instituto, para o Medalheiro, de diversas moedas de prata e cobre do Reino das

Duas Sicilias, e uma medalha dourada do tempo da Revolução Franceza, e para o Museu, de varias amostras de lavas vomitadas pelo Vesuvio.

Obras offerecidas para a Bibliotheca do Instituto:

Pela Academia Real das Sciencias de Napoles —Atti della Reale Accademia delle Scienze, sezione della Societá Reale Borbonica di Napoli. Vol. 5°. Napoles, 1843, in-4°. —Rendiconto delle adunanze e de lavori dell'Accademia delle Scienze: tomo 1° completo, pertencente ao anno de 1842 e dois fasciculos de 1843.

Pelo Sr. Cavalleiro D. Miguel Tenore, as suas obras: —Viaggio in alcuni luoghi della Basilicata e della Calabria citeriore, effetuito nel 1826: Napoles, 1827, 1 vol. in-8°.—Essai sur la géographie physique et botanique du Royaume de Naples: Napoles, 1827, um vol. in-8°.—Relazione del viaggio fatto in alcuni luoghi di Abruzzo citeriore nella state del 1831: Napoles, 1832, um vol. in-8°.—Relazione di una escursione al Terminio, letta alla Reale Accademia delle Scienze nell'adunanza del 6 Settembre 1842: 1 vol. in-8°.

Pelo Sr. Conego D. Girolamo Pirozzi, os seus escriptos: —Brieve risposta all'opera del Sig. De-Lamennais intitolata *Paroles d'un Croyant*: Napoles, 1834.—Omaggio poetico a Sua Maestá Imperiale D. Pedro II, Imperator del Brasile, in occasione delle di lui solennissime nozze con S. A. la Principessa D. Tereza Maria, Infante delle Due Sicilie— Napoles, 1842.

Pelo Sr. Dr. D. Filippe Rizzi, as duas Memorias abaixo declaradas, producção de sua penna: Osservazionni sul duello lette nell'Accademia Pontaniana in una tornata del 1835: Napoles, 1836, in-12°.—Memoria sui prati artificiali: Napoles, 1818, in-12°.

Pelo Sr. Cavalleiro D. Theodoro Monticelli, o 2° volume de suas obras: Napoles, 1841, um vol. in-4°.

Pelo Sr. Dr. F. Cervelleri, o seu interessante trabalho intitulado — De l'emploi de l'électro-magnétisme dans les maladies des nerfs, et des differents procédés d'application des appareils électro-magnétiques à excitation à courans graduels et à soustraction dans le traitement des paralysies,

de l'amaurose, de l'épilepsie, etc. : Napoles, 1840, um vol. in-8.°

Pelo Sr. Arcipreste D. Giacomo Castrucci, o seu opusculo— Cenno storico sulle Leggi Romane,— varios sermões, e diversas poesias feitas por occasião das Nupcias de S. M. I.

Pelo Sr. D. Paolo Anania di Luca, a sua obra— Esame e proposta di ciò che manca per la compilazioni di un Trattato de Acustica applicabile alle Arti : Napoles, 1841, um vol. in-8.°

Pelo Sr. D. Raphael Zarlenga, varios Jornaes sobre Medicina contendo artigos seus.

Pelo Sr. Dr. Giovanni Semmola, a sua Memoria— Dell'origine del calore ne' viventi.

Pelo Sr. Conego Manoel Joaquim da Silveira :— Guida di Pompei con appendici sulle sue parti più interessanti, del Canonico D. Andrea de Jorio, transportata dal Francese nell'Italiano idioma da Ercole Carrilo : Napoles, 1836, um vol. in-8.° — Indicazione del più rimarcabile in Napoli e contorni, del Canonico D. Andrea de Jorio; Napoles, 1835, um vol. in-8.°

Pelo Sr. Conego Januario da Cunha Barboza,— Vues et souvenirs de l'Amérique du Nord par Francis de Castelnau : Paris, 1842, um vol. in-4.°, ornado de 35 estampas.

O Instituto vota que se agradeçam todas as dadivas mencionadas.

Por proposta do Sr. 1° Secretario Perpetuo foi unanimemente reconhecido Presidente honorario do Instituto S. A. R. o Senhor Principe Conde d'Aquila : deliberando-se igualmente que, com toda a brevidade possivel, se fizesse aprompptar o respectivo diploma, afim de ser offerecido a Sua Alteza Real antes de seu regresso para Napoles.

Foram approvados Membros honorarios os Exms. Srs. D. Giuseppe Ceva Grimaldi, Marquez de Pietracatella, Presidente do Conselho de Ministros, e Conselheiro e Secretario de Estado de S. M. o Rei do Reino das Duas Sicilias; proposto pelo Sr. Cavalleiro D. Theodoro Monticelli : e D. Ferdinando de Luca, Geographo, e Presidente da Academia Pontaniana de Napoles; proposto pelo Sr. Dr. Francisco Freire Allemão.

Conferiu-se tambem, segundo o disposto nos Estatutos, o titulo de Socios correspondentes a varios litteratos Napolitanos.

Leu-se o seguinte Discurso pronunciado no dia 7 de Setembro, anniversario da Independencia do Brazil, pelo Exm. Sr. Barão de Monte Alegre, Orador da deputação que por parte do Instituto teve a honra de ir felicitar a S. M. I. no referido dia.

« Senhor.— O Instituto Historico e Geographico Brazileiro tem a honra de felicitar a V. M. Imperial pelo anniversario do grande dia, em que o Fundador do Imperio, o Augusto Pai de V. M. Imperial, proclamou a Independencia do Brazil.

« O Instituto, Senhor, tendo a seu cargo registrar os factos contemporaneos para os consignar na historia, tem tido mais occasiões e mais meios de poder avaliar os immensos resultados, que para esta vasta porção do Continente Americano têm vindo d'esse acto do mais generoso dos Principes.

« Sacrificando (como fez logo em seu coração) uma Corôa, elle firmou a realeza em nossa terra, e á sombra da realeza o Brazil tem podido conservar-se inteiro e desenvolver os germens de prosperidade, com que a Providencia o enriqueceu, sem passar pelas convulsões que soffrem ainda, sem poderem antever o termo d'ellas, todos os povos que nos rodeiam.

« Com tantos motivos de gratidão ao Immortal Fundador do Imperio, com tão lisongeiras esperanças de que as virtudes de V. M. Imperial não se limitem a fazer o esplendor do Throno e felicidade da Nação, durante sua preciosa vida, que os céos dilatem, mas antes se perpetuèm pelo fausto consorcio que ainda celebramos, o Instituto Historico não podia deixar passar o anniversario do primeiro dia do Brazil, sem offerecer ante a sagrada Pessoa de V. M. Imperial um testemunho do seu regosijo, e sua adhesão sincera ao Throno Constitucional do Brazil.

« Digne-se V. M. Imperial aceital-o.—*Barão de Monte Alegre.*»

S. M. Imperial respondeu: — « Agradeço ao Instituto Historico.»

Discurso apresentado pelo Exm. Sr. Presidente da deputação enviada pelo Instituto para cumprimentar a Suas Magestades Imperiaes no dia 11 de Setembro de 1843, por occasião do seu feliz consorcio:

« Senhor: Realisaram-se em fim os votos, os anciosos desejos da Nação Brasileira; ella exulta de prazer ao ver ao lado de V. M. I. Esposa digna do seu Augusto Coração; escolha do desvelado amor por seus subditos, os quaes applaudem reproduzidas as graças, os dotes d'alma, as virtudes possuidas pelos Soberanos que têm feito o ornamento d'este Solio Imperial; e por tão feliz união, fructo da sabedoria de V. M. I., auguradas ao Brasil altas venturas.

« Taes são os motivos pelos quaes o Instituto Historico e Geographico Brasileiro nos envia em Deputação, para manifestar com o mais profundo respeito ante V. M. I. as puras expressões dos seus fieis sentimentos de jubilo pelo seu ditoso consorcio. »

O orador dirigindo-se a S. M. a Imperatriz;

« Senhora: Uma Sociedade scientifica, que blasona da Protecção especial de S. M. o Imperador, e esse o seu maior titulo de gloria; que se ufana de ser no Brasil o centro de reunião das illustrações e notabilidades litterarias, nacionaes e estrangeiras; nos incumbio da honrosa missão de render a V. M. I. respeitosa homenagem, e de implorar graciosa benevolencia.— *Visconde de S. Leopoldo.* »

113ª SESSÃO EM 28 DE SETEMBRO DE 1843

PRESIDENCIA DO EXM. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Lê-se e approva-se a acta da sessão antecedente.

Passa-se á leitura do seguinte expediente:

« Satisfazendo ao pedido do Consul Geral do Brasil na Prussia, João Diogo Sturz, feito em seu officio de 26 de Dezembro de 1842, transmitto a V. S., por cópia, um catalogo, que o mesmo Consul Geral offerece ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, dos livros portuguezes

existentes na Bibliotheca de Berlim, que tratam da Geographia e Historia portugueza: e aproveitando o ensejo communico a V. S., a pedido do mesmo Sturz, que em officio dirigido a esta Secretaria de Estado em Novembro de 1842 assevera elle que, se soubesse quaes as moedas portuguezas que ao Instituto faltam, as mandaria copiar por meio do electrotypo, dourando-as depois.

« O que a V. S. participo para conhecimento do Instituto.

« Deus Guarde a V. S.—Rio de Janeiro, em 15 de Setembro de 1843.—*Paulino José Soares de Souza.*— Sr. Januario da Cunha Barboza.»

O Sr. Tiburcio Antonio Craveiro escreve de Lisbôa, accusando o recebimento do diploma de Membro correspondente do Instituto, ao qual agradece a nomeação.

O Sr. Secretario Perpetuo communica ao Instituto o seguinte periodo de uma carta, que lhe escrevêra da Bahia o nosso Socio correspondente o Sr. Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.

« O Sr. Conego Benigno deve, segundo participou ao Governo, voltar a esta cidade em Dezembro: todavia a sua excursão archeologica não satisfez a expectação publica, nem mesmo isso era possivel, como sempre lhe fiz vêr, por muitos motivos. Escrevi para Pernambuco sobre as noticias relativas aos Cabos Henrique Dias e Camarão, dos quaes disse o que sabia no 1° volume das Memorias Historicas d'esta Provincia: e não me esque.erei de fazer a V. S. alguma remessa de outros manuscriptos antigos.»

Carta escripta de Santos pelo Sr. José Baptista da Silva Bueno, offertando ao Instituto um MS. com o seguinte titulo:—Diccionario portuguez e braziliano: obra necessaria aos ministros do altar que emprehenderem a conversão de tantos milhares de almas, que ainda se acham dispersas pelos vastos sertões do Brasil, sem lume da fé e baptismo: aos que parocheam missões antigas, pelo embaraço com que n'ellas se falla a lingua portugueza, para melhor poder conhecer o estado interior das suas consciencias: a todos os que se empregarem no estudo da historia natural e geographia d'aquelle paiz, pois conserva constantemente os seus nomes originarios e primitivos.—Lisbôa, 1795.

O Sr. José Domingues de Attaide Moncorvo offereceu para a Bibliotheca:—Museu Borbonico di Napoli: fasciculos 55 a 58;—Relatorio que á Assembléa Legislativa Provincial do Ceará apresentou na sessão ordinaria, no dia 1° de Junho de 1843, o Exm. Presidente e Commandante das armas da mesma Provincia o Brigadeiro José Maria da Silva Bitancourt.—O Exm. Sr. Desembargador Pontes offertou para o Museu 3 modelos de embarcações usadas na navegação do Pará, a saber: *vigilenga, igarité* e *canôa* ou *montaria*; e igualmente um remo de que se faz uso nas *montarias*, diversos passaros, e outros productos naturaes. —Recebido com muito especial agrado.

O Sr. Dr. Bivar fez leitura da continuação e fim das Ephemerides para a historia do Brasil no anno de 1842. —Agradecimentos ao nosso consocio pelo seu trabalho.

O 2° Secretario communica que no dia 25 de Setembro, pelas 11 horas da manhã, se apresentára no Paço Imperial da cidade a deputação encarregada de offerecer a S. A. Real o Sr. Principe Conde de Aquila o diploma de Presidente honorario do Instituto: e que sendo admittida á presença de S. A. Real, o Sr. 1° Secretario, como orador da deputação, lhe dirigira o seguinte discurso:

« Serenissimo Senhor : O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, offerecendo a V. A. Real, por esta deputação de seu seio, o diploma de seu Presidente Honorario, reservado em seus Estatutos aos Principes, que como V. A. R., amam, cultivam e protegem as letras, procura d'esta arte dar um publico testemunho de seu profundo respeito e justa veneração ás brilhantes qualidades, que recommendam a pessoa de V. A. R. ao amor dos litteratos do velho e do novo mundo. O Instituto conhece, Serenissimo Senhor, que quando os Principes se abrilhantam por meritos litterarios, então os litteratos muito mais se animam; e a gloria dos progressos scientificos, em tão nobre quão difficil carreira, avulta nos annaes das nações. Hoje que ao tronco da illustre casa de Bragança se enlaça um ramo não menos illustre do florente tronco de Bourbon; hoje que o Brasil tomado de jubilo por tão feliz alliança espera novos fructos de honra e de gloria, que perpetuem em ambos os mundos o acatamento de Principes, que tem feito sempre a felicidade

dos povos, não podia o Instituto Historico e Geographico Brasileiro deixar de possuir-se da mais doce esperança de vêr tambem prosperar as suas philologicas fadigas pela alliança de duas nações ligadas pelo consorcio de seus Principes, pela de seus litteratos, nobremente empenhados na propagação de conhecimentos, que illustram os thronos e os povos; e pela distincta honra, que V. A. R. concede a esta Associação; protegida pelo seu augusto Imperador e Defensor Perpetuo, e ufana por contar o nome de V. A. R. accrescentado ao de outros Principes, que se dignaram aceitar o titulo de Presidentes Honorarios do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.—O Conego *Januario da Cunha Barboza.*»

S. A. R., recebendo com toda a affabilidade o diploma, respondeu assim:

« Lisongeia-me a honra que me confere, de seu Presidente Honorario, o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tão interessante por seus fins, quanto illustre pelos Membros que o compoem, e aos quaes vivamente agradeço este honroso titulo.

« De minha parte serei zeloso no desempenho dos deveres que assim me incumbem, e espero que na Europa possa ter opportunidade de comprovar por factos os sentimentos que agora exprimo, e de ser util ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro.»

Manoel Ferreira Lagos,
2º Secretario Perpetuo.

O COMETA

Depois que se publicaram na ultima «Resvista Trimensal» d'este anno de 1843 as observações que se fizeram no Rio de Janeiro, do Cometa que appareceu no principio de Março, o Exm. Sr. Thomaz Guido, Encarregado actualmente dos Negocios de Buenos-Ayres na Côrte do Brasil e Socio do nosso Instituto Historico e Geographico, enviou, para ser apresentada á Sociedade, o n. 3593, do *Diario de la Tarde* de Buenos-Ayres de 24 de Agosto de 1843, em o qual vem referidas as observações que sobre o mesmo Cometa fez n'aquella capital o Sr. Felippe Senillosa, juntamente com o Sr. D. Vicente Lopes, associados em os primeiros dias do Engenheiro o Sr. Romero.

Em os primeiros dias de Março refere o dito Sr. Senillosa que se principiou a vêr o Cometa ao Occidente, depois do sol posto, na constellação chamada *el Taller del Escultor* (1), apresentando um aspecto magestoso, e occupando a sua esbranquiçada cauda, opposta ao sol, uma grande parte do céo, pois formava uma zona, que tinha cerca de meio gráo de largura, e 45 de comprimento, estendendo-se para o Oriente, e encurvando-se ligeiramente para o Sul (2); e porque o Cometa se ia separando do sol, concluio que tinha já passado pelo perihelio. O nucleo, apparentemente da grandeza de Venus ou Jupiter, era obscuro e difficil de se distinguir bem e por conseguinte as observações, ainda que de estimação pelo seu numero, podem offerecer nos primeiros dias algum pequeno erro em as distancias observadas.

---

(1) Em Portuguez *Officina do Escultor*, em Francez *l'Atelier du Sculpteur*, e em Latim *Apparatus Sculptoris*. Esta denominação Latina foi a primeira que se deu a esta constellação em o *Cœlum Australe*, impresso em Paris em 1757, cujo autor é o Abbade Lacaille, depois das observações sobre as estrellas austraes que elle fez no Cabo da Bôa Esperança e nas Ilhas de França e Bourbon.

(2) Nós aqui no Rio observámos a cauda um pouco mais comprida, como tambem os dous lados d'ella que a terminavam ao Norte e ao Sul, e sahiam da cabeça para Leste, e bem sensivelmente se viram rectilineos, e que não eram parallelos, de maneira que o todo da cauda formava a figura de um immenso trapezio, ficando a parte mais estreita junto á cabeça, e alargando para Leste.

O Sr. Senillosa não declara a qualidade de instrumentos, com que se mediram as distancias, nem as horas das observações; comtudo, parece notar que as divisões do circulo eram de 360; pois diz na primeira observação—em 5 de Março a distancia do cometa a Rigel (division del C° 360) 72°.—Igualmente parece ter despresado as refracções astronomicas.

Observações

Março de 1843

Dias	*Estrellas*	*Distancia*	
7	Rigel	69°	
	Cauda do Dourado	47	30
8	Rigel	69	40
	Cauda do Dourado	45	45
9	Rigel	56	45
	Cauda do Dourado	45	20
14	Rigel	43	40
	Canopo	64	
15	Rigel	41	
	Canopo	62	46
16	Rigel	37	40
	Canopo	61	20
	Cauda do Dourado	47	40
17	Rigel	35	20
	Canopo	60	40
	Rigel	33	45
18	Canopo	60	20
	Sirio	55	40
	Cauda do Dourado	50	
19	Rigel	32	
	Canopo	59	40
	Cauda do Dourado	50	10
	Sirio	54	20
20	Rigel	30	
	Canopo	58	20
21	Rigel	28	40
	Cauda do Dourado	52	20
	Sirio	50	40
	Canopo	57	40
23 (3)	Rigel	25	40
	Canopo	56	40
	Sirio	47	40
24	Rigel	24	
	Canopo	56	
	Sirio	45	45
	Cauda do Dourado	54	20

(3) Cauda direcção ao N. Sirio 38°. Situação N. O. da estrella. E do Eridano, interposta entre esta e outra estrella, solta entre o Eridano, Touro, e a Cabeça da Balêa.

Dias	*Estrellas*	*Distancia*	
26	Rigel	21	20
	Canopo	55	20
27	Rigel	20	40
	Canopo	55	
28	Rigel	19	40
	Canopo	54	40
	Cauda do Dourado	49	
29	Rigel	17	25
	Canopo	54	10
1 de Abril	Rigel	14	45
	Canopo	53	
2 (confuso)	Rigel	13	45
	Canopo	52	25
4 (confuso)	Rigel	11	56
	Canopo	51	30

Com estes dados se podem obter, pela Trigonometria Espherica, as longitudes e latitudes do Cometa, e por conseguinte se podem calcular, pelos methodos conhecidos, os elementos da sua orbita; mas o Sr. Senillosa não os calculou, porque espera primeiro cotejar as suas observações com as que se fizeram nos observatorios da Europa, onde ha todas as cousas necessarias para a exactidão das observações, e facilidade do calculo: e accrescenta que talvez este apresentará alguma analogia entre o Cometa actual e o famoso de Newton, observado e predicto por Halley, *o qual se esperava no anno de* 1835, *e não appareceu*, talvez por ter soffrido alguma perturbação, como succedeu no anno de 1756, que só appareceu dois annos depois (4).

Por esta occasião o Sr. Senillosa transcreveno mesmo diario *De la Tarde* os elementos da orbita do Cometa que appareceu em Abril de 1821 nas mesmas constellações que o actual, observado e calculado por elle mesmo (é a

(4) Aqui parece haver equivoco. O Cometa, a que os Astronomos dão o nome de Newton, é aquelle que appareceu em 1680, observado pelo mesmo Newton, com o qual fundou o seu systema theorico das orbitas cometarias; mas o que tem o nome de Halley é que appareceu em 1682, observado e calculado por este Astronomo Real de Inglaterra, e annunciado no anno 1705 pelo mesmo Halley para o anno de 1757, e que se diz ter apparecido em 1759. Depois d'este anno (1759) alguns astronomos, por exemplo, Delambre Astr. T. 3. pag. 404, tambem annunciaram que o Cometa Halley havia de voltar para o anno de 1835; mas agora vejo, pelo que diz o Sr. Senillosa, que o annuncio se não verificou. Aquelle que quizer saber mais detalhes sobre estes dous Cometas de 1680 e 1682, póde recorrer ao Opusculo, cujo titulo é *Miscellanea Critico-Historica, Cometico-critica*, Rio 1842, pags. 61, 66 e seguintes.

primeira orbita que se calculou em Buenos-Ayres), os quaes elementos já tinha publicado no anno seguinte em *La Abeja*. O Sr. Senillosa deseja que este Cometa se inscreva nos Catalogos Cometarios; pois não tem visto fazer menção d'elle em algum periodico da Europa, de onde provavelmente não foi visto, segundo elle mesmo tinha annunciado; porém accrescenta que sómente se fez menção de um, por occasião da morte de Bonaparte na Ilha de Santa Helena, que é precisamente este de Abril de 1821. Elle, continúa o Sr. Senillosa, merece a attenção, não só por este motivo, mas tambem pelo transtorno atmospherico, que parece ter occasionado.

OBSERVAÇÕES

Abril de 1821.

Dia 5, ás 6 horas e	45',	long. geoc.	26° 19' 14"	lat. geoc.	21° 4' 00"	Sul.
» 15' ás 6 »	45',	»	39° 57' 26"	»	22° 24' 10'	»
» 25, ás 6 »	45',	»	46° 46' 10"	»	23° 19' 30"	»

O calculo foi feito pelo methodo *d'Olbers*, que se acha tambem no tom. 3 pag. 348 da Astron. de Delambre.

Distancia perihelia O. 186 Long. do Nodo asc. 14° 1' 25". Long. do perihelio 11 s. 15° 5'.

Inclinação 61° 38' 42". Movimento directo. Passou pelo perihelio em 23 de Março a 1 hora 57' da noite, tempo médio em Buenos-Ayres.

Emfim, o Sr. Senillosa conclue o seu sabio relatorio com a seguinte importante nota:— O Sr. Lopes nos observou que a estrella brilhante do *Carvalho de Carlos II* apparece desde o tempo d'estas observações com o esplendor de uma estrella da primeira grandeza; cujo conhecimento póde ser util aos Astronomos em suas investigações sobre as estrellas variaveis (5).

(Feito no Rio de Janeiro em 5 de Outubro de 1843, com quatro notas, por Maximiano Antonio da Silva Leite, Socio correspondente do Instituto).

---

(5) Halley, no anno de 1677, destacou nove estrellas da Constellação chamada do *Navio*, e formou com ellas uma nova Constellação a que deu o nome de *Rubor Carolinum* (Carvalho de Carlos) em memoria do Carvalho para onde se retirou Carlos II, Rei de Inglaterra, quando foi batido em Worcester em 1651. Este Carvalho era tão grosso e tão copado que se podiam esconder n'elle 20 homens.

VARIEDADES

DISCURSO QUE M. O CONDE BEUGNOT, EM NOME DO INSTITUTO, DIRIGIU A S. M. O REI DOS FRANCEZES, NO DIA 1° DE MAIO D'ESTE ANNO

Senhor: O Instituto vê renascer com felicidade a época do anno em que lhe é permittido offerecer a V. M. a respeitosa homenagem de uma devoção, e de um reconhecimento, que o tempo accrescenta de mais em mais. Cada dia melhor apreciamos o favor de viver sob um governo, que protege e anima todos os desenvolvimentos da humana intelligencia, e não invoca contra os desvarios do pensamento senão o soccorro da razão publica. Este soccorro não lhe tem faltado, e V. M. tem visto esvaecer-se pouco a pouco, e desapparecer do seio da nação, que rege com tão alta prudencia, as enganosas illusões, o gosto das innovações, e esses sonhos de perfeição imaginaria que muitas vezes tornam indifferentes os povos, até mesmo para com a propria felicidade. Quanto a nós, Senhor, empregamos a sua influencia que nos é dada de exercer sobre o espirito de nossos cidadãos, em dirigir continuamente seus esforços para a verdade, fonte unica de tudo o que é grande, de tudo o que é bello, e condição necessaria dos progressos reaes; por isto acreditamos associar-nos á obra emprehendida e proseguida com tanta sabedoria e coragem por V. M., e contribuir para a gloria de um reinado, onde a posteridade encontrará as mais graves e fecundas lições.

RESPOSTA DO REI

« E' só no seio da paz e tranquillidade, e só á sombra da liberdade protegida contra seus proprios desvios, que a razão publica póde triumphar d'essas illusões enganosas, e d'esse gosto de innovações que tão bem acabais de caracterizar. A alta e justa influencia que exerceis sobre as sciencias, as letras, e as artes, das quaes sois gloriosos representantes, poderosamente contribuirá a desenvolver este melhóramento, a manter a mocidade em sãas tradições,

e a propagar o amor do verdadeiro e do bello. Serei sempre feliz applaudindo vossos esforços, e vossos trabalhos, e compraz-me renovar esta segurança.» (*Monitor Universal* n. 123 de 3 de Maio de 1843).

—

De todos os livros que ainda se devem fazer, o mais difficil, a meu vêr, é uma traducção. Ora, viajar é traduzir; e traduzir á vista, ao pensamento, á alma do leitor, os logares, as côres, as impressões, os sentimentos, que a natureza, ou os monumentos humanos dão ao viajante. Força é a um só tempo saber vêr, sentir e exprimir. Mas exprimir como? Não com linhas e côres, como fazem os pintores, é isso cousa facil e simples; não com sons como os musicos; mas com palavras, com idéas, que não encerrem sons, nem linhas, nem côres. Taes eram as reflexões que eu fazia sentado sobre os degráos do Parthenon, tendo Athenas e a floresta das Oliveiras do Pireu, e o mar azul d'Egeo diante dos olhos, e sobre minha cabeça a sombra magestosa do friso do templo dos templos.—Eu queria tomar a mim uma lembrança viva, uma lembrança escripta d'este momento de minha vida; eu sentia que este cahos de marmore, tão sublime, tão pittoresco a meus olhos, se esvaecia de minha memoria, e eu quizera poder achal-a na vulgaridade de minha vida futura.—Escrevamos, pois: não será o Parthenon, mas será pelo menos uma sombra d'esta grande sombra que hoje paira sobre mim (*Lamartine*, Viagem ao Oriente).

—

Um mundo novo no pensamento, nas fórmas sociaes, e nas artes, sahirá provavelmente antes de poucos seculos, da grande ruina da idade média, á qual assistimos. Sente-se que o mundo moral produz o seu fructo, cuja producção se fará em convulsões e dôres; a palavra escripta e multiplicada pela imprensa, levando a discusão, a critica, e o exame a tudo, chamando a luz de todas as intelligencias sobre cada ponto de facto ou de contestação no mundo, traz

invencivelmente a idade da razão para a humanidade, a revelação a todos por todos;—a reverberação da luz divina, que é razão e religião, por todos os centros da humanidade. Far-se-hia um bello livro da historia do espirito divino nas differentes phases da humanidade, da historia da divindade no homem, onde se acharia o espirito religioso obrando logo nos primeiros tempos conhecidos da humanidade por instinctos e impulsos cegos; depois cantando pela voz dos poetas, *mens divinior*; depois manifestando-se sobre as taboas dos legisladores,ou nas iniciações mysteriosas das theocracias indianas, egypcias, hebraicas. Quando suas fórmas mithologicas se desvaneçam do espirito humano, gastas pelo tempo, esgotadas pela credulidade dos homens, ver-se-hia disseminada e espalhada nas grandes escolas philosophicas da Grecia e da Azia menor, e nas seitas pitagoricas, procurar em vão symbolos universaes, até que o Christianismo resumiu toda a verdade especulativa e contestada n'estas duas grandes verdades praticas e incontestaveis:—a adoração de um Deus unico; caridade e fraternidade entre todos os homens.—O mesmo Christianismo, obscurecido e mesclado de erros, como toda a doutrina tornada popular pelas credulidades dos seculos que tem passado, parece destinado a transformar-se, a resahir, mais racional e mais puro de muitos mysterios, em que o tem involvido, e a confundir seus divinos resplandores com o da religiosa razão, que fez brilhar desde seu comêço elevado muito acima do horizonte da humanidade (Idem).

—

A historia do mundo sem a historia dos sabios, é como a estatua de Polyphemo, a quem se arrancou o olho, perdendo assim o que dava a seu semblante vida e expressão.

—

O homem vive todo nos exemplos e trabalhos que lega ao futuro; aquelle que os colhe, honra-o.

REVISTA TRIMENSAL
DE
HISTORIA E GEOGRAPHIA
OU
JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

N.º 20. JANEIRO DE 1844.

APPENDICE
Á
CHRONICA DO ANNO DE 1842*

Divida publica do Brasil.—Rendas internas.—Correio geral.—Rendas geraes de importação e exportação.—Commercio, exportação de café, assucar e couros.—Comparação da exportação de 1841 e 1842.—Importação.—Balança de commercio.—Importação e exportação comparadas.—Cambios.—Metaes.—Descontos.—Companhias publicas.—Navegação.—Divisão politica e judiciaria.—Noticias diversas.—Observações meteorologicas.—População.—Emigração.—Instrucção publica.—Cursos juridicos.—Faculdades de Medicina.—Bellas Artes.—Collegio de Pedro II.—Aula do Commercio.—Aulas do Municipio.—Santa Casa da Misericordia.

DIVIDA PUBLICA DO BRASIL

A divida publica interna fundada, proveniente das apolices emittidas, e não resgatadas, montava em 31 de Dezembro de 1842, a 37.107:600$; a inscripta, mas ainda não convertida em apolices, a 996:819$291, e a divida fluctuante, que resulta das notas em circulação,

* Este trabalho do illustre Socio o Sr. Dr. Diogo Soares da Silva de Bivar, lido em sessão de 28 de Setembro do anno passado, pertence ás Ephemerides de que o mesmo Sr. foi encarregado de escrever, e que alguma vez serão publicadas em corpo separado, como resolveu o Instituto. Mas apezar de ser parte d'esse interessante trabalho, julgamos dever publical-o quanto antes na revista, para não perder o merecimento de ser conhecido e apreciado pelo seu valor intrinseco, e pela organização, que lhe deu, depois de grandes fadigas, o nosso dignissimo Socio.

Nota do Redactor.

póde orçar-se em mais de 30 mil contos. As apolices da divida publica de 6, 5, e 4 por cento são possuidas, na data apontada, por subd tos brazileiros 20.383:000$, por estabecimentos publicos do Brasil 6.190:000$, por subditos da Grã-Bretanha 8.491:000$ e por subditos de outras potencias 979:000$. O juro e amortização da divida interna fundada, e o juro da inscripta sobe a 2.929:092$963.

A divida externa importava, em 31 de Dezembro d'este anno, em £ 6,313:000, montando o juro e amortização a £ 467,750.

O augmento da divida externa procede de £ 732,600 de capital nominal, contrahido na praça de Londres por virtude da convenção celebrada n'esta côrte aos 22 de Julho d'este anno, para pagamento da somma de £ 622,702 que por a mesma convenção se reconheceu ser o Brasil devedor a Portugal, no ajuste de contas dos dous milhões sterlinos a que o Brasil se obrigára pela convenção secreta de 29 do Agosto de 1825.

As apolices de 6 °/₀ valeram no mercado e nas épocas abaixo declaradas, os preços seguintes :

Em 4 de Janeiro, 71, dividendos pagos.
No 1° de Abril, 70 1/2.
Em 18 de Maio, 72 1/4.
Em 12 de Julho, 68 1/2 a 69, dividendos pagos.
No 1° de Outubro, 70 a 70 1/4.
Em 31 de Dezembro, 70 3/4.

O credito de mil contos, votado pelo corpo legislativo para principio do pagamento das reclamações brazileiras e portuguezas, e a respeito do qual os dous governos do Brazil e Portugal assignaram a convenção de 4 de Dezembro de 1840, foi distribuido pelos differentes interessados no mez de Setembro d'este anno. Os reclamantes foram pagos em apolices de 6 °/₀, á razão de 73, preço a que elles mesmos se offereceram para as receber. O calculo e a operação da distribuição faz honra ao thesouro publico.

RENDAS INTERNAS

As rendas internas do municipio da côrte, arrecadadas n'este anno de 1842, importaram no 1° semestre 605:565$682

e no 2° 628:841$185, fazendo um total de 1.234:406$867, mais do que no anno proximo passado 257:079$729. Procedem estas rendas dos impostos e proventos seguintes:

Decima urbana	434:596$098
Dita das corporações de mão morta	32:273$673
Dita de uma legua fóra da demarcação	991$432
Direitos de chancellaria	35:866$611
Dizima de chancellaria	17:717$680
Sello de heranças e legados	89:001$039
Siza dos bens de raiz	193:861$000
Meia siza dos escravos	53:611$222
Taxas de escravos	34:873$000
Salario dos africanos livres	18:056$917
Imposto do gado para consumo	96:743$924
Patentes para a venda de aguardente	47:140$250
Vinte por cento sobre a aguardente para fóra da cidade	2:454$316
Renda dos proprios nacionaes	13:446$420
Sello do papel	40:338$740
Imposto sobre as lojas	54:365$000
Dito sobre as casas de leilão	3:200$000
Dito sobre as casas de modas	560$000
Dito sobre carros e seges	4:083$333
Dito sobre barcos do interior	1:636$800
Dito sobre as letras ajuizadas	1:449$074
Matriculas da escola de medicina	4:640$000
Joias das ordens militares	12:381$000
Terça parte dos officios	2:400$000
Meio soldo das patentes militares	299$500
Reforma de apolices	25$000
Bens de defuntos e ausentes	24:744$863
Bens do evento	3:002$267
Emolumentos da policia	4:720$480
Dito das certidões	238$800
Multas	71$500
Premios dos depositos publicos	5:616$928
	1.234:406$867

As rendas internas arrecadadas pelas recebedorias das outras provincias, como parte da renda geral, podem orçar-se em 300 contos de réis.

CORREIO GERAL

A administração do correio da côrte rendeu no 1° semestre de 1842, 18:135$930, e no 2° 21:741$872, fazendo um total de 39:877$802. O rendimento de todos os outros correios do Imperio não excede a 30 contos, tomando-se o termo médio dos 3 ultimos annos, do que resulta importar este ramo da renda publica em perto de 70 contos de réis.

RENDAS GERAES DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Alfandegas

A alfandega do Rio de Janeiro rendeu no 1° semestre de 1842 Rs. 3.651:788$612, e no 2° semestre Rs. 3.175:919$561, o que faz um total de 6.827:708$173 rs. menor que o rendimento de 1841 — 791:163$007. Este rendimento de 6.827:708$173 procede dos direitos arrecadados na fórma seguinte:

Sobre chá e polvora 30 e 50 por %.....	80:637$886
Sobre vinhos e bebidas espirituosas 48 ½.	524:605$688
Sobre mercadorias geraes 15 por %.....	4.480:848$521
Sobre joias e ouro 5 por %............	2:637$763
Sobre generos nacionaes..............	4:336$939
Do expediente e armazenagem addicional 5 por %.........	1.575:755$366
De armazenagem ¼ por %...........	43:497$979
Do expediente ½ por %.............	29:545$050
De premios dos assignados.............	64:455$201
Exportação em geral 2 por %.........	17:841$308
Dita para a Costa d'Africa............	572$400
Baldeação 2 por %..................	890$245
Multas............................	2.083$827
	6.827:708$173

Tomando-se por base para o calculo do rendimento das outras alfandegas do Imperio as quantias arrecadadas em o anno economico de 1841 a 1842, teremos que no periodo de que se trata seria o rendimento:

Da alfandega da Bahia..............	1.621:773$000
De Pernambuco......................	1.582:671$000
Do Maranhão........................	598:142$000
Do Pará............................	250:136$000
Do Rio-Grande de S. Pedro..........	300:551$000
De S. Paulo........................	75:715$000
Da Parahyba........................	17:441$000
Do Ceará...........................	69:565$000
De Santa Catharina.................	38:969$000
Das Alagôas........................	28:682$000
De Sergipe.........................	11:072$000
Do Espirito Santo..................	4:410$000
Do Rio-Grande do Norte.............	1:457$000
	4.600:584$000

Comparado este rendimento de 4,600 contos com o da alfandega do Rio de Janeiro de 6,827 contos, dá-se a proporção de 68 para 46; quer dizer que na renda geral das alfandegas do Imperio, entra a do Rio de Janeiro por mais de 59 centesimos, e as outras por pouco mais de 40 centesimos.

MESAS DO CONSULADO

Rendeu o consulado do Rio de Janeiro desde o 1º de Janeiro até o ultimo de Dezembro de 1842—1.847:163$395 rs., dos quaes deduzidos 19:547$100 rs., da contribuição applicada para a Santa Casa da Misericordia, e 17:095$200 rs., para a camara municipal, vem a ficar liquidos 1.810:527$095 rs., salvas as restituições e os depositos. Considerado o rendimento em globo ha um accrescimo a respeito do anno de 1841 de Rs. 9:749$247, e divididos por semestre dá no 1,º

Rs. 929:312$221, e no 2.º—917:851$174rs. O acervo é formado dos productos parciaes seguintes:

Direitos de ancoragem para fóra do Imperio......................	224:027$650
Ditos para dentro do Imperio..........	24:926$280
Ditos de exportação em geral 7 por %...	1.450:206$172
Ditos de dita de 2 por %..............	17:565$494
Ditos de 1/2 % de exportação..........	4:186$660
Ditos da venda de embarcações nacionaes 5 por %......................	8:247$106
Ditos das embarcações estrangeiras 15 por %........................	12:319$000
Ditos da aguardente de consumo 20 por %	25:976$418
Dizimo do municipio para fóra.........	6:345$561
Dito do municipio para dentro.........	16:657$631
Sello dos documentos..................	2:368$440
Certidões.............................	162$680
Multas................................	1:415$050
Depositos.............................	16.116$953
Contribuição para a Santa Casa.........	19:547$100
Dita para a camara municipal..........	17:095$200
	1.847:163$395

Computando-se o rendimento das outras mesas do consulado, pelas quantias arrecadadas no anno de 1841 a 1842, póde estimar-se em 1.584:923$ rs. a renda do anno civil de 1842, e n'esta hypothese a differença estará na razão de 18 para 15. Interessa conhecer o rendimento parcial de cada uma d'estas mesas do consulado, para se determinar por elle o valor das exportações.

A da Bahia arrecadou..................	455:530$000
Pernambuco............................	397:140$000
Maranhão..............................	163:631$000
Pará..................................	90:427$000
Rio Grande............................	267:154$000
S. Paulo..............................	62:270$000
Continúa Rs.	1.436:152$000

Transporte	1.436:152$000
Parahyba	38:955$000
Ceará	18:733$000
Santa Catharina	17:697$000
Alagôas	36:065$000
Espirito Santo	1:310$000
Rio Grande do Norte	58$000
Sergipe	35:953$000
	1.584:923$000

COMMERCIO

Exportação—Café

No anno de que se trata exportaram-se do Rio de Janeiro 1,164,220 sacas, e 1,056 barricas de café, o que dá em arrobas 5,825,852, mais do que no anno de 1841 756,277 arrobas.

A exportação fez-se pela fórma seguinte :

	Saccas	Barricas
Para differentes portos dos Estados-Unidos	351,713	
Para as Ilhas Britannicas	199,271	
Para as Cidades Anseaticas	196,099	160
Para os Estados Austriacos	120,398	
Para a Belgica	75,990	47
Para Portugal e seus dominios	43,138	84
Para a França	39,594	71
Para a Dinamarca	32,021	6
Para a Suecia	30,911	
Para o Cabo da Bôa Esperança	14,209	199
Para Constantinopla	13,510	
Para as Duas Sicilias	10,826	
Para a Sardenha	10,006	
Para Gibraltar	8,632	
Para Malta	6,708	
Para a Hollanda	6,491	
Para Montevidéo	1,919	7
	1,161,436	574

Transporte	1,161,436	574
Para Corfú.....................	944	332
Para Buenos-Ayres..............	858	150
Para Smyrna....................	827	
Para Valparaizo................	155	
	1,164,220	1,056

Regulando cada arroba a 3$300 rs., preço medio dos valores do mercado em todo o anno, subirá portanto a importancia de todo o café exportado em 1842, com o addicionamento de 17 1/2 por % de direitos e despezas, a Rs. 22.598:741$130.

Assucar

Durante o mesmo periodo exportaram-se do Rio de Janeiro 11,575 caixas, 18,412 1/2 barricas, 134 feichos e 1,988 sacos de assucar, que dá 639,706 arrobas, é dizer 168,781 arrobas mais do que no anno de 1841. Este assucar foi exportado para os paizes abaixo declarados :

	Caixas	Barricas	Feichos	Sacos
Para os Estados Austriacos.............	2,698	327	5	
Para Portugal e seus dominios...........	2,208	1,652	125	
Para Montevidéo.......	2,068	4,831		102
Para as Ilhas Britannicas	1,854	37	4	
Para a Suecia.........	618	4		
Para a Sardenha.......	527	315		
Para Buenos-Ayres.....	514	9,420		357
Para a França.........	392	44		29
Para as Duas Sicilias...	275	197		
Para as Cidades Anseaticas..............	97	1		
Para Valparaizo.......	92	375		400
Para Dinamarca.......	72	2		
Para Sydney..........	48			
Para Smyrna..........	40	565		100
	115,013	17,760	134	988

	Caixas	Barricas	Feichos	Saccos
Transporte....	115,013	17,760	134	988
Bara o Cabo da Bôa Esperança............	26	627 1/2		1.000
Para Corfú............	25			
Para Malta............	15			
Para os Estados-Unidos..	6	11		
Para Constantinopla....		4		
	11,575	18,402 1/2	134	1,988

Estimando-se cada arroba em 2$100 rs., preço medio do mercado, e accrescentando 14 1/2 de direitos e despezas, monta o valor do assucar exportado do Rio de Janeiro no anno de 1842 a Rs. 1.538:173$077.

Couros

Os couros de todas as sortes, e os atanados exportados do Rio de Janeiro, no anno de que tratamos, subiram, os primeiros a 190,115, e os segundos, a 32,228 mais do que no anno ultimo, dos primeiros 37,567, e dos segundos 10,128. O seu destino foi pela maneira seguinte:

	Couros	Atanados
Para Portugal e suas dependencias..	46,823	1,712
Para a França..................	40,225	
Para os Estados-Unidos...........	2,514	
Para os Estados Austriacos........	29,529	6,631
Para as Ilhas Britannicas..........	21,298	
Para a Suecia...................	14,666	1,600
Para as Cidades Anseaticas.......	10,210	2,400
Para a Sardenha.................	9,062	150
Para a Belgica..................	5,065	
Para a Dinamarca...............	4,054	
Para as Duas Sicilias............	3,249	3,427
Para Malta......................	2,000	500
Para Montevidéo................	1,420	15,758
Para o Cabo da Bôa Esperança.....		50
	190,115	32,228

Avaliando cada couro a 5$200 rs., e cada atanado a 2$600 rs., termo medio do anno, e ajuntando 12 1/2 de direitos

e despezas, monta a importancia total da exportação d'este artigo a 1.206:439$650.

Comparação da exportação dos annos de 1841 *e* 1842 *relativa aos principaes mercados da Europa e da America que recebem os productos do Rio de Janeiro— café, assucar, e couros*

De café, os Estados-Unidos receberam em 1842, menos do que em 1841, 79,508 sacas. A Grã-Bretanha e suas dependencias, mais de 151,761. As Cidades Anseaticas, menos 34,207. Os Estados Austriacos, mais 48,038. Portugal, mais 30,125. A Dinamarca, menos 15,619. A Suecia, mais 4,397. A Belgica, mais 41,574. A differença para mais ou para menos nos outros mercados é de pouca importancia.

De assucar, os Estados Austriacos receberam mais este anno do que em 1841 — 384 caixas. Portugal, menos 233. A Inglaterra, menos 219. A França, que no anno passado só recebêra uma caixa, n'este recebeu 392. As Cidades Anseaticas, menos 558. A Sardenha, mais 141. A Sicilia, menos 117. A Suecia, mais 447. Relativamente aos tres estados americanos do Chile, Buenos-Ayres e Montevidéo, o incremento da exportação foi consideravel, porquanto o Chile recebeu 92 caixas, 375 barricas e 400 sacos, quando em 1841 nada havia recebido. Buenos-Ayres recebeu mais 28,635 arrobas, e Montevidéo mais 55,999.

De couros, a Inglaterra recebeu mais 7,504. A França, mais 10,799. Portugal, menos 7,936 couros e mais 768 atanados. As Cidades Anseaticas, mais 443 couros e 112 atanados. Os Estados Austriacos, mais 18,863 couros e 3,528 atanados. A Sardenha, mais 7,504 couros. A Suecia, mais 10,123 couros e 1,600 atanados. Os Estados-Unidos, mais 2,315 couros. A Hespanha, menos 5,224; e Montevidéo, mais 1,420 couros e 2,000 atanados.

IMPORTAÇÃO

Segundo as tabellas da alfandega d'esta côrte, e as informações apresentadas ás camaras legislativas pelo Ministro da Fazenda, a importação para o Rio de Janeiro é orçada em 30.000:000$000 de réis.

BALANÇA DO COMMERCIO

Importando a exportação dos tres principaes artigos—café, assucar e couros—em 25,343:353$857 rs., e estimando-se approximadamente em 4.000:000$ o acervo de todos os outros artigos exportados, comprehendidos o ouro e diamantes, teremos o total exportado de 29.300:000$, quantia esta que, comparada á da importação, avaliada em 30.000:000$ dá contra o paiz um balanço de 700:000$. E augmentado este balanço com 3.200:000$, que tanto pelo menos devem importar os juros da divida externa e as despezas com as legações e consulados do Brasil na Europa e na America, será o balanço de 3.900:000$. A encontro d'esta somma vêm unicamente as despezas das legações estrangeiras no Rio de Janeiro, os gastos com as forças navaes de diversas potencias, surtas n'este porto, e o costeamento das companhias de mineração, tudo o que póde orçar-se em 1.600:000$ a 1.700:000$. Consequentemente será a differença em ultimo resultado de 2.200:000$, pelo menos.

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO COMPARADA

Representando-se os valores importados para o Rio de Janeiro pelo n. 100, a proporção que cabe a cada paiz é a seguinte:

A' Gran-Bretanha e suas dependencias	51,26
A' França	14,64
A's Cidades Anseaticas	5,4
A Portugal e seus dominios	9,01
Aos Paizes Baixos	0,37
Aos Portos do Baltico	1,19
A's Duas Sicilias	0,63
A' Hespanha	2,6
A' Italia	1.00
Aos Estados Austriacos	0,01
A's Indias Orientaes	0,07
Aos Estados-Unidos da America	6,10
Aos Estados do Rio da Prata	5,35
A differentes outros paizes	2,37
	100,00

Debaixo do mesmo systema, a exportação dos principaes productos do Rio de Janeiro póde determinar-se na proporção da tabella que se apresenta, a saber:

Para os Estados-Unidos d'America	26,09
Para a Gran-Bretanha e suas dependencias	20,00
Para as Cidades Anseaticas	15,03
Para os Estados Austriacos	11,02
Para a Belgica	5,09
Para Portugal	5,05
Para a França	4,02
Para a Suecia	3,00
Para a Dinamarca	2,05
Para Montevideo	1,05
Para a Turquia	1,03
Para a Sardenha	1,02
Para as Duas Sicilias	1,01
Para Buenos-Ayres	0,9
Para a Hollanda	0,05
Para diversos paizes	3,59
	100,000

N. B. A tabella da importação está classificada pela norma da alfandega, e a da exportação é feita por nós e com referencia aos Estados que recebem os nossos productos.

CAMBIOS, METAES, DESCONTOS, COMPANHIAS PUBLICAS

O cambio, que nos primeiros dias de Janeiro se achava a 29 1/4 e a 29 1/2 sobre Londres, 322 a 325 sobre Paris, e sobre Hamburgo a 610, manteve-se com pequenas fluctuações até os fins de Fevereiro. Nos principios de Março começou a declinar progressivamente, de sorte que baixou em Junho a 27 sobre a primeira praça, 355 sobre a segunda, e 650 sobre a terceira; e conservando-se n'estes preços até Julho, tornou a declinar com algumas variações para mais e para menos, ficando em Agosto e Setembro nas cotações de 25 e 24 3/4. Nos fins de Setembro e começo de Outubro até Novembro subiu a 27 1/2, 345 e

655, mas pouco depois foi descahindo outra vez, de maneira que nos derradeiros dias do anno ficou em 26, 345 e 675.

Os metaes preciosos acompanharam a sorte dos cambios, de modo que, valendo no principio do anno, os dobrões 28$ rs., os pesos 1$740, as moedas de 6$400—14$900, e a prata a 79 e a 80 por %, findou-se o anno valendo os dobrões 30$ rs., os pesos 1$860, as moedas de 6$400 a 16$200, e a prata a 96 por %.

Os descontos em geral diminuiram consideravelmente, pois que, regulando no principio do anno a 10 por %, declinaram depois a 8, e por este premio e ainda menos descontou o Banco Commercial.

As acções d'este estabelecimento, que no principio de Janeiro apenas valiam 480$ rs., tomaram um incremento tão rapido desde os fins d'aquelle mez, que ao fechar-se o anno se venderam a 520$ rs. O Banco fez dous dividendos, um em Janeiro de 23$100 rs., e outro em Julho de 25$ rs., por acção.

As acções da Companhia dos Paquetes de Vapor tiveram grande melhoramento n'este anno: estacionadas desde Outubro de 1841 em 132$ rs., (360$ rs., é o valor nominal de cada uma), foram progressivamente subindo desde 9 de Fevereiro, até 195$ rs., e, supposto que em Julho e Agosto baixassem algum tanto, tornaram depois a subir rapidamente em tal modo que as ultimas vendas do anno se effectuaram a 240$000 rs.

As acções das Companhias de Nitherohy, Monte do Soccorro, e dos Omnibus ficaram no ultimo de Dezembro nas seguintes cotações: — Nitherohy, 340$ rs. — Monte do Soccorro, 93$500—e Omnibus, 102$000 rs.

NAVEGAÇÃO

Entraram no porto do Rio de Janeiro, em o anno de 1842, 695 embarcações mercantes estrangeiras, sendo Inglezas 167, Americanas 164, Dinamarquezas 65, Suecas 58, Hamburguezas 47, Sardas 42, Portuguezas 34, Francezas 28, Hespanholas 27, Belgas 16, Austriacas 14, Orientaes e Argentinas 14, Prussianas 6, Napolitanas 5, Russas 4, Chilenas 2, Hollandeza 1, e Peruana 1.

Sahiram no mesmo periodo 664, sendo Inglezas 157, Americanas 146, Dinamarquezas 65, Suecas 56, Hamburguezas 47, Sardas 43, Portuguezas 32, Francezas 30, Hespanholas 26, Austriacas 17, Orientaes e Argentinas 17, Belgas 12, Prussianas 5, Napolitanas 5, Russas 2, Hollandezas 2, Peruana 1, e Chilena 1.

Entraram embarcações de guerra estrangeiras 83, sendo 50 Inglezas, 20 Francezas, Americanas 8, Sardas 3, e Portuguezas 2; e sahiram 93, Inglezas 50, Francezas 20, Americanas 20, Sarda 1, Portugueza 1, Russa 1. N'este numero de embarcações de guerra não se comprehendem os paquetes Inglezes.

Comparado o numero das embarcações estrangeiras mercantes, entradas em 1841, com o das que entraram em 1842, ha n'este uma differença para menos de 94.

Embarcações Brasileiras mercantes, entraram de portos estrangeiros 73 e sahiram 52: a saber, de Montevidéo entraram 33, de Buenos-Ayres 32, dos Açores 3, do Porto 2, de Lisboa 1, da Costa d'Africa 1; sahiram para Montevidéo 18, para Buenos-Ayres 21, para a India 1, para os Açores 2, para a Costa d'Africa 5, para Lisboa 3, e para o Porto 2.

O serviço da Companhia de Paquetes a vapor era feito em 31 de Dezembro por seis embarcações, cada uma da força de 100 cavallos.

DIVISÃO POLITICA E JUDICIARIA

As 18 Provincias do Imperio acham-se divididas em 116 comarcas e 218 Municipios. A do Rio de Janeiro comprehende 8 comarcas e 20 Municipios, entrando o da côrte; a da Bahia 15 e 36; a de Pernambuco 13 e 15; a do Espirito Santo 3 e 8; a da Parahyba do Norte 3 e 9; a das Alagoas 5 e 9; a de Sergipe 4 e 7; a do Ceará 8 e 16; a do Piauhy 6 e 6; a do Rio Grande do Norte 3 e 5; a do Maranhão 9 e 12; a do Pará ~~6 e 8~~; a de S. Paulo 7 e 25; a de Minas Geraes 13 e 37; a de S. Pedro do Sul 5 e 5; a de Goyaz 4; a de Matto Grosso 2 e 3; e a de Santa Catharina 2 e 3.

N. B.— Ainda não são bem conhecidos todos os Municipios das Provincias de Piauhy, Goyaz, e S. Pedro do Sul. A justiça n'estas Comarcas e Municipios é administrada em 1ª instancia por 122 juizes de direito, 24 juizes do civel, 227 juizes municipaes, e 14 dos orphãos, com 107 promotores, importando os ordenados de todos em 394:800$. —Onde não ha juizes de orphãos especiaes, accumulam as suas funcções os municipaes. A policia e segurança publica custa ao Estado 94:000$000 de reis.

NOTICIAS DIVERSAS

Observações meteorologicas

O ponto mais alto a que subiu o thermometro no anno de 1842 dentro da cidade do Rio de Janeiro foi—90— de manhã,—92— ao meio dia— e 91 — ao pôr do sol; o que aconteceu nos dias 2 e 12 de Março; e o ponto minimo — 63 — 65 — 66— ; o que teve logar em 12 de Agosto. Sendo estes pontos determinados pela escala de Fahrenheit, os seus correspondentes pela escala de Reaumur são — 25 1/2 — 26 1/2 — 26 1/3 — 14 — e 14 2/3 — 15. — Nos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março, o medio regulou entre 84 — 86 — 87 —, havendo alguns dias de 86 — 88 — e 87. O medio dos mezes chamados do inverno póde fixar-se entre 73 — a — 75. Em geral a temperatura foi moderada nos tres mezes ultimos do anno, se bem que com frequentes irregularidades, ora para mais, ora para menos. E' para notar-se que entre os dias 3 e 15 de Novembro a temperatura descêra muito sensivelmente a ponto que no ultimo d'estes dias, o thermometro apenas indicava— 66 — 67 — 66. As trovoadas foram raras e pouco imminentes á cidade.

População

Baptisaram-se na cidade e municipio do Rio de Janeiro, durante o anno de 1842, 5,692 pessoas de ambos os sexos, sendo livres e libertos 3,148, homens 1,609, e mulheres 1,539; e escravos 2,544, homens 1,385, e mulheres 1,219. Morreram 7,294, livres e libertos 3,993, machos 2,362 e

femeas 1,631; e escravos 3,301, machos 1,993 e femeas 1,308. No numero total dos mortos comprehendem-se 3,275 que se sepultaram no cemiterio da Misericordia.

Houve durante o mesmo tempo 681 casamentos, sendo 609 de pessoas livres e libertos, e 72 de escravos.

EMIGRAÇÃO PARA O RIO DE JANEIRO

Entraram no porto do Rio de Janeiro, no anno de 1842, vindos de differentes partes da Europa, Asia, Africa e America, 3,272 estrangeiros, sendo Portuguezes 2,353, Hespanhóes 88, Italianos 71, Inglezes 143, Francezes 297, Americanos do Norte 42, Argentinos e Orientaes 93, Allemães, Suissos, Belgas, e de outras nações 185. Sahiram durante o mesmo periodo: Portuguezes 410, Hespanhóes 81, Italianos 43, Inglezes 179, Francezes 201, Americanos 50, Argentinos e Orientaes 36, Allemães, Belgas, Suissos e de outras nações 99. — Dá-se portanto uma differença numerica de população a favor do Rio de Janeiro de 2,173 pessoas, das quaes são Portuguezas 1,943. Calculos bem apurados demonstram que dos Portuguezes entrados quatro quintos se enraizam no paiz: toda a outra população estrangeira se póde considerar transitoria. No numero dos estrangeiros entrados e sahidos, não se computam as equipagens dos navios de guerra e mercantes, nem o movimento da população estrangeira de porto a porto do Brazil.

INSTRUCÇÃO PUBLICA

Cursos Juridicos

No anno lectivo de 1841 a 1842 do Curso Juridico de Olinda, matricularam-se 139 estudantes, dos quaes foram approvados 132, reprovados 3, deixaram de fazer acto 3, e perderam o anno 1. No de S. Paulo, matricularam-se 61, dos quaes foram approvados 48, reprovados, 4, deixaram de fazer acto 7, e perderam o anno 2.

Faculdades de Medicina

A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi frequentoda por 186 estudantes; doutoraram-se 21. A da Bahia teve 110 estudantes, dos quaes 10 se doutoraram.

Bellas Artes

Na Academia da Côrte matricularam-se 98 alumnos, dos quaes aproveitaram 83, e não aproveitaram 15: dos aproveitados 32 distinguiram-se.

O Collegio de Pedro Segundo foi frequentado este anno por 99 alumnos, 57 internos, e 42 externos.

Na Aula do Commercio da Côrte foram approvados 48 estudantes, e deixaram de fazer acto 3.

Ha no municipio da côrte 3 aulas publicas de Latim, 1 de Philosophia, 1 de Rhetorica, 1 de Grego, 1 de Francez, 1 de Inglez, 1 de Geometria, que se acha vaga, e 25 de primeiras letras, das quaes 17 são para meninos, e 8 para meninas. A de Latim foi frequentada por 83 estudantes, a de Philosophia por 76, a de Rhetorica por 5, a de Grego por 4, a de Francez por 32, a de Inglez por 5, as 17 de primeiras letras para meninos por 876, e as 8 de meninas por 329, fazendo ao todo 1,410 estudantes.

Santa Casa da Misericordia

Trataram-se no Hospital da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro em o anno compromissal decorrido de 1 de Julho de 1841 a 30 de Junho de 1842, 4,098 doentes, dos quaes 311 existiam no principio do anno, e 3,787 entraram no decurso d'elle. Sahiram curados 2,665, falleceram 1,081, incluidos 169 que morreram no mesmo dia da entrada e nas primeiras 24 horas seguintes, e ficaram existindo 352. No Cemiterio da Santa Casa, denominado o Campo Santo, sepultaram-se 3,424 pessoas, sendo 1,636 livres e libertos, e 1,758 escravos. A receita do hospital geral no anno de que se trata, montou a 164:727$428 rs., ordinaria 145:827$753: e eventual 18:899$675. A despeza

importou em 159:080$278: a saber, a ordinaria 81:905$967, e a eventual 77:184$311 rs. N'esta se comprehendem—38:423$396 rs. com as obras do novo hospital, 8:665$415 com a edificação de novos armazens, e 4:331$922 rs. com as obras do Campo Santo.

Na casa dos Expostos entraram no anno indicado 500 meninos de ambos os sexos, sendo 48 do anno anterior. Nove appareceram na roda já mortos, alguns com mais de 3 e 4 annos, e outros muito maltratados. Dos 500, 110 deram-se a criar, 324 falleceram, e 66 ficaram existindo na casa. A receita d'este estabelecimento foi de 33:678$922 rs., ordinaria 32:429$403, e eventual 1:249$519 rs. A despeza de 32:476$667 rs., sendo ordinaria 27:104$625, e eventual 5:372$042 rs. N'esta está incluida a despeza com as Expostas existentes no Recolhimento da Santa Casa, na importancia de 3:679$139 rs.

O Recolhimento das Orphãs da Santa Casa da Misericordia teve de receita este anno de 41 a 42, 44:687$977 rs., sendo ordinaria 18:483$037, e eventual 26:204$940 rs.; e de despeza 51:618$551 rs, ordinaria 9:775$450, eventual 7:714$713 rs.; e com a obra do novo e velho edificio 34:128$388 rs. A conclusão do novo edificio teve logar em 13 de Novembro, como já se disse na Chronica.

No Recolhimento existiam no ultimo de Junho de 1842—40 orphãs e 23 Expostas.

EXTRACTO
DOS ANNAES DO RIO DE JANEIRO
(MS. da Bibliotheca Publica)

CAPITULO VII

Como Mem de Sá foi mandado a lançar fóra os Francezes do Rio de Janeiro, veio, tomou a fortaleza de Villegaignon, e voltou á Bahia

Infestando os Tamoios toda a Costa do Sul, arrogantes com a amizade dos Francezes, matando e roubando os Portuguezes, e os Indios seus alliados, e amigos; por outra parte os Francezes inficionando aquelles povos com a communicação do veneno das suas hereticas doutrinas, movendo-os a que se levantassem contra os Portuguezes, que os matassem e dévorassem; sendo apanhados quatro Francezes em S. Vicente, pregadores da sua falsa religião; o ruido de tão grandes males, com lastima dos Portuguezes, por toda a parte se diffundia, até que chegou á Rainha D. Catharina, a quem seus Ministros lhe representaram quão perigosa cousa era deixar que os Francezes erguessem alicerces de estabelecimento no Sul da America, introduzidos indevidamente n'aquella colonia; que perderiam todos os novos christãos do Brazil, ainda os mais firmes, sendo já tanto de temer a sua situação no Rio de Janeiro, quanto fôra mais prolongada a sua demora em alli habitarem.

Era Governador Geral do Estado Mem de Sá, Desembargador da Casa da Supplicação: não muito abastecido soccorro lhe enviou a Rainha em uma pequena esquadra, de que foi chefe Bartholomeu de Vasconcellos, com regimento para que, de commum accordo com Mem de Sá, fôssem lançar fóra do Rio a Villegaignon, e ao mesmo tempo castigassem aos Tamoios, para que se não atrevessem jámais a levantar-se contra os Portuguezes. Acabava Mem

de Sá de ir castigar os Indios de Parauassú, e era requerido de muitos para que fôsse vingar a morte do Bispo, e dos que com elle tinham sido mortos em grande opprobrio dos christãos, pois que a falta do castigo causava nos Indios ganharem muita soberba; e quando para isto se fazia prestes apromptando Indios, eis que chegava a armada com a ordem de ir ao Rio de Janeiro a livral-o do poder dos Francezes Calvinistas. Mem de Sá, sem annuir ás contradicções, que a expedição envolvia, o perigo d'ella, as poucas forças que levava, e uma vez perdidas com ella toda a capital era arriscada, se apressava, indo primeiramente visitando a Costa a entrar na Capitania do Espirito Santo, doada pelo Senhor D. João III a Vasco Fernandes Coutinho, que se achava reduzido á ultima afflicção, com continuos ataques dos Indios sem forças nem meios de se poder mais conservar, além de eminente perigo de ser atacado e destruido pelos Francezes, que cada vez augmentavam as suas forças e commercio com os habitantes do Rio. Mem de Sá, não podendo acudir a Vasco Fernandes, prometteu ajudal-o na sua retirada do Rio, porque nem lhe era possivel com as forças que trazia, nem o negocio a que ia consentia a menor dilação: elle portanto se fez á vela para o Rio de Janeiro, onde entrou em 21 de Fevereiro de 1560.

Não era de força consideravel a esquadra, antes muito pequena, e com pouca guarnição: a tropa que trazia bisonha quasi toda; mas possuia o espirito de gloria, pelo qual seriam assignalados no numero dos felizes e honrados Portuguezes. Ajuntando a conselho Mem de Sá os capitães da armada, com elles deliberou que para ganharem a honra da victoria intrepidos deviam atacar aos Francezes, destruil-os na sua fortificação, que, supposto impenetravel a forças muito superiores, não devia comtudo ser a guerreiros Portuguezes, que desprezavam os perigos, e entregues nas mãos poderosas do Deus das victorias, eram acostumados a vencer todos os perigos com gloriosa reputação dos seus Principes.

Por toda a parte retiniam os roucos sons da artilharia, as bombardas choviam sobre as embarcações dos Portuguezes, os quaes sem cessar de dia e de noite pelejavam tão valorosa e porfiadamente, que ao tempo que os nossos,

desconfiados dos meios de salvarem com a fuga a vida, e com dextreza acudirem a recolherem a artilharia nos navios, ou encraval-a, os Francezes se intimidaram, se desconcertaram, e desaccordadamente fugiram para os naturaes do paiz, deixando a fortaleza, com todos os despojos bellicos, á rapacidade dos soldados e á gloria e venturas dos seus expugnadores.

A alegria por todos se diffundiu por tão inesperada victoria, e sem attenderem a particulares incommodidades, que a assiduidade do trabalho produzia, contentes obedeciam todos ao seu General, arrazando a fortificação de Villegaignon, tudo quanto era possivel obrar-se, batendo depois uma aldêa de Indios, matando a uns e pondo em desconcertada fuga a outros, se embarcou para S. Vicente Mem de Sá, a ordenar e compôr o que julgava necessario para o bem e accrescentamento d'aquella provincia, e alli concertar e prover as embarcações da esquadra destroçada: chegando a Santos, mudou a Villa de S. André para Piratininga, e d'ahi partiu para a Bahia em 25 de Junho de 1560, onde chegou no 1° de Agosto.

Em Outubro de 1559 se tinha partido para a França Nicoláo de Villegaignon, com o designio de conseguir maiores auxilios para a conservação do presidio do Rio, para estorvar o nosso commercio da Asia, e assolar e destruir as povoações visinhas do Espirito Santo e S. Vicente e fazer-se formidavel aos nossos, e remediar o descredito poderoso para com o seu paiz, onde não poderia olhar-se com indifferença aquelle estabelecimento do Brazil; e quando o espirito de vingança se devia accender pela expulsão praticada pelo Governador Geral Mem de Sá, tudo isto eram tão fortes razões para obrigar o Governo de Portugal a mandar povoar o Rio de Janeiro, que a menor dilação constituiria o fatal termo da perda d'estes vastos dominios, porque os Francezes industriosos, e com os Indios, que disciplinados já tinham, engrossariam por tal fórma suas forças, que jámais poderes alguns os poderiam sacudir d'este logar, que é chave das riquezas do Brazil.

CAPITULO VIII

Como Estacio de Sá veio povoar o Rio de Janeiro e fazer n'elle fortaleza; as guerras que teve com os Indios ajudados de Francezes, a povoação que fundou, concluidos os fundamentos da cidade por Mem de Sá, que o veio soccorrer

Ponderadas as razões que o zelo do Governador Geral Mem de Sá dictava, conferidas as suas noticias com as cartas dos Padres Jesuitas Manoel da Nobrega, e José de Anchieta, tão conformes na exposição do facto, e tão expressivas para o fim de se povoar, e fortalecer este tão importante logar do Novo Mundo, a côrte não hesita na consideração dos incalculaveis interesses que sem duvida aquelle paiz lhe subministraria; Estacio de Sá é lembrado e julgado habil para emprehender tão gloriosa empresa, e foi enviado com uma pequena esquadra a seu tio Mem de Sá, para debaixo do seu conselho e das suas ordens se partir a povoar e fortalecer o Rio de Janeiro.

No principio de Janeiro de 1564 sahiu de Lisboa Estacio de Sá com dous galeões, e chegando á Bahia partiu com o soccorro, que ahi lhe pôde ajuntar seu tio Mem de Sá; chegando ao Rio de Janeiro em 6 de Fevereiro do mesmo anno, partiu para S. Vicente, onde ajuntou a gente que pôde da Capitania do Espirito Santo e S. Vicente; preparou e abasteceu a sua armada, composta de 6 náos de guerra, com alguns barcos ligeiros, e 9 canôas de mestiços Indios, e com ella sahiu do Porto de *Burtiquyoca* (hoje *Buriquioca* por corrupção do vocabulo) em 20 de Janeiro de 1565, dia de S. Sebastião; demandou a barra do Rio de Janeiro, onde entrou no 1.º de Março, e apoz d'elle tres barcos da Capitania do Espirito Santo com mantimentos, e a nau Capitaina, que se tinha demorado na viagem: fundeou á entrada da barra junto ao penedo pyramidal chamado *Pão de Assucar*; em terra saltou com a infantaria, e começou a formar, e fortificar o seu quartel, facil para a sahida dos nossos, difficil para os assaltos dos inimigos: a este logar se deu o nome de Villa Velha, e só para a commodidade de todos faltava a agua,

cujo inconveniente remediou José Adorno, e Pedro Muniz Namorado, fazendo com a sua gente um poço ou cacimba.

No tempo que esteve em S. Vicente, nomeou a Belchior de Azeredo Capitão da Galé Sant'Iago para ir á acção do Rio, de onde o reenviou no navio Santa Clára á Capitania do Espirito Santo, para, como provedor que era da Real Fazenda, provesse e aprestasse o necessario para o sustento da tropa, e fundação da nova cidade, e que ajuntando os navios e canôas que pudesse, voltasse ao Rio Capitão-Mór da armada que formasse. A esse tempo já tinha tido a Mercê Real de Provedor da Fazenda do Espirito Santo Belchior de Azeredo, e era Capitão d'ella por Mem de Sá, o qual havia ordenado a posse da dita Capitania para S. Alt. por fallecimento de Vasco Fernandes, tendo já antecedentemente ao seu fallecimento assim ordenado em razão de ter desistido Vasco Fernandes como donatário, nas mãos do mesmo Governador Geral.

Tinha-se ausentado para Lisboa Vasco Fernandes em 1552, deixando o governo da capitania a D. Jorge de Menezes, em cujo tempo se tinham levantado contra os Portuguezes os Tupinaquins, qual os atacaram, e destruiram os seus engenhos, matando ao mesmo D. Jorge, depois a D. Simão de Castello Branco, que lhe succedeu no governo, ficando todos tão expostos á ultima ruina que muitos desertados foram para outras partes. Estavam n'este aperto quando de Lisbôa voltou Vasco Fernandes Coutinho, o que estando em Lisbôa em 1553, escreveu á Sua Magestade o Governador-Geral Thomé de Souza, que a capitania do Espirito Santo era a maior e a mais perdida, e que devia ser obrigado a vir residir n'ella o Donatario, pois que com a sua ausencia se tinham levantado os Tupinaquins, matando a D. Jorge, o qual não podendo atacal-os com forças superiores, pediu soccorro á Mem de Sá, que o deu, mandando com elle seu filho Fernão de Sá, que n'essa guerra morreu em 22 de Maio de 1558, e não podendo Vasco Fernandes sustentar por mais tempo a sua Colonia, escreveu a Mem de Sá em 22 de Maio de 1558 que estava muito cansado e velho, e que não lhe tinha dado Deus filho para lhe succeder na Capitania, e que por isso outra cousa mais não desejava senão que se lhe tomasse para S. A., e que d'ella

fazia cessão, o que Mem de Sá acceitou em nome do dito Senhor.

Com Vasco Fernandes Coutinho tinham passado Belchior de Azeredo, que tirou brazão em 1530, e este succedeu na Capitania e governo d'ella, e Miguel de Azeredo, que é o ascendente da Condessa de Loizan, de quem falla Francisco Coelho nas advertencias á Nobliarchia Portugueza, tratado das armas dos Azeredos, porém em 1564 já não era Capitão-Mór, e sómente Provedor da Fazenda Real por Carta de propriedade do Sr. D. Sebastião em Maio de 1565; este veio a chamado de seu tio Belchior de Azeredo, convidado tambem por Vasco Fernandes Coutinho para Capitão, e Governador, e Donatario do Espirito Santo, para escrever em todo o governo civil e politico, e ser administrador supremo da justiça, e com promessas de uma vantajosa porção de terras da Capitania, e com effeito se passou na armada, em que veio Vasco Fernandes militando com grande valor e fortuna em todas as occasiões que se offereceram contra os Francezes que piratiavam na costa, e contra os Indios, que vinham hostilisar dentro das mesmas povoações: todas estas circumstancias, e de ser cavalheiro fidalgo da Casa Real, por alvará do Senhor D. Sebastião, de 27 de Novembro de 1556. Fidalgo de geração, e familia de seu appellido por brazão, que se lhe passou em 6 de Dezembro de 1566, o fizeram digno da escolha de Mem de Sá para succeder na Capitania do Espirito Santo, o qual dizia na carta que dirigiu ao Ouvidor, Provedor e Juizes da Capitania, que o elegessem para Capitão e Governador d'ella, e a nenhuma outra pessoa dessem posse d'ella, ainda que lhes apresentass Cearta Regia, excepto sómente Vasco Fernandes Coutinho, filho do Capitão fallecido, passandolhe do governo o capitão Mem de Sá Carta em 20 de Julho de 1560, dizendo então n'ella que o fazia havendo respeito aos serviços feitos a S. A., e ser criado seu, e cavalheiro fidalgo de sua casa, e a governaria por S. A. emquanto não viesse Provisão Régia sua, que fizesse menção de renunciação que d'ella fez Vasco Fernandes Coutinho ao mesmo senhor.

Tal era o merecimento de Belchior de Azeredo, quando Estacio de Sá, que vinha povoar o Rio, o nomeou

capitão do navio « S. Jorge» por provisão de 3 de Abril de 1566, e depois por Capitão da Galé «Santiago», dizendo na mesma—por ser pessoa de quem se podia confiar toda a cousa do serviço de Deus e de S. A., para que fôsse á Capitania do Espirito Santo, e provesse, como Provedor d'ella, as cousas necessarias para o Rio pelo regimento que lhe havia dado, e que poderia tambem tomar todos e quaesquer navios, que ahi achasse, ou viessem ter da mesma companhia e armada, e que mandaria carregar n'elles tudo o que quizesse e fôsse preciso para o provimento da cidade, mandando tomar gente para os ditos navios, assentar soldo do dia que assim tomassem por diante, e pagar seus mantimentos á custa do mesmo senhor; e para isso tomando todo o dinheiro dos defuntos que na dita capitania houvessem, quando faltassem os de S. Alteza, assim e da maneira que o Governador Geral mandava tomar por bem de sua provisão para isso passada, e que portanto os mestres, capitães e senhorios dos navios, em tudo e por tudo obedecessem ao dito Belchior de Azeredo, assim como fariam a elle Governador, se presente estivesse, vindo em conserva em sua companía até o Rio de Janeiro.

N'esta commissão desempenhou Belchior de Azeredo com aquella satisfação que se tinha d'elle, ajuntando a gente que pôde, e canôas de Indios, voltou ao Rio, onde ganhou muita gloria nos afortunados encontros que teve com os inimigos. A elle seguiram no exemplo de heroicas virtudes os seus companheiros João de Andrada, Paulo Dias, Gaspar Barboza, Bartholomeu de Castro, Francisco Dias Pinto, Jacome Coutinho, Jorge Ferreira, Antonio de Mariz, e muitos outros, que cheios por uma parte de confiança no Senhor dos exercitos, e por outra na fidalguia que os illustrava, valorosos por natureza, desprezadores dos perigos por honra, infatigaveis por educação nas cousas do Real Serviço, na sciencia da guerra exercitados, que se poderia d'elles esperar, senão gloriosos successos, dignos do homem virtuoso, e que merece o amor da sua patria e a confiança do seu soberano?

Os criminosos contra os quaes as leis tinham sido indulgentes, vendo-se em um paiz novo, que a natureza benigna com elles ostentava a mais grata hospitalidade; a

virtude do seu Capitão mór Estacio de Sá, e dos honrados e valorosos soldados que commandava, que lhe serviam de tão grandes excitamentos de gloria, não podiam duvidar da venturosa sorte que tinham de ajudarem a ser os pais e povoadores d'esta tão bella porção do novo mundo, e sem necessidade de outros recursos, todos se excitavam a ter parte em tanta gloria, e a serem dignos e virtuosos cidadãos.

Estacio de Sá é maravilhado do terreno en que a providencia o conduziu; estendendo os olhos pela enseada dentro, pasma e admira o desenho com que a natureza fechou em suas muralhas este grande paiz. Da barra para dentro está attento a observar as suas naturaes defesas, começando na barra entre os dous grandes rochedos, onde estão as fortalezas de Santa Cruz, Pico e S. João, depois o morro em que se levantou a forte de N. Senhora da Bôa Viagem, em o qual costumam os navegantes festejar alegres o prospero successo de suas viagens e quando guarnecida de gente e artilharia, se oppuzesse á ousadia inimiga; da parte esquerda a Ilha de Villegaignon, inexpugnável pela sua fórma e situação, e a mais capaz de romper toda a linha inimiga com mortifero estrago d'elles, quando felices conseguissem o entrarem pela barra; e que não contente com isto levantára na terra firme, quasi fronteira á Ilha junto ao mar, o correspondente padrasto, hoje fortaleza de Sant'Iago, para com ella occorrer mutuamente a impedir a passagem, e em defensão finalmente da cidadella, que queria fundar, a Ilha das Cobras, fronteira ao morro em que está o Mosteiro de S. Bento, que com o outro eminente ao logar da cidade, onde a fortaleza de S. Sebastião, e com os de Santo Antonio, e Nossa Senhora da Conceição, seriam firmes padrastos, e impenetraveis barreiras, porque, cruzando os seus fogos, arruinariam e destruiriam inteiramente toda e qualquer inimiga força, não consentindo que uma só embarcação pudesse sem o ultimo estrago conservar-se por algum momento na bahia, e ainda menos na cidade desembarcarem os inimigos.

Elle não reputaria gloriosa a sua empreza, se tivesse de combater com animaes brutos, como delirando espalhavam que o eram alguns ignorantes philosophos: os combatentes não eram, como por outros delirios disseram outros,

uma especie nova de homens, de origem mais moderna que os primeiros povoadores do velho mundo, por não ter descoberto á sua fantazia um modo claro de explicar a união da America com as tres partes do mundo, sua immensa grandeza de mais de tres milhões de leguas quadradas, a total differença do clima, dos animaes, das aves, peixes e dos homens, comparada com a Asia e Africa, d'onde alguns suppuzeram desmembrada pelos angulos salientes e entrantes oppostos de algumas de suas montanhas; nem como impia e grosseiramente quizeram outros que fossem aquelles povos uma degeneração animal; elles eram ao contrario racionaes, activos, espirituosos, ardentes, capazes de atacarem e de serem atacados, cheios de humanidade e candura para com os amigos e deshumanos e crueis para com os inimigos com o mesmo valor, com que os Europeus se entregavam aos cadafalsos, por principio de Religião, ou por caprichos de politica, assim elles alegres saltando entre a fogueira accesa para serem assados, acabavam a vida sem um suspiro: punham a sua gloria em vencer os seus inimigos, e desde os primeiros annos tal era o que se inspirava aos filhos recemnascidos.

Por outra parte Estacio de Sá, olhando para as desgraças de tantos povos, que ia sacrificar ao valor das armas Portuguezas, e que faria talvez a eterna desgraça de tantos infelizes habitantes, e para sempre irreconciliaveis inimigos seus, deixando descahir seu rosto se entregou a uma profunda tristeza: elle quiz salvar-lhes as vidas, mas não o podia conseguir sem a ruina da sua, e dos seus soldados, porque os Francezes estimularam a colera, a vingança, e furor dos bravos Tamoios, para que nos Portuguezes cevassem a sua ferocidade. «Ah! infelizes, exclamava Estacio de Sá, não reparais que a Willegaignon lhe não aproveitou seus altos muros, que a natureza lhe dera na sua Ilha, nem o furor das ondas que a cercava, para resistir ao valor dos Portuguezes, que ha tão pouco tempo a tinham accommettido, e ganhado com a fuga e estrago vosso? Que esperais agora! Porque, victimas infelizes, desceis das montanhas, cobris os mares, para oppôrdes ao meu valor, e dos meus soldados, a vossa desventura? Se Villegaignon já vos não póde defender, como temerarios buscais a guerra

e vos dispondes nos vossos cercados e vallados para vos arrostardes á gloria de uma nação guerreira? Se sagazes accommetteis nas ciladas, se na destreza do arco despedis a setta com tanto furor, que chega a traspassar o escudo, o braço, e ainda o corpo todo, e tremolando ir firmar-se nas arvores, sabei, se é que ainda desconheceis, que os pelouros e arcabuzes dos Portuguezes, qual raio despedido das nuvens, em breves momentos vos abrazarão. »

Os Francezes não cessavam de persuádir aos Indigenas toda a resistencia contra os Portuguezes, que vinham senhorear-se de suas terras, e reduzil-os á dura escravidão: que suas settas envenenar deviam, e não poupar o sangue a tão duros tyrannos, que tinham vindo, por uma ambição a mais espantosa, causar-lhes lamentaveis damnos, que sem remedio os experimentariam uma vez que com elles fizessem pazes. Taes idéas accendiam o desejo entre os Tamoios da mais ardente vingança, para defenderem os lares patrios, em que a natureza os tinha feito nascer e viver, e prestes marchavam a atacar os Portuguezes.

Depois de ordenar Estacio de Sá aos seus soldados que deviam antes do tudo entregar-se a Deus, e preparar-se, por uma fiel confissão das culpas, a receberem sacramentado o Deus das Victorias, assim lhes fallou: «—Não pelejamos, amigos, senão pela gloria de Deus, para que no Novo Mundo seja louvado e engrandecido o nome d'aquelle que por nós deu a vida para salvar-nos, e que por nós hoje se serviu para desterrar d'estes infelizes povos a cegueira em que estão, e abrir-lhes os olhos para que conheçam e abracem a fé de Christo. Nós teriamos conseguido tão grande empreza sem alguma effusão de sangue, se os Luthero-Francezes não tivessem por seu interesse preferido o perderem-se tantos povos, que á nossa espada seu sangue ha de cruentamente verter. A causa, soldados meus, é da Religião que professamos, é da honra do Deus que adoramos; nós temos por nós aquelle por quem pelejamos, que inspira a fortaleza e valor: somos Portuguezes fieis ás ordens do Soberano que nos rege. Que temor póde inspirar-nos um montão de barbaros sem disciplina militar? Trilharemos logo, a meu pezar, sobre os seus moribundos cadaveres os passos que levamos sobre sua ruina, e

conseguiremos a gloria a que vimos enviados. O Glorioso Martyr S. Sebastião é tambem o padroeiro das nossas emprezas. Eia pois, segui-me, que o nosso braço forte lhes enviará a morte, e não seremos pelos inimigos vencidos.» Ainda bem não acabava de fallar Estacio de Sá, quando todos alegremente lhe respondiam: « Accommette já, Senhor, que todos estamos prestes a seguir-te no exemplo, a obedecer-te na execução e a dar a ultima gotta de sangue pela Religião, pela gloria do Soberano, e da Patria, e a voz primeira que deres, nós, quaes leões embravecidos, despedaçaremos as victimas que temos presentes a ataçar-nos. »

Era chegado o dia 6 de Março, quando o general gritava—investi, investi, companheiros, é tempo, que a nós se approximam os inimigos com grandes algazarras. Os Tamoios com os francezes dão a primeira investida aos nossos, e são rechaçados, e retirando-se se puzeram em cilada com 27 canoas, em um sitio por onde de necessidade os Portuguezes deviam passar: logo que ella foi percebida, aprestaram os nossos 10 canoas e duas lanchas de remos, e sahiram a atacal-os, e apanhada logo uma das suas principaes canoas, as outras buscaram na fuga o vencimento.

No 1° de Junho de 1565 eis que appareceram no arraial dos Portuguezes uma grande quantidade de canôas de guerra, que chegavam a 130, auxiliadas e protegidas por 3 naus francezas, succedeu, porém, que a nau Capitaina inimiga, dando em uma penedia, custou salvar-se; e elles frustrando o seu designio, atacaram com menos energia, merecendo os Portuguezes assaz reputação pela honrada e briosa defesa que contra os inimigos exerceram.

Vendo depois Estacio de Sá que alguns dias depois não haviam novas dos contrarios Tamoios, nem dos Francezes, onde estariam emboscados, e que determinariam fazer, pois que d'antes tão ouzados e atrevidos se manifestavam junto á cidade, onde mesmo por duas vezes haviam feito ciladas, apanhando em uma d'ellas a um moço, que desmandando-se a pescar fôra frechado, e assim outro moço Indio, divulgava-se então que um grande soccorro lhes era chegado de Cabo-Frio, acompanhado de naus de França; esta nova não soçobrando, porém, os animos dos valentes Portuguezes, despediu o grande Sá 8 canôas de gente,

para vêr se poderia por ellas fazer alguma presa, e tomar lingua; e com effeito partiram, e depois de todo o esforço de dois dias, nada trouxeram que pudesse adiantar os conhecimentos da dissimulada traição que os inimigos tramavam; então Belchior de Azeredo, tão illustre Governador da Capitania do Espirito Santo, como tão honrado servidor do Estado, se preparou a esta empreza, e de bôa vontade se prestou a explorar os designios, e fazendo-se logo prestes com sua gente, escravos e amigos, que o quizeram acompanhar em uma bôa canôa, que tinha a seu cargo, e com mais 8, com gente necessaria e aprestos bellicos, se pôz em marcha por 6 a 7 leguas distante da cidade na noite de 12 de Julho de 1565, e no logar que lhe pareceu conveniente, em cilada no dia 13 a observar no mar todo o movimento das disposições inimigas, espalhando espias em terra, por ellas soube que vinha uma canôa de guerra, bem equipada e guarnecida de gente, contra a qual foi logo esperar com toda a quietação de espirito, até que emparelhando com ella accommetteu com as mais canôas, e em defensão pelejaram os Tamoios tão valentemente, quanto se não póde exprimir, até que sendo derrubado e morto o seu principal Mousacat com uma settada, foi então rendida a gente d'ella, tomada, morta alguma, captiva o restante.

Conseguida esta victoria pôz Belchior de Azeredo a sua gente em ordem para caminhar ávante, e porque soube dos captivos aprisionados, que elles tinham vindo com outras para se ajuntarem, e unidas fazerem ciladas aos Portuguezes dentro da sua mesma cidade, e que os damnos que lhe poderiam fazer seriam tamanhos, com que seriam affligidos, juntou as mais canoas, que a seu cargo trazia, e se fez prestes a averiguar se era assim, o que os captivos diziam; e apenas avistou as canôas dos indigenas, temendo que os captivos se não levantassem com a presença dos seus e de que com isto em logar de desbaratar os contrarios, fossem destruidos, assim fallou á sua gente: «—Amigos e companheiros, não é o temor da morte, que me inspira a crueldade de fazer morrer a estes desgraçados; é a honra de nosso nome, e reputação que tenho presentemente para não expôr-nos á zombaria dos Indios, a carnagem que em nós sua voracidade irá exercer para com mais ousadia

atacar-nos e destruir-nos. Quem nos assegura a fidelidade dos nossos prisioneiros? Por ventura terão elles valor do vêr morrer a sangue frio os seus, sem se excitarem a tomar partido das suas desventuras para vingarem em nós a morte dos seus parentes, companheiros e amigos! E' necessario pois despejarem-se as canôas dos barbaros, o direito a nossa vida, a conservação do credito, a reputação das armas dos nossos soberanos, justificará a nossa conducta para não parecer á humanidade que somos tyrannos oppressores dos desgraçados Americanos: é necessario baldeal-os ao mar para se poder pelejar com segurança mais promptamente, e evitar-nos a traição que será necessario e infallivel o seu acontecimento. » —

A' esta voz foram arremessados ao mar uma grande parte de desgraçados, que surgindo ora sobre as ondas, ora nos seus abysmos de cançados aprofundando, sem abrigo a seus males acabaram, conservados apenas nas canôas dois d'elles, espectadores da triste sorte dos seus companheiros, que foram postos a bom recato, e então logo continuou a fallar Belchior de Azeredo:— Animai-vos, companheiros, confiemos todos em Nosso Senhor, que nos ha de dar outro maior vencimento, que o que havemos já experimentado, pois elle é o Deus das victorias, obra differentemente que os homens, não lhes dando senão causas grandes, e todos seremos testemunhas fieis das suas maravilhas, vendo ostentar o seu grande poder em nosso favor para destruirmos as muitas canôas, que temos á vista, com esta confiemos todos como bons christãos, que o vencimento é certo dado por Deus. —

Acabava de fallar Belchior de Azeredo, quando todos alegres de bom animo respondiam, que a sua confiança tinham no grande Senhor dos exercitos, e que portanto estivesse certo, que elles pelejariam e morreriam com elle tão bom capitão, que tanto os animava com acerto, e ordenava as cousas do real serviço. No tempo que assim fallavam, eis que se ouvem as algazarras dos Tamoios repartidos em 3 esquadras de canôas ou magotes, a primeira de 3 canôas, a segunda de 8 e a terceira de 9. O primeiro magote investiu logo aos nossos, que com tanto esforço guerreavam, que os Indios foram constrangidos a retirarem-se,

levando porém a sua gente pela terra dentro, e entretanto que as outras canôas na trazeira atacassem e desbaratassem os nossos; ardil que lhes foi mallogrado, porque entendendo sua intenção, Belchior de Azeredo mandou que se puzessem todos em caminho, e seguissem a sua viagem para onde iam, e vendo os Tamoios que já atraz ficavam, vieram logo apoz d'elles atirando muitas frechadas, que com arcabuzadas foram correspondidas, e então o grande Azeredo mandou remar para o largo do rio onde houve vista de outras canôas, que ficavam atraz, e por não ser tomado no meio de todas as inimigas canôas, animando a sua gente, remetteram todos tão ouzadamente com as ditas que atraz vinham, que foram constrangidas á fugida, feridos e maltratados os indigenas por tal maneira que puzeram a sua salvação na terra.

A este tempo chegava outro magote de 10 canôas, e virando contra ellas, viu Azeredo o principal d'ellas tão soberbo como atrevido, respirando vivo odio, e cruel vingança: a sua canôa era a maior, a mais poderosa, e mais bem equipada, que a todas precedia, e que animava o principal a sua gente trazendo-lhes á memoria o valor dos seus passados, os damnos, que elles dos nossos tinham já recebido, que tão dura morte a seus parentes tinham dado, sendo os primeiros Europeus, que investiram ousados os mares, para penetrando as suas terras, e habitações atacarem-nos, e a ferro duro, e violento trovão de suas armas matarem a tantos dos seus parentes, e amigos; e acabando de fallar com a energia, que a natureza lhe inspirava, com ardor, que os direitos da humanidade aquebrantados lhe excitava, direito seguiu contra os nossos: Belchior de Azeredo então espantado de tanto atrevimento e ousadia, mandou a sua gente que acommettesse contra a canôa do principal Indio, que contra elles vinha; os Indios empregavam contra os nossos, cheios de colera, as suas frechadas: os nossos lhes responderam com arcabuzes, e bésta, e abalroando a canôa do principal dos contrarios, mettendo todos as espadas e rodelas, investiram com tanto furor, que insensiveis ás desgraças dos vencidos, não perdoaram uma só vida: o direito da guerra foi reputado tão sanguinolento para não ficar um só captivo, pois que as

cruentas espadas empregadas na mais dura carnagem só cessaram de empregar os seus golpes depois que não se viu um só, contra quem os seus gumes dirigissem.

Concluida tão sangrenta carnagem, passou Azeredo a acudir ás canôas dos seus companheiros, que com as dos contrarios pelejavam, e com a chegada d'elle todos os Tamoios buscaram na sua fuga para a terra a salvação, para se ajuntarem com as mais canôas, que atraz ficavam, que não ousavam as chegar pelo damno quo já tinham sentido, e reunidos tentarem um novo ataque, para evitarem a sorte, que os seus tinham passado, ou vingarem-se victoriosos dos seus inimigos : e esforçando a sua gente se ajuntaram novamente ; mas vendo boiar sobre as aguas tão grande quantidade de cadaveres dos seus parentes e amigos, o mar vermelho do muito sangue que elles derramaram, tão grande horror e susto conceberam, que buscaram apressadamente a fuga, e sem pelejarem mais foram muitos apresados e captivos por Belchior de Azeredo, que os conduziu para a cidade, para apresental-os ao seu capitão-mór Estacio de Sá, que ancioso suspirava saber do exito, que tinha tido aquella expedição, em a qual apenas um escravo e tres Indios dos seus tinham sido feridos.

Os estragos e mortandades dos Indios, longe de mitigar o seu cruel rancor contra os Portuguezes, que os batiam e captivavam para pedirem pazes, porque nenhuma resistencia podiam fazer ao esforço dos Portuguezes, que só queriam contra elles a guerra, e acabarem antes todos em defesa da sua patria e dos seus inalienaveis direitos, que de se humilharem com uma amisade, que não podiam guardar pelo genio da nação, excessivamente implacavel nos seus odios, e por isso em 15 de Outubro, sahindo 7 canôas das nossas a explorar os designios dos Tamoios, se viram surprendidas por 64, que as cercaram e atacaram ; os nossos fôram, porém, soccoridos de mais 7 canôas, que animosas investiram as 64 : as settas pareciam enxames de moscas, que voavam, o fôgo da mosquetaria, e arcabuzes que mal podiam romper o denso fumo, que vomitavam, causava nos Tamoios o mais lamentavel estrago ; apenas são quatro das suas canôas tomadas; as outras fugindo evitavam o seu ultimo estrago.

No meio de tantas desgraças surgiam os indigenas

mais audazes em accommetter, aconselhados dos Francezes, juntaram uma armada de 180 canôas, mandadas pelo Indio Guaxará de Cabo-Frio, que vieram a uma legoa distante do arraial dos Portuguezes, onde se esconderam, fazendo adiantar algumas para negaça defronte dos seus alojamentos para os obrigar a sahir, e darem elles então de repente com as forças que tinham occultas, conseguissem assim a destruição dos Portuguezes, e elles victoriosos, na sua carne com alegres danças e festins cevassem o seu odio devorando-os semi-vivos cadaveres. Francisco Velho, Mordomo da Confraria de S. Sebastião, tendo sahido em uma canôa a buscar madeira para a capella do Santo, encontrando as canôas, que o inimigo tinha avançado para negaça, foi logo por ellas atacado, e como era á vista do arraial, passou Estacio de Sá a soccorrel-o, embarcando-se em uma canôa com mais 3 equipadas, que achou sómente promptas, por terem partido umas para S. Vicente, e outras ido á pesca. Parecia temeraria a sua sahida: *elle* se encaminhou aos inimigos e é por elles atacado com grande furia; não podia escapar das suas mãos pelo poderoso numero de suas canôas: mas eis que no lance, em que se via perdido, e entre o fogo ateado em uma canôa, por pegar na polvora ao disparar de uma roqueira, sua horrivel explozão, fazendo estremecer os elementos, levantando o mais denso fumo, encheu de tanto terror aos Tamoios, ainda mais espavoridos aos gritos da mulher do principal da canôa, que bradava que fugissem, que elles cortando os mares com rapidez dos seus remos em um momento desappareceram, e os nossós contentes, e maravilhados dos successos, em transportes de alegria, abraçando ao seu capitão Mór se retiraram aos alojamentos seguros.

« Tempo é, companheiros, dizia Estacio de Sá, de castigarmos os rebeldes francezes, que excitam contra nós o furor d'estes desgraçados; eia pois, vamos a destruil-os nas suas embarcações para reduzirmos estes inimigos a não poderem adiantar a desgraçada sorte dos Tamoios. » Elle se embarcou nas embarcações de guerra a investir as náos francezas, para que elles á sua custa aprendessem do valor, e disciplina dos Portuguezes, a serem vencidos e destruidos: o fogo se ateou de uma e outra parte, que cada uma se

empenhava a ganhar a victoria, da qual se seguia inevitavel perda da conquista: a providencia se declarára a favor dos Portuguezes; os Francezes ficaram destroçados, mortos e feridos, perdendo a sua Capitaina.

Foi então que Estacio de Sá fez despedir esquadrões para atacarem as aldêas, e canôas de pesca, que aprisionam, matando a muitos, pondo a outros em desconcertada fuga, trilhando sobre o sangue dos seus mais intimos parentes e amigos. Aqui a mulher espavorida vai fugindo, apertando o terno filhinho nos peitos, regando com as lagrimas a ensanguentada terra, que lhe apresentava morto o seu querido esposo; acolá o amoroso pai em sanguenta carnagem, vê morto ao pé de si o filho, que mais amava; mais adiante a mulher, os parentes e os amigos, sem poder articular uma só palavra, com penetrante suspiro acabava trespassada de feridas a desgraçada vida, e com os olhos increpava ao céo de a ter guardado para victima de tanta dôr e desventura: alli outros despedaçados a golpes de duras espadas: de todas as partes montões de cadaveres ainda semivivos exhalando a vida. —Ah! triste e desgraçada porção da humanidade, penetrado da mais terna compaixão proferia Estacio de Sá, desisti do vosso vão orgulho; que a minha mortifera e estragadora espada, se não tornará mais na vossa ruina; mas antes será constante defensora da vossa liberdade, e eu mesmo, com prazer abrirei os passos á vossa felicidade.—

Porém (quem acreditará!) os Tamoios proseguem com mais furor, não se abatem com os estragos, com as perdas das canôas, com o verem de dia em dia a funesta sorte dos seus companheiros, que envoltos nas suas desgraças se tornavam mais ensoberbecidos. Tal foi a impressão, que nos seus animos estava gravada, do que os Francezes lhes pregoavam sem cessar, que os Portuguezes sómente tinham alli aportado para tomarem as suas terras, e captival-os; a natureza não tinha entre os indigenas sepultado os sentimentos, de que pela sua liberdade, e propriedade deveriam oppôr a mais caprichosa defesa.

« Deshumanos europeus, que excitaes a um povo innocente a volverem-se em tanta desventura perdendo o bem da eterna salvação, e luzes celestiaes, de que são

susceptiveis, desisti de vossos sinistros intentos, porque jamais possuireis um paiz, que a providencia vos nega: reparai, que a vossa ruina será presentemente igual á dos Tamoyos. » Assim dizia Estacio de Sá.

Continuava o furor da guerra, intrepidos os Tamoios se arrostavam aos perigos desprezando a vida; Estacio de Sá, sabendo que os inimigos se ajuntavam em grande quantidade em uma aldêa por causa de uma devoção chamada a santidade, marchou contra ella no fim do anno de 1566, cercou-os, e a duro ferro e violento golpe dos arcabuzes, á excepção de mui poucos que fugiram, um grande numero ficaram mortos, e outros prisioneiros, morrendo n'este combate alguns dos nossos soldados, e com elles o insigne Antonio de Lagea.

CAPITULO II

Recordação memoravel das pessoas illustres que serviram á gloria d'este paiz até a epoca de 1710.

(Pelo nosso fallecido Socio honorario o Conselheiro Balthazar da Silva Lisboa)

§ 1°

Entre as pessoas illustres que transmittiram um nome glorioso nos annaes do Rio de Janeiro, e que devemos com razão tributar nossos agradecimentos á sua memoria com devidos louvores, tem logar sem duvida a honrosa descendencia dos filhos e sobrinhos de Marcos de Azeredo Coutinho, pelos seus grandes serviços militares, além de acompanharem a seu illustre pai e tio nas descobertas das esmeraldas, quando cercados de mil perigos, penetraram as matas á sua custa, domaram nações ferozes, que de mão armada impediam a entrada n'aquellas inaccessiveis brenhas. Supposto não tivessem a fortuna de realizarem o descobrimento das esmeraldas, por haver El-Rei, de parecer do General da frota Salvador Corrêa de Sá, mandado carregar aos Jesuitas aquella diligencia; comtudo, os seus trabalhos n'essas jornadas, foram julgados

mui credores da confiança real e dignos de remuneração, pelo que foram condecorados com a mercê da Ordem de Christo, que então só se permittia aos que faziam grandes e memoraveis serviços ao Estado.

§ 2°

Distinguiu-se por serviços militares em 1610, D. Pedro de Rossales de Haro, natural de Castella, estando por nove annos, até a éra de 1610, no serviço da conquista de Angola, em soldado de infantaria de cavallo; elle achou-se nas guerras da costa do Sul, e fez diversos embarques nas armadas contra os corsarios, por cujos serviços obteve a mercê do habito de Christo, com 40$ rs. de tença, pagos na Feitoria do Reino de Angola.

§ 3°

Foram sobre toda a expressão imminentes os serviços do segundo Governador do Rio de Janeiro, Salvador Corrêa de Sá, conservando a Cidade e Capitania em estado inexpugnavel, não obstante toda a casta de estorvos e de desgraças pela calamidade proveniente da occupação do Reino pelos Hespanhóes. Elle visitou a Capitania de S. Paulo, nos exames das minas: sendo Fidalgo Cavalleiro da Ordem de Christo, teve promessa de uma commenda de lote de 300$ rs. pelos serviços já feitos, e que havia de fazer nas minas de S. Vicente: seu filho Martim Corrêa, herdeiro das suas virtudes, foi um dos mais distinctos Governadores, pois levantou as fortificações da barra, domou os Indigenas de Cabo Frio, expulsou os Hollandezes da Costa, fez proezas dignas de memoria, soccorrendo as Cidades da Bahia e Pernambuco, invadidas e cahidas no poder dos Hollandezes: seu filho Salvador Corrêa de Sá, governando varias vezes, foi General da Armada, que retomou Angola d'aquelles aguerridos Batavos; abriu as estradas do commercio de S. Paulo para a marinha, estabeleceu a fabrica dos navios da Corôa na Ilha Grande, lançou-os alli da população e riqueza dos Campos dos Goitacazes, sem

que offuscasse a sua grande e bem merecida bôa fama e renome os tumultos que se excitaram n'esta cidade.

§ 4°

Deixou mui saudosa memoria o Governador Luiz Barbalho Bezerra, bravo militar, despendendo a sua fazenda nas acções brilhantes em que entrou nas guerras de Portugal, e foi tão docil, sabio, e humano, que soube inflammar aos seus subditos em todo o lance de honra, de valor e generosidade, com o que elle conseguiu a defensão da Capitania, impondo o povo a si proprio de bom grado a finta geral para as fortificações, e os seus braços para os trabalhos pessoaes que as circumstancias pediam: e por isso foi geral o pranto de sentimento pela sua morte. Elle deixou a sua imagem e semelhança em Agostinho Barbalho Bezerra, o bravo debellador dos corsarios que infestavam as Costas, tendo logar distincto na apotheose entre os seus patricios pelas suas virtudes, valor, generosidade e acertos nos negocios; serviu tambem de Administrador Geral das Minas, e por seus bons serviços obteve Alvará de Commenda.

§ 5°

Mereceu honrosa recordação Francisco Sodré Pereira, Coronel de Infantaria, o qual por Alvará dado em 1656, teve a Administração Geral das minas, e uma carta de pensão. Foi amado e respeitado Gregorio de Castro Moraes, por serviços de muita consideração, pelos quaes se lhe concedeu por uma vida Alvará de Commenda, declarando-se n'elle ser Fidalgo da Casa Real, Sargento-Mór de Batalha, e haver governado por vezes a Capitania; e passou a seu filho Francisco da Costa a mercê da Commenda por Alvará de 9 de Dezembro de 1681. Serviu tambem com muita distincção e honra Francisco Frazão de S. Miguel, Capitão-Mór da Frota em 1639, e por seus reconhecidos bons serviços se teve em consideração dar-se ao filho Pedro Homem Albernas, a Administração da Jurisdicção Ecclesiastica d'esta nova Diocese.

§ 6°

Foram bem vistos, e de muita importancia os serviços de Pero de Souza Pereira, natural de Anvers, Capitão-Mór da Frota em 1637, e que voltou ao Rio em 1640, Provedor da Fazenda Real, Administrador das minas, succedendo-lhe seu filho do mesmo nome, com a promessa de uma commenda em remuneração dos serviços de seu Pai.

Tinham sido reconhecidos benemeritos da patria Sebastião de Brito e Castro, Fidalgo da Casa Real, filho de Antonio de Brito e Castro, natural d'esta Cidade, Capitão de Infanteria. Thomé Corrêa Vasques, filho de Martim Vasques, Sargento-Mór d'esta Cidade, condecorado com a mercê do habito, dizendo-se n'ella pelo desempenho das mais arriscadas diligencias de que deu bôa conta. Bento do Amaral foi mui bravo contra os Francezes, como generoso e intrepido na defensão da Cidade, merecendo pelo seu valor e patriotismo não só saudosa memoria, mas que El-Rei D. João V, em Carta Regia de 7 de Abril de 1702, mandasse ao Governador que agradecesse aos seus herdeiros, os distinctos serviços que fizera, pois que os mesmos seus inimigos o recommendaram com expressões de honra á posteridade. Custodio da Silveira Villa-Lobos, natural d'esta mesma Cidade do Rio, illustrou e defendeu o seu paiz por acções brilhantes, serviu com muita satisfação na Junta do Commercio de Lisboa, desde a éra de 1675, até 24 de Maio de 1704; debellou os piratas da Costa, que desembarcavam e saltavam n'ella; serviu em Cabo Frio em 1670 de Capitão da Nobreza na Guarda Costa do Rio.

Fez-se digno de louvor Sebastião de Góes de Araujo, natural da Bahia, filho de Gaspar de Goes de Araujo, pois foi elevado por acções militares a Coronel da Infantaria n'este Rio de Janeiro em 1705. Não são menos dignos de sensivel recordação os serviços de João Pimenta de Carvalho, fidalgo da Casa Real, natural d'esta cidade, porquanto sendo consultados os seus muitos serviços militares em 8 de Abril de 1647 lhe foi julgado merecer a graça do habito de Christo. Teve Ignacio Gago da Camara, moço fidalgo, em attenção aos seus bons serviços militares, a

mercê do habito de Christo, por consulta de 16 de Fevereiro de 1650.

§ 7°

Em honrosa memoria dos muitos excellentes servidores do Estado, juntamente se fez credor Fernão Dias Paes Leme, fidalgo da Casa Real, natural de S. Paulo, o qual foi governador da tropa da jornada das esmeraldas que descobriu á sua custa, arrostando-se intrepido aos maiores perigos. Elle foi o descobridor, não só d'aquellas tão apetecidas minas no sertão de Maxapós, mas das de ouro; venceu aos indigenas que lhe impediam o passo: com incrivel celeridade correu a cordilhera das montanhas, e tocou as margens do Uruguay que passou além d'aquelle rio em companhia de Mathias Cardozo de Almeida, e dos Guayanazes que domesticou no sertão de Tibagy, que desagua no Rio da Prata acima do Uruguay: o seu primogenito Garcia Rodrigues, companheiro dos seus trabalhos e arduas emprezas, em razão do seu fallecimento, apresentou as amostras dos mais ricos descobrimentos, que muito honraram as suas pesquisações nos exames da serra de Sabarabussú. Elle fez á sua custa a estrada das minas para a marinha. Foi guarda-mór d'ellas trinta annos. Deu em 16 de Janeiro de 1708, conta do estado d'aquellas ricas possessões; com um projecto de melhoramento, que lhe foi louvado o zelo por Carta Regia de 14 de Julho de 1709, e de ficar em lembrança os seus serviços; sua illustre consorte D. Maria Pinheiro, vendo que seu marido estava ausente, e que o Ouvidor do Rio deixára em desamparo os cofres reaes na serra do Mar, pela invasão dos Francezes, por terem fugido os que o acompanharam, enviou seu filho Fernão Dias Paes com vinte e seis Indios e escravos, para pôr a salvo o Thesouro Real na Parahyba, e fez reforçar a segurança da conducção por uma tropa de indigenas que tinham o nome de Poris, armados; despediu em soccorro da cidade, e á sua custa reenviou os mesmos cofres reaes para a cidade depois da evacuação dos Francezes; soccorreu as tropas do Governador das minas Antonio de Albuquerque,

com mantimentos e escravos para conducção de bagagens; e com a mais completa generosidade sustentou por mais de sete mezes as tropas levantadas por D. Lourenço de Almeida, para a fundação de Montevidéo, detidas na Parahyba por ordem do Governador Ayres de Saldanha, praticando igualmente assim quando foi reenviada a tropa do pé da Serra para o Parahyba, e fez então Garcia Rodrigues até os quarteis á sua custa para que ficasse aquella bem accommodada. Assistiu com canoas e escravos ao trafico das passagens dos dous rios Parahyba e Parahybuna, cobrando os reditos para a Fazenda Real, até o anno de 1734. A elle lhe foram commettidas todas as diligencias de maior importancia pela bôa satisfação que dava; levantou á sua custa uma villa na Parahyba; mereceram por isso da Justiça do Throno terem os seus filhos, e successores Pedro Dias Paes Leme, e seu neto Pedro Dias as recompensas condignas do fôro, Commenda, Alcadaria-mór da Bahia, Guarda-mór das Minas, e um Padrão de Tença de 2:000$, conservando-se até o presente com muita honra esta nobre familia, até seu neto com fortuna de bom nome, e respeito para com os seus cidadãos.

§ 8°

Deve ser lembrado e levado com enthusiasmo á posteridade, a sempre leal e memoravel conducta do paulista Amador Bueno, que recusou ser acclamado Rei, com nobre indignação bradando por entre a multidão com a espada na mão: Viva El-Rei D. João IV nosso Rei e Senhor, por quem darei a vida. Elle transmittiu á sua linhagem as suas virtudes mais esclarecidas, que seu filho Manoel Bueno da Fonseca, sendo Capitão e Governador da nobreza, teve a mercê do habito de Christo, com 12$ rs. de tença, em 20 de Novembro de 1704. Merece muitos louvores Domingos da Silva Bueno, que foi Guarda-mór das Minas-Geraes, e por Carta Régia de 9 de Dezembro de 1701 lhe foram agradecidos os seus bons serviços, pelos quaes se patenteavam os grandes redditos das Minas, dizendo o Rei que esperava que continuasse a obrar tão dignamente para folgar de lhe fazer mercê, segundo a occasião permittisse.

§ 9º

E' lembrada com summa veneração a conducta de José de Andrade Souto Maior, natural d'esta cidade do Rio de Janeiro, abonado tão honorificamente pelo Governador Francisco de Castro e Moraes, em 4 de Outubro de 1710, quando entrando cinco navios e uma bomborda franceza para invadir esta cidade, desembarcando a gente hostil na enseada da Guaratiba, alli elle reuniu a sua força e de lá partiu para a cidade, e com denodado valor com seus escravos se offereceu ao Governador ir á sua custa impedir o passo do inimigo, solicitando licença para ajuntar gente do seu engenho e circumvisinhança, como conseguiu destroçar a muitos dos inimigos, torcendo os caminhos communs, descendo serras pela parte da Camorim; e tornando a offerecer os seus serviços foi-se ajuntar á companhia do mestre de campo Gregorio de Castro Moraes, sendo o terceiro que pelejou com o inimigo na rua Direita da cidade, onde ficaram prisioneiros, municiando a sua gente de polvora e bala, e animando-a para conseguir, como se effectuou, a victoria. D'esta illustre varonia existem os filhos do Coronel Ignacio de Andrade Souto Maior, irmão do Bispo Conde D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, um dos maiores e politicos sabios da nação, e o mais distincto entre os Bispos da Igreja, Reitor e reformador da Universidade de Coimbra, irmão do insigne e sempre respeitavel senador do paço e procurador da corôa João Pereira Ramos; e hoje o primogenito d'aquelle Ignacio de Andrade, goza da dignidade de Barão.

§ 10

Os Teixeiras Tibáos, do Rio de Janeiro, são familias mui distinctas, que seus passados tiveram o fôro, d'ella vem o thesoureiro mór Ignacio de Oliveira Vargas e José da Fonseca Rangel, e seu irmão, filhos João Corrêa Salema e D. Ignacia da Costa, netos pela parte paterna de Gonçalo Teixeira Tibáo, descendente do referido João Corrêa Salema, moradores em Macacú. Entre os Sodrés temos

Antonio de Macedo Viegas, que vivia em Tapacorá, filho de Duarte Sodré Pereira, moço fidalgo, por alvará de 24 de Janeiro de 1686. Lourenço Sodré Pereira, filho de Antonio de Macedo Viegas, e sua mulher D. Jeronyma Micaela, netos de Duarte Sodré, moço fidalgo. Antonio de Macedo Viegas, José Pereira Sodré, filhos de Antonio de Macedo Viegas. Francisco Sodré Pereira, casado com sua tia D. Ignacia Sodré, filho do Sargento-Mór Francisco Sodré Pereira, e de sua mulher D. Guiomar de Sousa, neto paterno de Duarte Sodré Pereira, moço fidalgo. Francisco Sodré Pereira, filho de Manoel Pereira Sodré, e D. Joanna de Araujo, neto paterno do referido Duarte Sodré Pereira. Francisco Sodré Pereira, Manoel Pereira Sodré, filhos de José Pereira Sodré e D. Pascoa, netos do Coronel Francisco Sodré Pereira, moço fidalgo.

§ 11°

São familias tambem distinctas de nobreza e serviços os filhos do Coronel Jorge de Lemos Paradiz, os do Alferes Amador de Lemos, os do Capitão João de Souza Coutinho de Amorim, os de Leandro Antonio Azedias Sardinha, os de Francisco Sodré Pereira e D. Joanna Sodré Pereira, sua tia; e os de Ignacio Sodré, e de seu primeiro marido Antonio Ferrão de Castro Branco; os de Manoel Sodré Quintanilha; os de José Pereira Sodré e sua mulher D. Maria de Souza; os de Ignacio Corrêa da Silva, e D. Izabel de Mariz, filha de Domingos Rodrigues de Faria; os de Manoel Pereira Sodré e D. Joanna de Araujo; os de Francisco Tavares França, netos de Agostinho de Lemos Rangel; os de Francisco Pereira Sodré, e D. Pascoa; os de D. Antonia, filha de Francisco de Araujo, senhor do engenho do Mato; os de Francisco Xavier Fagundes; os de João José de Barcellos Coutinho; os de Manoel Pereira Ramos, Paî dos Illms. João Pereira Ramos, Desembargador do Paço, e do Bispo de Coimbra, e de Clemente Pereira Ramos, nomeado Governador e Capitão General do Maranhão; os filhos de Marcos de Azeredo Coutinho, dos Campos; os de Francisco Martins Coutinho Delgado; os de Domingos de Azeredo Coutinho com Varonia Cabraes

e Tavora, os de Antonio de Sá Freire; os de João de Araujo Vargas; os de Francisco Moniz de Albuquerque, os de Manoel Fradique de Souza, Luiz Barboza de Sá; os descendentes de Fernando Dias, e descendencia de Garcia Rodrigues; os de Fernão Cabral de Mello; os de Antonio Bernardo de Proença Coutinho; os de Francisco Xavier de Azeredo Coutinho, Varonia de Azeredos; os de Cosme de Azeredo Coutinho, Varonia de Corrêas da Silva Rangeis; os de Manoel Antunes de Azeredo Coutinho, Varonia de Azeredos; os de Estevam Rangel de Azeredo, Irmão de Marcos de Azeredo; os de José da Fonseca Rangel; os de Manoel de Souza Barreto, seu cunhado Miguel Rangel de Souza Coutinho, e sua mulher D. Helena Francisca Coutinho; os do Coronel Francisco do Amaral Coutinho; os de Antonio Caetano Pinto; os do Provedor que foi da Fazenda Real, Bartholomeu Cordovil de Cerqueira e Mello, seu primo; os de Simão Barboza Barreto de Menezes; os de Bartholomeu Bahia Monteiro; os de Francisco Viegas Leitão de Souza, e sua primeira mulher: os de Francisco de Macedo Viegas, Guarda-mór da Alfandega; os de Felix de Souza Coutinho; os de Martim Corrêa, genro de Manoel de Souza Falleiro; os de Antonio de Escovar Barreto; os de Antonio da Fonseca Vasconcellos; os de Antonio de Sampaio; os de Ignacio Peixoto de Albuquerque; os de Francisco Sodré de Albuquerque; os de Miguel de Azedias Valladão, netos de Anna de Azeredo; os de Thomé Felix de Souza Coutinho; os de João Pimenta de Menezes; os de Luiz Gago da Camara da Silveira Viegas; os de Luiz Gago Machado; os de Manoel Paes Ferreira, netos de Domingos Arios de Aguirre. De todos estes existem titulos honorificos de nobreza conhecida, de grandes serviços á Patria e ao Throno; a gratidão Fluminense consagrará a memoria de tão illustres cidadãos, cujas notabilidades ennobreceram a sua Patria. A nobreza é o capitel do edificio da civilisação, pelos estimulos á virtude, e acções gloriosas que produziram.

CARTA

Que o padre Manoel da Nobrega, Preposito Provincial da Companhia deJesus, em o Brasil, escreveu ao Padre Mestre Simão o anno de 1549.

(MS. copiado da Livraria Publica)

A graça e amor de Nosso Senhor Jesus Christo seja sempre em nosso favor e ajuda—Amen. Sómente darei conta a V. Revm. da nossa chegada a esta terra, e do que n'ella fizemos e esperamos fazer em o Senhor Nosso, deixando os fervores de nossa prospera viagem aos irmãos,que mais em particular a notaram.

Chegamos a esta Bahia a 29 dias do mez de Março de 1549. Andamos na viagem oito semanas. Achamos a terra de paz, e quarenta ou cincoenta moradores na povoação que antes era. Receberam-nos com grande alegria. E achamos uma maneira de igreja junto da qual logo nos aposentamos os Padres e Irmãos em umas casas a par d'ella,que não foi pouca consolação para nós para dizermos missas e confessarmos. E n'isso nos occupamos agora. Confessa-se toda gente da armada, digo, a que vinha nos outros navios. Porque os nossos determinamos de os confessar na nau. O primeiro domingo que dissemos missa foi a 4ª dominga da quadragesima. Disse eu missa cedo, e todos os Padres e Irmãos confirmamos os votos que tinhamos feito, e outros de novo com muita devoção e conhecimento de Nosso Senhor, segundo pelo exterior é licito conhecer. Eu prego ao Governador e á sua gente na nova cidade que se começa, e o Padre Navarro a gente da terra. Espero em Nosso Senhor fazer-se fruito, posto que a gente da terra vive toda em peccado mortal. E não ha nenhum que deixe de ter muitas negras, das quaes estão cheios de filhos, e é grande mal. Nenhum d'elles se vem confessar, ainda queira Nosso Senhor que o façam depois. O Irmão Vicente, rijo ensina a doutrina aos meninos cada dia, e tambem tem escola de

lêr e escrever; parece-me bom modo este para trazer os Indios d'esta terra, os quaes têm grandes desejos de aprender, e, perguntados se querem, mostram grandes desejos. D'esta maneira ir-lhes-hei ensinando as orações e doutrinando-os na fé até serem habeis para o baptismo. Todos estes que tratam comnosco, dizem que querem ser como nós, senão que não têm com que se cubram como nós. E este só inconveniente têm. Se ouvem tanger á missa já acodem, e quanto nos vêm fazer, tudo fazem, assentam-se de giolhos, batem nos peitos, levantam as mãos ao céo. E já um dos principaes d'elles aprende a lêr, e toma lição cada dia com grande cuidado, e em dous dias soube o a, b, c, todo, e o ensinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser christão, e não comer carne humana nem ter mais de uma mulher, e outras cousas, sómente que ha de ir á guerra, e os que captivar, vendel-os e servir-se d'elles. Porque estes d'esta terra sempre têm guerra com outros, e assim andam todos em discordia, comem-se uns aos outros, digo, os contrarios. E' gente que nenhum conhecimento tem de Deus. Sem idolos, fazem tudo quanto lhes dizem. Trabalhamos de saber a lingua d'elles, e n'isto o padre Navarro nos leva a vantagem a todos. Temos determinado ir viver com as aldêas como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a lingua, e ir-lhes doutrinando pouco a pouco. Trabalhei por tirar em sua lingua as orações e algumas praticas de Nosso Senhor, e não posso achar lingua que m'o saiba dizer porque são elles tão brutos que nem vocabulos têm. Espero de os tirar o melhor que puder com um homem que n'esta terra se creou de moço, o qual agora anda mui occupado em o que o Governador lhe manda, e não está aqui. Este homem com um seu genro é o que mais confirma as pazes com esta gente, por serem elles seus amigos antigos. Tambem achamos um principal d'elles já christão baptisado, o qual, me disseram, que muitas vezes o pedira; e por isso está mal com todos seus parentes. Um dia, achando-me eu perto d'elle, deu uma bofetada grande a um dos seus por lhe dizer mal de nós, ou outra cousa semelhante. Anda muito fervente e grande nosso amigo. Demos-lhe um barrete vermelho que nos ficou do mar e umas

calças. Traz-nos peixe e outras cousas da terra com grande amor. Não tem ainda noticia de nossa fé, ensinamos-lh'a. Madruga muito cedo a tomar lição, e depois vai aos moços a ajudal-os ás obras. Este diz, que fará christãos a seus irmãos e mulheres, e quantos puder. Espero em o Senhor que este ha de ser um grande meio e exemplo para todos os outros, os quaes lhe vão já tendo grande inveja por verem os mimos e favores que lhes fazemos. Um dia comeu comnosco á mesa perante dez ou onze, ou mais, dos seus, os quaes se espantaram do favor que lhe davamos; parece-me que não podemos deixar de dar a roupa que trouxemos a estes que querem ser christãos, repartindo-lh'a até ficarmos todos iguaes com elles, ao menos por não escandalisar aos meus Irmãos de Coimbra se souberem que por falta de algumas ceroulas deixa uma alma de ser christã e conhecer a seu Creador e Senhor, e dar-lhe gloria. *Ego pro mi in tanto positus igne charitatis non cremor*. Certo o Senhor quer ser conhecido d'estas gentes e communicar com elles os thesouros dos merecimentos da sua paixão *sicut aliquem té audivi prophetantem*. E portanto, *mi per compelle multas intrare naves et venire ad hanc, quam plantat Dominus vineam suam*. Lá não são necessarias letras mais que para entre os christãos nossos, porém virtude e zelo da honra de Nosso Senhor é cá mui necessario. O Padre Leonardo Nunes mando aos Ilheos e Porto Seguro, a confessar aquella gente que tem nome de christãos, porque me disseram de lá muitas miserias, e assim a saber o fruito que na terra se póde fazer. Elle escreverá a V. Revm. de cá largo. Leva por companheiro a Diogo Jacome para ensinar a doutrina aos meninos, o que elle sabe bem fazer. Eu o fiz já ensaiar na nau, é um bom filho. Nós todos tres confessaremos esta gente, e depois espero que irá um de nós a uma povoação grande, das maiores e melhores d'esta terra, que se chama Pernambuco, e assim em muitas partes apresentaremos e convidaremos com o crucificado. Esta me parece agora a maior empreza de todas, segundo vejo a gente docil. Sómente temo o mau exemplo que o nosso Christianismo lhes dá, porque ha homens que ha nove e dez annos que se não confessam. E parece-me que põem a felicidade em ter muitas mulheres.

Dos sacerdotes ouço cousas feias. Parece-me que devia V. Revm. de lembrar a S.A. um Vigario Geral, porque sei que mais moverá o temor da justiça que o amor do Senhor. E não ha oleos para ungir nem para baptizar, faça-os V. Revm. vir no primeiro navio; e parece-me que os havia de trazer um Padre dos nossos. Tambem me parece que Mestre João aproveitaria cá muito, porque a sua lingua é semelhante a esta, e mais aproveitar-nos-hemos cá da sua theologia. A terra cá achamol-a bôa e sãa. Todos estamos de saude, Deus seja louvado, mais sãos do que partimos. As mais novas da terra e da nossa Cidade os Irmãos escreverão largo, e eu tambem pelas naus quando partirem. Crie V. Revm. muitos filhos para cá que todos são necessarios. Eu um bem acho n'esta terra que não ajudará pouco a permanecerem depois na fé, que é ser a terra grossa. E todos tem bem o que hão mister, e a necesidade lhes não fará prejuizo algum. Estão espantados de ver a magestade com que entramos e estamos, e temem-nos muito, o que tambem ajuda. Muito ha que dizer d'esta terra; mas, deixo-o ao commento dos Charissimos Irmãos. O Governador é escolhido de Deus para isto, faz tudo com muito tento e siso. Nosso Senhor o conservará para reger este seu povo de Israel.—*Tu autem per ora pro omnibus et presertim pro filiis quos enutristi.* — Lance-nos a todos a bençam de Christo Jesu Dulcissimo. D'esta Bahia, 1549.

Manoel da Nobrega.

CARTA

Do Padre Nobrega para o Padre Mestre Simão, do anno de 1549.

A graça e amor de Christo Nosso Senhor seja sempre em nosso favor. —Amen.

Depois de ter escripto a V. Revm. posto que brevemente, segundo meus desejos, succedeu não se partir a caravella, e deu-me logar para fazer esta, e tornar-lhe a encommendar as necessidades da terra, e o apparelho que tem para se muitos converterem. E certo é muito necessario haver homens *qui quærunt Jesum Christum solum crucifixum*. Cá ha clerigos, mais é a escoria que de lá vem.—*Omnes quærunt quæ sua sunt.* Não se devia consentir embarcar sacerdote sem ser sua vida muito approvada, porque estes destruem quanto se edifica.—*sed mitte pater filios tuos in Domino nutritos fratres meos, ut in omnem hanc terram exeat sonus eorum*. Hontem, que foi Domingo de Ramos, apresentei ao Governador um para se baptisar depois de doutrinado, o qual era o maior contrario que os Christãos té agora tiveram, recebeu com amor. Espero em Nosso Senhor de se fazer muito fruito. Tambem me contou pessoa fidedigna que as raizes de que cá se faz o pão que S. Thomé as deu, porque cá não tinham pão nenhum. E isto se sabe da fama que anda entre elles, *quia patres eorum nuntiaverunt eis*. Estão d'aqui perto umas pisadas figuradas em uma rocha, que todos dizem serem suas. Como tivermos mais vagar havemol-as de ir vêr. Estão estes negros mui espantados de nossos Officios Divinos. Estão na Igreja sem lhes ninguem ensinar mais devotos que os nossos Christãos. Finalmente perdem-se á mingoa.—*Mitte igitur operarios quia jam satis alba est messis*. O Governador nos tem escolhido um bom valle para nós, parece-me que teremos agua, e assim m'o dizem todos. Aqui deviamos de fazer nosso valhacouto, e d'aqui combater

todas as outras partes. Ha cá muita necessidade de Vigario Geral para que elle com temer, e nós com amor procedendo, se busque a gloria do Senhor. O mais verá pelas cartas dos Irmãos. — *Vale semper in Domino mi pr. Et benedic nos omnes in Christo Jesu.* — Da Bahia 1549.

Manoel da Nobrega.

CARTA

Que o Padre Manoel da Nobrega, Companhia de Jesus em as terras do Brasil, escreveu ao Padre Mestre Simão, Preposito Provincial da dita Companhia em Portugal no anno de 1549.

(Copia do MS. da Bibliotheca)

A graça e amor de Nosso Senhor Jesu Christo seja sempre em nosso favor. — Amen.

Pela primeira via escrevi a V. Revm. e aos Irmãos largo, e agora tornarei a repetir algumas cousas, ao menos em somma, porque o portador d'esta, como testemunha de vista, me escusará de me alargar muito; e algumas cousas mais se poderão vêr pela carta que escrevo ao Doutor Navarro. N'esta terra ha um grande peccado, que é terem os homens quasi todos suas negras por mancebas, e outras livres, que pedem aos negros por mulheres, segundo o costume da terra, quo é terem muitas mulheres. E estas deixam-as quando lhes apraz, o que é grande escandalo para a nova Igreja que o Senhor quer fundar. Todos se me escusam que não têm mulheres com que casem. E conheço eu que casariam se achassem com quem; em tanto que uma mulher, ama de um homem casado, que veiu n'esta armada, pelejavam sobre ella a quem a haveria por mulher. E uma escrava do Governador lhe pediam por mulher, e diziam que lh'a queriam forrar. Parece-me cousa mui conveniente mandar S. A. algumas mulheres que lá tem pouco remedio de casamento a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casarão todas mui bem, comtanto que não sejam taes que de todo tenham perdido a vergonha a Deus e ao mundo. E digo que todas casarão muito bem, porque é terra muito grossa e larga, e uma planta que se faz uma vez dura dez annos aquella novidade, porque assim como vão apanhando as raizes plantam logo os ramos, e logo arrebentam. De maneira

que logo as mulheres teriam remedio de vida, e estes homens remediariam suas almas, e facilmente se povoaria a terra. E estes amancebados tenho admoestado por vezes, assim em pregações em geral, como em particular. E uns se casam com algumas mulheres, se se acham; outros com as mesmas negras, e outros pedem tempo para venderem as negras, ou se casarem. De maneira que todos, gloria ao Senhor, se põem em algum bom meio: sómente um que veiu n'esta armada, o qual como chegou logo tomou uma India Gentia, pedindo-a a seu pai, fazendo-a christã, porque este é o costume dos Portuguezes d'esta terra, e cuidam n'isto — *obsequium se prestare Deo*, porque dizem não ser peccado tão grande, não olhando a grande irreverencia que se faz ao Sacramento do Baptismo. E este amancebado não dando por muitas admoestações que lhe tinha feito, se pôz a permanecer com ella, o qual eu amostrei no pulpito que dentro d'aquella semana a deitasse fóra, sob pena de lhe prohibir o ingresso da Igreja; o que fiz por ser peccado mui notorio, e escandaloso, e elle pessoa de quem se esperava outra cousa. E muitos tomavam occasião de tomarem outras. O que tudo Nosso Senhor remediou com isto que lhe fiz. Porque logo a deitou de casa, e os outros que o tinham imitado no mal, o imitaram tambem n'isto, que botaram tambem as suas, antes que mais se soubesse. E agora ficou grande meu amigo. Agora ninguem de que se presuma mal merca estas escravas. N'este officio me metti em absencia do Vigario Geral, parecendo-me que em cousas de tanta necessidade, Nosso Senhor me dava cuidado d'estas ovelhas. Alguns blasphemadores publicos do nome do Senhor havia, os quaes admoestamos por vezes em os sermões lendo-lhes as penas do direito, e admoestando ao Ouvidor Geral que attentasse por isso. Gloria ao Senhor, vai-se já perdendo este mau costume. E se acontece cahir algum pelo mau costume, vem-se a mim pedir-me penitencia. N'estes termos está esta gente. Agora temo que, vindo o Vigario Geral, que já é chegado a uma povoação aqui perto, se ousem alargar mais. Eu ladrarei quanto puder.

Escrevi a V. R. acerca dos saltos que se fazem n'esta terra, e de maravilha se acha cá escravo que não fôsse

tomado de salto ; e é d'esta maneira que fazem pazes com os negros para lhe trazerem a vender o que tem, e por engano enchem os navios d'elles, e fogem com elles ; e alguns dizem que o podem fazer por os negros terem já feito mal aos Christãos. O que posto que seja assi, foi depois de terem muitos escandalos recebidos de nós. De maravilha se achará cá terra onde os Christãos não fossem causa da guerra e dissensão, e tanto que n'esta Bahia, que é tido por um gentio dos peiores de todos, se levantou a guerra por Christãos. Porque um Padre, por lhe um principal d'estes negros não dar o que lhe pedia, lhe lançou a morte, no que tanto imaginou que morreu, e mandou aos filhos que o vingassem. De maneira que os primeiros escandalos são por causa dos Christãos : e certo que, deixando os máos costumes que eram de seus avós, em muitas cousas fazem a vantagem aos Christãos, porque melhor moralmente vivem, e guardam melhor a lei da natureza. Alguns d'estes escravos me parece que seria bom juntal-os e tornal-os á sua terra, e ficar cá um dos nossos para os ensinar, porque por aqui se ordenaria grande entrada com todo este gentio. Entre outros saltos que n'esta costa são feitos, um se fez ha dous annos muito cruel, que foi irem uns navios a um gentio, que chamam os Chaçios, que estão além de S. Vicente; o qual todos dizem que é o melhor gentio d'esta costa, e mais apparelhado para se fazer fruito. Elle sómente tem 200 leguas de terra ; entre elles estavam convertidos e baptisados muitos. Morreu um d'estes clerigos ; e ficou o outro, e proseguiu o fruito ; foram alli têr estes navios que digo, e tomaram o padre dentro em um dos navios com outros que com elle vinham, e levantaram as velas : os outros que ficaram em terra vieram em páos a borda do navio que levassem embora os negros, e que deixassem o seu padre ; e por não quererem os dos navios, tornaram a dizer que, pois levavam o seu padre, que levassem tambem a elles ; e logo os recolheram e os trouxeram, e o padre puzeram em terra ; e os negros desembarcaram em uma capitania, para venderem alguns d'elles, e todos se acolheram á Igreja, dizendo que eram Chistãos, e que sabiam as orações, e ajudar a missa pedindo misericordia. Não lhes valeu, mas foram

41

tirados e vendidos pelas capitanias d'esta costa. Agora me dizem que é lá ido o padre a fazer queixumes. D'elle poderá saber mais largo o que possa. Agora temos assentado com o Governador, que nos mande dar estes negros, para os tornarmos ás suas terras, e ficar lá Leonardo Nunes para os ensinar.

Desejo muito que S. A. encommendasse isto muito ao Governador, digo que mandasse provisão para que entregasse todos os escravos salteados, para os tornarmos á sua terra, e que por parte da justiça se saiba e se tire a limpo, posto que não haja parte, pois d'isto depende tanto a paz e conversão d'este gentio. E V. Revm. não seja avarento d'esses irmãos, e mande muitos para soccorrerem a tantas e tão grandes necessidades, que se perdem estas almas á mingua, *petente panem et non est qui frangat eis*. Lá bem bastam tantos religiosos e pregadores, muitos Moisés e Prophetas ha lá. Esta terra é nossa empresa, e o mais gentio do mundo. Não deixe lá V. Revm. mais que uns poucos para aprender, os mais venham. Tudo cá é miseria quanto se faz. Quando muito ganham-se cem almas, posto que corram todo o reino : cá é grande manchèa. Será cousa muito conveniente haver do Papa ao menos os poderes que temos do Nuncio e outros maiores ; e poderemos levantar altar em qualquer parte, porque os do Nuncio não são perpetuos. E assim que nos cometta seus poderes acerca d'estes saltos para podermos commutar algumas restituições, e quietar consciencias e ameaços que cada dia acontecem. E assi tambem que as leis positivas não obriguem ainda este gentio, até que vão aprendendo de nós por tempo, .s., jejuar, confessar cada anno, e outras cousas semelhantes ; e assi tambem outras graças e indulgencias, e a bulla do Santissimo Sacramento para esta cidade da Bahia, e que se possa communicar a todas as partes d'esta costa, e o mais que a V. Revm. parecer. E' muito necessario cá um Bispo para consagrar oleos para os baptisados e doentes, e tambem para confirmar os Christãos que se baptisam, ou ao menos um Vigario Geral, para castigar e emendar grandes males, que assi no ecclesiastico, como no secular se commettem n'esta costa, porque os seculares tomam exemplo dos sacerdotes, e o gentio de todos, e

tem-se cá que o vicio da carne que não é peccado, como não é notavelmente grande, e consente a heresia que se reprova na Igreja de Deus—*quod est delendum*. Os oleos que mandamos pedir nos mande. E vindo Bispo, não seja dos — *quærunt sua, sed quod Jesu Christi*. Venha para trabalhar e não para ganhar.

Eu trabalhei por escolher um bom logar para o nosso collegio dentro na cerca, e sómente achei um que lá vai por mostra a S. A. I., o qual tem muitos inconvenientes, porque fica muito junto da Sé, e duas Igrejas juntas não é bom; e é pequeno, porque onde se ha de fazer a casa não tem mais que 10 braças, posto que tenha ao comprido da costa 40, e não tem onde se possa fazer horta, nem outra cousa, por ser tudo costa mui ingreme, e com muita sujeição da cidade. E portanto a todos nos parece muito melhor um teso que está logo além da cerca, para a parte d'onde se ha de estender a cidade, de maneira que antes de muitos annos podemos ficar no meio, ou pouco menos da gente, e está logo ahi uma aldêa perto, onde nós começamos a baptizar, em a qual já temos o nossa habitação. Está sobre o mar, tem agua ao redor do collegio, e dentro d'elle tem muito logar para hortas e pomares. E' perto dos Christãos, assi velhos como novos. Sómente me põe um inconveniente o Governador, não ficar dentro na cidade, e poder haver guerra com o gentio, o que me parece que não convence, porque os que hão de estar no collegio hão de ser filhos de todo este gentio, que nós não temos necessidade de casa. E posto que haja guerra não lhes póde fazer mal: e quando agora nós andamos, lá dormimos e comemos, que é tempo de mais temor, e nos parece que estamos seguros, quanto mais depois que a terra mais se povoar. Quanto mais que primeiro hão de fazer mal nos engenhos, que hão de estar entre elles e nós, e quando o mal fôr muito, tudo é recolher á cidade. Mórmente que eu creio que ainda que façam mal a todos, a nós nos guardarão pela affeição que já nos começam a ter; e ainda havendo guerra, me parecia a mim poder estar seguro entre elles n'este começo, quanto mais depois. De maneira que, cá todos somos de opinião que se faça alli. E V. Revm. devia de trabalhar por lhe fazer dar logo principio, pois d'isto resulta

tanta gloria ao Senhor, e proveito a esta terra. A mais custa é fazer a casa, por causa dos officiaes que hão de vir de lá, porque a mantença dos estudantes, ainda que sejam 200, é muito pouco, porque com o terem cinco escravos que plantem mantimentos,e outros que pesquem com barcos e redes, com pouco se manterão; e para se vestir farão um algodoal, que cá ha muito. Os escravos são cá baratos, e os mesmos pais hão de ser cá seus escravos. E' grande obra esta e de pouco custo; nos vindo agora o vigario, nos passamos para lá, por causa dos convertidos, onde estaremos, Vicente Rodrigues, eu e um soldado que se metteu comnosco para servir, e está agora em exercicios, de que eu estou mui contente. Faremos nossa Igreja, onde ensinaremos os nossos novos christãos; e aos domingos e festas visitarei a cidade e pregarei. O Padre Antonio Pires e o Padre Navarro estarão em outras Aldêas longe, onde já lhes fazem casas. E portanto, é necessario V.Revm. mandar officiaes, e hão de vir já com a paga, porquo cá diz o Governador, que ainda que venha alvará de S. A. para nos dar o necessario que não o haverá é para isto. Os officiaes que cá estão tem muito que fazer, e que o não tenham estão com grande saudade do Reino, porque deixam lá suas mulheres e filhos, e não aceitarão a nossa obra depois que cumprirem com S. A. e tambem o trabalho que tem com as viandas e o mais os tira d'isso. Portanto, me parece que haviam de vir de lá, e se possivel fôsse com suas mulheres e filhos, e alguns que façam taipas e carpinteiros. Cá está um mestre para as obras, que é um sobrinho de Luiz Dias, Mestre das obras de El-Rei, o qual veio com trinta mil réis de partido, este não é necessario, porque abasta o tio para as obras de S. A.; a este haviam de dar o cuidado do nosso collegio, é bom official.

Serão cá muito necessarias pessoas que teçam algodão que cá ha muito, e outros officiaes. Trabalhe V.Revm. por virem á esta terra pessoas casadas, porque certo é mal empregada esta terra em degradados, que cá fazem muito mal: e já que cá viessem, havia de ser para andarem afferrolhados nas obras de S. A. Tambem peça V. Revm. algum peditorio para roupa para entretanto cobrirmos estes novos convertidos, ao menos uma camisa á cada mulher

pela honestidade da Religião Christã, porque vêm todos a esta cidade á missa aos Domingos e festas que faz muita devoção, e vêm rezando as orações que lhes ensinamos, e não parece honesto estarem nuas entre os Christãos na Igreja, e quando as ensinamos. E d'isto peço ao Padre Mestre João tome cuidado por elle ser parte na conversão d'estes Gentios, e não fique senhora nem parenta a que não importune para cousa tão santa, e a isto se haviam de applicar todas as restituições que lá se houvessem de fazer, e isto agora sómente no começo, que elles farão algodões para se vestirem ao diante. Os Irmãos todos estão de saude, e fazem o officio a que foram enviados, sómente Antonio Pires se acha mal das pernas, que lhe arrebentaram das maleitas que teve, e não acaba de ser bem são. Leonardo Nunes mandei aos Ilhéos, uma povoação d'aqui perto, onde dá muito exemplo de si, e faz muito fruito, e todos se espantam de sua vida e doutrina: foi com elle Diogo Jacome, que faz muito fruito em ensinar os moços e escravos. Agora pouco ha vieram aqui a consultar-me algumas duvidas, e estiveram aqui por dia do Anjo, onde baptisamns muitos, tivemos missa cantada com Diacono e Sub-Diacono; eu disse missa, e o Padre Navarro a Epistola, outro o Evangelho; Leonardo Nunes e outro clerigo com leigos de bôas vozes regiam o coro; fizemos procissão com grande musica, a que respondiam as trombetas. Ficaram os Indios espantados de tal maneira, que depois pediam ao Padre Navarro, que lhes cantassem assim como na Procissão fazia. Outra Procissão se fez dia de *Corpus Christi* mui solemne, em que jogou toda a artilharia, que estava na cerca, as ruas muito enramadas, houve dansas e invenções á maneira de Portugal. Agora é já partido Leonardo Nunes com Diogo Jacome, e lá me hão de esperar quando eu fôr com o Ouvidor, que irá d'aqui a dous mezes pouco mais ou menos. O Padre Navarro faz muito fruito entre estes Gentios, lá está toda a semana. Vicente Rodrigues tem cuidado de todos baptizados. Antonio Pires e eu estamos mais do tempo na cidade para os Christãos, e não pára mais que até chegar o Vigario. Todos são bons e proveitosos, senão eu que nunca faço nada; e assaz devoção ha, pois meu máo exemplo os não escandalisa.

Temos muita necessidade de baptisterios, porque os que cá vieram não valiam nada, e hão de ser Romanos e Bracharenses, porque os que vieram eram Venezianos; e assim de muitas capas e ornamentos, porque havemos de ter altares em muitas partes, e imagens e crucifixos, e outras cousas similhantes o mais que puder, tudo o que nos mandaram que lá ficava, veiu a muito bom recado. Folgariamos de vêr novas do Congo, mande-no-las V.Revm. A todos estes senhores devemos muito polo muito amor que nos tem, posto que o de alguns seja servil. O Governador nos mostra muita vontade. Pero do Góes nos faz muitas caridades. O Ouvidor Geral é muito virtuoso, e ajuda-nos muito. Não fallo em Antonio Cardoso, que é nosso pai. A todos mande V. Revm. os agradecimentos. Antonio Pires pede a V. Revm. alguma ferramenta de carpinteiro, porque elle é nosso official de tudo. Vicente Rodrigues, porque é Hermitão, pede muitas sementes; o Padre Navarro e eu os livros, que já lá pedi, porque nos fazem muita mingoa para duvidas que cá ha, que todas se perguntam a mim. E todos pedimos sua benção, e ser favorecidos em suas orações com Nosso Senhor. Agora vivemos de maneira que temos disciplina ás sextas feiras, e alguns nos ajudam a disciplinar; é por os que estão em peccado mortal e conversão d'este Gentio, e por as almas do Purgatorio, e o mesmo se diz polas ruas com uma campainha segundas e quartas feiras, assim como nos Ilheus. Temos nossos exames á noute, e ante manhã uma hora de oração, e o mais tempo visitar o proximo e celebrar, e outros serviços da casa. Resta-me pedir que rogue a Nosso Senhor por seus filhos e por mim. *Ut quos dedisti non perdam ex eos quemquam*. Pedimos sua benção. D'esta Bahia a IX de Agosto de 1549.

Manoel da Nobrega.

CARTA

De Pero de Goes para El-Rei. Da Villa da Rainha a 29 *de Abril de* 1554.— *Copiada da Torre do Tombo Corp. Chron. Part.* 1ª, *Maç.* 92., *Doc.* 113.

(Offerecida de Lisbôa ao Instituto pelo socio o Sr. F. A. de Varnhagen.)

Senhor.—eu escrevi a vosa a. lloguo como a esta terra chegamos desta sua cidade do salluador ho Junho passado de quorenta e nove e o avizei de quoão mall aviada esta sua armada ficava pera correr a costa onde então eu hya per mandado do governador tomé de sousa a llevar ho ouvidor gerall e provedor mor e a outras cousas, e o mesmo o fiz lloguo de porto-seguro capitania de pero do campo ho janeiro que veo de cinquoenta e tãobem o fis de saõ vycemte capitania de martim afonso de sousa o julho pasado do mesmo anno, ho que tudo fis mui llarguo por achar muitas novas de franceses e que cadanno carregavaõ muitas naos na costa principallmente na capitania de martim afomso de sousa no Rio deJaneiro onde já se non ousava de ir com elles, como lla pode ver pellas cartas que escrevi a vosa a. e asy ao comde da castanheira, de que os trellados feitos pello escrivaõ darmada ficaõ em minha maõ pera por elles em todo tempo se saber como de mim sempre foy avizado, ho que tudo fis por que como sey a terra e os framceses que a ella vem amdarem tãobem armados e em naos grandes de duzemtos toneis muitas dellas e isto de pouquo pera qua por os portos omde carreguão serem em si os milhores da terra, e o pouquo nojo que esta armada lhe pode fazer da maneira que amda e eu tenho avizado vosa a. nom quis que socedemdo lhe allguma cousa contra seu serviço por ella tall amdar, ou em lhe nom allimpar esta costa que com elles tão suga amda se me pudese por cullpa em nom mamdar avizar do que pasava como ate aguora tenho taõ llarguamente feito, e por qe despoes de todo este tempo nunqua mais vy Requado de vosa a. senaõ

agora despoes de ser tornado a esta baya onde ao presente fiquo nem ouve navio per domde pudese mais escrever o deixei de fazer ate gora qe por esta direi ho que mais socedeo e Responderei ao que por vosa a. nas suas cartas me he mandado.

despoes de ter escrito a vosa a. de saõ vycemte como dito tenho por o ouvidor jerall e provedor mor terem ja acabado seus carregos me parti com elles lloguo ho agosto que veo ja mais de meado e por aver tantas novas de franceses qe nom ouzava nenhum navio sair fora me detriminei ir busquallos com duas caravellas e hum. bargamtim qe della vyeram pera eu qua andar, qe a irem bem consertadas e como ellas Reqeriaõ nom hya tão mall que com a muita rezaõ qe llevava me nom atrevera e deos ajudara a fazer allguma cousa de seu serviço mas da maneira que emtão hya paresia mais desatino que outra cousa poes em toda a armada nom avia mais qe tres bombardeiros em cada caravella e dous no bargamtim e estes aprendizes que nom sabyaõ nada nem nunqua emtravaõ no mar, e marinheiros taõ pouquos qe esquaçamente avia qem pudese marear as vellas e com não mais gemte darmas que os criados dos officiaes de vosa a. qe comiguo hyão e meus, e no bargamtim sos dez ou doze pesoas per todos sem aver qem no pudese Remar, e desta muita doemte e imda que ho governador na baya ma quisera dar nom na tinha por que elle ficava so antre degradados sem ter ninguem com siguo se não os de sua casa, e com esta pouqua gemte que llevava hya tão empachado de fato delles qe me nom podia Revollver nem ir-lhe ha mão por serem taes pesoas e qe tão encomendadas me foram pello guovernador, mas ha fromta de me achar com nome darmada de vosa a. e em terras suas omde se não ouzava sair com franceses me fez ir asim busquallos para dar aos moradores da terra allgum animo e o gentio da terra nos nom ter em pouquo.

asy me fui ao Rio de Janeiro que he omde mais carreguaõ e emtrey de noute por tomar algum navio de supito amanheceo me demtro no Rio sem aver nenhuma nao corrio todo soube dos Ymdeos como na baya do cabo frio estava huma nao gramde carregada detriminei me lloguo ir busqualla asy lloguo o mesmo dia fora em busca da nao que

poderia aver onde estava vymte llegoas nom sei porque mas lloguo na primeira noute se perdeu de mim ha milhor caravella qu llevava e da milhor gemte que era onde hia cristovão cabrall hum capitão qe della mandou, e por ir nella amtonio cardozo provedor mor com todos seus oficiaes que erão criados de vosa a. e gemte llimpa a milhor qe narmada hya a semti muito e em tall tempo, ora fose por ma vegia ora pello mar ter em si estes acontesimentos, trabalhei o possivell pellos achar nom pude nem vyerão a mim e asi so com huma caravella e hum bargamtim me fui em busqua da nao com me parecer que a poderia lla achar, corri toda a baya fremosa que he a do cabo frio e asi a do sallvador sem ver nada mas ja no cabo della ouve vysta de hum guallea͠o framces mui gramde pasante de duzemtos toneis o quoall estava surto amtre huma ilheta e a terra firme comsoma de muitos baixos hem roda delle, pello ver llonge bem tres llegoas de mim e a ball Ravento tyve muito trabalho em chegar a elle e pus hum dia todo e huma noute em chegar a elle e o outro dia todo desde pella menhã ate quasi noute amdei aos bordos pellejamdo com ho gallea͠o por nom poder doutra maneira e me ser o vento por metade da proa trabalhamdo sempre por me por antre elle e a terra sem numqua ho poder fazer pellas muitas baixas que de Redor de si tinha domde em huma dellas me ouvera de perder sem em todo este tempo ter nenhuma ajuda do bargamtim nem poder aviar a proa ha nao pera lhe dar hum tiro nem fazer nenhum bordo por ser a pior cousa de bollina que ate gora sayo deses Reinos e na͠o ter nem hum so omem pera o Remar nem o tempo ser pera iso por ser mui forte mas amtes me estrovava por que descaya tamto que me era forçado aRibar a elle e darlhe cabo por minha popa, de maneira que com isto e com o vemto ser tanto comtra nos nom pude fazer nada nem chegar a este gallea͠o e descaimos tamto que a mall de meu grado nos fez o vemto aRibar e pellejou por elles.

comtar a vosa a. o qe neste tempo qe pellegei pasei he vergonha dizello he muito mor afromta a qem no vyo e pasou porque em todo hum dia em mais de quinze bordos qe fis amdamdo ha falla com os framceses nunqua ouve hum omem que em mais de cimquoemta tiros de fogo pudese

meter hum pellouro demtro semdo o galleaõ huma torre, nem somemte apomtar hum tiro e deziaõ e juravaõ que por força os fizéraõ vir ao brasill e qe em sua vida emtraraõ no mar, nem uzaraõ de bombardeiros, com outras tamtas cousas que he vergonha dizellas, comtado por mim isto a tomé de sousa me dise que imda agora de novo lhe mamdavão de lla dizer que se quisese bombardeiros qe os fizesse qua na terra qe de lla nom fizese comta delles, diguo senhor que se isto asy a de ser que bem seguros podem os framceses vir a esta terra como vem porqe navios taõ pequenos como estes qe naõ saõ nem podem aballRoar os gramdes ja qe a sua gerra ade ser de llomge e por manha aõ mister bombardeiros tão bons em seus oficios que nom errem ao qe tirarem pera que com ou lhe deRibar os mastos ou os desaparelhar os va desbaratamdo e tomem e doutra maneira sem amdar qua navio gramde em companhia destes peqenos he esqusado armada e eu tenho bem llarguo escrito isto a vosa a. por tamto tenho por esqusado fallar ja tamto niso, ella fara o que mais seu serviço for.

fui ter ao esprito santo terra de vasqo fernandes coutinho omde achei a caravella que se de mim apartou premdi ao capitaõ della e ao seu pilloto com fazer hum auto do que pasava estive aqui sinqo ou seis dias por a terra estar quasi perdida com descordias e desvarios dos omeens por nom estar vasqo fernandes nella e ser ido nom sei se lla se omde sayo ho ouvidor fora comsertou tudo, partime ja mui tarde em setembro e quis noso senhor que dobrei os baixos da brolho, e vym ter aos ilheos omde o ouvidor ficou fazemdo correição por nom ter imda dantes acabado e eu me vym a esta baya onde achei tomé de sousa ja desconfiado darmada vir por ser ja tarde e cheguei em outubro, aqui lhe dei comta de tudo ho que pasava e me acomtecera des qe por seu mandado desta cidade parti conformandome sempre com meu Regimento qe per elle me foy dado sabida a verdade do que pasava tirou a caravella ao capitaõ cristovaõ cabrall e a seu pilloto, e a mim ao presente tem aqui servido no que soferece por as caravellas nom terem amarras nem emxarcia nem cousa com que posaõ navegar se nom forem socorridas, porqe as amarras que lhe qua podemos da terra fazer nom saõ boas pera navios

tamanhos senaõ pera estarem em porto isto he ho que ao presemte pasa ate ser tornado a esta baya, noso senhor Jhesu christo acrecemte os dias de vida a vosa a. com os da Rainha e primcipe nosos senhores e o entretenha sempre em seu Reall estado pera seu samto serviço amen. desta sua cidade do sallvador da baya dos samtos oje 29 dabrill de 1551—pero de goees—.

ROTEIRO

Da viagem do Desembargador Henrique da Silva, e do Major de Engenheiros Manuel Cardoso Saldanha, á Serra dos Montes-Altos para o estabelecimento da fabrica do salitre, determinada por ordem Regia de 4 de Junho de 1757, *governando a provincia da Bahia D. Marcos de Noronha, sexto Conde dos Arcos, começada em o dia* 22 *de Maio de* 1758, *da povoação da Moritiba, meia legoa distante da de S. Felix.*

(Offerecido da Bahia ao Instituto pelo seu Socio o Sr. Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.)

	Dias.		Leguas.
Maio	22	De Moritiba ao sitio Aporá — caminho bom	5
—	23	Do Aporá, termo da Cachoeira, ao Genipapo; caminho bom para carros.....	5
—	24	Do Genipapo, termo da villa de Maragogipe, ao Curralinho; caminho povoado e bom..........................	2
—	25	Do Curralinho ao Boqueirão; caminho povoado e capaz de carros..........	4
—	26	Do Boqueirão, termo da Cachoeira, ao sitio da Pedra-Redonda, caminho povoado e capaz de carros.............	5
—	27	Da Pedra-Redonda ao sitio da Boa-Vista; caminho povoado e capaz de carros..	7
—	28	Da Boa-Vista, termo da Cachoeira, ao sitio das Varginhas; caminho povoado e capaz de carros, ficando o rio Paraguassú á direita, estrada de catingas fechadas.............................	7
—	29	Das Varginhas á Rancharia do Concelho; caminho capaz para carros, com quanto fique este sitio entre montes. O Paraguassú dista pouco pela direita, e pela esquerda ficam serras em distancia de meia legua...............	6

			Leguas.
Maio	30	Da Rancharia, termo da Cachoeira, ao sitio dos Tamboris; caminho de campos e catingas capaz para carros; o Paraguassú á direita..................	5 1/2
—	31	Dos Tamboris aos Queimados: caminho bom para carros; o Paraguassú perto Esses dous sitios são do termo da Cachoeira.	5
Junho	1	Dos Queimados ao sitio dos Macacos, costeando o Paraguassú, caminho aspero	5
—	2	Dos Macacos ao sitio Vendinha de Una, o Paraguassú se aparta pouco adiante dos Macacos; sobe-se a serra dos Marcos em distancia de uma legua, tem tres subidas ingremes e quatro descidas, que difficultam a viagem de carros, e continuando a estrada de seis leguas com mata fechada; termo da Cachoeira......................	5 1/2
—	3	Da Vendinha ao sitio dos Morrinhos, estrada pedregosa de catingas e ladeiras, que costeiam a margem direita o rio de Una, difficultando o transito para carros........................	6 1/2
—	4	Dos Morrinhos, termo da Cachoeira, ao sitio de S. João Baptista, perto da serra da Chapada, estrada pedregosa com meia legua de ladeira. Pertencia esse sitio a Manoel José Drummond, que disse poder-se facilmente fazer uma picada pelo rumo d'Oeste para Léste a metter-se na que vem da Moritiba entre os sitios de Palma e Flores abreviado o caminho de 11 leguas: declarou mais que desde a Rancharia do Riacho Secco á cabeça do Touro que são 7 leguas pela estrada commum, se póde abreviar, indireitando a estrada, em 4 leguas. Do Sincorá á villa do Rio de Contas se póde evitar a	

Leguas.

estrada e marcha de um dia, e ganhando-se melhor caminho, sahindo d'aquelle sitio para a villa pelo sitio do Carneiro. Arbitrára a despeza da estrada á Palma e Flores em 200$000. 4

Junho 5 De S. João Baptista, termo da villa do Rio de Contas á Rancharia da Beira do Paraguassúsinho, 5 leguas e meia: a saber: meia legua ate o rio d'Una, uma de subida ao vertice da Serra da Chapada muito ingreme e pedregosa, incapaz de carros; do vertice ao Sincorá legua e meia de melhor caminho, e do Sincorá ao Paraguassúsinho são duas e meia leguas, havendo na ultima meia legua uma mata e no fim d'esta uma declividade para um riacho 5 1/2

— 6 Do Paraguassúsinho segue-se ao Riacho Secco quatro leguas, a saber:— a uma legua está o riacho chamado os Lagos; distante outra legua o sitio Capão da Volta; e depois de duas aquelle sitio do Riacho Secco, havendo antes um taboleiro de pessima descida, de comprimento de um quarto de legua com pedras brandas.............. 4

— 7 Do Riacho Secco á passagem do Rio de Contas Grande, quatro leguas e meia. A' sahida se acha uma trabalhosa descida, cheia de pedras; depois por um quarto de legua a estrada se compõe de subidas e descidas; o resto do caminho é quasi plano, excepto junto ao rio, onde ha uma grande descida para elle.................. 4 1/2

— 8 Da passagem do Rio de Contas á villa são 7 e meia leguas, isto é, tres até o sitio da casa de telha, com bom caminho, antes da qual ha um riacho chamado Ribeirão; d'aqui ao sitio do

		Leguas.
	Tamanduá vão duas leguas, e d'aqui ao do Garrote uma legua de máo caminho com ladeiras de pedras, tendo no fim um riachinho: d'aqui ao sitio dos Crystaes uma legua, e d'esta paragem á villa meia legua..............	7 1/2
	Estas ultimas 4 1/2 são de pessimo caminho.	
Junho 9	Da villa do Rio de Contas á Villa Velha tres leguas, a saber: as duas primeiras de mau caminho de ladeiras asperas, havendo no meio o riacho Bonito: no fim das duas leguas ha outro riacho chamado Passa-Quatro por se passar quatro vezes, cujas aguas são as do Bonito, ao lado direito está um penhasco pelo qual se precipitam as aguas do Rio de Contas Pequeno, fazendo uma grande cachoeira no vertice da serra, as quaes se mettem no Passa-Quatro, e depois de uma legua está a Villa Velha do Rio de Contas, antes da qual e á pouca distancia está um rio que sahe da lagoa Tacoari...	3
— 10	Da Villa Velha ao sitio da Tapera junto ao Morro de S. Sebastião, quatro leguas de planicie e bom caminho, com um riacho ao pé d'esta paragem....	4
— 11	Da Tapera ao sitio da Lagoa de Paulo de Barros seis leguas de caminho de campos e catingas............	6
— 12	D'alli ao sitio chamado Sacco do Mello seis leguas, distando quatro a Lagoa Olhos d'Agua, caminho plano e algumas catingas....................	6
— 13	Do Sacco do Mello ao Hospicio seis leguas; isto é, duas ao sitio do Ambuseiro, duas ao Tocano, e duas ao Hospicio; caminho plano e de catingas	6

		Leguas.
	Ainda até aqui chega o termo da villa do Rio de Contas.	
Junho 14	Do Hospicio aos Poções vão sete leguas, a saber :— meia á passagem do Rio das Rans, e ha duas leguas de mau caminho pelas subidas e descidas, e uma ladeira de meia legua muito ingreme, está o sitio do brejo das Carnaybas, e depois de duas leguas de bom caminho a rancharia dos Poções, que é do termo da villa do Urubú. . .	7
— 15	Dos Poções ao sitio chamado Agua Verde vão cinco leguas ; quatro á fazenda chamada ao Pé da Serra, e uma ao sobredito sitio ; caminho plano com catingas.	5
— 16	De Agua Verde, termo de Urubú, aos Montes-Altos vão cinco leguas de caminho plano e algumas partes de catingas ; achava-se alli na capella de N. S. da Madre de Deos o mestre de campo Pedro Leorino Mariz.	5
	Desde S. Felix até Montes-Altos.	136

Derrota dos Correios da villa da Fortaleza á cidade da Bahia.

	Leguas.
Da villa da Fortaleza á povoação do Cascavel	12
Ao Pirangy	9
Do Pirangy ao Brito.	12
A' villa de S. Bernardo.	7
Da villa de S. Bernardo a S. João.	10
A' villa do Icó.	30
	80

	Leguas.
Transporte	80
Do Icó á povoação de S. Vicente	10
A' povoação da Missão Velha	20
Da Missão Velha á villa da Barra do Jardim, onde finda a provincia do Ceará	10
Da Serra da Bruburema a Santo Antonio	10
A' Terra Nova	11
Da Terra Nova ao Cabrobó á margem do Rio de S. Francisco	9
Ao Ibó	2
Do Ibó á fazenda da Vargem	5
A' de Mucururé	10
D'alli á do Mandacarú	10
D'aqui á Cassimba da Arêa	4
Da Cassimba da Arêa á Terra-chí	14
Da Terra-chí á Santa Cruz	8
De Santa Cruz á povoação de Jeremoabo	6
D'aqui ás Covas dos Defuntos	8
D'aqui á povoação de Cavienza	6
D'aqui á Serra das Almas	5
Da Serra das Almas á Tiririca	5
D'alli ao Rio Itapicurú	6
D'este ao Carrapatinho	6
D'aqui á Catinga	4
Da Catinga aos Nambís	4
D'aqui á villa do Inhambupe	5
D'essa villa á povoação do Subauma	4
Do Subauma á povoação do Catú	6
Do Catú á villa de Santo Amaro	2
De Santo Amaro á Fazenda Grande	3
Da Fazenda Grande á Feira	3
Da Feira á cidade	13
Total	289

Esse correio de ida e volta dizia o Governador gastar 40 dias, e o aviso de 22 do Junho de 1821, de Carlos Frederico de Caula á junta, mandava que ella cooperasse para tal fim.

O itinerario que o mesmo Governador estabeleceu para Piauhy da Fortaleza era o seguinte:

	Leguas.
Da Fortaleza á Monte-mór Novo..........	25
D'alli a Campo Maior....................	24
D'este a S. João do Principe............	41
D'este á Piranha do Piauhy..............	24
De Piranhas a Marvão....................	32
De Marvão á Valença.....................	30
De Valença a cidade de Oeiras...........	20
	196

N. B.—Este itinerario foi marcado pelo Governador do Ceará Francisco Alberto Robim, que pediu ao governo da Bahia estabelecesse uma agencia para o correio em Ilheos e Caravellas, d'onde se encaminhassem as cartas á capital da provincia do Espirito-Santo, na qual elle havia estabelecido iguaes correios para Campos de Goytacazes.

EXTRACTO DAS MEMORIAS

SOBRE O RIO DE JANEIRO, POR MONSENHOR PIZARRO

TOMO VI.—CAPITULO VII

Do assento primeiro da Igreja Cathedral, da sua mudança para outros logares, por motivos justos, que deliberaram a construcção de novo templo

Na Igreja dedicada ao Invicto Martyr S. Sebastião, que o Capitão mór Governador da Provincia, Salvador Corrêa de Sá, fundára no alto Monte de S. Januario, um dos cabeços do denominado Castello, onde teve assento a primeira Matriz da nova cidade Fluminense, ahi se estabeleceu tambem a Igreja Cathedral, e o Corpo Capitular, entrando desde logo os seus respectivos Ministros no exercicio das funcções, e officios ecclesiasticos que lhes competiam, em razão dos seus ministerios. Preferida a planicie á notavel altura do Monte, assim para fundações de edificios, como para facilitar o giro mercantil com providencias promptas, pouco a pouco se reduziu a situação primeira a um deserto; e, alongando-se por isso a residencia dos Ministros da Sé, que, privados das commodidades necessarias ás suas subsistencias, procuraram a vivenda no centro da povoação, foi mais difficil o serviço da Igreja, e consequentemente pouco exacta a pratica dos deveres de cada um dos empregados nos beneficios e cargos annexos da Cathedral.

Despovoado aquelle logar, com facilidade principiaram a apparecer o latrocinio, o sacrilegio, e os demais insultos que sem o menor medo, nem receio das sentinellas, ahi postas de vigia ao Templo, se commetteram repetidas vezes: e para evitar maiores desacatos, deliberou o Rev. Bispo D. Francisco de S. Jeronymo representar a El-Rei os factos anteriormente praticados com tanta impiedade, por carta do anno de 1702, pedindo-lhe ao mesmo a mudança da Sé (em razão da decadencia actual do Templo) para

a Capella de S. José, cuja Irmandade nem obstava, nem defendia o ingresso do Corpo Capitular, como pelo contrario difficultavam os militares do Terço Velho da Praça, recusando o uso da Igreja de Santa Cruz, a que o mesmo Rev. Bispo dirigia as suas vistas, por mais apta, cujo intento motivou o recurso a El-Rei, nas supplicas que lhe fizeram sobre esse assumpto.

Em consequencia da representação e pedido d'aquelle Prelado, mandou a C. R. de 13 de Março de 1703 á Camara, que, ouvindo o parecer, e sentimentos dos homens bons, informasse sobre o requerido; e ordenou o Alvará da mesma data ao Governador da Capitania que, cónferenciando a despeza precisa (por um orçamento) para se erigir novo Templo, á vista da planta feita em Lisboa pelo padre Francisco Tinoco, informasse competentemente a esse respeito. Como porém nenhuma decisão appareceu que atalhasse os futuros males á Igreja, e á Corporação Capitular, deliberou o sobredito Bispo deixar o Sacrario da Sé sem Sacramento, mandando consumir as Particulas Sagradas, e recolher o cofre; de cujo procedimento informou ao Soberano por Carta de 13 de Setembro do anno sobredito; igualmente do novo accôrdo da Irmandade dos Militares em conceder a sua Igreja, dizendo: —Senhor, por não causar maior despeza á Fazenda Real, inculquei para nova Sé a Igreja de S. José: examinando-se pelos Engegenheiros, entenderam não ter capacidade o edificio, nem utilidade, de que se possa ajudar a nova obra, antes inconvenientes no sitio. Animei a minha esperança em Deos: entrei a procurar para a nova Sé a Igreja da Cruz (que é do Terço), a qual sempre se desejou, e não se conseguia: mas agora se me concedeu com umas condições racionaes, e sem prejuizo á Irmandade, e ao Cabido: sómente na quarta e ultimas duas condições duvidei. Na quarta, porque sendo V. M. Gran-Mestre d'estas terras, e havendo esta Igreja ser a Sé Cabeça Cathedral das mais da Diocese e a Capella Maior feita á custa da Fazenda Real, não podia o Senhorio da dita Capella ser da Irmandade da Cruz, mas de V. M.: e concordaram que, sendo V. M. servido do Senhorio d'ella, teriam mais que agradecer á grandeza de V. M. Nas duas ultimas condições

tambem entendi serem impraticaveis, e assim o reconheceram os Irmãos; mas como são penaes, e afim de que as outras condições se guardem, servem mais de terror para a execução. D'esta Igreja da Cruz serve o corpo justo e incorporado com o Cruzeiro, de corpo proporcionado, e bastante para a Sé, a quem a claridade do sitio, por ser na praça da cidade, deu formosura e alegria. Necessita sómente de novo Cruzeiro, Capella Maior, Sacristia e Consistorio para os Cabidos; e toda esta obra, supposta a avaliação dos Engenheiros, quando V. M. mande contribuir com os vinte mil cruzados, na fórma que lhe parecer, torno a repetir, e assegurar a V. M., que não peço mais para a obra da Sé; e o que faltar para o edificio, e perfeição do seu ornato, quão rico póde ser, eu o applicarei de esmolas, que me seguram dar os moradores, e já me prometteram; e gastando V. M. tanta fazenda com a Sé da Bahia, terá Sé o Rio de Janeiro com pouca despeza de V. M. Necessito muito d'esta obra; porque uma d'estas noites, aos estrondos que a sentinella sentiu, com medo se afastou mais para um telhal, e pela manhã se achou uma porta travessa sobreposta, e menos a caldeira de prata de agua benta, que nasceu mandar eu commungar as particulas Sagradas, recolher o cofre, e ficar o Sacrario da Sé sem Sacramento: e assim o devia eu ter mandado fazer a mais tempo: e quando o Thesoureiro recolher a prata, e se não segura com a sentinella, mal fazia eu de dar por seguro o Sacrario com a sentinella, e n'esta cidade. Para esta obra tão santa e precisa, lembro a V. M. que este Senhor do Rio de Janeiro é o mais soffredor de indecencias que mesmo nas mais terras dos dominios de V. M.; porque as Igrejas pelo reconcavo mais interior, poucas são de adobes, e as mais de páo a pique levantadas, tapadas as abertas com barro, que despega a chuva, cobertas com sapé, que é como palha de centeio, sem nenhum ornato; e a mesma Sé n'esta cidade está de telha vã. E sendo este Senhor, pelo sitio, mais particularmente Senhor das minas, estar tão pobre nos seus Templos, grande paciencia é a d'este Senhor! Bem sei magôa muito á Fé, e summa veneração de V. M. esta noticia inculta e indecente; mas é importante que a participe, para se reparar, como cuido e espero da

grandeza Real e Catholica de V. M.; e tendo V. M. a Deus por si, não tem que temer: mas todos devemos esperar as felicidades que pedimos logre V. M. por dilatados annos, e havemos mister. Rio de Janeiro, 13 de Setembro de 1703. — FRANCISCO, Bispo do Rio de Janeiro.

Em consequencia do Alvará accusado ácima, de 13 de Março de 1703, informou o Governador D. Fernando Martins Mascarenhas sobre o orçamento da obra em S. José, de que resultou a C. R. do teor seguinte:

« Reverendo Bispo do Rio de Janeiro. Eu a Rainha da Grã-Bretanha, Infanta de Portugal, vos envio muito saudar. Viu-se o que informou o Governador d'essa Capitania em Carta de 12 de Setembro de 1704, como se lhe havia ordenado, sobre a supplica que tinheis feito para permittir se mudasse a Sé para a Igreja de S. Joseph; orçamento, e vistorias que ahi mandou fazer para o custo da dita obra, e a planta que n'esta côrte fez o Padre Francisco Tinoco, orçando a sua importancia, para effeito de se obrar de novo nova Sé n'essa Cidade, em mais de 100 mil cruzados. E para se poder tomar resolução n'esta materia, Me pareceu incommendar-vos que com o vosso zelo e prudente persuasão animeis esses moradores a concorrerem para esta obra com as suas esmolas, para o que se fará um livro, que o Juiz de Fóra rubricará, aonde se farão os termos das promessas pelo Escrivão da Camara, assignados por elle, e pelos promittentes, para Me dares conta; e para que a esse respeito se veja o que póde supprir a Fazenda Real, que n'estes tempos com tantas fortificações e presidios, não lhe resta muito com que concorrer. Escripta em Lisboa a 16 de Fevereiro de 1705. — RAINHA. — Para o Reverendo Bispo do Rio de Janeiro. — José de... Serrão—Miguel Nunes de Mesquita.

Entretanto, havendo a Irmandade dos Militares prestado o seu consentimento para servir de Cathedral a Igreja da Cruz, recorreu o Mestre de Campo do Terço, como cabeça da mesma Irmandade, queixando-se ao Throno em Carta de 16 de Março d'aquelle anno, por querer o Bispo fazer alli todos os actos Divinos, não se tendo resolvido a mudança da Sé para a mesma Igreja: cuja representação foi deferida pela C. R. de 4 de Setembro seguinte, com a

inhibição ao Bispo de usar da Igreja da Cruz, até que se tomasse a ultima deliberação sobre esse nogocio.

Estava conhecido que o excesso das despezas e a pouca sufficiencia do logar, impediam a desejada mudança da Cathedral para o Templo de S. José, inculcado pelo Bispo, em razão de fugir ao gasto mais excessivo da Fazenda Real; e que tambem a Igreja da Cruz não podia servir de Cathedral, por lhe ter defendido o seu uso a citada C. R.: mas, não havendo então na Cidade outra Casa mais digna, em que pudesse ter assento a Sé, e residir o Corpo Capitular, pelas circumstancias de se achar no meio da povoação, com bastante praça, e campo para a obra, sem tanta despeza; de novo supplicou o Bispo a Igreja dita da Cruz, quando, em Carta de 6 de Fevereiro de 1706, deu conta a El-Rei da execução das suas ordens, pelo que respeitava ao livro destinado para lembrança das esmolas promettidas: e excitando a piedade de seus subditos em beneficio da nova obra, lhes dirigiu o Edital concebido nos termos seguintes:

D. Francisco de S. Jeronimo, por graça de Deos e da Santa Sé Apostolica, Bispo d'esta Cidade do Rio de Janeiro e sua Diocese, do Conselho de S. M. que Deos Guarde, etc.

A todos os nossos subditos saude e paz em Nosso Senhor Jesus Christo, que de todos é verdadeiro remedio e salvação.

Fazemos saber que, fazendo Nós presente a S. M., que Deos guarde, a necessidade de mudar-se a Sé d'esta Cidade e Diocese, do outeiro e sitio onde está situada, para outra nova Igreja na Cidade, que se edificasse, assim para ser mais bem assistida e frequentada dos Capitulares e moradores, nos Officios Divinos, como por evitar as indecencias, sacrilegios e roubos, á que está exposta na soledade e desamparo em que está, como já se experimentou duas vezes, uma no furto dos castiçaes, outra no furto do cofre onde se recolhe o Santissimo Sacramento, causa porque não tem a Sé Sacrario com o Santissimo dentro em si, como devia ter, e são obrigadas a ter as Igrejas Cathedraes; e outrosim pelo incommodo dos moradores,

perigo das crianças que vão a baptisar, e indecencia com que se fazem as Procissões, sahindo com e Santissimo por entre vallos, asinhagas e passos, em que se arrisca a cahir o Sacerdote, e ainda o Bispo com a Custodia que leva nas mãos; e finalmente achar-se a mesma Sé, por sua antiguidade, ameaçando ruina. Em cuja consideração foi S. M. servido, depois de ouvir o Senado d'esta Cidade, e os homens da governança d'ella, approvar a mudança da dita Sé; mas, como se achavam as suas reaes Rendas empenhadas, para se fazer um novo Templo á custa d'ellas, assim pela carestia dos materiaes, como pela grandeza da obra, que havia de servir para a Sé e Cathedral: Nos encommendava fizessemos um pedido por todo o Bispado para esta obra, persuadindo a todos os nossos Subditos o merecimento para com Deos de lhe edificarem um Templo ao Senhor as suas creaturas, para que cada um, e todos concorram com as suas esmolas para este novo Templo, e cobradas lhe avisariamos da sua importaucia, para a sua Real Fazenda concorrer para se acabar a nova Sé. Pelo que, satisfazendo Nós a ordem do dito Senhor, exhortamos a todos os nossos subditos que, entrados de catholico zelo, viva fé e certa esperança de quão grato seja a Deos esta obra, e quanto lhe remunerará este subsidio ainda n'esta vida, e lhes ha-de tornar multiplicada esta esmola, para se lhe edificar a nova Sé e Matriz Cathedral d'este Bispado, onde com decencia devida será venerado e louvado, com as suas esmolas, as quaes pedirá... (aqui nomeou as pessoas que as haviam de pedir, e por que logares) as quaes esmolas, que cada um quizer dar, e ter, se assentará no livro que mandamos por Nós numerado e rubricado: de cada uma se fará n'elle assento, e o assignará a pessoa que a der, para constar a todo o tempo das suas importancias, e se dar conta d'ellas: e cobradas as esmolas, as remetterá o dito Padre Vigario por pessoa segura, e o livro para se metterem no cofre do deposito da Igreja. Assim o encommendamos da parte de S. M. a todos os seus vassallos, e rogamos da Nossa parte a nossos subditos, segurando-lhes da parte da Bondade Divina a retribuição d'estas esmolas. Dada n'esta Cidade do Rio de Janeiro sob o nosso Signal e Sello, aos 15 dias de Maio de 1706. — Francisco, Bispo.

A' nova supplica do Bispo pela citada Carta de 6 de Fevereiro respondeu El-Rei da maneira seguinte:

—Reverendo Bispo do Rio de Janeiro. Amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Viu-se a vossa Carta de 6 de Fevereiro d'este anno, em que dá-se conta da resolução que tomastes na mudança da Sé, que determinaveis transferir para a Igreja de S. Joseph, ser para a da Cruz, por se achar no meio da Cidade com bastante praça e campo para a obra, sem tanta despeza, para cujo effeito ficava já preparado livro para se lançarem as esmolas que se prometterem, como se vos tinha encommendado para as do primeiro intento que tivestes na Igreja de S. Joseph; e que, acabada a diligencia das promessas, me darieis conta. E pareceu-Me dizer-vos espero do vosso zelo m'a deis da que importam as esmolas que se hão promettido para a edificação da nova Sé, para com esta noticia se poder tomar a resolução que fôr conveniente. Escripta em Lisboa a 21 de Junho de 1706. Rei. Para o Reverendo Bispo do Rio de Janeiro.—*Conde de Alvor*. P.

Bem se vê que, sendo a traslação da Cathedral para a Igreja da Cruz o motivo mais principal da Carta mencionada do Bispo, sobre esse artigo nada respondeu a sobrescripta C. R., cuja materia foi objecto da Consulta da Mesa da Consciencia e Ordens em 9 de Julho de 1711. Parecendo por isso ao Bispo assaz difficil de conseguir a pretendida Igreja da Cruz (para cuja extensão offereceram os Conegos comprar á sua custa as casas contiguas á mesma Igreja), pediu o Templo Parochial da Candelaria, por suppol-o menos sujeito a contradicções: demorada porém a decisão d'essa supplica, por mandar a provisão de 23 de Setembro de 1714 ouvir in scriptis o voto da Camara e do Povo sobre a mudança para a Igreja embaraçada, só depois da Resolução Regia do 1° de Abril de 1721, á Consulta sobredita de 9 de Julho, como declarou o Alvará de 2 do mesmo mez de Abril e anno, permittia a El-Rei, facultando tambem (por Apostila de igual data) a requerida traslação para a Candelaria, a que se applicou a importancia da meia decima, estabelecida nas propriedades das duas Freguezias da Cidade, além dos 20,000 cruzados, applicados pela Provisão de 31 de Janeiro d'aquelle anno de 1721, com que

a casa da Moeda d'esta Cidade, ou a das Minas, deveria contribuir, por quatro annos, para as despezas das obras da Cruz; cuja quantia de novo applicou o Alvará de 30 de Setembro de 1733, e a de 800$ réis, destinados por ordem de 19 de Maio 1729 para a obra do retabulo da Capella-mór d'essa mesma Parochia.

Era fallecido o bispo a 7 de Março de 1721, e com a sua falta ficou suspensa a mudança da Cathedral para a Candelaria: mas a requerimento do Bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe, immediato successor da Diocese, Houve El-Rei por bem ratificar a faculdade já concedida nas Reaes Resoluções do 1° de Abril de 1721, e 3 de Agosto de 1733, em consultas da Mesa da Consciencia e Ordens de 9 de Julho de 1711, e de 23 de Março de 1733, referidas no Alvará de 30 de Setembro d'esse anno (que no livro 12 da Camara se registou com a data de 30 de Outubro), pelo qual ordenou a traslação para a Igreja de Santa Cruz, mandando que, supprimido o nome e titulo de Igreja de Santa Cruz, se puzesse no Altar maior um painel da Imagem de S. Sebastião, para que ficasse sendo, como até esse tempo, Titular da Cathedral, por ficar tambem pertencendo d'então o mesmo Templo ao Padroado Real, como pertenciam as Cathedraes todas das Conquistas, cuja circumstancia havia declarado já o Alvará accusado de 2 de Abril de 1721: essa faculdade confirmou mais a C. R. de 27 de Outubro de 1733, que se registou no livro 24 fl. 218 do Reg. Ger. da Provedoria.

Deliberado o Cabido a transferir a sua residencia para a casa nova, pretendeu a Camara embaraçal-o por duvidas suscitadas entre alguns de seus officiaes (talvez movidos da disposição da C. R. de 12 de Outubro de 1680, em que determinára El-Rei que, se o Bispo perturbasse a posse de se conservar a Sé na Igreja de S. Sebastião, lhe désse conta a Camara) e alguns dos Conegos: mas, fazendo-se necessario obviar questões pouco acordadas por modo mais decisivo, deliberou o Cabido, precedendo o consenso do Prelado, levar a Imagem do Santo Padroeiro para o novo templo da noite de 23 de Fevereiro de 1734, quasi a furto. Escandalisada a Camara, e tambem o Governador, pela rapidez imprevista com que se praticou aquella acção, sem lhes dar

tempo ao menor desvio, se queixaram a El-Rei no conto do facto, de cuja querella resultou a Provisão de 14 de Dezembro do mesmo anno, registada no livro 30 do Reg. Ger. da Provedoria, que, extranhando aos Capitulares da Sé a demasiada acceleração, e pouca decencia, com que a horas nocturnas trasladaram a Imagem de S. Sebastião, sem darem parte ao Governador e Capitão General, contra o trato havido com elle, por motivo da mencionada discordia, tambem declarou á Camara que nemhum direito tinha de impedir a mudança das Imagens, pias e pulpitos, quando apenas, na intelligencia de algum direito pretendido, podia usar dos meios ordinarios.

Não concorrendo o menor engano, ou força contra as Irmandades de S. Pedro Gonçalves, e de S. Cruz, que as obrigassem a consentir na mudança da Sé Cathedral para sua Igreja, ellas se atreveram comtudo a accusar o Cabido, por haver obtido o sobredito Alvará, que disseram subrepticio, affirmando-o assim na supplica a El-Rei para lhes ser tornada a casa, de que eram proprietarias. Pela Carta transcripta do Bispo em data de 13 de Setembro de 1703, a que se reportaram as consultas accusadas no Alvará de 30 de Setembro de 1733, é evidentissimo que para esse effeito precedeu o consenso d'ellas, como consta tambem do mesmo Alvará, ibi.— E sendo tudo por mim ponderado com as representações que se me fizeram, e os consentimentos dos Irmãos das Irmandades de S. Pedro Gonçalves, e S. Cruz, sitas na mesma Igreja, que o Cabido da Sé aceitou, e respostas do Procurador Geral das Ordens, que sobretudo deu: Hei por bem, e me praz novamente tornar a ratificar a mercê da licença, que já fui servido conceder por Resoluções minhas; e que a mudança da Sé de S. Sebastião do Rio de Janeiro pretendida, se faça e tenha seu cumprimento e effeito, como tenho determinado, para a referida Igreja de S. Cruz, attendendo aos sobreditos urgentissimos motivos ponderados.... — Com essa faculdade entrou o Cabido em uso da Igreja da Cruz: e não obstante referir o Alvará as causas que serviram de base á permissão da mudança, mandou a Provisão de 26 de Novembro informar a Camara sobre o requerido novamente por aquellas Irmandades. O simples uso da Igreja não foi

de certo a causa primaria, nem unica da repugnancia de taes corporações; mas as circumstancias prescriptas no mesmo Alvará, onde, além das declarações já referidas, accresceram as seguintes: — E as duas Irmandades da Cruz, e S. Pedro Gonçalves, que ha na dita Igreja da Cruz, se conservarão n'ella, assignando-se para a Irmandade da Cruz, em logar da Capella-mór, alguma das outras do corpo da Igreja, para n'ella se collocar a S. Cruz, e celebrarem a sua Missa, como até agora; e em logar das sepulturas que as ditas têm no pavimento da Igreja, se fará um cemiterio no logar que parecer mais conveniente, (1) do qual se dará parte ás ditas Irmandades, e as outras partes ficarão livres para se enterrarem os Parochianos e mais pessoas seculares, reservando-se as sepulturas da Igreja sómente para os Ecclesiasticos e mais pessoas, a que, conforme a direito, se lhes devam conceder dentro da Igreja:— cujas clausulas parecendo odiosas aos proprietarios da casa, lhes ministraram o fundamento para supplicarem a restituição d'ella.

Querendo portanto El-Rei que pela mudança da Sé não se perdesse a memoria da Cathedral antiga de S. Sebastião, determinou no alvará sobredito que 1.° se erigisse alli uma Confraria do Santo, para ter cuidado da sua decencia; 2.°, que houvesse um Capellão effectivo, com obrigação de celebrar Missa no Altar-mór todos os dias, por si ou por outro Sacerdote, em beneficio das almas dos Senhores Reis de Portugal; 3.°, que ao Capellão se daria a congrua, como pelo Soberano fôsse consignada, e á fabrica da Igreja; 4.°, queno dia 27 de Janeiro de cada um anno, no qual solemnisa a oitava do mesmo Santo Padroeiro, depois de satisfeitos os Officios Divinos, e cantada a Missa Conventual na Cathedral nova, fôsse obrigado o Cabido, acompanhado de todo o Clero, sem excepção do Regular, a fazer uma procissão solemne á Igreja antiga, onde se cantaria outra Missa igualmente solemne: e por ultimo recommendou muito ao Bispo, e ao Cabido, que a manhã, ou o dia todo da procissão fôsse de guarda.

---

(1) As sepulturas dentro dos Templos foram prohibidas ultimamente pela Carta Régia de 14 de Janeiro de 1801.

Satisfez o Bispo o artigo 2.° nomeando um Sacerdote, a cujo cargo ficou a satisfação da capellania, principiada a exercitar em 24 de Fevereiro de 1734: satisfez tambem ao 3.° (em virtude da C. R. de 27 de Outubro do mesmo anno de 1733, que commetteu á prudencia do Prelado o arbitrio das congruas ao Capellão, e á fabrica da Igreja, para o Provedor da Real Fazenda as pagar á vista da mesma ordem, enquanto sobre ella deliberasse a resolução ultima), assignando de congrua annual ao Capellão a quantia de 160$000 réis; a saber, 142$800 de esmola de 357 missas a 400 reis cada uma, e 17$200 pelo trabalho de conservar a Igreja com asseio, de cuja quantia sahia tambem a despeza do guizamento, até providencial-a a ordem de 22 de Outubro de 1739, que se registrou no livro 28 do Registro Geral da Provedoria, mandando contribuir annualmente com 5$000 reis para esse gasto. Como em beneficio da fabrica não fez o Bispo arbitramento algum, esperando talvez que da conta dada em 12 de Abril de 1734 se servisse El-Rei consignal-a, conforme a grandeza do seu coração, ficou a Igreja sem esse patrimonio: e privada já pelo alvará de 7 de Dezembro de 1728 da quantia de 36$800 réis applicada para os officios da Semana Santa, se inhabilitou de sustentar as suas precisões economicas, e de reparar as ruinas, não só do Templo, mas de suas alfaias. O artigo 4° se cumpriu, transferindo-se para o dia assignalado a acção processional, que no dia proprio do Santo se fazia. Até o anno de 1757 era executada essa solemnidade immediatamente que na Cathedral nova acabavam os Officios Divinos competentes á manhã; e na antiga Sé terminava o festejo com outra Missa tambem cantada, a que assistia o Cabido, e o Senado: sendo porém assaz custosa essa funcção pelos incommodos graves, que occasionava a ingreme ladeira do Collegio, extensa e sem abrigo do sol ou da chuva, a horas mais incompetentes do dia no fervido verão, cujas circumstancias contribuiam para a pouca decencia no modo de acompanhar o SS. Sacramento até o logar a que era levado; pareceu ao Cabido mais conveniente, e mesmo decente, dividir-se o Corpo Capitular em duas partes, ficando uma na Sé Nova, onde se celebrassem as Horas Canonicas, e a missa primeira, e outra parte satisfizesse na Sé Velha a assistencia

da segunda missa, juntamente com o corpo do Senado, para se ordenar a procissão na tarde do dia setimo em fórma grave, respeitosa, e mais fazer á concurrencia de todo o povo. Proposto o negocio ao Bispo D. Fr. Antonio do Desterro, e ao Senado, por concordancia dos votos principiou, desde o anno de 1758, a fazer-se a procissão na tarde no dia 7, que em conformidade do artigo ultimo do alvará, ficou sendo de preceito para os moradores da cidade. Cumprida assim a determinação Regia no que pedia o Bispo, independente de outro auxilio, apenas não teve effeito a creação da irmandade de S. Sebastião, para que era necessaria a bôa vontade de seus devotos: e supposto existisse essa corporação antes do anno 1716, como consta do livro 3° dos mortos da freguezia da Sé, achava-se já extincta pela falta de individuos que a sustentassem, e não era possivel tornal-os a ajuntar para novo estabelecimento, cuja organisação executou o Vice-Rei Conde de Rezende, reedificando aó mesmo tempo, á custa de esmolas pedidas ao povo, o decadente templo primeiro da cidade.

Subsistindo a Cathedral sem casa decente nem propria, e precisada a viver subjeita ás repulsas das irmandades de S. Pedro Gonçalves, e de Santa Cruz, foi soffrendo o Corpo Capitular as suas opposições com discreta constancia, em quanto, confiado na religião e grandeza de El-Rei, esperava o remedio opportuno a tanta desconsolação, como conseguiu pelas Resoluções Regias de 10 de Novembro de 1736, e de 5 de Agosto de 1738, que ordenaram ao Bispo a escolha de sitio capaz, onde se construisse nova Cathedral, determinando igualmente a ordem de 11 de Agosto do mesmo anno de 1738 ao Governador e Capitão General, que em conferencia com o Bispo, e o Brigadeiro José da Silva Paes, apontasse outra Igreja para Sé Cathedral, ou sitio em que de novo se edificasse, conforme parecesse mais conveniente. Aconteceu porém adiantar-se então a ruina do Templo de Santa Cruz, que obrigou o Corpo Capitular a transferir de novo o seu assento para outra casa mais segura: e como, entre as existentes, era a de N. S. do Rosario a melhor e mais apta, foi por isso designada (em Cabido de 28 de Julho de 1737) para interina serventia da Cathedral. Approvando o Bispo D. Fr. Antonio de Guadelupe a deliberação

Capitular, na tarde do dia 1° de Agosto seguinte se trasladou processionalmente o corpo do Cabido, e com assaz gravidade, para aquelle Templo, onde foi recebido pela Irmandade, senhora da Casa, á custa de notavel desprazer.

Não satisfeitos portanto os pretinhos, de que se compõe aquella Irmandade, pela honra e distincção privativa de se denominar em diante Igreja Cathedral, e sem attender á qualidade mui distincta da corporação, que além de representar o Senado Ecclesiastico do Bispado, é tambem Regia, nem finalmente ás circumstancias de ser a Igreja do Rosario sujeita á ordem de Christo, e á necessidade da mudança interina do Cabido para esse logar, já denegado por El-Rei no citado Alvará de 30 de Setembro de 1733; indiscretamente se queixaram d'esse facto ao mesmo Soberano (como se por tal ingresso se praticasse algum vexame), a quem deu conta o Bispo, em representação de 3 de Agosto de 1737, e informou tambem o Governador sobre o conteúdo no requerimento da Irmandade.

Talvez, recordando-se ella dos passados dissabores que teve na Sé Velha com a mesma corporação capitular (cujos acontecimentos deram assumpto ao auctor do Santuario Mariano para, no tomo 10, liv. 1, tit. 1, dissertar extensamente, mas sem discreto accordo, contra os Conegos então existentes, d'elle procedeu o empenho de edificarem a Igreja actual), e revivendo tambem os antigos factos praticados com o fundador da Igreja da Candelaria, igualmente que com Irmandades differentes, admittidas em casas alheias, v. g. a de N. S. da Bôa Morte e de N. S. da Conceição, Hospicio e outras; e á vista do que se passára n'esses dias com as Irmandades da Igreja de Santa Cruz, procurasse por aquelle meio escapar, ou ao menos precaver males futuros pela união dos hospedes, temendo muito mais que se verificassem na sua Igreja as mesmas clausulas mandadas, pelo Alvará sobredito, executar na dos militares.

Fossem esses os motivos, ou não, do descontentamento d'aquella Irmandade, é certo, que da representada queixa, e da informação do Governador, vistas em consulta da Mesa da Consciencia e Ordens de 24 de Julho de 1739, resultou a Provisão de 3 de Outubro seguinte, dirigida ao Bispo, em que mandou El-Rei conservar interinamente a Cathedral e o

Cabido na Igreja de N. S. do Rosario, emquanto se fazia nova Sé; para cuja obra de novo lhe recommendou, que escolhesse sitio apto, onde se executasse, sem ser na Igreja dos Pretos, por não ser decente, que o mesmo Prelado, e o Cabido estivessem celebrando os Officios Divinos em uma Igreja emprestada, e de mistura com os pretos.

Entretanto, conferenciando o Bispo, o General Gomes Freire de Andrada, e o Brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, sobre o sitio em 20 de Fevereiro do mesmo anno 1739, para satisfazerem a Provisão de 11 de Agosto antecedente, todos se inclinavam á Igreja do Rosario, por evitar maiores despezas; mas á vista da expressa inhibição Regia, e das ordens expedidas no anno de 1746, e a de 9 de Maio de 1747, se traçou o logar, e demarcou o terreno onde teve principio o novo Templo dedicado ao Santo Padroeiro da Cidade e Capitania, cujo edificio, mandado construir pela planta do Sargento-Mór Carlos Manoel, remettida de Lisboa, se entrou a trabalhar por novo desenho (2) com a 1.ª pedra lançada a 20 de Janeiro de 1749, como declarou o termo de 21 de Junho de 1750, lavrado no liv. 2º de registro da secretaria do Bispado, folhas 4, e transcripto no Livro do Tombo do Cabido fl. 144 (3).

A vinte covados de altura, com pouca differença,

---

(2) Havia El-Rei mandado a planta do edificio, para se conferenciar á vista d'ella, e orçar a despeza precisa á execução da obra; mas informado do gasto excessivo, de que pendia, mandou ao General que lhe remettesse nova planta, e a configuração do terreno onde se devia edificar o novo Templo, para determinar a sua factura. Assim o participou o General ao Bispo em officio, de cujo original, conservado entre os meus manuscriptos, é copia o seguinte documento: — «Illm. Sr. — S. M. foi servido mandar-me remettesse á Sua Real Presença nova planta, para determinar a factura da Sé d'esta capital; e o mesmo Senhor me declara com a planta remetta a configuração do terreno, em que se ha de edificar o Templo. Desejando eu tudo vá pela eleição e gosto de V. S., lhe rogo me determine dia pàra passarmos a eleger terreno, e a conferir o que fôr mais conveniente a esta importantissima obra. Deus guarde a V. S. muitos annos. Casa da residencia em 1º de Outubro de 1746. — Gomes Freire de Andrada. — Pela nova planta, assás nobre e soberba, se pôz em pratica a construcção da nova Sé.

(3) D'esse documento não consta a inscripção, que acompanhou a primeira pedra fundamental do Templo, nem se acha em outro logar. Póde comtudo existir encerrado no archivo da secretaria do Bispado, onde me foi defeso o ingresso.

chegaram as paredes levantadas acima de grossissimos alicerces: e quandô o seu trabalho proseguia com esperança de se concluir em tempo breve, tendo-se já empregado na obra 96:752$584 rs., como importavam as verbas dos pagamentos feitos, foi então suspendido, por se applicarem as sommas destinadas para essa obra a urgente despeza da divisão de limites da America Meridional, cuja diligencia, commettida ao General Andrada, obrigou-o a sahir da capital em 19 de Fevereiro de 1752. N'esse estado subsistiu o novo edificio até o anno de 1796, em que desatenções publicas e diarias dos pretinhos, desordens invedaveis, por terem nas suas mãos segundas chaves da casa, e muitas outras cousas, desafiavam a lembrança de proseguir a obra a fim de cessar a mistura do corpo capitular com os individuos pretos, e de habitar o Cabido uma casa propria, onde pudesse tranquilla, commoda e decentemente satisfazer os Officios Divinos.

Concordes os Capitulares na resolução que o Prelado e Governador actual approvavam, além de contribuir com certa parte da congrua de seus beneficios, deligenciaram esmolas pelos moradores da cidade, e seus remotos districtos [4], por cujo subsidio conseguiram principiar o progresso do Templo no dia 29 de Fevereiro de 1796.

Pareceu ao Cabido que o seu Prelado, incitado por sentimentos semelhantes, applicasse voluntariamente á nova obra aquellas esmolas destinadas por direito em beneficio da fabrica da Igreja Cathedral; mas a experiencia mostrou que mui longe de subsidiar por gosto o augmento do trabalho, apenas o aliviou com algumas esmolas tenues, e devidas á frequente supplica do Chantre José Pereira Duarte. Persuadiu-se tambem o mesmo Cabido que, tendo promettido o Vice-Rei Conde de Rezende mandar alguns dos condemnados a galés para diminuir com o seu trabalho as diarias despezas das ferias dos serventes da obra, mais

(4) O povo exhaurido de vontade jámais se delibera a concorrer com o seu auxilio para se erigir edificios, que não sejam da sua particular devoção ou gosto, como se observa nas Igrejas d'esta Capital; e não obstante a repugnancia geral, sempre se conseguiram alguns contos de réis em moeda, muitos materiaes, e outros subsidios, que facilitaram o principio do novo trabalho.

Regia que particular, satisfizesse a palavra: porém, faltando com esse adjutorio, deu a conhecer que os seus desejos se dirigiam a fazer voltar a Cathedral e o Cabido para a Sé Velha, promovendo com esse intuito a sua reedificação (5). Facil é portanto de conhecer que não seriam precisos demasiados soccorros para se concluir a obra projectada, se o Bispo e o Governador concorressem de mãos dadas a promovel-a com as suas protecções; e com esses beneficios não se prestarem, apenas houve logar de aprompter o corpo da capella mór até o Arco Cruzeiro, e as casas lateraes correspondentes, cujo trabalho fez ponto no dia 27 de Maio de 1797, deixando muita madeira lavrada, varios materiaes juntos, e outros que se foram recolhendo até 24 de Dezembro do mesmo anno, sem proveito, apezar do zelo efficacissimo do Mestre-escola José Coelho Peres de França, incumbido da inspecção da mesma obra, desde que ella se principiou a mover.

Como de soccorros tão escassos não se podia esperar a conclusão prestes d'essa nova casa, nem o seu arranjamento competente, em termos de servir ao fim projectado, meditaram os Capitulares supplicar o auxilio Regio: e tendo presentes as expressões já referidas da Provisão de 3 de Outubro de 1739, deliberaram levar os seus rogos ao

(5) Quando aos Governadores do Rio de Janeiro agradou a execução de alguma obra publica, ou ella se originasse do gosto particular, da necessidade ou da devoção, tudo se promptificou, e tudo se concluiu sem obstaculo. Omittindo factos antigos, referirei apenas alguns dos mais chegados aos nossos dias: v. g. Emprehendeu o Conde de Bobadella levantar o Convento de Santa Thereza, e renovar o Templo junto de Nossa Senhora do Desterro: ultimou o seu empenho. Lembrou-se o Conde de Cunha de construir, entre outras obras, as casas do trem e das armas; executou o projecto. Intentou o Marquez de Lavradio melhorar a cidade, fazendo-lhe muitos beneficios: conseguiu effectuar as suas idéas. Traçou Luiz de Vasconcellos e Sousa edificar o Passeio Publico, o Caes Novo, e renovar a Igreja de N.S. do Parto, juntamente com o Recolhimento annexo, &c.: não encontrou obices. Deliberou o Conde de Rezende aterrar o Campo de Sant'Anna, adiantar a obra do Caes, e reedificar o Templo antigo de S. Sebastião, &: tudo realisou. Só a desgraçada Sé Nova, que a todos devia merecêr muita attenção, por ser uma casa dedicada a Deus e ao seu culto, e por pertencer ao Padroado Real, não teve patronos auctorisados, que a concluissem, ao menos na parte mais necessaria a se poder dignamente celebrar alli os Officios Divinos, e accommodar o Corpo Capitular, separando-o da communicação com os pretinhos Irmãos da Confraria de N. S. do Rosario! Adoremos a Divina Providencia.

Throno por mãos do Magistral Joaquim Maria Mascarenhas ([6]). Supposto que se não attendesse o requerimento, por motivo da despeza da guerra, ateada então na Europa e nas fronteiras de Portugal, esperava com tudo o Cabido por dias mais felizes, em que a grandeza de animo, a piedade e muito exemplar amor da Religião do nosso sempre Augusto Soberano, em qualidade tambem de administrador perpetuo do Mestrado da Ordem de Christo, a que são subditas as Igrejas Ultramarinas, se dignasse ouvir as suas representações, providenciando as necessidades da Igreja primeira do Bispado, e terminando-lhe o desgraçado destino de não ter casa propria, onde satisfizesse os Officios Divinos com decencia devida, e sem mistura com os pretinhos da Irmandade de N. S. do Rosario ([7]). Se pelos effeitos naturalmente se deduzem as causas dos acontecimentos, devemos persuadir-nos que as difficuldades no remate do edificio da Sé Nova foi obra mui particular da Providencia do Supremo Governador do Universo (que ás creaturas é defeso penetrar), reservando a mudança da Igreja Cathedral e do Cabido para a época, nunca esperada, da emigração da muito Augusta e Real Familia para o Estado do Brazil,

---

(6) Se d'essa commissão nenhuma utilidade resultou á Mitra, de quem foi primeiro nomeado Procurador, nem ao Cabido, proveio ao menos d'ahi mui distincta honra, e inesperada felicidade de ser o mesmo sujeito eleito Bispo de Angola, e de contar com excessivo prazer a Igreja Cathedral do Rio de Janeiro um quarto socio da sua corporação collocado no catalogo da jerarchia Episcopal.

(7) Na Igreja Matriz de S. Sebastião haviam posto os pretos devotos da Mãi de Deus uma Imagem da Invocação do Rosario, a quem tributavam obsequiosos cultos, cuja perpetuidade pretenderam firmar, creando uma Confraria antes do anno de 1639, e unindo-lhe a de S. Benedicto, fizeram de ambas uma só corporação sob o titulo de Irmandade de N. S. do Rosario e S. Benedicto, que o Prelado Administrador Manuel de Sousa e Almada approvou em Provisão de 22 de Março de 1669. Alguns desgostos com os Conegos (depois de estabelecida a Sé Cathedral na mesma casa) por serem obrigados a prestar certas propinas ao Cabido, a ter por seu Capellão um dos Capitulares, e a pagar as covas occupadas pelos cadaveres de seus confrades, de que tudo ficaram isentos pelo Alvará de 19 de Janeiro de 1700, incitaram na Irmandade os meios de subsistir em casa propria. Para esse fim obtiveram de Francisca de Pontes a doação de 7 braças de chãos, de largo, com 32 de comprido, na rua denominada (então) de Pedro da Costa onde foi traçada a fundação de um Templo, cujo erigimento facultára o sobredito Alvará; e n'esse mesmo anno se principiou a construir. Concluida a capella mór depois de annos, ficou por fazer o seu corpo, que muito tarde chegaria a vêr

e da sua residencia n'esta capital do mesmo Estado; em cujo tempo e por Alvará de 15 de Junho de 1808, estabelecendo o Sr. D. João VI (então Principe Regente) a sua Real Capella no Templo de N. S. do Carmo, chamou a esse logar o Cabido, e fez assentar ahi a Igreja Cathedral, cujos ministros foram condecorados com a dignidade e com o titulo da mesma Capella, e ficaram gozando dos privilegios, immunidades, e isenções de que gozavam, por costumes antigos, e por bullas pontificias, os Ministros da Capella Real dos Senhores Reis de Portugal. Por alvará de 27 de Agosto d'aquelle anno foi a referida capella declarada cabeça das tres ordens militares. Considerando-se, pelo facto da trasladação capitular, como desnecessario o edificio destinado para o culto de Deus e de seus Santos (que aliás se achava apto para servir de matriz da Sé, podendo se remover da emprestada Igreja do Rosario o Santissimo Sacramento e a pia baptismal, e dar-lhe casa propria), foi profanado e applicado a outros usos, pela necessidade de varios estabelecimentos publicos.

---

o fim, se o Governador Luiz Vahia Monteiro não tomasse a obra sob a sua protecção, e a fizesse ultimar além do anno de 1725. Era de presumir de tão pia beneficencia, e de tanto proveito a essa corporação, que em reconhecimento d'ella, fôsse perpetuada a memoria do mesmo Governador, suffragando-lhe a alma; mas contentando-se a Irmandade com a conservação do retrato do seu Protector, depositado na casa do Consistorio, ou na Sacristia, como tituto de gratidão, lembrou-se menos dos officios mais preciosos. V. Liv. 4., cap. 3, nota 9, á memoria d'esse Governador. Andando o anno de 1773 occorreu a Antonio da Silva Ribeiro, thesoureiro, e o melhor dos protectores da Irmandade, reformar a capella mór com sufficiente extensão, que, proporcionada ao longo comprimento do corpo, a fizesse mais apta para se celebrarem as funcções ecclesiasticas com dignidade, e desvanecer ao mesmo tempo o sobejo enjôo do Cabido pela residencia actual de uma casa sem commodo, e indecentissima, a que accrescia a necessidade extrema de soffrer o mau comportamento dos senhores d'ella, quasi de continuo fomentada a obra com assaz actividade, deu-lhe principio no dia 26 de Junho do mesmo anno; e tendo concluido a maior parte das paredes da grande casa do Consistorio. e alguns repartimentos interiores, com o destino de separar uma parte d'elles, onde o Cabido pudesse conservar decentemente a sua Casa Capitular, e os Conegos tivessem algum quarto em que mudassem os seus vestidos nas occasiões precisas (por cujo motivo não recusaram os mesmos Conegos concorrer com boas esmolas, como consta da memoria conservada no Archivo do Cabido), falleceu sem ultimar o edificio: a Irmandade porém, sempre ingrata aos seus bemfeitores, e revestida de sentimentos contrarios, jámais offertou aos honrados hospedes alguma d'aquellas accommodações novas, temendo talvez que o emprestimo

e a generosidade fôssem prejudiciaes á propriedade. Suppoz este corpo de Confrades do Rosario que, permittindo-lhe o citado Alvará de 1700 a fundação do Templo, e isentando-o de pagar o encargo das propinas ao Cabido, de ter por seu Capellão algum dos Capitulares, e de pagar covas na Igreja da Sé (de S. Sebastião), tambem lhe concedia o especial privilegio de não reconhecer os direitos do Parocho territorial, apezar de salval-os o mesmo Alvará, dizendo— Salvo sempre o Padroado Real, Direito da Ordem Parochial—; e n'esta consideração tem querido subtrahir-se de prestar obediencia ao legitimo Parocho da Freguezia da Sé, fazendo celebrar, sem o seu consentimento, todas e quaesquer funcções por seus Capellães a quem arvoram arbitrariamente com a distincta qualidade de Parochos privativos. Por motivos da questão suscitada na Bahia sobre as musicas e musicos havendo a C. R. de 23 de Setembro de 1709 (registr. no Livro Verde da Relação d'aquella Cidade, fl. 148 v.) declarado ao Arcebispo que só podia determinar as musicas, que se deviam cantar nas Igrejas, e prohibir cantos menos decentes, e não estancar musicos, dando-lhe districtos certos, e obrigar aos Mordomos das festas a que chamassem estes, ou aquelles, taxar o quanto se lhe havia pagar; fazendo-lhe tambem vêr a provisão de 9 de Junho de 1718 (registrada no liv. cit. sup. fl. 199 v.) que não podia inhibir a nenhum musico cantar sem licença do Mestre da Capella; aconteceu que ignorando-se essas disposições, recusou o Mestre da Capella da Sé do Rio de Janeiro admittir a musica convidada pela Irmandade do Rosario para a sua festa; e suscitada então a controversia entre essas duas partes, dimanou d'ahi a Provisão de 25 de Junho de 1742, em que foi declarada a liberdade de chamar a Confraria os Musicos a arbitrio para suas festas (assistindo porém o Mestre da Capella para fazer o compasso), e de poder celebrar os Officios Divinos com as pessoas que nomeasse. Do conteúdo da citada Provisão se alcança que ella teve realmente um só objecto para decidir e providenciar, como foi o concurso dos Musicos, convidados pela Irmandade, e repudiados pelo Mestre da Capella da Sé d'esta Cidade, por estar em posse d'esse direito; mas, dividindo-a em duas partes, a differente intelligencia dos interpretes mal affeiçoados, se fermentou a materia para dous recursos á Corôa. Versou o 1.° sobre o mais interessante objecto, que era o presumido privilegio de eleger a Irmandade o Celebrante, e ministros do Altar para as suas festas, que o Cabido, como Parocho, habitual da Freguezia da Sé, embaraçou por se oppor aos direitos parochiaes, dos quaes estava em posse pacifica desde a fundação da Cathedral. Por essa violencia ficticia recorreu a Irmandade á Mesa da Corôa: e tão felizmente promoveu a decisão de tal negocio a seu favor, que obteve o Accordam proferido em 11 de Agosto de 1807 sob os fundamentos seguintes: — que, ainda que a regalia e approvação do Sacerdote para as Missas solemnes esteja, Sede-Vaccante, em podêr do Reverendo Recorrido, comtudo, no presente caso deve cessar essa regalia, porque é innegavel que o dito Senhor, na qualidade de Gran-Mestre, e Governador da Ordem de Christo, sendo consultado pelo Tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens sobre este objecto, mandou que os Recorrentes poderiam fazer celebrar os Officios Divinos sem ser por Capellão Capitular, como é constante do Alvará transcripto á fl. 11, e datado a 19 de Janeiro de 1700: o mesmo palpavelmente se manifesta pela Provisão á fl. 14, com a data de 25 de Julho de 1742, em que se manda que os Recorrentes possam fazer celebrar na sua Igreja os Officios Divinos com as pessoas que elles nomeassem. Antes que prosiga a presente exposição, é préciso notar, que o citado Alvará não diz o mesmo que o Accordam referiu com exuberancia. Declarou, sim, que a Irmandade ficaria isempta do encargo das propinas ao Cabido de ter por seu Capellão um Capitular, e de pagar as covas, como referi já;

mas, nenhuma palavra se encontra alli a respeito da celebração dos Officios Divinos, porque esse objecto distincto, e mui particular, não entrou em consulta, como pelo contrario se referiu. Sendo, pois, clarissimo o Alvará, e por isso inadmissivel de qualquer interpretação, facilmente se conhece que houve engano em citar alterada a sua disposição singela, misturando-o com a Provisão de 1742; 2.°, que, não obstante o Alvará de 19 de Janeiro salvar o Direito do Padroado Real, ou da Ordem Parochial, pela Provisão de 1742, posterior áquelles, se via que o Senhor Gran-Mestre havia por salvo o sobredito Direito, e que igualmente dispensára no Parochial. — Note-se tambem que na citada Provisão nada se descobre porque conste ter sido presente ao Soberano o Alvará accusado para salvar n'ella o Direito do Padroado Real da Ordem, e o Parochial; direitos inabdicaveis. e que jamais podem ser salvos a favor de uma Irmandade simples, sem auxilios de outros requisitos que a distinguissem; pelo contrario se via que a mencionada Provisão foi concebida e expedida segundo a marcha ordinaria de seu objecto, sem o menor privilegio. A' vista do referido, é de suppor que não obstante a conhecida litteratura dos Ministros Julgadores d'esta causa, foi o Accordam de 11 de Agosto de 1807 proferido com pouca consideração: porque, primeiramente, a regalia, e approvação Sacerdotal para as Missas solemnes, nunca esteve em poder do Cabido. como successor da Jurisdicção Episcopal por occasião de Sé vaga; mas, se conservou sempre inherente ao Corpo Capitular desde a sua fundação em 1684, como Parocho habitual da Freguezia da Sé a quem prestam obediencia as Capellas situadas no seu territorio. Ser Capellão de alguma Irmandade cujos Officios se cingem apenas ao exercicio de Directores d'ellas, influindo-lhes o espirito e a practica da Santa Religião, da obediencia aos superiores, e de bons subditos, não é o mesmo que ser constituido Parocho privativo da mesma Irmandade, para celebrar funcções solemnes e publicas dentro do districto parochial, com offensa dos direitos do Pastor primeiro da Igreja, a quem se deve todo respeito em sua casa propria, e a primazia dentro do seu recinto. Supposto que a cargo dos Capellães esteja a satisfação de certos Officios Ecclesiasticos, como v. g., dizer as Missas ordinarias das Irmandades, confessar os individuos da mesma Corporação; resar, e cantar com ella as suas devoções dentro da Igreja nos dias destinados a taes actos da Religião; assistir aos moribundos, e acompanhar á sepultura os fallecidos, por não serem instituidos a outro fim, nem deputados por auctoridade do Prelado Ecclesiastico, mas ad-nutum das Irmandades, que lhes dão as leis; elles não têem prerogativa alguma, nem privilegio, para se eximirem da subordinação ao proprio e legitimo Pastor nos Officios parochiaes, quer sejam mere parochialia, quer quasi parochialia, cuja distincção é arbitraria, como sentiu Berardo Liv. 1º, Dissert. 6.ª, Cap. 1, sub. §. Supersedeo; mas, dependam esses direitos das funcções parochiaes, ou do onus do Parocho: quem deixa de conhecer que essas distincções são mais de nome, que reaes, e que não se póde perfeitamente entender de que modo se separem as funcções parochiaes do onus, e direito do Parocho? Portanto, ou sejam derivados os direitos dos Parochos dos seus Officios mere parochialia, ou quasi parochialia, pertencem todos ao Parocho,—quia functiones parochiales... ad Parochum pertinent vel propter affinitatem connectionem, et dependentiam, quam habent a jure mere parochiali, vel ratione officii pastoralis, quo vices gerit Episcopi in regimine curæ animarum. Barboza. De Officio et Potest. Parochi P. I, Cap. 12 et P. 3. Pegnat. Menoch. et alii.—Os direitos parochiaes foram sempre considerados como sagrados; e n'essa circumstancia foram tambem mandados conservar sem lesão pelos Nossos Augustos Soberanos; os dos Parochos da Igreja das Ordens, por serem

esses mesmos direitos iguaes aos bens da Corôa. Ora, sendo os bens da Corôa inalienaveis e inabdicaveis, os das Ordens seguem a mesma natureza, muito mais nos termos de não poderem os Senhores Gran-Mestres alienar os seus privilegios e liberdades, e serem pelo contrario obrigados a defendel-os por effeito do seu juramento; pois que elles são administradores, e nunca senhores dos bens, e privilegios das Ordens Militares. O privilegio da Administração nunca póde inverter o que tem estabelecido o Direito Canonico, ainda no caso de serem os Senhores Gran-Mestres immediatos ao Soberano Pontifice na qualidade de Bispos e Arcebispos, cujas vezes representam por privilegios especiaes nas Igrejas das Ordens. Se aos Bispos e Arcebispos é defesa a liberdade absoluta no exercicio da sua jurisdicção, porque o freio das Leis Canonicas a prohibe; é defesa igualmente aos Administradores das Ordens, que os substituem, a illimitada liberdade na sua Administração. N'estes termos, não sendo licito tudo o que se póde, segundo a Epistola I de S. Paulo aos Corinthios, Cap. 6, cuja doutrina concorda com o dogma juridico—*Honesta non sunt, omnia quæ licent*—referido no L. Non omne, 144 fl. de regul. juris; e fazendo sempre o Gran-Mestre o que póde, está mui perto de fazer o que não póde (como diz Clemente Alexandrino na gloza ao citado logar de S. Paulo) que é tirar aos Parochos os direitos que lhes pertencem, para dal-os a quem os supplica sem titulo, com injuria manifesta da Justiça—*Jus suum cuique tribuere*—, e prejuizo commum. Seguindo os principios da jurisprudencia Canonica, firmados na assaz entendida natureza e qualidade da Jurisdicção dos Parochos, reprovou a Provisão de 5 de Fevereiro de 1788 o Cap. 14 do Compromisso da Irmandade de S. João Evangelista, erecta na Matriz de Santo Antonio da Villa de S. José do Rio das Mortes, em que pretendia o privilegio de presidir e officiar o seu Capellão nos Officios de Defuntos que se fizessem na sua Capella, sem dependencia do Parocho; porque (disse a Provisão) o Parocho da Freguezia deve sempre presidir em todos os actos e funcções das Irmandades. Pela mesma razão denegou a supplica do Cap. 15, no qual estava ingerido que nas festas da Irmandade cantasse a Missa o seu Capellão, e os Ministros do Altar fôssem eleitos pela mesa. Com igual fundamento não deferiu ao Cap. 16, onde se havia disposto que o Capellão fôsse atraz da Procissão, de Penitencia, com a Imagem do Senhor Crucificado, ou com a Sagrada Reliquia do Santo Lenho: porque a Imagem do Santo Christo, ou a Sagrada Reliquia do Santo Lenho (disse a mesma Provisão) devem tambem levar o Parocho, ou quem suas vezes fizer. Sob iguaes motivos reprovou outra Provisão de 22 de Maio de 1783 a supplica da Irmandade do Rosario de Paracatú, que no Cap. 6 do seu Compromisso pretendia o privilegio de ser seu Capellão o Celebrante da Missa solemne da festa principal, sem que o Parocho se intromettesse a legislar a solemnidade. A de 26 de Fevereiro de 1790, dirigida ao Governador e Capitão-General da Bahia, mandou conservar o Parocho da Igreja Matriz da Praia na justa e legitima posse de nomear livremente os Sacerdotes, Ministros e Clerigos assistentes para todas as funcções festivas e funebres que se celebrem na sua Parochia, escusando todo e qualquer requerimento que a Irmandade do Rosario quizesse temerariamente fazer, como foi o que então fez. A de 1 de Dezembro do mesmo anno de 1790, finalmente (além de outras), que se expediu ao Provedor das Capellas da Comarca de Villa Rica, deliberou com energia as indiscretas pretenções das Irmandades pela maneira seguinte:—Hei por bem ordenar-vos façais conservar ao supplicante (Vigario da Igreja de N. S. da Conceição de Antonio Dias) na jurisdicção de officiar em todas as Capellas e Ermidas, e em todas as festividades das Irmandades sitas no districto da sua Parochia, e em todos os mais direitos

e benezes parochiaes; pois o Parocho é o Prelado ordinario na sua Igreja, e sem elle prestar licença e autoridade, não se póde celebrar na mesma festividade alguma em prejuizo do seu direito — Van Esp. T. 1, P. 1, tit. 3, Cap. 1, de Pastorib. n. 5, e seg. Id. T. 10 de Recur. ad Princip. Cap. 2, § 7, pag. mi. 6 Berarardo L. 1, Dissert. 6, Cap. 1, Pignat. T. 6, Cons. 67, n. 10; T. 10, Cons. 52, n. 2 et alii —. Isto mesmo foi mandado executar por uma Provisão do Dezembargo do Paço de Lisbôa, que se registou no Cartorio da Provedoria da Villa Rica, contra Irmandades dos Pretos do Alto da Cruz, depois de alcançarem duas sentenças a favor nos Tribunaes de Justiça. Ignorando portanto o Cabido os referidos titulos para a sua defensa, não os podia deduzir em juizo, nem allegal-os competentemente: por cujo motivo, não lhe valendo os principios geraes, e ainda as regras communs de Direito Canonico a este assumpto, pela superioridade conhecida dos adversarios dos Parochos (que incitados, algumas vezes têm sustentado pleitos, com o interesse de conservar illesos os direitos de seus beneficios), soffreu diminuido, por aquelle Accordam, o privilegio privativo de officiar nas Festas da Irmandade do Rosario. Ved. Prov. M. C. O. do Brasil de 16 de Julho de 1816 a favor do Parocho da Freguezia do SS. Sacramento, da Rua do Paço da Bahia, na questão com a Irmandade do Rosario dos Pretos das Portas do Carmo. Foi materia do 2º Accordam de 13 de Fevereiro de 1808 a recusação do Mestre da Capella da Sé d'esta Cidade em admittir os Musicos convidados pelos Irmãos festeiros, a que deu motivo á ignorancia da C. R., e Provisão, dirigidas ao Arcebispo da Bahia (como acima referi), cujas disposições bastariam ser sabidas para cessar essa questão, e não hesitar o mesmo Mestre da Capella sobre tal artigo, nem o Cabido sustentar um pleito menos bem fundado contra expressas decisões Regias; não acontecendo, porém, apparecerem os citados documentos, deu a Irmandade á luz a Provisão de 25 de Junho de 1742, com o que defendeu a sua prerogativa. Lembro-me da regra: — *Responsio intelligetur secundum interrogationem* —, estabelecida na L. si defensor, § 1 de interrogat. actio, e da que propoz a Syntaxe de Antonio Pereira, pela qual estudei: —Pelo caso porque se faz a pergunta, por elle se responde: v. g., cujus est hæc oratio? Ciceronis; cujos preceitos parece que se deveriam applicar á especie em questão: porque versando ella sobre o direito entre o Mestre da Capella, pelo facto de embaraçar a musica convidada de fóra, e a Irmandade, defensora de uma graça presumida, que consistindo em rigor na liberdade de eleger os Musicos para as suas festas, e com elles celebrar os Officios Divinos, se fazia applicada tambem aos Ministros do Altar; não podia a Provisão sobredita abranger outra materia na sua decisão, além da questionada. Mas, passar aquelle Accordam do objecto principal, que foi o artigo Musica e Musicos, aos Ministros Ecclesiasticos que hão de executar os Officios Divinos, nem é admissivel essa trasladação, nem a consente a critica da bôa Logica, e sã Philosophia, sem offensa escandalosa da mesma Provisão, e sem que deixe de apparecer no publico o patrocinio mais desarrazoado contra os direitos privativos dos Parochos, que tão injuriosamente se pretende calcar; e mesmo contra a clausula expressa do Alvará sobrecitado de 19 de Janeiro de 1700.—Salvo sempre o Padroado Real, Direito da Ordem e Parochial —, que só por uma epicheia extravagante do Accordam referido ficou salva, quando disse: — Porquanto, pela determinação da Provisão do anno de 1742, posterior áquelle Alvará, se vê que o dito senhor havia por salvo o sobredito direito, e que igualmente dispensára no parochial —: não constando aliás (como acima deixei dito) que fôsse presente ao Soberano o citado Alvará para salvar na provisão posterior o direito do Padroado da Ordem,

e o Parochial, por declaração expressa, em conformidade da Orden. Liv. 2, Tit. 44. Desprezando, emfim, o Accordam os titulos de uso, costume, e posse antiga, em que o Cabido, e com elle o Mestre de Capella, firmava tambem a sua defensa, com o principio de ser tudo isso contra as Leis Patrias, encarando-se para a Ord. do Liv. 1, Tit. 62, § 63; e Liv. 2, Tit. 45, § 10, e por ser trilho certo, e inalteravel em Jurisprudencia, que, havendo Lei escripta, nunca se póde recorrer ao costume, ainda antiquissimo; julgou a causa a favor da Irmandade. E' necessario por ultimo advertir que a palavra — Officio Divino — inclue em si varias accepções, entendendo-se por ella a recitação das Horas Canonicas, a celebração do Santo Sacrificio da Missa, Orações e qualquer outro exercicio, tanto Ecclesiastico como Espiritual; por isso —«modo appellatur Divinum Officium, modo Diurnum et Nocturnum, Officium, modo vocatur Ecclesiasticum, modo Canonicum, modo Breviarium, modo Horarium.»—D'aqui se conclue, e palpavelmente se manifesta, que, facultando a Provisão de 25 de Julho de 1742, á Irmandade do Rosario, o poder celebrar os Officios Divinos com as pessoas musicas da sua eleição; não lhe permittiu comtudo eleger o celebrante das Missas solemnes (porque essas acções foram sempre privativas do Parocho), nem os Sacerdotes adjuntos, e mais Ministros, que não serviram de objecto á questão; e só lhe concedeu escolher o sujeito para seu Capellão sem ser Capitular (conforme o alvará de 1700), a cargo de quem ficassem as Missas ordinarias da Irmandade, o suffragio dos Irmãos fallecidos, e a direcção espiritual dos vivos; o que tudo é officio Divino e não profano. Confundindo porém esta intelligencia, os fautores e protectores da Irmandade do Rosario fizeram a palavra — Officio Divino — privativa da celebração da Missa; e no mesmo Juizo procedeu o Accordam de 11 de Agosto, misturando uns com outros Officios, de que resultou a nova disciplina, que com excessiva dôr se lamenta, de fazer essa Irmandade celebrar as Missas das suas festividades por quem lhe convém, independentemente da obediencia e respeito parochial, a que por desgraça dos tempos menos se attende. Tendo fallado até aqui do procedimento da mesma Irmandade, relativo ao Corpo Capitular, não me parece fóra de proposito perpetuar outras mui dignas de memoria. Determinando o Padre Luiz de Lemos Pereira em testamento (com que falleceu a 21 de Julho de 1731, e se registrou no Liv. 12 de obitos da freguezia da Sé, fl. 154 v.) que seus testamenteiros se ajustassem com a Irmandade para collocar n'uma Capella particular da Igreja a Imagem de S. Vicente Ferreira (com cujo ornato mandou despender 400$000 réis, além da importancia da faculdade pretendida), sob a condição, porém, de ficar a Capella (ou Altar) com titulo do mesmo Sancto, e de se permittir junto a ella duas sepulturas para Sacerdotes pobres e forasteiros, que não fôssem Irmãos da Irmandade de S. Pedro, e para anginhos tambem pobres. Não obstou essa corporação ao disposto pelo testador, recebendo com prazer grande a quantia do ajuste: mas, considerando depois na quebra dos reditos provenientes das covas, e como arrependida da outorga, cessou de facilitar gratuitamente esses jazigos aos necessitados expressos. Pouco depois de collocada a Imagem sobredita em seu Altar proprio (que foi primeiro do lado da Epistola, junto ao arco cruzeiro), não tardou em soffrer a violencia de uma aposentadoria, que excluindo-a do logar, fez substituir a Santa Anna por dona da casa, a quem se deu posse: e a um lado da entrada ficou o Senhor da propriedade, como hospede, por muito favor. A' mesma Irmandade legou aquelle testador uma propriedade de casas no canto da Rua da Quitanda do Marisco, pensionando-a com cincoenta Missas annualmente por sua alma, que se deveriam dizer no Altar de S. Vicente; mas não consta a satisfação d'esse encargo (ao

menos no logar declarado) nem ouvi no longo espaço de annos, desde o de 1781 a 1801, que residi na Cathedral, se cumprisse a verba testamentaria nos termos declarados. O Padre Simão Marques, Jesuita, notou o diploma de Benedicto 13 na sua obra singularissima que intitulou — Brasilia Pontificia.

RELAÇÃO VERDADEIRA

De todo o succedido na Restauração da Bahia de todos os Sanctos desde o dia em que partiram as armadas de S. Magestade, até o em que em a dita Cidade foram arvorados seus estandartes com grande gloria de Deus, exaltação do Rei e Reino, nome de seus vassallos, que n'esta empreza se acharam, anihilação, e perdas dos rebeldes Hollandezes alli domados. Mandada pelos Officiaes de Sua Magestade a estes Reinos.

(Esta relação foi impressa em Lisboa, avulsamente no anno de 1625, na officina de Pedro Craesbeek, e acha-se incorporada na Collecção de Memorias interessantissimas do Abbade Diogo Barbosa Machado, no tomo que tem por titulo—*Noticias Historicas e Militares da America —do anno de* 1576 *até* 1757).

Aos vinte nove de Março de 1625, entramos n'esta Bahia de Todos os Santos, havendo posto na viagem desde Hespanha aqui setenta e cinco dias, e armada Portugueza quatro mezes, por quanto partiu primeiro que nós, e nos esperou nas ilhas do Cabo-Verde, por havermos tido na linha muitas calmarias, de sorte que, se duraram, puderamos correr perigo pela pouca agua que havia, muitos doentes, em que poucos mortos. Achamos o inimigo fortificado dentro na cidade, havendo desemparado os dous arrebaldes, um de S. Bento pela banda do Sul, e outro do Carmo pela do Norte, ficando elles no meio, que não foi de pouco proveito para os nossos achar casas feitas, etc., e achar tão perto a fachina, por haver muita n'estas passagens. Demos este dia fundo na ponta de Sancto Antonio, d'onde está um forte que estava por nós outros, que está pouco menos de uma legua da Cidade, ainda que dentro da Bahia á vista do inimigo; veio a bordo o Governador D. Francisco do Moura, que, em logar do Bispo que Deus tem, governava a gente da terra, o qual nos deu aviso que tinha o logar dous mil e oito centos homens,

entre Hollandezes, Francezes, Inglezes e cousa de 500 negros, que haviam recolhido a si, os seus navios que andam de corso na costa da Angola, como outros que entraram fugidos de seus amos, e que depois que estão aqui haviam tomado mais de 70 prezas; assim os seus navios que tem fóra, como outros que entraram de noite, cuidando não estava aqui o inimigo, como succedeu a D. Francisco Sarmiento, que era Corregedor de Potosi, que vendo elle, e outros passageiros com suas mulheres, e filhos desde o Rio de Buenos Ayres á volta de Lisboa, se lhe rendeu um mastro com que, não sabendo que estava aqui o inimigo, entraram de noite n'este porto, e quando amanheceu se acharam entre elles; dizem trazia este navio mais de 700 mil pezos, de sorte que hão tomado muitas prezas mui ricas, e não se atreveram de as mandar a Hollanda, temendo encontrasse nossa armada, e assim dizem tem aqui tudo; do que não folgaram pouco os soldados para o dia do saco. Aqui tem preso a D. Francisco, a sua mulher e filhos. Ao Governador que era da terra mandaram á Hollanda. Os mais dos navios de presa hão mettido a pique pera com sua artilharia fortificar a cidade, como o tem feito, pois tem ao redor dos muros d'ella mais de 180 peças de artilharia, e todo o logar, ou a maior parte, com seu poço de agua.

Tinham na Bahia 18 navios armados, os quaes como nos viram se metteram debaixo de tres baluartes seus, que tem na praia com muita artilharia em duas braças d'agua, d'onde lhes pareceu que nossos navios não podiam chegar, por haver pouca agua, e para mais assegurar-se, entendendo que os patachos, por pescarem pouca agua, e iriam abordal-os, tomaram 3 navios dos seus, e tirando-lhes o que tinham, os botaram a pique diante dos outros para que lhes servissem de trincheiras.

A 30 do dito, dia de Pascoa, nos fomos melhorando para dentro, pondo todos os navios a Noroeste, Sueste, tomando-lhe o caminho por onde elles podiam sahir, porque o não fizessem desde a Igreja de Sancto Antonio até a ponta de Monserrate, d'onde elles tinham um forte, e outro mais abaixo, que chamam a Agua dos Meninos. Este dia atiraram d'este forte com a artilharia aos nossos navios, para lhes defender o passo, o que não puderam fazer.

Aos 31, vieram muitos barcos de engenhos para desembarcar muita gente, que foi grande allivio, porque de uma vez levava á terra cada barco uma companhia: saltaram em terra dous mil homens, levando comsigo seus Mestres de Campo, e o Mestre de Campo General fez o esquadrão: ao 1° de Abril saltou em terra S. Exc., e com a dita gente começou a marchar para a cidade, não levando comsigo nenhuma artilharia; juntaram-se logo com S. Exc. algumas companhias da terra, muito boa gente. Este dia se fez salto com o Real na Hermida de S. Pedro, que está cousa de um tiro de canhão da cidade por dentro.

O dia seguinte o Mestre de Campo General foi com 400 mosqueteiros a tomar o porto que se havia de ter, o qual tomou na Igreja de S. Bento, aonde formou o Real, que está a tiro de arcabuz do inimigo; marchou nossa gente, e fez assento, alli se começaram logo a cobrir e a trincheirar-se para se defender da muita artilharia e mosquetaria que tirava o inimigo, não descançando de dia, nem de noite.

Ao outro dia saltaram dous mil homens em terra, e adverte-se que toda esta gente era de ambas as armadas da Corôa de Castella e Portugal: chegaram a S. Bento, e ao mesmo tempo sahiu d'alli S. Exc. para o arrabalde do Carmo a pôr-lhe outro sitio, deixando em S. Bento 2.300 homens: aos Mestres de Campo D. Pedro Osorio, que o era do Estreito, e outro mestre de Campo Portuguez, e por cabeça ao Mestre de Campo General, e ao Mestre de Campo Italiano, que é o Marquez de Tornicusa, lhe mandou que com seu terço fosse subir a artilharia desde a praia até cima a S. Bento, em quanto os demais se iam atrincheirando, e afazendo a plataforma, levando S. Exc. comsigo o Mestre de Campo da armada D. Lourenço de Orelhana, e ao mestre de Campo de Portngal Antonio Muniz Barreto, e com toda a luzida gente de Condes e Marquezes, assim de Portugal, como de Castella, em que deixou muita em S. Bento com o Mestre de Campo General: chegou S. Exc., e plantou seu Real na Igreja do Carmo a menos de tiro de mosquete do inimigo, e se começou a trincheirar perto d'elle, tomando alli sitio: nosso exercito começou a atirar muita artilharia, não descançando nunca,

que seria grão milagre não lhes matar muita gente. Vieram logo outras dez companhias da terra com cousa de 500 homens, que em todos deviam ser 800, com os que ficaram em S. Bento, que foi bom soccorro. De sorte que de uma parte de S. Bento estavam entre Portuguezes da armada, Castelhanos, e gente da terra, tambem brancos, cousa de 2,300 homens. sem os Indios, e negros, que trabalhavam, ajudando aos soldados pela ração, que lhes davam, e da outra do Carmo tambem de tudo como digo 2.500, com gastadores, Indios e negros, que como digo os ajudam em que poucos. porque não haviam ainda chegado os selvagens da terra a dentro, nem os Indios de guerra. Este dia, como os do forte de Monserrate, e do dos Meninos, viram que nossa gente estava tão perto d'elles, que o descobriram de cima da praia, desempararam os fortes deixando n'elles alguma artilharia, que foram dez peças desencavalgadas, e queimadas as curunas, metteu-se logo da nossa gente em cada um 50 pessoas, e não foi de pouco proveito isto, porque alli se desembarcou toda a artilharia e mais cousas necessarias, que se levaram ao quartel de S. Ex., escusando de rodear duas leguas por outra parte de máo caminho, e muito d'elle se havia de arrazar, por serem montes, porque de outra maneira não podia passar a artilharia, e por aqui se desembarcava junto ao forte, e em meia hora subiu tudo acima.

Ao dia seguinte ás 12 do dia, andando a gente do quartel de S. Bento, d'onde estava o Mestre de Campo General, occupada uns com as trincheiras, e outros em aplainar o caminho, por onde havia de passar a artilharia, e outros nas barrocas, porque as casas era o Real, e outros trazendo terra; emfim todos occupados, e bem descuidados do que lhes succedeu, não imaginando tivesse o inimigo atrevimento para sahir, o qual vendo das muralhas o descuido dos nossos, parecendo-lhes que se recolheriam a seu salvo, sahiram 300, aos quaes sahiu ao encontro uma das companhias que estava de guarda, que era da terra, e o Capitão se chamava Lourenço de Brito, Portuguez, e pelejou com o inimigo até que sahiu o Mestre de Campo do Estreito, D. Pedro Osorio, com 200 mosqueteiros, e cerrando todos com elle, chegaram tão perto, que se

valeram das chuças, picas, e alguns das espadas, com que o inimigo virou as costas, e os nossos traz elles até as portas da cidade, e ficaram tão descobertos, que dos muros comeram a fazer grande estrago em os nossos com a artilharia e mosquetaria: morreram alli dos nossos 23, e mais de 80 feridos, que vão morrendo. Os mortos conhecidos foram D. Pedro Osorio, o sobrinho do Mestre de Campo General D. Pedro de S. Estevão, o Capitão D. Alonso da Gama, o Capitão D. Francisco Manoel, e outros fidalgos. Os feridos foram D. Henrique de Alagõ, sobrinho de S. Ex., fazendo-lhe a mão direita, e a munequa em pedaços duas balas de mosquete, de que ficára manco. O Capitão D. Diogo Ramirez, um cavalleiro de Madrid, o Capitão D. Pedro Mallea, o sobrinho do Patriarcha das Indias D. Diogo de Gusmão, o Ajudante Pero Manso, do braço esquerdo, e outro, que não são conhecidos, que foi desgraça para o primeiro encontro. Tomaram um Hollandez, que disse estavam mui fortes, e que tinham dentro muitos Judeos e Judias, que de Hollanda vieram com elles, e que estes excitavam os Hollandezes a que se defendessem, e lhes davam muito dinheiro, e que haviam mandado nove navios á costa de Guiné a roubar, e oito ao Rio de Janeiro, e que esperavam de Hollanda 70 navios, segundo lhe haviam avisado: adverte-se que tambem dos seus morreram muitos, de que se não sabe o numero porque os metteram dentro da cidade.

O dia seguinte se mandaram quatro canhões acima, e se começaram a desembarcar as munições de guerra, e os mais artificios, assim para a artilharia, como para as trincheiras; e n'este dia á noite entendendo o inimigo estariamos desapercebidos, fez outra sahida, estando de guarda o Marquez de Tornicusa com seu terço dos Italianos, o qual escaramuçou com elles, e com sua artilharia, por estarem perto dos seus muros, e lhes matou muita gente, sem que nos custasse homem, com serem elles muitos mais, e ter artilharia, e os nossos não.

Aos 6 d'este se foi chegando toda a armada a tiro de peça, e ainda menos da cidade, pondo nós juntas todas as capitanias com seus Generaes e Almirantes, porque todos ficaram no mar por ordem do Almirante D. João Fajardo:

tambem ficou o General de Portugal D. Manoel de Menezes, e d'elles só foi á terra o Almirante da Armada Portugueza D. Francisco de Almeida, com uma companhia, com o Mestre de Campo. Começaram a canhonear ao inimigo fazendo-lhe grande damno em terra e nos seus navios; elles tambem dispararam de seus baluartes e navios, armando muitas bandeiras, galhardetes, porque sabiam, que não podiamos chegar lá com as nossas náos por estarem as suas quasi em secco, mas não nos offendeu com sua artilharia. E vendo o inimigo que todas as capitanias estavam juntas e tão perto d'elles, nos deitaram aquella noite ás 10 horas 3 navios de fogo: um ficou sentado na arêa, que não pôde sahir, e os 2 sahiram, mas quiz Deos que vimos vir uma vela, e entendendo que fugiam, começámos todos a sarpar; mas estava já mui perto do Almirante de Roque Centeno, entendendo que era o Almirante Real, o qual como o viu vir para si, lhe forrou quatro palanquetas que tinha aparelhadas em suas poças, e quiz Deos que com uma lhe quebrou a estofa maior, com que o navio não governou, e com as demais que lhe atirou o abriu; e vendo os inimigos, que eram vistos, se pegaram fogo, e Roque Senteno sarpou logo, e com todas diligencias se aquentou o costado ao navio, que foi milagre de Deos não o queimar. Vinha sobre a Real, e trazia na prôa uma grande fumaça, de sorte que se não podiam vêr as velas, quiz Deos que com o fogo do outro o vimos, com que a Real, e Capitania de Portugal, que estavam juntas cortaram os cabos e se fizeram a vela, e quando o inimigo viu, que era sentido, se pegou tambem fogo, e começou a deitar de si foguetes e bombas, que parecia um inferno; e para que as velas senão queimassem, e o navio deixasse de arder, as traziam untadas com agoardente, que foi milagre de Deos não nos queimar, acolheu a chalupa de Roque Senteno a um Hollandez, que se deitou ao mar, que disse tres navios de fogo haviam sahido dirigidos um para a Real, e o outro para a Capitania de Portugual, porque estavamos juntos, e que um por dar em secco não sahiu, e que traziam ordem de se não pegar fogo até estarem abordados com nós outros: a este se não fez mal até hoje. Prantou o Mestre de Campo General seus quatro canhões com que começou a bater a Cidade, com que lhe fez grande damno, por estar mui perto

de seus muros, e dentro de dous dias lhes desencalvagou a artilharia, com que lhe atiravam, e lhe aportilhou os muros, o que visto por elles, temendo se foram atrincheirando pela banda de dentro: mas o Marquez, não deixando nunca de os bater, por lhe não dar lugar a que se fortificassem fazendo como valente soldado em todas as occasiões que se offerecem, e o mesmo Tenente General Cortes, que está no quartel.

Este dia sahiu um Francez, dizendo que não queria pelejar contra a Hespanha, porque os Hollandezes quando o trouxeram lhe disseram que iam povoar terra, e que todos os Inglezes e Francezes se queriam vir, mas que não podiam pelas muitas guardas que lhes tinham postas; e que ao que sabiam se queria vir, o enforcavam logo.

A 8 d'este prantou o General D. Fradique no seu quartel 4 peças, com que começou a bater os navios, de sorte que em tres dias lhes meteu no fundo a Capitaina, e outros dous navios e lhes desaparelhou grande parte dos outros para que não tivessem lugar de ir-se, e posto estava aqui toda a armada, é uma noite de escuro podiam deitar diante outros dous navios de fogo, porque então seria força fugir d'elles, e com esta occasião levarem a maior parte das riquezas, e batendo-os lhes não deu lugar a intentarem outra.

Este dia se vieram dois Escossezes fugidos de lá, e disseram o mesmo. Este dia, estando o Morgado de Oliveira sentado na janella de sua casa, tinha a perna fóra, e veio uma bala, que lh'a fez em pedaços, de que morreu. Advirto que, posto se não especifica as baterias de cada dia saibam, que n'um ou n'outro quartel todos os dias haviam mortos e feridos sem pernas e braços.

Aos dez d'este trouxeram mais ao Mestre de Campo General outros quatro canhões, que com os outros quatro mais perto da cidade se melhorou fazendo uma plataforma de 8 canhões a pouco mais de tiro de pedra do inimigo, junto ás portas. Aos doze se tiraram dos navios outros oitocentos homens que levavam ao quartel de S. Exc. E aos quatorze mandou pôr outro sitio por outra banda d'onde chamam as Palmeiras, e se pôz a tiro de pedra do inimigo com quatro homens dest'outra parte de seu fosso, alli se

levavam seis canhões. Este dia puzeram no fórte da Ponta de Santo Antonio, que é d'onde surgimos o dia que entramos, sete peças de artilharia e quarenta soldados; de sorte que temos na praia tres fortes, um por onde se entra, e dois d'onde se surge; no mesmo dia entraram duas canôas de Indios, e duas caravellas com gente branca, que entre todos eram 250, mais de arco e frecha, os Indios e os brancos de espada e rodella, vinha por cabo Salvador Corrêa de Sá, filho do Governador Jeronymo de Sá, que o é do Rio de Janeiro, e os mandou de soccorro, que são trezentas leguas; de Pernambuco tambem mandaram gente, estes nos disseram que, vindo do Rio de Janeiro chegaram a tomar porto no Espirito Sancto, d'onde encontraram oito navios Hollandezes, que são os que andavam fóra a corso, os quaes queriam saquear aquella terra: saltou n'ella o dito Salvador Corrêa com sua gente, e se emboscou, e desembarcando os Hollandezes os investiu e lhes matou oitenta e dois homens, e feriu oitenta, e os fez tornar a embarcar, tomando-lhe uma lancha com duas roqueiras, e um Hollandez vivo que aqui trouxe, e muitas armas, e defendeu-se-lhe que tomasse agua.

Esse dia ás dez horas da noite, chegou um patacho de Hollandezes, e perguntando-lhe um navio dos nossos quem era, respondeu que de Hollanda, entendendo que eramos Hollandezes; mas como viu mais velas, suspeitou o que era, e se foi para fóra sem lh'o poderem impedir, e assim nos deram aviso algumas barcas que andavam fóra como era um dos oito navios que andavam a roubar.

Aos dezeseis, melhorou S. Exc. a artilharia, pondo defronte da casa dos Padres da Companhia seus canhões, por ser alli a parte d'onde o inimigo nos fazia mais damno, com vinte e quatro peças de artilharia com que nos bateu: com estes nossos seis canhões assistia o Tenente General Sebastião Granero, fazendo-o mais galhardamente.

Aos dezeseto começou o Mestre de Campo General desde S. Bento a batel-os com oito canhões com que lhes derrubou outra trincheira que haviam feito, e desencavalgou tres peças que tinham tornado a pôr, e derrubou muitas casas. Este dia mandou S. Exc. chamar o Mestre

de Campo General para o ter em seu quartel; por ter mandado ao sitio das Palmeiras ao Mestre de Campo Dom João de Orelhana, e Antonio Muniz Barreto, que são os que tinham cargo do outro quartel de S. Paulo. O Mestre de Campo Dom Francisco de Almeida e o Mestre de Campo de Italianos, que estão vigiando de fóra as trincheiras do inimigo, o qual entendendo lhe queriam dar assalto, acudiu á defensa e começaram a escaramuçar de sorte que os nossos mataram ao inimigo muitos homens, conforme o declarou um Francez, que veio fugido d'elles, e a nós dois ou tres, indo já com a trincheira no fôsso.

Aos dezenove começou S. Ex. a bater os inimigos com suas peças, e dentro de tres dias lhes derribou o muro pela ametade do meio, e lhes desencavalgou mais de vinte e quatro peças de artilharia, não lhes dando com ellas, nem com a mosquetaria nenhum lugar, para que nem d'ellas se possam valer.

Aos vinte pôz Dom Manoel de Menezes com sua gente em cima da praia duas peças, com que começou tambem a bater os navios, e metter alguns a pique.

Aos vinte e tres pôz tambem outra junto áquella o General Vallezilla, com que começou tambem a bater os baluartes que o inimigo tinha na praia, com que por todas as partes se lhe dava grande bateria.

Aos vinte e seis passou S. Ex. para dentro de sua casa outras quatro peças de artilharia, com que aos vinte e sete começou a bater o inimigo, fazendo-lhe grande estrago. Este dia começaram a ter da banda das Palmeiras com outros seis canhões o inimigo, de sorte que tres dias se bateu a cidade com vinte e seis canhões de trinta e cinco, e vinte e duas libras de bala cada um: e a praia, e navios por outros tres com oito pessoas, com que todo o dia e noite ardia a artilharia e mosquetaria de uma e outra parte, não deixando nunca de pelejar. Foram-se chegando por todas as partes as nossas trincheiras ás muralhas, de sorte que justavam sobre o fôsso.

Aos vinte e oito pôz o inimigo uma bandeira de infantaria sobre os muros, e um soldado nosso atravessando pelo dique se subiu em cima do muro, e lh'a arrancou, e a trouxe: o que visto pelos inimigos, quizeram sahir a

defensa: mas a nossa artilharia. e mosquetaria como era muita, e estava tão perto, lhes matou muita gente, e os fez retirar.

Este soldado era Aragonez, e S. Ex. lhe fez mercê este dia. A' noite tornaram a pôr outra e um soldado Portuguez foi tambem e a trouxe, com que elles desesperaram, ao qual tambem S. Ex. fez mercê.

Aos vinte e cinco de madrugada se deu ao inimigo grandes cargas de artilharia por todas as partes, com que lhe fizeram grande damnos; e vendo-se o inimigo tão acossado, este dia á tarde appareceu sobre o muro um atambor com sua caixa, e no chapéo um papel, e uma bandeira branca, com que se viu pediam paz. Botaram uma escada pelo muro, e desceram quatro capitães, e em cima d'elles se pôz quasi toda a sua gente em pé; o que visto pelo outro quartel das Palmeiras, não sabendo o que era lhes deu uma carga com seis canhões, e mais de quinhentos mosquetes, com que lhes matou e feriu muita gente, até que por todas as partes puzeram bandeiras brancas, tirando as de guerra, vieram diante de S. Exc. com disfraz, dizendo que haviam entendido, que S. Exc. os mandava chamar, e que vinham ahi saber o que queria; S. Exc. lhe respondeu, que nos exercitos de El-Rei de Hespanha não se costumava chamar o inimigo, estando sitiado, quanto mais estando-o batendo, e que respondessem dentro de uma hora se queriam outra cousa, e que se não tornariam a pelejar; foram lá alguns nossos, e vieram alguns seus, e por fim mandaram dous Hollandezes a tratar os concertos, e d'aqui se lhes mandou em refens o tenente do Mestre de Campo General Diogo Ruiz, e ao Sargento-Mór de Napoles, aos quaes ao entrar lá lhes taparam os olhos até que os meteram em uma casa, porque lhe não vissem seus muros, e cá os destapamos aos seus, porque vissem nosso poder, do que ficaram admirados. Duraram estas cousas até os trinta, que entrou em contractos S. Exc. com todos os grandes da armada, e Mestre de Campo, e ao cabo de haverem pedido muitas cousas, vieram a resolver os nossos se daria a vida, e um vestido a cada um, e dous aos capitães, e bastimento para dous mezes, e embarcação em nossas urcas, por serem melhores as suas, com condicção que haviam de dar a fiança

de tudo o concertado, alguns capitães, que pagariam em sua terra, e nos mandariam o dinheiro que valesse o bastimento que levassem, e o valor das urcas, e que mandariam a Hespanha o Governador, que levavam á Hollanda, e os Padres da Companhia, e que nos haviam de entregar os prisioneiros e presos da nação que estavam com elles, e os negros e toda a fazenda, e ao que achassem alguma cousa haviam de enforcar, e que o dia em que se embarcassem haviam de passar por meio do nosso esquadrão em corpo, e sem armas, excepto os capitães, que poderiam levar espadas, nem nos navios que lhes dessem haviam de levar munições, nem artilharia, sobre o que houve replicas, e se remetteu ao gosto de S. Exc., e que elle fizesse o que lhe parecesse. Este dia ás cinco da tarde foi o nosso sargento e os Portuguezes a vêr como estava a cidade, a qual estava com as mais ruas intrincheiradas, e com artilharia, de sorte que cada rua era um castello, e se se não renderam, sem duvida que nos matariam no assalto mais de mil homens, e estes os mais escolhidos, porque eram os primeiros que se haviam de aventurar. Entraram dentro cem homens nossos com enchadas para derrubar as muralhas, que tinham detrás da porta da cidade para defensa d'ella: e ás oito da noite entrou o Mestre de Campo General dentro, com setecentos homens entre Portuguezes e Castelhanos da mais luzida gente, ficando de fóra outros trezentos, até que se apoderaram dos muros, tirando as bandeiras dos inimigos, e pondo-lhes gente nossa, sem que nenhum ousasse a se tirar do seu posto, porque tinha pena de vida, porque não furtassem nada, que dizem estava a cidade mui rica.

Dia de Santiago e S. Phelippe, pela manhã entraram dentro os trezentos, que foram de fóra. Este dia á tarde entraram dentro outros mil homens para se apoderarem de todas as praças de armas, d'este concerto não folgaram os soldados, porque perderam o sacco, dizem que ahi dentro da cidade mil e oitocentos homens Hollandezes de mar e guerra e trezentos negros duzentos mortos, e mais de cem feridos: mas segundo dizem outros que de lá vieram foram mais de trezentos os que elles mataram; de sorte que elles tem vivos como acima digo mil e oitocentos, mui bizarra gente. Morreram dos nossos oitenta, e cento e oitenta

feridos, e foi grande milagre de Deos não nos haver morto muita mais gente.

Este dia entrou S. Exc. na cidade e a demais gente, deixando guarda nas trincheiras. O contador foi fechando os casas onde havia fazenda e armazens, que ha muita; e os soldados saquearam o de mais que acharam cousa de roupa. Prenderam-se os negros e os judeus que eram vinte, sobre os quaes se não ha executado a sentença para que vão confessando os demais culpados.

Aos quinze desenterraram os Hollandezes mortos que estavam enterrados na igreja maior, botando-os em um barranco e se disse a primeira missa.

Capitulações.

Nos quarteis do Carmo o Sr. D. Fradique de Toledo Osorio, Marquez de Villa Nova e Capitão General da armada real e exercito do mar, e da gente de guerra do Reino de Portugul, pareceram os Srs. Capitães Guilherme Estopa, General da artilharia, e Hugo Antonio, Commissario General, e Francisco Dusquen, Capitão de Infanteria, todos tres do concelho, os quaes trouxeram commissão do seu Coronel e concelho, que se achavam na cidade de S. Salvador da dita Bahia de todos os Santos, para fazer e cumprir as capitulações seguintes: — Para entregar a Sua Magestade e ao dito Sr. D. Fradique de Toledo em seu nome a dita cidade de S. Salvador, que ao presente possuem obrigados das armas de Sua Magestade e o Sr. D. Fradique de Toledo e o Marquez de Cropani Mestre de Campo General, e assim tambem o Sr. Antonio Muniz Barreto, Mestre do Campo, de outro terço de infanteria espanhola e o Sr. D. Francisco de Almeida, Almirante da Armada de Portugal e Mestre de Campo de outro terço de infanteria espanhola, e o Sr. D. Jeronimo de Quejada e Solorzano Auditor General da Armada e Exercito; o Sr. D. Diogo Ruiz Tenente de Mestre de Campo General e quartel mestre, e o Sr. Governador João Vicencio de S. Felix, todos do concelho, que junto assistiram ás capitulações seguintes:

Primeiramente que o dito Coronel & Conselho hão de entregar a dita Cidade de S. Salvador ao dito Sr. D. Fradique de Toledo, em nome de S. Magestade, no mesmo estado em que se acha no dia d'esta feita, com toda a artilheria, armas, bandeiras, munições, petrechos, bastimentos, navios que no porto e Cidades e acharam; todo o dinheiro, ouro, prata, joias, mercancias e menagem; negros, escravos, cavallos, e as mais cousas que se acharem na dita Cidade e navios.

Assim mesmo ha de entregar o dito Coronel todos os prisioneiros que se acharem na dita Cidade e navios, ao dito Sr. D. Fradique de Toledo, de qualquer qualidade, e condição que sejam e de qualquer nação, vassallos de S. Magestade, e que não tomarão as armas contra S. Magestade, nem seus vassallos até depois de chegar á Hollanda.

O Sr. D. Fradique de Toledo em nome de S. Magestade lhes concedeu que os ditos Coronel, Ministros, Capitães, Soldados, Officiaes e toda a gente de mar, e todos os mais Hollandezes, Flamengos, Inglezes, Francezés, Allemães, como sejam dos que trouxeram comsigo, sayam livremente sem nenhum impedimento com toda sua roupa de vestir e dormir, e que os Coroneis, Capitães e Officiaes possam levar em bahús e caixas a dita roupa, e não outra cousa, e os Soldados em suas mochilas, que o Sr. D. Fradique de Toledo lhe dará um passaporte para todos os navios de S. Magestade para que lhes não faça mal algum não indo fóra da derrota de sua terra.

O dito Sr. D. Fradique lhes dará embarcação em que commodamente possam ir á sua terra, e bastimentos necessarios para tres mezes e meio; e que toda a dita gente hão de sahir da Cidade todos juntos, que o Sr. D. Fradique ha de signalar pessoas que visitem os sobreditos, e mais pessoas que sahirem para que vejam se levam alguma cousa fóra do capitulado. Que o Sr. D. Fradique haverá de restituir ao Coronel todos os prisioneiros que se acharem aqui de sua nação, que nenhum Soldado d'este exercito do dito Sr. D. Fradique fará agravo algum aos Soldados e gente sobredita do dito Coronel, que lhes dará os instrumentos da navegação, que tem em seus navios, e

que o Sr. D. Fradique lhes dará as armas necessarias para sua defensa na viagem, e que até os mesmos navios sahiriam sem armas algumas, excepto os Capitães que poderão levar espadas: que o dito Coronel dará esta noite uma porta com seu corpo de guarda ao dito Sr. D. Fradique dentro dos muros, e o dito Sr. D. Fradique lhe dará refens a seu contento para sua seguridade, entretanto que estas capitulações se cumprem. Feita no Quartel do Carmo, 30 de Abril de 1625.—D. Fradique de Toledo Osorio.

A prêsa, que se achou, e seu inventario, pelos Ministros de S. Magestade.

Quando entrou a nossa armada n'esta Bahia, tinha o inimigo nella 21 navios e 4 lanchas dos quaes deitou elle mesmo um a pique para impedir, que não podessem chegar aos mais outros 2 de fogo, deitou sobre nossa armada. Outro tambem deitou fogo, que não empregou, e estão botados a travez: 7 metteu a pique a nossa artilharia, de que foram batidos do quartel do Carmo, e outra bateria. Duas das ditas lanchas estão tão mal paradas, que não são de proveito; as outras duas se tratam de as concertar, e os 6 navios restantes, que ficaram menos destroçados se apparelham para os levarem com a armada; e se dos ditos 7 que estão a pique se poderem tirar 2, em que se faz grande diligencia por um ser a capitaina, e outro novo, se levarem tambem.

Um dos ditos 6 navios que se hão de levar o tinham com algumas mercadorias, de que se fez inventario, e são: 89 caixas de assucar, 98 dentes de marfim, 991 couros de vaccas ao pello, e 14,000 madrassos de assucar mui negro.

Acharam-se nas casas de S. Magestade onde estava aposentado o Governador Hollandez 3 arcas com a prata seguinte: —

17.120 reales em moeda em um taleigo.
162 pinhas, que pesaram 6.176 1/2 marcos.

1.625 marcos em quantidade de pessas lavradas de serviço, parte d'ellas mui usadas, e outras quebradas, amolgadas e em pedaços.

No Collegio da Companhia de Jesus, e em duas casas de particulares, e outras que estavam na praia, se acharam algumas mercadorias, que se pozeram a recado, d'ellas vão fazendo inventario, e não se declaram as que são, porque ainda o inventario não está acabado e durará alguns dias; porque a maior parte são cousas miudas de mercearia.

Assim mesmo se achou na Cidade e praia algum biscouto, vinho e farinha de trigo, em que tambem se pôz cobro e não vai declarada a quantidade, porque, como digo, não está dado fim ao inventario, e d'elle se vai dando de comer aos inimigos.

Prenderam todos os negros que acharam na Cidade, que são de tres castas: uns que fugiram a seus amos, e ajudavam ao inimigo; outros que elles tinham forçados sem culpa sua, nem de seus donos, e os de mais eram captivos que tinham tomado de presa nos navios que vinham de Angola. O Auditor General, vai fazendo as averiguações; para castigar aos primeiros, e restituir os segundos e terceiros os que tiverem donos que os peçam, e feito isto os que se acharem sem donos se venderão: e o dinheiro se porá em deposito, até passar o anno e dia, e se dentro d'este tempo não accudirem os donos se applicará para a presa, que assim está de acordo o Audictor General, e vai fazendo as diligencias que convém, e porque ainda não tem averiguado os que serão estes, não vai aqui a quantidade declarada: feita na cidade de S. Salvador da Bahia de Todos os Santos Provincia do Brasil, a quinze de Maio de 1625.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETTRAS, VIRTUDES, ETC.

TENENTE-GENERAL JOSÉ AROUCHE DE TOLEDO RENDON

O distincto Paulista, Sr. José Arouche de Toledo Rendon, nasceu na Imperial Cidade de S. Paulo aos 14 de Março de 1756 : foram seus pais o Mestre de Campo Agostinho Delgado de Toledo Arouche, e sua mulher D. Maria Thereza Laura de Araujo, ambos descendentes das mais illustres familias do paiz, e que contavam entre os seus avós o insigne Amador Bueno da Ribeira. Destinado á carreira das lettras, na idade de 18 annos foi mandado á Universidade de Coimbra, onde recebeu o grau de Bacharel formado em leis a 3 de Julho de 1779.

Não querendo seguir a carreira da magistratura, voltou á sua patria, e applicou-se á advocacia, que lhe forneceu muitas occasiões de patentear seus vastos conhecimentos juridicos, os quaes muito mais se manifestaram no exercicio dos cargos de Juiz de Medições, Ordinario, de Orphãos, de Procurador da Coroa e Fazenda Nacional, que por muitos annos exerceu na sua patria.

Não contente em servir ao seu paiz como homem de lettras, o Sr. Arouche, por occasião de organizarem-se os regimentos de milicias n'esta provincia de S. Paulo, assentou praça de Capitão aggregado ao 1° regimento de infanteria. Possuido da nobre ambição de distinguir-se igualmente na carreira das armas, applicou-se ao estudo das sciencias militares, de maneira, que tendo sido promovido depois a Coronel do seu regimento, o a Inspector geral de milicias, além de dadivas consideraveis que fez ao seu regimento, estabeleceu em sua casa uma aula particular para o estudo theorico das manobras das armas de infanteria e cavallaria, com o que pôde formar habeis officiaes ; e com os continuados exercicios que fazia com os corpos milicianos do seu

commando, conseguiu conservar as milicias no melhor estado de disciplina.

Seu prestimo foi aproveitado sempre pelos diversos Capitães Generaes que governaram esta provincia, que o empregaram em diversas commissões, as quaes constantemente desempenhou com zelo e intelligencia. Encarregado da direcção das aldêas dos Indios pelo General Antonio Manuel de Mello e Castro Mendonça, escreveu uma Memoria sobre a civilisação dos Indios, que sendo publicada pelo seu auctor logo depois da independencia do Brasil, se acha reimpressa no Tom. IV pag. 295 do Jornal d'este Instituto. Quando em 1819 serios receios havia de invasão de tropas estrangeiras, foi encarregado do commando das villas do norte da provincia pelo General João Carlos Augusto de Oyenhausen, depois Marquez de Aracaty, e n'essa honrosa commissão se conservou até fins de 1820. Tantos e tão valiosos serviços prestou na carreira das armas, que foi promovido aos diversos postos de Brigadeiro, Marechal, e ultimamente de Tenente-General em 1829.

Era chegada a grande epocha da independencia do Brasil, a aurora da liberdade tinha despontado com a proclamação do systema constitucional, pelas côrtes constituintes da Nação Portugueza; e quando o Brasil contava partilhar a mesma sorte que Portugal se preparava, o espirito metropolitano predominava n'aquella assembléa; e para melhor conseguirem seus fins, as côrtes decretaram a extincção de varios tribunaes que existiam no Brazil desde a mudança da Casa Real Portugueza, e que o Principe Regente, que ficára Lugar-tenente de seu Pai, quando o Senhor D. João VI teve de regressar a Portugal, deixasse o Brasil, e assim ficasse este reino, a parte mais consideravel e interessante da Monarchia Portugueza, reduzido á triste condição de colonia, da qual, de facto e de direito, ha muitos annos havia sahido.

N'esta crise não houve Brasileiro illustrado e patriota, que não anhelasse pela independencia ; e o Sr. Arouche, em quem a illustração e patriotismo se achavam em grau eminente, não podia deixar de abraçar de todo o coração a causa da patria. Resolvendo a Provincia de S. Paulo mandar uma deputação ao Principe Regente, pedindo-lhe que

não se ausentasse do Brasil, foi o Sr. Arouche um dos membros d'essa honrosa e patriotica deputação: e achando-se por esse motivo na côrte, teve occasião de cooperar para o embarque das tropas Luzitanas ao commando do General Jorge de Avilez.

Eleito Deputado á Assembléa Constituinte do Brasil, no tempo em que a urna eleitoral, ainda não desnaturalisada pelas ambições, exprimia o voto popular, n'ella trabalhou até a sua dissolução a 11 de Novembro de 1823. De novo eleito Deputado á Assembléa Geral Legislativa em 1824, pediu e obteve dispensa de tomar assento, allegando o seu estado valetudinario, e sua avançada idade. Entretanto na sua provincia não se negou jámais a prestar seus valiosos serviços, tanto no Concelho do Governo, como no Concelho Geral.

Tendo sido creada pela lei de 11 de Agosto de 1827 uma Academia de Sciencias Juridicas e Sociaes n'esta cidade de S. Paulo, foi o Sr. Arouche nomeado seu Director. Sem duvida em ninguem melhor podia recahir esta nomeação, não só pelas suas qualidades pessoaes, como porque era a realisação de um pensamento pelo qual muito pugnára na Assembléa Constituinte, e entre os seus innumeraveis amigos da côrte. Sabio, prudente, zeloso, affavel e jovial mesmo, foi sempre respeitado e amado pelo Corpo Academico, que muito se contristou com a demissão que lhe foi dada por decreto de 19 de Agosto de 1833, demissão por elle tantas vezes solicitada, e sempre procrastinada pelo governo, que sabia apreciar o seu merecimento, e fazia justiça aos seus importantes serviços.

Bem persuadido de quanto era conveniente promover o engrandecimento material do paiz, foi um dos principaes Accionistas da fabrica de ferro de S. João de Ypanema, para onde fez varias viagens todas as vezes que era necessario tomar algumas medidas para o melhoramento d'aquelle estabelecimento, que tantas vantagens promettia, e ainda promette ao Estado. Dominado do mesmo pensamento, de sociedade com alguns amigos (o Sr. Coronel Anastacio de Freitas Trancoso, e outros), procurou estabelecer uma fabrica de fiar e tecer algodão, edificando-se a casa em terreno seu, e defronte á sua chacara, afim de

estar sempre debaixo das suas vistas. Mas desgraçadamente este estabelecimento mallogrou-se. Não aconteceu porém assim com a cultura do chá, cujo importante ramo de riqueza publica, póde dizer-se, ao Sr. Arouche deve-se a creação e desenvolvimento, n'esta provincia, que hoje já produz algumas centenas de arrobas para consumo e exportação ; e em breve se tornará a mais rica producção da provincia. Quando por tantos outros titulos o Sr. Arouche não fôsse benemerito da patria, bastava só o serviço feito á provincia e ao Brasil com a cultura do chá, para merecer a gratidão de seus compatriotas. Só um genio emprehendedor e constante poderia vencer os obstaculos que a cultura e fabrico do chá, antigo monopolio da China, encontraram para aclimatar-se no Brasil. E' verdade que no Jardim Botanico de Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro, já havia esta plantação, e alguns Chinas mandados vir pelo governo do Sr. D. João VI cultivavam e fabricavam o chá. Alli o Sr. Arouche, recebendo as sementes, desejou aprender, e mandar aprender praticamente o seu fabrico. Mas, ou fôsse porque os Chinas não quizessem ministrar as instrucções precisas, ou por qualquer outro motivo, as primeiras experiencias que se fizeram na sua chacara não produziram feliz resultado. Todavia o patriota illustrado não desanimou, applicou-se a estudar a materia nos auctores que d'ella tratavam, e ajudado pelo Sr. Francisco Pinto do Rego Freitas, conseguiu fabricar o chá hyson quasi tão bom como o da China. Para fazer conhecido de todos o methodo de plantação e fabrico do chá, escreveu uma memoria, que corre impressa; e a sua casa esteve sempre franca para quem quizesse aprender praticamente o fabrico do chá. Ao tempo da sua sentidissima morte a sua plantação de chá excedia muito a 54.000 pés que produziam para mais de 40 arrobas por anno.

Quem possuia tantas virtudes civicas não podia deixar de cultivar tambem as virtudes da humanidade. A Confraria da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade, que tem a seu cargo manter um hospital de enfermos, outro de lazaros, e uma casa de expostos, mereceu-lhe especial dedicação. Por muitos annos foi seu Provedor, e o era quando

falleceu, despendendo não pequenas sommas de dinheiro, e cedendo a beneficio dos estabelecimentos de Caridade a cargo d'aquella Confraria a gratificação que lhe competia como Director da Academia de Sciencias Juridicas e Sociaes.

Uma vida sempre laboriosa, votada ao serviço da patria e da humanidade, terminou ás 9 horas da noite de 26 de Julho de 1834. Tinha de idade o Sr. Arouche quando falleceu 78 annos, 3 mezes e 14 dias. Durante a sua enfermidade conservou sempre a segurança de espirito, o bom senso, e sangue frio de que foi dotado em todo o tempo da sua vida. Seu nome é ainda repetido com veneração e saudade por seus innumeraveis amigos, sua memoria será sempre cara á patria e á humanidade.

S. Paulo, 20 de Julho de 1843.

DR. MANUEL JOAQUIM DO AMARAL GURGEL.

O CONEGO GASPAR RIBEIRO PEREIRA

Nasceu no Rio de Janeiro; foi Mestre em Artes, e Jubilado por Indulto Apostolico, e um dos primeiros Conegos da nova Sé, que occupou a 4.ª cadeira, da qual tomou posse a 16 de Junho de 1686. Como assistente do Bispo D. José de Barros de Alarcam, acompanhou-o á côrte, onde nomeado procurador do cabido, por eleição de 16 de Maio de 1687, teve de consignação a quantia de 120$000 rs., que S. M. dava á fabrica (por não haver outro meio de sustental-o), e as esmolas das missas cantadas nas festas das irmandades e confrarias, ou dentro ou fóra da Sé nas capellas do seu termo, por terem cedido de taes benezes os ministros officiantes em beneficio da procuradoria.* Finalisados os negocios, e com elles expirando a procuração, tambem se suspendeu a quantia

* Consta do Termo a fl. 9 do Liv. 1.º dos Termos do Cabido: e por esse documento se alcança a posse em que está o Cabido de taes direitos.

consignada, e o vencimento da congrua com os benezes respectivos, como presente no beneficio, para cuja residencia o notificou o termo capitular de 16 de Maio de 1699. Restituido com o mesmo Bispo, foi nomeado visitador das igrejas do reconcavo pelo cabido Sé vaccante a 18 de Junho de 1701: mas obrigando-o novos motivos a tratar perante o soberano outros particulares concernentes á diocese, e ao mesmo cabido, cometteu-lhe o corpo capitular essa diligencia, permittindo-lhe tambem que nomeasse substituto para a continuação da visita, afim de seguir viagem na frota d'aquelle anno.

Satisfeita a commissão, voltou á residencia do beneficio, e nó anno de 1703 passou a Minas Geraes munido de todos os poderes episcopaes, que o Bispo D. Francisco de S. Jeronimo lhe delegou, não só para visitar e providenciar as igrejas nascentes do seu districto, mas para fazer a divisão do Bispado por aquelle continente com o Arcebispo da Bahia, e defender a entrada de sacerdotes estranhos, que sem nomeação expressa do ordinario do Rio de Janeiro se introduziam a parochiar os povos dispersos pelo coração de um terreno assaz dillatado, por onde parecia que continuava a sua jurisdicção ampliadissima, em conformidade da bulla da creação do Bispado.

Com serviços d'esta natureza foi apresentado na dignidade arcediagal a 13 de... de 1714, e possuiu-a desde 13 de Abril do anno seguinte, até que promovido á dignidade de thesoureiro mór por apresentação de 19 de Novembro do mesmo anno, se impossou d'ella a 27 de Abril de 1716. Occupou as varas do Bispado por provimento da Sé vaga em 1721, até a posse do Bispo D. Fr. Antonio de Guadelupe, satisfazendo os deveres de ministro intelligente, e muito são em todos os cargos que serviu.

Foi assaz zeloso dos interesses da sua corporação, e da Sé, cujas rendas augmentou, legando-lhe por ultimo 6 mil cruzados para se empregarem a arbitrio, e disposição do Bispo, com o parecer do Cabido, em beneficio da fabrica. Requerendo o Conego Albano de Mattos, como testamenteiro, a entrega do legado, mandou o Bispo por despacho de 4 de Junho de 1737, que o Conego Prioste o recebesse, para empregal-o na compra de alguma propriedade util á Sé

pelo seu rendimento. Achava-se em venda n'aquella occasião uma casa terrea, sita no canto da rua dos Latoeiros, por 450$; e como havia necessidade de casa para deposito das alfaias e trastes da fabrica da Sé, lançou-se mão da opportunidade, levantando a fabrica um sobrado para aquelle fim, a custo de 3:725$000.

Officioso a favor dos indigentes, instituiu a esmola perpetua de 2$000, que a Casa da Misericordia, distribue no dia quinta feira maior, por doze pobres assistentes á acção do lava pés; para curativo dos doentes da mesma casa, alem da quantia de 200$000 rs. deixados por uma só vez, legou duas propriedades nobres na rua do Sabão, com o encargo perpetuo de certas capellas de missas por sua alma. Aos Padres Capuchos da cidade legou tambem a esmola de 16$000 rs., para lhe fazerem annualmente um officio de nove lições, e a de 8$000 rs. para lhe cantarem sobre a sepultura um responso em cada dia do oitavario dos defuntos; e á enfermaria dos mesmos Padres 100$000 rs. por uma só vez. Para as obras da nova Igreja de S. Pedro deixou 200$000 rs.; aos logares sanctos de Jerusalém 100$000 rs.; para se fundar em Lisboa ou no Porto uma capella annual de missas por sua alma quatro mil cruzados; e instituiu outra em seu sobrinho, que devoluta, por fallecimento do administrador, passou ao juizo dos residuos ecclesiasticos, e d'ella tem a juros a irmandade de N. S. da Piedade de Magé a quantia de 400$000 rs. A' N. S. do Desterro, cujos bens, e igreja (annexa posteriormente ao convento de Santa Thereza) administrára até o anno de 1732, por commissão dos Bispos D. Francisco de S. Jeronimo e D. Fr. Antonio de Guadelupe, o total de 660$000 rs.; á N. S. da Ajuda, cujo recolhimento e bens tambem administrou por iguaes commissões 400$000 rs.; á N. S. do Carmo em fim, outra quantia semelhante. Destribuindo por este modo o cabedal que possuia, não se esqueceu de dotar algumas meninas orphãs, e de soccorrer com legados e esmolas aos seus parentes e amigos, entrados em grande parte nas suas disposições testamentarias.

Substituindo a falta da imagem de N. S. da Cabeça construida de barro, que o Capitão Governador Martim de Sá havia collocado na Igreja Cathedral 1ª, em 1616,

e se quebrára : mandou fazer de escultura outra em Lisboa, em tudo semelhante á antiga ; e recommendando ao seu testamenteiro todo o disvello no preparo do novo altar, onde havia de ter assento a imagem, determinou-lhe de mais a esmola de 50$000 rs., para o seu ornato. Esta Senhora, a quem a devoção particular do cabido adoptou por sua Padroeira, era adorada no altar ultimo da parte do evangelho da igreja de N. S. do Rosario, emquanto alli se conservou a Sé ; porém trasladado o corpo capitular para a Capella Real do Carmo, tambem se transferiu para o altar que antes fôra de S. Pedro Martyr, da parte da epistola. O Conego Gaspar Ribeiro Pereira falleceu a 8 de Janeiro de 1734, e jaz na capella mór da Igreja de Santo Antonio, em jazigo proprio, onde se havia recolhido tambem o corpo de seu irmão o Conego Antonio de Sá Pereira.

(*Das Memorias de Monsenhor Pizarro.*)

Pedro Alvares Cabral, filho terceiro de Fernão Cabral Adiantado da provincia da Beira, senhor de Azurara, e Alcaide mór de Belmonte ; e de D. Isabel de Gouvêa, filha de João de Gouvêa, senhor de Almendra, nasceu para augmentar com acções heroicas os herdados brazões de sua illustre casa. Desde a adolescencia frequentou com tão espantosos successos a escola de Marte, que o achou a prudente eleição do Serenissimo Rei D. Manoel de ser digno successor do famoso Argonauta D. Vasco da Gama, em a dilatada e perigosa navegação do Oriente, para a qual sahiu da barra de Lisboa a 9 de Março de 1500, em uma armada composta de 13 naus, e guarnecida de 1,200 homens. Tendo navegado o espaço de 16 dias, se converteu na altura do Cabo Verde a bonança em tão horrivel tempestade, que, arribando um dos navios á Lisboa, foram os outros vagamente descorrendo sem rumo, até que, conduzidos pela Divina Providencia á altura do Polo Antartico em dezenove graus e meio da parte do Sul, se avistou a 24 de Abril uma terra, até aquelle tempo ignorada, cuja perspectiva causou excessivo jubilo aos

navegantes, assim pela frondosa verdura das arvores, como pela eminente elevação dos montes, e dilatada extenção dos campos. Acompanhado dos principaes Cabos da armada desceu á terra Pedro Alvares Cabral, e mandando levantar o sagrado signal da nossa Redempção, se celebrou o incruento sacrificio da missa, e no fim d'elle houve sermão, a cujas ceremonias assistiam os Barbaros, igualmente admirados, que reverentes. Para eterno monumento da sua piedade intitulou Pedro Alvares a nova terra com a religiosa antonomasia de Sancta Cruz, que depois se mudou em America, por ter demarcado as terras e costas maritimas d'ella Americo Vespucci, insigne Cosmographo, e ultimamente Brasil pela producção da madeira que tem côr de brasas. De tão importante descobrimento informou logo Pedro Alvares a El-Rei D. Manuel, por Gaspar de Lemos, segurando-lhe que, havendo dilatado o seu imperio pelas tres partes do mundo, lhe offerecia o Céo a quarta, para ser Senhor do globo do Universo figurado na esphera que tomára por empresa. Sahindo d'este porto, que lhe impôz o nome de Seguro, por assim o ter experimentado, se viu um cometa que, estendendo a cauda sobre o Cabo da Boa Esperança, foi funesto annuncio da horrorosa tempestade que padeceu a armada, da qual naufragaram lastimosamente quatro navios. Passada tão fatal tormenta, aportou a 20 de Julho na cidade de Quiloa, situada na Costa Oriental, onde recebeu do seu Principe distinctas significações, e celebrando com elle pazes, se alteraram brevemente pela inconstancia d'aquelle Barbaro. De Milinde passou á Anchediva, e a 13 de Novembro entrou em Calecut, destinada balisa da sua jornada, e como experimentasse o fementido animo do Samorim, para castigo da sua perfidia lhe abrazou 15 naus ancoradas no porto, e com a artilharia derrubou grande parte da cidade, com a morte de 500 pessoas. Chegando a Cochim em 4 de Dezembro, onde estabelecidas pazes com o seu Principe e El-Rei de Cananor, voltou para o Reino, entrando em Lisboa a 23 de Junho de 1501. Foi recebido por El-Rei D. Manuel com aquellas honras de que eram acredoras as acções obradas em obsequio de tão generoso Principe. Foi casado com D. Isabel de Castro, filha de D. Fernando de Noronha, irmão do Mordomo mór D. Pedro

de Noronha, e de sua mulher D. Constança de Castro, de quem teve Fernão Alvares Cabral e Antonio Cabral, que morreram sem successão; D. Constança de Noronha, que casou com Nuno Furtado, Commendador de Cardiga; e D. Guiomar de Castro, Religiosa Dominica no Convento da Rosa de Lisboa. Fazem illustre memoria do seu nome Barros *Decad.* 1.ª *da Ind.* liv. 5° cap. 1° até 10. Castanheda *Hist. da Ind.* liv. 1° cap. 30 até 42. Maf. *Hist. Indie.* liv. 2.° Faria *Asia Portug.* Tom. 1° Part. 1ª cap. 5.° Fr. Gio Guisep. di S. Teres. *Istoria del Brasile.* Part. 1ª liv. 1° cap. 5°. Rocha *Amer. Portug.* pag. 6. Solorzano *de Jure Indiar.* Tom. 1° liv. 1° cap. 3° ns. 31, 32, 33. Franc. de S. Maria *Diar. Portug.* Tom. 1° pags. 104, 411 e 668, e Tom. 2° pags. 15, 71 e 415. Fr. Anton. de S. Roman *Hist. de la Ind. Orient.* liv. 1° caps. 11, 12, 13. Puente *Comp. de la Hist. de la Ind. Orient.* liv. 2° cap. 5°. Vasconcel. *Notic. do Brasil,* liv. 1° e seguintes. Lafitau *Conquestes de Portuguais* Tom. 1° liv. 2°. La Clede *Hist. de Portug.* Tom. 1° pag. mihi 568. Mariz, *Dial. de var. Hist. Dialog.* 4. Barbuda *Emprez. Milit. da Lusit.* pag. 116. Camillo Borrel, *Comment. in Arbor. Lusit. Reg.* pag. 119. Escreveu:

Relação da sua jornada. M. S. A qual sahiu traduzida em latim por Luiz de Cadamosto, e sahiu em livro *Novus Orbis Regionum ac Insularum,* colligido por Simão Grineo. Basileæ apud Joan. Hernagium 1555. fol. á pag. 46. Na lingoa Italiana sahiu vertida, e impressa por João Bautista Ramusio nel *primo volume delle Navig. e viagi.* Venesia, nella stamperia de Giunti 1563. fol. á pag. 121 vers. até 127. Como author d'esta Relação é allegado por Nicol. Anton. *Bib. Hesp.* Tom. 2° pag. 134, col. 2ª e pelo Addicionad. da *Bib. Oriental,* de Anton. de Leão Tom. 1° Tit. 2° pag. 26.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

(Extracto das actas das sessões dos mezes de Outubro, Novembro e Dezembro.)

114ª SESSÃO EM 12 DE OUTUBRO DE 1843

PRESIDENCIA DO EXM. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO.

A's 6 horas da tarde abre-se a sessão, a qual começa pela leitura da acta da antecedente, que é approvada.

EXPEDIENTE—Cartas escriptas de Pariz pelos senhores Touchard e Hernoux, Ajudantes de campo de S. A. Real o Sr. Principe de Joinville, participando haverem recebido os seus diplomas de membros correspondentes do Instituto, e agradecendo a nomeação.

Escreve da Bahia o Socio correspondente o Sr. Tenente Coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, remettendo a biographia do fallecido Brasileiro José Bittancourt Accioli, e copia de um officio dirigido em 10 de Março de 1793, pelo Ministro de Estado Martinho de Mello e Castro, ao governador da Bahia: noticiando tambem que brevemente ficará concluida a impressão do 5º volume das suas—Memorias Historicas da Bahia,—findo o qual passará ao 6º, e a uma outra publicação intitulada—A Revolta de 7 de Novembro de 1837 na Bahia.

Officio da Academia Pontaniana de Napoles, solicitando ao Instituto a sua correspondencia, e offertando-lhe diversos volumes contendo os seus trabalhos e actas, e igualmente a obra—Istoria d'Italia nell'anno 1547, e la descrizioni del regno di Napoli di Camillo Porzio; per la prima volta publicate per cura dell'Accademia Pontaniana colle Memorie intorno la vita del Porcio, scritte da Agostino

Gervazio, Accademico Pontaniano: Napoles, 1839, um volume in 4°.

Determina o Instituto que se remetta uma collecção completa de seus impressos á Academia Pontaniana, fazendo-a sciente que com a maior satisfacção acceita a sua honrosa correspondencia.

Escreve tambem de Napoles o Sr. Dr. D. Pasquale Stanislau Mancini, offertando o 1° e 2° volumes do seu jornal scientifico e litterario—Le ore solitarie,—no qual faz honrosa menção do Instituto: e um opusculo com o titulo de Ragionamento dell'Avvocato Pasquale Stanislau Mancini intorno alla proprietá letteraria italiana, e ad un opuscolo di Raffaele Carbone: 1841.

Foi esta dadiva recebida com especial agrado, e bem assim a seguinte do Sr. Commendador José Domingues de Attaide Moncorvo: 1°, Falla dirigida á Assembléa Legislativa Provincial de Minas Geraes na abertura da sessão ordinaria do anno de 1843, pelo Presidente da Provincia Francisco José de Sousa Soares de Andréa: 2°, Falla com que abriu a segunda sessão ordinaria da 4ª Legislatura da Assembléa Legislativa da Provincia das Alagôas o Exm. Presidente Caetano Silvestre da Silva, em 2 de Fevereiro de 1843: 3°, Discurso recitado pelo Exm. Sr. Coronel José Thomaz Henriques, Presidente da Provincia do Pará, na abertura da segunda sessão da Assembléa Legislativa Provincial no dia 15 de Agosto de 1843: 4°, Collecção das leis provinciaes da Provincia das Alagôas, anno de 1843.

O 2° Secretario apresenta uma Memoria sobre o melhor plano de se escrever a historia antiga e moderna do Brasil: memoria que lhe fôra remettida com a respectiva cedula fechada, contendo o nome de seu auctor, afim de entrar em concurso, segundo o programma publicado pelo Instituto na sua 4ª sessão publica anniversaria.

Foram approvados membros correspondentes do Instituto os Srs. D. Pasquale Stanislau Mancini, professor de Direito em Napoles; e D. Pasquale Pacini, naturalista italiano, encarregado pelo seu governo de uma excursão scientifica pelo interior do Brazil.

115ª SESSÃO EM 16 DE NOVEMBRO DE 1843

PRESIDENCIA DO EXM. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO.

EXPEDIENTE—Principia pela leitura da seguinte carta do Socio correspondente o reverendissimo Sr. Conego Reitor Manoel Joaquim da Silveira.

« Illm. e Rvm. Sr.—Tenho a honra de accusar a recepção do Officio de V. S. de 11 de Fevereiro do corrente anno, em que me communica a deliberação, que tomára o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, de mandar remetter-me os dois volumes da—Historia Geral—que está publicando o Sr. Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro, contendo o primeiro a Historia sagrada, ou Resumo historico do Antigo Testamento; e o segundo a Vida de Jesu-Christo e dos Apostolos, e a Historia compendiada dos Judeos desde a sua dispersão até nós; para que eu emtitisse o meu juizo ácerca dos mesmos.

« A minha ausencia d'esta cidade por espaço de seis mezes foi a causa da demora no cumprimento do mandado do Instituto, mas apenas cheguei dei-me ao trabalho do exame dos referidos dois volumes, e parece-me que a obra satisfaz ao fim com que foi escripta, que é digna de conservar-se na Bibliotheca do Instituto, e que seu A. se faz credor de elogios por ter empregado tambem as suas horas vagas escrevendo para a mocidade em assumptos tão importantes. Uma proposição achei porém mal soante sobre o Nascimento Eterno do Verbo Divino, Tom. 2º pag. 145, Liv. 10; mas como as antecedentes e seguintes explicam o dogma catholico em toda a sua pureza, usando de uma bôa hermeneutica, attribuo essa proposição a qualquer inadvertencia na dicção, ou a erro typographico, que facil será emendar. Não me extendo mais porque o objecto da obra não diz um respeito immediato ao fim do Instituto; aliás demorar-me-ia a provar o que avancei.

« E' este o meu juizo que submetto ao illustrado juizo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

« Deus Guarde a V. S. Rio de Janeiro 27 de Outubro de 1843.— Illm. e Rvm. Sr. Conego Januario da Cunha Barbosa, Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.— *Manoel Joaquim da Silveira.* »

Resolve o Instituto que fique esta carta sobre a mesa para ser discutida na sessão seguinte o parecer que n'ella se contém.

Foi doado para a Bibliotheca do Instituto, e recebido com muito especial agrado:

Pelo Sr. Commendador José Domingues de Attaide Moncorvo: De la Colonisation au Brésil; Mémoire historique, descriptif, statistique et commercial sur la Province de Sainte Catherine; formant le deuxième rapport à la Société Belge-Brésilienne de colonisation; par Charles Van Lede: Bruxellas, 1843: — e os fasciculos 59, 60 e 61 do Museu Bourbonico de Napoles.

Pelo Sr. Isaac G. Strain: Crania Americana, or a comparative view of the skulls of various aboriginal nations of North and South America; to wich is prefixed and Essai on the varieties of the human species: by Samuel George Morton, M. D.: Philadelphia, 1839: um grosso volume em folio ornado de 78 estampas.

Pelo Sr. Padre Dr. João Honorio de Magalhães Gomes: — Historia de la conquista de Mexico, poblacion y progressos de la America Septentrional conocida por el nombre de Nueva Espana; por D. Antonio de Solis: um volume in-fol. enriquecido de estampas, impresso em Bruxellas no anno de 1704.

Pelo Instituto dos Advogados Brasileiros o primeiro numero da 1ª serie de suas Memorias.

Foi approvado Socio correspondente o Sr. Isaac G. Strain.

E' tambem approvado o seguinte programma do Sr. Conselheiro Mariz Sarmento, afim de ser lançado na urna e sorteado como ordem do dia das sessões do Instituto:

« Não será verdade o que affirmam alguns historiadores, e se tem geralmente repetido até hoje, que a guerra da restauração de Pernambuco do dominio Hollandez não recebeu auxilio algum da côrte de Lisboa, e que foi emprehendida e sustentada a despeito das ordens d'ella, e até contra a sua vontade? Ou será, pelo contrario, verdade, como alguns suspeitam, e outros tem por certo, que aquella guerra foi insinuada e fomentada pela mesma côrte, e por ella auxiliada, quanto podia, com armas, gente e munições

que mandava occultamente, e pouco e pouco que as ordens ostensivas em que formalmente a desapprovava não eram sinceras, e só tinham por fim illudir a Hollanda cuja alliança na Europa tão necessaria lhe era contra a Hespanha? — *Maris.* »

O Socio effectivo o Sr. Tenente Coronel José Joaquim Machado de Oliveira apresenta o seguinte requerimento:

« As differentes versões que tem dado a administração, que exerci no Pará nos annos de 1832 e 1833, os modernos historiadores d'aquella Provincia, pouco escrupulosos sem duvida em deprimirem alheias reputações a troco da vangloria de estrearem factos, que ainda não se achavam bem depurados da baba da calumnia para entrarem no dominio da Historia, hão suscitado em mim tal susceptibilidade, que, ainda quando reconheça que póde ella ser tomada como importuna, não chego a apaziguar minhas convicções sem que me anteponha a semelhantes alvitres e aleivosas diatribes.

« Ainda ha pouco foi publicado o Juizo, que por deliberação do Instituto interpuz ácerca de duas Historias do Pará, e n'elle tratei de refutar calumniosas imputações, que ahi me foram lançadas no tocante a aquelle arduo periodo de minha vida official, e que tambem offendiam á verdade historica, que o Instituto tem por maximo dever sustentar : e o seu honroso assentimento a quanto expendi a pró de minha justificação firmou-me mais no proposito de não consentir que passe desapercebida qualquer asserção, que induza a pensar menos favoravelmente sobre pontos, em que se basêa minha reputação publica : e não bem destruidos os preconceitos suscitados contra mim com acintosa malevolencia, surge agora uma nova aggressão, e de especie diversa da que me foi dirigida pelo escriptor da Corographia Paraense. O Sr. Abreu e Lima, quando no seu — *Compendio da Historia do Brazil* — refere-se ao *Pará desde* 1831 *até a presente época*, e á minha administração d'aquella Provincia, figura-me *ligado ao partido dirigido pelo Conego Baptista*, a quem attribue os males e vicissitudes por que tem passado a mesma Provincia.

« Cumpre primeiro que tudo notar, que é lastimosa e deploravel a condição que se me sobreseguiu a aquella

presidencia ; que além de ter soffrido os embates de opiniões diversas e disparatadas, a calumnia e a maledicencia têm-se com ella abroquelado no vão empenho de concitar contra mim a animadversão publica. O escriptor da Corographia deixa por vezes entrever que o meu procedimento foi sempre em contraste com as opiniões e dictames do Conego Baptista; e o compilador da Historia do Brazil apresenta-me constantemente de accôrdo com ellas, e ligado ao partido d'esse coripheu, embora *amainasse eu as revoltas* do interior, que foram instigadas por elle.

« Devendo pois repellir, como me cumpre, esta nova imputação, julgo que para esse fim posso servir-me da propria defesa contra a qual refutei as que me irrogou a Corographia ; e por isso : requeiro que, tendo o Instituto deliberado que fôsse submettido ao exame de uma commissão especial o *Compendio da Historia do Brazil*, haja ella de considerar como um dos topicos da sua analyse a parte historica do mesmo Compendio que é relativa ao Pará, e contra a qual reclamo ; e que a illustrada Commissão, recorrendo aos pontos em que no meu Juizo sobre as Historias d'aquella Provincia mostrei, que sempre estive em perfeito antagonismo com as opiniões e proceder do individuo a quem o Sr. Abreu e Lima classifica como instigador do partido infenso ao Pará, haja de comprehender no parecer que emittir a respeito d'esta obra o juizo que forma sobre a pretendida liga que, no conceito do escriptor do Compendio, travei com este partido ; juizo em que me louvo, e a que me submetto, por isso que relevo esperal-o imparcial e recto dos conspicuos e honrados cidadãos que compõem a Commissão : e se para bem formal-o não forem bastantes as provas já ali apresentadas por mim em defesa de accusações identicas ás do Compendio, outras exhibirei, se a Commissão as exigir, que destruam qualquer duvida ou hesitação, que se apresente ácerca da opposição que deparou da parte do Conego Baptista a politica que me serviu de norma na Presidencia do Pará. — *J. J. Machado de Oliveira.* »

Pedindo a palavra o 2º Secretario, declara que não póde entrar em discussão o requerimento supra, por isso que já se acha sobre a mesa o parecer da Commissão sobre

o *Compendio da Historia do Brasil* : e passa a lêr o referido parecer, cuja discussão fica adiada para a sessão seguinte.

O Exm. Sr. Presidente nomeia ao Exm. Sr. Conselheiro José Clemente Pereira para Orador da Deputação que em nome do Instituto deve felicitar a S. M. I. no dia 2 de Dezembro, feliz Anniversario Natalicio do mesmo Augusto Senhor.

116.ª SESSÃO EM 17 DE DEZEMBRO DE 1843

ASSEMBLÉA GERAL ANNIVERSARIA DE ELEIÇÃO

Presidencia do Illm. Sr. Conego Januario da C. Barbosa

Achando-se ausente, por se haver retirado para Porto Alegre, o Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo, em conformidade dos Estatutos passa a occupar a cadeira da Presidencia o Illm. Sr. 1º Secretario Perpetuo, o qual declarando aberta a sessão, o 2º Secretario lê a acta da antecedente, que é approvada.

Expediente.—Officio do socio correspondente o Exm. Sr. Tenente Coronel Ricardo José Gomes Jardim, acompanhando a remessa de tres exemplares do Discurso que na qualidade de Presidente da Provincia da Parahyba do Norte recitou na abertura da Assembléa Legislativa Provincial no dia 4 de Agosto de 1843.

Escreve de New York o Sr. Luiz Henrique Ferreira de Aguiar, agradecendo ao Instituto o titulo que lhe conferiu de Socio correspondente, offertando para o Museu da Sociedade uma porção de moedas de prata e cobre, e tambem um pequeno sacco, obra dos Indios do Condado de Niagara, Estado de New-York·: e remettendo igualmente para a Bibliotheca as seguintes obras : — Rambles in Yucatan, or Notes of travel through the Peninsula, including a visit to the remarkable ruins of Chi-Chen, Kabah, Zayi, and Uxmal ; by B. M. Norman : New Yorh, 1843, um

vol. in 8.º, ornado de estampas.—The Addresses and Messages of the Presidents of the United States, from Washington to Tyler, embracing the executive proclamations, recommendations, protests, and vetoes, from 1789 to 1843, together with the declaration of Independence and Constitution of the United-States ; 4.ª edição, New York, 1843, um grosso volume in-8º.

Foi outrosim offerecido para a Bibliotheca: pelo Socio effectivo o Sr. José Silvestre Rebello, da parte do Socio correspondente o Exm. Sr. José Marques Lisboa, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Brazil em Londres :—Memoirs of the Marquis of Pombal; with extracts from his writings, and from Despatches in the state papers office, never before published ; by John Smith, Esq., Private Secretary to the Marshal Marquis de Saldanha : Londres, 1843, 2 vols. in-8.º—Pelo Socio effectivo o Sr. Dr. Josino do Nascimento Silva, da parte do Socio correspondente o Sr. João Diogo Sturz, Consul Geral do Brazil na Prussia :—Minutes of the Commitee of Conneil on Education ; with appendices ; 1840—1842 : Londres, 2 vols. in-8.º

Resolve o Instituto que o Sr. Secretario Perpetuo agradeça da sua parte as offertas acima mencionadas.

Foi approvado um Membro correspondente para a secção geographica.

Leu-se depois o seguinte Discurso, que o Exm. Sr. Conselheiro José Clemente Pereira recitou como Orador da Deputação incumbida pelo Instituto de felicitar a S. M. o Imperador no dia 2 de Dezembro.

« Senhor.—As vivas demonstrações de publico regosijo, com que o Brazil solemnisa o Anniversario Natalicio de Vossa Magestade Imperial, não são actos cortezãos de mera etiqueta, symbolisam o profundo reconhecimento de um grande principio politico, o principio da excellencia do Throno Constitucional de V. M. I., seguro penhor da ordem social das instituições de que deriva a legitimidade da sua origem.

« E são justos, Senhor, os sentimentos de gratidão, amor e esperança, que este faustissimo dia inspira nos

corações dos subditos fieis de V. M. I.: não ha coração Brasileiro, que se não eleve na gloria do passado, e não anime na esperança do futuro, quando attento reflecte nos immensos beneficios que o Brasil deve ao Throno Imperial, altamente consignados nos fastos da sua existencia politica !

« Acontecimentos extraordinarios marcavam no horizonte politico ter soado a hora da virilidade da abençoada Terra de Santa Cruz... irreflectidos decretos da mãi patria, pretendendo impedir que começasse a ser da America o que só á America pertencia, puzeram em agitação as Provincias; a anarchia e a guerra civil eram inevitaveis ! ! ! O Throno symbolisado no magnanimo Principe, herdeiro de duas coroas, e mais nobre ainda por seus incomparaveis actos de heroismo, salva o Brazil com o seu memoravel—Fico— primeiro annel que encadeou os immortaes feitos da grande obra da Independencia, toda sua !

« Apenas o primeiro perigo era vencido, o espirito maligno da desenvolta anarchia principiava a atear de novo o facho da discordia, ameaçando dividir a tunica inconsutil de dezoito Provincias irmãas, que o bem geral de todas convida a permanecerem unidas ! O immortal e heroico Principe, o Throno, acode prompto com efficaz remedio, convoca a Assembléa Constituinte Brasiliense, verdadeira declaração de independencia, e poucos dias depois faz o solemme manifesto d'esta nos afortunados campos do Ypyranga ! A' sua voz poderosa o Brasil todo obedece, anima-se e reune-se; a mãi patria resigna-se, e o velho e o novo mundo correm apressados a saudar o recem-nascido Imperio ! Saudosas recordações ! O Brasil vê-se como por encanto collocado na elevada preeminencia de nação soberana, e, para cumulo de felicidade, na posse de instituições liberaes, sem passar pelo soffrimento dos penosos sacrificios que ás mais nações tem custado a sua independencia ! ! ! Tantos e tão incomparaveis beneficios o Brasil não houvera obtido em menos de tres annos da sua vida politica, se não tivera por defensor o Throno, o Invicto Principe, Augusto Pai de V. M. I., auctor de tantas maravilhas !

« Mas estava decretado nos altos designios da Providencia, que os flagellos da desgraça, não experimentados

antes da Independencia, nos opprimissem depois d'ella. Ingratos filhos afugentaram para longe de nós o Principe salvador, o pai, o amigo que não merecíamos !!! E o Brasil houvera perecido no desamparo da sua orphandade, se ainda o Throno não fosse em nosso soccorro, nos não cobrisse com o seu escudo invulneravel, e nos salvasse! Graças a V. M. I! Vossa Magestade Imperial, Anjo tutelar do Céo enviado pelo inauferivel direito de sua legitima soberania, foi o nosso salvador em crise tão arriscada, assim como o tem sido depois em tantas outras, que no reinado de V. M. I. se tem levantado, consequencias necessarias da primeira.

« E o nosso salvador e defensor perpetuo ha de V. M. I. continuar a ser, para manter a ordem publica, firmar a paz, e comprimir com a força de seu braço movimentos que a impune rebeldia de novo ouse tentar: que só o Throno tem força assaz poderosa para sustentar nossas instituições, e fazer a prosperidade do Brasil, como a experiencia do passado attesta com factos irrefragaveis de gloriosa recordação.

« Senhor, os sentimentos que em nome do Instituto Historico e Geographico acabamos de exprimir, são de todos os Brasileiros. Digne-se V. M. I. de os acolher benignamente, acompanhados dos ardentes votos que faz á Divina Providencia para que longamente se succedam os anniversarios de tão magestoso dia, como desejam e hão mister todos os fieis subditos de V. M. I.— *José Clemente Pereira.*»

S. M. o Imperador houve por bem responder que agradecia ao Instituto.

O Illm. Sr. Presidente declara que em observancia dos Estatutos se vai passar a proceder, por escrutinio secreto, á eleição dos Membros da Mesa administrativa encarregada de dirigir os trabalhos do Instituto no seu sexto anno social : feita a votação, e apuradas as cedulas, acha-se a Mesa organisada como abaixo se segue :

Presidente Perpetuo.—Visconde de S. Leopoldo.

1.° *Vice-Presidente e Director da Commissão de Historia.*—Conselheiro Candido José de Araujo Viana (reeleito).

2.° *Vice-Presidente e Director da Commissão de Geographia.*—Conselheiro Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho (reeleito).

1.° *Secretario Perpetuo.*—Conego Januario da Cunha Barbosa.

2.° *Secretario Perpetuo.*—Manoel Ferreira Lagos.

Secretarios Supplentes.—Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia (reeleito) e Dr. Lino Antonio Rebello.

Orador.—Manoel de Araujo Porto Alegre.

Thesoureiro e Director da Commissão de Fundos e Orçamento.— José Lino de Moura (reeleito).

Commissão de Fundos e Orçamento.— Alexandre Maria de Mariz Sarmento e Thomé Maria da Fonseca (reeleitos).

Commissão de Historia.— Desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Dr. Thomaz José Pinto Serqueira e Dr. João Antonio de Miranda (reeleitos).

Commissão de Geographia.— Tenente General Francisco José de Souza Soares de Andréa (reeleito), José Silvestre Rebello (reeleito) e Conselheiro José Antonio Lisboa.

Commissão de Estatutos e Redacção.— Conselheiro Antonio José de Paiva Guedes de Andrade, e Desembargador Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara (reeleitos).

MANOEL FERREIRA LAGOS,
2.° *Secretario Perpetuo.*

REVISTA TRIMENSAL
DE
HISTORIA E GEOGRAPHIA

SUPPLEMENTO AO TOMO 5.º

QUINTA SESSÃO PUBLICA ANNIVERSARIA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO
NO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1843

Domingo 10 de Dezembro, pelas 5 horas da tarde, celebrou o Instituto, em uma das salas do Paço Imperial da cidade, a quinta sessão publica anniversaria da sua installação. SS. MM. II. honraram este acto com suas presenças, e concorreram a elle, além das pessoas de côrte, Ministros e Conselheiros de Estado, o Corpo Diplomatico e Consular, os chefes de diversas repartições, as pessoas mais gradas por seu saber e representação civil, muitos litteratos estrangeiros, e muitos Membros do Instituto, tanto honorarios, como effectivos e correspondentes. Foi brilhante este acto litterario, e em tudo igual aos anteriores anniversarios.

O Exm. Sr. Conselheiro Senador do Imperio Candido José de Araujo Vianna, Vice-Presidente do Instituto, na ausencia do seu Presidente o Exm. Sr. Conselheiro de Estado, Senador do Imperio, Visconde de S. Leopoldo, abriu a sessão pronunciando o seguinte

DISCURSO

SENHOR. — Cabendo-me hoje a honra de abrir a 5ª sessão anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, na qualidade de Vice-Presidente, e na ausencia

do digno Presidente o muito douto e distincto litterato Sr. Visconde de S. Leopoldo, não é sem grande satisfação que entro no cumprimento d'este dever, quando contemplo uma Associação que, ainda no começo de sua existencia, já tem adquirido bom direito ao reconhecimento dos amigos das sciencias em geral, e dos que prezam a gloria brazileira em particular: graças á efficacia e constante protecção do Monarcha Brazileiro, e ás fadigas incessantes dos sabios e litteratos naturaes e estranhos, que a compõem.

O Instituto Historico e Geographico, empenhado na execução do largo plano litterario a que se compromettêra, não tem desprezado meio algum de que possa dispôr, para *colligir, methodizar, publicar ou archivar os documentos necessarios para a Historia e Geographia do Brasil*; e a despeito de grandes difficuldades com que tem luctado, caminhando em senda crespa de espinhos, tem manifestado quanto póde uma vontade forte e perseverante. Assim é que pelas infatigaveis lucubrações de seus Membros, já é dado ás nossas vistas descortinar factos, ou esquecidos ou confusos, que desde o descobrimento da terra de Sancta Cruz esperam por escriptores imparciaes e de criterio, que os coordenem para servirem á mais prompta e ampla instrucção dos homens. No nosso archivo e bibliotheca, já existem documentos preciosos, que formam abundante promptuario a futuros historiadores; occupando ahi um lugar digno de particular commemoração os manuscriptos e impressos que dizem respeito aos Indigenas, como de grande interesse para o conhecimento do grau de civilisação a que haviam chegado os povos d'esta porção do Novo-Mundo, antes de apparecerem aos seus descobridores.

Por effeito d'essas mesmas lucubrações teem sido manifestados e corrigidos não poucos erros dos innumeraveis, em que fervem, e de que estão em grande parte inçados, os escriptos sobre a Historia e Geographia do Brasil. No Jornal do Instituto, e nos passados Relatorios da elegante penna do benemerito Secretario Perpetuo Sr. Conego Januario da Cunha Barbosa, a quem tanto deve a nossa Sociedade, estão patentes as provas de minhas asserções; e hoje vereis, Srs., explanados com o mesmo primor de elocução que tanto distingue o nosso Consocio, os trabalhos do

anno social que finda: vereis tambem que excelsos Principes, que talentos distinctos e abalizados do velho e novo mundo, não se têm dedignado de se inscreverem no catalogo dos Membros do Instituto, contribuindo d'est'arte para honra e gloria da corporação, e para illustração do genero humano.

Continuemos, dignos Consocios, com a mesma força de vontade, e com a mesma perseverança, a desempenhar a ardua empresa, a que fitamos, para alcançarmos uma recordação honrosa dos vindouros, e merecermos o valioso amparo do Inclito Monarcha Brasileiro, que desde os tenros annos dado ao estudo das sciencias, das artes e das lettras, com uma applicação e aproveitamento superiores a toda a crença dos que não tiveram a honra e a fortuna de acompanhal-o no rapido desenvolvimento dos talentos com que a natureza largamente o dotou, dará nome ao seu seculo, como um Augusto em Roma, um Luiz XIV em França.

Senhor! Permitta V. M. I., que em nome do Instituto Historico e Geographico eu renda a V. M. I. muitas graças pela munificente protecção com que V. M. I. o tem benignamente favorecido, e pela subida mercê que agora mesmo lhe outorga, honrando este acto com sua Imperial Presença, e com a da Augusta Imperatriz, cujas graças e virtudes, ornando o Throno, firmam a felicidade de V. M. I. e do Brasil.—Disse.

RELATORIO

LIDO NO ACTO DE SOLEMNISAR-SE O 5° ANNIVERSARIO

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

No dia 10 de Dezembro de 1843

PELO SECRETARIO PERPETUO

O CONEGO JANUARIO DA CUNHA BARBOSA

Senhor!—Correm os tempos, e os acontecimentos, que uns a outros se succedem, marcham tão rapidos, que o rastro de luz que aclara a geração presente, obliterar-se-hia na seguinte, se o genio da Historia, coadjuvado pela Geographia e Chronologia, não tomasse a seu cargo fixal-os de modo, que sirvam de instrucção aos povos de todas as idades. Elles se ligam sim em continuada cadêa por meio de relações, que algumas vezes só a intelligencia póde alcançar e restabelecer em seu estado de verdade e clareza; mas força é confessar, Srs., que milhares de circumstancias levam a nossa razão a desviar-se da verdadeïra senda dos acontecimentos, augmentando assim as trevas com que a antiguidade desbota os factos que nos transmitte. A Historia é a memoria das nações, disse um sabio philologo; e de seu copioso deposito derivam ellas a necessaria instrucção, ou para se regularem no presente, ou para penetrarem o futuro, seguras em sua marcha. Parecerá talvez de pouca monta o conhecimento de factos anteriores, que nos sirvam de guias no progressivo andamento da civilisação; mas quando a sciencia, rompendo os nevoeiros do passado, repõe os acontecimentos no seu verdadeiro ponto de luz, que só a philosophia póde bem accender, então a Historia é de grande utilidade, tanto aos que encaminham o destino das nações, como aos povos que por ella se regulam, evitando as quedas de seus antepassados, e

endereçando-se gloriosos a um fim mais digno de suas illustres fadigas.

Esta verdade palpada em todos os tempos, e nos estados conscios de seus verdadeiros interesses, reclamava os cuidados de benemeritos brasileiros, mormente depois que, proclamada a sua independencia, se constituiram em corpo de nação, principiando uma época nova, e bem differente da que marcára no mundo o descobrimento d'este vasto paiz. Um futuro glorioso se lhes antolhava; e desprendidas as azas do genio, cortadas as prisões coloniaes que acanhavam seus vôos patrioticos, elles conheceram as innumeraveis preciosas proporções, com que o céo dotára o seu solo, e que pareciam bradar pela coadjuvação das sciencias, lettras e artes, para se aproximarem de mais em mais da gloria nacional, que então lhes era permittido ambicionar; mas sem esquecimento de factos peculiares ao Brasil, que illustram de quando em quando a sua existencia colonial, e que eram, por assim dizer, precursores de suas futuras grandezas. Estes factos liam-se derramados em varios escriptos, ou conservavam-se amortecidos na memoria dos homens. Relatados diversamente por escriptores, ou nacionaes ou estrangeiros, não podiam, até o feliz momento de proclamar-se a nossa independencia, fundar base solida á nossa nacionalidade. Foi preciso portanto que brasileiros inflammados no amor da patria se dessem á patriotica tarefa de estabelecer um foco de luzes historicas e geographicas, reunindo-as de tantas recordações gloriosas, que servissem a formar um complexo de doutrinas purificadas no cadinho da critica, e digno por sua veracidade de ser levado ao conhecimento de todas as nações.

Com este fim appareceu ha cinco annos o Instituto Historico e Geographico do Brasil, animado pela approvação geral dos bons brasileiros, e resoluto a desembaraçar das trevas de passados tempos a historia da patria, que só se deve escrever dignamente depois de reunidos e collocados em seus verdadeiros logares e tempos os documentos necessarios a tão util empreza. As academias e sociedades respeitaveis do velho mundo o tem saudado como estabelecimento, que honra o genio das lettras brasileiras, e promove a gloria da patria. Vós mesmos, senhores, sempre

possuidos do mais ardente patriotismo, lhe tendes consagrado animadora veneração. O Governo Imperial, amigo das lettras, porque as lettras illustram os Estados, não cessa de coadjuvar as fadigas dos que assim procuram fazer conhecida a honra da patria; e quando outros resultados não tivessemos já colhido d'este recente litterario estabelecimento, bastára a certeza de que por elle as lettras brazileiras se fraternisam com as do velho mundo, adiantando-se em sua marcha pelas correspondencias e escriptos scientificos de tantos sabios, que já nos honram considerando-nos patrioticamente empenhados no progresso das sciencias, em um paiz quasi novo, abundante de objectos mal conhecidos, e arrebatado pela influencia da civilisação do nosso seculo, que sobrepuja as maiores dificuldades para chegar a seus gloriosos fins.

São poucos os trabalhos que póde o Instituto apresentar ao vosso conhecimento em tão curtos annos de sua existencia; mas ainda assim não deixam de ser gloriosos, e de nutrir a esperança de que sejam mais redundantes no correr dos tempos, porque augmenta-se de dia a dia o deposito de factos historicos, que devem servir mais commodamente aos nossos futuros historiadores, que nos archivos do Instituto encontrarão copioso cabedal sobre que trabalhe a sua critica.

Deve o Instituto á honrosa benignidade, com que tem sido tratado desde sua fundação, o relatorio de seus trabalhos e transacções academicas, que passo agora a fazer, na celebração do seu quinto anniversario, contando com as vossas attenções.

—

O Instituto tem cumprido o artigo de seus Estatutos, mandando nos dias de maior solemnidade uma deputação de seu seio a felicitar a S. M. o Imperador, nosso Augusto Immediato Protector. O honroso acolhimento que estas deputações têm sempre recebido, e as benignas respostas que S. M. tem dado aos seus oradores, confirmam a idéa de que o Instituto continúa a merecer do throno a mais

alta e animadora protecção. Fundado debaixo de seus auspicios, este litterario estabelecimento parece destinado a marcar os fastos memoraveis do reinado do Sr. D. Pedro II; nem escapam ao buril da historia tantos acontecimentos que se vão succedendo, e que levarão o nome de tão amavel Principe á mais remota posteridade, acompanhado dos gloriosos epithetos de protector das lettras, sciencias e artes, amigo e pai de seus patricios e subditos. Todos esses acontecimentos ficarão assim mais estampados na memoria dos homens, do que escriptos, passados annos, e já decahidos de suas primitivas côres.

Um Principe e uma Princeza de duas Illustrissimas Casas Européas, cujo sangue se mistura ao de S. M. o Imperador por antigas e gloriosas allianças, vieram estreitar os vinculos de amizade e parentesco, que já ligavam a Dynastia Brazileira á dos Francezes e Napolitanos. Este acontecimento, que promette grandes vantagens ao nascente Imperio, facilitou ao Instituto opportuna occasião de offerecer a SS. AA. RR. os Srs. Principe de Joinville e Conde d'Aquila, diplomas de Presidentes Honorarios, categoria reservada em seus estatutos aos Soberanos e Principes, que se dignarem corresponder-se comnosco como amantes e protectores das lettras. O Instituto vê d'est'arte crescer o numero de seus socios, gloriando-se de fazer chegar o conhecimento de seus trabalhos aos degraus de poderosos thronos, que em todos os tempos se distinguiram pela sua decidida protecção ás lettras. Tambem na côrte Pontificia conta o Instituto mais um socio Honorario no Emminentissimo Cardeal May, que, acceitando o nosso diploma, nos escreveu de seu punho, lisongeando-se da nossa offerta, e offerecendo-se em prol das nossas uteis lucubrações.

Continuam em activa correspondencia, tanto quanto permittem as difficuldades na troca dos nossos impressos com os de outras sociedades e sabios, as relações estabelecidas dentro e fóra do Imperio Temos recebido constantes provas de apreço e amizade, não só por honrosas correspondencias e offertas de preciosos trabalhos academicos, como tambem por signaes não equivocos de fraternal confiança, recommendando-se-nos distinctos e sabios naturalistas que passam ao Brazil encarregados de investigações

interessantissimas á Historia e Geographia dos paizes ao sul da linha. O Instituto tem-se franqueado benigno a estes testemunhos de honrosa confiança e zelo pelas sciencias, que lhe deram em suas cartas M. Jomard e Visconde de Santarém, distinctos Membros das sociedades de Geographia e Ethnologica de Paris, abrindo o seu Archivo e Bibliotheca aos Srs. Conde de Castelnau e Visconde d'Osery por elles recommendados. Estes sabios naturalistas vão á frente de uma commissão scientifica, ordenada pelo illustrado Governo Francez, penetrar grande parte dos nossos sertões e serras, até passarem-se aos Estados nossos conterraneos banhados pelas aguas do Pacifico. Partiram já do Rio de Janeiro, e deverão atravessar toda a America Meridional, seguindo com pouca differença a linha de divisa entre as aguas que correm para o Norte, principalmente ao Amazonas, e as que correm ao Sul e se vão reunir ás do Prata. Depois de chegados á Lima, explorados alguns paizes circumvizinhos, sua volta se effectuará por um dos affluentes occidentaes do Amazonas, ou pelo mesmo Amazonas, e finalmente pela Guiana Franceza. Na primeira parte d'esta immensa viagem continental do Rio de Janeiro á Lima a expedição se achará em tal vizinhança da supposta posição do Equador Magnetico, que facil lhe será dividir em muitos pontos convenientemente espaçados, afim de que se possa traçar para o futuro e sem incerteza, essa importante linha magnetica ao travez de um dos dois grandes Continentes, onde sua direcção ainda é incerta. O projecto d'esta interessante expedição dirigida por um tão distincto sabio como é o Sr. Conde de Castelnau, não podia deixar de merecer a sincera e prompta coadjuvação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, em tudo que fôsse do seu alcance. O Sr. de Castelnau encontrou n'esta associação litteraria, que se honra de o contar como seu Membro, amizade franca, e esclarecimentos preciosos, que difficultosamente acharia de outro modo, porque já são mui dispersos e raros. Receberam recommendações para as autoridades e pessoas gradas das nossas Provincias interiores, e conta o Instituto que, assim auxiliado, poderá esse illustre viajante mais commodamente desempenhar a sua trabalhosa missão scientifica até as fronteiras do Imperio.

Os fructos que a sciencia em geral tem de colher de tão importante quão difficil empreza, chegarão tambem á Historia e Geographia d'este paiz. O Sr. Conde de Castelnau, e o Sr. Visconde d'Osery mostraram-se honrosamente agradecidos á nossa hospitalidade e coadjuvação.

Muito lastima o Instituto que ainda o Governo Imperial não tenha as necessarias proporções para fazer acompanhar essas commissões scientificas, que o amor das sciencias traz ao nosso Imperio para examinarem as matas, rios e montanhas do nosso interior, de alguns jovens engenheiros e naturalistas das escolas militar e medica, que muito aproveitariam a si e ao Estado, praticando com distinctos sabios, colhendo muitos esclarecimentos de que ainda carecemos, e muitos productos naturaes que enriqueceriam o Museu Nacional. A escola pratica, que assim esses jovens frequentassem, dilataria a esphera de seus conhecimentos dilatando a nossa gloria pela habilitação de engenheiros e naturalistas que se devem empregar em muitas commissões que o Governo tem de emprehender. Tempo virá em que esta idéa tenha o seu necessario desenvolvimento, para que se não diga que os estrangeiros sabem mais do nosso do que nós mesmos.

Ainda bem se não ausentaram d'este porto para a Provincia de Minas Geraes os viajantes Francezes de que fizemos menção, e já uma nova expedição do Governo dos Estados-Unidos desembarcava em nossas praias, composta de habeis engenheiros e naturalistas, e dirigida pelo bravo official de marinha o Sr. I. G. Strain. Este sabio militar havia sido recommendado pelo nosso Socio o Ministro de Portugal em Washington, o Sr. Joaquim Cesar de Figaniere Morão, a alguns Membros do Instituto, para que o apresentassem á nossa Associação como digno da nossa estima, e dos bons officios que costuma prestar aos homens de lettras. Não se enganou o Sr. Figaniere, pois que o Sr. Strain foi recebido pelo Instituto com todas as demonstrações de franqueza e amisade deque é digno. Franquearam-se-lhe os nossos Archivos, e elle se tem mostrado agradecido ao nosso benigno acolhimento.

Esta expedição tem de penetrar o interior do Brazil, demandando de Mato Grosso os affluentes do rio Amazonas

até descer ao Pará. Parece que se endereça aos mesmos fins da expedição Franceza, posto que por differentes caminhos. Depois de algumas investigações nos arrabaldes d'esta cidade, pretende em breves dias passar-se ao porto de Santos, e d'ahi a S. Paulo, e aos logares que lindam com os Estados nossos conterraneos.

O Sr. Strain presenteou ao Instituto com um rico volume de folio da obra intitulada—*Crania Americana,* ou exame comparativo dos craneos de varias nações indigenas da America Septentrional e Meridional: pelo Dr. Samuel Jorge Morton, impresso em 1839.

Teve o auctor o fito principal dar exactas descripções, acompanhadas das competentes estampas, dos craneos de mais de 40 nações de Indios, Peruanos, Brazileiros e Mexicanos, bem como, e mais particularmente, das raças da America do Norte que se estendem do Oceano Pacifico ao Atlantico, e da Florida á Região Polar. Tambem estudou attentamente as singulares depressões dos craneos, devidas aos meios mechanicos em uso entre varias nações Peruanas, Carahybas, Natchez, etc. Os materiaes colhidos pelo auctor sobre este objecto são amplos, e o habilitaram a emittir seu juizo sobre um ponto tão controverso, a saber—se os aborigenes da America, de todas as épocas, pertencem a uma só ou a diversas raças.

Além do assumpto principal contém esta excellente obra uma longa introducção ou ensaio sobre as variedades das raças humanas, que o auctor escreveu, como declara, para excitar o desejo do estudo d'esta importante e attractiva materia.

O Sr. Strain foi approvado pelo Instituto como seu Socio correspondente.

O Sr. Pascuale Pacini, distincto naturalista Siciliano, e Membro de muitas Sociedades scientificas, apromptava-se em Napoles para uma viagem mineralogica no norte da Europa, quando se celebraram os Felizes Desposorios da Serenissima Princeza a Senhora D. Thereza Maria Christina com S. M. o Imperador do Brazil. Foi tal a esperança que então concebeu o Sr. Pacini de ser mais util á sciencia, investigando os thesouros geologicos no Brazil, do que nas terras cobertas grande parte do anno pelos frios do Norte,

que mudou logo de intento, procurando que o Governo das Duas Sicilias o auctorisasse a fazer mais longa, porém mais interessante viagem, nos paizes ao Sul do Equador. O Sr. Pacini, encarregado de enriquecer o Museu Geologico da Universidade de Palermo, recebeu do nosso Socio o Cavalleiro D. Nicola Santangelo, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, a correspondencia academica do Instituto Real Bourbonico para o Instituto Historico e Geographico do Brazil. Elle appareceu no Rio de Janeiro recommendado por esta missão, acompanhando a Augusta Imperatriz do Brazil, e com determinação de viajar pela Provincia de Minas, examinando os seus productos naturaes, e colhendo os mais interessantes para os Museus de Sicilia, de Napoles e de Florença. O Sr. Pacini, acolhido pelo Instituto com todas as demonstrações que lhe merecem os homens de lettras e scientificos, offereceu uma Memoria sua manuscripta sobre os seus trabalhos mineralogicos no Reino da Sicilia, em que o seu merito n'este ramo das sciencias naturaes, transluz com muita gloria e principalmente por ser elle o descobridor da *Arragonite*, cuja analyse e descripção, apresenta n'essa sua Memoria. O Sr. Pacini receberá do Instituto toda a coadjuvação que d'elle tem recebido os naturalistas que lhe são recommendados. Elle poderá alguma vez dizer ás Academias do Reino Unido, com as quaes nos correspondemos, que o Instituto presa os seus Membros, porque deseja de mais em mais apertar os vinculos de alliança litteraria, da qual nos deram glorioso exemplo os dous Protectores das Sciencias e das Lettras, SS. MM. o Imperador do Brazil, e o Rei das Duas Sicilias. O Sr. Pacini foi approvado socio do nosso Instituto, e offereceu tambem para o nosso começado Museu uma preciosa collecção de productos mineralogicos por elle colhidos no Reino da Sicilia.

Temos recebido Actas, Relatorios, Boletins, e obras preciosas das Academias e Sociedades Scientificas que comnosco se correspondem, como são:— A Academia Real dos Antiquarios do Norte; as Sociedades de Geographia e Ethnologica de Paris; a Academia Real das Sciencias de Lisboa; a Associação Maritima Portugueza; a Academia Real das Sciencias de Napoles; a Sociedade

Pontaniana; a de Medicina de Pernambuco; a Philosophica, e a da Bibliotheca Classica da Bahia; a Litteraria, e o Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro; a Auxiliadora da Industria Nacional, e a de Agricultura de Vassouras; e contamos receber ainda fraternaes e honrosas correspondencias de outras distinctas Sociedades estrangeiras, que ou têm procurado confraternisar-se comnosco, ou a quem nos temos endereçado em utilidade e gloria das Lettras Brasileiras.

A lista dos nossos Socios tem sido consideravelmente accrescentada este anno com os nomes de muitos e distinctos sabios, que não só aceitaram os Diplomas de Membros do Instituto, como tambem nos presentearam com obras suas de grande valor á Historia e Geographia, e de grande merito no mundo litterario. O Sabio Dr. Martius, Presidente da Academia Real de Munich, offereceu-nos um importantissimo trabalho seu manuscripto, sobre o melhor systema de se escrever hoje a Historia do Brasil. Foi tal o seu contentamento (diz em sua carta este nosso presado Membro Honorario) ao lêr o Programma do Instituto offerecido a concurso, que se apressou a coadjuvar-nos com suas reflexões, para o mais prompto desempenho de tão glorioso projecto. O Sr. Dr. Martius escreve como um circumspecto Philosopho que por annos devassou as serradas mattas do interior do Brasil, correu as margens de muitos do seus rios gigantes, e dos pincaros de suas alcantiladas serras derramou vistas admiradas sobre tão vasto terreno. A magestade com que objectos ainda tão novos, mas tão ferteis de profundas meditações, se offereceram ao seu espirito, e se imprimiram em sua lembrança, fez com que, sahindo da esphera commum dos historiadores da America, agora se offerecesse com bem ajuizadas reflexões aos futuros historiadores do Brasil. Pudessemos nós ter a gloria de que o mesmo Dr. Martius executasse o seu plano, segundo as idéas que estabelece, e segundo os esclarecimentos que pôde colher ou rastrear, quando visitou o quasi desconhecido centro do vasto Imperio do Brasil! Este nosso incansavel Socio fez mais interessante a sua offerta accrescentando-lhe um extenso catalogo de obras nacionaes e

estrangeiras, que devem consultar os que se propuzerem a escrever a Historia do Brasil, e o intitulou— *Bibliotheca Brasiliana*—. Talvez que no correr dos tempos possa o Instituto colligir grande parte d'essas producções de nossos passados, algumas das quaes são presentemente quasi desconhecidas. Com tempo e perseverante zelo é que póde uma Sociedade como a nossa formar abundante deposito ou promptuario de documentos indispensaveis á Historia e Geographia. Ella tem sido confusa, e as mais das vezes segredadamente tratada; mas vai sahindo linha por linha do cahos em que a mergulharam ou a negligencia, ou a pouca critica de antigos escriptores, ou aliás a ignorancia dos presumidos politicos do systema colonial, que assim a queriam, e muito principalmente nos escriptos, que nas Typographias da mãi-patria se moldavam por suas acanhadas idéas, e pelo fanatismo dos Inquisidores do Santo Officio.

Recebeu o Instituto da Academia Real das Sciencias de Lisboa a 2ª Parte do Tomo 12º das suas Memorias, e o Discurso, lido na Sessão Publica de 22 de Janeiro passado, pelo seu Dignissimo Secretario; e recebeu tambem da Associação Maritima Portugueza os ns. de seus interessantes Annaes. O Instituto agradeceu todos estes presentes, remettendo a tão distinctas Sociedades os numeros publicados da sua Revista Trimensal.

Recebeu da Sociedade de Geographia de Paris os seus utilissimos Boletins, que chegam ao Tomo 19. O Sabio M. Jomard, distincto Membro d'essa Sociedade, convidou-nos a entrar em correspondencia com o Gabinete Geographico da Bibliotheca Real de Paris, do qual é Director; e além de utilissimos impressos sobre Geographia, com que nos tem brindado, remetteu-nos ultimamente os Relatorios de Viagens emprehendidas ao Nilo Branco, e do accrescimo de Documentos Geographicos que tem tido o Gabinete de que é Director. O Instituto prestou-se ao convite d'este nosso distincto Socio, enviando-lhe uma collecção completa dos nossos impressos.

O sabio M. Raoul Rochette, Secretario Perpetuo da Academia Real das Bellas Artes do Instituto de França, e Membro do nosso Instituto, encetou correspondencia

comnosco, respondendo ao convite que ha mais tempo haviamos feito á essa distincta Academia; elle nos brindou com um rico exemplar da sua excellente traducção do Grego intitulada:—Fragmentos de Menandro e Philemon.

Recebemos da Academia Real das Sciencias de Napoles o 5° vol. de suas Actas, e o de preciosas Memorias e publicações interessantes ás Sciencias e ás Lettras. A Academia Pontaniana escreveu-nos pelo seu sabio Secretario excitando a nossa correspondencia, admittindo como Socios o nosso Presidente o Secretario Perpetuo, como o havia já feito a Academia Real das Sciencias, e offerecendo-nos em testemunho de confraternidade litteraria varios volumes de suas Actas e trabalhos academicos, assim como tambem a obra por ella publicada sob o titulo—Historia de Italia no anno de 1547, e descripção do Reino de Napoles por Camillo Porzio.

Recebemos da Real Sociedade dos Antiquarios do Norte a continuação dos seus Relatorios e Actas; e do nosso Sabio Consocio o Sr. Visconde de Santarém as suas obras modernamente publicadas, que são:—Quadro Elementar das Relações Politicas e Diplomaticas de Portugal, com diversas potencias do mundo;—Investigações sobre a descoberta dos paizes situados na costa Occidental da Africa além do Cabo Bojador, e sobre os progressos da sciencia geographica depois das navegações dos Portuguezes no XV seculo;— Noticia sobre André Alves d'Almada, e sua descripção de Guiné.

Do nosso digno Socio M. H. Ternaux-Compans recebemos a sua obra:—Noticia historica sobre a Guiana Franceza, 1843;—do nosso digno Socio o Sr. Conde Jacob Graberg de Hemso a sua Memoria:—Dos ultimos progressos da Geographia:—do nosso Socio M. Bouillet um exemplar da nova edição do seu—Diccionario Universal de Historia e Geographia—; o qual foi remettido á uma commissão especial para informar o Instituto sobre artigos do Brazil, que n'elle se publicaram.—Do nosso Socio M. Dutot a sua obra:— Da expatriação considerada debaixo de suas relações economicas, politicas, e moraes. De nosso Socio o Sr. Dr. P. Namur, Conservador da Bibliotheca Real de Bruxellas, as suas obras intituladas:—Projecto de um novo

systema bibliographico dos conhecimentos humanos: — Manual do Bibliothecario, acompanhado de notas criticas, historicas, e litterarias; — Historia das Bibliothecas Publicas da Belgica. Do nosso Socio o Sr. Dr. Hoebeke diversas obras de sua penna sobre Medicina.

Recebemos do Sr. D. Paschoal Estanislau Mancini 2 volumes do seu Jornal scientifico e litterario, intitulado — Horas Solitarias—, no qual faz honrosa menção do nosso Instituto, e tambem outros opusculos de sua penna. — Do nosso Socio o Sr. Cavalleiro D. Miguel Tenorio as suas obras— : Viagem a alguns logares da Basilicata, e da Calabria citerior, no anno de 1826; — Ensaio sobre a geographia physica e botanica do Reino de Napoles; —Relação da Viagem a alguns logares dos Abruzzos em 1831; —Relação de uma excursão ao Termino, lida na Real Academia das Sciencias. — Do Sr. Cavalleiro Theodoro de Monticelli, Secretario Perpetuo da Academia Real das Sciencias de Napoles, o 2° vol. de suas obras.

Não pequeno incremento tem recebido o nosso archivo dos presentes que lhe tem feito muitos Socios e Litteratos nacionaes. O Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, esmerilhando os archivos e cartorios mais ricos de antiguidades no Reino de Portugal, tem conseguido repôr em sua devida ordem e luz muitos factos, ou transpostos, ou desfigurados; esclarecendo-os com a sua bem conhecida critica, elle os vai apresentando ao Instituto em varias Memorias suas, em copias de cartas e documentos que servirão de bases aos trabalhos dos nossos escriptores no primeiro periodo secular da nossa historia. O Sr. Varnhagen, lavrando as minas archeologicas da cidade em que hoje existe empregado pelo Governo do Brazil, organisou e remetteu ao Instituto a 1ª parte de uma sua interessante Memoria intitulada: As primeiras Relações Diplomaticas respectivas ao Brazil, que já se acha impressa na collecção das nossas Memorias. Acompanha no zelo d'este incansavel Socio o igualmente incansavel Membro Honorario do Instituto o Sr. Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond, Ministro do Brasil em Lisboa, que não cessa de promover o engrandecimente d'esta Litteraria Associação, com manuscriptos, obras antigas,

Mappas e Memorias sobre o Brazil, que enriquecem a nossa bibliotheca e archivo.

Reconhecendo o Instituto a necessidade de uma estatistica do Imperio, que sirva de luz aos projectos de melhoramento que o Governo tem de apresentar á Assembléa Geral Legislativa, e que dê uma idéa do poder e fontes de riqueza publica, que ainda mal conhecemos; considerando que este trabalho difficil, mas utilissimo, não se poderia effectuar sem que primeiro se assentassem as bases para o seu regular systema de prosecução; e considerando tambem que uma tal empreza, comprehendida no circulo de suas attribuições, poderia ser quanto antes começada, aproveitando-se a valiosa necessaria protecção do Governo Imperial, approvou a indicação de uma Estatistica do Imperio, offerecida pelo Secretario Perpetuo, e nomeou logo uma commissão de dous dos seus Membros, os Illms. Srs. Desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes e Tenente-Coronel José Joaquim Machado de Oliveira, para apresentarem em tempo opportuno um plano de organisação estatistica, que tenha no seio do Instituto o centro dos trabalhos, que em todas as provincias se devem emprehender.

Ainda o Instituto não colheu os resultados da commissão especial encarregada de examinar e informar sobre o merecimento dos Mappas geographicos das Provincias, costas, e portos do Brazil, tanto manuscriptos como impressos, que tem recolhido a seus archivos. Mas nem por isso se deve mal ajuizar do zelo e bôa vontade dos illustres Membros d'esta Commissão, o Exm. Sr. Tenente-General Francisco José de Souza Soares de Andréa, e os Illms. Srs. Tenentes-Coroneis do Corpo de Engenheiros Pedro de Alcantara Bellegarde e Ricardo José Gomes Jardim, porque occupados em serviço publico, e até fóra d'esta Provincia, não lhes tem sido ainda possivel dar cumprimento a este encargo academico. Talvez que nas Provincias, em que ora servem por nomeação do Governo Imperial, elles colham abundantes esclarecimentos para melhor desempenho de sua honrosa tarefa.

O nosso Socio o Sr. Tenente-Coronel José Joaquim Machado de Oliveira leu, em sessão do Instituto, uma

extensa memoria em desenvolvimento do seguinte programma: — Se todos os Indigenas do Brazil, até hoje conhecidos, tinham idéa de uma unica Divindade.— O instituto deliberou que se publicasse esta memoria n'um dos proximos numeros da Revista Trimensal, como o tem feito com outras do mesmo illustre auctor; e se ainda não tem dado publicidade a outros escriptos por diversas pessoas offertados, deve isto attribuir-se, ou a versarem sobre materias alheias dos nossos fins, ou a não serem tão exactas as noticias que dispensem alguma correcção, para que possam aproveitar pela sua publicidade. O mesmo nosso Socio Machado de Oliveira, sempre incansavel pelos progressos da Historia e Geographia do Brazil, acaba de offerecer-nos um Mappa Corographico da Ilha e Provincia de Santa Catharina, por elle levantado quando ahi Presidente, declarando que este mappa devia accompanhar uma Memoria Corographica da mesma provincia, em que ha muito trabalha, e que em breve será apresentada ao Instituto. O interesse que o publico deve ter na publicação de taes obras fez que recorressemos ao Governo Imperial, que de bom grado se prestou a fazel-o lithographar no Archivo Militar. Nem é esta a unica occasião em que o Governo favorece a nossa sociedade, porque tambem a pedido do Instituto fez vir da Comarca de Coritiba esclarecimentos sobre a descoberta dos campos de Paiqueré e illustrações historicas sobre a grande missão de Guaíra, fundada pelos Hespanhoes em terreno Brasileiro, e destruida pelos Paulistas que revindicaram essas possessões usurpadas.

Não foi só o Exm. Sr. Ministro da Guerra que, entrando nas intenções do Governo Imperial de favorecer os trabalhos do Instituto Historico, se prestou ao nosso pedido mandando lithographar o mappa de que fallamos; porque tambem o Exm. Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros, e nosso Socio Paulino José Soares de Souza, nos tem dado provas do apreço em que tem os trabalhos d'esta nossa patriotica associação. Uma interessante Memoria Historica, escripta pelo Paulista Pedro Taques, que por sua antiguidade havia quasi desapparecido dos cartorios, ou particulares ou publicos, foi pelo mesmo Exm. Ministro dos Estrangeiros offerecida ao Instituto, para d'ella se tirar uma

cópia que enriqueça o nosso archivo; e o mesmo acaba de fazer com uma collecção rara e preciosa, em 4 grandes volumes manuscriptos, intitulada: — Diario da segunda subdivisão de limites hespanhola, entre os dominios de Hespanha e Portugal, na America Meridional: pelo segundo Commissario e Geographo D. José Maria Cabrer; principiada em 29 de Dezembro de 1783, e finalisada em 26 de Outubro de 1801. Esta riquissima collecção de documentos e observações Historicas, Geographicas e Astronomicas, acompanhada de muitos planos e mappas, que o Instituto manda fielmente copiar, até mesmo na lingua hespanhola, em que foi escripta, é um presente digno da maior estima, e de ser collocado junto do Diario da Commissão Portugueza de Limites, que a Academia Real das Sciencias de Lisbôa ha pouco deu á luz, salvando-o dos estragos do tempo.

O nosso Socio o Sr. Commendador José Domingos de Attaide Moncorvo presenteou ao Instituto com a continuação dos folhetos do Museu Bourbonico; e além de varios impressos interessantes á Historia e Geographia, acaba de offerecer uma obra impressa este anno em Bruxellas, com que o mimoseára seu auctor o Major de Engenheiros Charles Van-Lede, intitulada: — Da Colonização para o Brazil, Memoria Historica, Descriptiva, Estatistica e Commercial sobre a Provincia de Santa Catharina, formando o segundo relatorio á Sociedade Belga-Braziliana de Colonisação, etc. Para darmos idéa d'esta obra e da sua importancia, citaremos algumas palavras de seu mesmo auctor: — Eis a conta de uma missão, que aceitamos e cumprimos na esperança de achar remedios efficazes á penuria actual (da Belgica), e ao mesmo tempo offerecer á industria, ao commercio e á navegação um novo elemento de prosperidade. Para alcançar este fim de tanta monta, propuzemos a colonização para o Brazil, começando por uma de suas mais bellas provincias, onde a prodigiosa fertilidade do solo, unida á doçura e salubridade do clima, promette uma existencia feliz aos que a desgraça ou a necessidade levar a escolher uma nova patria. Sem occultar as nossas intenções que podemos altamente propalar, nem sobre a natureza das concessões obtidas no Brazil, nem sobre a

moralidade e garantias, que offerece o Governo Brasileiro, não hesitamos em fazer conhecido o resultado de nossas investigações.

O Sr. Van-Lede é um dos escriptores estrangeiros que mais nos honra pela sua delicadeza e urbanidade, e pela preciosa collecção de documentos e reflexões Historicas, Geographicas e Estatisticas, que pôde alcançar, viajando na provincia, que tão sabiamente descreve. A sua obra, feitas algumas pequenas correcções em pontos historicos, e em nomes de alguns logares e rios que talvez escapassem na revisão typographica, é digna da estimação e estudo dos Brasileiros.

O Instituto tenciona fazer traduzir e publicar na sua revista alguns extractos d'este importante relatorio, mormente o capitulo 4°, que tem por titulo — Geologia. Assim dará o Instituto um testemunho de sua veneração ás luzes do Sr. Van-Lede, depois de o ter approvado para seu socio, aceitando um exemplar do seu mappa de Santa Catharina, offerecido em seu nome pelo Sr. Dr. nosso Socio E. J. da S. Maia.

Por mediação do Sr. Varnhagen foi apresentado ao Instituto um interessante manuscripto sobre o Maranhão, intitulado — Poranduha Maranhense, ou Relação Historica da Provincia do Maranhão —; escripta pela Sr. Fr. Francisco de N. S. dos Prazeres, e por elle offerecido á nossa associação. Este manuscripto, além de abundante de esclarecimentos historicos e geographicos d'essa Provincia, torna-se ainda mais precioso por um vocabulario da lingua Tupinambá, que lhe accrescentára seu auctor. O Instituto, ouvido e approvado o parecer da commissão de exame, acceitou para ser impresso, em tempo opportuno, este trabalho do Sr. Fr. Francisco de N. S. dos Prazeres, e mandou passar-lhe diploma de Socio correspondente.

Os nossos socios os Illms. Srs. Conselheiros Manoel José Maria da Costa e Sá e Joaquim José da Costa Macedo, presentearam-nos, aquelle com um exemplar do seu elogio historico de Cypriano Ribeiro Freire, e este com um do seu Relatorio dos trabalhos academicos do anno social findo, lidos em sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

O nosso Socio o Sr. Francisco Freire de Carvalho enviou-nos um exemplar da sua Memoria, lida tambem na Academia Real das Sciencias, que tem por objecto reivindicar para a Nação Portugueza a gloria da invenção das machinas aerostaticas; e um exemplar da sua edição critica dos Lusiadas de Camões, ultimamente publicada em Lisboa.

O nosso Socio o Sr. Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva não cessa de enriquecer, da Bahia, a nossa Revista e Archivo, com obras de sua penna e com Documentos interessantes, que tem podido colher nos Archivos d'esta cidade. Acabamos de receber d'elle o 5° tomo de suas Memorias Historicas e Politicas da Provincia da Bahia, não menos estimavel que os quatro primeiros. Versa este sobre os principaes ramos geologicos, comprehendendo de envolta variadas noticias historicas, das quaes muitas até hoje ineditas; e comquanto ficasse declarado (diz o Sr. Accioli) no começo do 2° volume que não ultrapassaria de 1823 a parte chronographica, comtudo viu-se obrigado a inverter essa ordem, por deferencia aos que desde já buscam avidamente ver compilados os interessantes acontecimentos que se seguiram d'aquelle anno em diante, cuja narrativa, bem como a parte que respeita ás outras secções da Estatistica, ainda comporão seis volumes, que serão publicados logo que lhe seja possivel occorrer á multiplice despeza que demandam, por encerrarem alguns differentes Cartas corographicas, e elencos estatisticos de difficultoso trabalho.

O nosso Socio honorario o Sr. José Ignacio de Abreu Lima offereceu ao Instituto, acompanhado de uma carta analytica e mui polida, um exemplar do seu Compendio da Historia do Brazil, ha pouco dado á luz n'esta côrte. O Instituto confiou esta obra de uma Commissão de seu seio para melhor conhecer do seu merecimento.

O Sr. Doutor José Baptista da Silva Bueno, enviou-nos de S. Paulo a copia de um vocabulario Portuguez e Brasiliano, que o Instituto acceitou com muito agrado, por conhecer o interesse que de taes obras póde resultar á catechese dos Indios, de que parece occupar-se agora o Governo Imperial, bem convencido de que a civilisação só póde chegar ao interior do Brazil levada por Missionarios, e estes sufficientemente instruidos na lingua dos Indigenas.

Cumpre mencionar que o Instituto possue cinco Vocabularios Indigenas, e uma collecção de Orações e Doutrinas Christãs que se diz organisada pelos primeiros Missionarios Jesuitas Nobrega e Anchieta, que tanto promoveram a civilisação dos Indios. Esta preciosa collecção, e a de vocabularios, projecta o Instituto publicar quando a Assembléa Geral Legislativa lhe conceder, como se espera, o producto de Loterias, propostas na Camara dos Srs. Deputados por alguns de seus Socios. Com essa coadjuvação dará largas o Instituto aos seus patrioticos desejos, fazendo publicar tambem em uma só collecção muitos Roteiros dos mares, rios, e terras do Brasil, que não cabem na sua Revista, por extensos, mas cuja publicação se torna de dia a dia muito mais necessaria.

O nosso Socio o Sr. Dr. Diogo Soares da Silva de Bivar leu em sessão do Instituto as Esphemerides para a Historia do Brasil no anno de 1842, de que tem sido encarregado, continuando n'esse importante trabalho com approvação e louvor do Instituto. O Sr. Bivar accrescentou como Appendice ás Ephemerides d'esse anno, um Quadro Estatistico, Financeiro e Commercial, cuja publicação se fará na Revista N. 20. O Instituto não quiz demorar o conhecimento de taes materias, reduzidas escrupulosamente a um quadro organizado com a maior clareza e exactidão, de que é capaz este seu illustre Membro.

O nosso Socio o Sr. Desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes enviou-nos da sua Presidencia no Pará um Roteiro manuscripto da viagem que fez á Colonia Hollandeza de Surinam o Porta-bandeira da 7ª Companhia do Regimento da Cidade do Pará, Francisco José Rodrigues Barata, pelos sertões e rios d'este Estado, em diligencia do Real Serviço; offerecido em 1799 ao Exm. Sr. D. Francisco de Souza Coutinho, então Governador e Capitão General das Capitanias do Pará e Rio Negro. O Sr. Silva Pontes é um dos Membros do Instituto que concorre sempre a enriquecer o nosso Archivo com Manuscriptos e Documentos importantes á nossa Historia e Geographia.

O nosso Presidente o Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo, além de varias interessantes noticias com que nos tem presenteado, acaba de offerecer o Diario da Viagem

do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, pelas Capitanias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso, Cuyabá e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790, impresso em S. Paulo por ordem da Assembléa Provincial.

O Secretario Perpetuo, além de varios impressos e manuscriptos, que tem offerecido para serem publicados na Revista do Instituto, offereceu para a Bibliotheca o 1.° volume do Diccionario Biographico dos Homens Uteis, acompanhado de seus retratos, e tambem um volume da viagem do Sr. Conde de Castelneau nos Estados Unidos, com 36 estampas, ou vistas diversas dos logares que visitou.

O nosso Socio o Illm. Sr. Coronel Conrado Jacob de Niemeyer offereceu ao Instituto alguns exemplares de um Mappa Corographico, que fez publicar, das Provincias das Alagôas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, organisado sobre os trabalhos existentes, reconhecimentos, e mais exames feitos desde o anno de 1819. O mesmo Sr. Conrado annuncia que se occupa presentemente da promptificação de uma Carta geral do Imperio, já muito adiantada, e que pretende offerecer ao Instituto em testemunho de seu respeito a este estabelecimento votado á gloria da Patria, e á propagação dos conhecimentos historico-geographicos ainda tão confusos.

Recebeu o Instituto para entrar em concurso, segundo os Programmas anteriormente publicados, duas Memorias com as competentes cedulas lacradas, contendo os nomes de seus auctores. Uma sobre a questão da ida do Caramurú da Bahia á França ; e outra sobre o melhor systema de se escrever a Historia antiga e moderna do Brazil.— Não póde o Instituto ajuizar ainda do merito d'estas duas Memorias, porque, sendo unicas, não admittem concurso ; espera portanto mais um anno pela remessa de outras ; e quando não concorram, decidirá então do merecimento das que existem.

Recebemos do nosso Socio o Exm. Sr. João de Siqueira Tedim os oito primeiros numeros da preciosa obra intitulada— Grandes Premios de Architectura, e outras producções d'esta arte coroadas pelo Instituto Imperial de França, e pelos jurys de escolha dos Artistas ou do Governo.

Do nosso Socio o Sr. Carlos Roberto Planitz o seu Atlas Genealogico das Angustas Casas Reinantes do Brazil e Portugal; e mais um Exemplar do seu Epithalamio Latino e traducções nas linguas vulgar e Italiana, ao Consorcio de SS. MM. II. o Senhor D. Pedro II com a Senhora D. Thereza Maria Christina.

Do nosso Socio o Exm. Sr. Conselheiro José Paulo Figueirôa Nabuco de Araujo 6 volumes impressos da sua ultissima obra intitulada — Legislação Brazileira, ou Collecção Chronologica das Leis, Decretos, Resoluções de Consultas, Provisões &c. do Imperio do Brazil.

Do Sr. Comnendador José d'Oliveira Barbosa um manuscripto intitulado— Noticias respectivas á Capitania de S. Paulo, das suas cidades e villas, dos seus Bispos e Generaes; trabalho de seu Tio o distincto Engenheiro, já fallecido, Francisco d'Oliveira Barbosa, e que fôra occupado pelo Governo em observações astronomicas das costas e do interior d'essa Provincia.

Do nosso Socio o Illm. Sr. Sergio Teixeira de Macedo, Ministro do Brazil em Turim, as Actas da 3.ª Reunião dos sabios Italianos em Florença no anno de 1841.

Do Sr. José da Rocha Leão Junior as seguintes obras:— Arte de navegar, e Roteiro das Viagens e Costas Maritimas de Guiné, Angola, Brazil, &c., por Manoel Pimentel; e tambem Dialogos de Luiz Mendes de Vasconcellos sobre o sitio de Lisbôa, sua grandeza, povoação, commercio &c.

Do nosso Socio o Sr. Dr. Antonio Maria de Miranda e Castro o tomo 13° dos boletins da Sociedade Geologica de França, e a continuação de seus numeros.

Do nosso Socio o Sr. João Diogo Sturz, Consul geral do Brazil na Prussia, duas obras inglezas sobre viagens; uma sobre grammatica, e vocabulario dos aborigenes;— um catalogo dos livros antigos portuguezes que se encontram na bibliotheca publica de Berlim, acompanhando estes livros um mappa da Suissa.

Do nosso Socio o Sr. Coronel João da Silva Machado uma carta hydrographica manuscripta da Bahia de Todos os Santos.

Do nosso Socio o Illm. Sr. Gaspar José Lisboa, Ministro residente do Brazil junto dos Estados-Unidos da America, duas interessantissimas obras — Antiguidades Americanas, e Investigações sobre a origem e historia da Raça Vermelha; — Resultados da viagem ao centro da America, Chiapas, e Yucatan.

Do Sr. Vigario Manoel Eufrasio d'Oliveira um manuscripto intitulado—Noticia da fundação da Villa de S. João de Queluz (Provincia de S. Paulo), fielmente copiada da que se acha exarada no livro 1º do Tombo da mesma Villa;—Cathecismo manuscripto em Portuguez e Pury pelo Reverendo Francisco das Chagas Lima.

Do nosso Socio o Sr. Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel a Noticia biographica, por elle composta, do fallecido General José Arouche de Tolledo Rendon.

Longo, fôra, senhores, referir-vos agora tantas provas de zelo pelos progressos dos conhecimentos historicos e geographicos do nosso paiz, que nos teem dado, e continuam a dar as academias, sociedades e sabios, que comnosco se correspondem; mas consentireis de certo que eu ainda occupe a vossa attenção com mais alguns trabalhos do Instituto sobre objectos de publico interesse. Oxalá pudesse eu recomendar ao conhecimento do mundo tantos memoraveis acontecimentos, assim antigos como modernos, que attrahem os cuidados d'esta patriotica associação, que se vão propalando na Revista Trimensal, ou promptuario de documentos para a nossa historia. Ella se publica regularmente, composta em sua maior parte de trabalhos ineditos; e já dos cinco volumes dados á luz, podem os escriptores colher esclarecimentos, que aliás só vencendo grandes difficuldades teriam a seu alcance. O Instituto, lembrando-se do pensamento de um philosopho quando dizia que a historia do mundo sem a historia dos sabios é como a estatua de Poliphemo, a quem se arrancasse o olho, perdendo assim o que dava a seu semblante expressão e vida, desvela-se em dar á luz a biographia dos brasileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc., cujos nomes merecem chegar ao respeito dos vindouros. Elle accrescenta a esta util publicação a biographia de homens illustres, que no Brazil têm prestado importantes serviços, posto que não nascidos

n'esta parte do mundo. Tempo virá em que tambem salvemos do esquecimento os nomes d'outros, que teem introduzido na nossa patria cousas interessantes á industria, agricultura, commercio e artes.

Convencido o Instituto de que para preencher cabalmente toda a amplitude de sua instituição força era crear um Museu, em que se colligissem e guardassem, não só productos naturaes do paiz, como tambem, e principalmente, o que possa servir de prova do estado de civilisação e industria, usos e costumes dos indigenas, e demais habitantes do Brasil em diversos tempos, deu principio este anno á formação do referido Museu, indicado pelo 2º Secretario Perpetuo o Sr. M. F. Lagos, dirigindo-se por uma circular a todos os seus membros residentes nas provincias, para que houvessem de concorrer á execução de tão util projecto; e já muitos, reconhecendo a sua importancia, endereçaram ao Museu do Instituto objectos interessantissimos.

O Sr. João Gularte presenteou-nos com uma taboa de marmore de bella côr verde-escura, com ondeamento amarellado, acompanhando esta offerta dos seguintes esclarecimentos:—São conhecidas na provincia de Minas Geraes duas pedreiras de marmore, uma nas vizinhanças de S. Thiago, a 7 leguas da cidade de S. João d'El-Rei, e outra no logar denominado Fradique, junto do Rancho do Guilherme, a duas leguas da Villa de Oliveira. A Igreja matriz d'esta villa é construida d'esta pedra em tudo o que é cantaria. Este marmore é susceptivel de polimento, como se vê no presbyterio da referida matriz. Ha 50 annos foi descoberta a primeira d'estas pedreiras; mas como era distante da Oliveira, e porque apparecêra a segunda, a abandonaram, e proseguiram na obra da igreja com o marmore do Fradique. Finda a obra, ninguem cuidou mais d'esta segunda pedreira.—O Instituto remetteu ao Governo Imperial estes esclarecimentos para que d'elles fizesse o uso que bem lhe parecesse.

Este presente do Sr. João Gularte veiu unir-se ao que tambem nos fizera da Bahia o nosso Socio o Illm. Sr. Thomaz Xavier Garcia d'Almeida de uma amostra de marmore côr de rosa, descoberta n'aquella provincia, em uma planicie

entrecortada em diversas direcções por muito braços do mar, e pelos leitos de dous grandes canaes do Oceano, o Rio Grande de Belmonte ou Jequitinhonha, e o Rio Pardo. A posição da pedreira d'onde se extrahiu tão precioso marmore, e que se alonga por leguas de terreno, convida a industria a occupar-se de tão rica lavra. No 5° volume das Memorias do Sr. Accioli encontrarão os nossos leitores os dados necessarios ao conhecimento d'esta pedra.

O nosso Socio o Illm. Sr. Desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes offereceu, quando presidente do Pará, um curioso bahú de *Pacará* com ornatos de pennas de um Tuchaua e sua esposa;—tres jarros, tres bacias e um alguidar de louça pintada e dourada, como provas do estado de industria dos Indios habitantes de Cametá;—tres lindos modelos de embarcações usadas na navegação do Pará, a saber: *Vigilenga*, *Igarité*, e canôa ou *Montaria*, e um remo de que se faz uso nas montarias; acompanhando estes presentes de varios outros productos d'essa rica provincia.

O nosso Socio o Sr. Padre Joaquim de Santa Escolastica Mavignier offereceu-nos de Montevidéo um copo de ouro achado em um *huaca*, ou tumulo dos antigos Indios do Perú.—O Sr. Dr. João Antonio de Miranda, um perfeito modelo das jangadas de que se usa na navegação do Ceará.—O Sr. Joaquim Antonio de Azevedo um machado de pedra de uso dos Indigenas, encontrado nos sertões da Provincia de Minas Geraes. — O Sr. Padre Balthazar Freire de Paiva varias amostras de lavras lançadas pelo Vesuvio.

Tambem offereceram para o Medalheiro do Instituto, o nosso Socio o Illm. Sr. José Marques Lisboa, Ministro do Brasil em Londres, 3 moedas quadradas, de ouro, cunhadas pelos Hollandezes no tempo em que occupavam Pernambuco, sendo uma do anno de 1645, e as outras duas de 1646; mas com diversos valores.—O nosso Socio o Sr. Dr. Sigaud, uma collecção de 55 medalhas antigas Romanas, e algumas moedas Francezas.—O Sr. Commendador José d'Oliveira Barbosa, 21 medalhas de cobre pertencentes a diversos tempos.—O Sr. Padre Balthazar Freire de Paiva, diversas moedas de prata e cobre do Reino das Duas

Sicilias, e uma medalha dourada do tempo da Revolução Franceza.

Concorreram finalmente a enriquecer com obras de menor monta á nossa Bibliotheca e Archivo os Srs. Socios: —José Lino de Moura, Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, Dr. Jeronimo Martiniano Figueira de Mello, Dr. João Antonio de Sampaio Vianna, Joaquim Norberto da Silva e Souza, Conselheiro Bernardo Jacintho da Veiga, Conego Manoel Joaquim da Silveira, Padre João Joaquim Ferreira de Aguiar, Senador José Bento Leite Ferreira de Mello, Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, Miguel Maria Lisboa, Conego Girolamo Pirozzi, Dr. Filippe Rizzi, Dr. Cervelleri, Arcipreste Giacomo Castrucci, Paulo Anania de Luca, Raphael Zarlenga, Giovani Semola, e os Srs. Joaquim Maria Martins da Camara, Coronel José Agostinho Forte, Conego José Joaquim da Silva Sardinha, Maximiano Augusto Pinto, e Libanio Augusto da Cunha Mattos.

D'est'arte auxiliado o Instituto, e animado pelo apreço que d'elle fazem os Litteratos nacionaes e estrangeiros, vai progredindo em suas tarefas, sem perder o fito de sua instituição. Dezoito Socios correspondentes, e seis honorarios engrossaram este anno o numero dos que compõem a nossa Associação; e deduzidos nove que falleceram até findarmos o quinto anno da nossa existencia social, fica sendo o numero total 459.

Não póde o Instituto deixar de recordar-se com magoa de que a morte lhe roubára os Srs.:—Von Andréa, Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, o Bispo D. Marcos Antonio de Souza, Manoel Estevam Benetti, o Marquez de S. João da Palma, o Conselheiro Julio de Wallenstein, o Conselheiro Ignacio Alvares Pinto de Almeida, o Conde de Camaldoli, e por ultimo o Sabio Illustre Conselheiro Manoel José Maria da Costa e Sá, que tantos e bons serviços prestára sempre ao Instituto, ou mandando-lhe de Lisbôa Memorias dignas de sua penna, e impressos rarissimos de grande valor á nossa Historia e Geographia, ou fazendo-nos conhecer dos sabios Membros da Academia Real das Sciencias, de que era brilhante lumiar. Carregado de annos, desgostos e trabalhos litterarios, o Sr. Conselheiro

Costa e Sá não deixa o seu nome entregue aos estragos do tempo; elle viverá na lembrança dos seus Consocios no Instituto, e nas Actas dos trabalhos que de bom grado coadjuvára de tão longe. Enfermidades do nosso digno Orador fazem que o Instituto não cumpra hoje um dos seus deveres apresentando as Biographias de tão illustres Membros; mas espera em sua Revista Trimensal prestar testemunho de gratidão á memoria de tão illustres finados, que de muitas maneiras concorreram para os nossos progressos academicos.

Foi a receita do Instituto n'este anno 2:644$ rs., comprehendida a prestação de 2:000$000 rs., que a Assembléa Geral Legislativa decretou que continuasse. Foi a sua despeza n'este mesmo anno 3:350$000 rs., sendo o deficit 706$006 rs. Despezas extraordinarias, porém indispensaveis, produziram este anno o deficit que declaramos; nem elle espanta, porque cobradas as prestações dos Socios contribuintes, que se acham um pouco atrazadas, teremos proporções para extinguir esta divida no seguinte anno; e tambem confiamos que a Assembléa Geral Legislativa, cujos Membros tanto nos honram como Socios, pela maior parte, do Instituto, e como interessados no progresso das lettras, e na gloria de um estabelecimento de honra nacional, concederá novos auxilios pela decretação de Loterias, que já lhe foram propostas na Camara dos Srs. Deputados.

Eis aqui, Srs., o succinto, mas veridico Relatorio dos trabalhos e transacções do Instituto n'este quinto anno de sua existencia academica, que agora finda. Importantes trabalhos se tem emprehendido; projectos de utilidade publica serão ainda executados; avultam o nosso Archivo e Bibliotheca com raros e valiosos manuscriptos e livros; e sobretudo, o honroso conceito que até hoje tem merecido no Imperio do Brasil, e nas Nações cultas da Europa, é um grande estimulo para proseguirmos incansaveis, e aproximar-nos do fim patriotico que nos propuzemos. Elle será consegnido, posto que em época mais distante, porque a ambição de gloria nacional domina ardentemente os corações Brasileiros, e nem sempre o fogo da politica fará definhar as plantas litterarias, tão proprias do nosso paiz, cujas flores e fructos adornam e sustentam os sentimentos mais

nobres das Sociedades felices e bem dirigidas ; no remanso das paixões é que as Sciencias e Artes se cultivam e prosperam.

Senhor ! Deve o Instituto a V. M. Imperial a mais sincera gratidão pelo rapido e glorioso engrandecimento, que a Soberana Immediata Protecção de V. M. Imperial lhe tem dado desde o começo de suas litterarias fadigas: assim o Imperador do Brasil convida os Brazileiros a consagrarem-se de coração ao estudo das Sciencias, Lettras e Artes, tão uteis aos Estados, como até mesmo aos Principes que as amam, presam e protegem. V. M. Imperial acaba de dar ao Instituto materia sufficiente ás suas lucubrações, enlaçando-se em consorcio com uma Princeza do Reino das Duas Sicilias, não só digna do coração de V. M. Imperial, como tambem do respeito e amor de todos os Brasileiros. Apparecendo-nos no Throno Imperial, sentada ao lado do Segundo Imperador do Brasil, e com a Serenissima Princeza Imperial, que o Céo ha pouco salvou de uma grave enfermidade aecedendo ás nossas fervorosas preces, figura-se-nos vêr a brandura e a amabilidade unidas á justiça, adoçando os sentimentos que assim podem fazer mais feliz a sorte dos povos. As virtudes sociaes emanam dos exemplos dos bons Principes, porque os povos regulam-se sempre pela doutrina pratica, que dos thronos se lhes offerece; e o amor das lettras, que tão felizmente reconhecemos em V. M. Imperial e na Augusta Imperatriz do Brazil, accenderá de certo nos corações de seus generosos subditos o mais ardente fervor de adiantar a nossa civilisação pela cultura das Sciencias, que mais concorrem ao seu rapido adiantamento. V. M. Imperial pelo Seu venturoso Consorcio, não só deu provas de que ama a prosperidade de seu Imperio, tornando firme e duravel a dynastia começada de seu Augusto e sempre lembrado Pai, como tambem estreitou com o Reino das Duas Sicilias relações litterarias utilissimas aos gloriosos progressos de dous Estados, entre os quaes tantas sympathias nos ligavam, apezar da separação do Atlantico, e da distancia que vai de Napoles ao Rio de Janeiro. A tendencia dos Brasileiros para os estudos que mais concorrem ao engrandecimento e gloria das nações muito se animará pelos exemplos e preciosos fructos da

cultura das lettras, tão adiantadas na patria da Augustissima Imperatriz do Brasil. Suas respeitaveis Academias já se correspondem com o nosso Instituto; seus sabios já se communicam comnosco por seus escriptos; illustres naturalistas já exploram as nossas Provincias, examinando as fontes naturaes de nossa quasi ignorada riqueza; do Consorcio de V. M. Imperial não só colherá o Brasil Principes que retratem e reproduzam as brilhantes qualidades e virtudes de V. M. Imperial, e da Augustissima Imperatriz do Brasil, mas tambem estimulos aos generosos Brasileiros para con-concorrerem por seus trabalhos historicos e geographicos á gloria e celebridade do feliz governo de V. M. Imperial, podendo eu dizer agora como orgam do Instituto, que tanto se honra da immediata protecção de V. M. Imperial, o mesmo que dissera um nosso poeta epico:

> Deixareis monumentos gloriosos
> A uma longa e feliz posterioridade,
> E ganhando obtereis com tanta gloria
> Um nome eterno nos padrões da historia.
>
> (CARAMURU', canto X est. 38).

PREMIOS

PROPOSTOS PELO INSTITUTO

NA QUINTA SESSÃO PUBLICA ANNIVERSARIA

PARA O ANNO DE 1844

1.° Uma medalhade ouro, no valor de 200$000 rs., a quem escrever a melhor Memoria sobre a Historia da Legislação peculiar do Brasil durante o dominio da Mãi-Patria.

2.° Uma medalha de ouro, no valor de 200$000 rs., a quem apresentar o mais acertado Plano de se escrever a Historia antiga e moderna do Brasil, organisada com tal systema que n'ella se comprehendam as suas partes politica, civil, ecclesiastica, e litteraria.

3.° Uma medalha de ouro, no valor de 200$000 rs., a quem desenvolver o seguinte ponto: — « Qual o grau de veracidade em que se deva ter o facto maravilhoso de Diogo Alvares Corrêa, e da celebre Paraguassú, conforme refere Rocha Pitta na sua *America Portugueza*, Liv. 1°, pag. 59 Ns., 98 e 99 —, de que, deixando a nado as praias da Bahia de Todos os Santos, acolhidos em uma nau franceza, e levados á França, onde reinava Henrique II, alli foi baptisada com o nome da Rainha Catharina de Medicis, e unidos em matrimonio, sendo padrinhos os sobreditos Monarchas. »

PREMIOS PROPOSTOS

POR

S. M. IMPERIAL O SR. D. PEDRO II.

ASSUMPTOS FIXOS PARA TODOS OS ANNOS

1.° Medalha de ouro — Ao que sobre o Brasil, ou algumas Provincias suas, apresentar melhores trabalhos estatisticos.

2.º— Ao que melhores trabalhos historicos tiver offerecido ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro no anno de 1844.

3.º— Ao que apresentar a melhor Geographia do Brasil.

Condições

As pessoas que tomarem parte no concurso deverão enviar as suas respectivas memorias até os fins do mez de Setembro do anno de 1844.

Os nomes dos auctores das memorias virão escriptos em cartas fechadas, que trarão a mesma divisa das Memorias, afim de se abrirem sómente no caso de ser premiada a Memoria respectiva.

A Memoria premiada ficará sendo propriedade do Instituto, que a fará imprimir e publicar na collecção de suas memorias, posto que d'ahi não se deva deduzir a approvação implicita de todas as doutrinas da Memoria publicada.

O autor receberá 50 exemplares.

N. B.— A metade da quantia, que fórma o total do 2º premio proposto pelo Instituto, é offerecida pelo Sr. Conego Januario da Cunha Barbosa, Secretario Perpetuo do Instituto; e o 3º premio é offerecido pelo Socio correspondente o Sr. Dr. Marcos Antonio de Araujo, Encarregado de Negocios do Brasil em Hamburgo.

INDICE

DOS ARTIGOS CONTIDOS NO 5° VOLUME

Paginas

NUMERO 17

NUMERO 18

Rio de Janeiro. — Typ. Univ. de LAEMMERT & C., r. dos Invalidos, 71.